

Um romance de
FERNANDA AZEVEDO

Cinco
razões
para
Acreditar

SÉRIE RAZÕES

1



Um romance de
FERNANDA AZEVEDO

Cinco
razões
para
Acreditar

SÉRIE RAZÕES

1

Copyright © 2023 Fernanda Azevedo

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: RP Design Editorial

Revisão: Gabrielle Andrade

Diagramação: RP Design Editorial

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA.



Dedicatória:

À minha avó, Marinete, que apesar de não estar mais entre nós para contemplar esse momento ao meu lado, sei que ficaria muito orgulhosa em ver a mulher que me tornei.

A dor da perda é um caminho infundável, mas a alegria de ter tido alguém tão amável assim ao meu lado faz toda a minha trajetória ter valido a pena.

Te amo, vó. E para sempre te amarei.

Playlist



Sumário

[Dedicatória:](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Agradecimentos:](#)

[Biografia](#)

“A misericórdia do Senhor é a causa de não sermos consumidos.”

— Lamentações 3:22



Prólogo

Desde o momento em que abrimos os olhos e puxamos o ar pela primeira vez até o instante em que eles se fecham para sempre, vivemos coisas inimagináveis e imprevisíveis. E por mais que dediquemos uma boa parte do tempo tentando entendê-las, mais confusos nos tornamos. Viver ultrapassa qualquer mente sábia. A vida é a mistura de simplicidades singulares das quais deixamos de perceber por estarmos ocupados demais arquitetando um futuro que talvez não aconteça.

Quanto mais tentamos abreviar o caminho, mais possibilidades existem de nos perdermos no percurso. É como aquela velha fábula que lhe contavam na infância: A doce e adorável menina caminhava alegremente pela floresta até se deparar com um lobo, que a convence de que o atalho é a sua melhor opção.

Na esperança de encurtar seu caminho, ela decide fazer outro trajeto que, no final, a levou para uma emboscada.

Talvez você não tenha entendido o "X" da questão, mas o que quero dizer é que o Lobo sempre estará à espreita, como alguém que lhe observa pelo buraco da fechadura, esperando o momento certo para atacar. E a pior parte disso tudo é se dar conta de que esse Lobo mora dentro de você. É a sua parte mais sombria, mais oculta. Aquela que você precisa dominar

todos os dias. Caso contrário, ele aparece absorvendo sua essência, tentando tomar parte da sua existência, ferindo o que havia de mais belo em você, fazendo da sua vida o seu brinquedo de caça favorito. E quanto mais você se fere, mais fraco se torna. Quando o Lobo te vir caído no chão, fraco e indefeso, você simplesmente se rende, decidindo não ser mais uma marionete nas mãos de quem tenta te devorar e avista ao longe um caçador que, com um machado nas mãos, parte o animal feroz ao meio.

Em liberdade, você só precisa aprender a não deixar toda a alcateia ressurgir. Cristo é exatamente assim. Quanto mais eu me perdia, mais Ele tentava me resgatar. O Seu amor me fez encontrar o caminho de volta e a Sua misericórdia me salvou.

Eu sempre aprendi que toda boa história deve ser bem contada. Eu lhe aconselho a pegar um chocolate quente e sentar-se em uma poltrona confortável. Eu sou Anne e essa é a minha história.



Um

Razões para Recomeçar

Lembro-me de saltar da cama antes mesmo de me espreguiçar. Por um lado, a euforia tomava conta de mim, mais do que qualquer outra coisa. Mas, pelo outro, eu lamentava ter que ficar longe dos meus pais.

A empresa do papai concorreria ao prêmio de melhor negócio do ano e a mamãe o acompanharia nesse grande evento em São Paulo.

— Pra que tanta pressa? Seu tio não irá sem você. — Por mais que eu soubesse disso, queria me arrumar em um passe de magia.

Estava louca para ver tia Ester e passar o dia com ela, brincando no jardim. Ela era tão calma e serena, como a mamãe. Tio Silas havia escolhido a mulher perfeita para se casar e era extremamente visível a forma com que se orgulhava disso. Era, de longe, o segundo casal mais lindo que já vi. O primeiro era os meus pais, claro.

A forma com que se entreolhavam não deixava dúvidas do imenso amor, cuidado e carinho que havia entre eles.

Tia Ester costumava deslizar os dedos pelos lisos e dourados fios de cabelo do meu tio enquanto ele insistia que não estava dormindo, entre um comercial e outro dos hilários filmes de comédia romântica que ela adorava ver. Ele, por sua vez, amava preparar a comida favorita dela e gargalhar do seu apetite voraz.

Sempre que eu voltava para casa, tinha uma história nova para contar aos meus pais, que me ouviam com toda atenção do mundo. Ser a única criança da casa tinha lá as suas vantagens. Mas a minha família era incrível demais para não dividi-la com alguém.

— Prontinho. — Mamãe fechou minha mochila e a colocou sobre a cama. — Agora vamos pentear esse cabelo. — Sentei em frente à penteadeira que, na época, era azul, como todos os móveis do meu quarto. Meio fora do comum para uma garota, mas eu nunca morei dentro dos padrões. — Que tal uma coroa de tranças? — Seus olhos castanhos brilhantes penetravam os meus pelo espelho.

Era incrível como, mesmo tendo a cor da pele bem mais clara do que a dela, ainda conseguíamos ser extremamente parecidas. Seus olhos, suas expressões e seus gestos estavam estampados em mim. Recordo-me de desejar incessantemente ter nascido com os cabelos loiros e lisos do papai, mas, com o tempo, aprendi a reconhecer toda a beleza que abrangia os nossos volumosos cachos esvoaçantes.

— A beleza está na sua singularidade. — Delicadamente inclinou minha cabeça para trás e beijou minha testa. — Nunca se esqueça disso.

Já pronta, corri quarto afora, fazendo-a apressar os passos.

— Tio Silas! — Desci os últimos degraus da escada como um foguete e pulei ligeiramente no colo dele que, sem pensar duas vezes, me abraçou apertado.

— Oi, minha *sapequinha*. Como está grande! Tem certeza que só tem dez anos? — Assenti.

— Mamãe disse que ficaremos dois dias juntos.

— Dois dias inteirinhos. Já fiz um estoque de pão de mel pra você.

— Eba! — Meus dedos pequeninos deslizaram por seus cabelos escorridos. — E poderemos ir ao parque?

— Ah... Era para ser surpresa. — Tia Ester sorria com os olhos enquanto analisava minha expressão empolgante. Era tão linda que mais parecia uma obra de Da Vinci. Sua barriga arredondada começava a chamar atenção.

— Mamãe disse que não posso mais pular no seu colo, por causa do bebê.

— Por enquanto não, mas em breve poderá. — Assim que meu tio me colocou no chão, eu a abracei com cuidado.

Não era a primeira vez que eu recebia a notícia de que um priminho estaria a caminho. Aquela era a terceira, mas todos estavam confiantes de que meus tios finalmente seriam papais. Eu torcia para que isso realmente acontecesse ou então tio Silas ficaria triste novamente. E eu detestava vê-lo chorar escondido. O que sempre acontecia, quando voltavam para casa sem o bebê.

Nos dias que seguiram, fiz de tudo para impedir que tia Ester se cansasse demais.

Estava empenhada em ser uma ótima prima, então comecei a cuidar do bebê, mesmo ele estando quentinho na barriga dela.

Ela me deixava senti-lo mexer e eu ficava horas entretida conversando com ele enquanto comia os pães de mel que meu tio levava para mim. Tio Silas sabia o quanto eu amava aquele doce banhado por chocolate. Eu poderia comer até a barriga doer. Era sem dúvida o melhor sabor que já senti. Prometi a mim mesma que, quando o bebê pudesse comer, eu o apresentaria pães de mel e seríamos uma dupla que suplicaria por aquele doce tão incrível.

Eu acariciava a barriga da minha tia com amor e encostava a orelha bem pertinho daquela melancia enorme envolvida por pele.

Conforme os meses se passavam, eu tentava ouvi-lo e lhe contava histórias que aprendia na escola. Contava-lhe até mesmo as loucuras da Cami, que não eram poucas.

Ajudei meu tio a montar o berço e implorei para que minha tia me deixasse dobrar as últimas roupinhas. Colaborar com eles era, sem dúvida, o meu *hobby* favorito. A alegria que nos abrangia era nítida. Nossa família vivia um dos momentos mais felizes. A ansiedade de conhecer o pequeno bebê tomava conta de todos nós. Só falávamos no quanto ele poderia ser lindo e adorável. Ao redor da mesa, fazíamos planos para quando ele fosse maior e pudesse me acompanhar para todos os lugares.

Gabriel seria, de longe, a criança mais amada, se tivesse nascido com vida. Seus olhos pequeninos não contemplaram o mundo. Nós não ouvimos o seu chorinho. Os nossos braços não sentiram a sua pele quente e macia. Não tivemos o privilégio de entregar a ele todo o amor que guardamos por

meses. Não pude lhe contar a forma com que seu pai aguardava a sua chegada. A forma com que todos estávamos prontos para recebê-lo e amá-lo.

Vestido alaranjado e sandálias transparentes. De forma alguma consegui esquecer a roupa que eu usava quando recebi a notícia que virou a vida do meu tio de cabeça para baixo.

Perdemos Gabriel. E como se não fosse perda o suficiente, tia Ester partiu com ele também. Eu não só vi meu tio chorar, como o vi morrer gradativamente.

— Preciso pôr minha cabeça no lugar. — Era a única frase que ele conseguia formular.

Eu não sabia como era perder alguém e a dor que vinha de brinde com isso. Ainda não havia provado do mesmo fel. Não fazia ideia do quão destruído alguém poderia ficar ao ver um caixão se fechar. Não imaginava o quanto era desesperador ouvir o barulho da terra chocando-se contra a madeira que emoldurava uma parte de nós.

Você nunca sabe o quanto a dor da perda pode dilacerar alguém até perder também.

Naquele momento tudo o que eu sabia era que doía em mim vê-lo daquela forma.

Eu era muito pequena para entender a intensidade devastadora daquilo tudo, mas sabia que ele estava ferido. Muito ferido.

Acho que ver quem você ama sofrer, de certa maneira, é como sofrer multiplicadamente.

Ao se referir ao meu tio, ouvi papai falar palavras como: fundo do poço e à beira do precipício. Eu não entendia o que ambas significavam, mas eu sabia que nada estava como, de fato, deveria estar.

Tio Silas quase nunca comia. O sorriso que outrora estampava seu rosto foi substituído por um semblante o qual eu desconhecia. Com certeza aquilo não o pertencia. Era como uma máscara que, de pouco a pouco, adentrava sua pele.

As visitas esporádicas tornaram-se ausência. Eu não o via mais. Seu nome era mencionado em todas as conversas que o papai tinha com a mamãe. Eles estavam preocupados demais para conseguir esconder de mim.

Por longos dias me sentei no décimo degrau da escada e esperei que meu tio abrisse a porta e me desse um abraço. Eu sentia sua falta como sentia a da tia Ester. Para mim, era como se tivesse perdido três pessoas queridas. Tia Ester, o bebê e tio Silas.

Os dias foram monótonos demais sem ele. Meu pai andava de um lado para o outro enquanto mamãe e Lili preparavam chás. A apreensão tomava conta deles, mesmo que tentassem fingir que não.

Papai passava horas no escritório e a minha curiosidade mirim tentava entender se eram apenas problemas de trabalho. Até que um dia decidi caminhar de fininho pelo corredor e, vendo que a porta estava entreaberta, me atrevi a olhar. Meus pequenos olhos ligeiros vasculharam toda a sala, até ver meu pai ajoelhado no chão com os braços sobre a poltrona.

Não eram problemas com a empresa. Meu pai passava a maior parte da manhã conversando com Deus. Eu não sabia, mas aquilo era o melhor que ele poderia fazer pelo irmão.

Eu já havia perdido as contas de quantos dias não recebia a visita do meu tio. A saudade que sentia dele comprimia o meu peito. Eu já estava convencida que corria o risco de não vê-lo nunca mais.

O dia estava o mais preguiçoso possível, ventava e fazia frio lá fora. Um dia atípico para uma criança acordar bem mais cedo do que de costume. Saltei da cama, escovei os dentes e, ainda com o cabelo despenteado e pijama listrado, abri a porta do quarto e saí em rumo à escada. Sentei-me no degrau, como de costume.

Não tinha esperança em vê-lo, mas o hábito às vezes nos torna próximos a quem já não está mais tão perto.

Quando Lili atendeu a campainha, senti meu coração acelerar como se pudesse saltar boca afora.

— Oi, *sapequinha*. — Esfreguei os olhos com minhas mãos pequenas e ágeis enquanto ele se aproximava com um sorriso que há muito tempo fiquei sem ver.

Ele abriu os braços esperando que eu fizesse o que sempre fiz e então não pensei duas vezes.

Ainda era ele. Tão belo, alto e amável como antes. Seus olhos esverdeados carregavam o mesmo brilho de sempre. Eu o abracei tão apertado que tive a impressão de sentir meus braços trincando. Se pudesse fazer uma escolha naquele instante, escolheria não soltá-lo nunca mais.

Assim que meu pai desceu a escada, meu tio me colocou no chão e o puxou para um abraço que parecia ter demorado horas. Apreciei aquele momento. Eu amava vê-los juntos. Era incrível como a sintonia dos dois podia contagiar. Foram dias difíceis e, de repente, o irmão mais novo do

papai estava de volta. Tive a impressão de que as almas dos dois estivessem se reconectando.

Eu fiquei na sala vendo desenho enquanto os dois conversavam no escritório. Sabia que tinham muito a conversar, mas eu queria saber sobre o que falavam e se havia possibilidades do meu tio se ausentar novamente. Aquele era o meu maior medo. Então desliguei a TV e, em passos silenciosos, caminhei até o escritório.

Por favor, não me julgue. Eu era apenas uma criança abelhuda tentando entender melhor tudo o que estava acontecendo ao redor.

Colei a orelha na porta e pude ouvi-los falar. Não havia choro lá dentro e, tranquilizada, agradei por isso. Sinal de que tudo poderia voltar ao normal.

Não que eu fosse egoísta, eu só o amava demais para não querê-lo longe de mim.

— Sei que passou por muita coisa. Mas seu sorriso, sua voz — falou meu pai. — Não sabe como fiquei, sem poder fazer nada. — Pressionei ainda mais a orelha na madeira.

— Eu precisava recomeçar. — As vozes eram extremamente parecidas, mas ainda assim conseguia distinguir quem estava falando. — Me senti despedaçado. Não fazia ideia do quanto uma pessoa podia se sentir destruído. — Respirou fundo. — Por um tempo, era como se pudesse ouvir choro de bebê ecoando pelos cômodos da casa. Eu levantava de madrugada e começava a procurar. Eu chamava por ele, pela Ester. Gritava de um cômodo a outro, até ser golpeado pela realidade de que aquilo não estava acontecendo. Era só o meu inconsciente me pregando peças.

— Nem de longe consigo imaginar tudo o que sentiu, mas todos os dias eu desejava que você pudesse se curar.

— Nenhuma ferida é semelhante à outra. Algumas cicatrizam mais rápido, outras não. Mas não significa que nunca irá parar de sangrar. — Houve um curto silêncio. O que me fez respirar ainda mais devagar. — Às vezes, apenas se curar não é o suficiente. Em alguns determinados momentos é necessário recomeçar. E eu tive razões para isso. — Foi a última coisa que ouvi. Com os mesmos passos cuidadosos, voltei para sala. Não era plausível ouvir a conversa dos adultos. Eu só queria saber se tudo estava realmente bem e acho que de fato estava.

Eu o vi emergir de um mar extremamente revolto. E a cada dia que passava, era como se tudo o que o havia machucado, tivesse deixado de

existir.

Meus pais tentavam lhe apresentar algumas mulheres incríveis e extremamente belas, das quais ele fez questão de se recusar a qualquer encontro disfarçado de casualidade.

Ele estudou e se empenhou em ajudar pessoas. Com o tempo, se tornou pastor da igreja local. Quem diria que um homem ainda tão novo se disporia a viver uma vida para os outros?

Conforme os anos se passavam, uma frase ganhava proporção em minha mente. Bem lá no fundo, eu só queria saber quais foram as razões que levaram meu tio a prosseguir. O que o fez pôr a cabeça no lugar? Mas sejam quais fossem esses motivos, eles foram tudo o que ele precisava para voltar para nós.



Dois

Razões para Amar

A vida é uma caixinha de surpresas, quer você queira ou não. Nunca saberemos o que o destino nos reserva e tentar decifrá-lo é uma perda de tempo. Acredite em mim, você entenderá do que estou falando, e aposto que me dará razão algum dia.

Apreendi muitas coisas ao longo do caminho e uma delas é que meu pai estava mesmo certo. Memórias afetivas fazem toda diferença.

Quando você olha para o passado, o que você vê? Qual é a sua lembrança mais genuína? O cheiro da comida de domingo, o abraço de seus avós, o gosto do seu doce favorito ou a risada gostosa dos seus pais enquanto relembravam coisas da infância?

Eu não sei você, mas sempre que eu olho para trás, tenho vontade de permanecer lá.

A vida é muito mais simples quando sua única preocupação é saber qual livro levar para aula ou em qual casa você e sua melhor amiga farão a lição do dia.

— Não posso demorar. — Camili prendeu os longos cabelos negros em um rabo de cavalo. — Minha tia vai jantar lá em casa hoje. — Se jogou na cama de barriga para cima. — Bem que você poderia ir.

— Combinei de ajudar o meu tio com os assuntos da biblioteca. Não vai dar. — Me ajeitei ao seu lado. — Não vejo a hora da biblioteca ficar pronta. Meu tio não fala em outra coisa.

— Caramba! Você é mesmo sortuda. Seu tio é uma pessoa incrível. E o que ele está fazendo pela igreja é admirável.

— Segundo ele, é apenas um dever.

— Dever? Ele comprou a casa ao lado da igreja com o próprio dinheiro e está construindo uma biblioteca para ocupar o tempo livre dos jovens e crianças do bairro. — Deitou de barriga para baixo e com as mãos apoiadas no rosto, virou para mim. — Sinceramente, acho que não seria nada mau unir seu tio com a minha tia. — Com a sobancelha arqueada, deixou escapar um sorriso peralta. Vez ou outra Cami soltava ideias mirabolantes.

— Mau não seria, mas acho que o meu tio não pensa muito nisso. E toda vez que eu toco no assunto, ele faz questão de não dar continuidade. — Meu tio era jovem, viúvo e extremamente bonito. Apesar de todos os estereótipos que o rodeavam, o seu coração era, sem dúvida, a sua maior preciosidade.

Tio Silas passava os dias dedicados aos seus negócios milionários no mundo digital, ao projeto da biblioteca e ao seu pastoreado na igreja. Ele deixava bem claro que romances não eram a sua prioridade no momento.

— Que pena — suspirou. — Ia ser incrível se, além de melhores amigas, fôssemos da mesma família. — Estávamos entretidas com o rumo da nossa conversa quando meu pai nos interrompeu com leves batidas na porta.

— Pode entrar. — Seu sorriso largo iluminou todo o ambiente enquanto caminhava em nossa direção.

— Com licença, meninas. Eu sei que estão ocupadas colocando toda a conversa em dia, mas eu queria um favorzinho. — Sua pele branca ganhou uma nova coloração. Com bochechas rosadas e um olhar pidão, fez sinal com o indicador para que eu fosse até ele, como se estivesse prestes a pedir algo difícil de ser atendido.

Assim eu fiz e, ao me aproximar, envolvi-lhe em um abraço apertado, mesmo sabendo que viria um desafio pela frente.

Com os braços ao redor dos meus ombros, me conduziu até a janela.

— Será que pode ser gentil? — No jardim havia um menino alto e bem bonito por sinal. — Andréia vai almoçar conosco e trouxe o filho. Mas ele não me parece muito bem.

Observei o rapaz caminhar de um lado para o outro e depois se sentar debaixo da amendoeira que ficava no final do quintal. Era onde eu amava ficar nos dias mais ensolarados.

— Pode deixar. — Nunca neguei um pedido dele, então chamei Cami e juntas fomos à missão impossível.

Fomos apresentados há muito tempo. Praticamente quando eu era um bebê. Tia Andréia e meu pai são melhores amigos desde o colegial e juntos fundaram a empresa. Mas desde a infância nossa aproximação nunca teve êxito.

Aparentemente, Ian estava mudado. Havia crescido bons centímetros. Mas, no fundo, eu desejava que sua personalidade também tivesse sido modificada. Por mais que nossos pais tentassem incessantemente que nos déssemos bem, isso nunca foi possível.

Seu modo de andar me incomodava profundamente. Nariz em pé e peito estufado, fazia-o exalar a superioridade a qual ele amava jogar na cara dos outros. Achava-se maduro demais para perder tempo trocando meia dúzia de palavras comigo, embora fosse apenas três anos mais velho.

— Oi, Ian — Ele virou minimamente a cabeça para o lado, me olhando de soslaio.

— Oi. — Não havia muito apreço em seu tom de voz. — Ignorei a sua falta de interesse e sentei próximo a ele, fazendo sinal para que Cami fizesse o mesmo.

— Quanto tempo desde a última vez. — Tentei puxar assunto.

— Não o suficiente — disse entre os dentes.

— Essa é Cami, minha melhor amiga.

— Prazer. — Ela estendeu a mão e vendo que ele não a cumprimentaria, a abaixou. — Ok.

— Deixa-me adivinhar: seu pai pediu para ser agradável? — Assenti. No fundo eu sabia o quão difícil aquela tarefa seria.

— Dia difícil? — Algo me dizia que havia muito mais coisas por trás daquele humor áspero. — Se quiser conversar...

— Se, por acaso, eu quisesse conversar — interrompeu-me, alternando seu olhar soberbo entre Cami e eu —, não seria com nenhuma de vocês.

— Não precisa nos tratar assim, só estamos tentando ser gentis. — Eu sabia que minha amiga não conseguiria ficar em silêncio por muito tempo. A língua afiada era o seu maior descontrole. Por um minuto, pensei que Ian retrucaria, mas se manteve em silêncio. — Isso é dor de cotovelo? — Fuzilei-a com os olhos. Com certeza sua pergunta descabida não ajudaria em nada. Ele a analisou minuciosamente de cima a baixo. — Deixe-me adivinhar: sua namorada te deu um toco e você está sofrendo por amor — insistiu, enquanto eu cutucava-a com os cotovelos na esperança de fazê-la parar.

— Eu posso ser um tremendo idiota, mas não sou estúpido a ponto de sofrer por isso. — Foi a primeira frase completa que saiu de sua boca.

— Quer dizer então que amor é para idiotas? — perguntou ela.

— Na verdade, acho que as pessoas não são dignas de serem amadas. Não há razão pra isso. — Deu de ombros.

— O quê? — Respirei fundo e engoli as palavras. Eu sabia que não valia a pena argumentar com ele, mas Cami estava empenhada em expor sua opinião e não a condeno por isso.

— O amor não existe. São apenas expectativas exageradas que colocamos sobre o outro.

— O que te faz pensar dessa forma? — Ela franziu o cenho.

— A vida. — Ele levantou e, sem pestanejar, Cami fez o mesmo.

De repente era como se eu estivesse do lado de fora de um ringue onde os dois lutavam mentalmente,

— Não as culpo por pensarem diferente. São só crianças. Talvez a gente discuta isso quando vocês crescerem. — Levantei com algumas palavras presas na garganta, mas lembrei do pedido que meu pai tinha feito e eu detestava o fato de ter que decepcioná-lo, então as engoli a seco. Mas Cami, infelizmente, não estava disposta a fazer o mesmo.

— Não somos crianças! Temos quinze anos. — Sua gargalhada irônica ecoava em nossos ouvidos. — Anne prometeu que seria gentil, mas eu não. Você não passa de um garotinho tolo. Um garotinho que não sabe amar. — Ian a encarou nos olhos enquanto dava dois passos em sua direção e, bem próximo a ela, disse sua palavra final:

— Tanto faz. — Com as mãos escondidas no bolso da calça, deu-lhe as costas e foi para dentro de casa. Cami mudou sua cor de branca para vermelha em um passe de mágica.

É incrível como Ian tinha dificuldades extremas de ser agradável.

Precisei de trinta minutos para acalmá-la. Não podíamos entrar com ela cuspiendo fogo daquela maneira.

Eu estava de alma lavada por Camili ter dito tudo o que eu pretendia dizer e não pude. Mas, bem lá no fundo, eu não julgava Ian por ser como era. Talvez ele fosse só um menino com medo de não ser amado o suficiente.



Três

Entre uma Pessoa e Outra

De frente para o espelho, borrifava água em todo comprimento dos meus cachos, na esperança de inibir alguns fios que insistiam em sobressair da maneira errada. Algo que se tornava totalmente impossível. Sempre disse que meu cabelo tinha vida própria. Ele decidia como gostava de ficar. E o seu jeito libertador de se expressar me fazia aceitar o quanto era indomável. Cada cacho tinha a sua identidade autêntica de se mostrar ao mundo. Eu passei tempo demais negando o fato de como eram incríveis, mas com o passar dos anos acabei me apaixonando pelo fato da singularidade em que me tornei ao descobrir que a maior parte da minha personalidade estava interligada a ele. Então, caro cabelo, você é perfeito, e só a minha opinião importa.

Nas mãos, percebi uma pequena mancha de tinta amarela, escondida entre os dedos. Consequência das minhas artes noturnas. Por mais demorado que fosse meu banho, sempre carregava vestígios da minha paixão pela pintura estampada em alguma parte da minha pele.

Limpei com um algodão e continuei a me arrumar.

Passei um rímel e batom discreto, apenas para trazer vida ao meu rosto, borrifei meu melhor perfume, peguei a mochila sobre a cama e parti quarto afora.

Enquanto descia os degraus da escada, tentava decifrar o que estaria à minha espera lá fora e seja lá o que fosse, só queria que me surpreendesse. E de fato aquele ano iria me surpreender, mas não da forma que queria e esperava.

— Bom dia, Lili! — bradei assim que pisei na cozinha, fazendo-a pular de susto.

Dezessete anos comigo e ainda não havia se acostumado com a minha alegria matinal.

— Você ainda vai me matar do coração. — Eu ria involuntariamente vendo-a tentar recuperar o fôlego enquanto apalpava o peito.

Lili era uma das pessoas que ocupava um espaço enorme no meu coração. Minha mãe a contratou assim que se casou com o meu pai, há quase vinte anos e desde então ela virou os olhos, ouvidos e membros da minha mãe. Braço direito e confiante.

— Que festa é essa aqui? — A voz rouca ecoando pela cozinha tomou nossa atenção.

— Tio! — Não pensei duas vezes e corri para abraçá-lo, envolvendo-o de maneira esmagadora.

— Quem fica tão feliz assim às sete da manhã? — Passou a mão por seus loiros e lisos cabelos, na esperança de afastar dos olhos uma mecha da sua franja.

— Eu também queria saber, pastor Silas — respondeu Lili

— As pessoas vivem às sete da manhã. — Dei-lhes uma piscadela.

Ele olhou-me nos olhos e, sorrindo, disse:

— Mas de qualquer forma, ganhar um sorriso tão encantador como esse é a melhor maneira de começar meu dia.

— É o que sempre digo: o dia que essa menina não estiver com esse sorriso largo estampado no rosto, pode jurar que há algo de muito errado. — Lili costumava dizer que meu sorriso era como o Sol. Sempre pronto para iluminar quem precisa de luz. Mas eu costumo dizer que é como eu gosto de estar. Prefiro ser lembrada pelo sorriso que carrego do que por qualquer outra coisa que não fará diferença na vida de ninguém.

— Sei que me amam. — Deixei escapar um sorriso convencido. Mas de fato eu sabia muito bem o quanto era querida pelas pessoas ao meu redor. — Mas a pergunta que não quer calar é: o que faz aqui a essa hora?

— Esqueci a minha pasta aqui ontem. Vou precisar dela. Tenho algumas reuniões hoje.

— Está na sala — respondeu Lili.

— Meu irmão e minha cunhada estão?

— Saíram cedo. O papai foi até São Paulo resolver umas coisas da empresa e a mamãe levou Nick à consulta.

— É, as pessoas vivem mesmo às sete da manhã. — Sorriu.

— Eu disse.

— Bem, eu vou indo. Quer uma carona até a escola?

— Eu quero. Vou passar na cafeteria e de lá vou pra aula.

— Ok, vamos? — Assenti. — Cami não vai?

— Não, ainda está na casa da avó. Disse que volta à tarde. — O fato de encarar o primeiro dia de aula sem minha melhor amiga não era nada agradável. Cami e eu fazíamos absolutamente tudo juntas. Tudo mesmo. Cogitei mil vezes faltar aquele dia e fingir que o ano letivo se iniciaria no dia seguinte, mas eu realmente prezava o primeiro dia de aula.

Nos despedimos de Lili e partimos.

Meu tio e eu costumávamos falar sobre diversas coisas. Conversar com ele era algo que amava fazer. Ele sempre tinha bons conselhos e boas palavras. E apesar de tudo o que perdeu, nunca deixou se levar pelo que não tinha mais. Às vezes me perguntava como ele conseguia seguir tão bem adiante. Naquela época, ainda não fazia ideia do quanto ferido ficávamos ao perder alguém que amamos. Eu só fui provar o quanto isso era amargo meses depois. E posso afirmar, dói pra caramba. Às vezes chegava a pensar que meu coração estivesse sendo perfurado por algum objeto cortante, incapaz de ser visto. Mas o meu tio era diferente. Era incapaz de retribuir ao mundo a tristeza que havia sentido. Sua forma de ver a vida fazia com que sentisse ainda mais admiração por ele.

— Estou quase terminando as ilustrações da inauguração. — Eu estava sonhando com aquele evento há dias. E talvez perdendo o sono também.

— Suas pinturas deixarão a biblioteca ainda mais bonita. As crianças vão amar. — Mantinha os olhos fixos na estrada.

— Espero que deixem a imaginação delas ainda mais apurada. — O objetivo de fazer ilustrações era tentar despertar o desejo de leitura em quem visitasse a biblioteca. Eu realmente acreditava que a leitura era mágica. E só para constar, ainda acredito. Sempre tive um contato extremo com esse universo mágico. Minha mãe amava a literatura e incentivava a leitura tanto em mim quanto em Nick. Eu tinha coleções de livros. Aliás, no meu quarto tinha mais papéis, tintas e livros do que móveis. E me sentia perfeitamente bem com isso.

— E a minha também, pode apostar — brincou — E por falar nisso...

— Sei. Esse é um daqueles assuntos que não tem nada a ver com o anterior, mas você insiste em dizer que são parecidos? — Gargalhou.

— Mas são semelhantes.

— Claro. — Eu amava o fato do meu tio dizer coisas aleatórias, alegando ter semelhança com algum assunto que falávamos. Era quase uma marca registrada dele. Minha família e suas especialidades.

— Tem moradores novos, se não me engano, do mesmo condomínio em que Cami mora. — Fitei-lhe, tentando prender o riso involuntário. — Que foi? — Aqueles olhos verdes dissimulavam uma surpresa da qual não existia. Ele sabia muito bem o motivo da minha risada.

— Eu disse que não tinha nada a ver. — Eu balançava a cabeça em um movimento negativo.

— É quase. — Me olhou rapidamente e tornou a olhar para frente.

— Tudo bem, prossiga.

— São novos na igreja. Chegaram domingo quando vocês estavam viajando. — De fato as coisas só aconteciam quando eu não estava presente. — Um casal e um rapaz mais ou menos da sua idade. Hellen fará uma visita a eles mais tarde. Gostaria que fosse junto.

Tia Hellen era a secretária da igreja, casada com o melhor amigo do meu tio. Hellen e Maurício eram amáveis e estavam sempre por perto para o que precisássemos. Eles não eram apenas pessoas incríveis, eram pais da minha melhor amiga.

— Entendi.

— Se não se importar. — Provavelmente você já deve ter ouvido dizer que filhos de pastores devem dar o exemplo. E como o meu tio não tinha filhos, esse papel ficava incumbido a mim, que, na maioria das vezes, enfiava Cami no meio.

— Claro que não me importo. — E realmente não me importava nem um pouco. Eu gostava de ser útil, já que não fazia nada de muito extraordinário, eu me confortava com o fato de poder ajudar em alguma coisa.

Ao me deixar em frente à cafeteria em que Cami e eu costumávamos ir, me despedi dando-lhe um beijo no rosto e desci do carro.

A cafeteria estava vazia, porém, continha prateleiras cheias de gostosuras.

— Bom dia, George. — Com um sorriso extravagante, cumprimentei o balconista e dono do estabelecimento.

— Olha se não é o sorriso mais contagiante que temos por aqui. — Sorriu docemente ao me ver. — Bom dia, Anne. E como sempre, contente.

— É o último ano do ensino médio. Aquele misto de felicidade com frio na barriga, sabe?

— Sei bem como é isso. E vou logo avisando, deixa uma saudade enorme. O ensino médio é uma nostalgia sem fim.

— Posso imaginar. — Era o que todos falavam, mas a realidade é que eu estava empolgada com o que o ano seguinte me traria. Faculdade, pessoas novas, vida diferente, que me tiraria totalmente da zona de conforto em que vivia. Não que eu detestasse a minha rotina, eu gostava dela. Era fácil e isso pode ser extremamente confortável. Acordar, ir para escola, voltar para casa, ajudar na igreja, pintar e aproveitar o aconchego e o prazer de ter uma família perfeita, a qual eu amava mais do que qualquer outra coisa. Na verdade, eu acho que era mais do que amar. Eu a idolatrava. E talvez esse tenha sido o meu primeiro erro gravíssimo.

— Pois bem, o que vai querer pra hoje?

— Vamos lá. — Corri os olhos pelo balcão. — Três pães de mel. — Minha boca já gotejava água. — À parte vou querer: um suco, um sanduíche e mais três pães de mel, que você pode pôr em uma mesma sacola. — Me encarava com o olhar escancarado, tentando entender para onde iria aquilo tudo.

Assim que me deu, paguei e saí. Guardei na mochila a sacola que continha apenas os três pães de mel e a outra com as demais coisas, mantive em mãos.

Atravessei a rua depressa e caminhei até um pouco mais à frente. Em poucos passos estava na praça. Vi José se abaixar, pegar um papelão que estava no chão e colocá-lo em seu carrinho. Quando se virou e me viu

chegando, abriu um largo sorriso que se estendia entre a ponta de uma orelha a outra. Acho que não há nada nesse mundo capaz de fazer você se sentir tão especial como receber o sorriso de alguém. Eu me sentia bem com aquilo. Ter aquele sorriso me deixava feliz, mesmo que fosse apenas uma vez na semana. Saber que contribuí para que o dia de alguém fosse um pouquinho melhor me trazia paz.

— Feliz segunda-feira! — Estendi a ele a sacola. — Espero que goste. — No meu rosto nascia um sorriso tão sincero quanto o dele.

— Você sempre se importando comigo. — Sem jeito, a pegou da minha mão.

— Tenho dez minutos. — Sentei no banco atrás de mim, convidando-o a sentar no da frente.

Na cabeça, tinha um boné surrado. A barba enorme mostrava quanto tempo não visitava um barbeiro. Eu mesma já havia oferecido a pagar-lhe um corte, mas incomodado e talvez sem graça, nunca aceitou. Eu me contentava em alegrá-lo apenas levando algo para que tomasse café e tirava cinco minutos para conversar com ele. Acho que ele não tinha tanta companhia para isso, então eu me colocava a disposição para ouvi-lo.

— Você sempre me traz esse doce. — Era fácil sentir o aroma da gratidão que exalava do seu tom de voz suave.

— É o meu doce favorito. Gosto de compartilhar isso com você.

— Obrigado por isso. Faz com que me sinta especial. É muita gentileza da sua parte. — Seus olhos negros sobressaíam em seu rosto, mesmo com tantas características que tentavam escondê-los.

— Mas você é especial. — Aqueles olhos tão imensos, negros e profundos diziam muito mais do que qualquer palavra que saía da sua boca.

Conheci José de uma forma um tanto inusitada. O Café era onde costumava ir com Cami desde sempre. Chamávamos de nosso lugar. Íamos quase todas as tardes, para que Cami tomasse seu tão amado *milk-shake* de ovomaltine enquanto eu me entupia de pão de mel.

Era uma segunda-feira e minha amiga precisou sair antes de mim. Eu estava empanturrada de tanto comer, quando olhei pela janela de vidro e o vi na calçada juntando papelão em seu carrinho, me senti tão triste por estar com a barriga cheia enquanto alguns tinham tão pouco. Não pensei duas vezes e pedi para que George preparasse um lanche reforçado. Quando me apresentei a ele, entregando algumas coisas para que comesse, ele me olhou

tão diferente. Eu nunca havia o visto na vida, mas alguma coisa dentro de mim insistia em considerar que o conhecia de algum lugar.

Enquanto ele comia, eu emprestava a ele meus ouvidos. Ele tinha tanto a contar e eu amava ouvi-lo. Era quase impossível não aprender nada em cinco minutos de conversa com ele. Eu amava o tempo que passávamos juntos, mesmo que tão curtos. Por isso sempre que o via fazia questão de desejar uma feliz segunda-feira. Porque de fato ele deixava a minha segunda-feira bem mais feliz.

— Por onde anda nos outros dias da semana? Eu só o vejo às segundas. — Sempre me perguntava como ele vivia nos dias posteriores.

— Por aí — respondeu. — Entre uma pessoa e outra — sorriu —, mas nem todos me veem. — Aquela era uma observação tão triste e se aplica à vida de tantas pessoas que vivem por aí, como se fossem invisíveis.

— Lamento. — Abaixei o olhar para o meu colo.

— Não lamente. Você me vê, isso é o que importa. — Ele falava de uma forma como se o fato de apenas eu estar ali, naquele banco à sua frente, fosse o suficiente.

Abriu o suco, depois pegou o sanduíche e começou a comer.

— É a vida, menina.

— A vida é dura com algumas pessoas. Não é?

— Um pouco, talvez — admitiu. — Na verdade, a vida é dura com todos, apesar de existirem durezas diferentes.

— Ela não parece tão dura pra alguns. — Era estranho, mas senti uma pontada no estômago, pelo fato da minha vida ser quase uma vitrine perfeita. Não existia conflitos, problemas ou qualquer coisa que me fizesse sentir na pele o quão dura a vida conseguia ser.

— O momento difícil sempre vem. — A verdade é que eu não sabia nadinha sobre como era a vida. Eu era só uma garota que pensava ser madura o suficiente, até descobrir que não era.

— Uma hora a gente deixa de ser café com leite, eu acho. — Com as mãos na boca, gargalhou.

Talvez eu falasse algumas besteiras sem pensar.

— É exatamente isso. — Olhei as horas no celular. Tinha poucos minutos para chegar ao colégio.

— Preciso ir. — Levantei, colocando a mochila nos ombros. — Te vejo na segunda que vem?

— Estarei aqui. — Me despedi, já esperando pela semana seguinte. Ele era uma pessoa tão diferente das outras. Eu sabia pontuar o fato de José ser especial para mim, mas não tinha ideia do porquê. Ele era só uma pessoa comum. E talvez fosse por isso. Eu amava o comum.

Naquela manhã, tive a certeza de que tinha feito o dia de alguém um pouquinho melhor. E eu não fazia aquilo para me autopromover, elevar meu ego ou me sentir bem. Eu fazia porque amava poder ajudar de alguma forma.



Quatro

O Garoto de Skate

Certa vez, ouvi uma pessoa dizer que, se um dia você encontrar alguém que faça seu coração bater tão forte a ponto de conseguir ouvi-lo, então você teria encontrado o amor da sua vida, porque na maioria das vezes as pessoas são apenas ruídos ensurdecedores.

Sabe, acho que esse indivíduo tinha mesmo razão. O problema é que confundimos demais a voz do coração com os gritos caóticos que nos fazem confundir a calma de um amor e com o furacão de querer desesperadamente ter alguém ao nosso lado. Como somos tolos às vezes, não é mesmo?

Não sou *expert* nesse assunto, mas acho que posso afirmar que o amor pode ser tudo, menos um turbilhão de confusões.

Minha mãe costumava falar que se te faz sofrer, não é para você. E isso serve para todas as coisas ao longo da vida.

Se eu pudesse fazer um pedido à estrela cadente, pediria para ter, pelo menos, metade da sabedoria que ela tinha. Isso provavelmente me impediria de ter feito tantas burradas na vida. Mas tudo bem, acredito que amadurecemos não só com os anos, mas também com os danos. Nenhum sofrimento é inútil e nenhuma lágrima é banal. Não há beleza na dor, mas há aprendizado em cada parte dela. E se tem uma coisa que posso lhe dizer com exatidão é que eu aprendi. Mas antes, passei pelo processo da lição. E ninguém está livre dela, não é mesmo?

Na volta para casa, o sol estava escaldante. Eu podia sentir as gotículas de suor escorrendo pelo meu rosto. Na maioria das vezes eu amava o verão. Pessoas pela rua, pássaros e arbustos com flores. Mas tinha uma coisa que detestava: voltar para casa sozinha. Então coloquei os fones no ouvido e comecei a marchar rua afora. Caminhava devagar enquanto pensava nos preparativos para a festa de inauguração da biblioteca que meu tio montou para a igreja.

Mentalmente, organizava tudo. Livros, quadros e ilustrações. Conseguia imaginar o lugar cheio, com muitas crianças descobrindo o quanto valiosa é a leitura.

Um passo na frente do outro, me movia vagarosamente pela rua enquanto balbuciava a letra da música que escutava. Não lembro qual era, mas pode ter certeza de que era algo internacional e sentimental o suficiente para me fazer viajar em uma paixão a qual não existia. Acho que os artistas são assim, potencializam um amor que sequer viveram, até fazê-lo real para si. Eu sempre tive isso comigo. Música, livros, sentimento e arte eram como um todo. E pedacinhos de cada um solviam em mim, até formar o que eu era por inteira.

Eu já me encontrava em outra órbita quando senti uma bordoadada em meus calcanhares e antes mesmo de conseguir entender o que estava acontecendo, já estava caída no chão, com as pernas sobre um skate. Minha primeira reação foi tirar os fones.

— Está tudo bem? — disse uma voz atrás de mim, quase abafada pelo som de passos apressados.

— Mas o que é isso? — O primeiro mico do ano. Me *estabacar* a poucos metros do colégio não estava nos meus planos. No chão, analisava o que havia me derrubado.

— Eu tentei avisar que o skate tinha escapado. — O rapaz abaixou à minha frente, levando a mão até o meu fone. — Mas agora sei porque não me ouviu. — Ao levantar os olhos para analisar o responsável por tamanha vergonha alheia, fiquei internamente como o meu corpo físico, no chão.

Os olhos cor de mel a me observar tinham um brilho extremamente distinto. Era o mais incomum dos castanhos. Não por sua tonalidade, mas pelo fato de parecerem profundos. Olhar para eles era como se perder em uma imensidão desconhecida.

A pele levemente bronzeada o blindava de uma beleza excepcionalmente arrebatadora.

Eu estava tão inerte quanto um poste na calçada.

— Ei, está tudo bem? — Seus lábios mais pareciam uma maçã. Não como aquelas que se acham facilmente em uma feira na beira da estrada. Estavam mais para aquelas maçãs raras, vermelhas e belas o suficiente para te fazer idealizar mordendo-a. Só então eu passei a compreender o porquê da Branca de Neve ter se deixado enganar tão facilmente. — Ei! Garota? — Forçou-me a sair do transe em que me encontrava.

— O quê? — Parecia que eu tinha sido abduzida por uma nave espacial, dado ao fato do quão ridícula e perdida estava.

— Perguntei se está bem. — Passou a mão pelos cabelos ondulados, que pareciam não terem sido penteados naquele dia. Até hoje sinto meu rosto arder ao lembrar a forma ridícula a que me encontrei. Era só um garoto. Custava-me ter agido normalmente? Tudo bem que não se tratava de qualquer garoto. É dele que estou falando e dado ao fato que, mesmo depois de anos, ele me causa o mesmo efeito, não posso me culpar tanto pela forma que reagia a ele na adolescência.

— Não ouviu nada do que falei? Em que planeta você está, hein?

— Não. — Balancei a cabeça, confusa. — Quer dizer... — Esfreguei uma mão na outra, livrando-me dos vestígios da sujeira do asfalto. — Na verdade, não está tudo bem. — Empurrei o skate, afastando-o de mim e levantei, ajeitando minha saia. Dei graças a Deus pelo fato de sempre usar short por baixo do uniforme. — Deveriam exigir habilitação pra andar nisso aí.

— Ele escapou. É uma decida, tentei avisar. — Senti meu calcanhar latejar. — Aliás, se andasse menos distraída, teria me ouvido alertar. — Me encarava com as sobrancelhas unidas.

Talvez você pense que eu me apresentei, desculpei-lhe, virei as costas e segui a vida normalmente. Porque o meu *mood zen* vivia constantemente ativado. Mas isso é um completo engano. Alguma coisa me instigava a debater.

— Eu sou atropelada por um pedaço de madeira em quatro rodas e agora a culpa é minha? — Boquiaberta, não conseguia controlar o fato de estar mudando de um humor pacífico para algo tempestuoso. A Anne paz e amor simplesmente deixou o meu corpo, dando lugar a uma Anne pouco conhecida até mesmo para mim.

— Sim e sim. — Passou a língua discretamente pelos lábios, forçando-me a olhar para um ponto específico do seu rosto, que conseguia sobressair mais do que qualquer outra coisa.

— Poderia ter me machucado. — Cruzei os braços

— Mas já vi que não machucou. — Mediu-me da cabeça aos pés apenas com o olhar. Meu coração apressava o compasso da batida. Presumi que fosse pela raiva que havia me consumido, dado ao fato de que aquilo era incomum.

— Vê se da próxima vez aprende a deixar isso adestrado debaixo do seu pé — sugeri, com a sobancelha arqueada por vontade própria.

— Vê se da próxima vez você abaixa o volume do seu mau gosto musical. — Apontou para os fones de ouvido, pendurados no meu pescoço.

— O quê?

— Distraída. — acusou-me.

Poderia apostar que sairiam faíscas nas gotículas de saliva assim que abrisse a boca novamente.

— An-ti-pá-ti-co! — Dei-lhe as costas, deixando-o para trás. Eu queria cuspir muito mais palavras, mas não era sempre que alguém conseguia me tirar do sério. Aquilo era totalmente raro. Teria ajudado se ele tivesse apenas dito “desculpa”.

Com certeza doeria bem menos que os meus tornozelos.

— Louca! — gritou assim que tomei certa distância. Precisei de uma tonelada de domínio próprio para não dar meia volta e multiplicar o skate em quatro, quebrando-o na cabeça dele.

O que tinha de bonito tinha de desequilibrado, com toda certeza.



— Quer dizer que você se *estabacou*? — As gargalhadas de Cami ecoavam pelo quarto.

— Não tem graça. — Arremessei uma das almofadas que estava atrás de mim e ela foi bem mais ligeira ao se esquivar.

— Ah, tem sim. Não é todo dia que alguém é atropelada por um skate.

— *Ha-ha-ha*. Muito engraçado. — Revirei os olhos

— Mas me diz, era bonito? — Minha mente obrigava-me a lembrar do quanto cada parte do rosto dele formava uma imagem deslumbrante.

— Não sei. Mas posso garantir que transbordava arrogância. — Eu mentia muito mal.

No espelho do meu quarto, Cami ajeitava a jardineira. Traje esse que predominava o seu guarda-roupa. — Se demorar mais um pouco, sua mãe vai ter uma síncope lá embaixo.

— Ok. Vamos. — Saltei da cama.

Tia Hellen havia acabado de buscar Cami e passou na minha casa para me pegar, já que a visita seria em seu próprio condomínio.

Ao chegar na enorme casa, fomos recebidos pela matriarca, Marta. Uma bela e gentil mulher.

Elegante no modo de falar, vestir-se e andar. Trajava um vestido verde, cujo comprimento se estendia até o meio da canela. Tive a impressão de que o corte de cabelo repicado a favorecia perfeitamente e o comprimento até o meio do pescoço a deixava ainda mais encantadora.

Ao nos apresentar, dispensou qualquer formalidade e nos abraçou apertado. Tanto Cami quanto eu ficamos surpresas por tamanha receptividade.

— Que sorriso arrebatador — falou depois do abraço apertado em que me envolveu.

Não era proposital, eu apenas sorria, e por mais que as pessoas me alertassem do quanto meu sorriso poderia ser encantatório, eu não conseguia enxergar nada de muito especial nele.

Acho que esse é o maior problema das pessoas: Sempre achar que somos menos do que merecemos ser.

Tia Helen me apresentou como a sobrinha do pastor local. E Marta, por sua vez, não economizou nos elogios que fez ao meu tio. Disse que seu filho havia amado o pastor da igreja.

Meu tio causava esse efeito nas pessoas. E até hoje é assim. Conhecido como o amável pastor Silas.

— Tenho um filho da idade de vocês. — Esbanjava entusiasmo — Filho, temos visita — falou em um tom mais alto. Presumi que seu filho estivesse no cômodo ao lado.

Ao olhar para o teto, me deparei com lustres bonitos e aparentemente caros. Não que eu reparasse em coisas do gênero, mas a conta bancária daquela família gritava nas vozes de móveis bem planejados. Eu amava detalhes, foi fácil observar os lustres sobre minha cabeça enquanto elas conversavam. Distraidamente, eu me encantava com eles, quando senti um leve beliscão no braço. Cami provavelmente queria minha atenção, só não sabia o motivo do desespero.

— Boa tarde. — Ao olhar à minha frente, com o cabelo sem um penteado definido, o rapaz parecia tão surpreso quanto eu.

— Esse é Dominic, meu filho.

— Só Dom, por favor. — Estendeu-me a mão. — Prazer. — Um sorriso presunçoso nasceu em seu rosto.

— O garoto do skate — deixei escapar. Sem jeito, cumprimentei-o.

— O quê? — A surpresa na voz de Cami era extremamente notável

— Já se conhecem? — Marta parecia confusa e tia Helen não ficava muito atrás.

— De hoje mais cedo, quando fui conhecer o colégio. — Estendeu a mão à minha amiga. — E você?

— Cami. — Sorriu, entusiasmada. Posso jurar que a beleza dele contribuiu para isso.

— Filho, por que não mostra o jardim às meninas? — sugeriu.

Particularmente, eu preferia não arredar o pé dali. Tinha uma pitada de esperança de que ele recusasse.

— Claro. — Camili parecia encantada com o próprio sumo da beleza à sua frente. Deixava transparecer sorrisos fáceis e bobos ao extremo. Não a culpo, eu poderia achá-lo insuportável, mas era inegável o fato de que Deus havia sido generoso com ele quando formou sua beleza.

Enquanto o seguíamos, Cami despejava cinquenta palavras por segundo. Eu apenas observava.

Acho que se deram bem logo de cara. Das duas uma: eu estava equivocada sobre o garoto novo ou ele fazia questão de ser desagradável apenas comigo. O que não muda muito o fato de termos nos detestado à primeira vista.

O jardim conseguia ser ainda maior do que o da minha casa.

Fiquei encantada com a quantidade de flores plantadas ali. Enquanto ele falava sobre quando haviam se mudado, Cami parecia prestar atenção em cada palavra que saía da boca dele. Só me restava respirar fundo e ser figurante. Não era uma tarefa tão difícil. Pelo menos até minha amiga resolver falar besteirinhas.

— Que cômico. — Parou à nossa frente. — Então você é o carinha do skate? — Juro que às vezes tinha vontade de fazê-la engolir a própria língua.

— Então falou de mim. — Tive a impressão de ser sufocada pelo ar presunçoso que exalava de seus poros.

— Não positivamente. — Tentava não manter o contato visual. — Pode ter certeza.

— Fico muito feliz em saber que se deram bem logo de cara — Camili sabia que eu estava detestando estar na presença dele e resolveu se divertir com o momento.

— Ela sempre foi distraída assim? — ele perguntou para Cami, mantendo os olhos firmes em mim.

— Não. Na verdade, ela é a pessoa mais observadora que já conheci na vida. Pode perceber coisas que sequer passariam pela sua cabeça bonita. — Soltou um sorriso brincalhão. — Mas às vezes ela dá uma pisadinha na lua.

— Camili! — repreendi.

— Mas só quando está pensando em algo pra pintar. — Piscou para mim — Coisa de artista, eu acho.

— Olha, então você é artista? — Me analisava com a sobrancelha arqueada.

— Nas horas vagas. — Eu detestava pessoas monossilábicas, mas sentia a total necessidade de ser uma delas naquele exato momento.

— Isso explica tamanha distração. — Cami levou a mão à boca, abafando um sorriso que fazia questão de que tivesse passado despercebido por mim. De repente aquela sensação de estar engolindo fogo ressurgiu.

— Em que mundo você vive, garoto? — Estreitei o olhar na direção dele. — Não pode andar por aí atropelando pessoas e decidir fingir que a culpa é delas. Poderia ter me machucado, sabia? — Parei dois segundos para puxar o ar. — Na verdade, aquilo me custou um tornozelo inchado.

— Tentei te avisar. — A forma com que se isentava da culpa me esculpia em raiva. Era só pedir desculpa e tudo certo, mas não, ele preferia insistir em uma briga descabida.

— Tentar avisar não faz de mim a responsável por você não saber andar naquilo. — Os olhos altivos de Dom me encararam firmes.

— Calma aí, está dizendo que não sei andar de skate? — Assenti com o queixo erguido. Tinha acabado de encontrar o ponto fraco do seu ego.

Me aproximei.

— Estou dizendo que você não passa de um mauricinho que não sabe pedir desculpa. — Diminuí ainda mais a distância entre nós. — E não,

a culpa não é minha por você ter me derrubado. Não seja um *playboyzinho* idiota incapaz de se desculpar. Isso é ridículo!

— Opa, opa. — Cami deixou escapar, me fazendo perceber o quanto meu sangue fervia.

Meu indicador tocava-lhe o peito. Sem se mover ou afastar, continuou com os olhos vidrados nos meus. Quando me dei conta do quão longe havia ido, recuei, abaixando o dedo.

Internamente tentava recuperar o fôlego.

— Com licença, vou voltar pra sala. — Virei e os deixei, apressando os passos a cada segundo. Meu rosto queimava na mesma proporção em que meu coração pegava fogo. Tentava decifrar se o motivo era a raiva ou a vergonha. E talvez tenha sido uma junção louca dessas duas coisas.

— Ei, o que foi aquilo? — Atrás de mim, Cami buscava por explicação.

— Não faço ideia. — Eu realmente não fazia ideia de tamanha euforia. Mas seja lá o que fosse, eu torcia para que passasse depressa. Eu não podia ser amável com o mundo inteiro e surtar com um garoto que havia acabado de conhecer. Não fazia sentido algum.



Cinco

Um Propósito de Amor

Ao redor da mesa, contávamos sobre o dia. Dava para ouvir gargalhadas e pelo nosso tom de voz, jurava-se que todos os assuntos tivessem um ar descontraído.

Nick, na cadeira de alimentação, devorava a comida do jeito que mais achava fácil fazer. Sua coordenação motora ainda estava a se desenvolver, os minutos viravam horas até que acabasse sua refeição.

O cheiro da comida da mamãe exalava por toda a casa.

— Ian começou na empresa. — Seus olhos esverdeados passeavam por nós enquanto deixava o copo na mesa. — Gosto do que vejo nele. Tem garra, é inteligente e criativo — prosseguiu meu pai. — Se portou perfeitamente na primeira reunião. — Seus lábios curvaram-se em um leve sorriso. — Não teve medo. Gosto disso. — Tive uma leve impressão de ver seus olhos brilharem.

— Também, ele se inspira em você. Quase impossível não ser um bom profissional. — Levei uma garfada de comida à boca.

— Sei que as tentativas de fazer vocês dois serem amigos foram falhas durante a vida toda, mas não tire o mérito dele, meu amor — opinou a mamãe. Ela sempre tentando pacificar tudo. Detestava qualquer indício de discórdia. E apesar de Ian ter sido uma péssima tentativa de amizade, meu pai falava dele com muito carinho. Por alguma razão, perto do meu pai, ele conseguia ser algo que não se permitia mostrar para a maioria das pessoas. O que para mim se resumia em um mauricinho engomadinho, para os meus pais se descrevia como um rapaz extremamente esforçado e competente. Não vou negar, sentia uma leve pitada de ciúme da relação que os dois faziam questão de manter.

— Na verdade, não fomos amigos pelo fato do quanto ele consegue ser arrogante, porque eu tentei. Vocês estão de prova que eu tentei centenas de vezes.

— E nós sabemos disso. — Meu pai tinha uma forma diferente de se comunicar, quando olhava para mim, seus olhos conseguiam discursar muito mais que suas palavras. — Quem sabe quando estiverem trabalhando juntos? Você é extremamente criativa, ele tem domínio, sabe lidar com situações, sabe falar, liderar e...

— E esnobar pessoas — deixei escapar.

— Algo me diz que vocês podem formar uma bela dupla. — Retorci o nariz, levando-os ao riso. — E digo mais, daria tudo pra ver isso de camarote.

— Pai, sinto muito desapontá-lo, mas acho que no mundo real, não existe uma forma de Ian e eu estarmos em um mesmo ambiente sem nos detestarmos. E ele faz questão de deixar isso bem claro. Principalmente quando me chama de *garotinha*. — Ele abafou o riso com o guardanapo enquanto a mamãe se permitia gargalhar. — É sério. Ele faz questão de ser desagradável e eu, particularmente, não tenho a mínima vontade de esperar ele mudar repentinamente o seu humor bipolar. — Meus pais se entreolharam discretamente, como sempre faziam ao tentar se comunicar por telepatia. Tinha as minhas dúvidas sobre como eles sempre pensavam a mesma coisa, ao mesmo tempo. Não é possível que o amor te coloque na mesma sintonia de quem te ama avassaladoramente de volta. E juro que não vou entender o fato de como isso era possível. Era uma espécie de código de olhar que só eles sabiam decifrar.

— Filha, nem todas as realidades são iguais. Todos nós temos um mecanismo de defesa. E talvez a vida tenha o ensinamento a desenvolver isso, de uma forma tão abrupta que, de repente, isso é o melhor que ele consegue fazer.

— O que o seu pai quer dizer é que não há apenas a parte desagradável nele, assim como não existe apenas o agradável em nós. — Ela acariciou levemente a minha mão.

— Pode até ser, mas a parte desagradável de Ian consegue sobressair muito mais do que qualquer outra parte que o compõe.

— Eu poderia apostar um prato de pão de mel que um dia você se dará conta de que não é bem assim. — Sorri com a palavra mágica que saiu da sua boca.

— Bem, vai ter tempo de sobra pra ver isso. — O quão inocente eu era por achar que, mesmo por um instante, poderia prever o futuro.

— O motivo de Ian ser tão bom é porque ele te observa. Aliás, por que que não pode ser você a me ensinar, treinar e auxiliar?

— Porque Andréia fará um trabalho perfeito. Quero que tenha a sua independência e não que seja uma sombra minha. Quero que desenvolva o seu senso crítico, a sua opinião sobre os negócios.

— Mas você o ensina. — Desde que Ian ingressou na faculdade, vem observando a forma com que meu pai lida com a empresa, como fala, como se posiciona. Era extremamente visível o fato de que Ian era quase a sua menina dos olhos. E eu o invejei muito tempo por isso.

— Porque não sou o pai dele. — Deu uma golada no suco.

— Seu pai tem razão. Vocês precisam aprender sem que haja toda essa ligação familiar. Ele ajuda Ian e Andréia ensina você — complementou minha mãe. — Me parece justo.

— Tudo bem. — Não estava tão satisfeita com aquilo. — Se querem assim.

— Mas há outra coisa me preocupando — Eles fizeram aquele lance do olhar novamente.

— Vocês estão me assustando. — Assim que meu pai assentiu, ela respirou fundo e prosseguiu:

— Não queremos que pense que a publicidade é uma obrigação — disse de uma vez.

— O quê? — Me senti confusa, sem entender o motivo de terem mencionado aquilo. — Como assim? — Meu pai se ajeitou na cadeira e

começou:

— Sabemos o quanto ama seus desenhos, suas pinturas e o quanto a arte está entranhada em você. Tanto sua mãe quanto eu admiramos isso. — Observava-os minuciosamente, tentando entender aonde queriam chegar. — Amamos entrar no seu quarto e ver livros e tintas espalhadas por todo o canto.

O que queremos dizer é que se quiser seguir fazendo isso, o nosso dever é apoiar você. Não queremos que se sinta forçada a nada. — Descobri enfim o que estavam insinuando.

— Eu amo sair por aí pintando. Gosto de sujar as mãos de tinta, de ler por horas seguidas e o quanto o meu quarto consegue ser chamativamente colorido, com tantos desenhos e pinturas espalhadas.

— Então? — Meu pai tinha um jeito diferente de tentar arrancar as coisas de mim. Bastava me olhar com aqueles olhos verdes que eu folheava a minha mente para ele.

— Eu amo fazer isso por liberdade, por sentimento e pelo aglomerado de coisas que vem junto a isso e não como uma obrigação pra pagar as contas. — De fato, eu não conseguia me imaginar pintando por uma obrigação do cotidiano. Acabaria com toda graça de fazer aquilo por amor apenas.

— Tem certeza? — No fundo, acho que minha mãe tinha medo que eu me sentisse pressionada a ter que seguir a mesma profissão do meu pai.

Olhei-os com doçura e, com um sorriso, respondi:

— Toda certeza do mundo. — Me pareceram convencidos quando respiraram aliviados.

Tornamos a comer normalmente e entre um assunto e outro, a pergunta de toda noite viria em seguida.

— Como foi o seu dia? — Eu particularmente amava o que aquela indagação significava. Há tantos pais por aí que mal ligam para o que os filhos fizeram ou deixaram de fazer. O simples fato de o meu pai perguntar aquilo todas as noites me fazia ver o quanto ele se importava com o que eu vivia.

Contei sobre José e eles ressaltaram o quanto desejam conhecê-lo. Ouvi meu pai dizer três vezes que sentia orgulho da pessoa que estava me tornando. Era tão bom poder ouvir aquilo dele. Muitos filhos não têm o mesmo privilégio que eu tive. A maioria não escuta isso durante toda a vida e eu ouvi enquanto ele tinha vida. Saber que ele se orgulhava das minhas

ações me incentivava a sempre fazer a coisa certa. E me dói lembrar que eu me tornei a pior versão do que mais o machucaria. Todos têm os seus altos e baixos, e o baixo foi tão profundo que me esqueci por completo, porque me deixei afundar nele.

Quanto mais eu narrava o meu dia, mais eles se mostravam envolvidos na minha história.

— E teve também o meu mico do ano — disse entre os dentes. Deixando-os com um lindo ponto de interrogação na testa.

— Mico? — Minha mãe parecia curiosa.

Sem muita animação, contei detalhes sobre o tombo com o skate, o que fez Nick gargalhar sem nem ao menos entender direito. O mais cômico foi o olhar dos meus pais quando mencionei o fato de ter ido parar na casa do atropelador sem saber. E o principal de tudo, fiz questão de deixar claro o fato do quanto o achei desagradável.

Falei com tanta vivacidade do que aconteceu que quando me dei conta, precisava de água para acalmar os ânimos.

— Uau. — Minha mãe deixou escapar. — Dá pra ver o quanto ele te tirou do sério. — Sorriu discretamente. Mas só percebi o algo a mais quando eles se entreolharam novamente.

— Tá, o que foi dessa vez?

— Tirando o fato de você quase nunca estar irada, não há nada — respondeu meu pai. — Nada demais.

— Não sei explicar como consegui ficar com tanta raiva. Talvez tenha sido o jeito presunçoso dele.

— É, talvez. — Havia muito mais do que um sorriso meigo no rosto da minha mãe.

— Foi um dia e tanto. — Quando terminamos, tiramos a mesa enquanto o papai escovava os dentes do Nick. Já no quarto do meu irmão, findávamos a nossa conversa.

Nicolas deitava a cabeça no meu colo enquanto o papai e a mamãe se ajeitavam em suas posições para fazer o de costume: contar histórias ao meu irmão.

— Vocês estão preparados? — bradou meu pai com um sorriso largo, fazendo-me rir.

Eu não perderia um segundo daquele espetáculo rotineiro. Peguei meu celular na mesinha de cabeceira. Não sabe para quê? Bem, de forma alguma

eu deixaria de filmar aquilo. Nem que eu estivesse no meu estágio menos normal perderia aquele teatro clássico.

— Sim! — Nick parecia ter toda energia e empolgação do mundo em si. Era raro vê-lo parado em silêncio.

Quando eu era bem pequena, meu pai tinha um hábito corriqueiro de me contar histórias. E sempre escolhia as da bíblia. Era tão inteligente a forma com que nos ensinava princípios básicos, fazendo tudo aquilo parecer real. Porque na verdade eram. Eram fatos históricos que marcaram toda uma humanidade. Meu pai não só lia a bíblia, como fazia questão de contá-la a nós. E a forma que ele encontrou para fazer isso era de longe a melhor. Era tão incrível que eu desejava que toda a minha geração futura pudesse partilhar daquele hábito também. Eu não deixava passar uma. Sempre filmava e depois fazia questão de salvar em um *pendrive*.

A história do dia era sobre Davi e Golias. Desde sempre o objetivo era fazer com que entendêssemos de todas as formas o poder imensurável da fé. Mesmo aos três anos de idade, Nick parecia captar todas essas mensagens. Nosso pai fazia com que víssemos Deus como um grande herói. E de certo modo, ele conseguiu o que queria. Talvez tenha surtido mais efeito em Nicolas do que em mim. Mas a culpa era particularmente minha, que mesmo ouvindo aquilo tudo e vendo a forma com que os meus pais viviam, quando o pior dia enfim chegou, eu optei por deixar de acreditar.

A realidade daquele quarto abrangia tantas coisas. Tínhamos pais apaixonados pelo que acreditavam, uma criança feliz por viver aquilo e uma adolescente que tinha muito a aprender com a vida, pena que de uma maneira não muito delicada.

Enquanto narrava o que acontecia na história, minha mãe representava Davi, com uma bolinha de papel em mãos. Eu me contive para não gargalhar a ponto deles não conseguirem mais contar a história. Pararam inúmeras vezes para recuperar o fôlego.

Meu pai, como um bom Golias, provocava Davi com palavras feias. E para que ficasse de fácil entendimento para o meu irmão, ele soltava palavras do tipo: feio, nanico e bobo. Nick não se conteve em exclamar o quanto aquilo era feio e que tais palavras não deveriam ser ditas. Ele detestou Golias de imediato. O vi vibrar quando minha mãe, quer dizer, Davi, jogou a bolinha de papel em Golias, vulgo, meu pai.

Quando Nick saltou da cama e começou a vibrar por Davi, meu pai sentou no chão em que estava estirado segundos antes, colocou meu irmão

sentado em seu colo e explicou que Davi não era um herói. O menino ficou perdidinho, até meu pai explicar que Deus havia feito Davi ganhar e que aquilo só foi possível porque Davi tinha fé em um Deus que podia fazer muitas coisas.

— Sempre tenha fé — alertou a mamãe. — Enquanto tiver fé, nenhum gigante será tão grande quanto pareça ser.

— E nunca deixe de ser grato — ressaltou o papai.

Ele, de fato, estava totalmente certo.

Essa era uma das coisas que mais amava nos meus pais: dividiam com a gente tudo o que acreditavam.



Talvez você já tenha percebido o quanto eu amava ser prestativa. Mas o que você ainda não sabe é o fato do quanto eu me cobrava a ser útil.

Eu tinha um tio pastor, extremamente bom no que fazia. Amava, cuidava, cativava e, principalmente, liderava situações complicadas. Ele tinha uma sabedoria infindável. Falava na hora certa e se calava quando necessário.

O meu pai ensinava princípios em apenas cinco minutos de conversa, e como você acabou de ver, criava perfeitamente bem o seu mundo teatral. Sua conduta simples e transparente não se baseava no famoso: faça o que falo, mas não faça o que faço.

Meu pai via além até enxergar o melhor das pessoas. Até mesmo no “caso perdido do Ian”, como eu costumava dizer, mas para minha defesa, não uso mais esse termo.

Meu irmão com apenas três anos de idade nos fazia enxergar o tamanho do potencial que alcançaria. Eu não sei, mas eu via isso nele. Nick seria promissor e nada me fazia pensar diferente. E a minha mãe, bem... O que dizer de alguém como ela? Nem que eu vivesse mil vidas chegaria aos pés do que ela foi um dia. Tinha sempre os melhores conselhos, me

conhecia como a palma de sua mão. Preservava seu jeito manso de falar. Tinha dons admiráveis.

Amava o coral da igreja e se dedicava a ele com amor e paixão. Sua voz tão bela me fazia lembrar um Uirapuru, que toda vez ao cantar, as outras aves se calam para contemplar-lhe. Assim como eu, que ouvia com paixão o que saía de sua boca.

— Querida, você pode voltar à música? — Ela estava divina, como em todos os outros dias. Havia uma luz sobre ela que irradiava tudo ao redor. Sua voz, seus olhos brilhantes, sua pele negra, seus cachos esvoaçantes e até mesmo a forma com que gesticulava ao falar.

Não havia nada no mundo que eu pudesse admirar por tanto tempo assim, além dela.

— Prometo que essa será a última vez — ela disse, desculpando-se. Apesar de todas as músicas ficarem lindas em sua voz, havia uma canção especial. E toda vez que ouvia, me tomava pelo mais extremo das minhas emoções. E ela sabia disso. Ela sabia o efeito que aquela letra causava em mim. Era tão bonita e tocava a minha essência.

Fiz o que me pediu e me acomodei no sofá para ouvi-la novamente. Ela limpou a garganta e começou:

*Graças eu Te dou, Pai
Pelo preço que pagou
Sacrifício de amor
Que me comprou ungido do Senhor
Pelos cravos em Suas mãos
Graças eu Te dou ó, meu Senhor
Lavou minha mente e coração
Me deu perdão, restaurou-me a comunhão
Digno é o Senhor, sobre o trono está
Soberano, Criador, vou sempre te adorar
Elevo minhas mãos, ao Cristo que venceu
Cordeiro de Deus morreu por mim
Mas ressuscitou, Digno é o Senhor [...]*

Enquanto cantava, minha mente pensava e repensava em cada letra. E como sempre, eu me emocionava ao ouvir cada estrofe.

“*Digno é o Senhor*” é algo que realmente vale a pena ser ouvido. Quando fizer isso, você entenderá porque eu me deixava tomar pela emoção.

— Está lindo, mamãe.

— Obrigada, meu amor. — Ela se juntou a mim no sofá, colocando os pés sobre a mesinha de centro.

Cercada por tantos talentos, eu me perguntava quando algo em mim poderia ser útil também.

— Sabe, às vezes fico me perguntando o que eu tenho de especial. — Com os ombros caídos, apoiei a cabeça no encosto do sofá.

— Como assim o que tem de especial? Você é especial da cabeça aos pés. Deveria saber disso.

— Me refiro a ter ou ser algo de útil. Não sei cantar, não sei falar tão bem quanto meu tio ou ensinar como o papai. Não tenho nada de importante a oferecer às pessoas.

— Você desenha perfeitamente. — Passou o braço em volta dos meus ombros. — Fico extremamente encantada quando a vejo desenhar.

— Isso não agrega em nada na vida de alguém. Não serve pra nada além de passar o tempo.

— E quem disse que não? Só precisa encontrar um motivo pelo qual faz isso.

— Como assim?

— Ora, eu canto porque tenho fé em alguém muito maior do que eu. Que me ama incondicionalmente a ponto de morrer por mim. Seu tio prega porque não consegue viver sua vida sem falar da pessoa que o salvou em seu pior momento e o seu pai faz todas aquelas encenações que parecem bobas porque tudo o que ele deseja na vida é que vocês aprendam a ser gratos a alguém que passa todos os dias protegendo e zelando por vocês — explicou com um brilho nos olhos. — O que te faz feliz?

— Minha família. — Não tinha muito a pensar, era de longe a minha resposta mais sincera.

— Não, filha. — Se ajeitou no sofá, ficando de frente para mim. — Isso só beneficia você. Eu me refiro a uma razão que não lhe coloque no centro de tudo. — Respirou fundo. — Propósitos não são sobre nós e sim sobre o que pode ser feito através de nós. — Me fez lembrar de José.

— Ajudar as pessoas. — Eu, de fato, me sentia feliz por contribuir para que o dia dele fosse melhor, mesmo por um curto momento. — Mas

não acho que seja o suficiente. — Eu queria saber fazer algo extraordinário.

— Como não? É a coisa mais especial que alguém poderia ter dentro de si. A vontade e o amor para ajudar. — Me puxou para mais perto, envolvendo-me em seus braços. — Jesus perguntou a Pedro se ele o amava e quando Pedro respondeu que sim, Jesus fez a ele um pedido. — Olhou bem no fundo dos meus olhos e prosseguiu: — Pedro, se você me ama mesmo, cuide dos meus. — Eu sabia o que ela queria dizer com aquilo, só não sabia como fazer ou por onde começar. — Ajudar e amar as pessoas não é algo banal. É a coisa mais linda que podemos fazer. Todos nós temos um propósito, Anne. E você encontrará o seu. — Aquilo ficou gravado em minha memória por um bom tempo. Minha mãe raramente errava, aquelas palavras foram assertivas e só fizeram sentido muito tempo depois, quando eu imaginei que tivesse perdido o suficiente para não viver esse propósito.



Seis

Azul Turquesa

Cami e eu fomos umas das primeiras a chegar à sala. Como faltavam alguns minutos para aula começar, falávamos sobre a inauguração da biblioteca da igreja e de como estávamos empolgadas para o evento que aconteceria dias à frente.

Eu havia ficado encarregada de ilustrar algumas histórias e confesso que, apesar de feliz, estava um tanto exausta com tantos planejamentos. Eu fazia questão em ajudar o meu tio com todos os preparativos. Até porque, ele não daria conta com tanta coisa em sua cabeça.

Não sei se vale a pena dizer, mas eu sou extremamente obsessiva compulsiva por controle. Corrigindo: eu era.

Eu me sentia bem melhor quando as coisas iam conforme eu planejava e eu passava muito tempo planejando as coisas.

— Vish — deixou escapar. — Disfarça. — Sem entender, virei rapidamente a cabeça em direção à porta. Não estava frente a um espelho, mas posso garantir a você que minha cor optou por dar uma voltinha naquela hora.

Com o skate debaixo do braço, cabelos sem uma direção certa e olhos luzentes, ele caminhava sala adentro.

— Você não sabe o significado de disfarçar, não é mesmo? — Cami levou uma mão à testa e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Bom dia, Cami — a cumprimentou. — Bom dia, menina que não sei o nome. — E então me dei conta de que eu não havia me apresentado. Afinal, acho que não trocamos três palavras sem que duas delas tenham sido ofensas.

— Bom dia, Bonitão do Skate. — Cami e sua língua afiada.

— Bom dia — respondi seriamente.

Ele passou por nós e se sentou na fileira ao lado. O idiota do skate estava na mesma igreja e escola que eu. Chame de sorte ou de destino. Na verdade, você é livre para denominar isso da forma que se sentir melhor, mas eu chamava de puro azar.

Quando a sala começou a encher e as meninas começaram a chegar, houve um rebuliço. Todos cochichavam entre si. Principalmente as garotas, falavam sobre o tal aluno novo.

Suspiravam e indiscretamente o encaravam com sorrisos fáceis. Juro que se pudesse ouvir os pensamentos delas, optava por colocar no mudo e sem legenda alguma.

— Ele nem é tão bonito assim. — Com as costas das mãos, Cami apalpou meu rosto. — Que foi?

— Você só pode estar com febre. — Retorci o nariz

Assim que o professor tomou o seu lugar à mesa, o burburinho cessou.

Como o professor era o mesmo do ano anterior e o único aluno novo era o atropelador de garotas, ele o fez levantar e se apresentar.

O corpo forte e alto à nossa frente tinha um jeito único de falar e até mesmo de gesticular.

Eu tentava fazer com que meus olhos vislumbrassem qualquer outra coisa que não fosse a sua beleza. Mas essa era uma tarefa quase impossível, dado ao fato do quão bem-afeiçoado ele conseguia ser.

— Meu nome é Dominic — começou —, mas me chamam de Dom. — Enquanto se apresentava, as meninas se abanavam com as mãos. Parecia que nunca haviam visto um cara boa pinta na vida.

Ao ver aquilo, não conseguia impedir meus olhos de revirarem.

— Adoro música e meu hobby favorito é andar de skate.

— E atropelar pessoas com ele — deixei escapar
— O que disse, Anne? — indagou o professor.
— Nada. Só pensei alto demais. — Ruborizei com o fato de todos os olhos da sala terem se voltado para mim.
— Dom, seja bem-vindo.
— Obrigado, professor. — Ele passou pelo corredor ao meu lado com os olhos pregados nos meus.

Senti raiva da minha cabeça que insistia em seguir seus passos. E só me dei conta disso quando o vi sentar e sorrir para mim. Obriguei-me a virar para frente, tentando tirar da minha mente o fato dele ser tão incômodo. Pelo menos para mim ele era.

Ao seguir a aula, o professor de artes explicou a primeira atividade do ano letivo.

Deveríamos formar duplas e fazer uma pintura que representasse o que esperávamos para o ano que iniciava. Meu interior deu cambalhotas. Eu amava tudo que envolvesse tintas, lápis e papéis.

Cami e eu preferimos juntar algumas mesas no final da sala, assim teríamos mais espaço.

Como Camili detestava a parte artística, é óbvio que sobraria para mim. Mas não me importava em nada pintar sozinha. Ela sentava de costas, tentando disfarçar sua abstenção da atividade.

Enquanto pintava, a ouvia falar sobre os preparativos da festa da biblioteca na semana seguinte.

Sua função era basicamente seguir a mãe pelas livrarias encomendando os livros que faltavam, ajudar na escolha das guloseimas que seriam vendidas e me lembrar do quanto era chato e cansativo todo o meu perfeccionismo. Eu fingia concordar em mudar, porque na prática, o fato de deixar fluir era bem mais difícil.

Assim que o professor anunciou sua ida até a secretaria, a sala virou um caos.

Enquanto alguns se dedicavam à atividade, outros faziam piadas e grupinhos de fofoca.

Confesso que nunca vou entender alguns adolescentes. E olha que já fui uma.

— Acho que está faltando alguma coisa. — Analisava a pintura, tentando encontrar uma forma de melhorá-la. Eu tinha um sério problema em querer fazer o perfeito. Acredite em mim, o perfeccionismo nem de

longe se assemelha à qualidade. Talvez esteja muito mais relacionado ao medo excessivo de errar ou de tentar superar expectativas.

— Acho que está ótimo assim. — Eu balançava a cabeça insatisfeita com o que via.

— Já sei! — Tive um *insight*. — Precisa de mais azul. — Era a única coisa que faltava. Virei depressa. Meu corpo se chocou com outro, muito mais forte e alto. Tive a impressão de estar colidindo em um muro de pedras.

A sensação gélida na minha roupa simultaneamente veio acompanhada de um banho de tinta. Minha blusa, meia e rosto estavam banhados por um azul-turquesa. Em um passe de mágica, consegui virar *cosplay* de um dos *Smurfs*.

— Eita... — Ouvi Cami dizer.

Ao levantar o rosto e ver o responsável por tamanha raiva, só me fez ferver ainda mais.

— Não é possível! — A sala inteira gargalhava.

— Mas você não olha mesmo por onde anda, hein, garota?! — bradou Dom.

— Olha o que você fez! Estou coberta de tinta. — Era uma vez uma blusa branca.

Queria cavar um buraco naquela piscina azul que se formou abaixo dos meus pés e desaparecer.

Tomada por raiva, marchei sala afora, bufando e cuspidando fogo como um artista circense.

Meus olhos ardiam. Até meus pensamentos conseguiram se sujar de tinta.

— Ei, espera. — Sua voz seguia-me. E quanto mais se aproximava, mais apressadamente eu andava.

Com a mão tentava afastar a tinta dos olhos.

Empurrei a porta do banheiro, fazendo-a bater na parede.

— Ei! Calma aí, apressada. — Suas mãos firmes no meu braço me fizeram parar. — Você é louca, garota? — Me encarava com o maxilar trincado.

— Louca, eu? Você brinca de Romero Britto comigo e a louca sou eu? — Puxei meu braço, tentando me livrar de suas mãos, mas seus dedos sequer se moveram ao redor deles. Pelo contrário, ele me puxou ainda mais para si, diminuindo a distância entre nós. Sem entender, observava a forma

com que seu rosto se aproximava. Seus olhos perfuravam-me. Talvez pelo fato de serem tão vorazes.

— Você entrou no banheiro masculino — disse, me trazendo para o caos em que me encontrava.

— Está vendo só o que você faz? — Puxei meu braço de novo e talvez por medo de me machucar, o soltou.

— Eu te desconcerto? — Abriu um sorriso, deixando seus dentes extremamente brancos e alinhados à mostra. — Sem palavras? — ironizou.

Tive um breve pensamento de que minha tortura fosse seu novo passatempo favorito.

— Se eu falar tudo o que está preso na garganta, levaria horas até que terminasse. — Cocei os olhos que queimavam e, sem perceber, piorei tudo fazendo isso com os dedos que estavam sujos. — Droga. Está queimando. — A cada segundo, eu piorava tudo ainda mais. Estava certa de que minha dignidade havia ido por água abaixo. — Isso queima. — Ele tirou o blusão que usava por cima da blusa do uniforme.

— Espera, deixa eu te ajudar. — Molhou a manga na pia e espremeu em seguida, tirando o excesso da água.

Segurou o meu rosto com uma das mãos. Gesto esse que me fez recuar.

— Calma — pediu em um tom mais leve.

Eu não estava em condições de exigir muito. Novamente segurou meu queixo, me fazendo olhar para ele e passou delicadamente a parte úmida da blusa na minha pele, limpando primeiro meus olhos, os livrando da tinta que fazia com que queimasse tanto.

Me senti um pouco mais aliviada. Seus olhos encontravam os meus em frações de segundos, até paralisarem de vez, sem piscar ou se mover. Como um barco ao chegar no cais, senti como se ancorassem em minha alma. Tive a leve impressão de que suas pupilas dilataram.

— Seus olhos são lindos. — Eu não sabia como agir ou o que falar. Minhas mãos estavam sem dúvidas derretendo, dado a forma com que suavam. Era como se todo o líquido do meu corpo se esvaísse por elas.

Dom umedeceu lentamente os lábios. Em pouco tempo de contato, notei que fazia isso com frequência. Eu poderia jurar que aquela era, sem dúvida, a melhor visão que alguém poderia ter.

— Não há nada demais neles. — Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Discordo. — Observá-lo tão gentil daquela forma quase me fazia esquecer o quanto ele conseguia fazer meu sangue ferver. — Acho que está menos pior.

Eu já havia me prestado demais ao ridículo. Deveria pelo menos me limpar. Ao tentar pegar a camisa dele, meus dedos tocaram sua mão. Foi como levar um choque no estômago. Uma eletricidade inexplicável passeava pelo meu corpo. Algo que nunca tinha cogitado sentir. Era uma sensação diferente de tudo o que já tinha me ocorrido. Era desconhecido. E em algumas vezes, o desconhecido assusta. E no meu caso, me assustava demais.

Seus olhos se mantiveram parados, vidrados nos meus. Um silêncio ensurdecedor invadia nossos ouvidos.

— De nada. — Balançou a cabeça, voltando a si. E só então me dei conta do quão idiota estava me permitindo ser.

— Deveria vir acompanhado de um pedido de desculpa. — Levou os dedos na barra da blusa e a puxou, tirando-a pela cabeça. Minha primeira atitude foi olhar para o lado, mas não durou muito tempo para me sentir tentada a voltar os olhos para ele.

— O que está fazendo? — Aquele uniforme escondia uma escultura da qual Michelangelo jamais sonhou esculpir. Senti minha boca tão seca quanto um deserto. Engoli em seco, tentando tomar as rédeas da minha mente.

— Não pode ficar assim. — Entregou a camisa a mim, pegando o blusão de volta.

— Quer que eu vista?

— Não vai querer passar a manhã feito uma arara azul, vai? — Vestiu o blusão com a manga úmida e suja e o abotoou. Senti um leve pesar por esconder algo tão belo. Era um misto de sensações esquisitas. Uma parte minha queria afogá-lo na pia à minha frente. A outra parte desejava ficar ali, parada, observando-o.

Entrei em uma das cabines sanitárias e me troquei. Ao sair, tive meu corpo analisado dos pés à cabeça.

— Nada mal. — Deu de ombros. Fingi não me importar com sua opinião, mas meu interior arfava com a aprovação dele.

Anne, você precisa assumir o controle desse circo, pensava inutilmente.

Enquanto voltávamos para a sala, eu tentava manter os olhos à frente. Passos largos e coluna ereta. Desejava chegar ao meu destino o quanto antes. A tensão de tê-lo andando atrás de mim quase me fez entrar na sala errada.

— Olha, ela. Toda gatinha na camisa do boy. — Eu sabia que Cami não deixaria passar batido.

— Menos.

— Foi só uma observação. — Levantou as mãos em sinal de paz.

Guardei a blusa suja em uma sacola que carregava na mochila. Às vezes eu conseguia ser precavida.

Enquanto tentava terminar a pintura, disfarçava as minhas bochechas coradas toda vez que deparava com os olhos de Dominic sobre mim.



Minha mãe tentava não rir com a minha forma de contar o episódio da tinta voadora.

“Seja paciente.” Era o que sempre me dizia. E eu era. Na maioria das vezes.

O que eu não entendia, era a forma que conseguia sair do sério tão facilmente na presença de Dominic.

Talvez a minha vida estivesse fácil demais e Deus o havia enviado com o objetivo de testar o meus tão guardados setenta vezes sete. Era a única explicação lógica para aquilo.

Antes de Dominic só existia duas coisas que me roubavam a paciência: Ian e pessoas dizendo que pães de mel não eram tão bons quanto eu fazia parecer.

Prometi a mim mesma que toda vez que estivesse perto de me irritar com aquele garoto, eu respiraria bem fundo e contaria até dez, afinal, não dava para entregar meu humor nas mãos de outra pessoa. Eu deveria ter domínio próprio.

Enquanto tentava decidir sobre os últimos desenhos que pintaria para a festa de inauguração da biblioteca, me obrigava a desentranhar Dominic

do meu inconsciente.

Não foi tão difícil, levando em conta o fato de que eu obrigava a minha mente criativa a funcionar. Olhava para a mesa e observava tudo o que já tinha pintado. Retorcia o nariz para cada arte à minha frente. Não me pareciam dignas de serem apreciadas por um grande número de pessoas. Eram apenas artezinhas para ficarem engavetadas. Não eram boas. Pelo menos era o que a minha cabeça complexada pensava. Seres humanos e suas inseguranças. Isso pode ser uma enorme armadilha invisível.

Eu guardei as que julguei menos ruins e as outras joguei no lixo.

A lixeira transbordava e alguns papéis amassados se perdiam pelo chão.

Obriguei-me a parar já tarde da noite. Prometi que no dia seguinte pensaria em algo que valesse a pena ser pintado e mostrado aos outros.

Ao levantar no dia seguinte, forcei meus olhos a ficarem abertos. Bocejava entre um minuto e outro. Meus cílios pareciam pesar o suficiente para me fazerem cochilar sem perceber.

O fato de pôr a cabeça no travesseiro, não significava descansar. A minha mente artística continuava funcionando a todo vapor.

Cami chamava minha atenção a todo instante. Acho que minha mente desligava sem que eu me desse conta.

Quando o sinal bateu anunciando o intervalo, deixei que a sala esvaziasse. Com pouquíssimas pessoas por perto, tirei uma bolsa da mochila, levantei e caminhei até a mesa de Dominic.

— Lavada, passada e perfumada. — Entreguei-lhe. — Obrigada. — Ao pegá-la de mim, sorriu introvertidamente.

— Quando quiser vestir uma blusa minha, é só pedir. — Lançou-me uma piscadela.

O quão desaforado ele conseguia ser? Porque eu não fazia ideia. Lembrei-me do que prometi a mim na noite anterior.

Respira, Anne. É só respirar.

Dei meia volta.

— É, eu gosto dele. — Meu olhar era quase capaz de cortá-la ao meio. — Não está mais aqui quem falou. — Minha melhor amiga realmente não sabia a hora de deixar a língua guardadinha na boca e talvez fosse por esse mesmo motivo que a achava unicamente especial.

Com o passar dos dias, as meninas da sala se aproximavam cada vez mais do abusado do skate.

Umas fingiam desmaio, outras fingiam torções no tornozelo. E tudo isso apenas para terem o mínimo de atenção de um cara que mal sabia o nome delas.

É cada ato deprimente que se eu tivesse que narrar absolutamente tudo do que me fazia sentir vergonha alheia por elas, ficaria horas nessa única parte. O que não é nem de longe o meu objetivo. Ainda tenho muita coisa importante para contar.



Sete

Livros e Pães de Mel

Assim que o celular despertava, eu pulava para fora da cama, abria a janela e agradecia pelo dia que estava lindo lá fora à minha espera. Arrumava-me enquanto cantarolava minhas músicas favoritas pelo quarto.

Os dias passaram rápido demais. Praticamente voaram.

Toda manhã era uma festa para mim, mas as segundas-feiras eram tão especiais quanto eventos monumentais.

— Feliz segunda-feira! — falou assim que me viu chegar.

— Feliz segunda-feira, José. — Como Cami sempre ia para a aula direto da casa da avó, eu tirava a manhã para ver outro amigo.

Entreguei a ele uma sacola com o que havia preparado em casa.

— Você sempre se importando comigo. Obrigado. — Pegou a sacola da minha mão e nos sentamos no banco próximo a nós.

— Eu nunca me esqueço de você. — O sorriso que recebi aqueceu o meu coração durante todo o dia.

Coloquei a mochila sobre meu colo e ajeitei o cabelo atrás da orelha. Ato esse que sempre praticava em vão. Os meus cachos eram tão indomáveis quanto uma onça na selva.

— Parece preocupada e cansada. — Me perguntava como ele conseguia decifrar meu estado de espírito tão bem.

— Um pouco.

— O que se passa nessa cabecinha? Quem sabe eu não possa ajudar?

— Meu tio vai fazer uma festa em comemoração à inauguração da biblioteca que fez pra igreja.

— Mas que beleza! E quando será?

— No sábado.

— E o que isso tem a ver com esse olhar tão distante?

— Acho que ando me questionando demais ultimamente. Me cobrando sobre todas as coisas que estão acontecendo. É aquela fase em que você se obriga a decidir um norte. — Seus olhos grandes me observavam. — Fiquei de fazer as pinturas para a festa. Ilustrações de alguns livros.

— Isso me parece perfeito! — José parecia se entusiasmar com tão pouco.

— O problema é que falta uma arte e nada do que eu faço parece ficar bom o suficiente — suspirei. — Não consigo chegar ao desenho perfeito. Eu tento, mas nunca está bom o suficiente. — Estreitou os olhos.

— Ora, a perfeição não existe.

— Como não?

— Quando Deus criou o mundo, Ele disse que estava bom. E quando criou o homem, viu que era muito bom.

— Sim, mas o que isso tem a ver? — Aquilo não fazia o menor sentido para mim.

— O homem não é perfeito. Logo, nada do que faça alcançará a perfeição. — Como nunca tinha pensado naquilo? — Você deve dar o seu melhor em tudo que se dispor a fazer. — Impôs o indicador, alertando-me. — Dar o seu melhor e fazer o seu melhor não é alcançar a perfeição. É fazer o que pode, da forma que consegue. Apenas uma pessoa é perfeita e nada mais. — Nunca havia me dado conta de que José poderia ser religioso.

Uma simples conversa em uma manhã de segunda abria meus olhos para coisas que jamais imaginei pensar ou entender.

— Só há uma coisa no mundo inteiro capaz de ser perfeita, Anne. E Ele está além da compreensão humana.

— Obrigada pelo conselho. — Ele ainda não me parecia satisfeito.

— E por que eu acho que não era apenas isso a lhe incomodar? — *Touché.*

— Você tem alguma espécie de bola de cristal? — Um sorriso nasceu em seus lábios. Olhou-me com doçura. Era como se pudesse extrair mel de suas pupilas.

— Não conte a ninguém. — Levou o indicador aos lábios e deu-me uma piscadela. Gesto esse que me arrancou um sorriso acanhado.

— Eu tenho dezessete anos — Em seu semblante, podia ver que esperava por uma confissão ainda maior. — Quando olho pra minha família, quando os observo, vejo tantas coisas úteis. Vejo na igreja o quanto pessoas contam suas experiências com Deus. A forma com que Ele fala com elas. Sabe, Ele parece ser tão claro quanto a gente aqui, agora.

— E o que te faz pensar que não é assim com você também?

— Acho que não. — Eu passava tanto tempo procurando formas de impressionar Deus, que não me dava conta de que, ser impressionado era a última coisa que Ele desejava de mim. Enquanto eu perdia tempo tentando fazer algo mirabolante, perdia a oportunidade de vê-lo nas coisas pequenas. — Sou só uma garota comum, sem nada de especial. — Abaixei os olhos, recolhendo os ombros.

— Algo nessa frase está fora de contexto. — Voltei o olhar para ele. — Muitos querem a coroa, mas poucos estão dispostos a suportarem o peso e o incômodo de tê-las em suas cabeças. — Ele parecia ter a total convicção do que dizia. — Você o ama? — Nunca esperaria receber uma pergunta como aquela.

— Deus? — Assentiu. — Sim.

— Essa pergunta não é tão fácil quanto parece ser. — Ouvia-o. — O amor tudo suporta. — A mansidão que seu tom de voz transmitia era singular.

— Minha mãe sempre diz isso.

— Pois, então, quando o momento mais difícil chegar, terá de se lembrar.

— Por que diz isso? — Ajeitou-se no banco ao meu lado.

— Porque os momentos difíceis chegam. Para todos. — Ele tinha mesmo razão.

— Acho que, no fundo, eu só queria ter uma daquelas experiências extraordinárias que as pessoas alegam ter. — Por curtos segundos me

observou em silêncio, como se estivesse analisando cada palavra que saía da minha boca. Seus olhos procuravam algo em mim que pudesse se conectar.

— Muitos querem a coroa, mas poucos estão dispostos a suportarem o peso e o incômodo de tê-las em suas cabeças — repetiu. Aquela foi a coisa mais real que já ouvi durante toda a minha vida.

O peso da coroa é quase insuportável. Machuca, incomoda e quase quebra o pescoço ao meio.

— Isso soa tão profundo.

— A verdade pode ser tão profunda quanto um rio de correntezas violentas. Se não souber ouvi-las como quem se força a nadar, é bem provável que morra afogado. — Tinha um grande sábio à minha frente.

— Obrigada por me ouvir. — Conversar com ele me deixava leve. Era como me despir de roupas que me apertavam.

— Bem, eu sempre estarei aqui. — Levantei, colocando a mochila nas costas.

— Até segunda. — Sua barba longa não impedia de me mostrar seu sorriso mais gentil.

Ao deixá-lo com seu café da manhã, segui meu caminho até o colégio. Refleti por um bom tempo tudo o que tinha ouvido e prometi a mim mesma que me lembraria daquilo nos momentos futuros. Que tolice a minha, me esqueci dias depois. E esquecer me custou muita coisa.

Quando entrei na sala, Cami já estava à minha espera.

Enquanto a aula seguia, eu percorria minha mente sobre o que desenharia, até ter um estalo. Foi como se uma luz se acendesse dentro da minha cabeça.

Enquanto o professor corrigia alguns cadernos, tirei o meu bloco de folhas da mochila e comecei a rabiscar traços que, à primeira vista, não pareciam nada. Não tinha beleza ou sentido, mas que aos poucos foram ganhando vida. E quanto mais pintava, mais me sentia realizada.

Na hora do recreio, Cami e eu sentamos debaixo da árvore no fim do pátio.

Ao longe, podíamos ouvir a bola bater na quadra, entre um chute e outro. O que os meninos faziam durante o intervalo? Bem, você já deve saber.

Cami e eu não estávamos nem aí para a forma com que eles desperdiçavam os minutos do intervalo, desde que não nos atrapalhassem.

Enquanto Camili devorava o sanduíche, eu terminava a pintura. A ideia de terminar aquilo para voltar à minha rotina me deslumbrava. O ciclo dos desenhos terminaria e então poderia partir para a próxima parte, como, organizar as novas estantes e fazer mais pedidos de livros.

Eu queria que tudo saísse do jeitinho que meu tio planejava.

Meus dedos calejados vibravam com o fato de faltar apenas um detalhe no contorno.

— Me diz qual é a graça de ficar chutando um objeto redondo? — Sobre os cílios, ela os olhava os meninos, tentando achar alguma graça no que faziam. — Pingar suor às dez da manhã não é algo que eu amaria.

— Com a vida sedentária que tem, não faria nem mesmo às dezesseis da tarde. — Deu de ombros.

— É, tem razão. — Continuou a comer.

— Eu vou pegar água, você quer? — Levantei, colocando o bloco de desenho sobre a grama.

— Com certeza. — Estendeu a garrafinha para mim. Ao pegá-la de sua mão, ouvi alguém gritar ao longe:

— Cuidado! — Meu primeiro instinto foi desviar rapidamente para a direita e um barulho oco nos assustou. A bola bateu com força na árvore em que estava encostada há poucos segundos e caiu em cima do meu desenho, enchendo-o de barro.

Suado e ofegante, Dominic se aproximou.

— Essa foi por pouco... — Tentava recuperar o fôlego. — A bola passou direto. Chutei alto demais. — Abaixou-se com as mãos segurando os joelhos. O suor pingava. Sua voz ofegante fazia força para sair de uma forma que pudéssemos ouvir.

Boquiaberta, eu analisava o atual estado da minha arte, a qual levei semanas tentando fazer.

— Por pouco? — Apertava as garrafas entre os dedos, fazendo-as permanecerem ali, sem que voassem na cabeça dele.

— Mas não pegou em você. — Confuso, tentava entender o motivo da minha repentina mudança de cor.

— Olha o que você fez! — Apontei para o bloco de folhas.

— Cara... Dessa vez você está muito ferrado — disse Camili. — Meus pêsames pra você.

— É só um desenho bobo. Faz outro. — Minhas sobrancelhas estavam tão unidas que mais pareciam uma só.

Encarando-o com os olhos semicerrados, tentava respirar fundo e contar até dez, mas o máximo que consegui chegar foi até um e meio.

— Por que tanto drama? — Quanto mais palavras saíam de sua boca, mais tinha vontade de fazer aquele bloco de folhas descer-lhe goela abaixo.

Mansidão!, berravam meus neurônios. Eu abaixei, peguei minhas coisas e levantei, virando as costas e deixando-o lá, parado feito uma mula empacada.

— Me espera! — Cami tentava acompanhar meus passos com suas pernas curtas. — Eu sei que está o esmurando mentalmente.

— Muito mais do que isso, pode acreditar. — Voltamos para a sala vazia.

— Pensa por um lado: não foi intencional.

— Eu passei tanto tempo planejando e pensando no que ia fazer. — Me joguei na cadeira. — Os meus braços já estão doendo, Cami. De tantos desenhos que fiz durante a noite. E quando justamente ia terminar isso, vem aquele idiota e estraga tudo.

— Eu sei o quanto isso é importante pra você e o quanto quer que tudo dê certo no sábado. — Sentou na cadeira ao meu lado. — Mas não pode absorver toda carga pra você.

— Eu sei. — Cruzei os braços.

— Anne, você precisa se dar conta de que não pode controlar todas as coisas. Você tem dezessete anos. Seja menos cruel com você. — Eu não sabia como ser menos obsessiva por controle até Deus me mostrar que quem controla tudo não sou eu.

Eu era uma catástrofe quando se tratava de coisas imprevisíveis. Me sentia realizada quando tudo corria conforme o percurso que eu traçava.

Acho que era por isso que Dominic me irritava tanto. Porque perto dele, eu sentia coisas as quais não conseguia controlar ou entender.

— Prometo tentar deixar as coisas fluírem.

— Por favor, não me faça surrar você — advertiu. — Hoje à tarde você termina isso. Garanto.

— Na verdade, hoje à tarde estarei na biblioteca.

— Vish, é verdade. E eu vou buscar alguns livros com a minha mãe. Está todo mundo empolgado pra sábado. Inclusive eu. — Balançou os ombros em uma dancinha doida que sempre fazia quando algo a empolgava.

— Meu tio não se aguenta de ansiedade. Confesso que eu também não vejo a hora.

— Vai ter tanta comida gostosa. — Lambeu os lábios, me fazendo rir.

— Hum... Vai ter o bolo de cenoura da sua mãe. — Festejei.

— Falta muito pra sábado? — Seus lábios formaram um biquinho. Se o objetivo era me fazer esquecer a extrema raiva que senti, ela obteve sucesso. Falamos tanto sobre as coisas legais que aconteceriam no sábado que quando os outros alunos retornaram à sala, se assustaram com as nossas risadas.



Já passava das 14h quando cheguei à biblioteca. Tinha muita coisa a fazer e o fato de ter que refazer o desenho ainda me irritava.

Garoto idiota! Era a única coisa que pensava.

Mas aquilo não me faria terminar os afazeres, então amarrei o cabelo em um coque frouxo e comecei a abrir algumas caixas que ainda estavam fechadas.

Havia chegado uma coleção inteira de C.S. Lewis. Eu achava o máximo. Desde pequena, eu sempre fui apaixonada por *As Crônicas de Nárnia*. Esperava ansiosamente pelo momento em que Aslam mandaria me chamar. Quebrei alguns guarda-roupas na infância. E talvez a culpa tenha sido do meu pai por encenar tão bem todas as noites. Ele fazia parecer tão real que a qualquer momento achava que veria elfos pela casa. Eu observava as árvores para ter certeza de que elas não se mexiam quando ninguém estava olhando. Enfim, uma criança iludida pelas histórias que o pai fazia questão de contar a ela. E, sinceramente, eu agradeço por cada noite que ele se dedicou a fazer aquilo. Ele era mesmo excepcional. Era.

Movi a escada para o canto a fim de limpar a última prateleira. Havia alguns livros amontoados lá em cima desde o término das obras. Foram os primeiros que chegaram e havíamos deixado de qualquer maneira.

Eu analisava em minha mente como tudo deveria ficar. Fazia meus cálculos sobre a quantidade de livros que chegaria e os organizei em minha cabeça.

Ouvi leves batidas na madeira da porta.

— Oi. — Congelei. Em pouquíssimo tempo de convivência, eu já era capaz de reconhecer aquele timbre de voz.

— O que faz aqui? — Talvez eu tenha sido ríspida demais. Mas o real problema era o simples fato de não conseguir liderar muito bem minhas emoções quando se tratava dele.

Chame de desequilíbrio ou de qualquer outra coisa, mas estar perto dele era uma linha tênue entre o descontrole e o irreconhecível. Bastava ele se aproximar e eu passava a me desconhecer por completo. Como alguém que anda de olhos vendados e nunca sabe onde pisar. Terra firme e abismo eram uma espécie de pleonasmo para mim.

Caminhou dois passos adentro. Notei que segurava uma sacola de papel em uma de suas mãos. Não quis parecer intrometida, mas parecia ser algo da cafeteria.

— Eu não entendi toda sua raiva por um simples desenho. — Ofeguei.

Debater com ele era o que menos queria.

— Se veio menosprezar o que eu estava fazendo, lhe aconselho a dar meia volta. Não tenho tempo pra me sentir ofendida. — Apontei para as prateleiras em volta. — Como pode ver, tenho muita coisa a fazer. — Comecei a tirar alguns livros da caixa, tentando ignorar sua presença.

— Ei, calma. — Levantou uma das mãos. — Vim em missão de paz. — Tornei a olhá-lo, mas dessa vez de soslaio, como quem deseja provocar certo desdém.

O fato dele estar ali me intrigava um pouco. E tentar não transparecer isso era quase ir para guerra sem munições.

— Eu não entendia porque era tão importante pra você, então bati na casa da Cami. — Observava-o falar, sem transparecer qualquer coisa que desse a entender que realmente havia exagerado nas atitudes. Sim, eu reconheço perfeitamente o meu ato de exagero. Mas tente entender, eu estava sobrecarregada, e embora não me desse conta disso, estava perdida na minha pilha de cobrança. O mais engraçado de tudo é o fato de absolutamente ninguém me exigir nada. Eu fazia aquilo comigo, sem me dar conta do quanto era cruel e torturante. Toda aquela cobrança que eu

insistia em fazer sobre mim vinha mascarada em desculpas de que eu só pretendia ajudar. Eu realmente não deveria ter explodido com Dominic por tão pouco. Mas me tornei um copo cheio que qualquer gotícula faz transbordar. — Ela me contou tudo — continuou. — Acho que só está sobrecarregada. E isso faz qualquer um pirar.

— Pois é. — Me desarmeí, enfim. Tudo o que eu queria era terminar o que tinha pela frente e poder descansar a cabeça no travesseiro, sem me preocupar com mais nada.

Ele deu um passo à frente. Como alguém que tenta descobrir se o chão onde pisa é um campo minado. Muito provavelmente a bomba na questão era eu.

— Ela também disse que tem mais um milhão de coisas pra você terminar até sábado. — Percorria os olhos ao redor. — E reforçou bem a parte em que eu estava encrocado. — Deixou escapar um sorriso acanhado.

— E veio aqui me dizer isso? — Coloquei os livros sobre a mesa.

— Você não alivia, não é mesmo?

— Não.

— Só queria me desculpar. — Era a primeira vez que o ouvia dizer algo do gênero.

— O quê? — Franzi o cenho, levando a mão à orelha. — Acho que não ouvi muito bem, pode repetir? — ironizei. Era um momento único. Não poderia desperdiçar aquela oportunidade valiosa. O vi revirar os olhos, o que me fez deliciar ainda mais o momento. — Às vezes a minha audição falha. — Um sorriso cínico formou-se em meus lábios. A sensação de vê-lo pedir desculpas descia por minha garganta como colheradas de sorvete de chocolate.

— Cami disse que deveria trazer isso, se quisesse realmente limpar a minha barra. — Estendeu-me a sacola de papel. — É todo seu. — Ao pegar a sacola, senti o cheirinho doce impregnar minhas narinas. Quando abri, constatei que se tratava exatamente do que pensava.

— É uma boa tentativa. — Olhei-lhe de soslaio, tentando esconder a satisfação estampada em minha testa.

— Acho que começamos com o pé esquerdo. — De fato, tinha razão. Ser atropelada por um pedaço de madeira sobre quatro rodas era uma forma péssima de se apresentar a alguém. — Eu sou Dom. — Estendeu-me a mão.

Seus olhos encaravam os meus. O canto de sua boca curvava-se em um discreto sorriso.

Ao apertar sua mão, senti como se uma corrente forte de eletricidade passasse por minha espinha. Era tão macia.

— Essa é a parte em que você me diz seu nome.

— O quê? — Ele retorceu os lábios, tentando conter um sorriso audaz. — Ah, sim. — Eu não costumava ser uma idiota, exceto na presença dele e isso era o mais estranho de tudo. — Anne — disse finalmente.

— Bem, segundo os meus pais, eu deveria fazer amizade com o pessoal da igreja. — Soltou minha mão. — Acho que uma boa forma de começar é me oferecer pra ajudar. Algo me diz que eu seria útil por aqui. — Ele não fazia ideia do quanto poderia ser útil.

— Vou aceitar. — Sorriu — Mas apenas pelo fato de que há muito a fazer. E você me deve muito. Por me atropelar, pelo banho de tinta e por manchar meu desenho. — Arquejou, revirando os olhos.

— Você é osso duro de roer. — dei de ombros.

— Temos muito trabalho, mas antes, eu vou ser obrigada a comer isso aqui. — Levantei a sacola que tinha nas mãos. Puxei a cadeira e me sentei.

— Nunca comi. — De queixo caído, o fitei imediatamente. Como aquilo era possível? Ele só podia estar brincando.

— É sério?

— Uhum.

— Garoto, você precisa mudar isso imediatamente. — Puxei a cadeira ao meu lado, convidando-o a juntar-se a mim. — Vai, eu não mordo.

— Mas às vezes cospe fogo. — Sob os cílios, o encarei com uma carranca estampada na face. — Foi mais forte do que eu.

— Não me faz mudar de ideia. — Sem demora e com um ar convencido, juntou-se a mim. Tirei dois pães de mel da sacola. Dei um a ele e fiquei com o outro. — Um spoiler: depois que fizer isso, não vai conseguir parar.

— Bem, vamos lá. — Abriu a embalagem transparente que envolvia o doce, levou-o a boca e mordeu. Eu o observava mexer o maxilar, na esperança de ver uma expressão que entregasse sua opinião sobre o sabor.

— Então? — Estranho pensar que eu precisava da aprovação dele sobre uma das coisas que mais amava na vida. — O que achou? — Estreitou o olhar, me encarava tentando fazer um leve suspense. — Diz logo!

— Tem gosto de chocolate, doce de leite e...

— E?

— Mel — completou

— Por que será? — ironizei. — Agora me diz: que nota?

— Oito.

— O quê? — Eu esperava mais. Sem dúvida, um dez. — Como assim, oito? Comeu errado, morde de novo. — Aponte para o doce, fazendo-o gargalhar.

— É bom. Mas prefiro coisas salgadas. — Retorci o nariz, incrédula. — Empadão de frango ganha de lavada. — Meus olhos arregalaram-se imediatamente. Na minha mente, não existia nada que fosse tão bom quanto aquilo.

— Só pode estar brincando. — Forçava a minha cabeça a balançar, mostrando o quão indignada estava.

— É sério. Eu faço um que derrete na boca. Nota dez, eu diria. — Nem nas melhores *fanfics* eu ousaria pensar que Dominic fazia o tipo que encarava o fogão. — Por que está me olhando assim?

— Não faz o tipo que cozinha. — Abri a embalagem do meu pão de mel e o mordi.

— Que tipo eu faço, então? — Arqueou a sobrancelha, mirando aqueles olhos cor de mel nos meus.

— O tipo que pede pra mamãe cozinhar — disse sem culpa, antes de dar outra mordida no doce em minhas mãos.

— Me ofendeu. — Levou a mão ao peito, encenando um ressentimento que não existia.

— Só acredito vendo e vendo também não acreditarei. — Com o queixo no chão, encarava minha zombaria como ofensa.

— É um desafio?

— Talvez sim, talvez não.

— Pode confiar, meu empadão é viciante.

— Não confio em quem dá nota oito para pão de mel.

— Olha que eu posso te surpreender. — Seu nariz bem contornado espetava o teto. — Qualquer dia farei um especialmente pra você. Aí você tira a prova dos nove.

— Vou lembrar disso. Não pense você que sou do tipo que não cobra. — Ao levar o último pedaço à boca, esfreguei uma mão na outra, limpando-as. — Mas agora, comece mostrando que sabe organizar uma biblioteca —

desafiei. — Vamos trabalhar ou ficar de conversa fiada? — Apoiei as mãos sobre a mesa, levantando-me — De qualquer forma, já me sinto aliviada de não ter tintas por perto. — Virei as costas e segui para a estante a qual começaria a limpar.

— Você gosta de ditar as regras, não é mesmo? — Posicionei a escada na direção desejada.

— Isso é você quem está falando. — Ele lia muito bem as entrelinhas. — Eu vou subir e pegar os livros que estão lá em cima. É só pôr nessa prateleira. — Apontei na direção que deveria colocar os livros que daria a ele.

— Prefiro subir. Algo me diz que você é melhor com tintas do que com escadas. — O canto de sua boca contornava um descaramento sem igual.

— Já ouviu falar em arte abstrata? Porque está correndo o risco de virar uma se eu quebrar essa escada na sua cabeça. — Seus ombros balançavam, contendo a hilaridade que tentava esconder.

— Não está mais aqui quem falou.

— Não que seja da sua conta, mas me dou muito bem com escadas.

— Se está dizendo. — Continuei a subir. Por um momento, senti a escada balançar, o que me fez segurar ainda mais firme.

— Cuidado — Ao olhar para baixo e me dar conta da altura que me encontrava, estiquei o braço para puxar a pilha de livros. Com custo a movi um pouco. Tentei puxar um pouco mais com as pontas dos dedos. Olhando para cima, subi mais um degrau. Ou pelo menos tentei. Meu pé escorregou bem na hora que estava prestes a alcançar o que queria. Como a lei da gravidade funciona perfeitamente, meu corpo foi puxado para baixo. A pilha de livros de capa dura despencou da prateleira no momento em que caí da escada e um deles me acertou na testa.

De olhos fechados, já esperando pela queda, deixei escapar um grito de desespero. Eu podia sentir meu traseiro se chocar com o chão. — Te peguei. — Quando abri os olhos, me certifiquei de que aquilo era, de longe, muito melhor que o chão sólido e frio.

Os braços fortes de Dominic estavam em volta de mim. — Já ouviu falar em arte abstrata? Porque correu o risco de virar uma agora mesmo. — Seus lábios curvaram-se em um sorriso vívido, do qual passei a maior parte dos dias posteriores relembrando.

Meu peito subia e descia apressadamente enquanto a adrenalina percorria minhas veias.

De repente foi como se um poste tivesse acendido sobre sua cabeça. Seu rosto iluminado por tamanha especiosidade me cegava. Não precisava ser um grande apreciador de poesia para entender que até mesmo Fernando Pessoa se admiraria com a obra poética descrita naqueles olhos.

Conseguia ouvir minha respiração eufórica fundindo-se a dele. Não sei dizer ao certo o que me desconcertava mais. A queda, o susto ou o fato de estarmos tão próximos.

Imóvel, senti seu polegar tocar minha testa. — Você se machucou. — Posso apostar o quão escarlate me tornei. Aparentemente, eu havia me ferido, mas era um detalhe tão pequeno perto do que abrangia o contexto.

Seus olhos abandonaram os meus e se voltaram para os meus lábios. Era impossível controlar as borboletas que insistiam em bater asas desesperadamente em meu estômago. Jurei que voariam boca a fora.

Tive a certeza de que meus sentidos me abandonavam de pouco a pouco, quando acariciei sua face com o indicador. Meu dedo contornava cada centímetro do rosto dele. Dominic não me impediu, sequer me soltou. Aquela pele suave ardia. Eu podia sentir.

Seus lábios eram como um rio de águas carmesim. Águas essas que me faziam imaginar o quão bom seria me afogar. — Você é tão... — A frase se perdeu na confusão em que se encontrava a nossa lucidez.

Seus braços apertavam-me contra o seu corpo. Com a boca a poucos centímetros da minha, disse:

— Me diz que não sou o único a pensar nisso. — Colou sua testa na minha enquanto seus lábios roçaram o meu lábio inferior. Tive a leve impressão de ter sentido o gosto daquele beijo quando fechei os olhos na espera dele.

— Atrapalho? — Nada como uma dose de realidade para mostrar o quanto um momento pode ser ilusório. Ainda colados um ao outro, viramos a cabeça no mesmo instante. — Tudo bem por aqui? — Só então notei que os braços de Dom ainda estavam ao redor de mim e que ainda estávamos comprometedoramente próximos.

— Oi, mãe. — Foi quase um código de alerta. Ele me soltou e recuou um passo.

— Eu... Eu... — Foi a primeira vez que o vi sem palavras. — Só vim ajudar — disse finalmente. Seus lábios que outrora eram tão rubros a ponto

de me tentar a mordê-los, agora eram tomados por uma palidez repentina.

— Percebi a ajuda. — Engoli em seco. Não pelo fato da minha mãe quase ter pego um suposto beijo, mas pelo fato dele ter sido cogitado. Acho que estava muito mais assustada com o que me deixaria levar a fazer do que com a figura da minha mãe em pé, bem à nossa frente. — O que houve com sua testa? Está sangrando. — Apontou para mim.

Àquela altura, aquilo era o detalhe menos significante de todos.

— Um livro caiu na minha cabeça. Eu caí da escada e ele me segurou. — Me virei novamente para ele. — Te devo uma. — Ruborizei. Eu queria ser sugada para dentro de algum livro daqueles espalhados pelo chão.

— Entendi. — Seu olhar minucioso analisava nossas feições suspeitas. Minha mãe era inteligente demais e eu sabia que nada do que falasse a levaria pensar outra coisa. — Bem, eu trouxe um lanchinho. — Ergueu a sacola que tinha em mãos. Sacola essa que eu não havia notado até aquele instante. — Não sabia que teria companhia, mas trouxe bastante coisa. — Colocou sobre a mesa. — Benefícios de ser uma mãe exagerada.

— Obrigada, mãe. — Seus olhos intercalavam entre mim e ele.

— Bem, vou sair pra comprar umas coisas pra sábado. Seu tio está igual barata tonta. — Deixou escapar um sorriso. — Vou ver se salvo a pátria.

— Tudo bem. Pretendo adiantar as coisas por aqui.

— Vai ficar aqui até tarde?

— Eu tenho muito trabalho. — Sinalizei à minha volta. — Olha o estado desse lugar.

— Eu a levo em casa. — Dom se prontificou. — Pra que ela não vá sozinha. — Guardou as mãos nos bolsos da bermuda. Minha mãe o media com o olhar.

— Gentil da sua parte. — Deu-lhe um sorriso — Muito gentil. — Enfatizou ao extremo a parte do gentil. — Agradeço, mas antes a senhorita vai comigo até a igreja. Vou limpar esse corte.

— O quê? Não precisa, não foi nada demais. — Minha mãe cruzou os braços.

— Na verdade, precisa sim — opinou ele.

Eu não tinha outra escolha a não ser ir.

— Tudo bem. Eu volto logo.

— Eu vou juntar essa bagunça enquanto isso.

— Obrigada. — Me desviei dos livros espalhados pelo chão.

Em silêncio, segui minha mãe até a enfermaria da igreja, que ficava ao lado da biblioteca.

Sentada em um dos bancos, observava-a limpar a pequena ferida na minha testa.

Pressionava os lábios, inquieta, ela solfejava uma música que até hoje me pergunto qual era.

— Tudo bem, pode falar. — Rompi o silêncio, dando a liberdade que ela achava precisar.

— O que te faz pensar que tenho algo a dizer?

— Mãe?

— Ok — começou. — O que vi agora pouco é exatamente o que estou pensando? — Ruborizei.

O real problema era que eu também desconhecia o que aconteceu minutos antes.

— Eu caí. — Era óbvio que ela não aceitaria uma resposta tão rasa como aquela.

Minha mãe parou o que estava fazendo, se afastou alguns centímetros e me indagou com aqueles olhos grandes. Olhos esses que eu amava.

Até hoje eu fecho os meus e tento trazer à tona a vivacidade deles. No começo eu tinha tanto medo de me esquecer o quão profundo eles eram. — É a verdade — suspirei. — Ele é o carinha do skate, o mesmo que me deu um banho de azul-turquesa.

— Uau. — Eu esperava muito mais do que apenas uau. — Ele sabe mesmo ser marcante pra uma garota.

— Na verdade, eu diria que ele sabe irritar muito bem uma garota.

— Engraçado, não me parecia nada irritada quando cheguei. — Tão certa quanto chuva em tardes de verão.

— Ele veio se desculpar e se ofereceu em ajudar. Só não contava que a banana podre despencaria escada abaixo. — Ela deixou escapar um riso fácil. Eu amava aquele som. Era de longe a minha melodia favorita. — Ainda não acredito que aconteceu isso. — Levei a mão à testa, indignada.

— Então o nobre rapaz salvou a donzela do perigo? Parece uma daquelas histórias que gosta de ler. Nicholas Sparks?

— O quê? Não, pelo amor de Deus. — Minha mãe amava ler o que ele escrevia. Era uma fã daquelas. Por que acha que meu irmão se chama Nicolas? — Só há tragédias e alguém sempre morre no final. Não vejo nada de bonito nisso. — Quem diria que minha vida seria exatamente como

acabei de narrar, não é mesmo? A arte imitando a vida ou talvez o contrário.
— Prefiro histórias mais leves.

— Bem, nem sempre a vida é leve — ressaltou. — Na verdade, quase nunca.

— Pode até ser, mas agradeceria se a minha não fosse uma daquela cheia de tramas, lições que preferia não aprender e grandes reviravoltas no final. É muito bom ler essas coisas, mas não vivê-las. — Gargalhou. — Pra viver, eu escolheria no máximo um clichêzinho daqueles já previstos.

— Não sei se sabe, mas adolescentes que supostamente se detestam e gradativamente se apaixonam é um clichê bem utilizado e totalmente previsto. — Estreitei os olhos.

— Mãe. — Ela precisava parar de insinuar que aqueles acontecimentos insignificantes dariam uma bela história. Não tinha um enredo por trás daquilo. Reformulando, na minha cabeça não havia.

Mas como pode ver, estou aqui contando exatamente isso a você.

Aquilo era apenas eu me contradizendo. Na verdade, o que mais fiz na vida foi me contradizer.

Minha mãe colocou um curativo no meu ferimento e se abaixou até ter os olhos na mesma altura dos meus. Eu já sabia que ela diria algo importante. Ela sempre procurava os meus olhos quando queria frisar algo o qual jamais deveria esquecer.

— Talvez seja um tremendo equívoco se apaixonar pelo improvável, mas não há uma sentença com relação a isso. — Ela disse a palavra “apaixonar”. — Você é uma garota, lembre-se disso com mais frequência. — Beijou em cima do curativo que acabara de fazer. Acho que o fato de querer fazer sempre o que julgava certo me impedia de ver as coisas com mais nitidez. — Amo você. Ontem, hoje...

— E sempre — falamos no mesmo instante.

Ao levantar, a abracei forte. Minha mãe tinha um abraço tão aconchegante que eu o nomeava como o meu lar favorito.

Assim que ela saiu, voltei para a biblioteca e me surpreendi ao ver a primeira estante limpa.

— Você é rápido.

— Não sei se ficou exatamente como queria, mas...

— Obrigada. — Seu rosto estampava uma expressão de alívio. Suas intenções realmente foram uma das melhores. Então ainda que nada estivesse bom, eu não desmereceria o trabalho que teve.

— Disponha, comandante. — Eu poderia ressaltar o fato de haver ironia naquilo, mas resolvi deixar para lá.

Abrimos algumas caixas que estavam fechadas e organizamos os livros em seus devidos lugares.

Ainda havia muitos outros a chegar, mas, por ora, aquilo era o mais viável.

Eu já sabia que a biblioteca seria a minha segunda casa ao longo da semana. Já estava preparada para isso.

— Por hoje é só. — Estava exaurida. Ao me jogar no chão com as costas apoiadas na parede, respirei fundo.

— Só quero um bom banho — falou Dom, juntando-se a mim no chão.

— Acho que no domingo, quando tudo isso acabar, vou ligar o modo avião e fingir que o meu quarto é o único lugar existente no mundo. — Ele sorriu. Eu poderia transportar aquele sorriso tão facilmente para uma tela e pendurá-la bem de frente para minha cama.

Eu não fazia ideia na época, mas àquela altura, eu já estava à mercê do que sentia por ele.

— Eu volto amanhã. — Olhei-lhe de relance, surpresa. — Não adianta dizer que não precisa, isso dá um trabalho e tanto.

— Ah, não. Não vou dizer mesmo. — Caímos no riso fácil.

— Você fica muito mais bonita assim. — A gotícula de suor formada no canto da sua testa escorria lentamente, moldando seu rosto.

— Assim como? — Corri rapidamente os olhos por mim. — Exausta, descabelada e fedida a suor?

— Não. — Não esperava que fosse tão ligeiro na resposta. — Descontraída e sorridente. — Pressionei levemente os lábios. — Vendo assim, nem parece que cospe fogo às vezes. — Não só escancarei os olhos, como também a boca.

— Ei! — Dei-lhe um tapa na perna.

— Foi mal.

— Foi péssimo.

— Não costumo perder oportunidades. — Aquilo soou muito mais como um alerta.

— Bom saber. — Eu piorava tudo.

— Anne...

— Sim? — Aqueles olhos tentavam me fazer refém e não estavam tão longe de conseguir. Balancei minimamente a cabeça, obrigando-me a cair na real. — Já está tarde.

— É. — Vi o desapontamento surgir em seu rosto. — Tem razão. — Levantou.

— Vamos? — Estendeu-me a mão para me ajudar a levantar. Assim que a segurei, puxou-me.

— Só pra constar, amanhã eu ficarei com a parte da escada.

— Como quiser. — Não me restava muito a não ser ceder. A ideia de quase ter me *estabacado* fez alguns neurônios voltarem para o lugar. Tenho quase certeza.

Fechamos a biblioteca, nos certificamos de que tudo estava devidamente trancado e partimos.

Dom fez questão de me acompanhar até em casa, mesmo eu dizendo inúmeras vezes que não precisava e que minha casa não ficava tão longe, ele fez questão de cumprir o que havia dito à minha mãe. Desde bem jovem, Dom tinha palavra. Se ele lhe promete algo, ele cumpre.

— Bem, está entregue. — A caminhada tinha sido rápida. Bem mais do que eu desejei.

— Obrigada por hoje. — Não importa o quanto já havíamos brigado e todas as vezes que o fuzilei mentalmente, o que ele tinha feito naquele dia, o libertava de qualquer pena.

— Disponha. — Deu alguns passos para trás. Eu sabia que aquela era a minha deixa para entrar, então me virei e caminhei devagar até o portão. — Ei, Anne.

— O quê? — Tornei a olhá-lo.

— Foi um prazer te conhecer. — Sorriu, lançando-me um piscadela.

Ele levou mesmo a sério o fato de esquecermos o passado desastroso que tivemos.

— Igualmente. — Deixei escapar um sorriso acanhado.

Eu não queria ficar ali, dando a ele a chance de me ver corar mais uma vez, então abri o portão e entrei.

Aquele tinha sido, de longe, o dia mais louco da minha adolescência. Meu coração não pulsava. Não tinha uma marcação de tempo definida para que batesse dentro de mim, ele simplesmente tocava uma nota melódica no lado interno do meu peito.



Oito

Como nos Livros

— Livros, *ok*. — Cami riscou o primeiro tópico da lista. — Minha mãe e eu vamos buscar os últimos hoje. Antes das 13h horas já estarão na biblioteca. — Tudo o que saía de sua boca parecia vago demais, como uma vozinha ao longe. Muito longe. Enquanto falava, a única coisa que conseguia pensar era nos lábios de Dom acariciando os meus, mesmo que tenha sido por um período curtíssimo de tempo. — Depois vamos atrás das tendas.

— Tudo bem.

— E depois compraremos o material dos bolos.

— Sim.

— E plantaremos bananeiras no jardim.

— Ok.

— Anne! — Aquele tom peculiar teve o dever de me trazer para a realidade. — Aterrissa. — Jogou a caneta sobre a agenda

— Desculpa. — Balancei a cabeça, me forçando a manter a atenção apenas no que ela dizia. — Só estou cansada.

— Claro que sim. E o cansaço tem olhos cor de mel e um físico perfeito?

— Como? — Parecia uma pegadinha, mas os verdes que Cami jogava quase sempre eram colhidos perfeitamente maduros.

— Eu só tenho essa cara de tontinha, minha querida. Mas no fundo, eu não durmo no ponto. Sei muito bem que recebeu visitas na biblioteca ontem. — Com as sobranceiras arqueadas, indagava-me. E percebi que não havia dito nada sobre o dia anterior. — Ainda precisa me contar algo, não acha? — Olhei em volta e só depois que constatei o quão vazia estava a sala, comecei a falar. Conteí exatamente como aconteceu.

Por várias vezes Cami teve de pegar o queixo caído no chão.

E claro, não seria a minha amiga se não gargalhasse excessivamente na parte em que caí da escada. Ela me fez contar aquilo três vezes.

Não subestime o quão debochada Camili Alcântara pode ser. É quase uma marca do seu DNA. Está no sangue que corre por suas veias.

— Ele quase te beijou?

— Shiiii! — Com os olhos esbugalhados, levou a mão à boca, tentando conter o mini escândalo. Mas eu sabia que internamente ela estava feito estádio de futebol em dias de jogo do Flamengo. — Se contenha!

— Desculpa, mas esse detalhe faz toda diferença.

— Não, não faz.

— Eu sabia que por trás daquela batalha naval que faziam, existia algo a mais.

— Não existe algo a mais. Isso é coisa da sua cabeça.

— Ah, claro. Porque vocês quase se beijaram no meu imaginário.

— Fala baixo! — Contê-la era o mesmo que secar um rio com um canudo.

— Oi, meninas. — Petrifiquei.

— Ai, caramba — Cami falou baixinho, percebendo a besteira que tinha feito.

No rosto de Dom, um sorriso convencido tornou-se à mostra.

— Oi. — Forcei minha voz a sair.

Ele passou por nossa mesa, sem desviar os olhos dos meus. Pela forma com que minhas bochechas ardiam, suponho que tenha me tornado tão vermelha quanto um vinho tinto.

Ao se sentar em sua carteira, me olhava tão fixamente que senti seus olhos perfurarem a primeira camada da minha pele. Como se tivesse tatuando-os em mim.

— Podiam flertar apenas quando eu não estivesse por perto. — Pressionei os olhos, tentando absorver aquelas palavras. Eu amava a minha amiga, mas às vezes desejava tapar sua boca com esparadrapos.

Recusei-me a falar qualquer coisa, apenas virei para frente e fingi que não tinha sido constrangedor.

O sinal bateu, notificando o fim do intervalo, e conforme a aula seguia, eu fazia mil planos para não pagar mais nenhum mico pelos próximos dias.

Assim que a aula acabou, corremos para casa. Tínhamos muita coisa a fazer. Sábado estava quase batendo na porta.

Almocei rápido e quando cheguei à biblioteca, Cami e Dom descarregavam as caixas que faltavam.

Eram os últimos livros.

— Pedi ajuda ao meu vizinho, espero que não se importe. — Colocou a última caixa no chão. — E se me dão licença, tenho um mercado a enfrentar e tendas para buscar. — Camili estava ofegante. E a cada palavra pausava para tomar fôlego.

— Tudo bem. Eu vou ajeitar tudo por aqui.

— Vou ficar pra ajudar — falou Dominic.

— Ok. Vejo vocês amanhã, se eu estiver viva até lá. — Suas frases sinceras e eloquentes sempre surtiam efeito em quem estivesse próximo a ela. E não foi diferente com Dom, que deixou escapar um sorriso ligeiro.

Assim que Camili saiu, preendi meu cabelo em um coque frouxo, para que não me atrapalhasse em nada.

— Bem, mãos à obra. — Comecei a abrir as caixas e Dominic fez o mesmo.

Separei as prateleiras por ordem.

As prateleiras infantis, juvenis, teológicos, romances e ficção cristã.

Meu tio havia pensado em tudo. Planejou perfeitamente os livros que compraria.

Assim que colocamos as placas, nomeando as prateleiras, começamos a distribuir os livros por elas.

— Me fala algo sobre você. — Sabia que ele não aceitaria o silêncio por muito tempo.

— O que quer saber? — Levou o indicador até o queixo, como se tentasse formular algo.

— Quando começou a pintar?

— Algo me dizia que começaria por essa pergunta.

— É só a primeira. — Me olhava de canto de olho enquanto preenchia a prateleira com os livros infantis.

— Sempre gostei de rabiscos. Não sei explicar o porquê, mas gostava da sensação de poder sujar papéis em branco. — Tirei mais livros de dentro da caixa. — Acho que sempre estive ligada à arte em geral. Gosto da liberdade que ela proporciona. — Comecei a organizá-los na prateleira. — Fui alfabetizada muito nova. E assim que comecei a ler, gostava de fazer ilustrações e guardar como recordação visual daquele livro.

— Então também gosta de ler?

— Por que acha que passo tanto tempo aqui?

— Sei lá, falta de vida social? — Estreitei os olhos em sua direção. — Brincadeirinha.

— Gosto de ajudar. Me sinto bem quando sou útil. Mas amo o contato com livros. Minha mãe sempre gostou de ler e sempre incentivou isso em mim.

Conforme crescia, ia devorando os livros à minha volta e depois, tentava transportar a sensação que me causavam para um papel. E assim nasceu uma fanática por pintura.

Amo pintar, porque a paixão pelos livros me trouxe isso.

— E quais livros gosta de ler? — Parou o que estava fazendo para me observar. — Espera, deixa eu adivinhar. Aqueles romances água com açúcar. Acertei?

— Já viu livro voar? — ameacei, fazendo-o rir. — Gosto de romance, mas não são água com açúcar. Prefiro os intensos.

— Sei. Isso é o seu ponto de vista. — Arqueou a sobrancelha. — Aposto que esses livros descrevem homens incríveis com uma paixão incondicional por uma protagonista que sonha com um amor surreal. — Levantou para pegar mais livros dentro da caixa.

— Não é isso, descrevem uma realidade dura dos sentimentos.

— Realidade essa onde os caras são belos, compreensíveis, exageradamente românticos e o melhor de tudo, inexistentes.

— Como pode ter certeza? Não pode tirar todos por você.

— Ok, então me conta algo que me faça pensar diferente. — Cruzou os braços.

— Como assim?

— Suas experiências com o sexo oposto. Por que acha que os homens são tão perfeitos como os livros dizem?

— Melhor mudarmos de assunto — sugeri, me abaixando para pegar outra pilha de livros.

— Deveria defender a sua tese. — Dei-lhe as costas, virando novamente para a prateleira que tentava organizar. — Quando deu o seu primeiro beijo, o cara parecia ter saído de um desses livros? — Eu não estava nada disposta a falar sobre aquilo. Tentei ignorar o máximo que pude

— Sugiro um outro assunto. — Não satisfeito com a forma com que tentava ignorar a conversa, se colocou entre mim e a prateleira que arrumava. Seu olhar indagava, tentando decifrar qualquer pensamento que respondesse sua pergunta.

— Espera. — Levantou o indicador apontando-o para mim. — Você nunca foi beijada? — Abaixou o dedo. Em seu rosto, a incredulidade se fazia real. Suas sobrancelhas unidas me causaram um certo calafrio. Não sabia o que responder. Dizer a verdade era parecer uma bobinha que se esconde atrás da arte.

— Deveria ter sido? — Saiu sem pensar. O que só o deixou ainda mais boquiaberto

— Isso é sério? — Escancarou os olhos. Podia-se ler “incrédulo” escrito em sua testa.

— Veio me ajudar ou fiscalizar minha vida amorosa?

— Você nunca beijou alguém. Isso explica o fato de sair acreditando em tudo que lê por aí. — Fechei os olhos, deixando escapar um suspiro e logo os abri.

— Em primeiro lugar: isso não vem ao caso. Em segundo: não diz respeito a você. E terceiro: eu não acredito em tudo que leio. Apenas acredito que mereço bem mais do que os garotos já estiveram dispostos a oferecer — cuspi as palavras tão rápido que o cérebro dele parecia dar um nó.

— Uau, garota! — Solto um breve assobio. — Eu só me surpreendo com você. — Arqueei a sobrancelha tentando intimidá-lo. Apesar de não ter funcionado nadinha. — Quem diria. — Deu de ombros. — Mas também, julgando a forma com que é receptiva, posso entender o motivo.

— Tem dois segundos pra sair da minha frente. — Pressionei o maxilar.

Dom levantou as mãos na altura do rosto.

— Tudo bem. — Moveu o corpo para o lado. — Por favor, não me diga que espera ser pedida em casamento em um belo iate com pétalas de rosas e comida japonesa enquanto um cara com um terno impecável te convida pra dançar debaixo das estrelas.

— Mais ou menos isso. — Apoiei-me na estante, ficando de frente para ele. — Qual é o problema?

— O problema é que isso não acontece na vida real.

— Talvez a minha realidade seja diferente da sua.

— Vai esperar sentada. Só não diz que não avisei. — Tornou a pegar mais alguns livros.

— É óbvio que eu sei que a pessoa perfeita não existe. Não sou tola a ponto de pensar isso. Mas não pode me culpar por não querer me satisfazer com tão pouca coisa.

— Se você diz. — Eu não sonhava com um amor puro e perfeito. Sempre soube que tal coisa estava longe de qualquer realidade. Mas algo dentro de mim tinha a certeza de que merecia bem mais do que metade das pessoas se dispõe a oferecer. — Mas a meu ver, deveriam processar essas autoras que colocam caraminholas na cabeça de vocês. — Arremessei sobre ele uma caixa vazia, fazendo-o saltar para trás ao se desviar.

Com o passar das horas, a biblioteca começava a ganhar forma. Dom e eu trabalhamos sem parar.

Passava das 18h horas quando nosso corpo pediu para que colocássemos fim no trabalho.

Jogados no chão, tentávamos respirar aliviados.

— Deveríamos ter anotado a placa do caminhão que passou por cima da gente — ironizou, deixando escapar um sorriso.

— Vou ter que concordar com você. — Recostei a cabeça na parede. — Sabe o que queria agora?

— Uma cama bem macia?

— Também. — Sorri. — Um sorvete de chocolate.

— Não seja por isso. — Se colocou de pé. — Minha cara, o que acha de tomarmos um? — Sua sobrancelha arqueada dava uma seriedade “seduzente” a seus olhos.

— Acho perfeito. — Levantei rapidamente.

Tirei o celular do bolso e avisei minha mãe que demoraria um pouco mais porque estava indo até a sorveteira.

Na rua, arrastávamos os pés. Nenhum de nós tentava acelerar a caminhada. Estávamos cansados o suficiente para fazer isso.

Ao fazer o pedido do sorvete, tirei o dinheiro do bolso e lógico que não tive êxito algum. Dom achou ofensivo e fez questão de pagar.

Sentamos com as nossas taças. Tanto Dominic quanto eu apoiávamos os pés sobre a cadeira ao lado. Qualquer oportunidade de descansar as pernas estava sendo muito bem-vinda, dado ao fato de que passamos a tarde de pé.

Eu observava o céu, mal conseguia desviar os olhos da lua. Ela estava perfeita, nos iluminando lá de cima.

— Gosta de observar o céu?

— Todos os dias. Tanto de manhã quanto à noite. Aprecio a beleza das nuvens, mas o brilho das estrelas torna tudo ainda mais bonito. — Mantive os olhos no céu.

— Também acho.

— Faço isso todas as noites. Desde que era bem pequena, meu pai costumava me fazer deitar sobre a grama do quintal e observar. É um hábito nosso. Vez ou outra ficamos vidrados, assistindo o que a imensidão tem a nos mostrar.

— Sabe, gosto da forma com que fala da sua família. — Fitei-lhe por um breve momento e logo tornei a mirar o céu.

— A minha família é tudo pra mim. Não consigo ver uma Anne sem eles. — Levei uma colher de sorvete à boca. — Acho que sou a mistura do que eles conseguem ser. — Ao observá-lo, vi que me olhava tão minuciosamente, como se pesasse cada palavra que saía da minha boca. — Meu pai nos conta histórias quase todas as noites. Estando cansado ou não. Ele arruma tempo para estar ali com a gente. — Levei outra colher a boca. — Não é do tipo: faz o que falo e não faz o que faço, sabe? Ele realmente nos mostra como ser, sendo. — Respirei fundo. — Ele não diz o quanto Deus pode ser bom, ele mostra. — Dom brincava com o sorvete na taça enquanto me ouvia. — Precisa vê-lo fazer seu próprio teatro com as histórias da bíblia.

— Ele faz encenações? — Assenti, sorrindo.

— Recentemente foi Davi e Golias. Acho que foi a melhor até hoje.

— Seu pai é mesmo o máximo. — Gargalhou.

Levei outra colher a boca.

— E a minha mãe, bem... — Pausei alguns segundos. Quando se tratava da minha mãe, minha mente me bombardeava de informações incríveis. — Ela tem os melhores conselhos. É a pessoa mais sábia que já conheci. Ela costuma dizer que a fé é a única coisa de que não podemos esquecer.

— Concordo com a sua mãe.

— Tem o meu irmão, Nicolas. Precisa conhecê-lo. Ele é tão lindo com aqueles cachinhos balançantes. É capaz de cativar alguém só com um olhar.

— Então acredito que tenha puxado a você. — Sem graça, sorri sem mostrar os dentes. Às vezes, Dom saía com palavras capazes de me fazer ruborizar.

— Não me considero tão cativante assim. — Eu era o tipo de garota que não sabia agir mediante a um elogio. Mesmo os meus pais fazendo questão de me elogiar cotidianamente.

— Deveria se ver com os meus olhos. Se surpreenderia. Se pudesse te emprestaria, só pra você ter o privilégio de se encantar por si mesma. — Ele poderia dizer o que quisesse, mas uma frase como aquela era digna de um livro. Como ele conseguia ser tão contraditório a ponto de não perceber aquilo? Talvez eu estivesse tão derretida quanto aquele sorvete na taça. Só não podia deixá-lo perceber.

Assim que terminamos, Dominic fez questão de me deixar em casa. Cordialidade fazia parte do que ele era, acredito, já que naquele dia não havia promessas feitas à minha mãe.



Sabe aquela impressão estranha de que, mesmo que esteja deitada, suas pernas não conseguem descansar? Eu estava exatamente assim.

— Posso entrar? — Ouvi a voz do meu pai do outro lado da porta.

— Claro. — Ele a abriu e caminhou quarto adentro.

— Não poderia dormir sem dar um beijo na cara pálida que mais amo.
— Era uma forma carinhosa de se referir a mim. Ele sempre conta que aos três anos, eu derrubei uma tigela de farinha de trigo sobre a minha cabeça. Meu intuito era ajudar a mamãe com o bolo, mas não tive tanto sucesso assim. Quando meu pai chegou à cozinha, gargalhou quase sem conseguir parar. Ele sempre esteve presente nos meus momentos mais marcantes.

— Sou a única que você tem. — Levantou a coberta e deitou ao meu lado.

— E isso não te faz menos especial. — Passou o braço em volta dos meus ombros. — Como foi seu dia?

— Corrido. Meu maior desejo é desativar o despertador.

— Só preciso que descanse o máximo no domingo, não quero ver você doente. Combinado?

— Combinado. — Meu pai era, sem dúvida, o melhor que alguém poderia ter.

— Dado ao seu cansaço, te perdoo por não participar da história da noite.

— O quê? Fizeram sem mim? — Levei a mão à testa.

— Não queria te incomodar. Sabemos o quanto está sobrecarregada. Sua mãe achou melhor deixar você descansar. — Seus dedos acariciavam meus cabelos. — Ela ficou encarregada de ser o câmera da vez. Me senti um astro de Hollywood. — Seu tom de voz era leve, descontraído. — Espero que vocês mostrem esses vídeos aos filhos de vocês. Aí eles verão como o avô deles era engraçado.

— Você vai mostrar isso a eles ao vivo. — Nós e a estranha mania de querer ditar um futuro que não nos pertence.

— O futuro é imprevisível. — Amava a forma com que seus olhos de esmeraldas brilhavam.

— Prefiro acreditar que vocês morrerão velhinhos — encostei a cabeça em seu peito — e verão bisnetos.

— Já eu prefiro acreditar que posso ser um bom pai nos momentos em que tenho oportunidade de ser. — Pensei em perguntar o que ele queria dizer com tais palavras, mas desisti. Para mim, não pensar na perda de qualquer um dos dois era a melhor coisa. Nunca gostei de assuntos como aquele. Me deixavam apreensiva e com certo medo. Ninguém se sente bem cogitando possíveis mortes de quem tanto ama. — Agora eu preciso ir e deixar você descansar. — Beijou minha testa.

Era nítido a quantidade de amor e afeto que transmitia com aquilo.

— E lembre-se, querida: seja grata, sempre. — Era muito fácil sentir gratidão com tudo o que tinha à minha volta. Eu era grata, era impossível não ser. Tinha tudo que julgava mais importante.

O que eu mais venerava na vida estava bem diante de mim. A minha família. E mesmo que parasse para pensar por horas e dias, não encontraria no mundo nada que amasse mais.

É tão coerente ser grato quando nada te falta. Não era gratidão, era conveniência.

Meu pai se despediu, apagou a luz e saiu, fechando a porta.

No dia seguinte estava pronta para mais um dia da minha rotina entre os livros e segui assim durante os dias que faltavam.

Dominic foi uma ótima companhia e devo admitir que, talvez, sem ele, eu estaria frita.

Faltava apenas uma caixa de livros a serem colocados nas prateleiras. E alguns detalhes como: pendurar os desenhos que havia feito, pôr as cortinas, tapetes com almofadas e pufes para o cantinho de leitura infantil.

— Boa tarde! — Saltei cozinha adentro com um sorriso de orelha a orelha. Eu estava exausta, mas feliz.

— Boa tarde, sorriso contagiante. — Meu tio se aproximou e beijou minha bochecha.

— Animado pra amanhã? — Peguei uma maçã da fruteira que ficava sobre a mesa.

— Demais! Não vejo a hora de ver crianças para todos os lados naquela biblioteca. — Puxei uma cadeira e sentei para comer a maçã, meu tio se juntou a mim.

— Tem muitos livros bons! Não sei se arrumo ou se leio as sinopses. — Deixou escapar um sorriso.

— Tive que fazer uma longa pesquisa para saber quais deveria comprar.

— Acertou em cheio. — Mordi a maçã.

Todos estavam eufóricos com a inauguração. Era muito bom poder ver um sonho do meu tio se concretizando. Ele estava feliz e isso fazia de nós pessoas felizes também.

— Mamãe comprou todas as tintas que pedi. — Ele passou a mão por seus cabelos, afastando uma mecha da franja que insistia em cair sobre seus olhos.

— A ideia de pintar as crianças foi ótima, Anne — falava com empolgação.

— Elas vão amar. Crianças gostam dessas coisas.

Eu tive a ideia de montar tendas com coisas interativas para chamar atenção. Vai ter contação de histórias, origami, produção de pipas, futebol e pinturas artísticas. Meu tio achou genial e tratou logo de alugar as tendas e mesas que fossem suficientes. Estávamos depositando todas as nossas criatividades. E uma das partes mais deliciosas: teríamos barracas com guloseimas maravilhosas.

As crianças e jovens do bairro estavam empolgadíssimos. Aonde íamos tinha alguém comentando e dizendo que não via a hora de chegar o dia.

Quando olhava para o meu tio, eu sentia um tremendo orgulho do homem que era. Tinha perdido tanta coisa e não se deixou abater pelo que não tinha mais. Às vezes me perguntava o quão altruísta alguém conseguia ser. Tinha uma força dentro dele, a qual eu desconhecia.

Ele tinha garra, alegria, um coração incrível e muito amor para oferecer às pessoas ao redor.

Meus pais e eu insistíamos para que aceitasse conhecer alguém, mas ele dispensava a todo custo.

Tentamos forjar um encontro entre ele e a tia da Cami, Bárbara, que era um amor de pessoa e tinha algumas desilusões amorosas no currículo. Mas os dois se recusavam. Com o tempo desistimos de tentar algo que não fosse da vontade deles. O que de longe foi a melhor decisão.

Às vezes acaba sendo cômica a forma com que o destino tenta driblar você.

Meia hora depois, meu tio me deixou na biblioteca e saiu para comprar alguns brindes e doces que resolveu distribuir para as crianças no dia do evento.

— Boa tarde, cara companheira. — Seus cabelos tinham um brilho sem igual. Homens sempre com esse privilégio. Nós, mulheres, temos quase que nos tornar reféns de bons produtos. Aposto que ele só deveria usar sabão e nada mais.

— Sempre pontual.

— Pontualidade é uma das minhas maiores virtudes. — Se aproximou.

Enquanto eu pendurava as ilustrações em lugares estratégicos, Dom colocava as cortinas no lugar. E a cada segundo tínhamos mais a sensação de dever cumprido.

Passava das 18h horas quando enfim terminamos.

— Nem acredito. — Ele se jogou sobre um dos pufes.

— Finalmente. — Me abaixei e juro que não sei porque, mas sentei ao seu lado. — Vai, chega pra lá. — O pufe era grande o suficiente pra caber nós dois.

Fechei os olhos por alguns segundos. Foram dias trabalhando naquilo. E não só eu, mas ele também estava esgotado.

— Acho que vou sentir falta dessa rotina.

— Eu também — disse, abrindo os olhos e virando minimamente o rosto para mim

— Acho que vou sentir ainda mais falta da sua voz irritante me dando ordens.

— Ei! — Bati meus ombros no dele. — Minha voz não é irritante. — Seus lábios curvaram-se em um meio sorriso. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Pela ajuda. — Seus olhos enérgicos prendiam os meus. — Sem você, com certeza, eu teria ficado louca. — Eu tinha uma leve impressão de sentir meu rosto arder com a forma que me olhava.

Desviei o olhar e encarei as prateleiras à frente.

— Acho que não sirvo apenas para dar banhos de tinta. — brincou.

Deixei escapar um sorriso. E ao olhar novamente para ele, notei que sequer piscava. Mantinha seus olhos firmes.

— O que foi?

— Seu sorriso — respondeu sem desviar o olhar — é lindo. — Dentro do peito, senti meu coração acelerar gradativamente. De certo, eu deveria dizer obrigada, mas esqueci como se pronunciava. Tinha muita coisa acontecendo. Eu não sabia lidar com o desconhecido e o que sentia por ele era um completo estranho. Então não me movi, não respondi. Apenas paralisei. E fiquei lá, feito uma tremenda idiota que não sabia como agir.

Pressionei os lábios, como fazia na maioria das vezes em que me sentia confusa e perdida. E só para constar, aquele momento era uma junção das duas coisas que mais me desconcertava.

Os olhos de Dom mantinham-se firmes nos meus. Eu queria ter tido força o suficiente para não olhá-los, mas era extremamente impossível. Eles

me mantinham ali, vidrada, incapaz de rejeitá-los.

Eram como duas chamas acesas. Eu sabia que poderia me queimar estando tão perto daquela forma, mas nenhuma queimadura parecia pior do que ter que me afastar.

— Vocês são incríveis. — A voz suave invadindo o ambiente nos fez despertar.

Me senti um pouco aliviada por isso.

— Mãe? — Ela era tão bela e elegante. Seus cabelos ondulados brilhavam assim como os do filho.

— Só vim fazer uma visitinha. A garota do sorriso encantador. — Ela se aproximou assim que levantei e envolveu-me em um abraço apertado. — Você é tão bela. — Se afastou, ainda mantendo os braços nos meus. — Entendo perfeitamente porque o meu filho chega em casa como se tivesse pisado em nuvens

— Mãe! — Suas bochechas coraram.

— Quer jantar com a gente? — Marta ignorou por completo a tentativa de advertência do filho.

— Na verdade, os meus pais vão me esperar para o jantar. — Vi uma linha pequena de expressão se formar em sua testa. Uma minúscula marca de desapontamento, talvez.

— Bem, então que tal um almoço qualquer dia? — Não queria deixá-la mal, fora o fato de que ela era muito agradável.

— Tudo bem. — Dei-lhe um sorriso daqueles que sempre aparecia nos meus lábios. Os que iam de orelha a orelha.

— Viu? Esse sorriso é encantador. — Por fim, me soltou. — Transmitem algo único. Não acha, filho? — Engoli em seco. Dom fitava-me sem saber como agir

— Eu tenho certeza. — Tinha algo novo e diferente estampado em seu rosto.

— Já que não vai jantar com a gente, vou te deixar em casa. — É claro que não recusaria. Eu estava mesmo exausta.

Durante o trajeto, Marta se mostrou interessada em saber sobre mim. Achei gentil da sua parte.

Contei a ela que amava livros, pães de mel e arte. Fiquei surpresa quando me disse que também amava arte e que chegou a fazer aulas de dança na adolescência. Me incentivou a nunca deixar essa paixão de lado e

disse que era a parte mais bela que alguém poderia sustentar dentro de si. Pena eu não ter dado ouvidos a isso.

Quando deixei a arte morrer, de certa maneira, eu morri também. Mas sofri a pior morte de todas. Aquela em que o corpo permanece vivo quando a alma se torna um cadáver.



Nove

A Inauguração

Eu pulei para fora da cama sem ativar o modo soneca do celular e comecei a me arrumar, pensando no dia incrível que teria pela frente.

Com os cabelos ao vento e uma roupa confortável, que não me impedisse de ser livre naquele dia, queria aproveitar todas as gotas permitidas.

Esperei tanto por aquele sábado que não me perdoaria se não o aproveitasse até o sumo.

De frente ao espelho, passava uma cor nos lábios e um rímel para tirar o aspecto de quem havia acabado de acordar. Na mochila, carregava pincéis escolhidos a dedo para reproduzir as pinturas artísticas.

Lembro-me de ter descido a escada correndo. Todo segundo daquele dia era importante.

— Bom dia, família! — Como de costume, saltei cozinha adentro e gargalhei vendo meu tio pular da cadeira. Tantos anos convivendo comigo e nada de se acostumar com o meu jeito espalhafatoso de começar o dia. Não sei dizer o que me tornava daquela forma. Talvez a inocência, excesso de felicidade ou pelo fato de ver a vida com olhos que não me pertencem mais.

Há uma intensidade irracional na adolescência. Tudo é único e excessivamente intenso.

Minha mãe tentava segurar o café na boca enquanto o papai e o meu irmão riam do tio Silas retomando a sua cor natural.

— Ainda vou me acostumar com esse humor matinal. — Abracei meu pai por trás, dei-lhe um beijo nos dois lados do rosto, depois fiz o mesmo com a mamãe, Nick e o meu tio gélido de susto.

— É isso todos as manhãs, há quase dezoito anos. — Minha mãe sorria enquanto falava. — E quando não acontece é por algum motivo grave.

— Sempre que apareço de manhã, ela está com esse sorriso de orelha a orelha. — Meu tio bebericou o café. — Queria um pouco dessa energia durante a matinal. — Colocou a xícara sobre a mesa.

— Esse 220 é de carga infinita — brincou o papai. Seu semblante era tão leve quanto angelical. Havia uma beleza extraordinária nisso. Cabiam tantas virtudes nele que poderia jurar que seu interior fosse infundável.

— Só estou animada. — Despejei suco de laranja no meu copo. Ainda não sabia o quanto o café poderia ser um refúgio. Fazer o quê? Minha vida era fácil demais para precisar ingerir cafeína.

Eu ainda era nível um. A fase de matar o chefão viria depois. E há indícios de que quase morri entre uma jogada e outra.

— Desde que nasceu, no caso — ressaltou minha mãe. — E desejo que continue assim. — Entre uma bebericada e outra no café, ela ajudava meu irmão com as frutas em seu prato.

Talvez você esteja se perguntando o que o meu tio fazia na minha casa em plena manhã de sábado, mas isso era um detalhe minúsculo. Nos dávamos tão bem que vez ou outra, ele aparecia para o café nos finais de semana. Assim como nos almoços de domingo. Eu me sentia tão privilegiada quando observava a mesa rodeada por eles. Mãe, pai, irmão, tio.

Ser parte de algo tão incrível faz com que, de certa forma, você se torne incrível também.

Por mais que lá fora o mundo fosse um tremendo vulcão em erupção, ali nos tornávamos abrigo um do outro. É muito bom quando o lar deixa de ser apenas um teto sobre nossas cabeças.

Papai e tio Silas contavam histórias engraçadas sobre a infância que tiveram. Mamãe e eu ríamos com tamanha peraltice dos dois. Desejava que

Nick e eu fôssemos como eles eram. O laço que tinham ia além do sangue que percorriam nas veias de cada um. Mais do que irmãos, quando eu os observava, via dois melhores amigos, confidentes, cúmplices e alicerces. Ambos construíam suas vidas em cima do que construíram juntos desde que se viram pela primeira vez.

Nossas manhãs juntos eram tão agradáveis que conseguimos nos atrasar por alguns minutos.

As horas se tornam ligeiras quando estamos ocupados sendo felizes.

Colocamos no carro tudo o que precisaríamos. No espaço externo gigantesco que cercava a biblioteca, montamos as tendas alugadas.

De prontidão, com um bico quilométrico e braços cruzados, Cami me fuzilava ao longe. Tudo por dez minutos de atraso. “Atrasos são vidas desperdiçadas.” Frase dela, não minha. Não tinha nada que Camili odiasse mais do que impontualidade.

Faltava uma hora para o início do evento. Meu pai me ajudou a organizar a minha tenda. Fiz questão de deixá-la bem colorida e alegre, pendurando alguns desenhos que fiz na noite anterior, quando cheguei em casa.

Desenrosquei os potes de tinta, deixando a tampa apenas encostada, para facilitar o meu trabalho.

Quando as pessoas começaram a chegar, os trabalhos começaram para valer. Mas estávamos nos divertindo. Isso era o mais importante.

— Será que posso ajudar em alguma coisa? — Era quase espontâneo o fato dos meus lábios se curvarem em um sorriso quando ele se aproximava. Fiz isso durante toda a semana, mesmo que discretamente.

— Oi, Dom. — Alguns fios do seu cabelo caíam sobre os olhos. E aquilo era como alcançar o ponto alto de sua beleza. — Acho que os meninos estão pedindo por uma partida de futebol — sugeri.

— Que coincidência, sou quase um jogador profissional — brincou.

Por alguns minutos rápidos, ele continuou ali, me observando pintar algumas bochechas. E quando achou que tivesse visto o bastante, resolveu pegar a bola que estava guardada em um dos armários da biblioteca e chamou os meninos para o gramado. E enquanto supervisionava os meninos, o vi gargalhar, pular, plantar bananeira e dar algumas cambalhotas também. As crianças o rodeavam. Podíamos ouvir as gargalhadas e vibrações. O sábado estava saindo do jeitinho que esperávamos.

Tinha gratidão e felicidade estampada em cada rosto que passava por mim. As crianças corriam para lá e para cá.

Meu pai, Nick e tio Silas participavam da contação de história com direito às encenações lendárias que só o meu pai sabia fazer. E Nick, claro, embarcava nas loucuras.

Cami ensinava esculturas de argila. Na verdade, tentava ensinar, porque nem ela tinha muita ciência do que fazia. Às vezes, pensava que as crianças estivessem a instruindo. Mas uma coisa era certa: ela estava se divertindo ao extremo com as mãos sujas.

Na minha tenda, as crianças ousavam na imaginação. Era cada pedido criativo de pintura e alguns me faziam sorrir por achar graça. Quando viam seus rostos no espelho, me abraçavam.

Até o final da tarde, tínhamos diversos super-heróis em nosso meio. Nas bochechas, as crianças carregavam seus personagens favoritos. E até mesmo um simples coração virou uma enorme casa de expectativas. Todas cheias de sorrisos extravagantes. No rosto, uma simples pintura, nos olhos, uma tremenda gratidão. Tinha adultos na fila para pintar o rosto também. De longe, minha mãe acenava para mim. Ela havia se oferecido para cuidar das comidas, junto com Lili e tia Helen.

Estávamos espalhados por todos os lugares. Era como se todos ali fôssemos uma grande família. E na verdade, éramos sim. Às vezes me perguntava como um pastor tão jovem conseguia despertar sentimentos como aqueles nas pessoas. Tinha tanta gente. Eram sorrisos para todos os lados. Quando olhava de relance para o meu tio, ele estava radiante. Construiu a biblioteca e comprou livros com o próprio dinheiro. E cada coisa que fazia por aquela igreja só levava a todos terem a certeza do quão amável ele conseguia ser. Sempre pensando no bem do próximo. A benevolência é mesmo a maior virtude que alguém pode ter. E ele era a prova viva disso.

Quando as argilas acabaram, Cami desocupou a tenda que estava e grudou na minha e as crianças pediam para que pintasse o rosto dela. Eu não pensei duas vezes. Os mini adultos escolheram o que eu deveria fazer no rosto de Camili. Eles amaram me ver colorir um céu ensolarado no lado esquerdo de sua bochecha. Falaram que o dia estava lindo e que o rosto de Camili ficaria lindo também se desenhasse o que pediram, em homenagem ao céu azul. E de fato, ficou mesmo bonito.

Quando percebi que o coral começaria a cantar, quase implorei para que Cami ficasse no meu lugar. Eu amava ver minha mãe se apresentar.

— Ok, mas não me culpe se as crianças saírem daqui desapontadas com a arte incrível que sou capaz de fazer. — Deu de ombros.

De certo, Camili não tinha muito dom para desenhos ou pintura. Nunca gostou muito disso. Ela era do tipo prática. Não conseguia nem mesmo ficar parada por muito tempo. E estava morrendo de medo das crianças pedirem pinturas incapazes de serem feitas por ela.

Limpei as mãos sujas de tinta no pano em cima da mesa, corri para o pequeno palco no início do gramado e sentei pelo chão, para observar. Ela era, de certo modo, linda como um anjo. Mas estar ali à minha frente cantando conseguia torná-la quase perfeita. Especialmente nos momentos em que cantava a minha canção favorita.

Cada pedacinho daquela letra me emocionava. De onde estava, percorreu os olhos por todo o gramado e sorriu ao ver que eu estava bem ali.

A primeira estrofe já me emocionava o suficiente para entender a intensidade do que era cantado.

Eu fechei os olhos e deixei que as vozes entrassem em minha cabeça. Balbuciava a letra enquanto a sentia causar efeitos em meu interior. Eu sentia a música assim como apreciava o meu coração bater.

Quando a apresentação acabou, meu tio tomou o microfone e emocionado, agradeceu a todos. Todos que contribuíram para que aquele dia se tornasse real. O carinho que ele recebia em troca dos sacrifícios que fazia o deixava completo. Emocionado, ele passou o microfone para que meu pai fizesse uma oração de gratidão por tudo o que estava acontecendo e todos nós agradecemos ao responsável por aquele dia tão incrível. Deus tinha feito tudo sair perfeito.

O evento já estava quase no fim quando voltei para junto de Camili.

— Por que desenhou maçãs no rosto delas? — Enquanto voltava para a tenda, tudo o que via pintado no rosto das crianças não passava de maçãs um pouco tortas.

— O quê? — Me encarou indignada. — É um coração. — Automaticamente, levei a mão à boca, abafando uma gargalhada impetuosa.

— Você será uma excelente advogada — caçoei, fazendo-a gargalhar também.

O que Cami e eu tínhamos era aquela coisa que costumam chamar de química inexplicável. Não havia motivos que tornasse nossa amizade tão unicamente singular.

Éramos uma espécie de alma gêmea, mas nosso grande amor estava na amizade. E sim, éramos a *metadinha* da laranja uma da outra. Eu tinha a total certeza de que, mesmo que tivesse o mundo em minhas mãos, não a deixaria para trás, porque o meu mundo só era mundo porque a tinha ao meu lado. Pena eu ter deixado isso se perder pelo caminho. Enquanto eu percorria labirintos sem saídas, me esquecia completamente de que ela poderia ser uma estrada segura a qual deveria percorrer para encontrar a direção certa.

Não me orgulho disso. Na verdade, há poucas coisas de que posso me orgulhar. E magoá-la não está na lista.

No final do dia, estávamos todos esgotados, porém felizes. Dom se ofereceu para ajudar a desmontar e limpar tudo. E quando enfim terminamos, nos sentamos no gramado e devoramos as coisas maravilhosas que sobraram. Cami, Dom e eu comemos até sentir a barriga esticar o suficiente a ponto de quase estourar.

Aquela etapa maravilhosa a qual me tirou o sono por longos dias havia chegado ao fim. E a sensação de dever cumprido me fez dormir feito criança naquela noite.



Na segunda-feira, a disputa para ver quem estava mais exausta era acirrada.

Recostei a cabeça no tronco da árvore enquanto esticava minhas pernas sobre a grama.

— Garoto, mandou bem com os meninos no evento — falou minha amiga, encarando Dominic à nossa frente. — Ontem na escola dominical só falavam do tio Dom.

— Eles são uns amores — falou ele

— Estava aqui pensando, já pode ficar com os anjinhos no meu lugar — ironizou minha amiga.

Cami amava estar em contato com as crianças e optava por dar aula todo domingo na EBD.

Ela levava jeito com a coisa, desde que não tivesse que usar dons artísticos, os quais ela alegava não ter. Camili se limitava a duas montanhas, um sol e bonecos estilo palito. E claro, aos corações em formato de maçãs. — O que acha, Anne?

— Juro que não o vejo contando historinhas — respondi sem abrir os olhos.

— O quê? — Ri internamente com o tom de voz frustrado de Dom. — Não deveria me subestimar. — Abri os olhos e os estreitei em sua direção

— Não me leve a mal. — Dei de ombros.

Dominic por sua vez, olhou-me firme, umedeceu os lábios e disse:

— Talvez você tenha inúmeras ideias formadas a meu respeito, mas em todas elas eu posso te surpreender. — Para ser franca, acertou-me como um tiro.

— Ai, ai, ai. — Cami balançou os dedos. — Acho que o senhor surpreendente quis dizer algo com isso. E algo me diz que essa é exatamente a minha deixa. — Se levantou rapidamente e saiu de fininho antes que eu pudesse impedi-la.

Eu continuava sem palavras enquanto os lábios de Dominic moviam-se de um lado a outro, tentando conter um sorriso.

— Às vezes ela consegue ser sinônimo de exagero. — Tentei desviar o assunto.

— Às vezes ela parece ser mais astuta do que você. — Semicerrei os olhos

— Ela é só uma garota empolgada com jogos de palavras.

— E você não gosta?

— Dela? — Revirou os olhos enquanto suspirava.

— Jogos de palavras.

— Nenhum pouquinho. Não gosto de suposições. Lido melhor com clarezas. — Parecia decepcionado. — Não gosto do que parece ser. Gosto do que é e ponto. Sem reticências, sabe? — A quem queria enganar? Eu era reticências até o fio de cabelo desde o dia que o vi pela primeira vez.

— Por isso nunca estive com alguém? Romanticamente falando.

— Por que esse assunto te intriga tanto a ponto de sempre voltar nele?

— Só curiosidade.

— Talvez.

— Pra quem não gosta de suposições, até que as usa bastante. — Afastei do tronco, ajeitando a postura.

— Não que seja da sua conta, mas vou te responder. — Me encarou com os olhos semicerrados. — Nunca estive romanticamente com alguém porque nunca senti vontade de estar.

— Quer dizer que nunca olhou alguém com outros olhos? — Em seguida respondi com a maior mentira de todas.

— Não. — Dom recolheu os ombros, olhando para baixo, como se tivesse perdido algo na grama.

— Esperando um romance digno de um livro? — Tornou a olhar para mim.

— Na verdade, esperando um romance digno de ser vivido e se ele for intenso e avassaladoramente digno de ser descrito nas páginas de um livro, que mal há nisso?

— Por acaso não está esperando um príncipe, não é?

— Não precisa ser um mestre em literatura romântica pra saber que eles não existem.

— Então o que você está esperando, afinal? — Seus olhos estreitavam-se ainda mais, conforme falava. O que Dominic sentia ou pensava, vez ou outra eram, para mim, uma tremenda incógnita.

— Vai fazer diferença na sua vida? — Torci por um sim.

— Quem sabe? — Sua resposta pareceu tão sem importância, como se tratasse de uma coisa sem relevância alguma.

— Espero pela pessoa que não vá embora no primeiro vendaval que surgir. A que, quando o pior momento chegar, vai escolher segurar a minha mão, sem a hipótese de soltar. É por ela que estou esperando. — Ele parecia degustar o efeito das minhas palavras. Esperei alguns curtos segundos por qualquer coisa que pudesse sair de sua boca e quando me dei conta de que não ouviria nada, me levantei, deixando-o sozinho com a resposta que tanto queria ouvir.

Nas horas seguintes, Dom parecia pensativo. Eu tentava a todo custo não virar para trás para vê-lo. Suas atitudes começaram a ser para mim um grande ponto de interrogação. Na maior parte do tempo eu tentava decifrar o que ele queria dizer, ao invés de só ouvir o que ele realmente dizia.

Na hora da saída nós o perdemos de vista e eu fiz questão de não procurar por ele.

— Por que sempre insinua que Dom pode estar sentindo algo a mais do que insiste em dizer? — Caminhávamos pela rua. Era visível as gotículas de suor escorrendo pelo rosto de Cami.

— Porque talvez ele esteja sentindo mais do que consegue dizer. — Ela quase nunca pensava para falar. Tinha respostas estocadas na ponta da língua.

— Não acho isso. — Parou na minha frente, me fazendo parar também.

— Jura? — Rolou os olhos. — Talvez eu filme, assim vai perceber de uma vez por todas o clima que tá rolando.

— Não tem clima nenhum.

— Tão inteligente e tão burrinha algumas vezes. — Voltou a andar. Em passos curtos a seguia.

— Não vejo diferença na forma com que fala com você. Ele me trata da mesma maneira.

— Claro, e quando foi que eu ganhei pães de mel? — Bateu o indicador ao lado da testa. — Ah, claro, no mesmo dia em que dedicou as tardes para me ajudar em algo. — Cami tinha convicção do que falava. — Acorda, vai.

— Nunca falamos sobre nada demais.

— Tem razão, só quase se beijaram quando caiu escada abaixo. — Era tão natural nas respostas que se não a conhecesse, poderia pensar que não havia ironia em nenhuma delas.

Eu estava prestes a argumentar quando ouvimos uma buzina. Um *Range Rover* branco, parou ao nosso lado.

Quando os vidros se abaixaram, lá estava ele, com aquele sorriso atraente.

— Que tal uma carona?

— Ideia perfeita! — Camili não pensou duas vezes.

— Entrem — falou Marta com o sorriso de orelha a orelha.

— Falando na tentação, que tal voltar pra casa ao lado dela? — Camili cochichou para que só eu ouvisse e antes que eu pudesse respondê-la, ela já estava se ajeitando no banco de trás do carro.

— Você não vem? — perguntou ele.

— Claro. — Entrei, acomodando-me ao lado da minha amiga.

Marta partiu rua afora. A falante e alegre mulher nos bombardeava com assuntos aleatórios. Era incrível como ela estava sempre de bom humor. Eu não conhecia o pai de Dom, mas a mãe era uma das melhores pessoas que já vi.

— Anne, querida, vou te deixar em casa.

— De jeito nenhum. Aqui já está perfeito. — Eu odiava dar trabalho às pessoas. O condomínio em que morava ficava a duas quadras antes do meu.

Foi quase um sacrifício convencer a Marta de que eu poderia andar por cinco minutos sozinha.

— Te vejo daqui a pouco, mãe. — Dominic abriu a porta e desceu do carro com o fiel escudeiro, o skate, debaixo do braço. — Vou acompanhá-la. — Vi o sorriso que Marta deu à Cami pelo retrovisor.

— Não precisa, em minutos chego.

— Sim, precisa. — Ele não estava aberto a negociações.

Não tive outra opção a não ser aceitar, então me despedi das duas.

Antes de sair com o carro, buzinou. Acenei sabendo que veria pelo retrovisor.

Dom estufou o peito, elevou o queixo e disse com exatidão:

— Bem, cara dama, a levarei até sua casa. — Entrando na brincadeira, o reverenciei.

— Me sinto lisonjeada, caro cavaleiro. — Lançou-me uma piscadela.

— Quer carona?

— Como assim?

— Carona — respondeu tranquilamente, indicando com o olhar o que carregava debaixo do braço.

Custei a entender, mas quando compreendi o que ele queria dizer, me assustei só com o fato de me imaginar caindo no chão.

— Nem pensar. — Neguei freneticamente com a cabeça.

— Por quê? — Apressou os passos e parou rapidamente à minha frente, me impedindo de continuar a andar. — Garanto que vai gostar.

— Não vou mesmo.

— Já andou de skate alguma vez?

— Nunca. E nem pretendo. Sem andar eu já caí com ele, imagina se subir aí.

— Medrosa — praticamente sibilou.

— O quê?

— Está com medinho. — Passou a língua rapidamente pelos lábios. Foi um ato quase imperceptível. Passaria despercebido se eu não o analisasse estreitamente.

— Na verdade, se chama precaução.

— Só porque nunca fez, não significa que seja ruim.

— Quando olho para isso, me imagino com os joelhos arranhados e cara lanhada.

— Ato e consequência. Já ouviu falar?

— Isso não é cogitável. — Colocou o skate no chão, se abaixou e levantou a perna da calça até o joelho. — O que está fazendo? — Deixou seu joelho à mostra para que eu pudesse ver. — Caramba! — Havia uma cicatriz enorme. Eu chutaria uns quinze pontos ou mais. — O que foi isso? Pulou a cerca tentando pegar a goiaba do vizinho?

— Não. — Abaixou a perna da calça. — Isso é a lembrança do dia mais irado da minha vida. — Loucura ou masoquismo?, eram as únicas coisas que me vinham na cabeça. — Eu estava louco pra pôr em prática uma manobra que tinha visto na TV. — Tornamos a caminhar. — Mas era bem difícil. Eu tentei por dias, ensaiei por bastante tempo, simulei centenas de vezes na minha cabeça, até que um dia quando meu pai me levou na pista de skate, eu resolvi criar coragem e pôr em prática.

— Me tira uma dúvida, na TV não colocaram aquela famosa frase: “não faça isso em casa?” — Deixou escapar um sorriso.

— Eu consegui fazer o que tanto queria. Vi o meu pai vibrar e pular de felicidade. Cheguei ao ápice naquele instante. A sensação era boa demais. — Parecia se deliciar com as lembranças daquele dia. Falava com vivacidade.

— Se conseguiu, então por que a cicatriz?

— Eu não estava nem um pouco devagar quando tentei colocar o pé no chão, pisei de mau jeito, torci o tornozelo e caí batendo o joelho em uma barra de ferro. — O que para ele parecia tão natural, para mim surtia em um cenho franzido.

— Caramba!

— Nem toda cicatriz é ruim. Algumas servem pra te lembrar do quanto você ainda pode ser feliz. — Encarou-me. — Deveria se permitir vivenciar o incomum.

— Tá legal! — bradei. — Eu topo. — Eu sei que disse sem pensar, mas, caramba! Você prestou atenção no discurso dele? Ele sabia ser

persuasivo quando se empenhava.

— Assim que se fala! — vibrou. — Me dá sua mochila. — Ele pôs o nosso meio de transporte no chão e jogou minha mochila em seus ombros. Colocou o pé esquerdo no skate, deixando o direito apoiado no chão e estendeu a mão, para que eu subisse. Coloquei um pé e logo depois o outro. — Relaxa, estamos a poucos centímetros do chão.

— Não vamos cair, não é mesmo?

— Tomara que não. — Eu estava uma pilha de nervos, quando senti a mão dele tocar minha cintura. Fechei os olhos por alguns segundos. Com os lábios quase tocando a minha orelha, perguntou: — Preparada? — Acho que por mais que eu ensaiasse a vida inteira, jamais estaria cem por cento preparada para estar tão próxima a ele daquela forma. Podia sentir sua respiração tocar minha nuca. Era como se ele fizesse cócegas na minha barriga.

Sem tentar encontrar as palavras certas, apenas assenti.

Com o pé que estava sobre o chão, impulsionou e o skate começou a se mover pela rua.

Lembro-me de ter prendido o ar em meus pulmões durante os cinco primeiros segundos, mas assim que comecei a sentir o vento acariciando meu rosto, o soltei.

Era uma sensação diferente de qualquer outra que já tive. Não porque eu estava andando de skate pela rua, mas, talvez, porque estava andando de skate pela rua *com ele*.

Não era o que eu fazia e sim com quem fazia. Era isso que dava toda a singularidade para o que estava acontecendo.

Minutos depois eu já estava extremamente confiante. Abri os braços e senti toda aquela mistura de sentimentos. Era perfeito.

Com o corpo de Dominic quase colado ao meu, sentia em minhas veias o privilégio de ter me permitido fazer aquilo.

Nos movíamos pela rua com alguns olhares estranhos que recebíamos. Dominic parecia pouco ligar para supostos julgamentos e para mim, o que se passava na cabeça das pessoas era a última coisa em que pensava.

Suas mãos esquentavam minha cintura enquanto o vento gelava meu rosto. Minha pele recebia o mais perfeito choque térmico. Eu poderia fazer aquilo de novo e de novo, por todos os dias da minha vida.

Eu ainda estava em êxtase quando paramos em frente ao portão de casa.

Dom desceu e em seguida eu fiz o mesmo.

— Sã eu não sei, mas a salvo, com certeza — ironizou ao ver meu estado. Flutuava sem tirar os pés da terra. — Anne? — Tentava me fazer voltar à realidade. — Acho que o seu eu interior ficou perdido ao longo do caminho. — Gargalhou.

— Foi incrível. — O sorriso largo tomou conta do rosto dele. Não sei achar o adjetivo correto para me denominar, mas uma coisa eu posso afirmar a você: senti raiva de mim mesma por ter ficado tão embasbacada daquela forma.

— Eu disse que não se arrependeria. A sensação é libertadora. — Deu um passo à frente, diminuindo o espaço que havia entre nós. — Vou deixar você andar uma quadra sozinha da próxima vez. — Ele disse “próxima vez”. Eu vou dar três segundos para você imaginar como eu estava internamente. Já imaginou? Eu vou descrever para você. Digamos que a minha alma estava pulando eloquentemente.

— Vou adorar tentar. — Me olhava tão fixamente que os segundos se assemelhavam a horas.

— Bem, eu já vou indo

— Obrigada pela carona. — Ele se inclinou e suavemente colou seus lábios em minha bochecha, deixando um carinhoso beijo em cada lado do meu rosto. Um frio glacial percorreu minha espinha. Ele beijou a minha bochecha e minha nossa! Aquela havia sido a melhor sensação do mundo! Eu estava feliz pelo fato dele não conseguir ouvir o quão descompassadamente o meu coração errava as batidas.

— Tchau. — Sua voz tão suave era quase incapaz de acordar meu inconsciente, que me fazia pensar em como seria se aquele beijo fosse alguns centímetros para o lado e poucos milímetros abaixo.

Quando Dom sumiu rua afora, eu tentei me recompor. Esfreguei as mãos na saia, com a esperança de limpar os vestígios de estarem tão encharcadas de suor.

A casa estava em total silêncio. Não tentei cogitar por onde Lili, minha mãe e meu irmão poderiam estar. Subi os degraus da escada no modo automático.

No quarto, deixei a mochila cair no chão e me joguei de costas sobre a cama. Enquanto encarava o teto, minha mente me teletransportava para o que aconteceu minutos antes. Tive a sensação de sentir as mãos de Dom novamente sobre mim.

Seus lábios macios em minha bochecha me fizeram por longos dias refém da sensação estranha de amar seu toque úmido. Eu, com certeza, não arrancaria aquela sensação de dentro de mim, nem por um milhão de pães de mel.

Nos dias seguintes eu tentava disfarçar o efeito que seu olhar me causava. Era uma mistura intensa de certezas, com várias doses de falta dela.

Colocava na balança toda minha racionalidade, com o fato de eu parecer insana quando estava ao lado dele. Meu coração constantemente me trapaceava. Vez ou outra tinha a impressão de que teria um ataque cardíaco e cairia dura no chão. Não me denomino como uma tola. Eu era apenas uma garota vivendo a novidade de um sentimento que jamais havia sentido.

Repetia para mim mesma que era apenas uma fase, talvez eu estivesse lendo mais livros do que deveria e, por alguma razão, confundia o real com o imaginário.

Quase todas as tardes eu tinha um encontro marcado com um dos meus lugares favoritos: a biblioteca do meu tio. Pegava meu livro favorito, sentava em um dos pufes espalhados pelo ambiente e me perdia naquelas palavras intensas.

— Deixa ver se eu adivinho. — A voz grave me fez interromper a leitura. Seus cabelos desnorteados e olhos incrivelmente belos me aprisionaram por segundos. — Um romance água com açúcar. — Seus lábios contornavam um sorriso, que poderia jurar que carregava um peso sedutor.

— Na verdade, se lesse, diria que não há nada de água com açúcar aqui.

— Vai, chega pra lá — pediu, já se juntando ao meu lado no pufe. — Então me faz mudar de ideia. — Seu tom de voz era convidativo, eu diria.

— Memórias. — Apontei para o título na capa.

— Deve ter um mocinho fofo apaixonado por uma garota sonhadora que deseja viver um amor arrebatador. Acertei?

— De forma alguma. — Levou a mão ao peito, fingindo um desapontamento. — Esse livro fala sobre dois primos que crescem juntos, se apaixonam e por um ato de crueldade, o pai dele o leva para bem longe da garota. — Me encarou com o cenho franzido. — Antes de partir, ele fez uma promessa a ela de que voltaria.

— O quê? Eles são primos? — Nascia um olhar incrédulo em seu rosto

— Ele é adotado. E sempre soube disso. — Respirou aliviado. — Quando eles já estão adultos e com as vidas feitas, ele decide voltar para tentar recuperar o amor de infância.

— Não vai me dizer que ela ficou esperando por ele.

— Na verdade, ela virou uma mulher decidida o suficiente para não parar sua vida à espera de um cara.

— Uau!

— O problema todo é que se amavam demais. No fundo ela só estava desapontada por ele ter demorado tanto a cumprir a promessa que fez. — Recostou a cabeça na parede. — Gosto como a autora descreveu o amor dos dois. Intenso, profundo e quase inabalável.

— Eles ficam juntos no final?

— Na verdade, há muito mais do que só um romance. O livro retrata segredos de família que sequer conseguimos imaginar, uma morte, um amor avassalador, o poder do perdão e principalmente sobre como não podemos perder a fé.

— Tudo bem. — Umedeceu os lábios, encarando-me surpreso. — Me convenceu de que pode haver histórias boas.

— Viu? Eu disse.

— Mas me diz, eles ficam ou não, juntos no final? — Dom parecia curioso.

— Segredo de estado. — Fechei o livro.

— O quê? Como assim?

— Vai ter que ler pra saber. — Dei de ombros.

Indignado, balançava a cabeça de um lado para o outro.

— Não é justo.

— Recompensa por falar tão mal do meu gosto literário.

— Vai ter volta. — Deixei que um riso convencido estampasse meu rosto.

O silêncio tomou conta do ambiente por alguns segundos.

— É o seu favorito?

— Sem sombra de dúvida

— Então talvez valha a pena ser lido. — Seus olhos castanhos pareciam perfurar os meus. Aquele olhar falava tanta coisa que o silêncio decidia esconder para si.

Estar perto dele me alegrava na mesma proporção que me assustava. Era uma eterna dúvida entre o que era e o que apenas parecia ser.

— Mas a pergunta que não quer calar é: o que veio fazer aqui? — Dom arregalou os olhos, trincou o maxilar e quando decidiu falar, gaguejou sem parar.

— É... Eu só... — Buscava um vocabulário que fizesse sentido. — Na verdade, eu só...

— Eu só? — Respirou fundo.

— Eu só queria ver como nosso trabalho ficou bom. — Apontou ao redor. — Um ótimo trabalho, por sinal. — Assenti vagarosamente. — Cami falou que você estava aqui, então eu pensei: por que não dar uma conferida no trabalho árduo que tivemos?

— Entendi. — Na verdade, aquela explicação passou longe de ser compreendida. Eu apenas fingi que sua desculpa era plausível o suficiente e não indaguei mais.

Ao longo da semana, sempre que estava entretida o suficiente por algum canto da biblioteca, Dom aparecia de mansinho, como alguém que não deixa transparecer o motivo de ter passado a amar bibliotecas. Eu não questionava simplesmente por amar o fato de ter sua companhia todas as tardes.

No final do mês, eu tinha um total de quatro leituras inacabadas. No mês seguinte, eu tinha dúvidas se ia à biblioteca pelos livros ou pelo fato de que o encontraria por lá. No semestre seguinte eu carregava a certeza de que, as tardes eram os melhores momentos do dia.



Dez

O Amor é um Artista

Os meses corriam freneticamente, como alguém que rouba o máximo de tempo para si.

Nick aprendia palavras novas, mamãe dedicava sua vida ao coral e à nossa família, enquanto o papai contava histórias que marcariam uma geração inteira. Quando olhava ao meu redor, tinha a certeza de que em nenhum outro lugar do mundo existia felicidade maior do que aquela que se abrigava em nós.

Todas as noites fazíamos planos para a minha tão sonhada festa de dezoito anos. Por mais que estivéssemos em julho, tínhamos a convicção de que setembro chegaria a cavalo.

A biblioteca ficava cada dia mais cheia. Os olhos do meu tio brilhavam sempre que a via transbordando pessoas. A alegria dele era, de certa forma, um convite para a minha. Não há nada melhor do que testemunhar a felicidade de quem tanto amamos.

Cami continuava autêntica como de costume. A cada dia que passava segurava ainda menos a língua dentro da boca.

Dominic aparecia constantemente na biblioteca. Por mais que o visse folhear alguns livros, tinha a certeza de que ele sequer os lia. Na maior parte do tempo, sentava ao meu lado e puxava assuntos sem lógica e sentido. Mas sem sombra de dúvida eu gostava daquilo. Gostava de tê-lo por perto, mesmo que fosse para desperdiçar palavras bobas.

Quando pisei sala adentro, senti seus olhos medindo-me. Sorri discretamente como uma forma de cumprimento.

Cami havia pegado uma gripe daquelas. Não tinha alternativa a não ser sentar sozinha.

Tudo o que eu desejava era que minha fiel escudeira se recuperasse ligeiramente. Não queria cogitar a ideia de não tê-la ao meu lado no acampamento de férias.

— Oi. — Elevei o olhar, já sabendo de quem se tratava.

— Oi. — Colocou a mochila na carteira ao meu lado e se sentou. — Sei que sua companheira é insubstituível, mas me dá a honra da sua companhia, senhorita? — Dom tinha olhos instigantes. Eu já estava em um nível elevado em que não conseguia dizer não de maneira tão fácil.

— Claro. — Por mais que Camili insistisse em dizer que havia algo diferente em nossa relação, eu preferia continuar alegando que aquilo era apenas uma amizade fluindo. E sim, era uma amizade em potencial, mas junto dela vinham outros inúmeros sentimentos que brincavam de ser constantes e intensos.

Às terças eram, sem dúvida, o melhor dia de aula, dado ao fato de que o primeiro horário era artes, nem preciso definir todos os porquês.

Quando o professor entrou na sala, fez seu discurso de sempre, sobre nunca perdermos a vontade de nos expressar artisticamente. Alguns reviravam os olhos, outros como eu se encantavam. Achava incrível o fato dele se importar em nos inspirar a algo. Para grande parte da sociedade, a arte é vista como um passo para o fracasso. Ainda escutamos discursos como: artista são meros desocupados e mortos de fome. Isso me faz querer vomitar. Se as pessoas soubessem o poder que a arte tem, seriam muito mais livres e felizes.

Ele explicou a atividade que, na verdade, seria a avaliação do bimestre. Faltava tão pouco para as férias escolares e ele não queria uma mera avaliação mecânica que nos fazia decorar. Ele queria a liberdade de expressão como o foco principal. Não julgo. Faria exatamente o mesmo se algum dia fizesse parte do corpo docente de qualquer instituição de ensino.

A parte cruel de tudo foi ouvir que não poderia incluir Cami naquilo. Os faltantes deveriam formar duplas entre si. Certeza que ela odiaria saber disso.

— Bem, acho que dado ao restante da turma, você poderia me escolher. — Aquilo soou como um pedido. Seria ingenuidade da parte dele achar que preferiria qualquer outra pessoa além dele.

— É, pode ser. — Seu sorriso era, com total convicção, o melhor que já vi. Vai por mim, você também acharia isso se pudesse ver como eu o via.

Nas horas que seguiram, fazíamos planos para a nossa tão temida avaliação de artes. Na verdade, temida por ele, porque por mim estava sob controle.

— Bem, já que você vai até minha casa, por que não aceita aquele pedido velho da minha mãe e almoça com a gente? — Com um semblante de menino pidão, seus olhos imploravam por um sim.

Combinamos de fazer as pinturas na casa dele, então não via motivos para não unir o útil ao agradável.

— Tudo bem. — Vibrou de mansinho e quase discretamente, mas seus olhos entregavam tudo. Tinha uma leve impressão de que Dominic nutria sentimentos tão crescentes quanto os meus.

Em casa, tomei um banho rápido e na bolsa coloquei tintas e pincéis o suficiente para um trabalho bem elaborado. Dom ficou de passar na papelaria para comprar os papéis que pedi.

Com a mochila nas costas, desci a escada correndo.

— É impressão minha ou toda essa empolgação não é apenas pela felicidade de sujar papéis com tintas? — Minha mãe tinha olhos indagadores, impossíveis de serem ignorados.

— Só estou feliz. Não há um motivo aparente pra isso. — Arqueou a sobrancelha.

— Você pode enganar a si mesma, mas sabe que não a mim, não é? — Eu não tinha objetivos de enganar nenhuma de nós. Eu só achava tudo aquilo novo demais.

— Dom é apenas um amigo.

— Amigos que quase se beijam na biblioteca?

— Ah... Não! Você acabou de me lembrar do mico da minha vida.

— Relaxa. — Sua voz era suave. Minha mãe sempre teve muita cautela para falar e até mesmo quando estava nervosa ou irritada ela mantinha o tom sereno.

Eu amava ouvi-la cantar, eu amava ouvi-la falar. Se eu soubesse que em pouquíssimo tempo não a ouviria mais, teria gravado nossas melhores conversas. — Eu aposto que não é o seu tombo que o faz pensar em você.

— Como assim? — Tentei imaginar Dom pensando em mim e confesso que essa ideia me agradou de tal maneira que me fez deixar escapar um sorriso.

— Se visse a cena que eu vi, teria certeza de que o que sentem vai além de uma amizade de colegial. — Ela analisava todos os detalhes das minhas expressões. — Gosta dele, não é? — Me joguei no sofá.

— Eu não sei o que sinto.

— Tem certeza?

— É tão confuso. Sempre tive domínio de todos os meus sentimentos. Nunca tive o que as garotas da minha idade chamam de paixãoite. — Eu estava sendo sincera. Eu estava experimentando sentimentos novos. — Quando o vi pela primeira vez, eu não sabia decifrar o porquê do meu coração ter batido tão rápido. Nos dias seguintes poderia jurar que estava com problemas cardíacos. — Deixou escapar um sorriso singelo. — Era tão diferente de tudo o que já senti. No começo, só ele tinha a capacidade súbita de me irritar. E fazia aquilo perfeitamente bem — suspirei ao recostar no sofá. — Ainda tenho que controlar a forma com que meu coração se apressa em bater toda vez que estou perto dele — assumi. — Tento disfarçar ao máximo pra que ele não veja a forma com que minhas mãos suam quando ele sorri. Quando ele me olha, mesmo que por um breve momento, é como se meu estômago virasse do avesso. — Ela sentou ao meu lado e segurou minha mão.

— Você está apaixonada. — Eu nunca tinha me permitido dizer aquilo.

— Não tenho certeza disso.

— Filha, paixões nunca foram feitas de certeza. Ela é justamente a junção de todo o oposto disso. Por que não diz a ele o que sente? — Balancei rapidamente a cabeça em sinal negativo.

— Não sou tão corajosa quanto você.

— Sabe, ninguém é corajoso o suficiente, mesmo que pareça ser. Bem lá no fundo, todo mundo treme de medo às vezes. — Segurou firme a minha mão. Caramba! Por que um simples toque de mãe é tão gostoso? Era como estar em casa mesmo estando em qualquer lugar. Ela era o meu lar. Eu me sentia segura tendo seus braços como abrigo.

— Eu queria saber agir como você.

— Ninguém nasce sabendo como agir nos momentos mais inusitados. É a vida que nos ensina isso. As vivências, os medos, a fragilidade. Os momentos bons e também ruins. Todos contribuem para o nosso crescimento, filha. As pessoas mais sábias não são as isentas de erros e sim aquelas que erram e tiram lição de tudo o que a vida tem a ensinar. — Sorri acanhadamente

— Vou anotar isso na minha agenda. — Me puxou para um abraço apertado.

— Apenas seja você, mesmo com todos os medos e inseguranças do mundo nas costas. Não dê tanto poder ao que pode te paralisar.



Durante o almoço, Marta fez questão de reforçar o fato de achar meu sorriso singular. Seus elogios nunca me constrangiam, pelo contrário, me faziam bem. Dominic sempre ressaltou o fato de achar minha mãe incrível, mas a dele não ficava para trás. Ela era doce e gentil. Seu jeito acelerado no falar me divertia.

Quando terminamos, ela fez questão de me dizer o quão a vontade eu deveria ficar. E que a casa estava à minha disposição. Perdi a conta de quantas vezes a agradei.

— Onde prefere fazer a obra de arte?

— Como assim? — Por um segundo esqueci de que estava ali por um motivo específico.

— O trabalho. — Levei a mão à testa.

— Claro! — Sorriu de canto. — Pode ser no jardim.

— Ok. — Dom pegou as folhas enquanto eu peguei a mochila sobre o sofá.

No jardim, tirei os coturnos.

— Ei, é inverno. — Uma ruga de expressão dividia sua testa.

— Gosto de sentir a grama. Aconselho a fazer o mesmo. — Levantou as mãos, desarmando-se de qualquer opinião contrária e logo ficou descalço também.

— Melhor assim?

— Bem melhor. — Com as folhas sobre a grama, sentamos ao seu redor. — Então, o que pensa em fazer? — Balançou depressa a cabeça

— Não faço a mínima ideia. A artista aqui é você. — Me ajeitei na grama.

— Dom, a arte é muito mais sobre o que sentimos do que sobre o que conseguimos fazer.

— Você faz isso parecer tão fácil.

— Não deveria ser tão difícil pôr pra fora o que você sente. — Tirei os pincéis da mochila e coloquei na grama. — O que sente nesse momento? O que está pensando ou coisa do tipo. — Semicerrou os olhos. A forma com que me olhava, me alarmava para algo

— Acho melhor não dizer. — Sua franqueza fez minha respiração acelerar.

Uma parte de mim tentava se controlar para não perguntar porque razão não deveria manter aquilo em silêncio e outra parte tinha medo de saber.

Engoli em seco.

— Por favor, me diz que dentro de você não mora um serial killer. — Tentei desconstrair minha própria tensão. Dom abaixou o rosto e esboçou um sorriso ao encarar a grama. — Ok. Vou tentar de novo.

Pensei em um jeito melhor de ajudá-lo a se inspirar.

— Devemos criar um quadro com tintas, recortes, gravuras ou qualquer coisa que seja, desde que represente uma ponte do que nos liga à felicidade. Devemos encontrar um equilíbrio sobre a minha ponte e a sua e então transformá-la em algo que valha a pena mostrar a um professor curioso e uma turma que pouco se importa.

— A forma com que fala faz tudo parecer simples.

— Talvez não seja tão complicado assim. — Me arrastei na grama até ficar perto o suficiente dele. — Fecha os olhos.

— O quê? Pra quê? — contestou curioso

— É só fechar os olhos, vai. — Àquela altura, eu já estava quase colada a ele. — Por favor — pedi gentilmente.

Ele analisou bem minhas feições e então fechou os olhos.

— O que eu faço agora? — Não vou mentir, aproveitei o fato dele não estar me vendo para admirá-lo um pouquinho.

— Pensa em um momento que te faz sorrir só de lembrar. — Vi seus lábios se moverem devagar, formando um sorriso espontâneo. — Viu? Sempre tem algo que nos faz feliz. Só precisa encontrar o que é. — Dominic abriu os olhos, encarando-me quase ardentemente.

— Eu nunca disse que não sabia. — Seus olhos estavam tão vidrados nos meus que sequer piscavam. — Anne, eu... — hesitou.

— Você? — Eu detestava o fato de ouvir frases intermináveis. Odiava ficar na dúvida de tentar imaginar ou supor o que poderia ser dito.

Ele forçou sua cabeça a balançar e piscou freneticamente, como se tentasse se conectar de volta aos pensamentos que por segundos pareceu ter perdido o domínio.

— Nada. — Sua voz saiu tão baixa, como se forçasse a dizer apenas aquilo. Soou tão vazio.

Confesso que senti um pequeno desapontamento. Dom conseguia me deixar confusa.

Me afastei, voltando para a minha posição de início. — Skate. — Raspou a garganta. — Andar de skate me deixa feliz.

— Foi nisso que pensou quando fechou os olhos? — Eu era tão invasiva às vezes.

— Claro. — Engoliu em seco — O que mais seria? — Me senti uma tremenda tola por ter imaginado, mesmo que em uma fração de segundos, que ele poderia ter pensado em mim. — E o que a deixa feliz?

— Minha família. — Não hesitei na resposta.

— Perfeito, agora como a gente junta tudo isso?

— Acho que, na verdade, a resposta certa não seja skate e sim a sensação que você tem quando anda nele. Então é uma sensação que te faz feliz e não uma coisa. — Ele tentava acompanhar meu raciocínio. — Só precisa pôr isso pra fora. — Abri os potes de tintas que tirei da mochila e entreguei um pincel a ele. — Seja ousado. — Ele pegou o pincel de mim e por alguns segundos me analisou.

— Ok. — Mergulhou o pincel na tinta laranja e o apontou para a folha enorme à nossa frente.

Quando finalmente pensei que ele mancharia a brancura da folha, ele recuou e pincelou o meu rosto, deixando-me boquiaberta.

— Ei! — A tinta gelava o meu rosto e enquanto eu tentava entender o que ele tinha feito, via-o gargalhar com a mão na barriga.

— Foi você que pediu. — Quase não consegui entender o que disse. Sua gargalhada praticamente modificava as palavras.

Peguei outro pincel e fiz o mesmo, deixando uma longa linha em sua bochecha.

— Quites? — Sua cabeça balançava rapidamente, respondendo-me com um não.

Ele pegou o pote de tinta e o virou em mim, manchando também a folha que até poucos segundos estava ilesa.

— Dominic! — bradei, já pegando outra tinta e arremessando-a nele, que levantou rapidamente.

Um simples trabalho virou uma guerra infundável com tintas. Eu corri todo o jardim tentando derramar nele o pouco que restava nos potes. Meus pés deslizavam sobre a grama. Eu havia levado inúmeros escorregões, até que no último foi impossível recuperar o equilíbrio. Ao ver que cairia, o puxei pela barra da blusa, fazendo com que também perdesse o equilíbrio. No chão, o seu corpo apertava-me contra a grama. As gargalhadas eram incontroláveis. Me senti uma verdadeira criança no auge da sua peraltice.

Quando cessamos as gargalhadas e o silêncio resolveu se fazer presente, senti minha boca tão seca quanto um deserto. Seus olhos pareciam atrair os meus, feito um ímã. Por mais que eu tentasse desviar, não conseguia. Sua boca estava tão próxima, quase se tornando uma só com a minha. Sentia seu peito subir e descer com destreza. Naquele instante, me dei conta de que, não importasse quantas vezes eu me forcesse a negar, eu estava apaixonada por ele. Antes era tudo desconhecido, eu não sabia direito, eram hipóteses apenas. Eu lidava com achismos como “o que será que eu estou sentindo?”. Mas naquele instante tudo pareceu óbvio demais. Foi ali que ele deixou de ser uma mera suposição para se tornar a maior certeza da minha vida.

Eu estava pronta para beijá-lo e alguma coisa dentro de mim poderia jurar que ele também queria fazer aquilo. Seus olhos precisos me diziam que ele queria aquele beijo tanto quanto eu. Pelo menos até eu vê-lo pressionar os lábios e arrastar o corpo para deitar ao meu lado.

A decepção me fez fechar os olhos. Eu tinha acabado de me dar conta do quanto estava sendo ingênua todo aquele tempo. Era óbvio que ele não

sentia metade de tudo o que eu comecei a sentir. Tinha sido tudo mera imaginação da minha cabecinha fértil.

Pressionei os olhos por curtos segundos.

— Acho que por hoje já chega — falei, me levantando. — Sem querer criamos uma perfeita arte desastrosa.

— Do que está falando? — Levantou em um pulo. Apenas aponte para a folha. — Ah sim. — Mordeu o lábio inferior. — Anne... — Deu um passo à minha frente, me fazendo recuar.

— Amanhã continuamos. — Peguei a mochila do chão. — Diz à sua mãe que sinto muito pela nova cor do gramado. — Pendurei a mochila nas costas e saí sem dizer nada mais.

Pela rua, minha mente discutia com os meus sentimentos imaturos. Meu rosto ardia de vergonha. Como eu pude pensar que ele me beijaria?

Eu pouco ligava para o meu estado físico desastroso, porque por mais que estivesse andando coberta de tinta, o meu interior estava muito pior do que as partes que as pessoas conseguiam ver de mim. Eu finalmente descubro que estou apaixonada, justamente no mesmo dia em que me dou conta de não estar sendo correspondida. Era o meu primeiro coração partido e estava causando um estrago e tanto.

Eu entrei em casa sorrateiramente, não queria que ninguém me visse naquela versão mais ridícula que fiz de mim.

No dia anterior, eu pensei várias vezes se enfrentaria Dom na escola ou se simplesmente fingia ter tido uma dor de barriga só para cabular a aula. Até eu perceber o quanto aquilo era ridículo.

Eu nunca tinha sido uma tola apaixonada, não passaria a ser logo naquele instante.

Fui a última a entrar na sala. Cheguei atrasada por culpa da minha indecisão de ir ou não.

Dom estava no fundo, encarando-me. Eu preferi fingir que não estava vendo-o ali.

— Até que enfim. Pensei que não viria. — Me ajeitei na carteira. — Ele perguntou por você. Parecia preocupado. — Virei para pendurar a mochila na cadeira. Eu deveria manter o distanciamento visual. Mas a doida aqui resolveu olhá-lo. Não foi boa coisa. Só me fez estremecer com a forma com que ele sorriu para mim. Aquele sorriso de canto tinha a capacidade de me fazer viajar. Tentei ser firme. Balbuciei um oi, frio e seco e tornei a virar para frente.

Por mais que eu me obrigasse a raciocinar os assuntos e matérias dadas pelos professores, o meu cérebro se negava a pensar em outra coisa que não fosse o episódio do dia anterior.

No intervalo, eu fazia o que mais gostava, encostava no tronco da minha árvore de sempre enquanto Cami me distraía. O assunto da vez era a visita do seu primo mais velho, o Heitor.

— Ele não fala outra coisa além de rever você — alertou

— Ele quem? — A voz de Dom me fez abrir os olhos.

Sem pedir licença, sentou na grama de frente para nós. A lei de Murphy é mesmo real. Tudo que puder dar errado, realmente dará. Eu só queria não ter que estar tão próxima a ele e adivinha? Ele se faz presente.

— Meu primo Heitor que, por sinal, é bem gamadinho na Anne.

— O quê? — Me pareceu brusco. — Como assim “gamado na Anne”? — Uma ruga se formou em sua testa.

— Gamado, ué! Não sabe o que significa? — Cami irônica ataca novamente.

— É claro que eu sei o que significa. — Gesticulava de um jeito diferente, parecia incomodado.

— Isso é coisa da cabeça dela — falei, dando de ombros. — Se o vi umas quatro vezes foi muito.

— O suficiente pra ele ter ficado com os quatro pneus arriados e o estepe furado. — Deixei escapar uma risada. Na maioria das vezes, ela fazia tudo parecer cômico, mesmo sem ser.

— Ok, talvez ele seja um garoto apaixonado — supôs Dom

— Ele não é um garoto. Tem vinte anos. Vai entrar de férias da faculdade de Direito. Chega semana que vem.

— Tanto faz. — Deu de ombros

— Ele já alertou que vai te convidar pra um passeio. — Apontou para mim. — É Anne pra cá, Anne pra lá — falou com desdém, debochando do próprio primo.

— E provavelmente ela deve ler muito sobre isso. — O tom de voz de Dom era seco.

— Como assim? — Me forçava a entender o que ele queria dizer.

— Com certeza em algum daqueles livros bobos que lê deve ter uma garota apaixonada por um carinha mais velho da faculdade. — Seu jeito ríspido deixou Camili confusa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Às vezes sim — falei naturalmente.

— Quer saber? Isso não me interessa. — Levantou depressa. — Só vim perguntar se posso esperar por você as quatorze horas, na minha casa. — Mordido o lábio inferior.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Saiu marchando às pressas.

— O que deu nele? — Cami unia as sobrancelhas sem acreditar no que viu e ouviu.

— Não faço ideia. — Eu já estava entrando em colapso tentando decifrar as entrelinhas do que ele dizia.

Quando cheguei à casa de Dom, ele já estava com folhas e tintas, me esperando no jardim. Seu semblante de poucos amigos chamou minha atenção.

— Deixa eu adivinhar: comeu um ovo estragado? — zombei.

— *Ha-ha-ha*, muito engraçado. — Sentei no gramado, tirando os pincéis da mochila.

Dom permaneceu em silêncio enquanto eu rabiscava alguma coisa que parecia sem sentido. Comecei definindo o céu e depois um arco-íris. Coloquei pessoas ao longe e um skate em primeiro plano. Fiz uma pequena junção do que mais nos definia. O Céu representava a nossa fé, o arco-íris era o que a arte significava para mim. As pessoas mostravam que éramos pessoas felizes por compartilhar momentos com quem mais amávamos e o skate era o que dava liberdade a ele. Comecei a dar vida ao nosso trabalho enquanto ele apenas me observava.

Quando começamos a pintar, eu já estava entediada com aquele mar de silêncio que nos envolvia.

— Então ele é mesmo afim de você? — falou depois de muitas horas tentando se conter

— Ele quem? — Juro que não estava sendo nada sonsa. Eu realmente tinha esquecido a conversa no intervalo

— Como quem? O carinho da faculdade. — Estreitou o olhar em minha direção. — Primo da Cami.

— Ah, o Heitor.

— Sim, o caro Heitor. — Aquilo soou debochado demais.

— Bem, é o que ela diz. — Eu não dava tanta importância àquilo, então continuei a pintar.

— E você? — Afastei o pincel do papel. — Ele responde às suas altas expectativas tiradas de livros? — Respirei fundo e o encarei.

— Por que sempre traz isso à tona? Por que o fato de eu ter expectativas te incomoda tanto? — Me observava com o maxilar trincado. — Por que sempre menciona isso?

— Curiosidade.

— Eu não me imagino em um relacionamento como os dos livros. Minhas expectativas são altas porque eu me imagino em um relacionamento como o dos meus pais. — Eu nunca tinha dito aquilo antes. — A forma com que meu pai trata a minha mãe me faz ver que não tenho que aceitar qualquer coisa só pra não estar sozinha. — Seus olhos atentos e minuciosos me observavam. — Meu pai me diz todos os dias que eu mereço alguém que me ame de verdade. A forma com que ele demonstra isso é até mesmo no jeito com que me repreende quando eu faço algo que não o agrada. Então não! Eu não sou a ingênua que sonha viver um romance literário. Eu sou uma pessoa que sabe como o amor de verdade deve ser. — Parei para recuperar o fôlego. Não deveria ter falado tão rápido. — Eu amo as histórias dos livros, sim. E não tem nada de errado nisso. Não faça com que eu me sinta anormal por não me submeter a estar com qualquer pessoa — alertei por fim.

— Tudo bem. — Balançou levemente a cabeça. — Não vou mais tocar nesse assunto

— Ótimo! — Eu realmente esperava que tal assunto ficasse esquecido.

Assim que terminamos o trabalho, eu voltei para minha casa. Dominic estava estranho e na maior parte do tempo parecia tentar filtrar o que falava. Eu detesto pisar em ovos, então optei por ficar mais tempo em silêncio.

Quando apresentamos o trabalho na semana seguinte, comemoramos o fato de estarmos de férias e o melhor de tudo, sem termos ficado de recuperação em nenhuma matéria.

Na volta para casa, Cami, Dom e eu não conseguíamos conter o fato de estarmos felizes pelo recesso de quinze dias.

— Café da tarde lá em casa, com muita coisa gostosa — alertou Camili, fazendo aquela dancinha hilária que só ela sabia fazer.

— Super dentro! — Eu não rejeitaria de forma alguma.

— Eu não sei, minha mãe quer que eu vá com ela na casa da minha avó. — Senti um leve desapontamento. É claro que eu queria que ele fosse.

— Que pena. — Cami também parecia desapontada. — Pensei que finalmente te apresentaria meu primo, Heitor. Ele vai chegar de viagem

daqui a pouco.

— Ah, é verdade. — Eu tinha esquecido completamente.

Dom parou no meio da calçada.

— O quê? Aquele seu primo que é afim dela? — Apontou para mim.

— Esse mesmo. Que, por sinal, já me mandou três mensagens perguntando qual é o chocolate favorito da nossa amiga.

— Não conheço, mas já acho desnecessário. — O semblante descontraído de Dom deu lugar a uma cara amarrada que víamos muito dificilmente.

— Foi fácil demais responder essa pergunta. — Sua risadinha maquiavélica me fez supor do que estava se referindo.

— Pães de mel — Dom e eu falamos no mesmo instante.

O fato de ter alguém preocupado com o que eu gostava ou não fez com que eu me sentisse especial.

— Se ela quiser pão de mel é só falar, eu compro, tá legal? Não precisa um mauricinho trazer isso de onde Judas perdeu a bota.

— Tá com ciúme? — Camili era mais franca do que eu conseguia prever.

— Não! — Olha eu ficando desapontada de novo. — Por que eu sentiria ciúmes?

— Podem parar com isso. Eu estou bem aqui! — O fato de falarem sobre mim como se eu estivesse ausente me deixava tonta de raiva. — Se eu quiser pão de mel, eu compro ou faço — deixei claro.

— Foi o que eu quis dizer — falou ele. — E quer saber? Pode esperar por mim, porque estarei lá. Agora se me dão licença, preciso apressar os passos. — Colocou no chão o skate que levava debaixo dos braços, subiu nele e sem que Cami e eu pudéssemos dizer qualquer coisa, ele já havia sumido de vista.

— É, ele está gamado em você.

— Não viaja, vai. — Revirei os olhos, voltando a caminhar.

— E digo mais: estou louca pra ver esse triângulo de perto. — Ela costumava dizer que seu sexto sentido não falhava por nada. Já eu achava aquilo tudo confuso.

Quando deu a hora combinada, corri para a casa dela. Dom havia acabado de apertar a campainha.

— Decidiu deixar sua mãe ir sozinha?

— Não poderia perder a oportunidade de conhecer o famoso Heitor. — Senti uma leve ironia enquanto pronunciava o nome do primo de Camili. Seus olhos mediam-me de cima a baixo. — E decidiu vir tão bonita assim por causa dele?

— Se foi um elogio, obrigada. Mas não, não estou tentando impressionar ninguém. — Tia Helen nos recebeu com aquela felicidade contagiante e nos conduziu até o jardim, onde tinha uma mesa posta com coisas lindas e aparentemente deliciosas.

Havia pufes espalhados pelo gramado, um hábito que Cami tinha sempre que recebia alguém em sua casa. Eu particularmente amava aquilo.

Assim que nos viu se aproximar, ela cutucou o rapaz ao seu lado com o cotovelo. Um sorriso largo nasceu nos lábios dele assim que seus olhos se cruzaram aos meus. Rapidamente se colocou de pé junto com Cami.

— Heitor, esse é Dom, um amigo. — Heitor esticou a mão para cumprimentá-lo. — Dom, esse é o meu primo. — Dom analisava cada centímetro do rapaz à sua frente que, para ser sincera, tinha uma beleza extremamente chamativa. Sua pele tão alva e olhos tão azuis pareciam dois oceanos. Os fios loiros penteados para trás davam-lhe um ar de *playboy*.

Percebi certa rigidez nos dedos de Dominic ao cumprimentar Heitor.

— E essa é...

— Impossível esquecer. — Segurou a minha mão, levando-a até seus lábios. Beijou gentilmente e, ainda sem me soltar, diminuiu a distância que havia entre nós. — É sempre um prazer revê-la. — Sorriu, deixando os dentes à mostra.

— Bem, gente, vamos sentar. Sem formalidades, por favor. — Camili detestava enrolações.

Me sentei em um pufe, Dom se aproximou para sentar ao que estava ao meu lado, mas o loiro alto foi mais ligeiro. Cami bateu no pufe à sua direita, indicando o lugar a Dom.

— Bem, Heitor, o que fez de tão incrível nos últimos dias? — Tentei puxar assunto.

— Além de pensar em você? — Dominic me encarava incrédulo. Não o culpo, era uma baita cena patética.

— Menos. Não é mesmo, primo? — Cami tentava disfarçar a vergonha alheia. — Conta sobre a faculdade, as pretendentes. Qualquer

coisa. Nos prepare para o ano que vem. — Às vezes esquecia completamente que a faculdade seria meses à frente.

— É, conta um pouco da sua experiência. — Não precisava ser muito astuto para perceber o tom de ironia embargar a voz de Dom.

— Bem, o primeiro período vai sugar vocês, a ponto de se perguntarem se fizeram a escolha certa — falava com naturalidade. — O começo é sempre o mais aterrorizante. Depois você se sente sugado, mas aprende a lidar com isso.

— Meu pai costuma falar isso — disse Dominic.

— O que ele faz?

— É médico.

— É uma das profissões que mais admiro. — Depois de ter olhado brevemente para Dom, voltou a me encarar. — E você, princesa, o que pretende fazer? — De soslaio, vi Cami prender o riso e Dom pressionar os lábios.

— Só Anne, por favor. — Eu detestava apelidos. Não tinha nada de fofo naquilo. Ele assentiu, decepcionado. — Publicidade.

— Ótima escolha. Tenho vários conhecidos nesse ramo. Se quiser posso apresentá-los a você.

— Não precisa se incomodar. — O fato dele ignorar os outros começava a me incomodar. Era como se estivéssemos a sós. Não tinha nada de divertido naquilo, era constrangedor. — Bem, como se sente em saber que Cami quer seguir seus passos? — Tentei desviar a atenção.

— Já dei alguns bons conselhos a ela. Acho que não poderia ter feito escolha melhor. É astuta, ágil, tem respostas na ponta da língua. — Respirou fundo. — Vai se sair muito bem.

— E você, Dom, o que quer fazer? — perguntei

— Medicina. — Seus olhos não desgrudavam de Heitor.

— Fantástico — falou Heitor, mas parecendo que havia saído da boca para fora.

A forma com que Heitor me olhava e a incredulidade estampada no rosto de Dom me causavam certo desconforto.

— Por que não comem alguma coisa? — A fala de Camili era a perfeita deixa.

— Boa ideia. — Levantei sem pensar duas vezes.

Enquanto rodeávamos a mesa farta, o celular de Heitor tocou, fazendo-o se ausentar para atender a chamada.

— Tinha razão, Camili. Seu primo tem muito mais do que quatro pneus arriados pela Anne. — Parecia um levantamento comum, mas dentro de mim, surtiu como um leve incômodo.

Bem lá no fundo, eu já estava achando tudo ridículo.

— O que tem contra? — Minha indagação pareceu mais desafiadora do que eu queria.

— Nada. — Camili apenas nos observava. — Acho até que formariam um belo casal. — As garotas são tão ingênuas às vezes. Queria que ele tivesse dito qualquer outra coisa. Mas a forma com que falou, me fazia entender que pouco se importava.

Senti meu rosto arder de raiva

— Quer saber, vou ao banheiro. — Sem pensar duas vezes, virei as costas e saí marchando para dentro da casa de Cami. Tremia de raiva.

Não pareça uma idiota, dizia a mim mesma enquanto entrava pela porta dos fundos. Era óbvio que eu não tinha intenção alguma de chegar ao banheiro. Eu só queria sair do campo de visão dele.

— Garotos são idiotas. — Chutei a parede e me debrucei sobre o balcão. Senti algo molhar meu rosto. — Ah, não, essa não. — O fato de perceber que uma lágrima escorria por minhas bochechas me assustou. Era a primeira vez que chorava por alguém do sexo oposto e para mim aquilo era quase imperdoável.

— Anne? — Levantei o olhar. Heitor parecia preocupado. — Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem? — Se aproximou. — Foi alguma coisa que eu disse ou fiz? — Quase atropelava as palavras. — Olha, me desculpa se pareci um perfeito babaca agora há pouco. — Seu espanto me fez rir espontaneamente.

— Tudo bem, não tem nada a ver com você. — Respirou aliviado. — Deve ter sido um cisco qualquer.

— Você mente muito mal. — Se aproximou, apoiando os cotovelos no balcão. — E talvez seja por isso que me encanta tanto. — Deixou um sorriso à mostra. Ele parecia bem mais bonito quando não estava tentando chamar a minha atenção. — Por favor, não me diga que é um coração partido.

— Se fosse, não entenderia. Aposto que deve ter uma fila de garotas caídas por você pelo campus da faculdade. — Gargalhou descontraidamente. Era a primeira vez que me sentia à vontade perto dele.

— Mulheres... — Retorceu o nariz enquanto sorria. — Sempre achando que nós vivemos tentando flertar com vocês. Nem sempre é assim. — Simulei um espanto.

— Não me diga! Então entendi tudo errado. — Levei a mão à testa. — Parecia exatamente isso há alguns minutos.

— É. Talvez tenha razão. — Gargalhamos com o rumo da conversa. Era tudo tão espontâneo que por um momento esqueci por qual razão estava chorando. — Mas há de concordar comigo que não se tratava de uma garota qualquer. — O Heitor galante atacava novamente.

Senti um incômodo no olho direito, o que me fez coçá-lo freneticamente

— Droga.

— O que foi?

— Acho que dessa vez é um cisco de verdade. — Coçava demais.

Heitor deu a volta no balcão e parou à minha frente.

— Não mexe ou pode acabar machucando — alertou. Com as mãos, segurou delicadamente o meu rosto, fazendo-me olhar para ele. — Me deixa ver. — Estávamos próximos o suficiente. — Bem, um cílio de verdade. — Assoprou com delicadeza.

— Anne? — Ainda com as mãos de Heitor em meu rosto, virei minimamente a cabeça para o lado. Tanto Camili quanto Dominic pareciam surpresos. — Então quer dizer que saiu pra vir atrás dele. — As palavras de Dom não soaram como pergunta.

— Vish — deixou escapar a minha amiga.

— Ele só estava me ajudando. — Dom encarava o rapaz à minha frente. Seu olhar era seco, feroz.

— Sei de que tipo de ajuda se trata.

— Não que seja da sua conta, mas tinha algo incomodando os olhos dela, eu só ajudei a tirar.

— Ah, claro.

— Mas caso ela queira, não seria um problema beijá-la. — Heitor passou o braço ao redor dos meus ombros enquanto assistia Dominic mudar de cor.

— Não deveria tocar uma garota sem a permissão dela. — Deu um passo à frente. — Mas ao que estou percebendo, ela, com certeza, já deve ter consentido. — Enrijeceu o maxilar.

Desvencilhei-me de Heitor.

— Você está sendo um idiota. Está fazendo de um copo d'água uma tempestade. — Dominic alternava o olhar entre mim e Heitor.

— Ok. Pra mim já deu. — Mordeu o lábio inferior. — Obrigado pelo convite, Cami. — Passou por nós, esbarrando de propósito nos ombros de Heitor.

Me senti envergonhada, com raiva, irada e injustiçada.

— Ele não vai sair daqui como se tivesse razão. — Quando me virei, Heitor cogitou entrar na frente.

— Deixa ela ir. — Tive quase certeza de que Camili já sabia o que estava movendo aquele show desnecessário.

Eu saí correndo atrás dele condomínio afora. Mas ele foi bem mais rápido.

Quando me deparei com o portão fechado, apertei a campainha desesperadamente. Torci para que Marta não estivesse, para não conhecer o meu novo lado louca e desnorteada. Mas quando o portão abriu, eu me deparei justamente com ela.

— Me deixe adivinhar: Tem a ver com o adolescente desnorteado que acabou de passar por mim feito um foguete? — Assenti envergonhada. — No jardim, próximo à piscina. — Abriu ainda mais o portão e fez sinal para que eu entrasse. — Boa sorte.

— Obrigada. — Eu não sabia se agradecia ou se saía correndo o quanto podia.

— Anne? — Me virei instantaneamente. — Eu não deveria me meter nisso, mas — hesitou —, eu nunca o vi dessa forma. — Me olhava minuciosamente. — Então eu tenho quase certeza que se ele está abalado assim por algo que tenha a ver com você, quer dizer que você significa muita coisa pra ele. — Eu não conseguia juntar as peças daquele quebra-cabeça incompleto.

— Ele também significa muito pra mim. — Minha voz saiu trêmula. A realidade era sobre uma garota que não fazia ideia de como agir mediante a tudo aquilo.

Estava quase pronta para despejar sobre ele tudo o que vinha guardando há muito tempo.

Eu a deixei e percorri o caminho que já conhecia. De longe, o vi sentado com os braços ao redor dos joelhos.

Parei por poucos segundos tentando arrumar a coragem que me faltava. Respirei fundo e tornei a caminhar. Quando percebeu que me

aproximava, ficou de pé. Encarava-me com aqueles olhos grandes e intensos. Mas dessa vez, um pouco diferentes. Estavam marejados.

Eu produzia inúmeros discursos na minha mente, mas era como se tivesse rasgado a folha imaginária a qual anotei todos eles.

— Não precisava deixar o seu amigo no auge da interação de vocês.
— Colocou a mão no bolso. Senti meu sangue ferver, fechei os olhos por um segundo.

Era sempre assim, ele me levava ao ápice de tudo. Até mesmo da versão que eu menos gostava em mim. — Veio pra não falar nada?

— O que quer que eu diga? — Franziu o cenho. — Já tem uma ideia formada. — Deu um passo largo em minha direção.

— Eu vi vocês dois juntos. — Respirei fundo.

— Na verdade, eu estava furiosa com você. — Uniu as sobrancelhas.
— Eu só queria um momento sozinha.

— Furiosa comigo? — Ele parecia confuso, talvez até mais do que eu.

— Pra caramba. — Se eu não falasse nada naquele momento, não falaria mais em nenhum outro.

— Estar furiosa comigo te fez beijá-lo?

— Às vezes você consegue ser um tremendo idiota. Eu não o beijei, tá legal? Mas e se tivesse beijado? — Com o maxilar trincado, encarava-me. — Que eu saiba ele é desimpedido e eu também.

— Ótimo! Veio pra me dizer isso?

— Você é a minha certeza mais incerta de todas. — Piscou rapidamente, como se estivesse tentando entender o que acabava de ouvir.
— Você age como se eu fosse importante, me faz pensar que existe alguma coisa a mais com esse seu olhar sedutor e palavras enigmáticas. Até eu me apaixonar e perceber que estava entendendo tudo errado, não é? Sou uma tola por ter interpretado mal os sinais. — Minha voz se elevava gradativamente. — Eu que sempre gostei de manter as coisas sob controle, de repente, me vi sem domínio algum do que sentia por você. — Talvez eu estivesse alterada nesse momento.

— Calma aí, você está dizendo que...

— Que me apaixonei por alguém que não tem ideia do que quer! — despejei as palavras sobre ele.

— Eu sempre soube o que queria. Desde o começo. — Estávamos à flor da pele, com toda certeza.

— E o que quer, afinal de contas?

— Você! — Estremeci. — É você quem eu quero, Anne. Desde o primeiro dia e durante todos os outros. — Seu peito se movia com destreza.

— Mas você...

— Não te beijei da última vez que tive oportunidade? — Forcei minha cabeça a se mover rapidamente assentindo. — Eu não podia. — Seu tom de voz saiu baixo demais.

— Mas aquele dia na biblioteca parecia que...

— Aquele dia eu beijaria você sem pensar duas vezes. E só não fiz porque sua mãe chegou bem na hora. — Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, ele emendou a resposta. — Na biblioteca eu não fazia ideia de que nunca tinha beijado alguém. — Encarou a grama por curtos segundos e tornou a olhar para mim. — Suas expectativas quanto a um romance são elevadas demais. E você não está errada em saber que merece coisas boas. — Umedeceu os lábios. — O problema é que eu não poderia simplesmente dizer: E aí, gata, vamos ficar até ver o que vai dar? — As coisas estavam começando a clarear. — Eu queria que você me conhecesse e que quando escolhesse estar comigo, fosse por uma certeza do que sente por quem eu sou e não por impulsos momentâneos. — Ele diminuiu a distância entre nós.

Senti minha boca secar, era como se todo o líquido do meu corpo tivesse decidido passear fora de mim. Senti como se descessem litros de águas congeladas garganta abaixo. — Eu peguei o seu livro favorito na biblioteca — assumiu, com o canto dos lábios se curvando discretamente em um sorriso. — Eu só queria entender um pouco do que é um relacionamento pra você.

— Não fez isso. — Quem seria capaz de fazer aquilo?

— Sim, eu fiz. E eu realmente espero que eles fiquem juntos no final, porque se não, eu juro que mando um *e-mail* pra autora. — Gargalhei. — E eu acho que a morte no começo do livro não foi um acidente e digo mais — ele realmente parecia empolgado —, acho que o tio dela é um psicopata que não se conformava com o fato de que a mulher que tanto amava optou por ficar com seu irmão mais novo.

— Olha, se não é um leitor fanático por aqui. — Dom se aproximou ainda mais.

— Acredito que o casal da primeira fase tem muita influência sobre a história da segunda fase do livro. — Arqueou a sobrancelha. — Acho que curti essa coisa de ser um leitor.

— Eu avisei. — Seus braços envolveram a minha cintura, deixando-nos ainda mais próximos. Senti todo o meu corpo se arrepiar.

— Sabe o que eu realmente quero agora? — Seus olhos cor de mel prendiam o meu. Seus lábios à minha frente eram quase irresistíveis. — Quero beijar você. — Colou a testa na minha. Eu sabia o que viria a seguir. Meu coração batia freneticamente enquanto minhas mãos suavavam sem parar. Fechei os olhos, esperando o momento em que nossas bocas seriam apenas uma. — Sinto desapontá-la, mas não vou fazer isso agora. — Movida por um enorme desapontamento, abri os olhos ligeiramente.

— E eu posso saber por quê? — Beijou minha testa.

— Algo me diz que não é o momento. — Boquiaberta, tentava assimilar sua resposta.

Dominic era muito mais cordial do que qualquer um consegue imaginar. Essa era uma de suas singularidades mais encantadoras.

Afastou-se minimamente e olhou no mais profundo dos meus olhos.

— Eu estou apaixonado por você, Anne.

— Estou apaixonado por você, mas não vou te beijar. Certo?

— Certo — respondeu de imediato — Quero que tenha a certeza absoluta do que quer.

— E o que te faz pensar que eu já não tenha?

— As suas expectativas. Eu não quero que a gente passe o tempo todo avaliando se elas estão sendo correspondidas ou não. Quero que seja leve, como nós merecemos. Combinado? — Por mais que uma grande parte dentro de mim estivesse louca para ser beijada pela primeira vez, a outra parte, mais sensata, sabia que ele tinha razão.

— Combinado.

— Como não se apaixonar por você, Anne? — Sorria muito mais com os olhos do que com os lábios.

A única coisa que importava naquele instante era nós dois e tudo o que sentíamos um pelo outro. Esquecemos completamente de Cami e até mesmo do Heitor. Éramos apenas nós. Mas, infelizmente, não foi assim por muito tempo.



Onze

Ninguém Solta a Corda

Quando contei para minha mãe tudo o que Dom havia me dito, ela falou no mínimo umas quinze vezes a frase: “Eu disse”.

Raramente ela se enganava sobre algo e tentou me alertar inúmeras vezes de que eu estava apaixonada, mas o medo de assumir isso para mim mesma me fazia não dar ouvidos.

Deitada sobre a grama, encarava aquela imensidão acima de mim. Fazia quase uma retrospectiva de tudo o que aconteceu até aquele dia. Metade do ano havia se passado. Cabiam tantas felicidades dentro de mim que eu não fazia ideia de que em poucos dias veria tudo aquilo desaparecer dos meus olhos.

— Sabia que te encontraria aqui. — Meu pai deitou-se ao meu lado.

— O céu é sem dúvida uma das coisas mais lindas que podemos apreciar. — Eu não tirava os olhos daquele infinito brilhante.

— Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, eu observava o céu todos os dias. Com lua ou com o sol. Dias ensolarados ou com aquele temporal. Eu sempre olhava pra cima e achava tudo um máximo. — Sua

voz era tão melódica. Até hoje quando fecho os olhos tenho impressão de ouvi-la.

— Acho que você é a primeira pessoa que ouço dizer que admira um céu nublado. — Virei a cabeça para o lado e o vi deixar de admirar o céu para olhar para mim.

— Isso não deveria ser raro. — Tive a impressão de que seus olhos brilhavam mais do que as estrelas. Os olhos do meu pai tinham um poder de tornar tudo mais pacífico, mais leve. — O céu continua sendo céu, mesmo nos dias mais chuvosos. Não deveríamos contemplar as estrelas e menosprezar as nuvens que as tampam. É como amar a rosa e detestar o seu espinho. Nem tudo terá apenas a forma que amamos ver. As coisas mais belas também têm o seu lado disforme. — Senti sua mão apertar gentilmente a minha. — Na vida nem sempre receberemos só a parte bonita dela. As nuvens, os dias nublados e os espinhos uma hora ou outra surgirão. Você só não pode deixar o lado nada agradável definir a sua forma de ver as coisas. Não podemos dispensar toda uma constelação só porque uma estrela deixou de brilhar o suficiente. — Acho que de certa forma, ele estava tentando me preparar para o que estava prestes a acontecer. — Eu te amo, cara pálida. — Apertou a ponta do meu nariz.

— Também te amo, pai. — Ele tinha razão quando disse que queria ser um bom pai enquanto tinha a oportunidade de ser. E sem dúvida ele foi.



Dom me visitou algumas vezes e em todas elas me levava pães de mel. As nossas tardes eram repletas de gargalhadas, histórias aleatórias, assuntos sobre o meu aniversário, planos para o futuro e zero beijo. Eu não sabia ao certo o que ele tanto esperava, até ouvi-lo dizer que saberia no dia do meu aniversário. Quase sempre o pegava cochichando com Cami, na minha sala, e algumas vezes enquanto descia a escada, me deparei com a minha mãe no meio da fofoca e sempre que eu tentava especular, eles mudavam de assunto. Eles tinham em mente que eu não desconfiava de absolutamente nada, mas sabia que ali tinha coisa.

Cami, Dom e eu anotávamos itens que precisávamos comprar ou encomendar. Faltava um pouco menos de dois meses para o grande dia. Grande dia que na verdade nunca chegou a acontecer.

Com os convites já encomendados, nos preocupávamos com outra coisa: o acampamento de férias.

Meu tio resolveu levar os jovens da igreja para passar o final de semana em um sítio e fez questão de não me falar nada sobre o que aconteceria lá. Cami também não teve êxito em tentar colher algo de sua mãe.

Meus pais fizeram inúmeras recomendações ao meu tio. Mas acima de tudo, confiavam em mim. Ter a confiança dos meus pais era a melhor coisa que poderia receber deles.

Assim que Cami e eu colocamos os pés no sítio, ficamos maravilhadas com a beleza do lugar. Quase na mesma fração de segundos, puxamos o ar, apreciando aquele aroma de lírio que se espalhava pelo lugar.

— Nada como ar puro — falou minha amiga.

A área externa era maior do que os quarteirões do bairro em que morávamos.

Paradas com as mochilas nas costas e mãos ocupadas por travesseiros, corríamos os olhos pelo gramado, já mentalizando as próximas quarenta horas que ficaríamos ali, quando ouvimos o barulho de um carro a poucos metros atrás de nós. Ao nos virar, vimos um *Ranger Rover*. Não precisei olhar muito para saber quem estava chegando.

Dominic desceu do carro e veio andando em nossa direção. Mesmo de longe, pude ver o sorriso estampado em seu rosto.

— Oi, Cami.

— Oi, Dom. — Ele a cumprimentou e em seguida virou-se para mim.

— Oi, Anne. — Seus lábios se curvaram em um sorriso encantador.

— Oi, Dom — Esse é o problema de sermos adolescentes, nós ficamos absurdamente idiotas.

— Bem, vou avisar ao pastor Silas que cheguei pra não ficar preocupado.

— Tá ok. — Lançou-me uma piscadela antes de ir.

— Droga! — Cami levou a mão à testa. Parecia eufórica, como se tivesse cometido um grande erro. — Eu não acredito que esqueci.

— O que?

— O seu babador. — Gargalhou, deixando-me de queixo caído.

— Engraçadinha. — Acertei-lhe o travesseiro.

— Olha, limpa aqui. — Levou o indicador na parte inferior de seus lábios. — A baba está escorrendo.

— Audaciosa. — Fuzilei-a com o olhar. Ela amava me alfinetar, é claro que não perderia aquela oportunidade.

Nós armamos as nossas barracas no local destinado às meninas.

Tia Helen, que chegou antes de nós, delimitou onde tudo ficaria. Área das meninas, dos meninos, local das palestras, espaço da alimentação e os demais lugares que usaríamos.

Após estarmos instalados e com as barracas de camping montadas, nos reunimos debaixo das árvores para ouvir o que meu tio tinha a dizer. Dom de um lado e Cami do outro, fez com que eu me sentisse divinamente presenteada.

O vento gelado me fez fechar a jaqueta de couro. Dominic acariciava minha mão, na esperança de aquecê-la. Minutos depois, meu tio surgiu vestindo um casaco laranja, calça azul e tênis roxo. Os meninos até tentaram, mas não conseguiram conter o riso. Involuntariamente, Cami e eu deixamos escapar uma discreta gargalhada.

— Inimigo da moda, pastor Silas? — Descontraiu um dos jovens que estava sentado à nossa frente.

— Ah... Mas por que não gostaram? É confortável. — Apontou para o seu traje. — Me sinto bem assim.

— Olha, pode até ser, mas nada aí combina — Cami contestou. — O senhor pode até estar quentinho, mas não está bonito, não.

— Sério? — Forçou um bico nos lábios. — Que pena. — Meu tio caminhou de um lado para o outro.

Ele tinha um jeito de falar bem semelhante ao do meu pai. Até mesmo o timbre de voz era muito parecido. Ao telefone era quase impossível distinguir quem era quem.

— Sabe, na verdade eu acho que beleza é um ponto de vista. — Sentou-se na grama, para que sua altura se igualasse à nossa. — Na semana passada, eu estava caminhando pela rua, até que tocou uma música bem antiga dos *Beatles*. O senhor que estava do outro lado da calçada começou a gargalhar sozinho e depois começou a dançar e saltar. Mexia o corpo de um lado para o outro, era como ver alguém na flor da idade.

— Que loucura! — Dom deixou escapar.

— Foi exatamente o que as duas mulheres à minha frente falaram. “*Ele é louco!*”, disseram elas. Mas aí eu pergunto a vocês: por que ele era louco? Só porque estava fazendo algo que o deixava feliz? Ser diferente não é ser louco. Loucura é tentar viver da forma que as pessoas ditam a você. — Quando corri os olhos sobre todos, percebi que se mantinham atentos, quase sem piscar. — Todos nós mantemos cativo algo que temos medo de mostrar ao mundo. Mas a pergunta é: por quê? Por que fazemos isso com nós mesmos? Quem você seria se não tivesse medo? O que você faria se soubesse que ninguém julgaria? — Encarava-nos enquanto permanecíamos calados. Perguntava-me como ele conseguia fazer aquilo. Como nos motivava a ouvi-lo? — Sabe, Jesus não morreu para você criar prisões dentro de si. E sim pra que você se sentisse livre. — Respirou fundo. — Vocês sabem o que não pode faltar para que um cacto se desenvolva saudável?

— Água? — perguntou Cami. Meu tio balançou a cabeça em sinal negativo. Em seguida, tia Helen apareceu com um terrário nas mãos. Dentro do vidro haviam camadas de substratos básicos e um cacto plantado nele. É importante ressaltar que o vidro estava fechado. Meu tio o pegou nas mãos.

— Tem uma semana que fiz esse terrário. E em momento algum coloquei água. Mas se vocês olharem bem, perceberão que o vidro está molhado por dentro. — Entregou o vidro em minha mão para que eu analisasse. Era impossível não ver o quanto estava úmido. Eu estava admirando-o quando uma gotícula rolou da parte superior e caiu na terra. Após olhar com atenção, passei para Cami, que passou para a pessoa ao seu lado, que repassou até voltar para as mãos do meu tio.

— Como você está mantendo isso vivo? — Perguntei.

Confesso que não tinha ouvido falar de algo assim. Era curioso.

Meu tio se colocou de pé novamente.

— Como isso consegue estar tão belo e vivo? — alguém perguntou.

— Luz — respondeu ele. — A luz faz isso. Apenas com a luz ele consegue fazer a fotossíntese, se manter vivo e florescendo. — Ele tinha a atenção de todos para si. Não havia uma pessoa ali que não estivesse vidrado e concentrado no que ele estava falando. Posso dizer que estávamos todos boquiabertos.

Perguntava-me como ele conseguiu fazer uma simples roupa cafona nos levar a ouvir sobre Jesus. — A palavra Luz aparece várias e várias vezes na bíblia. Em João, capítulo oito, versículo doze, Jesus diz que ele é a

Luz e quem o seguir jamais andará nas trevas. Em João, capítulo um, versículo cinco, diz que a Luz brilha nas trevas. E em Mateus, capítulo cinco, versículo catorze, ele diz o seguinte: Vocês são a luz do mundo. Que brilhe a luz de vocês diante dos homens. — Deu dois passos à frente. — Eu acho que não me entenderam. Eu vou repetir: vocês são a luz do mundo. Ouviram bem? Vocês. — Passou a mão por seus cabelos, colocando-os para trás, uma mecha que insistia em cair sobre seus olhos. — O que vocês andam fazendo com a luz que Deus colocou em vocês? Há tantas pessoas na escuridão, precisando ser iluminadas e vocês se omitindo, talvez por medo do que as pessoas pensarão. Cafona demais, não é mesmo? — Apontou para suas roupas, pouco chamativas. — Ah, mas isso não tem nada a ver. É só uma mentirinha, não vai fazer mal a ninguém. Olha lá, uma pessoa triste. — Apontou ao longe, simulando ver alguém. — Mas eu não vou falar que Jesus se importa com ela. Eu posso ser chamado de cafona, ultrapassado. O meu amigo está com problemas, mas pra que falar que Jesus é a solução, não é mesmo? É antiquado. — Sorriu, sem haver graça alguma.

Ele tinha a total ciência de que estava colocando o dedo bem em cima de nossas feridas. — Nós precisamos parar com essa postura de lâmpada querendo queimar. Acende, apaga, acende, apaga... — Deu uma pausa em seu discurso. — Usem toda liberdade que vocês têm para que outras pessoas possam ser libertas também.

— Nossa! — Minha melhor amiga me encarou com seus divinos olhos altivos. — Senti o impacto.

— Eu também. — Ele era muito bom com as palavras, mas acima de tudo, era incrivelmente bom com atitudes.

Ele andou de um lado para o outro e quando parou, correu os olhos pelos nossos, percebendo que estávamos muito mais do que envolvidos e tornou a falar:

— Eu passei tempo o suficiente me perguntando como as coisas ruins correm tão rápido pelo mundo. Seria culpa de quem as pratica? — Parou por dois segundos para que tivéssemos a oportunidade de responder em pensamento. — Não. O pior de tudo é que não. O mal se propaga tão ligeiramente, porque quem pensa diferente prefere ser omissos. E então quando nos damos conta, já estamos nos conformando com o inconformável. Músicas pornográficas se tornam top um no Brasil, porque nos calamos e não fazemos nada para mudar. Livros mais dezoito ganham

em disparado no *ranking* de vendas. Por que nós, as pessoas que mais têm as chances de mudar isso, optamos por não ler livros que ensinam o contrário? É chato, cansativo. Não há nada de atrativo na literatura cristã, por exemplo. Certo? — Deu uma pausa. — Errado! Nós somos os únicos capazes de mudar isso, mas não fazemos, porque preferimos ser omissos. — Ele estava totalmente certo.

A omissão nos torna bem piores do que os que praticam esses atos. Estamos nos tornando cada vez mais luz que se recusa a iluminar. Abaixei a cabeça, sentindo o peso daquelas palavras. — Vocês não leem, não buscam, não estudam, não se preparam. Não convencem nem a si mesmos, como querem mostrar suas certezas ao mundo? Sejam inconformados. Deixe que saibam em quem vocês acreditam. Mostrem os seus ideais. É assim que se faz a diferença. Um fósforo aceso entre milhares apagados tem a capacidade de fazer com que todos peguem fogo. — Eu nunca tinha parado para pensar na vivacidade daquilo. Estamos cada vez mais nos conformando com o inconformável e vivendo como se fosse normal. — Espero que quando voltarem para casa, no domingo de manhã, estejam inconformados o suficiente para fazer a diferença de verdade. — Seu discurso impecável impactou a todos, não só naquela noite, como também por longos e longos dias. E muitos de nós levamos aquilo adiante, fazendo a diferença por onde passávamos.

Quando sentiu que havia dito o que deveria, nos dispensou para comer. Estávamos famintos. O cheiro da comida exalava em todo o sítio. Éramos quinze no total. Todos felizes e cheios de expectativas para o dia seguinte.

Depois de comer, acendemos a fogueira que já estava armada no lugar certo. Ao redor dela, conversávamos e ríamos. Enquanto alguns meninos tocavam violão, nos atrevíamos a cantar algumas canções. Dom se atreveu a dar uma palhinha com o instrumento. Eu não fazia ideia de que sabia tocar. E fazia aquilo tão bem. Seu objetivo desde o início era fazer com que eu me apaixonasse por quem ele realmente era, em vez de julgá-lo apenas pelo rostinho bonito que tinha. E a cada dia que passava, eu me encantava e amava cada centímetro do coração dele. Eu percorria os olhos por todos à minha volta. Uma paz pairava sobre aquele lugar. Me senti tão grata por tudo aquilo que me rodeava, que em momento algum cogitaria o fato de eu deixar tudo aquilo para trás, sem pestanejar.

No dia seguinte, tio Silas e tia Helen explicaram a primeira prova. Ainda sonolenta, Camili e eu tentávamos acertar algumas perguntas sobre o velho testamento. Mesmo sonolentas, conseguimos ficar em segundo lugar. Dom e Tom ficaram em primeiro.

Debochadamente, Dominic se ofereceu para nos ensinar algumas questões antes que as férias acabassem. Inocentemente, Camili aceitou com entusiasmo.

As perguntas foram muito bem elaboradas, mas eu conhecia perfeitamente o tio que tenho. Alguma coisa me dizia que viria uma prova um tanto impactante pela frente. E isso explicava o fato dele não ter me dito nadinha do que faríamos no sítio.

Sábado à tarde, todos nós já estávamos desconectados do mundo. Sequer lembrávamos que existiam redes sociais. Estávamos envolvidos, nos divertindo com aquele momento. E alguns de nós chegavam a lamentar o fato de termos que voltar para nossas casas no domingo após o café.

No cair da tarde, nos dividimos novamente em duplas. É claro, vocês já devem imaginar quem eu escolhi para fazer a prova comigo. Com um tom brincalhão, Dom mencionava o fato de ser minha segunda opção enquanto Camili se gabava por ser sempre a minha primeira escolha.

— Eu cheguei primeiro, paciência — dizia com o queixo erguido.

— A atividade de agora é bem diferente — alertou o meu tio, nos fazendo olhar todo o enorme espaço de grama verde. — Vocês ficarão de frente para suas duplas e terão que chegar à faixa marcada. — Apontou para a bandeira branca, que estava a mais ou menos uns cinquenta metros à frente.

— Não parece difícil. — Meu erro era falar demais em ocasiões em que eu só deveria observar.

— Tem razão. — Um discreto sorriso se formou nos lábios dele. E se eu conhecia bem aquele semblante, era fácil deduzir que tinha uma *surpresinha* reservada para nós.

Os colaboradores entregaram a nós uma bolinha de gude e uma corda que deveria ter três metros de comprimento.

— Cada um deverá segurar em um lado da corda, ficando em cima da linha marca. — Fizemos o que pediu.

— Mas para que serve a bolinha de gude? — perguntou Dominic.

— Vocês deverão arremessar a bolinha para seus companheiros e assim que ele receber, deverá fazer o mesmo. Após isso, poderão dar um

passo à frente.

— E se o nosso parceiro for péssimo para agarrar e deixar a bolinha cair?

— É só pegar a bolinha do chão e continuar — respondeu com um olhar peralta.

— A gente consegue. — Cami estava otimista.

— Só mais um detalhe. — Meu tio deu três passos em nossa direção. — O mais importante de tudo é não soltar a corda. — Eu só queria saber de onde ele tirava tantas estratégias. Nós deveríamos arremessar, agarrar, andar em linha reta e não soltar a corda. — A dupla que soltar a corda deverá recuar cinco passos. Ao meu apito, a prova estará valendo. — Colocou o apito na boca e o assoprou. Fizeram o que ele havia dito enquanto eu fiquei parada por alguns segundos, observando a situação.

— O que está fazendo? — Cami parecia curiosa.

— Qual é a melhor forma de ganhar um jogo?

— Sei lá. Jogando?

— Não. Observando. — Eu estava com a bolinha de gude, então comecei jogando para ela que, com dificuldade, agarrou-a. Em seguida, ela fez o mesmo. Quando eu joguei novamente, ela soltou a corda para tentar pegar a bolinha.

— Foi mal.

— Tudo bem. — Nós retrocedemos cinco passos. Eu joguei novamente e ela deixou que a bolinha caísse de novo e na tentativa de pegar, soltou a corda.

— Eu não consigo agarrar essa bolinha minúscula apenas com uma mão. — E foi aí que eu entendi a pegadinha por trás do que o meu tio havia dito.

— O meu tio não disse que deveríamos agarrar só com uma das mãos.

— O quê? Como assim?

— Ele disse que jamais poderíamos soltar a corda.

— Sim, mas...

— Acho que isso é muito mais sobre não soltar a corda do que sobre a bolinha.

— Como assim?

— Olha! — Apontei para a dupla atrás dela. — Quando as pessoas vão agarrar a bolinha, elas sem querer soltam a corda. — Quando se virou, pôde confirmar o que eu estava dizendo. — O medo de deixar a bolinha cair

faz com que, sem querer, soltemos a corda. Você também fez isso. Só temos que entender que não precisamos largar a corda. — Eu coloquei a corda na boca e a mordi. Fiz sinal para que ela fizesse o mesmo. Assim que Camili colocou a corda na boca, arremessei a bolinha. Com as mãos livres, ela conseguiu segurar. Naquele momento, vi o quanto os olhos dela vibravam com o fato de não ter deixado a bolinha cair.

Devagar e com cautela, avançamos no jogo. A minha boca já estava dormente quando algumas pessoas começaram a notar o que estávamos fazendo. Eles estavam tão entretidos em não deixar a bolinha cair que mal se deram conta da nossa ideia.

Faltava pouco quando senti um gosto forte de ferro em minha boca. Tive a impressão de estar mastigando prego enferrujado. Então deduzi que a corda havia me cortado. Mas se eu deixasse a corda cair, nós teríamos que passar por aquilo novamente, então eu continuei. Até ouvir novamente o apito do meu tio.

— Temos as vencedoras. — Eu o percebi se aproximar. Cami tirou a corda da boca e respirou aliviada. — Pode soltar a corda agora, querida. — Levei alguns segundos para me dar conta de que havia acabado. Ele segurou a corda para que eu abrisse a boca e assim eu fiz. Só assim a minha mente me notificou de que a prova havia acabado. — Está sangrando. — Olhei para a corda e vi uma mancha vermelha na ponta. Sim, eu realmente havia cortado a boca.

Corri em direção ao banheiro para ver o estrago que causei. Ganhamos a prova e de brinde um corte de alguns centímetros na parte interna do meu lábio superior. O inchaço começava a se tornar bem aparente.

— Até que eu gostei disso. — Cami me entregou uma sacola com algumas pedras de gelo dentro. — Não do fato da sua boca estar horrível agora a ponto de parecer que levou uma picada de marimbondo. — Deixou escapar um sorriso.

— Não deveria rir disso, sabia? — Assentiu. — Do que gostou, afinal? — Encarava seus olhos através do espelho.

— Do que aprendemos hoje. — Seu sorriso largo e completamente branco tomou conta do seu rosto. — Na vida acontecerão inúmeras situações difíceis. — Respirou fundo. — Acho que na maior parte estaremos tentando não deixar a bolinha cair e na outra parte que sobra estaremos com medo, pensando em como seria se ela caísse. Mas acredito

que tudo vai parecer mais fácil se a pessoa do outro lado da corda optar por não soltá-la. — Encarava-me com aqueles olhos que mais pareciam duas jabuticabas. — Você é o outro lado da minha corda, Anne. — Me virei e estendi-lhe a mão.

— Ninguém solta a corda? — Com força e convicção, ela apertou a minha mão.

— Ninguém solta a corda. — Naquele momento, eu não fazia ideia de que, dias depois, eu não só soltaria a corda, como também a cortaria ao meio.



— Primeiramente: quero parabenizar as ganhadoras da prova de hoje — disse meu tio. — Segundamente: quero dizer que vocês precisam se atentar mais aos detalhes porque eles fazem diferença. A prova não era sobre quem conseguia agarrar a bolinha sem deixá-la cair e sim sobre quem, sob hipótese alguma, soltaria a corda. — Cami me cutucou com os ombros. — Nem sempre na vida vai ser sobre chegar primeiro, mas sobre quem estará conosco. Com quem poderemos contar nos melhores e também nos piores momentos. Não podemos esquecer que do outro lado sempre haverá alguém por quem vale a pena não deixar a corda cair. Eu espero que vocês entendam isso. — Sempre com palavras impactantes a dizer. Na verdade, eu desejava um por cento da oratória que minha família esbanjava.

Nós nos recompomos, descansamos, e depois nos sentamos no gramado para ouvir as histórias que muitos decidiram compartilhar.

Muita gente tinha muito que falar e alguns de nós só tínhamos mesmo o que escutar, como eu.

Às vezes me perguntava se algum dia teria experiências gigantescas como tantas outras pessoas tiveram.

Cami havia ido para a fila do banho, que por sinal estava imensa. Como sempre detestei filas, resolvi esperar pacientemente enquanto aproveitava a beleza do céu.

Deitei na grama como sempre amava fazer. O céu estava lindo. Fechei os olhos e senti a brisa leve acariciar meu rosto.

— Posso me juntar a você? — Se eu dissesse que não reconhecia essa voz, estaria, sobretudo, mentindo descabidamente.

Abri os olhos e o vi de pé, me encarando com seu olhar perspicaz.

— Claro. — Sem pensar duas vezes, deitou ao meu lado. Com as mãos debaixo da cabeça, virou minimamente o rosto para mim.

— É a primeira vez hoje que vejo você e Camili separadas.

— Ela estava louca por um banho e decidi ir na frente. Na verdade, tenho aversão à filas. Prefiro esperar aqui.

— Somos dois. — Sua voz soava como uma música suave. Estar olhando para algo tão grandioso quanto o céu e ouvi-lo falar estava sendo uma combinação perfeita. — Parabéns pela prova de hoje.

— Obrigada.

— Quando foi que matou a charada?

— Não foi muito difícil, só precisei observar um pouco e vi onde estava o erro. — Senti uma pontinha de orgulho em seus olhos. — Às vezes o acerto é o resultado das probabilidades em que se cometem os erros. Basta olhar de uma forma diferente e vai perceber.

— Sempre muito observadora. Uma das coisas que sempre amei em você. — Tentou esconder o sorriso trapaceiro que insistiu em aparecer. Eu procurei a frase certa a dizer, mas preferi ficar em silêncio e o observar. Ele era tão lindo quanto o brilho das estrelas acima de nós. — São lindas, não é mesmo? — Pensei em perguntar sobre o que estava se referindo, mas acho que era óbvio que falava das estrelas.

— São incríveis. — Houve um silêncio ensurdecedor. Virei o rosto em sua direção e meus olhos foram ao encontro dos dele. Era acolhedor e tão semelhante às estrelas que mal conseguia desviar o olhar.

— Acho que vocês estão atrasados. — A voz rouca do meu tio nos tirou do transe em que estávamos. — Já está quase na hora de comer. Não demorem.

— Já estamos indo — disse Dominic, levantando em seguida.

Nos aprontamos, comemos e depois nos recolhemos para descansar. Estávamos todos exaustos. Segundos após deitar, Cami e eu apagamos.

Na manhã seguinte, a neblina cobria toda grama, quase não conseguíamos ver todas as barracas de camping com clareza.

Estávamos todos enérgicos, apesar do frio. Acho que ninguém queria voltar para casa. Tinha sido tão bom estar ali. Lembro desse dia com tanto carinho.

Assim que me viu com a mochila nas costas, Dom se aproximou, me abraçou e a pegou de mim, pendurando-a em seu ombro.

No ônibus, deixei Cami sentada ao lado de tia Helen e optei por viajar ao lado de Dom, que me emprestou o ombro durante todo o trajeto.

Seu cheiro amadeirado impregnava minhas narinas. Estar tão próxima daquela forma deixava-me aquecida internamente. Meu coração sabia perfeitamente o abrigo que ele havia se tornado para mim e, sem medo algum, optava todos os dias por permanecer apaixonado por ele.

Apesar de eu ter insistido que poderia caminhar cinco minutos sozinha, ele não se deu por satisfeito.

— Agora sim, entregue. — Me puxou para um abraço.

Com a cabeça colada em seu peito, tive a certeza de que a batida do seu coração acabava de se tornar a minha música favorita. Minha primeira opção era não soltá-lo sob hipótese alguma.

— Preciso entrar.

— Precisar não é querer, não é mesmo?

— Eu sei. — Abaixou os braços que me aqueciam feito uma lareira.

— Bem melhor. — Apontou para o inchaço dos meus lábios, que graças ao gelo, já estava menos feio do que no dia anterior.

— Não faz tanta diferença, dado ao fato de que você não tem pretensão de utilizá-la para fins românticos. — Dei de ombros, fazendo-o rir.

— O quê?

— Isso mesmo que ouviu.

— O fato de não fazer isso não significa que eu não queira fazer. — Umedeceu os lábios. — Você disse que esperava um amor como o dos seus pais. Foi bem clara quando disse que esperava pela pessoa que não iria embora na primeira oportunidade. Lembro de ouvir você dizer que queria alguém que seguraria sua mão, sem a pretensão de soltá-la. — Seu discurso estava fazendo o frio retomar a minha espinha.

— E você não tem certeza se pode ser essa pessoa. — Abaixei a cabeça, encarando o chão.

Era impossível contar quantas vezes o meu coração batia por segundo.

— Não, Anne. — Segurou o meu queixo, fazendo-me olhar para ele. — Eu não tenho dúvida quanto a tudo que sinto por você. Mas o amor é uma via de mão dupla. Eu estou esperando você ter a total certeza de também estar pronta para ser essa pessoa. — Nunca tinha parado para pensar dessa forma. Eu estava sempre esperando algo do amor. Tinha expectativas elevadas sobre a forma que uma pessoa deveria me amar ou me tratar, mas nunca tinha parado para me responder sobre as inúmeras perguntas que eu fazia sobre ele.

Será que eu estava preparada para ser a pessoa que eu esperava ter? Eu fazia inúmeras indagações sobre quem deveria ser o meu amor, mas esquecia de me perguntar se eu estava pronta para ser o grande amor de alguém.

E infelizmente eu não estava.



Doze

A Última Vez

A semana passou na velocidade da luz. Eu tinha inúmeras coisas para resolver.

— Quer que eu pegue os convites na gráfica? — Dominic se ofereceu.

— Faria isso?

— Claro, por que não? Só liga antes autorizando. — Pulei em seu pescoço e o abracei sem pestanejar.

— Obrigada, obrigada! — Minha intenção era deixar um beijo carinhoso em sua bochecha, eu não contava que ele se moveria e que meus lábios acertariam o canto da sua boca.

— Anne, o objetivo é justamente tentar não beijar você. — Umedeceu lentamente os lábios. — O que já está difícil pra caramba, tenta não dificultar mais, combinado? — Ainda com os braços ao redor do pescoço dele, deixei um sorriso peralta se formar em meu rosto.

— Combinado. — Soltei-o, ajeitando-me no sofá. Eu tentava me recompor ao efeito que os olhos de Dom causavam sobre mim quando ouvi alguém raspar a garganta, me fazendo pular de susto.

— Atrapalho? — A voz rouca do meu pai fez Dominic pular do sofá.

— Oi, senhor. — Engoliu em seco. Eu observava a cena cômica, prendendo o riso na garganta.

Levantei rapidamente e abracei o meu pai, que beijou minha bochecha, sem tirar os olhos de Dom. Era extremamente perceptível o nervosismo estampado no rosto de Dominic.

— Bem, eu já estava de saída. — Aposto que se ele conversasse cinco minutos com o meu pai voltaria a cor natural.

— Tudo bem. — Lamentei internamente.

— Tchau. — Dom se aproximou e beijou minha bochecha. — Até mais. — Se despediu do meu pai, que o retribuiu com um sorriso acanhado.

Assim que Dominic se foi, meu pai mirou os olhos nos meus e começou a rir, fazendo-me liberar o riso que tentava prender.

— Assustou ele.

— Confesso que me segurei ao máximo pra não rir na hora em que o vi pular de susto. — Se jogou no sofá.

— Tadinho. — Sentei ao lado dele.

— Eu ouvi direito ou ele estava tentando não beijar você? — Senti minhas bochechas arderem. — Nunca quis que você sentisse medo de me contar as coisas, cara pálida.

— Eu sei, pai. Só que é tudo muito novo.

— Gosta dele? — Assenti. — Eu também. Pelo pouco que vi, me parece uma boa pessoa. Pelo menos o seu tio me garantiu isso. — Encarei-o boquiaberta

— Já falaram sobre isso?

— Querida, eu sou seu pai e já tive a sua idade. Bastava perceber a forma com que se olhavam pra saber que seria uma questão de tempo até que se dessem conta do que já estava na cara.

— Eu sou péssima em disfarçar, não é?

— Com toda certeza. — Recostei a cabeça no sofá.

— Ele prometeu não me beijar até que eu tivesse a total certeza do que sinto por ele. — Encarou-me com os olhos escancarados — É verdade, pode perguntar pra ele.

— Tá aí. Gostei disso. Se você nunca tiver certeza, então quer dizer que...

— Pai! — Jogou a cabeça para trás, gargalhando sem parar. Respirou fundo tentando se recompor.

— Brincadeirinha. — Levantou as mãos na altura da cabeça.

— Ele disse que eu preciso me sentir pronta a ponto de ter certeza que não daria para trás na primeira dificuldade. Eu sei que gosto dele, mas como faço pra ter certeza? — Ele se aproximou e passou o braço ao redor dos meus ombros.

— No fundo nós sempre temos certeza, Anne. Mas o medo de tomar a decisão errada faz com que, muitas vezes, não tomemos decisão nenhuma. E não tomar uma decisão é também deixar de viver os momentos mais intensos das nossas vidas, sejam eles bons ou ruins. Decisões são necessárias, mas você não precisa esperar por algo que já tem dentro de si. Não existe uma história de amor perfeita a ser vivida. O que subsiste no amor verdadeiro é o fato dele tornar o seu mundo o menos imperfeito possível. — Ouvi-lo falar daquela forma fazia todas as coisas parecerem claras demais, a ponto de não restar mais dúvidas.

Ele me envolveu em um abraço apertado. — Por falar em amor, por onde anda sua mãe?

— Levou o Nick no aniversário de um amiguinho da igreja. — Colocou-se de pé — Vai sair de novo?

— Vou levar uns documentos na casa da Andréia. Quer ir comigo? Prometo que depois eu pago um sorvete.

— Oba! — vibrei.

Há muito tempo não saíamos apenas nós dois. Não seria nada mal aproveitar a ocasião.

— Me dá quinze minutinhos?

— Claro. — Sentou novamente enquanto eu subia os degraus correndo. Sem demora, coloquei um vestido azul marinho rodado de manga longa e calcei uma sandália. Sentada de frente para a penteadeira, passei um corretivo, pouquíssima coisa do blush, fiz um delineado bem discreto e nos lábios passei uma cor discreta, apenas para dar um ar mais apresentável.

Meu cabelo já estava perfeito, com volume e cachos definidamente esvoaçantes.

— Estou pronta. — Desci os degraus.

— Uau! Você está linda. — Ele ergueu o braço para que eu entrelaçasse o meu e seguimos rumo ao nosso destino.

Andréia autorizou a nossa entrada no condomínio. Eu estava impressionada com tamanha beleza da casa. Apesar dela ir sempre à nossa

casa, eu nunca havia ido à dela. Até porque havia uma presença indesejável naquele lugar.

— Que visita ótima. — Ela me envolveu em seu abraço. Lembro-me de que, desde muito pequena, amava admirar sua elegância. — Quanto tempo não a vejo. Está cada dia mais linda.

— O carisma é do pai — falou meu pai, se vangloriando.

— Mas a beleza e elegância vem da Lorena.

— É, isso eu não posso negar. — Além de muito bela, Andréia era sobretudo, simpática ao extremo. — Tenho que lhe informar. Seus treinamentos estão bem próximos, filha. — Por mais que eu insistisse para que meu pai me ensinasse sobre a empresa, ela fazia questão que Andréia me ensinasse tudo o que sabe.

— Farei com prazer.

— Agora, minha amiga, preciso dar uma palavrinha com você.

— Tudo bem, vamos ao escritório. — Ele assentiu. — Fique à vontade, querida.

— Obrigada. — Assim que se retiraram, sentei no sofá para esperar. Sabia que quando se tratava de negócios, os minutos viravam horas.

Esperei o suficiente para me cansar de ficar sentada, então levantei e comecei a caminhar pela enorme sala. Andava de um lado para o outro e vi muitos quadros e porta-retratos espalhados por todos os lados. O primeiro porta-retratos mostrava a família completa. Andréia, o marido e o filho ainda bebê. O próximo chamou minha atenção. O rapaz de pele levemente bronzeada e olhos castanhos era Ian, só que bem diferente do que me lembrava. O garotinho metido havia mudado. O cabelo que antes era totalmente alinhado sem nenhum fio fora do lugar, fora substituído por fios bagunçados. Era inegável o fato de que ele poderia ser a pessoa mais desagradável a habitar o planeta e mesmo assim conseguia ser uma das mais belas.

Algo naquela foto prendia minha atenção. Fiquei presa a ela por muito mais tempo que gostaria. Eram como se aqueles olhos tivessem o poder de me hipnotizar.

— Ao vivo sou bem mais bonito. — Pulei de susto, como uma idiota que virou motivo da sua risada. Com a mão no peito, me virei. E sim, ele estava coberto de razão, era ainda mais bonito pessoalmente.

Eu não o via desde o episódio com Cami. Tudo o que sabia sobre ele, eram as coisas que ouvia meu pai comentar.

— Ora, ora, se não é a *garotinha*. — A mudança estava apenas na aparência.

— Me assustou. — Seus lábios abrigavam um sorriso sacana.

— Não foi minha intenção. — Seu olhar era ainda muito mais hipnotizador do que antes. Era como se com o tempo ele tivesse aperfeiçoado a prática. — Que foi? — E naquele instante ele percebeu o quanto sua beleza poderia ser avassaladora.

— Quanto tempo.

— Bastante. Mas confesso que se soubesse o quão encantadora havia se tornado, teria lhe feito uma visita. — O ar prepotente ainda embriagava cada frase que saía de sua boca.

Ele se aproximou, colocou a mão na minha cintura e deu um beijo demorado em minha bochecha. O típico carinha que acha que pode tudo por ser sexy e ter um sorriso sedutor. — A propósito — sussurrou em meu ouvido. — Seu perfume é... — Procurou a palavra certa a usar. — Divino.

— Obrigada. — Dei um passo para trás, me afastando. Ele, por sua vez, olhou bem no fundo dos meus olhos, como se tentasse penetrar minha alma, deu um passo à frente, deixando novamente seu corpo próximo ao meu e disse:

— Quem sabe agora não podemos virar grandes amigos, como nossos pais desejavam?

— Sinto muito, mas não vai rolar. — Escondeu as mãos no bolso da calça.

— Mas por quê? — Fingia um desapontamento lastimável.

— Tão novo e já com problemas de memórias? Eu tentei fazer isso. E se não se recorda, até mais de uma vez. Mas você respondeu à minha boa vontade com rispidez.

— Rancor não lhe cai bem. — Franziu o cenho. — Só estou tentando ser receptivo.

— Acho que isso não combina com seus sapatos caros.

— Meio petulante você.

— Aprendi enquanto tentava conviver com você. — Ouvi passos se aproximando e as vozes do meu pai e de Andreia se tornavam cada vez mais nítidas.

— Olá, Paulo. — Ian me ignorou por completo e caminhou até o meu pai, cumprimentando-o com um abraço, que eu poderia jurar que ele seria incapaz de dar a alguém.

— Olá, Ian. Pelo visto já colocou a conversa em dia com minha filha.
— Meu pai ainda carregava a triste esperança de que Ian e eu pudéssemos conviver em harmonia.

— Já sim. — Ele voltou o olhar para mim. — E ela, como sempre, muito amável. — Seus lábios se curvaram em um sarcástico sorriso. — Adorável, eu diria.

— Bem, fico muito feliz com essa interação.

— Eu também. Finalmente — disse Andréia. — Muito em breve trabalharão juntos.

— Olhando assim, até que formam uma bela dupla. — Meu pai parecia satisfeito com a nossa falsa aproximação.

— Ah, sabe que eu também acho — acrescentou Ian. — Não vejo a hora de tê-la na empresa. — Eu podia ler “ironia” nas entrelinhas.

— Bem, agora preciso ir. — Meu pai se despediu de Andréia e depois de Ian. — Vamos, querida.

— Vamos. — Andréia me deu um abraço e Ian fez o mesmo, enlaçando seus braços ainda mais apertados ao redor de mim.

— Tchau, *garotinha*. — cochichou em meu ouvido.

— Prepotente. — Se afastou de mim.

— Imagina, o prazer foi todo meu — disse com exatidão. — É uma doçura de menina, amei rever você. — Discretamente, revirei os olhos. Não importava quanto tempo eu passasse sem vê-lo, para mim, nunca era tempo o suficiente.

Quando coloquei os pés para fora daquela casa, respirei aliviada. Não por Andréia, claro. Mas por me livrar da presença do seu filho inconveniente.

— Querida, se importa de passarmos rapidamente na empresa? Eu só preciso pegar uma coisa na minha sala.

— Claro que não. — Eu amava a companhia do meu pai. Nunca desperdiçava um segundo que fosse na presença dele. Cada momento com ele era único.

Quase nunca eu visitava a empresa, mas quando fazia, ficava maravilhada com o fato de ela ser imensa e extremamente bonita. Imaginava-me caminhando pelos corredores de um lado para o outro

— A sua sala é linda! — Me acomodei em sua cadeira enquanto ele procurava os papéis de que precisava.

— Meu maior sonho é vê-la ocupar esse lugar. — Cruzou os braços enquanto me olhava minuciosamente. Dava para adivinhar facilmente seus pensamentos. Meu pai sempre deixou claro que se sentiria realizado quando me visse ocupar sua cadeira.

— Prometo que quando esse dia chegar, não irei te decepcionar.

— Eu sei que não vai. — Sentou na cadeira de frente para mim. — Eu confio e acredito em você.

— Só lamento ter que trabalhar com o prepotente do Ian. — Sua gargalhada tomou conta do ambiente.

— Quando vai acabar esse jogo de gato e rato de vocês?

— Ele faz questão de ser inconveniente.

— Eu sei o quanto você ama sua família. E você tem a total ciência do quanto é amada também. — Seu tom de voz estava mais sério.

— Eu sei. Mas por que isso agora?

— Só quero que saiba que nem todas as pessoas têm esse privilégio. Só tenha um pouquinho de paciência com ele. Ele tem um coração enorme e um dia você vai perceber isso. — Eu sempre tive dúvidas sobre o queacorrentava Ian. Bem lá no fundo, eu desconfiava que toda sua arrogância, talvez fosse uma forma de se autoprotger, mas depois do que meu pai disse, eu passei a ter certeza. Talvez a realidade de Ian fosse uma a qual eu jamais ousaria imaginar. — Ele não é a pior pessoa do mundo e está longe de ser. Promete que vai pensar nisso com carinho? — Assenti.

Meu pai era um homem com uma sabedoria encantadora. Sempre falava a coisa certa. E por mais que eu detestasse estar na presença de Ian. Uma parte de mim sabia que meu pai tinha razão.

No caminho até a sorveteria, fizemos planos para o meu aniversário. As músicas que tocariam e a roupa que ele tanto queria usar. Eu tinha o melhor pai que alguém poderia ter. Não pelas riquezas que ele me proporcionava, mas pelo amor que ele tanto deixava transparecer.

— Chocolate pra você, flocos pra mim. — Puxou a cadeira ao lado para sentar.

— Como não consegue gostar de chocolate?

— A questão é: como você consegue gostar? — Meu pai não era nada fã de chocolate.

Minha mãe costumava contar que ela amava o fato de sempre comer os chocolates que ganhava sozinha. Ele não fazia a mínima questão. Sobrava tudo para ela.

— Espera. — Eu passei a mão por seu cabelo e tirei uma mecha que insistia em cair sobre os olhos dele. — Pronto.

— Sei que aparentemente vocês podem se odiar, mas acho que Ian gostou de você. — Meu pai era muito mais observador do que eu podia imaginar. Na verdade, foi ele que me ensinou a ficar atenta a todas as coisas ao meu redor, por isso ganhamos a prova da corda. Porque eu fiz como ele sempre dizia para fazer. Eu observei.

— Ele não faz o meu tipo. — Levei uma colher de sorvete à boca.

— Eu sei perfeitamente qual é o seu tipo e ele estava sentado bem no meu sofá. — Gargalhei.

— Acredito que sim.

— Eu sei que falei demais antes de sair de casa, mas eu preciso dizer mais uma coisa. — Na hora eu não entendi a sua necessidade em falar. A urgência que ele tinha em me ensinar enquanto podia.

— Sim.

— Você não precisa de um amor épico, precisa de um amor que valha a pena ser vivido. — Sua voz era tão doce quanto o sorvete que tomava. — Nunca terá um príncipe encantado cavalcando em um cavalo branco por aí.

— Eu sei.

— A pessoa perfeita simplesmente não existe. Todos nós somos um aglomerado de defeitos da cabeça aos pés. A diferença é que quando amamos alguém de verdade, não queremos que os nossos defeitos machuquem a pessoa amada. Então a gente tenta fazer a coisa certa para que dê certo. Não há uma metade da laranja perdida em algum lugar, mas existe a pessoa que estará disposta a ficar ao seu lado no seu momento mais difícil, a pessoa pra quem você vai se sentir à vontade em contar os seus medos e ela vai te fazer ver que nem todos os seus pânicos são reais. Vai te ajudar a entender que nem todo vento é furacão e que se houver tempestade, ela vai ficar ali com você, segurando a sua mão, até a coisa estiar lá fora. Você vai se sentir segura e amada. — Me olhou de uma forma tão especial, como quem observa a flor mais bonita em um jardim. — O amor pode ser muito louco, sabe? Mas também pode ser a coisa mais sensata da sua vida.

— Obrigada, pai. — Segurei a sua mão e apertei firme. — Por ser um exemplo de homem incrível que você é. — Ele chegou a cadeira mais para perto e me abraçou.

— Você é incrível. E me faça o grande favor de nunca se esquecer disso. — Apertei meus braços ao seu redor enquanto assentia.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, cara pálida. — Eu não fazia ideia de que aquela era a última vez que tomaria sorvete com o meu pai. Se eu soubesse o quão pouco tempo tinha, teria pedido outro sorvete e depois outro, e outro. Tomaríamos sorvete até que eles saíssem pelos olhos, até a boca ficar dormente ou os nossos cérebros congelarem. Não por causa do sorvete, é claro. Mas pelo simples fato de estar ali com ele, olhando para ele, admirando seus olhos esverdeados e ouvindo-o falar com toda aquela paixão.

Eu inventaria mil assuntos diversos, faria cócegas só para ouvi-lo gargalhar, diria eu te amo em várias línguas diferentes e ficaria ali por horas e horas, até não poder mais.

Essa é a síndrome da “*última vez*”. Nós nunca saberemos quando acontecerá.

Se pudéssemos prever o futuro, faríamos diferente? Mas a pergunta é: por que não fazer diferente todos os dias? Estamos tão ocupados, vivendo no modo automático de sempre, que não nos damos conta de que a última vez está acontecendo bem debaixo do nosso nariz.



Treze

O Último Adeus

É incrível como algumas lembranças simplesmente entranham na gente e decidem não partir também junto com as pessoas.

— Bom dia, vida! — falei ao abrir a janela para ver como o clima estava lá fora. — Enfim, segunda de novo. — Eu tentava controlar o sorriso que insistia em se formar entre a ponta de uma orelha a outra. Na noite anterior eu havia pegado no sono da melhor maneira possível.

Ouvindo a voz dele, é claro. Dom era aquele cara que conseguia fazer o seu coração acelerar e, ao mesmo tempo, bater em uma lenta sintonia.

Acredito que a paixão é como música boa, você aprecia toda sua beleza, ao mesmo tempo em que sente tudo aquilo que ela consegue causar na parte mais oculta de nós. É como uma orquestra em sinfonia. Cada melodia é uma nota repentina, que faz a nossa alma dançar.

De frente para a penteadeira prendia um lado do cabelo com grampos, deixando a outra parte cair sobre meus ombros. Nick herdou os mesmos cachos. Costumávamos chamá-lo de anjo. Papai quase chorava toda vez que a mamãe, por brincadeira, ameaçava cortá-los. É claro que minha mãe nunca cogitava essa questão de verdade. O objetivo era a cara de inconformado do meu pai. E dava muito certo.

Já pronta, ajudei Lili a colocar os últimos utensílios na mesa, acordei Nick e o auxiliei a se trocar e escovar os dentes. Cautelosamente, abri a porta para o tio Silas e assim que meus pais acordaram, se depararam com uma linda mesa de café. Eu pude ver uma trapaceira lágrima rolar dos olhos da mamãe e com alegria eles nos abraçaram. Eram vinte anos de casados, mereciam muito mais do que aquilo.

Ao redor daquela mesa farta, lembrávamos as melhores partes de nossas vidas. O papai fez questão de se declarar para o grande amor da vida dele. A forma com que se amavam, se olhavam, era de longe o amor mais bonito que tive o prazer de ver de perto.

Eu sei que não deveria chorar ao lhe contar isso, mas eu não consigo simplesmente não me emocionar. Eu os observava minuciosamente, como se eles fossem a coisa mais valiosa do mundo e eles eram, pelo menos para mim. Eles foram e sempre serão a minha grande preciosidade. Eu não fazia ideia de que aquela seria a última vez que veria minha família reunida ao redor daquela mesa.

— Obrigado pela surpresa. — Meu pai era um homem excepcional. Nunca fez questão de disfarçar seus sentimentos. Ele se permitia viver o que sentia. — Vocês são incríveis. — Os lábios dele se formaram em um largo sorriso. — Bem, não importa o momento ou a situação, na vida nós...

— Sempre devemos ser gratos — completei.

Meu pai transbordava gratidão e acredito que essa tenha sido a fórmula mágica para que fosse tão feliz da forma que era.

— Acredito que te ensinei o correto até aqui. — Tinha emoção impregnada no verde de seus olhos — A vocês dois. — Segurou docemente a minha mão e depois a do meu irmão. — Nunca se esqueçam que falar com Deus sempre vai ser a melhor coisa a se fazer em todos os momentos.

— Não esqueceremos. — Sim, eu iria me esquecer daquilo horas depois, infelizmente.

Bom, melhor eu aproveitar enquanto vocês ainda gostam de mim. Deixa a minha parte podre da maçã para daqui a pouco.

Quando a minha família estava reunida, esquecíamos que relógios continuavam a correr com as horas. Jogávamos tanta conversa fora que um simples café mais parecia almoço de Natal

— A minha sogra queria escolher o nome do nosso primeiro bebê. — Minha mãe sorriu ao lembrar.

— Ainda bem que isso não aconteceu — disse enquanto verificava se havia colocado a torta que separei para José na mochila.

— Ah... Mas por quê? — Papai me questionou.

— Ora, a mamãe teve mais criatividade do que a vovó.

— A nossa mãe era criativa — contestou meu tio.

— Paulo e Silas? É sério que vocês acham criativo?

— Era isso ou nos chamaríamos Elias e Elizeu — meu pai respondeu descontraidamente, fazendo com que todos gargalhassem até a barriga doer.

— Mediante a isso, só tenho a agradecer. Obrigada, mãe. Anne e Nicolas são perfeitos.

— Eu disse isso ao seu pai, mas ele chegou a cogitar Zípora, acredita?

— Ah, não!

— O que tem de errado com Zípora? — Ao ver meu tio tentar conter o riso, eu não pude segurar, em segundos a sala inteira havia caído na graça.

— Bem, pelo visto vou ter que ser mais criativo quando vierem os netos.

— Eu acho bom mesmo. Ou nossos netos terão pavor ao se apresentarem.

— Na dúvida, escolha nomes simples e pequenos — sugeri. — Mas no momento o que eu realmente preciso é ir para o colégio.

— Eu te levo, filha. — Nos despedimos de todos e partimos para o nosso destino

Nós paramos no caminho para entregar a torta para o meu amigo. Papai disse pelo menos umas três vezes que sentia muito orgulho de mim. Pode parecer pouco, mas essa simples frase faz qualquer filho ganhar o dia. A única parte triste foi não ter podido conversar um pouco com José. Senti saudades dele durante as férias. Mas o abraço que recebi valeu a pena. Eu não sabia muito bem o porquê, mas aquele abraço parecia querer me dizer tantas coisas. Senti seu olhar diferente, ao me desejar feliz segunda-feira. Mas pensei que pudesse ser apenas impressão.

— Boa aula, cara pálida. — Se inclinou e beijou minha bochecha. — E não esqueça que te amo.

— Não vou esquecer. — Na maioria das vezes que meu pai dizia que me amava, ele pedia para que eu não esquecesse e nos últimos dias ele estava fazendo aquilo com muito mais frequência.

Eu era sincera ao respondê-lo. Nunca esqueci o quanto seu amor por mim e por Nick era incrível.

No intervalo, descansávamos no nosso lugar de sempre. Eu ficava imensamente feliz por ninguém optar por ficar debaixo da árvore.

— Bem, acho que setembro é uma boa data.

— Pra quê? — Dom parecia confuso, sem entender o que Cami tentou dizer.

— Para o casamento de vocês. — Ele gargalhou, provavelmente sem entender por qual razão ela havia saído com aquela história às dez da manhã.

— Acostume-se — alertei. — Ela sai com coisas aleatórias e totalmente sem sentido, às vezes.

— Não parece sem sentido pra mim. — Eu não conseguia definir qual dos dois tinha o poder supremo de me deixar mais sem graça.

— Ahá! Eu não sou a louca, afinal. — Seu tom era alto, leve e descontraído, como na maioria das vezes. — E eu estarei lá na frente como sua madrinha. — Encarou-me. — Dentro de um vestido incrivelmente bonito. Pode ser vermelho. Acho que me favorece. Nick pode levar as alianças.

— Pra ficar ainda melhor, deveria conseguir pegar o buquê. — Dom estava totalmente no jogo dela. Os dois trocavam ideias fantasiosas sobre o meu suposto casamento, sem ao menos me consultar e melhor de tudo, como se eu não estivesse presente.

— Só se me ajudar a desencalhar. — Eu apenas observava, tentando não rir da forma com que levavam o assunto. — Alto talvez.

— Olhar sedutor? — sugeriu Dominic.

— Acompanhado de um humor surpreendente, com uma pitada de acidez, talvez. Só pra combinar com o sarcasmo que habita em mim. — A missão de segurar a gargalhada falhou no instante em que Dominic se deixou levar e se contorceu de tanto rir.

— Olha, o que temos aqui. — Deixei de ser omissa no assunto. — Uma *fanfic* pronta e com roteiros para um *spin-off*.

— O quê? — Claro que ele não fazia ideia do que seria aquilo.

— Uma ficção, um pouco ilusória, eu diria. — Quando o sinal bateu, Cami foi a primeira a correr para sala. Eu me permiti espreguiçar, até que meu corpo estivesse preparado para abandonar a grama.

Dom ficou de pé e estendeu-me a mão.

— Não parece ilusório pra mim. — Me puxou. — Acho que mais do que uma simples *fanfic*, nossa história é digna de se tornar *best-seller*. —

Levei um segundo para pegar o meu queixo que havia caído pelo chão.

— Ora, ora. O que temos aqui? Seria esse um leitor nato de livros de romance?

— Por você, vale até mesmo virar autor de um deles. — A forma com que o canto dos seus lábios se curvavam, me fazia derreter muito mais do que cubos de gelo em um copo com bebidas quentes.

Eu amava a forma com que me olhava. Os olhos dele conseguiam se comunicar muito mais do que as palavras que insistia em dizer. Acho que o amor verdadeiro tem o poder de fazer com que você se sinta unicamente especial. E era exatamente dessa forma que me sentia quando tinha os olhos dele sobre mim.



— Olá, família. — Tio Silas entrou alegremente pela sala. Mesmo eu explicando várias vezes que sei cuidar de mim e de Nick perfeitamente bem, minha mãe insistiu em pedir para que ele ficasse conosco. O que não era de costume. Quando meus pais decidiam ter a noite do casal, Nick e eu ficávamos assistindo TV. E nossos fios de cabelo continuavam no lugar quando eles voltavam para casa. Mas naquela noite, meus pais fizeram questão que meu tio nos fizesse companhia.

— Tio! — Assim que Nick correu ao seu encontro, ele o pegou no colo.

— Olá, pequeno príncipe. — Deu um beijo em sua testa.

— Obrigado por vir, meu irmão. — Acredito que o sorriso do papai o agradeceu muito mais do que quaisquer palavras.

— Não precisa agradecer. — Assim que tio Silas colocou Nick no chão, papai o pegou em seu colo.

— Eu te amo demais. — Com seus fortes braços apertou meu irmão e acariciou seus belos e cheirosos cachinhos.

Meu irmão respondeu com carinhos na barba rala do nosso pai.

— Eu amo vocês dois demais. — Com os dedos fez sinal para que me aproximasse e me beijou assim que cheguei perto. — Nunca se esqueçam disso.

— Eu também amo, viu? — A voz da mamãe invadiu a sala.

Ela se aproximou, cumprimentou tio Silas, beijou Nick várias e várias vezes. — Seja um bom menino — disse-lhe. E logo depois fez o mesmo comigo. — Cuida do seu irmão. — Me pareceu muito mais uma súplica.

— Sempre!

— Promete?

— Com todo meu coração. — Me puxou para si. — Quando chegarem, quero te mostrar as fotos das lembrancinhas do meu aniversário. Ficaram lindas. — O sorriso tomava conta de meus lábios.

Gradualmente me soltou.

— Já estou ansiosa. — Seus olhos emanavam uma luz tão linda. — Eu te amo. Nunca se esqueça do quão incrível você é — disse baixinho, bem próximo ao meu ouvido. — Vamos, querido?

— Vamos! Obedeçam ao tio de vocês — disse ele. — Aliás, sempre obedecem ao tio Silas. — Nos beijou mais uma vez e se foram. Estavam tão lindos e apaixonados como sempre.

Mais tarde pedimos pizza e assistimos alguns filmes infantis. Tio Silas colocou Nick na cama e voltou para sala para esperar meus pais. Eu resolvi me deitar.

Aquela noite foi a vez de Dom pegar no sono enquanto falava comigo.

Quando desliguei a chamada, forcei meus olhos a fecharem, mas, inquieta, via as horas passarem sem ao menos piscar por mais de cinco segundos.

Encarava o relógio de vinte em vinte minutos. Na cama, rolava de um lado para o outro, até conseguir soltar o lençol. Aquela noite tinha tudo para ser comum, como qualquer outra, mas, na verdade, se tornou a pior de toda a minha vida.

— Posso dormir com você? — Sua voz manhosa me assustou. Meu irmão estava apreensivo. Geralmente dormia à noite inteira.

— Claro. — Arrastei meu corpo para o lado para que se ajeitasse no travesseiro. — Sonhos ruins?

— Não.

— Não quer ficar sozinho? — Assentiu com a cabeça enterrada em meu pescoço. — Tudo bem. — Nick acordou duas vezes, perguntando por nossos pais. Até mesmo ele sabia o quanto era estranho tanta demora. De todas as vezes que eles saíam sozinhos, não passavam da meia-noite. Eu me forçava a dormir, mas não conseguia deixar de encarar o teto.

Meu irmão havia pegado novamente no sono e eu aproveitei a deixa para levantar e saber notícias.

Enquanto descia os degraus da escada, notei duas pessoas abraçadas na sala. Cocei os olhos, forçando-me a enxergar melhor, e vi os braços de Lili em volta do corpo alto do meu tio.

Aquilo era muito mais do que estranho.

— Aconteceu alguma coisa? — Se afastaram de imediato.

Ao olhá-los diretamente nos olhos, notei que tanto os de Lili, quanto os do meu tio estavam avermelhados, como se estivessem chorado bastante. — O que houve? — Embora aquela fosse a segunda pergunta que fazia, seguia sem ter nem mesmo a resposta da primeira. — Por que parece que não estão me ouvindo? O que está acontecendo? — Ao me aproximar, notei que lágrimas escorriam no rosto dos dois. Encaravam-me sem dizer coisa alguma. Aquilo começava a causar certo pânico dentro de mim.

— Anne... — ele hesitou, secando as lágrimas com as palmas das mãos. — Eu liguei pra Lili porque... — A sua falta de coragem para terminar as frases começou a me gerar medos.

— Cadê os meus pais?

— Aconteceu algo ao qual eu não sabia como agir. — Encarei-o minuciosamente, tentando decifrar suas feições. — O hospital me ligou agora e...

— E?

— Houve um acidente. Um caminhoneiro cochilou no volante.

— Meus pais se feriram? Estão no hospital? — Comecei a andar de um lado para o outro enquanto falava. — Então vamos pra lá — propus no mesmo instante. Mas o fato de que eles nem sequer se moveram não era um bom sinal.

— Anne...

— Vou me trocar e então podemos ir. Eu preciso saber melhor e... — Ofegante, tentava solucionar tudo na mente. — Eu preciso vê-los. — Encaravam-me. — Por que estão aí parados? Vamos logo!

— Anne, calma. — Minhas pernas tremiam.

— Lili pode ficar com o Nicolas — sugeri, já afirmando — Não pode? Ele não vai acordar. Eu prometo.

— Meu amor... — Lili se aproximou, com o braço afagando meu ombro, disse: — Você precisa ser forte.

— Eu não quero ser forte, quero ver os meus pais, agora! — Puxei os ombros tirando suas mãos de mim. — Vou para o hospital com ou sem vocês, eu quero ver a minha mãe e falar com o meu pai.

— Não, Anne. Não dá! — Já senti como se enfiassem a mão dentro do seu peito e espremessem seu coração? Cheguei a pensar que poderiam realmente estar fazendo isso.

— Por favor, me diga que eu vou vê-los. — Em voz baixa, praticamente supliquei.

— Eles morreram. — Não sei se em algum momento da vida o nosso pulmão esquece sua real função, mas o que senti foi semelhante a não conseguir respirar.

— O quê? — Não é que eu não havia entendido, eu só queria lhe dar a oportunidade de falar qualquer outra coisa, mas ele não disse. — Não...

— Meu irmão morreu no mesmo instante e sua mãe faleceu a caminho do hospital. Eles morreram, Anne. — Caí de joelhos sobre o chão. Não que tivesse optado por isso, mas minhas pernas simplesmente decidiram não aguentar o peso que foi ouvir aquilo.

— Não, não, não!

— Sinto muito. — A voz de Lili quase não saiu.

— Não! — Assustei a mim mesma com o grito que fiz ecoar pela sala. — Não, isso não. Por favor, não! — Meu tio ajoelhou-se à minha frente. Nos braços dele eu abafava meus gritos ensurdecedores.

— Eu sinto muito — falava ele entre soluços.

— Isso dói! — Tinha a certeza de que não conseguia sentir nenhuma parte do meu corpo além do meu coração, que se desfazia dentro do peito. — Não, não. — Acho que nunca vou conseguir descrever aquela dor. Passar pela morte deve doer mil vezes menos do que saber que alguém que você mais amava partiu para sempre.

No chão daquela sala, eu gritava ao vento o quanto aquilo não poderia ser verdade. Com toda a certeza aquele era o meu pesadelo mais real.



Sentada na poltrona do escritório do meu pai, eu passei mais ou menos sete horas em um estado quase vegetativo. Não me levantei, não comi, não abri a boca nem que fosse para responder perguntas que Lili e meu tio insistiam em fazer, para saber se eu estava bem ou não. Uma total besteira. Ninguém fica bem depois de perder o que tinha de mais importante. Acho que “bem” não faria parte do meu vocabulário por longos anos.

Sequer chorava. Apenas vasculhava tudo ao meu redor com os olhos. Havia porta-retratos em cada móvel. Meu tio praticamente implorou para que fosse me deitar. Ele sabia que não sairia dali, então desistiu de pedir e resolveu me deixar a sós com meus pensamentos.

Constantemente a minha mente voltava ao passado. Eu revivi a minha vida um milhão de vezes até o amanhecer. Revivi todas as coisas. Era como assistir a um filme. Me recordei quando mamãe arrancou meu primeiro dente, quando meu pai me chamou de cara pálida pela primeira vez, o nascimento do meu irmão, a forma com que o papai transformava tudo em uma piada, seu jeito unicamente singular de contar histórias e a voz da mamãe cantando no coral.

Eram lembranças de uma vida inteira. Como eu faria para aprender a viver sem tudo aquilo?

Encarava o escritório vazio e me perguntava se algum dia conseguiria.

As lágrimas cessaram, eu não conseguia derramar uma gota. A fonte que jorrava dos meus olhos havia secado. Meus pensamentos faziam morada em tudo o que vivi até a noite anterior aquele dia.

Assim que Nick acordou, a primeira coisa que fez foi perguntar onde estavam os nossos pais, que não haviam ido acordá-lo. Mal sabia ele que jamais seria acordado por eles novamente.

Eu ensaiei cinco vezes a forma correta de contar a ele, mas não consegui. Tio Silas e Lili tiveram que fazer aquilo sem mim. Eu não conseguia dizer em voz alta o que tinha acontecido. Não dava.

Minha vida era boa, perfeita e em um piscar de olhos, tudo desmoronou. Senti minha estrutura desabar e observava enquanto tudo se desestruturava dentro de mim.

Tio Silas fez o reconhecimento dos corpos e cuidou de todo preparativo para o enterro.

Lili ficou em casa com meu irmão. Eu escolhi a coroa de flores, mas confesso que preferia estar escolhendo os trajes que eles usariam no meu aniversário.

Ao me arrumar, optei por óculos escuros, com o objetivo de tentar evitar contato visual com as pessoas ao meu redor. Não sentia vontade alguma de falar ou ouvir qualquer coisa que fosse.

Durante todo trajeto, me perguntava que tipo de filha estava sendo, que mal havia chorado depois do amanhecer.

Quando pisei na igreja, todos se viraram instantaneamente. Eu não queria aqueles olhares piedosos. Corri rapidamente os olhos por toda aquela multidão. Meus pais eram pessoas muito queridas, a igreja estava lotada. Ao longe, lembro de ter visto Ian usar óculos escuros também. Foi o único que manteve a cabeça baixa quando cheguei.

Eu reconhecia quase todos ali presentes, exceto um senhor alto, de pele morena e cabelos negros. Seus olhos eram tão penetrantes a ponto de conseguir destacar-se entre toda a multidão. Senti como se o conhecesse, mas não forcei minha mente a buscar qualquer indício que me fizesse reconhecê-lo.

Eu poderia não fazer ideia de quem se tratava, mas aqueles olhos tentavam me dizer alguma coisa, por menor que fossem as palavras.

Conforme caminhava pelo corredor, eu desejava sair pelo mesmo caminho. A cada passo, sentia bem menos as minhas pernas.

Dominic cogitou vir até mim, mas com um sinal negativo, supliquei para que ficasse onde estava e, desapontado, voltou para o seu lugar.

Da porta da igreja até o altar onde estavam os caixões, foi o maior e mais longo de todos os trajetos que já fiz. Meu cérebro obrigava minhas pernas a se moverem a todo custo. Eu colocava um pé à frente do outro, mesmo tendo a impressão de não estar sentindo o chão. Senti uma mão forte segurar os meus ombros.

— Como você está? — Eu tinha evitado aquela pergunta desde a notícia que mudou a minha vida e como em todas as vezes, não respondi.

Meu tio apertou carinhosamente o meu ombro. Sem obter nenhuma resposta, decidiu aceitar o meu silêncio.

Eu tentei olhá-los, mas não consegui, parei a menos de dois passos do caixão.

— Tudo bem — balbuciou o meu tio.

Recuei e sentei no primeiro banco. Perto o suficiente para não abandoná-los e longe para tentar guardar a melhor imagem deles em mim.

Se você nunca precisou passar por isso, não deve entender muito bem toda a confusão mental que estava a minha cabeça. Mas sinto lhe informar, em algum momento você vai saber como é. Por mais forte que sejamos, nunca estaremos preparados para perder quem tanto amamos. Isso é uma certeza.

Olhos inchados, nariz vermelho e voz embargada, era nítido o quanto tio Silas estava sofrendo. Ele havia perdido a mulher, o filho e agora o irmão mais velho. Como Nick e eu, ele também estava perdido, mas se mantinha de pé, na frente de todos e pronto para iniciar a cerimônia de despedida.

Durante todo o velório, alguns amigos optaram por falar, fizeram lindas homenagens. Mas eu... Eu não consegui fazer um discurso bonito, não consegui dizer tudo o que eles foram para mim. Porque eles não foram palavras, eles foram tudo de melhor do que eu já senti e vivi. E de certa forma, sempre serão tudo o que eu sou e nada do que eu pudesse falar despreveria os pais incríveis que eles foram para mim e para o meu irmão.

Cami sentou ao meu lado.

— Eu só quero que saiba que sempre estarei aqui. — Colocou a mão sobre a minha e apertou carinhosamente.

— Obrigada. — Foi uma breve resposta. Por mais que Cami fosse minha amiga de infância, tudo que eu mais queria era ficar sozinha. Eu só queria poder ficar a sós enquanto assistia minha vida escorrer entre os dedos.

Tudo fluía como uma bela despedida, da forma que mereciam, até o coral tomar a frente.

— Nós queremos fazer uma homenagem a esse casal tão incrível que foram nossos amigos — disse uma das amigas da mamãe. — Vamos cantar o que Lorena mais amava cantar.

— Não pode ser — balbuciei em negação. — Como assim? — Eles cantariam o que eu tanto amava ouvi-la cantar.

O coral começou e movida por uma massa de sentimentos, fechei os olhos. Já na primeira estrofe, senti uma lágrima queimar enquanto fazia seu percurso pelo meu rosto. Eu os abri e a procurei entre eles. Eu procurei por ela, até lembrar que se encontrava ali também, mas dentro de algo que jamais jurei ver tão cedo. E então a ficha caiu. Meu coração acelerou de tal maneira que poderia jurar que seria a próxima a trajar um caixão.

De certa forma, eu também morri, mas por dentro. Diferente de todas as vezes que ficava apreensiva, minhas mãos não suavam. Permaneceram secas, assim como a minha boca, o que estava se tornando totalmente o oposto dos meus olhos.

Levantei enquanto cantavam, ensaiei o fato de finalmente olhar para eles, mas não. Não conseguia mais ver uma multidão. Era apenas eu, o caixão dos meus pais e o peso da dor. Tentei puxar o ar, uma, duas, três vezes. Mas senti como se tentassem me asfixiar com um travesseiro. Não sabia distinguir se meu coração batia vagarosamente ou rápido ao ponto de não conseguir notar suas batidas.

— É real. — Minha voz era tão baixa, como se lutasse para sair. — Meus pais. — Puxava o ar ou pelo menos, tentava. Minha cabeça rodava muito mais do que um pião. Engoli em seco. Desesperada, caminhei pela porta lateral da igreja, até sair dali. No corredor do lado de fora, corri tão rápido quanto a velocidade com que as lágrimas caíam.

Ouso dizer que poderia ter deixado rastros intermináveis da minha tristeza, estampadas nas gotículas que umedeciam o chão.

Sem pensar, entrei no banheiro masculino, tranquei a porta e me encolhi no chão com os braços ao redor dos joelhos. Deixei que caíssem todas as lágrimas que precisavam se libertar. Diferente de antes, que só vinha o passado em minha mente, naquele momento eu só estava sendo assolada pelo peso do futuro.

Meus pais não estariam no meu aniversário, não apareceriam na minha formatura, não me ajudariam nos preparativos do meu casamento, quando fosse a hora. Eles não veriam Nick crescer, não ensinariam o que era certo ou errado.

Meu irmão e eu não estávamos prontos para aquilo. Eles me ensinaram muitas coisas, menos a viver sem eles.

Nós nunca mais os veríamos novamente. E o peso do *nunca mais* estava me ferindo, me dilacerando. Doía.

Jogada naquele chão, eu abafava minha angústia com a mão, na esperança de diminuir o volume elevado do meu desespero. Era a primeira vez que via alguém sangrar sem derramar uma gota de sangue.



Quando o enterro acabou e tive que voltar para casa, senti uma lotação de vazios assustadores.

Lili insistiu para que eu a deixasse levar Nick para sua casa. A princípio, eu não queria, mas tio Silas me convenceu de que tirá-lo de casa naquele momento poderia ser bom para ele.

Olhei a imensidão do meu quarto, tinha tantas lembranças ali. Me joguei na cama e encarei o teto por algumas horas, tentando encontrar ânimo para tomar um banho, trocar a roupa e tentar comer alguma coisa.

O meu celular estava cheio de mensagens as quais eu não estava nem um pouco afim de responder. Eu sabia que ninguém ao meu redor tinha culpa do que estava acontecendo, mas não estava conseguindo lidar com a dor da forma que eles esperavam.

Acredito que dor seja algo relativo demais e algumas pessoas lidam melhor do que outras.

Não que uns sofram mais e outros menos, mas acho que cada pessoa canaliza a dor da forma que consegue. Não há uma escola que nos ensine a fórmula certa para isso. Nós simplesmente lidamos da maneira que conseguimos.

Há quem se livre da sujeira e existe também quem a varre para debaixo do tapete.

Nas horas seguintes, eu ainda esperava ouvir a voz deles. Pensava que fossem aparecer a qualquer momento. Eu esperei, esperei, esperei... Até me dar conta de que aquilo não aconteceria. Não mais. A casa poderia estar em um profundo silêncio, mas o meu coração não.

O meu coração estava aos prantos, como se não tivesse mais motivo algum para continuar pulsando.

No corredor, andava de um lado para o outro sem parar. A porta do quarto deles ainda estava entreaberta, um convite perfeito para a minha dor.

Com a mão na maçaneta, respirei fundo e abri ainda mais. Enquanto colocava o primeiro pé, fechei os olhos, desejando acordar daquele pesadelo terrível. Quando coloquei o outro, eu os abri, encarando aquela escuridão que, por incrível que pareça, parecia estar mais claro do que o meu interior.

Com o tato, procurei pelo interruptor e o apertei. Quando tudo se iluminou, corri os olhos pelo espaço. O cheiro deles estava impregnado em cada pedacinho daquele lugar. Caminhei até a cama e peguei o roupão que estava sobre ela. Estava exatamente como minha mãe havia deixado. Levei-o até minhas narinas e inalei aquele cheiro de rosas, que me fazia chorar ao perceber que, com o tempo, não sentiria mais aquele aroma tão agradável. Eu me envolvi naquele roupão com o intuito de senti-la me abraçar. Mas aquilo era tão ilusório quanto a esperança de vê-los entrar por aquela porta e contar como o jantar havia sido.

Sobre a pia do banheiro, a espuma de barbear do papai estava aberta. Ele sempre se esquecia de fechá-la.

Quando a peguei em minhas mãos, encarei o espelho, tendo a impressão de vê-lo se barbear e depois despejar aquela espuma em mim. Com minhas pernas tão pequeninas me fazia correr por todo o quarto. As nossas gargalhadas ecoavam pelo cômodo. Naquela época não imaginava que teria que passar por tudo aquilo.

Devolvi o creme de barbear à pia, sem ter coragem de fechá-lo. Deixei destampado exatamente como ele havia esquecido. Voltei para o quarto e deitei na cama imensa, coberta pelo edredom favorito da mamãe, agarrei os travesseiros e me encolhi.

Enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, eu pressionava os olhos com força, desejando que fosse apenas um sonho extremamente ruim, porque para mim, aquilo com certeza não era real. Não poderia ser.



Dez dias depois, eu ainda praticava os mesmos hábitos. Acordar, cuidar do Nick, voltar para o quarto e encarar o teto.

O meu celular já havia descarregado há um bom tempo e sequer me dei o trabalho de procurar pelo carregador. Eu sabia que as pessoas não desistiriam de procurar por mim. Pelo menos Camili deveria estar enchendo o meu celular de áudios aos quais eu não pretendia ouvir. Eu não conseguia encarar todo mundo. Eu mal conseguia encarar o meu reflexo no espelho. Era impossível fazer as mesmas coisas, os mesmos trajetos. Tudo me lembrava eles. Até mesmo Dominic me fazia lembrar a cumplicidade que tinha com a minha mãe e do quanto ela me alertou que estávamos apaixonados e torcia para que me desse conta logo.

Eu sabia que não seria fácil, mas com muito custo, consegui fazer meu tio pegar a minha transferência para outro colégio. Ele tentou de tudo para me fazer mudar de ideia, mas eu não facilitei. Eu tentei ir até o colégio, mas tive uma crise de pânico pelo caminho. Foi difícil da primeira vez, então resolvi tentar uma segunda e assim como também na terceira e na quarta vez, eu voltei para casa. Eu precisava de um lugar onde ninguém perguntaria como eu estava ou como me sentia.

Eu mal conseguia vestir o uniforme. E foi assim, desse jeito meio dramático e fraco, que meu tio me mudou de colégio.

Não estava sendo fácil. O colégio novo ficava meia hora mais longe do que o antigo. Mas não me importava, desde que não tivesse que fingir estar bem para não afetar pessoas que amava.

Já era hora de ligar o celular. Eu precisava ficar de olho no grupo do colégio. Não que eu tivesse interesse de me enturmar. Na verdade, eu não fazia a mínima questão disso, eu só precisava saber das notícias e anúncios.

Me sentei na cama, abri a gaveta da mesa de cabeceira, peguei um chip novo que havia comprado e coloquei no meu celular. Sem pensar duas vezes, joguei o chip antigo no lixo.

Coloquei o celular para carregar e depois me joguei na cama novamente.

Os dias se passaram sem que eu pudesse contá-los. Eu estava vivendo um círculo vicioso, onde todas as minhas ações se repetiam. Acordar e dormir eram uma linha tênue entre o choro e a tristeza.

Um mês da morte dos meus pais e eu ainda não conseguia sair do piloto automático. Estava fazendo o que havia aprendido a fazer de melhor.

Olhava para o teto sem piscar, quando ouvi meu tio bater na porta.

— Visita pra você.

— Já disse que não quero visitas. — Não cheguei nem mesmo a dizer aquilo olhando-o nos olhos.

— Tarde demais. — A voz de Cami tomou conta do meu quarto, me fazendo levantar.

— Vou deixar vocês conversarem. — Ele se retirou e fechou a porta para nos dar mais privacidade.

— O que quer? — Ela estava parada à minha frente de braços cruzados.

— O que eu quero?

— Sim — respondi, tentando encurtar toda a conversa. Eu não tinha a menor vontade de ter um diálogo.

— A minha melhor amiga de volta.

— Olha, Camili, estou dispensando discursos fofos, tá? Se quisesse ouvir alguma coisa, optaria por ligar o rádio. — Caminhei até a janela, dando-lhe as costas.

— Dom e eu estamos preocupados com você. Um de nós precisava ver como você estava.

— Já viu?

— Por que está dificultando as coisas? — Me virei novamente para encará-la.

— Os meus pais morreram. — Abri os braços e ela me olhou de cima a baixo. Cami carregava muitas coisas em seu olhar e seu semblante era tão triste quanto o meu. — Não estou dificultando nada, só estou tentando tocar a minha vida e em paz, de preferência.

— Está fazendo isso muito mal.

— É o único jeito que eu sei.

— Deixa a gente te ajudar. — Deu um passo à frente. Sua fala saiu como uma súplica. — Os seus pais morreram, Anne. Não você. — Caminhou em minha direção, diminuindo a distância entre nós.

— É aí que se engana. Alguma coisa dentro de mim partiu junto com eles.

— Me deixa te trazer de volta. — Uma lágrima se desprende de seus olhos e percorreu o trajeto do seu rosto. Senti meus olhos arderem e quando dei por mim, já estavam tomados por lágrimas também. — Somos como almas gêmeas.

— Só vai embora, por favor. — Apontei para a porta.

— Não. Eu não posso ir e te deixar assim. — No fundo eu sabia que ela não viraria as costas.

— Não quero a sua companhia! — Eu sabia que se quisesse vê-la partir, deveria feri-la também.

— Anne...

— Quero ficar sozinha. É pedir muito?

— Mas você prometeu. Prometeu que sempre haveria um espaço aí dentro reservado pra mim. — Secou as lágrimas que insistiam em cair.

— Isso não é sobre nós duas.

— Ninguém solta a corda, lembra? — Puxei o ar, tentando impedir que mais lágrimas fossem derramadas, mas eu falhei.

Estava me doendo demais. Era como uma facada no peito. Eu queria ser amável, queria abraçá-la e dizer que eu só precisava de um tempo, mas eu não conseguia. Eu precisava afundar em tudo que estava sentindo e não podia levar ninguém para o fundo também. Eles não mereciam.

— Acho que cortei a corda.

— Não — suplicou. — Não faz isso com você.

— Precisa ir. — Passei por ela, caminhei até a porta e a abri. Ela sabia que nada do que falasse me faria mudar de ideia.

— Então é isso? — Nunca tinha visto Camili com os olhos tão avermelhados como naquele dia.

— Tchau, Camili. — Fui breve. — E isso não é um até logo. — Me olhava incrédula.

Camili era feita de insistência.

— Não pode estar falando sério. — Fiz sinal com as mãos indicando o caminho de saída.

Ela precisava de uma certeza e eu dei isso a ela.

Saiu pela porta encarando o chão.

— Tchau, Anne. — Enxugou as lágrimas.

— Tchau, Camili — disse antes que falasse mais qualquer coisa e fechei a porta. Ao rodar a chave, encostei a cabeça na madeira fria enquanto a ouvia chorar. Entre soluços, coloquei a mão na boca, tentando abafar quaisquer indícios de que eu estava fazendo exatamente o mesmo que ela.



O domingo amanheceu chuvoso. Eu acordei como de costume, cheia de dor de cabeça.

Fui até o quarto do meu irmão para ver como ele estava e ele ainda dormia feito um anjo. Fechei a porta com cuidado para não o acordar e desci até a cozinha para beber alguma coisa.

— Bom dia. — Em pé, apoiado no balcão, meu tio tomava o seu café.

— Bom dia.

— Cadê a Lili?

— Foi à feira comprar umas frutas para a casa. — Bebericou o café.

— O que vai fazer hoje? — Seu tom de voz não era nada auspicioso.

— O mesmo de todos os dias. Cuidar do Nick, estudar, dormir. — Fui até a geladeira, peguei a garrafa de iogurte, em seguida peguei um copo no armário e o enchi com o líquido rosa.

— Anne, eu acho que já chega. — Colocou a xícara sobre o balcão e apoiou os cotovelos sobre ele.

— O quê?

— Já se olhou no espelho? — Seu semblante não estava nada amável, o que era bem diferente do normal.

— Já. — Dei de ombros, levando o copo a boca, dando uma golada no meu iogurte.

— E o que viu?

— O meu reflexo?

— Sabe que não me refiro a isso. — Respirou fundo e passou as mãos sobre seu cabelo, que parecia muito mais loiro do que o normal.

— Não estou te entendendo.

— Sim, você está! — Seu tom de voz era áspero. Nunca o ouvi falar daquela maneira. — Olha só pra você, Anne. Eu mal te reconheço. Está há quatro dias com o mesmo pijama, seu cabelo está enrolado nesse coque já tem algumas semanas.

— Eu perdi os meus pais, como queria que estivesse? — Coloquei o copo sobre a mesa.

— E você vai dar essa desculpa por mais quanto tempo? — Estreitou os olhos. — Eu também perdi os meus pais, perdi minha mulher, meu filho e o meu irmão. E nem por isso eu passo todos os meus dias tentando me matar gradativamente. — Podia ouvir sua respiração ofegante. Era a primeira vez que alguém falava comigo daquela maneira. — Aquele rapaz, o Dominic, vem todos os dias aqui e fica na porta por horas. Todos os dias ele faz a mesma coisa. Mas você nunca o atende. Helen me conta o quanto Camili espera todos os dias ansiosamente por uma mensagem sua, uma ligação. — Colocou as mãos na cintura e caminhou de um lado para o outro. Suas bochechas estavam avermelhadas. — Eles estão esperando qualquer sinal seu. Você não pode viver nesse modo automático! Eu tentei dar tempo para o seu luto, mas isso já está passando dos limites! — Eu o ouvia, desejando que ele parasse de falar o quanto antes. Eu tinha ciência de tudo, mas a prática é muito mais difícil do que a teoria. — Seus pais não iriam querer isso.

— Chega! — exigi, mesmo não estando em condições de fazer isso. — Acha mesmo que eu não faço esse discurso a mim mesma? — Umedeci os lábios. — Acha que não me cobro todos os dias? Quando coloco a cabeça no travesseiro, eu falo: amanhã vai ser diferente. Vou acordar, levar o Nick para tomar um sorvete, vou ligar para Cami e vamos passar horas no telefone e quando Dom vier aqui, eu vou descer para vê-lo. Eu vou tirar esse pijama estúpido e pôr a minha melhor roupa, vou fazer o penteado mais descolado e levar o café da manhã do José. — Respirei fundo. — Mas aí eu acordo e toda a vontade de viver se esvai. — Sinto um nó em minha garganta e um peso enorme dentro de mim, como se o mundo inteiro estivesse pendurado em minhas costas. — Eu fico pelo menos meia hora tentando assimilar a minha nova vida. E aí eu lembro que não vou ter o bom dia da minha mãe, que não vou ouvir as gargalhadas do meu pai e que eu nunca, nunca mais os verei novamente. — Balançava a cabeça de um lado para o outro. — Nunca mais, tio! — bradei em desespero. — Às vezes tento colocar na minha cabeça que eles estão viajando e que eu preciso cuidar de tudo por aqui pra quando eles voltarem tudo estar na mais perfeita ordem. — Meu coração acelerava, sentia meu rosto arder, a garganta se tornou seca — Mas eles não vão voltar.

Aí vem as memórias dos almoços de domingo, as festas de fim de ano. E eu me dou conta de que não vou viver mais nada disso. Que simplesmente acabou. Com indicador, sequei uma lágrima trapaceira que insistiu em cair.

— Acabou, tio. — Minha voz estava embargada. — E é assim que a minha vontade de viver acaba antes mesmo de começar. — Meu rosto estava submerso em lágrimas. — Eu nunca mais vou ouvi-los me chamar. — Senti o quão salgado meus lábios estavam. — Tenho medo de esquecer o quanto o som da voz deles conseguia me acalmar. Eu nunca mais vou vê-los. Eu nunca mais vou poder abraçar a minha mãe — disse entre soluços. — Eu nunca mais verei o meu pai. — Meu tio deu a volta no balcão e me envolveu em seus braços. — Isso dói. — Nos seus braços, eu chorei compulsivamente.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Me abraçou ainda mais forte.

— Dói demais e eu não sei fazer parar. — Eu não conseguia mais formular palavra alguma. — Por favor, faz isso parar, isso dói! — Eu estava em prantos. O pior de tudo era a certeza de que, por mais que eu chorasse por horas ali, abraçada com o meu tio, no dia seguinte, eu me sentiria devastada novamente. — Faz isso parar, por favor.

Nós, seres humanos temos a mania de querer controlar as coisas ao nosso redor e a perda dói exatamente por isso. Porque é irreversível e não podemos fazer nada para mudar.



Os dias seguintes foram exatamente como eu havia falado. Embora estivesse cansada de chorar, ainda estava me sentindo destruída.

Na cama, rodeada por livros, fazia os trabalhos escolares e confesso que já estava sentindo falta do meu pijama.

Me perdi na hora, com tantas pesquisas a fazer, eu havia me esquecido até mesmo de comer.

É incrível como tudo o que você mais amou um dia vira apenas alguns lugares vazios à mesa.

É como se a velha Anne tivesse ido embora para um lugar bem distante.

— Com licença. — Tio Silas entrou pela porta que estava aberta. — Já olhou pela janela? — Ele me deixou confusa com a pergunta, o que me fez pular da cama e ver do que se tratava.

Dominic estava sentado bem no meio do meu quintal com as palmas das mãos apoiadas na grama.

— O que faz aqui? — perguntei bruscamente.

— O que venho tentando fazer há três meses — eu havia me esquecido o quanto sua voz era acolhedora. —, falar com você.

— Não vou descer.

— Tudo bem. — Deitou sobre as mãos, ajeitando-se no chão. — Eu só saio daqui quando vier falar comigo. — Fechei a janela e também a cortina. Eu não desceria de forma alguma, eu não queria.

Sei que nada do que aconteceu tem a ver com eles, mas eu simplesmente não conseguia fazer tudo o que fazia antes dos meus pais partirem. Tudo me lembrava eles e no momento, lembrar me causava dor, muita dor.

Voltei a atenção para o meu dever de casa e tentei esquecer que ele estava lá fora. Nos primeiros minutos aquilo era uma tarefa árdua, mas horas depois eu começava a pensar que ele já tinha voltado para casa.

A noite já se aproximava e dava para ouvir algumas trovoadas no céu. Distraidamente, observei algumas fotos antigas espalhadas pelo meu quarto.

— Eu não queria ser chato. — A voz do meu tio invadiu o quarto e me trouxe novamente para a realidade da qual eu tentava me desprender. — Mas já anoiteceu, está chovendo.

— E o que tem de mau nisso?

— Ele ainda está lá fora. — Eu não imaginava que ele ainda poderia estar lá. Cheguei a pensar que, com certeza, já teria ido. — Sabe, Anne, minha mãe costumava dizer que deveríamos querer ter por perto quem se recusa a ir embora, mesmo depois de ter conhecido o nosso caos. — Por mais que uma parte de mim queria deixá-lo ficar, a outra parte tentava mantê-lo longe de toda a bagunça da qual havia me tornado.

Fechei os livros e saltei da cama, eu sabia que se quisesse que ele fosse embora teria que descer.

Quando me viu aproximar, ligeiramente se levantou. A cada passo que eu dava, a chuva pesava sobre meus cílios.

— Não deveria estar aqui. — Ele estava tão belo quanto antes. Com seus cabelos molhados e seus olhos brilhantes.

— E você não deveria estar se escondendo de mim.

— Não estou.

— Tem certeza? — Essa era a pergunta a qual eu não fazia ideia da resposta. — Não pode se esconder para sempre, Anne. Estamos preocupados com você.

— Estamos? — Arqueei levemente a sobrancelha.

— Cami e eu.

— Então diga a ela que estou bem.

— Não mesmo, porque isso não passa de uma grande mentira. — Deu um passo à frente, me fazendo recuar. — Eu disse a você que estava pronto pra estar por perto no seu momento mais difícil e você concordou, não deveria me evitar agora. — Ele tinha razão, mas isso não era só difícil, era algo que por mais que eu tentasse, eu não sabia lidar.

— Você se apaixonou por aquela Anne, quem está na sua frente agora não tem muito a oferecer. — Ele se aproximou ainda mais e dessa vez eu não me movi. — Não tem mais nada de incrível dentro de mim e eu sinto isso.

— Não, não, não! Você está enganada. — Colou sua testa na minha. Seu cheiro amadeirado, apesar da chuva forte, ainda estava entranhado nele. — Eu te amo, Anne, e sei que ainda está aí dentro, em algum lugar. Me deixa te ajudar a achar um caminho de volta. — *Me ama? Eu ouvi bem? Dominic estava confessando me amar?* Dentro de mim senti algo arder, era como se meu coração estivesse em chamas.

Ele acariciou meu rosto com as mãos, tão encharcadas e macias.

— Por favor, vai embora. — Com os braços, indiquei o caminho da saída.

— Não posso. — Me puxou pela mão, sem que eu tivesse a chance de impedir. A chuva fria não anulava o fato do seu corpo estar em chamas. Tive a impressão de sentir seu coração bater no meu peito. — Não vou a lugar algum. — Segurou meu queixo, obrigando-me a encará-lo. Seus olhos ardiam. Estávamos tão próximos que mais parecíamos um só. Os lábios de Dom tomaram os meus, tão rapidamente que foi inevitável não sentir meu

corpo arrepiar. Desejei que aquela sensação e o fato de como minhas pernas tremiam fosse apenas por estar debaixo daquela tempestade fria.

Fechei os olhos, com seu olhar acolhedor e apaixonante em minha mente. Sua língua pedia bruscamente passagem em minha boca. Senti como se tivesse em uma dança envolvente com a minha. Ele tinha gosto de hortelã. Meu coração batia completamente fora do ritmo. Meu estômago gelava, como se todo aquele temporal molhasse o meu lado interno. O toque de Dom aquecia a minha alma, que já estava gélida há muito tempo.

Sem fôlego, se afastou minimamente, e vi um fio de esperança contornando seus lábios. E por alguns segundos, eu partilhei desse mesmo sentimento e tudo o que passava pela minha cabeça era a euforia de correr e contar para minha mãe, mas logo me lembrei o quão impossível aquilo era. Ele não podia ter feito aquilo. Não podia ter escolhido enfim me beijar. Não era justo com nenhum de nós.

— Sinto muito. — O sorriso que havia se formado em seu rosto se desfez.

— Você age como se tivesse morrido também. O fato de você desmoronar por dentro, não significa que precise se enterrar. — Talvez eu estivesse mesmo me enterrando, mas no momento, eu não sabia como não fazer aquilo.

— Adeus, Dominic. — Ele abaixou os braços que estavam ao meu redor.

— O quê? — Franziu o cenho, tentando assimilar as minhas duas palavras cruéis.

— Eu realmente desejo que você seja incrivelmente feliz e...

— Não! Não faz isso, Anne. Por favor.

— Que encontre alguém menos quebrado. — As gotas severas da chuva lavavam os nossos rostos, levando com ela as nossas lágrimas.

— Não, não diz isso. — No fundo, eu sabia que ele não se conformaria.

— Isso acaba aqui. — Eu não fiquei para ver o seu semblante decepcionado. Eu não podia. Rapidamente eu me virei para voltar para casa, antes que o meu coração trapaceiro me fizesse mudar de ideia.

— Isso não é justo! — gritou ele. — Anne, espera! — Eu não esperei. — Anne! — Foi a última coisa que ouvi antes de bater a porta.



Quatorze

Sete Anos Depois

— Você é incrível, você é incrível, você é incrível! — repeti inúmeras vezes encarando o meu reflexo no retrovisor do carro enquanto retocava o batom.

Sete anos após a morte dos meus pais, eu me perguntava o quão diferente havia me tornado. A menina com olhar doce, sorriso encantador e atitudes meigas havia partido de vez e no lugar dela, renasceu uma mulher firme e talvez um pouco prepotente. Refiz-me em unhas escuras e roupas caríssimas, na esperança de que, estando belíssima por fora, conseguiria esconder o horror em que me encontrava por dentro. Que tolice a minha. Tornei-me alguém completamente diferente do que planejei ser. Não tinha uma gota de orgulho, mas foi de camada em camada que consegui não sucumbir a dor, que ousava me atormentar. — Perfeito! — Peguei minha bolsa no banco do carona e desci do carro, apertando o controle para travá-lo.

À minha frente se aproximava um rapaz alto, meio desajeitado no andar, cabelo desgrenhado e roupas largas. Um adolescente informal, como a maioria nos dias de hoje.

Sua mão direita entrelaçava-se as de uma criança que aparentava ter mais ou menos uns dez anos. Deduzi que fosse seu irmão mais novo. Notei que, enquanto se aproximavam, a criança me encarava. Pendurei a bolsa no ombro e caminhei em passos largos. Ao passar por mim, o vi me olhar cismaticamente da cabeça aos pés.

— Espera! — Seu pedido me faz virar. O rapaz ao seu lado parou de imediato. — Você é...

— Incrível? — completei a frase com a palavra que veio em minha mente que, de tanto repeti-la, ficou entranhada em mim.

— Não. — Sorriu, confuso — Ia dizer irmã do Nick. — Só após sua resposta, percebi o quão ridícula estava sendo. Apesar do jovem ao seu lado ter sorrido discretamente, eu sabia que deveria estar gargalhando por dentro. — Já te vi levá-lo na escola.

— Eu mesma. — Sorri forçadamente sem mostrar os dentes. — Em carne e osso — completei. — Tenham um bom dia. — Tornei a caminhar, tentando apagar tal constrangimento da minha mente.

Mais à frente, avistei um casal elegante e presumi que fossem os responsáveis pelos meninos. — Incrível como consigo ser patética às vezes — resmunguei baixinho, entrando no elevador. Apertei o botão para que ele me levasse até o décimo andar, onde ficavam os sócios e presidente da empresa.

Assim que a porta do elevador se abriu, respirei bem fundo, colocando o pé direito para fora. Para mim, não havia maneira melhor de começar o primeiro dia de trabalho. Permaneci parada por alguns segundos absorvendo tudo o que estava acontecendo.

No espaço amplo com boa iluminação, tinha um balcão enorme localizado bem no centro, onde ficava a recepcionista e secretária geral do setor. Tudo passava por ela.

Próximo às enormes janelas de vidro ficavam as secretárias dos sócios, que tinham por ocupação serem nossos olhos e ouvidos dentro da empresa. Elas cuidavam de tudo, nos auxiliando na jornada de trabalho.

— Bom dia, senhorita Anne. Seja bem-vinda. — Com um sorriso enorme no rosto a secretaria geral se colocou de pé para me dar boas-vindas.

— Bom dia, Renata.

— Bom dia! — Luiza surgiu por detrás do balcão principal. — Sou grata em poder auxiliá-la.

— Bom dia. — Fui breve e seca, talvez.

— Pode contar comigo pra tudo. — Levou o indicador até os óculos de grau, levantando-o minimamente. Seu cabelo alaranjado estava amarrado em um coque preso por um lápis.

— Obrigada. — Caminhava em passos largos, sem muito ligar para o que ela dizia.

— A agenda do dia já está sobre sua mesa. — Em poucos segundos consegui perceber que teria ao meu lado uma agenda ambulante. — Caso precise de algo...

— Chamarei por você. — Seu jeito meigo e um pouco atrapalhado me fez deixar escapar um sorriso caçador. — Obrigada — disse por fim, fazendo-a voltar ao seu lugar, tentando se equilibrar em um salto nem tão alto assim.

Quando abri a porta de madeira, contemplei o que a partir daquele dia seria o meu segundo lar. A sala enorme com janelas de vidro me trazia recordações nostálgicas.

Estava tudo como o meu pai havia deixado. Fechei a porta e caminhei sala adentro. Coloquei a bolsa sobre a mesa e antes de me sentar, acariciei a poltrona que outrora havia sido dele.

— É, pai. Estou onde sempre desejou me ver — cochichei ao vento. Eu sabia que ele não estava ali, mas de certa forma, era como se ele pudesse me ouvir.

Eu finalmente estava pronta. Por dois anos após a morte dos meus pais me recusei a ingressar em uma faculdade. Estava cega pela dor do luto. Passei tanto tempo choramingando no quarto, até meu tio dar sua cartada final e praticamente me obrigar a começar a viver. Ou pelo menos fingir estar vivendo. Assim que comecei o ensino superior, Andréia entrou em ação, me ensinando tudo o que sabia da forma que meu pai tanto havia pedido. Ela era realmente excepcional, como ele costumava dizer. Não poderia ter tido professora melhor. Eu devia muita coisa a ela, inclusive o fato de ela ter feito com que eu aprendesse a transformar toda a dor que sentia em foco empresarial. Eu queria ser tão incrível quanto meu pai foi. Eu estava quase lá. Mas talvez me faltasse aquilo que transbordava nele. Os sentimentos bons que o moviam, a esperança, a fé, talvez.

Até que estivesse apta para assumir o meu lugar, tio Silas precisou coordenar tudo.

Ele tinha a igreja, a empresa do meu pai e os seus próprios negócios. Ele de fato não exagerava quando dizia que precisava virar, no mínimo, quatro pessoas. — Que falta você faz, pai. — Fechei os olhos por longos segundos e imaginei o sorriso dele, o som de sua voz e todas as vezes que ele dizia sentir orgulho de mim. Se todos os filhos pudessem ter a chance de terem pais como os meus, o mundo seria completamente diferente.

— Feliz em tê-la conosco. — Aquela voz atraente me fez voltar para o mundo real, que às vezes desejava me desprender. Ao abrir os olhos, me deparei com o sorriso mais aliciador que alguém poderia possuir.

Enquanto caminhava com seus caríssimos sapatos de couro até a cadeira de frente à minha mesa, tive ainda mais certeza de que, não havia nada nesse mundo, capaz de desmerecer aquela beleza. Mas devo ressaltar o fato de que ele conseguia ser ainda mais concupiscente usando ternos em tons de azul. — Bem-vinda, sócia. Meus dias úteis serão melhores a partir de agora. — Sentou na cadeira e cruzou as pernas, colocando os pés sobre a minha mesa.

— Não sei se está lembrado, mas combinamos que...

— Trabalho é trabalho — completou. — Fiz a lição de casa. Serei um bom menino. Prometo. — Cruzou os indicadores e os beijou duas vezes. — Mas tem que concordar comigo que é quase impossível te ver e não imaginar... — hesitou. — Ah, você sabe. A sua boca colada na minha, seu corpo bem próximo, etc e tal. Sabe perfeitamente como termina. — Talvez você esteja se perguntando quem é o perverso, mas se eu te contasse logo de cara, perderia toda a graça. Gosto de suspenses e sei que você também.

— São oito da manhã. Não deveria estar meio vagaroso?

— É, eu estava. Até você chegar. — Seu tom de voz pesava ironia. — A propósito, mocinha, você não acha que... — O barulho na maçaneta o interrompeu e em segundos a porta se abriu.

— Procurei o meu filho e vi que não estava no local que deveria. — Como em um passe de mágica, Andréia se juntou a nós. — Então presumi que minha sócia já havia chegado. — Ok, já devem ter matado a charada meia boca.

— Olá, mamãe. — Debochadamente balançou os dedos devagar, acenando para ela. — Como passou o final de semana?

— Não muda de assunto. — Estreitou o olhar na direção dele, que parecia pouco se importar com a opinião que ela formulava a seu respeito. — Seja bem-vinda, Anne. — Me encarou com o olhar menos rígido. — Eu mais do que ninguém sei o quanto está apta a assumir o lugar do seu pai. — Seus olhos refletiam uma pitada de orgulho em ver no que tinha conseguido me transformar.

— Obrigada. — Eu devia muito a ela.

— Você é incrível. Como mulher e como profissional.

— Ah, é sim. E muito. — Ela o fitou rigidamente. Andréia detestava ser interrompida e Ian fazia questão de irritá-la nas horas vagas. — O que é? Só concordei com você.

— Já conversamos sobre isso. — Tornou a olhar para mim. — Sei o quanto é responsável, Anne. Mas vou ressaltar por via das dúvidas.

— Sei aonde quer chegar. E posso assegurar que não terá com o que se preocupar. Está se referindo a dois adultos, não precisa nos tratar como adolescentes insanos.

— Esse assunto de novo? — contestou Ian.

— Só quis ressaltar. — Nos analisou — Tenham um excelente dia. — Caminhou até a porta. E antes de abri-la, virou novamente para nós. — Se precisar de mim, estarei na minha sala.

— Obrigada. — Retirou-se, fechando a porta.

— Sabe que você é a filha que ela adoraria ter tido, não sabe?

— Menos. — Dei a volta na mesa, parando de frente para ele. — Acho que ela só queria se certificar de que nos comportaríamos.

— Pode ser. Ou talvez só esteja tentando defender a minha honra. — Deixei escapar um sorriso gélido. — Olha, o que temos aí. Um quase sorriso. — Levantou. — Acho que o meu dia já valeu muito a pena. — Seu olhar faiscava.

Os olhos de Ian eram diferentes de qualquer outro. Não pelo tom castanho que era, mas pelo fato do que ele conseguia causar nas pessoas.

Com o indicador, afastou um cacho que caía pelo meu rosto. A forma com que acariciava discretamente minha pele era diferente. — Acho que deveríamos comemorar. — Se aproximou ainda mais do meu corpo, me fazendo manter os olhos para cima.

— Por você comemoraríamos todos os dias.

— Não seria má ideia. — Sorriu discretamente — Posso te levar pra casa? — O aroma do seu perfume importado tomava minhas narinas.

— Estou de carro.

— Isso não é um problema.

— Tem um jeito pra tudo, não é? — Assentiu, arqueando a sobrancelha. — Ok

— Só quero um tempinho com você. Sei lá, conversar, falar sobre o dia. — Mordeu o lábio inferior. — Te beijar, quem sabe. — Inclinou a cabeça para o lado e deixou um beijo na lateral do meu pescoço.

— Não ouviu nada do que sua mãe acabou de dizer?

— Na verdade, acho que esqueci. — Me olhou ardentemente. — Mas posso me lembrar, quando você disser que sim.

— Tudo bem. — Abriu um sorriso convencido. — Aceito sua companhia até em casa.

— Contarei os segundos a partir de agora. — Cogitou me beijar, mas antes que pudesse tocar seus lábios nos meus, afastou-se.

Por mais que eu tentasse levar essa relação como um passatempo divertido, alguma coisa insistia em me dizer que Ian via um futuro diferente para nós. Um futuro que eu jamais cheguei cogitar. — Boa sorte na sua primeira reunião. — Caminhou de costas até a porta

— Obrigada.

— Até daqui a pouco. — Se virou e saiu.

Sozinha na minha enorme sala, liguei o computador, li com calma a minha agenda da semana e tentei me familiarizar com tudo o que estava acontecendo.

Às dez, tive minha primeira reunião. Minha barriga nevava por dentro enquanto os clientes me analisavam de cima a baixo. Tentei lembrar de como Ian se saía tão bem com aquilo e fiz o que ele sempre dizia: *É só deixar fluir, seja você, mostre as pessoas no que acredita, mostre ao mundo o que move você e provavelmente se encantarão pelo que faz seus olhos brilharem.*

Ele tinha mesmo razão. Acredito que tenha sido por esses e por muitos outros motivos que meu pai insistia em dizer o quanto via Ian chegar longe, bem longe. Por mais que ele tivesse externado o quanto desejava nos ver como uma dupla, imagino que, o fato de termos um lance casual por anos não o deixaria muito feliz. Quando ele se referia à “dupla,” com certeza não pensava nesse sentido. Que belíssima confusão eu fiz, não acham? Bem, esperem para ver o restante da coisa.

Primeiro dia concluído com sucesso. Eu sempre admirei o que meu pai fazia e isso não é novidade para ninguém, mas o momento em que meu coração bateu forte pela publicidade foi quando acompanhei o trabalho de Ian pela primeira vez. Tínhamos acabado de nos aproximar e passávamos a maior parte da semana juntos. Ele sempre compartilhava suas criações comigo, suas ideias criativas e suas apostas ousadas. Foi praticamente dessa forma que percebemos que formávamos uma dupla e tanto.

— Vamos? — Ian estendeu o braço para que eu entrelaçasse o meu.

— Vamos. — No elevador, descemos até o estacionamento que, pela hora, já estava ficando vazio. Me desvencilhei de seu braço e dei a volta no

carro, parando de frente para a porta do carona e arremessei a chave para ele, que a pegou no ar.

Me envolvi no cinto de segurança enquanto ele colocava a chave na ignição. — Está mesmo disposto a deixar seu carro aqui? — Dirigia com cautela pela rua afora.

— O que eu não faço por alguns minutos com você, não é mesmo? — Se manteve concentrado na estrada. — E então, o que achou do seu primeiro dia?

— Bom.

— Bom? — Me encarou rapidamente — É só isso que tem a dizer? — Voltou a atenção para a estrada, mas percebi uma ruga de expressão se formando em sua testa.

— Passei tanto tempo desejando isso que, quando aconteceu, tive a sensação de que não foi tão incrível — suspirei — Acho que pelo simples fato dele não estar aqui. — Eu encarava a paisagem passar por nós e sumir logo depois. Me perdia entre meus pensamentos saudosos, quando senti sua mão aquecer a minha, chamando minha atenção para ele.

— Se há uma coisa da qual tenho certeza é que ele estaria muito orgulhoso de você — assenti.

Ian só me fez lembrar do quanto meu pai amava me dizer isso.

— Essa não é a minha casa. — Uni as sobrancelhas, sem acreditar em tamanha trapaça. Estávamos em frente ao prédio do apartamento dele.

— Eu disse que queria te levar pra casa, não disse qual. — Deu de ombros, descendo do carro.

Como não cogitei aquilo? Quando se tratava de Ian, deveria esperar tudo. Tinha sempre uma carta na manga e uma lábia persuasiva.

— Preciso voltar cedo. — Abriu a porta e estendeu a mão para que descesse.

— Prometo não te segurar por muito tempo. — Seu olhar de cachorrinho abandonado não me permitiu dizer não. — Dou minha palavra

— Ok. — Não tinha muito a fazer.

Subimos até o andar do seu apartamento e de frente para a porta, cobriu meus olhos com sua mão. — O que está fazendo? — Ouvi-o pegar a chave em seu bolso e abrir a porta.

— Você vai ver. Mantenha os olhos fechados.

— Está tramando algo?

— Shii... — Ouvi o barulho da porta se fechando. Demos mais cinco passos à frente e ele tirou a mão dos meus olhos. — Pode abrir. — Fiz o que me pediu.

— Uau! — Havia velas acesas espalhadas pelo ambiente e pétalas de rosas vermelhas por toda a extensão do chão. A mesa estava posta e em cima dela havia mais pétalas e mais velas. Tudo cheirava a rosas. — Fez tudo isso?

— Eu pedi para que a Sônia preparasse. — Sônia era uma senhora muito gentil, trabalhava para Ian desde que ele resolveu sair da casa da mãe e ter sua liberdade.

Ele caminhou até a mesa e puxou a cadeira.

— Me dá a honra da sua companhia?

— Por que não? — Deixei a bolsa sobre o sofá e caminhei em passos curtos até o lugar que havia dedicado a mim. — Obrigada. — Ian deu a volta na mesa e sentou à minha frente, abriu a garrafa de vinho e nos serviu.

— Sua comida favorita. — Ele sabia a forma correta de me fazer comer até não conseguir mais. Na verdade, só Ian sabia fazer isso. — Não está tão apetitoso quanto a do nosso restaurante favorito, mas acredito que dê para o gasto.

— Só pelo cheiro já sei que está ótimo. — Risoto de frutos do mar era uma das coisas que mais gostava

— Um brinde ao começo da sua carreira. — Levantamos nossas taças e brindamos. — O céu é o limite.

— Para nós dois — acrescentei.

A comida estava impecável. Entre uma garfada e outra, o fitava discretamente. No fundo, acho que procurava algo dentro de mim que pudesse ser despertado por ele. Mas não conseguia encontrar uma gotícula sequer de sentimentos reais. Não que Ian fosse incapaz de aflorar isso em alguém, o problema era a minha incapacidade pessoal de me deixar cativar novamente. Até tentei ser intensa novamente, mas a tentativa falha me deixou ainda mais insensível.

— De zero a dez, qual a probabilidade de ficar?

— Abaixo de zero. — Forçou um biquinho. — Prometi que voltaria para casa.

— Não cansa de ferir meus sentimentos, não é mesmo? — ironizou.

Outro assunto predominava em minha mente. Tentei não ressaltar minha curiosidade durante o jantar, mas era quase impossível.

— Já pensou na proposta da sua mãe? — Eu sabia o quanto ele detestava tocar naquele assunto, mas não podia simplesmente fingir que ele não existia.

Revirou os olhos no mesmo instante em que eu disse a última sílaba daquela indagação.

— Isso de novo? — Deixou os talheres no prato e limpou a boca no guardanapo.

— É uma ótima oportunidade. — Deu uma golada no vinho. — Tanto pra você quanto pra a empresa.

— Não sei se estou disposto a ficar um ano fora.

— Passa rápido. — Fria e objetiva. Quase nunca pesava o impacto das minhas palavras.

— Então resolvido o problema, vai no meu lugar. — Ele sabia que aquilo era impossível para mim. Eu jamais aceitaria ficar tanto tempo longe do meu irmão.

Encarei-o com a sobancelha arqueada. — Melhor ainda. — O canto da sua boca se curvou em um sorriso sacana. — Vamos nós dois.

— Preciso mesmo responder?

— Olha, Anne, eu não sei se quero isso. Eu tenho uma vida aqui.

— Nada que não possa ser transferido para os Estados Unidos. — Estava tentando ser racional. — Você mora sozinho nesse apartamento. Passa a metade da sua vida ao lado do seu advogado faz-tudo. E no caso, ele teria que ir com você. A outra metade do seu tempo passa comigo. — Encarou brevemente o prato e tornou a olhar para mim.

— Bingo! — disse ao colocar a taça sobre a mesa. — E se eu disser que gosto dessa vida?

— Não pode me colocar como peso na sua balança.

— Tá, então eu não coloco.

— Eu falo sério. — Estreitei os olhos.

— Ok. Talvez eu vá. Nota-se que não faço a mínima falta aqui. — Pressionou os lábios, mordendo o inferior logo em seguida.

— Claro que faz. Você é extremamente útil para a empresa. — Uma onda de decepção pairou sobre seus olhos. — É inteligente, articulado e lidera como ninguém.

— Não me referia a essa falta — suspirou — e sim ao que temos.

— Nós não temos nada. — Parou e por alguns segundos me analisou, como se tentasse ouvir a minha mente.

— Cinco anos ao seu lado e eu juro que não entendo porque ainda me surpreendo com tamanha frieza. — Seu olhar incrédulo ressaltava a decepção que sentia.

— Seja mais racional e talvez pare de se surpreender. — Coçou a cabeça, bagunçando ainda mais seus fios de cabelo castanhos e extremamente sedosos.

— A Dama de Gelo que nunca se permite sentir. — Sorriu sem que houvesse o mínimo de humor.

— Aprecio a sua companhia, como sempre apreciei, mas...

— Mas é só isso e sempre vai ser só isso.

— Sabe que sim. — Eu queria poder dizer a ele que não, mas estaria mentindo feio. — Eu nunca disse o contrário.

— Tudo bem. — Deu outra golada no vinho — Vou pensar, repensar e decidir o que for melhor. Pode ficar tranquila. — Levantei a minha taça na altura do rosto, assenti e bebi todo o líquido rubro que estava nela.

Após comermos, nos sentamos no sofá

— Seu apartamento é tão aconchegante. — Estiquei as pernas sobre seu colo.

— Fica muito mais aconchegante quando está aqui. — Seu indicador contornava todo o formato do meu pé. Seus olhos se aprofundavam nos meus. Tinha ardor e malícia estampados neles. Sua pele levemente bronzeada fazia de Ian um homem extremamente sedutor. Ele despertava olhares por onde passava. Era perceptível a forma lasciva com que as mulheres o desejavam.

— Não me olha assim. — Tirei os pés do colo dele e sentei.

— Tem certeza que não quer uma massagem? — Ian era ótimo com massagens. Suas mãos eram leves e sempre me fazia relaxar. Da última vez que massageou meus pés, cheguei a cochilar.

— Não, eu não tenho certeza. — Foi quase um convite para o seu sorriso mal-intencionado. — Mas eu preciso ir.

— Parece que foi ontem. Lembro de ter visto você chegar com seu vestido azul turquesa. Tinha olhos tão tristes, era como se carregasse todo peso do mundo neles. Quase nunca sorria, só falava o necessário e vivia no mundo da lua. — Eu o ouvi descrever perfeitamente o meu estado de espírito após a morte dos meus pais.

Quando Andréia começou a me ensinar tudo sobre a empresa, ainda estava no primeiro período da faculdade, mas sei que ela adiantou o

processo com o intuito de me distrair e de fato ela me ajudou a não ficar trancada no meu quarto chorando.

— E você tão sedutor.

— Não foi minha intenção, uma vez que pensei tê-la ouvido falar o quão esperta era para cair no meu papo.

— Estava carente. — Me encarou boquiaberto

— Tudo bem, conseguiu ferir meu ego. — Forçou um desapontamento

— Você era só um mauricinho engomado, metido a Don Juan. — Dei de ombros. — Nem de longe fazia o meu tipo. — Gargalhou.

— Os elogios só melhoram. — Colou seu corpo ao meu e encostou seus lábios em minha orelha. — Fica — sussurrou.

— Não posso. — Levantei antes que me fizesse mudar de ideia. — Nick já deve estar cansado de esperar.

— Fala tanto dele. Imagino que seu irmão deve ser incrível.

— Sim, ele é. — Ele se colocou de pé

— Me pergunto se algum dia eu...

— Não — interrompi. — Não conta com isso, está bem? — Com os ombros caídos, encarou o chão. — Temos o nosso acordo.

— Não se apegar, nunca envolver nossas famílias nessa confusão e — hesitou — nunca se apaixonar, não é mesmo?

— Preciso mesmo responder?

— Já faz muito tempo desde que construímos essas regras idiotas. — Dei dois passos em minha direção

— Não parecem idiotas para mim.

— Claro — colocou as mãos nos bolsos da calça —, é que às vezes eu esqueço que não passo de um objeto pra você. — Respirei fundo — O seu prazer momentâneo, não é?

— Ian...

— Tudo bem. — Ergueu uma das mãos, me interrompendo. — Somos dois adultos. — Pegou a minha bolsa sobre o sofá e a estendeu para mim. — Cuidado na volta. — O Ian desse momento estava completamente diferente do Ian de minutos atrás.

— Vou ter. — Eu a peguei e a coloquei sobre o ombro.

De cabeça baixa, caminhou até a porta e a abriu para mim.

— Se cuida. — Passei porta afora

— Você também. — Sem delongas a fechou.

Às vezes me perguntava se não estava sendo severa demais com ele. Mas o problema todo era que não sabia ser diferente. Não conseguia me apegar sentimentalmente a qualquer outra pessoa que não fossem meu tio e meu irmão. E mesmo assim eu vivia metendo os pés pelas mãos e vez ou outra os decepçionava de alguma forma.

Dizem que a dor modifica as pessoas. Não sei se posso dizer isso com exatidão, mas de certa forma, eu não era a mesma há muito tempo. Era como se tivessem colocado outra Anne em meu lugar. Se dez anos antes tivessem me perguntado o que me tornaria no futuro, eu diria qualquer coisa, menos o que de fato me tornei.

Na volta para casa, resolvi passar na farmácia e comprar um analgésico. Minha cabeça latejava.

— Eu vou levar esses também. — Coloquei alguns doces sobre o balcão. Me odiava por só conseguir pensar em doces quando a TPM se aproximava.

— Anne? — Ouvi uma voz doce vindo por trás de mim, uma voz familiar. Quando me virei para olhar, senti minha pele gelar

— Cami. — Era a primeira vez desde muito tempo — Nossa... Você... — Medi-lhe com os olhos, sem saber como agir. — Está tão diferente. — Seus olhos estavam ainda mais brilhantes e suas roupas que outrora eram largas e espojadas deram lugar a uma sofisticação da cabeça aos pés. Seu cabelo estava amarrado em um coque, com a franja caída pelo rosto.

— Também mudou bastante. — Eu queria ter dito bem mais, mas estava parada, imóvel à sua frente.

— São vinte e dois reais. — Procurava as palavras certas a dizer e por isso acabei não dizendo nada. — Senhora? — chamou o homem no caixa, me fazendo despertar de tamanho constrangimento. — São vinte e dois reais. — Ao pegar a carteira na bolsa, tentei disfarçar as minhas mãos trêmulas.

Dei o dinheiro a ele, que logo me devolveu o troco.

Enquanto eu procurava a minha bolsinha de moedas dentro da imensidão da minha bolsa, Cami passou o seu pacote tamanho família de *Fandangos*. Eu deveria ter apressado os passos ou ter saído correndo, mas não fiz. Parecia ser indelicado demais, até mesmo para mim.

— Ainda adora esse salgadinho? — perguntei assim que ela se aproximou.

— Pois é. Nem todo mundo se desfaz de hábitos antigos, Anne. — Entendi perfeitamente o que queria dizer com tais palavras. — Como está o Nick? — Caminhamos até a calçada

— Bem e cada vez mais inteligente.

— Eu sabia que se tornaria um garoto incrível. — Deu um discreto sorriso.

— Sim, ele é.

— Sete anos desde a última vez que nos vimos. — Encarou os sapatos por poucos segundos e depois levantou o olhar, mirando-os meus olhos.

— Pois é.

— Eu tentei a todo o momento não me afastar. — Umedeceu os lábios.

— Não precisa se explicar. — Coloquei um cacho atrás da orelha.

A pele tão alva de Camili se tingia em um tom rosado.

— Preciso sim. — Seus olhos ganharam mais vigor. Falava com firmeza — Éramos como uma só pessoa e aí tudo acabou. — Respirou fundo — Olha pra nós, parecemos duas estranhas. — De fato parecíamos duas desconhecidas.

— Sinto muito. — Foi a única coisa que veio em minha mente. Mas o problema era que a olhando daquela forma, eu realmente sentia bastante.

— Eu também já senti. — Engoliu em seco. — Senti o suficiente até optar por não sentir mais. Nem todas as pessoas nos abandonam por escolha própria. Às vezes nós as mandamos embora sem perceber e quando nos damos conta, elas já não estão mais ali. — Eu sei que eu não estive certa em minhas loucas atitudes, mas olhando novamente para ela, veio outra pessoa em minha mente. Alguém que foi tão importante em minha vida quanto Camili.

— Tem o direito de estar magoada. — Tentei não perguntar, mas não me contive. — Tem notícias dele? — Era notável o que causei a ela e sabia que em algum lugar existia outra pessoa se sentindo da mesma maneira.

— A última vez que o vi, ele estava ajudando o pai no hospital. Virou o seu braço direito, ia começar a residência e se especializar em alguma coisa relacionada à pediatria.

— Fico feliz em saber que as coisas deram certo pra vocês.

— Sabe, ele me fez essa mesma pergunta. — Senti meu coração arder. — Ainda não me conformo com o fato de tê-lo deixado partir. Na

verdade, você deixou que todos nós partíssemos. Você simplesmente nos descartou como se fôssemos brinquedos quebrados e acabou nos quebrando de verdade, da pior forma possível. — Pressionou os lábios.

— Não foi fácil pra mim. — Abaixei a cabeça na esperança de desviar não só o olhar, como também todos os pensamentos que insistiam em vir à tona.

— Pra nós também não.

— Eu perdi os meus pais, e vocês? Vocês não perderam nada que fosse importante o suficiente. Não sabem como pode doer perder quem tanto ama. — Meu tom de voz aumentava gradativamente sem me dar conta.

— Pode apostar, perdemos sim. — Seu olhar era vago.

— E o que perderam?

— Você. — Sua palavra acertou em cheio dentro de mim. Como uma flecha que mesmo sem saber para onde vai ao flutuar no ar, fazendo o seu percurso, consegue acertar bem no meio do alvo. — Seus pais morreram, Anne. E de certa forma você também. E a sua morte acredito que tenha sido a pior de todas. — Me olhou com desdém. — É um cadáver dentro de um corpo vivo. — No fundo ela estava coberta de razão. — Aposto que também sente falta daquela garota. — Me mantive em silêncio. — Ela era alguém que valia a pena. Tudo nela brilhava.

— Aquela garota não existe mais.

— É uma pena. — Recuou um passo e depois outro. — Se cuida.

— Você também. — Antes mesmo que eu pudesse terminar tais palavras, Cami já estava distante. Entrou em seu carro e, sem olhar para trás, partiu.

Enquanto eu fazia o trajeto até minha casa, pensava em cada palavra que saiu da boca de Camili. Era inaceitável o quanto ela estava certa.

Estacionei na garagem e ao passar pelo jardim, parei alguns segundos analisando o lugar. Eram tantas lembranças. Lembranças das quais eu ainda não havia conseguido converter em saudade ao invés de dor. Era incrível como cabiam tantas faltas em um único espaço e eu não me referia apenas ao quintal.

— Nick? Tio Silas? — chamei ao entrar em casa.

Nick desceu correndo a escada e saltou no meu colo.

— Anne!

— Estou ficando velha ou você está crescendo demais?

— Um pouco dos dois. — Agarrou meu pescoço e me abraçou apertado como se fizesse dias que não me visse. Retribui todo o carinho e o coloquei no chão. Para o meu irmão, eu tentava ser uma Anne melhor do que era para mim mesma. Embora não conseguisse sempre fazer isso com êxito. — Você demorou, mocinha. Estava com Ian?

— Sim. — Ele me acompanhou até a cozinha. Eu enchi o copo com água e sentei para descansar um pouco os pés. — Ele apenas me levou para jantar.

— Quando vou conhecê-lo? — Puxou uma cadeira e sentou ao meu lado.

— E por que deveria? — Dei uma golada na água.

— Você não é muito sociável. Se ele é a única pessoa além de mim e o nosso tio que consegue suportar você, não acha que eu deveria conhecê-lo? — Havia um sorriso debochado em seu rosto e acredito que isso ele havia herdado de mim.

— O que eu perdi? — A voz rouca do meu tio entoou pela cozinha.

— Nick e suas subjeções. — Coloquei o copo sobre a mesa.

— Não disse nada demais.

— Me deixa adivinhar... — Tio Silas puxou uma cadeira e se sentou. — Ainda querendo conhecer o Ian?

— O que mais poderia ser? — Peguei minha bolsa, tirei um chocolate de dentro e entreguei ao meu irmão. — Bem, senhor cheio de opinião, pode comer, mas não esqueça de escovar os dentes. — Ele pegou o chocolate, agarrou meu pescoço com seus braços pequenos e me puxou para si.

— Obrigado! — Antes de me soltar, beijou minha bochecha.

— Vai subindo que já, já, eu vou te dar um beijinho de boa noite.

— Beleza! — Retirou-se da cozinha com destreza.

— Eu vou conferir dente por dente! — bradei, ouvindo seus passos ágeis na escada.

Me ajeitei na cadeira e dei mais uma golada na água. Quase esqueci da presença do meu tio.

— Está tudo bem? — Ele me conhecia como a palma de sua mão.

— Encontrei Camili na volta pra casa.

— E como foi? — Apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Estranho. — Ele me encarava sem piscar. Analisava minhas feições como se tentasse desvendar algo a mais. — Trocamos meia dúzia de

palavras e só. Nada além disso. — Devolvi o copo à mesa. — Foi a primeira vez em anos

— Sabe, já faz sete anos e ainda me pergunto se você sente a falta deles da mesma forma que sinto a sua. — Encarei-lhe, confusa

— Eu sempre estive aqui.

— É aí que se engana. — Coçou a barba e antes que eu pudesse contestar, mudou de assunto, tentando não prolongar o que eu tanto evitava falar. — E como foi na empresa? Espero que tenha se saído melhor do que eu. — Deixou escapar um sorriso contagiante, me fazendo sorrir também.

— Você não foi tão ruim.

— Bondade sua. Aquilo, definitivamente, não é pra mim. Mas você, bem, você nasceu pra isso.

— É, eu sei. — Não tinha muito apreço no meu tom de voz.

— Mas, querida, se o dia foi tão bom assim, por que será que não consigo ver isso em seus olhos? — Não importava o quanto eu passasse o dia fingindo para os outros, eu nunca conseguia fingir com ele. Ele não comprava as minhas atuações tão bem quanto os demais.

— Acho que não vou saber responder isso. — Arfei. — Hoje fiz o que eu mais sonhava fazer e, mesmo assim, era como se eu estivesse esquecendo alguma coisa. Passei o dia inteiro com um vazio do tamanho do mundo.

— Sabe, meu anjo. — Suas mãos tocaram gentilmente a minha, me fazendo olhar em seus olhos. — A vida é assim. Nós podemos conquistar o mundo de todas as formas que desejarmos. Podemos nos apegar a coisas grandiosas, conhecer pessoas incríveis, terminar a faculdade ou conseguir o emprego dos sonhos. Mas alguns vazios continuarão lá, até que a gente peça para que Deus o preencha. — Eu não praticava da mesma fé que ele e principalmente não acreditava mais no mesmo Deus que ele amava, mesmo assim, sempre que podia, meu tio me falava algo semelhante. Era doce, gentil e paciente.

Desde a morte dos meus pais, a incredulidade tomou conta de toda a fé que tive algum dia. Era impossível acreditar em um Deus que permitia que coisas ruins acontecessem.

Meu tio nunca desistiu de mim e, de certa forma, Deus também não. Eu só não me dava conta disso.

— Bem, eu preciso dormir. — Levantou-se e ao passar por mim, beijou docemente a minha testa. — Boa noite, querida.

— Boa noite, tio. — Fiquei por mais alguns minutos com os meus excessos de vazios. E quando decidi subir, conferi as janelas e apaguei as luzes. Com a lanterna do celular, iluminei a escada. — O que está fazendo? — Ao abrir a porta do quarto do meu irmão, o vi de frente para o espelho penteando o cabelo. — Lavou o cabelo a essa hora? — Ao me aproximar, notei seus cabelos encharcados.

— Minha cabeça estava suja. Pulei de um lado para o outro hoje, subi na árvore, suei demais e esqueci de lavar mais cedo.

— Sabe que dormir com os cabelos molhados não faz bem.

— Desculpa.

— Vou pegar meu secador, só um minuto. — Fui até o meu quarto buscar o secador e segundos depois eu estava de volta. Ajudei-o a pentear mecha por mecha e quando os cachos estavam perfeitos, sequei-os com o secador.

Toda vez que penteava os cabelos do Nick, lembrava do quanto meu pai os contemplava.

Enquanto secava seu cabelo, ele fazia caras e bocas no espelho. Meu irmão tinha um brilho incomum, uma doçura genuína. Era uma criança excepcional. Seu coração era bom e amável. Para ele, tudo era uma festa e nada nunca estava cem por cento ruim. Aos seus olhos de criança tudo era agradável.

— Prontinho. — Desliguei o secador e o coloquei sobre a cômoda. Nick por sua vez deu um salto, caindo deitado na cama. — Suas energias não acabam?

— Só quando você me conta histórias. — Acomodou-se na cama e bateu com a mão no colchão para que eu me juntasse a ele.

— Juro que já não sei mais qual história contar. — Recostou a cabeça em meu ombro.

— Pega do seu estoque de histórias.

— O papai era muito bom nisso.

— Eu sei. — Seus olhos brilhavam feito estrelas. — Assisto os vídeos quase todos os dias. — O que começou por uma opção de recordação, acabou virando algo extremamente necessário. Se não fosse pelas gravações, Nick jamais saberia como nossos pais nos amavam e fazia de tudo para nos ver bem. — Amo a do Rei Davi. Você se lembra? — perguntou inocentemente com a esperança de que eu pudesse contar a ele.

— Não. — Balancei a cabeça, fingindo vasculhar minha memória. — Não me lembro dessa.

— Não quer contar só porque não acredita mais em nada do que acreditava antes. — Recolheu os ombros.

— Olha, Nick, não vou mentir pra você. — Me encarava desapontado — Sabe que não acredito em nada dessas coisas. — Respirei fundo — Deus é só uma história, não é real. E se por acaso ele existir, é tão claro quanto o ar que respiramos que ele não se importa com todo mundo aqui embaixo

— Não é verdade. — A decepção transbordava de seus olhos. — Deixou de acreditar só porque nossos pais morreram?

— Acha pouco? — Assentiu

— Deus não é o Papai Noel. — Me surpreendi com sua colocação. — Não tem obrigação de realizar suas vontades — falava com tanta exatidão que me causava espanto.

— Não sabe do que está falando, é só uma criança. — Olhava-o com incredulidade. Tive a impressão de estar ouvindo meu pai falar.

— Eu sei sim.

— Eu já fui como você. Eu acreditava em milagres, mais do que em qualquer coisa, e quando eu mais precisei, não vi nenhum milagre acontecer.

— Será mesmo? — Levantei. — O céu é o maior milagre que existe. Quem te garante que nossos pais não fazem parte disso? — Nick havia conseguido me deixar sem respostas. Ele só tinha dez anos e conseguia fazer com que um adulto ficasse sem palavras, sem argumentos e sem subjeções.

— Na verdade, eu acho que já passou da hora de crianças dormirem.

— Tudo bem. — Cobri-o com a coberta que estava sobre os seus pés e lhe dei um beijo de boa noite.

— Eu te amo.

— Também te amo. — Antes de fechar a porta, levei a mão ao interruptor e o apertei, deixando com que o quarto fosse iluminado pela luz do abajur.

Meu irmão crescia completamente diferente de mim. Perguntava-me se aquilo não passava de inocência de criança. De qualquer forma, para mim, o céu havia deixado de fazer sentido há muito tempo. Todas aquelas histórias que nosso pai amava nos contar, Deus e toda a bíblia, não passavam de fábulas. Se tornaram coisas irreais para mim.

Tranquei a porta do meu quarto, escolhi uma camisola de seda e no box, deixei que toda água lavasse meu cansaço emocional, como se ao desligar o chuveiro, eu pudesse ser uma outra pessoa.

É incrível como que, em algumas vezes, conseguimos ligar o modo automático e sair por aí tocando as nossas vidas. O problema é que, em outras ocasiões, isso não saía como o planejado. Certas ausências fazem nos ausentarmos de nós mesmos. E a nova Anne era repleta de ausências.

Quando me joguei na cama, um turbilhão de pensamentos invadiu minha mente sem ao menos pedir licença. Minhas memórias vez ou outra me levavam para um lugar onde eu realmente conseguia me sentir viva de novo. Eu fechava os olhos todas as noites e imaginava os beijos de boa noite que tanto amava receber. Eu, de fato, já havia me tornado uma mulher. Não era mais aquela garota inocente, mas mesmo assim, sentia a necessidade do abraço deles.



Quinze

Insônia

— Bom dia, Lili. — Coloquei a bolsa sobre a mesa e me sentei, enchendo a xícara com café

— Bom dia, Anne. Nick já está descendo. Está falante que só. Quando entrei no quarto, já estava se arrumando, pulando de um lado para o outro.

— É uma energia que se renova a cada amanhecer. — Beberiquei o café.

— Ele está crescendo lindo e saudável. — Lili sempre foi uma grande amiga da mamãe e após o falecimento dos meus pais, passou a ser nosso braço direito. Cuidava perfeitamente de todos nós. Seu carisma e bom coração faziam com que Nick nunca se cansasse de tê-la por perto.

Ouvi passos ligeiros na escada e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, meu irmão apareceu na cozinha com um salto, me fazendo lembrar a forma com que eu costumava viver a vida.

— Bom dia, meninas.

— Bom dia, energia infinita — cumprimentei

— Só estou feliz.

— Bom dia, príncipe Nicolas. — Lili tirou duas fatias de pão da torradeira, colocou-as em um prato e entregou a ele.

— Obrigado, Lili. — Ele passou requeijão nos pães e encheu a caneca com iogurte. — O dia só começa depois de uma boa refeição. — Sua fala espontânea nos fez rir.

— Isso só pode ser fase de crescimento. — Balancei a cabeça, incrédula. — Está sempre com esse maxilar trabalhando.

— Até que eu gosto de vê-lo comer.

— Eu também — admiti —, mas a partir de amanhã as frutas deverão prevalecer no café da manhã

— Não é porque você come feito passarinho que devo fazer o mesmo. — Sorriu, dando de ombros. — Sou como um leão. Preciso me alimentar bem.

— Ok, senhor leão, trate de comer logo, não posso me atrasar.

— Será que amanhã você pode fazer um bolo de chocolate? — perguntou à Lili

— Outro em menos de uma semana? — me intrometi. — Deixa para semana que vem. — Ele deu a última golada em sua bebida.

— Tudo bem. Você quem manda. — Piscou para mim.

— Perfeito. — Nick não era muito de contestar. Eu até diria que ele era uma criança perfeita. Esperto, educado e sempre obediente. Tinha as vontades e manias de criança, é claro. Mas nada que fosse fora do comum.

— Meu tio já saiu?

— Saiu um pouco antes de você descer, Anne. Ele tinha alguma coisa para arrumar na igreja.

— Ok.

— A propósito, ele ficou de buscar Nick na escola e levar para o ensaio da igreja.

— Perfeito! — Peguei minha bolsa sobre a mesa e a pendurei no ombro. — Vamos? — Nick limpou a boca no guardanapo e levantou rapidamente

— Minha cara, não fique triste, voltarei logo — disse à Lili, nos fazendo gargalhar

— Ora, se não temos um lorde entre nós — brincou ela.

Meu irmão mantinha o bom humor entranhado na pele. Não havia uma pessoa sequer que fosse incapaz de amá-lo.

Nos despedimos de Lili e partimos. Já no carro, Nick pediu para que eu ligasse o som e eu atendi o seu pedido.

— Tio Silas e eu vamos sair para comprar livros. Já li todos da minha estante. — Meu irmão amava ler. Devorava livros mais rápido do que eu costumava fazer.

— Tarde dos rapazes?

— Sim, e você ainda vai ficar me devendo a tarde dos irmãos. — Arqueou a sobrancelha

— Sim, comandante. — Parei o carro em frente à escola. — Meu beijo. — Nick se inclinou para o lado e beijou minha bochecha.

— Até a noite.

— Até. — Vi-o se afastar e entrar.

Seu jeito de andar me lembrava o papai. Mesmo tão pequeno, Nick já tinha muito dele. Enquanto pela janela, notei que uma criança me observava com o cenho franzido. Não me parecia estranho, até eu ver o adolescente mais à frente.

— Droga! — O garoto que vi no estacionamento da empresa no dia anterior.

Apertei o botão para fechar os vidros, mas com certeza o carro tentou me pregar uma peça. Por algum motivo, os botões travaram. Assim que os vi se aproximarem ainda mais, me abaixei, tentando me esconder. Quando enfim levantei e me ajeitei no banco, tendo a certeza de que já haviam passado, me deparei com eles encarando minha idiotice.

— O celular tinha caído. — Ruborizei ainda mais quando o adolescente encarou o menino e riu com escárnio. Óbvio que já sabiam que eu apenas tentava me esconder. Ainda não sei a espécie de surto que desenvolvi. Tentei me esconder por conta do mico anterior e provoquei um ainda maior.

Revirei os olhos, apertando o volante, e parti rumo à empresa, desejando que episódios como aquele não fossem reproduzidos novamente.

— Bom dia, senhorita. Andréia está à sua espera na sala de reuniões.

— Bom dia, Luiza. Obrigada. — Caminhei apressadamente para a sala de reuniões. — Bom dia, Andréia. — Puxei a cadeira e me sentei de frente para ela. Seus olhos azuis irradiavam a sala, iluminavam muito mais do que os raios de sol que entravam pela janela. Seus cabelos dourados se estendiam até os ombros, dando-lhe um toque ainda mais sofisticado. Andréia era a medida certa de tudo. Sabia ser amável e comandava tão bem

que ninguém cogitava desrespeitá-la. Apesar da sua insistência para que eu assumisse a presidência da empresa, eu sabia que ninguém faria seu trabalho com tanto êxito. Nem mesmo eu. Não era algo que havia descartado permanentemente, eu planejava assumir no futuro. Mas só quando fosse tão boa quanto ela sabia ser.

— Bom dia, Anne.

— Aconteceu alguma coisa?

— Só esperando o meu filho, que pelo visto se perdeu pelo caminho.

— Ajeitou-se na cadeira.

— Ian nunca se atrasa. Já deve estar chegando. — Antes que pudesse formular outra palavra, a porta da sala se abriu estrondosamente.

— Queridas, cheguei! — Ian parou na porta com os braços abertos, esbanjando beleza e elegância. Tirou os óculos escuros e o pendurou na gola da blusa, em seguida lançou-nos uma piscadela.

— Está atrasado — advertiu ela, fazendo-o encarar o relógio em seu pulso.

— Um minuto. — Sem delongas, sentou ao lado da mãe.

— Eu tenho muitas coisas para resolver, só estava esperando vocês para desejar boa sorte na próxima reunião e também dizer que está tudo certo com a sociedade em Nova York

— Parabéns, mamãe. Você conseguiu. — Senti certo escárnio em seu tom de voz. — *Uhul*. — Comemorou sem ânimo algum.

— Parabéns, Andréia. Sabia que iria conseguir. Você é incrível. — Eu realmente estava feliz pela conquista, afinal, o nome do meu pai também seria levado para outro país.

— Obrigada. — Ela se colocou de pé e ajeitou o cinto da saia. — Agora se me dão licença, preciso resolver umas coisas.

— Toda. — Retirou-se.

— Está felizinha, não é? — Seus olhos permaneciam rígidos sobre mim.

— E por que não estaria? Ainda não consegui entender que isso é bom para os negócios e também pra você? — Mordeu discretamente o lábio inferior. — Vou começar a achar que não quer ir por minha causa — disse sem pensar.

— E se for? — Semicerrou os olhos.

— Já conversamos sobre isso, temos as nossas conclusões.

— Não, Anne. Você tem as suas conclusões e sai por aí com o nariz em pé, como se só elas bastassem. — Apoiou os cotovelos na mesa

— Está dizendo que estou sendo injusta? — Balançou a cabeça em negação. — Sabe que não é assim. Não seja irracional.

— Será que não percebe que talvez esse seja o seu problema? — Podia jurar que seu maxilar trincaria. — Todo esse excesso de racionalidade.

— Olha, Ian...

— Com licença — Luiza nos interrompeu. — As anotações que me pediu ontem. — Colocou os papéis sobre a mesa. — Desejam um café?

— Sim, por favor. — Ian se colocou de pé, ajeitando a gola do terno.

— Aproveita e coloca umas pedrinhas de gelo — sugeriu. — Pra combinar com o estado de espírito da sua chefe. — Com os lábios pressionados, sorriu sem que houvesse uma gotícula de humor pairando no ar. — Com licença — disse por fim e se retirou.

— Bem, suspende o café. — Ela me olhava confusa. — Com licença. — Levantei e voltei para a minha sala.

Vez ou outra, Ian tinha uma daquelas crises, resolvia dar de rebelde e surtar do nada. Eu lidava com isso, deixando-o quieto para colocar a cabeça no lugar. Às vezes passava em questão de horas. O tempo recorde havia sido de vinte e três horas. Tínhamos discutido sobre o fato de eu nunca amanhecer no apartamento dele. Eu detestava formalidades. Não éramos um casal, não tinha porque fingirmos ser. Tínhamos um lance casual, ok, mas na minha cabeça não seria nada mais do que isso.

Ian foi a primeira e até então a única pessoa com quem tive algum tipo de contato íntimo. Acho que outras mulheres no meu lugar teriam deixado isso subir pela cabeça e estariam jurando alguma espécie de amor eterno a ele. Não que ele fosse indigno disso, muito pelo contrário. Ele é o tipo de pessoa que merece bem mais do que muita gente se dispõe a oferecê-lo.

— Toc, toc — falou do outro lado da porta

— Pode entrar. — Eu disse que não duraria muito tempo. Nesse caso, se perdurou até depois do almoço.

Abriu a porta com um olhar tão cínico quanto o sorriso que carregava nos lábios.

— Não sei se percebeu, mas temos um lugar para observar. — Conferi o horário na tela do celular.

— Caramba a hora voou hoje. — Desliguei o computador e ajeitei minha bolsa.

— Eu dirijo, pra garantir que não vai jogar o carro contra uma árvore, na tentativa de se livrar de mim. — Encarei-o secamente

— Muito engraçado. — Deu de ombros, pouco se importando com o que falei.

Enquanto fazíamos o trajeto, conversávamos sobre o próximo projeto. Não era um dever ir até o local, mas Ian gostava de se familiarizar, para ter certeza do produto que deveria vender e então poderia fazer uma proposta impecável. Era assim que ele fechava contratos impossíveis. E exatamente por isso que precisávamos dele em Nova York.

Ian fazia parecer que os clientes precisavam de nós e não o contrário. Cada campanha que produzia nos fazia pensar que ele poderia facilmente desvendar os pensamentos dos contratantes.

— O que ressaltaram?

— O fato de que querem ser surpreendidos. — Mantinha os olhos na estrada

— O quê? — Encarei-o com o cenho franzido. — Como assim eles não sabem o que querem?

— Simplesmente não sabendo. — Soava naturalmente. — Quando fiz a primeira reunião, falaram que estavam perdendo alunos.

— Ótimo.

— Resumindo: Nem mesmo eles sabem o que buscam no próprio instituto, quanto mais os alunos. Ainda se perguntam porque perdem de lavada para a concorrência? — Ian parecia tão prático e decidido. — Disse que faria o possível pra que não só os alunos, mas também eles, voltassem a acreditar no potencial do colégio. — Olhei-o por longos segundos. — Que foi? — Direcionou o olhar em minha direção rapidamente.

— Meu pai tinha razão sobre tudo o que falava de você. — Objetivo: Não inflar o ego dele. Obstáculo: Ele era realmente muito bom no que fazia.

— Tem um ótimo poder de persuasão.

— Nem sempre. — Encostei a cabeça na janela, observando a paisagem lá fora. Eu sabia o caminho de cor. Passei tanto tempo fugindo do passado e estava indo ao encontro dele.

Quando estacionamos em frente ao colégio, contei até três mentalmente e saí do carro.

— Instituto Bernardino — disse baixinho ao ler a fachada do meu antigo colégio.

Respirei fundo e entrei.

Parecia que o tempo não tinha passado. Tudo estava exatamente da mesma forma.

Ian e eu caminhávamos pelo imenso espaço externo.

— Parece vazio — falava com desdém.

Enquanto Ian cogitava inúmeras coisas, a minha mente dava lugar ao passado. Vi-me sentada bem ali, encostada no tronco daquela árvore, de olhos fechados enquanto ouvia Cami despejar todo seu vocabulário infinito. Lembrei de quando Dom sujou uma ilustração que tinha feito, quando ele insinuou que poderia sentir alguma coisa por mim e tantos outros momentos.

— Se fosse eles colocaria alguns bancos debaixo dessa árvore.

— Não! — Saí imediatamente do meu filme imaginário. Ele me olhava sem entender porque havia me manifestado daquela maneira. — A graça é justamente poder sentir a grama e encostar a cabeça aqui. — Toquei no tronco da árvore. Acariciei com o polegar, como se pudesse absorver de volta os sentimentos que já senti um dia.

— Você não faz o tipo que abraça a mãe natureza — desdenhou do meu jeito estranho de agir.

— Boa tarde. — O diretor se aproximou, cumprimentando Ian e quando olhou com mais cautela para mim, se surpreendeu. — Anne! — Me puxou para um abraço ao qual fiz questão de me desvencilhar rapidamente.

À minha frente, Ian tentava entender o que via.

— Uma das melhores alunas que já tivemos — disse ao se afastar.

Os lábios de Ian se afastaram involuntariamente com a surpresa. Tudo havia se tornado mais claro para ele.

— Como vai? — Não conseguia disfarçar o meu mau jeito.

— Bem. — Sorriu o senhor grisalho. — Muito feliz em poder te ver depois de muito tempo.

— Igualmente — menti descaradamente.

— Bem, fiquem à vontade. Podem ver tudo. E se precisarem de qualquer coisa, só me chamar. — O tempo o manteve amável.

— Obrigado. Pode deixar, chamarei se precisar de algo. — Ian o tranquilizou, fazendo com que ele voltasse para os seus afazeres e nos deixasse fazer o nosso trabalho.

Ele me olhava com um sorriso de lado e eu sabia perfeitamente o que vinha junto.

— Tá legal, o que foi?

— Daria tudo pra saber qual lembrança acabou de desbloquear. — Odiava o fato dele ser assertivo daquela forma. Tão astuto que chegava me fazer enervar. — Me diz, quais lembranças te puxaram pelo pé? — Cruzou os braços

— Nenhuma que valha a pena ser dita. — Desviei o olhar daquela árvore que estava conseguindo me golpear com memórias que passei anos tentando esquecer.

— Por que será que não acredito nisso? — Tão bonito e ao mesmo tempo coberto de cinismo

— Porque é um intrometido. — Levou a mão ao peito, fingindo um desapontamento. Era tão bom ator quanto empresário. — Veio trabalhar ou fazer especulações sobre a minha antiga vida?

— Annezinha, Annezinha... — Arfou. — Um dia eu ainda descubro o que já foi capaz de tirar você de órbita. — Ele nunca foi do tipo que desiste fácil.

Andamos por todo o colégio. Ian fez questão de conversar com alguns alunos. Ele queria saber a opinião deles sobre como se sentiam em relação aquele lugar.

Tínhamos um pouco mais de um mês para apresentar alguma ideia capaz de fazer com que os donos daquela instituição redescobrissem o significado de porque as pessoas deveriam escolher aquele colégio.

O que começou na instituição terminou no sofá de Ian. Agendas, celulares e notebooks a postos, conversávamos sobre o quanto nossos clientes estavam perdidos e o quanto deveríamos quebrar nossas cabeças.

— Ajudaria se eles ao menos tivessem uma bússola. — Coloquei meu celular na mesinha de centro e Ian fez o mesmo com o notebook.

— Sabe, Anne. Quando eu era só uma criança e ouvia as conversas dos nossos pais, eu ficava encantado com a forma com que o seu pai falava. — Mordeu discretamente o lábio inferior. — Nunca o escutava falar sobre dinheiro, projetos e coisas. Eu o ouvia dizer sobre sentimentos. Amor, paixão. — Sua pupila dilatava. — Ele ressaltava o fato de apresentar sonhos. Eu me encantei tanto por aquilo. Parecia ser tão mágico. Conforme eu crescia, continuava observando-o. As atitudes dele, como ele costumava trabalhar. E o fato dele acreditar que seu legado era muito maior do que

construir um império. Ele tinha certeza que sua missão era distribuir felicidades, realizações.

Era incrível saber que mais alguém via o meu pai da forma que eu amava ver.

— E foi vendo as certezas que ele tinha sobre o que amava despertar nas pessoas que eu descobri a que mundo eu finalmente pertencia. — Me encarou mais a fundo. Acredito que nossas almas se comunicavam de uma forma tão genuína. — A publicidade é isso. Não é sobre o quanto você pode planejar e sim o legado que você tem a oportunidade de deixar na vida das pessoas. — Aproximei meu corpo do dele e assim que seu braço envolveu meus ombros, encostei a cabeça em seu peito. — Vai dar certo, mas antes precisamos descobrir a verdadeira razão pela qual aquela escola deve ser frequentada.

Realmente trabalho não deve ser levado para casa, mas quem consegue se desconectar tão fácil? Se você consegue, merece todo o meu respeito. Não é tão fácil e simples como desconectar uma tomada ou apertar um interruptor. Mas seguíamos tentando.

Dez minutos depois de olharmos para o nada, resolvi descolar meu corpo do dele.

— Te vejo amanhã.

— O quê? — Uniu as sobrancelhas. — Ah, não. Fica, vai — suplicou

Levantei o indicador, balançando-o em um sinal negativo. Quando fiquei de pé, Ian me puxou pela cintura e antes que eu pudesse me defender, me deitou no sofá, prendendo-me com seu corpo.

— Preciso ir. — Empurrei seu corpo com as mãos, o que não causou um centímetro de afastamento sequer.

Seu corpo pesado pressionava meu corpo magro contra o sofá.

— Não agora. — Sua boca estava quase colada na minha. Ele conseguia fazer algo com os olhos que me deixava completamente refém. — Fica. — Esfregou lentamente os lábios nos meus. Tentada com tamanho envolvimento e beleza, impulsionei tentando beijá-lo, o que resultou em um fracasso. Ian desviou o rosto. Olhava-me nos olhos enquanto ria da pitada de decepção que deixei transparecer. — Sabe como é, eu sou difícil. — Gargalhei pretensiosamente. — Às vezes — ressaltou.

— É sério mes... — me calou, abafando meus lábios com os seus. Enquanto beijava-me, sentia seu calor impregnado em mim. Nem de longe

estava apaixonada por ele, mas sendo bem sincera, era nítido que havia uma atração física entre nós.

Envolvi meus braços ao redor do seu pescoço. A cada segundo, o puxava para ainda mais perto de mim. O meu peito sentia o dele descer e subir em uma velocidade sem igual. Sua respiração ofegante abafava a minha.

Sua mão deslizava pela minha cintura, me fazendo arfar. Seu toque fazia todo meu lado externo aquecer enquanto arrepiava. Mas o meu interior permanecia o mesmo mármore de sempre. Continuava frio e rígido.

Na tentativa de me libertar antes que fosse tarde, deslizei meu corpo para o lado, caindo no tapete.

Levantei depressa, tentando recuperar o fôlego.

— Pensou que me ganharia na lábia?

— Não na lábia, mas...

— Não precisa terminar. — Sorriu enquanto sentava. — Me poupe dos seus pensamentos sórdidos.

— Como preferir. — Calcei a sandália e ajeitei meu macacão que àquela altura já estava bem mais do que amarrotado. — Não vai mudar de ideia?

Neguei rapidamente.

Sem muito a fazer, levantou e abriu a porta para mim. Peguei a bolsa no chão, caminhei até ele e dei um selinho ligeiro em seus lábios.

— Até amanhã.

— Até. — Parti

Quando cheguei em casa, Nick e tio Silas já estavam dormindo, então passei pelo corredor em passos silenciosos.

De banho tomado, vesti a primeira camisola que encontrei no guarda-roupa. Na cama, rolei de um lado para o outro. Fechava os olhos vez ou outra, na esperança de pegar no sono. Para mim, aquela era a pior hora do dia. O momento em que eu encarava o teto por horas e horas, sem conseguir dormir. Cheguei a tomar remédios para dormir por um bom tempo, até me forçar a parar. Não gostava do fato de ter algo me controlando, mesmo que fosse por um bem maior. Levantei e senti o quarto tão minúsculo para o tamanho da insônia que se instalava ali.

Andei de um lado para o outro.

Na tela do celular vi que já passavam de uma da manhã. A quem queria enganar? Sem dúvida aquela seria uma das noites em que passaria

em claro.

Parei de frente para a penteadeira, encarei no espelho a minha imagem perdida por alguns segundos. Tirei o amarrador que prendia meu cabelo em um coque frouxo e vesti um vestido vermelho que estava jogado sobre a poltrona em frente à cama. Peguei a chave do carro em cima da mesinha de cabeceira e saí sem que ninguém pudesse ouvir.

Dirigi pela rua deserta. Raramente encontrava com algum automóvel perdido pela pista. Pressionava tão forte o volante, como se quisesse deixar a marca dos meus dedos estampados ali.

Enquanto o elevador me levava até o andar solicitado, minha mente vagava para um lugar do qual seria impossível chegar.

Apertei a campainha e tive que esperar alguns segundos para ser atendida.

— Alguma coisa me dizia que viria. — Aquele sorriso pretensioso. A droga daquele sorriso que vez ou outra me fazia voltar atrás no que dizia.

Ian abriu um pouco mais a porta e sem pensar me atirei em seus braços, o beijei da forma que sempre fazia, quando me sentia vazia o suficiente para aparecer em seu apartamento às duas da manhã.

Com as mãos ocupadas, segurando a minha cintura contra seu corpo, chutou a porta para fechá-la. — Qual foi a insônia da vez? — Tentava recuperar o fôlego.

— Não fala! — Se eu quisesse ouvir, escolheria fazer terapia. Naquele momento a única coisa que eu queria era extravasar os problemas que mal sabia denominar.

Aquela era uma tentativa falha de me sentir melhor, porque quando tudo acabava, eu me dava conta de que o vazio ainda estava lá.

Eu o observava dormir, tão genuinamente, e torcia para que, bem lá no fundo, ele não estivesse ligado emocionalmente a mim.

Levantei com descrição. Não queria acordá-lo. O sol nasceria em poucos minutos. Peguei minhas roupas espalhadas pelo chão e vesti sem fazer barulho. Saí como um gato que, de fininho, desaparece sem deixar rastros.

Voltei para casa como se não tivesse saído. Deixei que a água do chuveiro caísse pelo meu corpo, na esperança de que toda aquela inquietude fosse embora ralo abaixo. Devolvi a camisola para o meu corpo e me joguei na cama, adormecendo antes mesmo de cogitar o primeiro pensamento.

Quando cheguei na empresa, Luiza não perdeu a oportunidade de andar atrás de mim, como se fosse minha própria sombra. Minha agenda ambulante não parava de pronunciar palavras que eu fingia guardar na mente.

— O que devo fazer? — Confesso que eu estava muito longe dali. — Anne?

— O quê? — Minha secretária tentava ler minhas expressões, na esperança de desvendá-las. — Desculpa.

— Sobre a reunião cancelada. Posso antecipar a próxima? — Seus olhos imensos encaravam-me através da lente dos óculos.

— Claro. Pode sim.

— Ok. — Anotou em sua agenda. — Vou resolver isso. Com licença. — Assenti e assim que ela saiu, Ian segurou a porta antes que se fechasse.

— Bonitão atrasado na área. — Sentou à minha frente.

— Sua mãe vai comer seu fígado.

— Meu carro quebrou. Tive que deixar no mecânico antes de vir.

— E não avisou a ela?

— Sou meio rebelde às vezes. — Deu de ombros. — E por falar em rebeldia, quando vai ficar pra tomar café comigo? — suspirei, me ajeitando na cadeira.

— Pensei já ter falado sobre isso. Cafés da manhã não estão no acordo.

— Ah, claro. O maldito acordo. — Arqueou a sobrancelha. — Mas contra almoços não há cláusulas.

— Não. Não há.

— Perfeito, passo por aqui ao meio dia. — Levantou depressa.

— Ok. — Quando Ian saiu, voltei para o computador, mas o fato de ter voltado ao meu antigo colégio mexeu comigo de uma forma que eu não esperava.

Na hora combinada, paramos os afazeres para fazer o que combinamos. Eu dirigi até o *Cheff*, nosso restaurante favorito.

— Deixa-me adivinhar — estreitou os olhos —, frutos do mar?

— Na verdade, não. — Afastou minimamente os lábios.

— Olha só, grandes mudanças. Já sei que o restante da semana vai ser cheia de surpresas.

— Quem sabe? — Dei de ombros. — Vou querer espaguete. — Ian franziu o cenho, incrédulo com minha escolha. — Que foi? O mauricinho

não gosta de macarrão?

— Em primeiro lugar: Não sou um mauricinho. Em segundo: Você está cheia de artimanhas. — Devolveu o cardápio ao garçom e fez o pedido.

Abriu o terno para ficar mais confortável e recostou na cadeira.

Não importa como você tente imaginá-lo, ele vai conseguir ser ainda mais sexy do que tudo o que passar pela sua cabeça.

— Tudo bem, já pode começar a falar o motivo do almoço.

— Querer estar com você não é o suficiente? — Encarei-o com a sobrancelha arqueada. — Tudo bem. — Rendeu-se. — Estava pensando no colégio. Sei que detesta falar sobre o passado, mas...

— Lá vem — suspirei

— Você melhor do que ninguém sabe da emoção de ter estudado lá.

— Sabe que sou péssima com emoções, não é?

— Perfeitamente.

— Então?

— Então que todos nós temos vivências as quais queremos esquecer.

— Encarou-me. — Não existe uma única pessoa no mundo que não tenha vivido um pior momento. Mas acredito que não devemos enterrar uma história inteira porque um capítulo não nos agrada. — Pressionou os lábios.

Ele tinha todos os seus momentos loucos, cômicos e sarcásticos, mas quando queria ser preciso, era assertivo como jamais vi alguém ser.

— Veio pra falar de mim?

— Vim pra falar de algo importante e se esse pequeno ponto de interrogação fez parte da sua vida, por que não?

— Não vai desistir, não é?

— Eu não sou disto. Você sabe. — Assenti, assumindo para mim mesma o quanto aquilo era necessário.

— Quando somos jovens, adolescentes, tudo é altamente intenso. — Respirei fundo. — O ensino médio é como um rito de passagem. Você relembra o passado e planeja o futuro. É o que liga o que você já foi com o que almeja ser. Um misto de adrenalina e...

— Medo? — Olhava-me minuciosamente. Eu podia afirmar que aquela mente brilhante cogitava algo.

— É. Você lamenta o que não conseguiu ser e arquiteta o que deveria se transformar. Com certeza ou não, novo ou velho, estamos constantemente voltando ao ensino médio. — Coloquei um cacho atrás da orelha, deixando minha visão completamente livre. — Bem, é isso. Sinto

muito se não ajudou. — O canto da sua boca se curvou discretamente em um sorriso que costumava dar quando planejava algo mirabolante o suficiente para fazer seus olhos brilharem.

— Na verdade, você disse tudo o que eu precisava ouvir.



Dezesseis

Olá

A semana passou tão ligeira que quando me dei conta, mal pude acreditar.

Aos sábados, costumávamos disputar dança no *Twister*. Nick sempre ganhava. Era quase impossível disputar com ele.

— Já deu pra mim. — Me joguei no sofá, tentando puxar o ar de meus pulmões.

— Vocês são fracos demais. — Meu irmão debochava enquanto se movia tão rápido no tapete de dança que mal conseguíamos acompanhar com os olhos. Minhas pernas tremiam e meu tio gargalhava no chão.

— Acho que já estou velho pra isso.

— Somos dois. Definitivamente, sou sedentária demais. — A música acabou e Nick vibrou por nos vencer novamente. Ele deu um salto e parou ao meu lado no sofá.

— Estou faminto!

— Novidade — falei, arfando sem fôlego.

— Mas hoje a minha fome é de pizza.

— O que acha, tio?

— Hum... Será? — brincou.

— Por favor. — Uniu as mãos em forma de súplica. Era quase impossível negar o seu pedido.

— Tudo bem — abriu um largo sorriso —, mas com uma condição.

— Qual?

— Banho. — Apontei na direção da escada.

— Agora mesmo! — Pulou do sofá e em segundos já estava subindo os degraus. — Portuguesa!

— É só uma criança e dá de dez a zero em nós.

— Nem me fala. Eu era assim também?

— Um pouco menos enérgica. — Seu sorriso de orelha a orelha era contagiante. Me fazia lembrar a forma com que meu pai sorria.

Quando a pizza chegou, nós nos sentamos ao redor da mesa para comer e falar dos planos para a semana que se iniciaria.

— Posso pegar mais um pedaço?

— O último, garotão. Você já comeu demais por hoje. — Meu tio quase lia minha mente.

— Nem comi tanto assim. — Tentando engolir o riso junto com a fatia em sua boca.

— Vou refrescar a sua memória: Lasanha, brigadeiro, pipoca e pizza.

— Conteí nos dedos.

— Puxa! Tudo isso?

— Pra você ver. Amanhã você volta para sua alimentação normal.

— Mais frutas, menos doces, menos massas — acrescentou meu tio.

— E bolo de chocolate?

— Só daqui uma semana — falei. — E no colégio, nada de refrigerante e biscoitos de isopor, combinado?

— Combinado. — Quando se tratava do meu irmão, eu nunca me sentia extrema. Tentava manter tudo bem equilibrado. Ele podia comer coisas deliciosas as quais as crianças amam, só não podia exagerar. Frutas e legumes faziam parte da sua alimentação diária. E doces e massas, eu liberava uma vez na semana e na medida certa. Suas consultas e exames estavam sempre em dia. Talvez tenha sido por isso que quando recebemos a notícia que mudou por completo as nossas vidas, não conseguimos compreender o porquê.

Naquela época não fazia o menor sentido, mas hoje consigo entender que foi extremamente necessário.

Nick estava inquieto, como se quisesse me dizer algo, vi-o encarar meu tio e olhar para mim sobre os cílios.

— Tudo bem, o que querem me falar? — Os dois permaneceram em silêncio. — Eu sei que querem me falar algo.

— Primeiro tem que prometer que não vai arrumar confusão. — Meu irmão saía com cada uma

— E por que faria isso? — Nick deixou os talheres no prato, limpou a boca no guardanapo e respirou fundo.

— Sábado que vem vai ter uma peça na igreja e...

— Não mesmo — interrompi antes que meu irmão pudesse terminar a frase.

— Você nem me deixou terminar.

— E não precisa, sei aonde quer chegar. — Balancei a cabeça de um lado para o outro, negando qualquer hipótese que ele chegou a cogitar. — Sabe que não piso lá.

— Eu sei, mas é minha apresentação, queria que fosse.

— Anne, Nick só quer...

— Não, tio. Não pra qualquer coisa que ele venha perguntar em relação a isso. — Meu tio abaixou a cabeça, decepcionado.

— É só uma peça de teatro. Qual é o seu problema? — Meu irmão externalizava sua decepção

— Sabe que tudo isso é uma mentira, não sabe?

— Tudo bem não acreditar, mas custa ser uma irmã normal e ir apenas pra me ver?

— Custa muito.

— Ei, ei, ei. — Meu tio tentava apaziguar. — Que tal mantermos a calma? — Encarava-nos. — Era pra ser apenas uma conversa. Sabem o que significa a palavra “diálogo”?

— Ela não sabe o significado de muita coisa. — Levantou. — Licença. — Saiu marchando às pressas. Pude ouvir os passos fortes na escada.

Tio Silas me encarava, balançando a cabeça.

— Sei o que vai dizer. — Me recusava a olhá-lo. — Pode poupar seu dialeto.

— Acho que eu desisti de dizer qualquer coisa há muito tempo — suspirou.

— Deus não é real, tio. Não deveriam insistir nisso.

— Sabe o que é mais louco disso tudo?

— O que? — Encarei-o.

— Nem você acredita nas besteiras que diz. — Levantou, recolheu os pratos de cima da mesa e os colocou na pia. — Boa noite e tente não sonhar com a sua prepotência. — Retirou-se.

É, eu sei. Eu também me detesto, quando relembro desses episódios. Pode apostar, reviro os olhos tanto quanto você. E não, nem pensar eu passo pano para mim.



Parei o carro em frente ao prédio e segundos depois Ian já estava se ajeitando no banco do carona. O carro de Ian ainda não havia ficado pronto. Eu sei que não precisava, mas prometi que o buscaria em casa. Às vezes eu conseguia ser um pouco empática.

Cabelos bagunçados e terno azul egípcio espetacular. O que não combinava com o seu semblante.

Seus olhos estavam escondidos por óculos escuros caríssimos que havia comprado em uma de suas viagens a Paris.

— Está tudo bem?

— Por favor, não fale tão alto — pediu.

— Já sei. — Encostou a cabeça na janela. — Bebeu uma garrafa de vinho inteira.

— Juro que não farei mais isso.

— Já ouvi isso antes.

— Por favor, só dirija. — Deixei escapar um sorriso caçador enquanto saía com o carro.

— Acho que alguém precisa de um café forte e sem açúcar.

— Se tivesse aceitado meu convite para jantar, eu teria dividido a garrafa.

— Agora a culpa é minha?

— Shiii... — Inclinou-se para o meu lado e encostou a cabeça no meu ombro. — Muito melhor. — Lembro de tê-lo ouvido suspirar.

Ian é o tipo de cara que com certeza vai te arrancar muitas gargalhadas e também suspiros. Ele te obriga a ver o lado cômico das coisas, mesmo que esse lado não exista. É impulsivo, mas tem um coração que mal cabe no peito. Ele pode ser sacana o suficiente para esquecer seu nome no dia seguinte ou excluir seu número da agenda assim que conseguir o que quer, mas se ele amar você, mesmo que seja por uma fração de segundos, ele vai fazer com que se sinta a pessoa mais incrível do mundo.

Eu dirigi com cautela até a empresa e parei no estacionamento.

— Pronto, Bela Adormecida, já pode acordar. — Lentamente levantou a cabeça e antes de voltar para o seu lugar, deu um beijo suave em minha bochecha.

— Agora sim, bom dia. — Espreguiçou, ajeitando-se no banco.

— Bom dia. — Saiu ligeiramente do carro. Quando me dei conta, ele já estava abrindo a porta para mim. Peguei minha bolsa no banco de trás e segurei a mão que ele havia estendido para mim. Em seguida, entrelacei meu braço ao dele.

— Olha para nós. — Tirou os óculos e pendurou na gola de sua blusa. — Quem irá dizer que eu estava em uma ressaca miserável?

— Aparentemente ninguém poderá dizer. — Subimos até o nosso andar e assim que a porta do elevador se abriu, Luiza se aproximou com seu andar desajeitado e uma agenda nas mãos.

— Bom dia. A agenda do dia já está sobre a sua mesa.

— Bom dia. Obrigada.

— Oi, Lulu — Ian falou com escárnio.

Dei um discreto beliscão em seu braço, fazendo-o pular. — Ei!

— Se comporte.

— Sou comportado. — Um sorriso cínico se formou em seus lábios. — Eu me comporto muito bem, inclusive. — Revirei os olhos e me desvencilhei de seus braços para abrir a porta da minha sala. — Bom trabalho — desejou.

— Igualmente. — Me lançou uma piscadela antes de entrar em sua sala que, inclusive, ficava ao lado da minha.

Comecei a planejar, ler relatórios e criar coisas novas. Eu amava tanto o que fazia que quando estava trabalhando mal via a hora passar.

— Eu de novo. — A cabeça de Ian sobressaía entre o vão da porta enquanto segurava a maçaneta.

— Olhar pidão e sorriso cínico. A resposta é não. — Voltei a atenção para o computador.

— Como consegue dizer não pra mim tão facilmente? — Entrou, fechou a porta e caminhou até a minha mesa.

— Anos de prática.

— Preciso de uma ajudinha.

— O que houve dessa vez? — Parei o que estava fazendo para ouvi-lo

— Preciso ir ao supermercado e não quero ir sozinho.

— Você no supermercado? — Eu ri debochadamente. — O que eu perdi?

— Entende porque quero sua companhia? Sônia precisou viajar às pressas para visitar a mãe. Nem só de água e mato vive um homem, não é mesmo? E no momento é tudo o que tem na minha geladeira.

— Confesso que não curto muito programas desse tipo.

— Sabe que muitas adorariam um convite meu, não sabe? — Apoiei os cotovelos sobre a mesa.

— Não sou como muitas.

— É por isso que estou aqui, querida. — Com a sobrancelha arqueada, me encarou, na esperança de que atendesse ao seu pedido.

— Tenho alternativa? — Negou. — Ok. — Desliguei o computador.

Eu sabia que se não fosse, ouviria aquela proposta o dia inteiro. — Está me devendo um chocolate.

— Tudo o que você quiser. A propósito, eu dirijo, meu carro já ficou pronto.

— Ok. — Juntei as minhas coisas e partimos para o desafio proposto.

No supermercado, Ian colocou duas lasanhas congeladas no carrinho e assim que virou as costas, eu as tirei.

Quando entramos no setor de macarrão instantâneo, ele pegou quatro sabores diferentes e eu fiz questão de devolver todos à prateleira.

— Ei! É por isso que eu nunca consigo encher o carrinho? — Seu semblante confuso me divertia.

— Pediu a minha ajuda. Eu não vim aqui pra vê-lo comprar veneno. Não vai se matar com a minha colaboração. — Levantei o indicador e o

balancei em sinal negativo. — Não mesmo. Vai cozinhar coisas normais e se alimentar perfeitamente bem.

— Sim, senhora. — Com um sorriso convencido no rosto, ergui o queixo e arranquei com o carrinho, fazendo-o me seguir. — Sou sedentário! — contestou, seguindo meus passos apressados.

— Anda logo! — Peguei frutas, verduras e também ovos, arroz, macarrão e carne vermelha.

— Acho que vai ter que me ajudar a comer isso tudo.

— Espero que não seja um convite para jantar.

— E por quê?

— Soou muito chinfrim. Tenta melhorar da próxima vez.

— Tem ciência de que só eu consigo te aturar em todos os seus estágios emocionais, não é? — Dei de ombros. — Vou pegar seu chocolate.

— Está começando a falar a minha língua.

— Vou trazer um que combine com você.

— Irresistível?

— Não. Meio amargo.

— Ei! — Com um sorriso peralta nos lábios caminhou até o corredor atrás de mim. Enquanto escolhia o chocolate ideal, eu me entretia no setor dos frios. Seleccionava os queijos que sabia que Ian amava.

Tudo ia bem, até eu ouvir uma voz familiar. Ao olhar para o lado, vi Nick correr até o meu tio, que apesar de estar a poucos metros de distância, ainda não tinha me visto.

— Droga! — Pensava em uma maneira rápida de sair sem ser vista. Pensei em me esconder no próximo corredor e esperar que fossem embora. Tudo o que eu não queria, era ser vista ali.

Enquanto mantinha os olhos pregados neles para me certificar de que não me veriam, dei um passo largo e depois outro, até me desequilibrar e cair. Sim, eu me *estabaquei* no chão do supermercado.

Eu não queria mais me esconder apenas do meu irmão e do meu tio, eu queria me esconder de todos os olhares que me encaravam.

Uma criança à minha frente não conseguiu controlar o riso ao me ver no chão. Notei quando a senhora que parecia ser sua mãe repreendeu-a. Mas no fundo, bem lá no fundo, ela tentava controlar o riso também.

— Anne? — Os olhos altivos do meu irmão haviam me encontrado e tanto ele quanto o meu tio vinham ao meu encontro.

— O que faz aqui? — Meu tio me estendeu a mão.

— Vi minha dignidade cair e tentei pegá-la. — Levantei e bati a parte de trás do meu macacão, que de verde militar acabou ficando preto com a sujeira do chão. — Só vim ajudar um amigo.

— Olha! Aquele é o Ian? — Nick apontou para alguém atrás de mim.

— Não. Com certeza não. — Ele era mais esperto do que gostaria que fosse. Meu tio me repreendeu com o olhar, já sabendo da minha mentirinha.

Passei tempo demais evitando que Nick e Ian se conhecessem. Quanto menos pessoas eu levasse para a vida do meu irmão, menos ele teria que sofrer quando elas partissem. E Ian e eu nunca havíamos sido algo concreto. Não queria ser a responsável por partir o coração do Nick. Não daquela maneira.

— Olá! — Ian já estava ao meu lado novamente, com algumas barras de chocolate nas mãos.

— Eu sou Nick — falou com exatidão, entendendo a mão.

— E eu sou o Ian. — Eu realmente queria sair correndo.

— Mas... — Dava para ver a confusão em seus olhos. Tio Silas estava decepcionado e não fez questão alguma de esconder. E eu? Bem, todo o meu plano de manter Ian e Nick longe um do outro havia ido por água abaixo. Me restou sorrir e fazer cara de paisagem.

Quer um conselho? Na verdade, vou dar mesmo assim: Nunca tente evitar o inevitável. Tapar o sol com a peneira não é a melhor forma de evitar o calor.

Eles estavam bem ali, um de frente para o outro e se olhavam como se fossem as pessoas mais interessantes que já haviam visto na vida.

Acho que, quando finalmente fazemos algo que nunca nos foi permitido, acaba virando um fascínio.

— Já ouvi sobre você. — Meu irmão sorria, admirando o que estava vendo.

— Acredite, já ouvi bastante sobre você também. — Meu tio estendeu-lhe a mão e Ian a apertou gentilmente. Eles já se conheciam, da época em que meu tio precisou resolver coisas na empresa em meu nome.

— É um prazer revê-lo.

— O prazer é meu. — Eu estava detestando tudo aquilo.

— Engraçado, Anne. Eu poderia jurar que estava tentando se esconder. — Meu tio entendeu perfeitamente a essência da coisa.

— Jura? Que estranho. — O olhar de Ian pesava sarcasmo. Eu estava prestes a ser encurralada, quando o celular do meu tio tocou

— Com licença — pediu ele, afastando-se para atender a ligação, que não demorou mais de um minuto

— O que houve? — perguntei.

Seu olhar parecia preocupado

— Ligaram da igreja. Parece que algo deu errado com a obra do banheiro. Eu preciso ir correndo pra lá.

— Sem problema. Eu os levo pra casa — ofereceu Ian.

— Gostei de você! — disse meu irmão. Ian lançou-lhe uma piscadela

— Perfeito! — Meu tio guardou o celular no bolso. — Eu preciso ir. Vejo vocês mais tarde.

— Até logo — falei. Ele beijou meu irmão na testa, se despediu de nós e partiu.

— O que acham de sorvete?

— Eba! — Nick vibrou.

Eu analisava a situação, tentando manter a calma enquanto via tudo sair do meu controle.

Deixamos as compras no apartamento de Ian e partimos para a sorveteira. Nick não parou de falar um minuto. O tempo inteiro com falas e perguntas as quais Ian estava amando responder. Era um carro, uma adulta e duas crianças.

— Que tal três bolas? — Os olhos de Nick ganharam um brilho sem igual.

— Nem pensar. É doce demais para alguém da idade dele — contestei. — Duas, apenas. E não se fala mais nisso.

— Você que manda! — respondeu meu irmão, sorrindo.

— E não está mais aqui quem falou — completou Ian, antes de entrar na sorveteira.

— Ele é muito legal! — Era como se seus olhos pudessem saltar de tanto entusiasmo.

— Jura? — O pior é que meu irmão tinha mesmo razão. Ian é o tipo de pessoa que te instiga a querer estar por perto. Ele pode ser cômico o suficiente a ponto de te fazer rir em um velório.

— Chocolate para você. — colocou a taça à minha frente e fez o mesmo com a do Nick. — Pra você também e morango para mim.

— Obrigado!

— De nada, garotão. Sabe, você se parece muito com sua irmã.

— Minha mãe falava a mesma coisa — falei antes de levar uma colherada de sorvete à boca. — Os olhos, talvez. — Ian nos encarava, tentando encontrar o ponto de semelhança. — Nick é praticamente branco. Acho que se não fosse pelo cabelo encaracolado e os olhos não nos pareceríamos nadinha.

— Para, porque você também está bem pálida — brincou, com um sorriso no canto dos lábios. — Precisa pegar um solzinho.

— Pode apostar, nós somos bem diferentes.

— Sério? — Ian franziu o cenho.

— Eu sou o irmão inteligente. — Nos fez gargalhar. — Acho que minha mente é mais evoluída.

— Adorei esse menino. — Nick apreciava o momento e o sorvete. Era tão sereno que se olhasse atentamente dava para ver muito da mamãe nele.

Era calmo, inteligente e bom com as palavras. Às vezes me perguntava o que o futuro reservava para ele. Deveria ser algo muito incrível, que mal caberia em minha imaginação. Algo especial para alguém extremamente especial. Meu irmão era extraordinário, pena que raramente eu o fazia se sentir assim.

Ele merecia muito mais do que os cacos que eu espalhava à minha volta.

Quando você não valoriza o que tem, Deus encontra maneiras de fazer você parar de olhar apenas para o que você perdeu. Eu mal podia esperar pelo que viria pela frente. Dias após aquele momento, eu passaria pelos piores pesadelos que alguém poderia passar. Mas hoje entendo que algumas tempestades são necessárias. Elas te ensinam a valorizar os dias ensolarados. E os próximos dias seriam muito nublados.

Depois do sorvete, Ian e Nick resolveram parar na praça e eu tive que assisti-los enquanto brincavam de melhores amigos na gangorra e no balanço. Estava me sentindo uma perfeita idiota. Como deixei aquilo acontecer? Anos de manobras jogados no lixo. Em minha defesa, eu não era tão maquiavélica a ponto de proibir para o mal deles. Eu só tentei protegê-lo, não só o meu irmão, mais também o meu parceiro de trabalho. Eu sabia como meu irmão era encantador e conhecia Ian muito bem. Só estava poupado problemas futuros.

Em frente à minha casa, tirei o cinto de segurança.

— Obrigada pela carona.

— Quando nos veremos de novo? — Ian se virou para encará-lo.

— Eu já te falei que comprei um videogame incrível?

— Uau!

— Que tal jogarmos juntos qualquer dia?

— Ian... — tentei contestar, eu juro. Mas o olhar do meu irmão me fez recuar na mesma hora.

— Oba! — vibrou. Dava para ver o quanto ele estava empolgado.

Tirei a chave da bolsa e entreguei a ele

— Nick, se importa de ir na frente? — Ele pegou as sacolas com o que compramos no supermercado.

— Pode deixar. — Antes que saísse do carro, se virou para Ian com o olhar doce e gentil. — Obrigado pelo dia.

— Não tem de que, amigo. — Saiu depois de se despedir. Pela janela, vi-o abrir a porta e entrar em casa.

Ian tirou o cinto e se ajeitou no banco, virando-se para mim.

— Tudo bem. Pode começar. — Estava à espera de alguma reclamação, briga ou confusão da minha parte.

— Obrigada pelo dia. — Semicerrou os olhos e afastou minimamente os lábios.

— Que droga! — Levou a mão à testa, sacudindo a cabeça em negação, me deixando aflita

— O que foi?

— Acho que há um grande problema. — Franziu o cenho, me analisando minuciosamente.

— Como assim? Está me deixando preocupada. — Tocou minha testa com a palma das mãos.

— Acho que está doente ou não estou ouvindo muito bem. O que acabou dizer?

— Que idiota. — Acertei-lhe um tapa nos ombros, fazendo-o recuar enquanto gargalhava às minhas custas.

Ian pegou minha mão no ar.

— Confesso que estava preparado para o pior.

— Hoje eu vou deixar passar. Mas não se acostuma com isso. — Delicadamente colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, deixando meus olhos livres de qualquer coisa que o impedisse de admirá-los.

— Por que faz isso? — soou como um sussurro.

— Isso o que? — Inclinou o corpo em minha direção.

— Se proíbe de sentir a felicidade em seu estado mais louco. — Estávamos ainda mais próximos. — Viver é aquela linha tênue entre emoção e loucura. — Encostou os lábios em minha bochecha. O calor da sua pele fazia cócegas na minha. — É sempre bom estar com você — falou em meu ouvido.

Não vou mentir, em algumas ocasiões ele conseguia me causar arrepios. Não era à toa que estávamos naquele jogo há cinco anos. Não era amor. E talvez não fosse nem mesmo paixão. Era só aquilo que acontece quando você está carente o suficiente para não querer ficar completamente sozinho. Ian era a minha carta na manga. O comodismo de estar com alguém e ao mesmo tempo preferir a solidão.

Não tente me entender, nem eu mesma era capaz de fazer isso.

— Até amanhã.

— Até amanhã, *baby*. — Saí do carro e caminhei calmamente pelo jardim. Admirei as flores por alguns segundos antes de entrar.

Na cozinha, percebi que Nick já havia guardado as coisas no armário, então subi a escada.

— Nick? — disse em alto tom ao pisar no corredor que dá acesso aos quartos. A porta do quarto do meu irmão estava aberta. Ao me aproximar, vi-o sentado à mesa de estudos. — Banho, mocinho.

— Já vou. Só vou terminar o dever de casa.

— Vou conferir as orelhas. — Assentiu. — Vou estar no meu quarto, ok?

— Ok. — Antes que eu pudesse me virar, chamou por mim. — Anne?

— Sim?

— Hoje foi incrível. — No fundo eu queria saber o que o fez achar aquilo. — Ele gosta de você.

— Como pode ter certeza? — Me aproximei e sentei na beirada da cama.

— É só prestar atenção. O jeito que ele olha pra você

— Ian e eu somos apenas amigos. — Deu de ombros.

— Não significa que não está apaixonado.

— Não é tão simples. Eu sei o quanto quer me ver com alguém. Mas pra estar em um relacionamento é preciso amar a pessoa e isso não acontece em um estalar de dedos.

— E nunca vai acontecer?

— Nós não escolhemos isso, Nick.

— Você escolhe não gostar, não se importar, não acreditar. —
Levantei

— Não vou discutir sobre amor com uma criança.

— Você afasta as pessoas. — Franzi o cenho, cruzando os braços sobre o peito. — É triste e solitário.

— Não sabe do que está falando!

— E você não sabe o que está fazendo! — Ele estava visivelmente alterado, assim como eu.

— Olha... — hesitei. — Quer saber, deixa pra lá. — Engoli as palavras assim que percebi que não importava o que eu falasse, não mudaria seus pensamentos sobre mim. — Vou pedir o jantar. — Virei as costas e saí.

Ele não estava errado a meu respeito e isso tornava tudo pior. Eu amava Camili e a fiz querer ir. Vi Dominic partir e aos poucos estava expulsando Ian da minha vida também. Era isso que eu fazia de melhor. Eu afastava as pessoas.

Quando olhava para o meu futuro, via uma mesa vazia. Meu tio era novo e muito bonito por sinal. Uma hora encontraria alguém e construiria sua própria família. Nick se crescesse daquele jeitinho conquistaria muita coisa na vida. Amigos, carreira, uma namorada que o esperaria para o jantar. E aos poucos esqueceria de mim. A irmã que se privava de ser feliz por acreditar que a felicidade era algo inalcançável. Ninguém se reúne ao redor da mesa para contar histórias sobre uma pessoa incapaz de amar. Eu corria o risco de ser alguém esquecido.

O que sobraria para mim, de fato? A ideia sobre o futuro me assustava muito mais do que conseguia admitir.

Depois da morte dos meus pais, algo dentro de mim passou a acreditar que ser feliz enquanto eles estavam mortos era a coisa mais cruel que poderia fazer. E com isso, eu tentava tocar a minha vida sem emoções, sem amores e sem felicidade.

O vazio é degradante. No começo assusta, mas quando você passa tempo demais submerso nele, acaba fazendo parte da sua inexistência.



Dezessete

A pior falta é a de quem já fomos um dia

O raio de sol passou pelo vão da cortina, indo de encontro ao meu rosto. Levei a mão até os olhos, os esfregando e obrigando-os a abrirem.

Pulei da cama assim que olhei para o relógio na mesa de cabeceira.

— Droga! — Passava das 07:30h. Peguei minha calça pantalone preta que estava jogada na poltrona ao lado da cama e a vesti.

— Bom dia, flor do dia. — Ian se espreguiçou, com um sorriso sacana estampado nos lábios.

— Estamos mais do que atrasados. — Ajeitei a blusa por dentro da calça e sentei na beirada da cama para calçar a sandália.

— Podíamos aproveitar que somos os chefes e voltar para a cama. O que acha?

— Fora de cogitação. Levanta. — Puxei a coberta que o cobria.

— Aliás, primeira vez que acorda ao meu lado, deveria ser mais carinhosa comigo. — Acordar ao seu lado, tomar café juntos e sair pela manhã gerariam hábitos e sentimentos aos quais eu não estava disposta a cativar.

— Peguei no sono. — Foi a primeira vez em cinco anos.

— Pode pegar no sono mais vezes, não me importo. — Peguei a calça dele que estava no chão e entreguei a ele.

— Mas eu sim.

— Estraga-prazeres. — Levantou rapidamente, tomou banho e em trinta minutos estávamos partindo rumo ao nosso trabalho diário. Assim que saímos do elevador, demos de cara com Andréia.

— Estão atrasados.

— Bom dia, mamãe. Isso não é jeito de falar com seu filhinho querido.

— O meu filhinho querido esqueceu que tem uma reunião em trinta minutos.

— Bem, já estamos aqui — falei ao entrar na minha sala.

— Vamos repassar algumas coisas e nos preparar melhor, mamãe. — Seguiam meus passos.

— Eu tenho uma perguntinha para os dois. — Ela cruzou os braços e uniu as sobrancelhas. Eu sabia que com tal gesto viria algo não tão agradável pela frente.

Ian se acomodou na cadeira à minha frente para ouvi-la.

— Quem demitiu o Fred?

— O quê? O Fred foi demitido? — Escancarei não só os olhos como também a boca, até Ian balançar seu indicador no ar.

— Euzinho.

— E eu posso saber o porquê?

— Ele estava com você há anos. Por que fez isso? — perguntei. — O cão de guarda era leal.

— Porque ele não merecia mais fazer parte da empresa.

— E baseado em que você decidiu isso? — Andréia não estava gostando nadinha daquilo.

— Baseado nas vozes da minha cabeça. — Sorriu sarcasticamente. — Brincadeira. — Ela revirou os olhos e respirou fundo.

— Não é engraçado.

— Porque você não tem senso de humor, mãe. — Me segurei para não rir da situação.

— Aja como um adulto! — Levantou o indicador para ele.

— Ok, dona Andréia. — Abriu o botão do terno. — Demiti porque ele assediou uma das estagiárias. E eu não gostei nem um pouquinho.

— Como assim? Isso é grave. — Eu estava surpresa

— Será que dá pra ser mais claro? — exigiu a loira

— Dá sim. Há um tempo eu estava percebendo algumas atitudes um tanto — hesitou — maliciosas. Fui colhendo uma coisa aqui, observando outra ali, até flagrá-lo tentando beijar uma funcionária. — Eu estava enojada. — Eu o demiti, conversei com a estagiária e garanti que se ocorresse novamente, não importasse quem fosse, ela deveria nos informar.

— Era um excelente advogado. — Eu apenas observava

— Mas ao que tudo indica é uma péssima pessoa. — Levantou e se aproximou dela. — Mas você não liga pra isso, não é mesmo? Já que se submeteu a conviver com péssimas pessoas por tanto tempo! — O clima esquentava.

— Não tem o direito de falar assim comigo! — vociferou

— Eu dou o sangue pelos meus funcionários. Eu trato a minha equipe com muito respeito, o mesmo respeito que eles têm por mim. E não permito quem faça o contrário!

— Você realmente só espera o pior de mim? Achou que eu fosse passar a mão na cabeça dele? — Ian se negou a responder. — O problema não é o que você fez e sim a forma com que fez! Deveria ter falado comigo. Tudo bem você não me respeitar como mãe, mas eu ainda sou a presidente dessa empresa e mereço respeito. — Respirou fundo enquanto ele sequer esboçava alguma reação. — Tem quatro meses para encontrar um advogado à altura. Que seja tão bom e astuto, capaz de resolver tudo em Nova York. — Seu tom de voz soou ameaçador.

— Se por acaso souber de alguém — disse para mim. — Estou aceitando currículos.

— É uma exigência! — Com a cara fechada, ela se retirou da minha sala.

— Acho que tive a quem puxar. — Deu de ombros.

— Sei que tem motivos o suficiente pra ser tão gélido assim com ela. Mas é a sua mãe. Eu daria tudo só pra ter mais cinco minutos de conversa com a minha. — Arfou

— Não é uma comparação muito justa. A sua mãe era incrível.

— A sua também é. Talvez você só precise olhar de uma forma diferente. — Em passos cautelosos, se aproximou.

— Tudo bem, mas não quero falar da minha mãe.

— E sobre o que quer falar? — Eu não deveria ter feito essa pergunta.

— Deveria acordar mais vezes ao meu lado. — Colou o corpo ao meu, fazendo com que minhas costas tocassem a parede.

— Sabe que não vai acontecer de novo, não é?

— Por que não? — Acariciou meu rosto com suas mãos macias. Sua boca estava tão próxima à minha que podia sentir seu hálito fresco tocar minhas narinas.

— Ian... — minha voz saiu como um sussurro. — Aqui não. — Levei a mão ao seu peito, tentando afastá-lo, mas ele foi mais rápido ao segurar firme a minha cintura e puxar-me para si. Seus lábios estavam bem próximos ao meu ouvido.

— Respiração ofegante. — Afastou-se minimamente e me olhou penetrantemente nos olhos. — Deveria admitir que não é tão indiferente a mim quanto diz ser. — Me soltou. Havia um sorriso cínico em seus lábios.

Sem desviar o olhar, deu três passos para trás.

— Amo a cara que faz quando não sabe como agir.

— Eu sempre sei como agir. — Raspei a garganta, tentando disfarçar o quão idiota eu estava sendo.

— Tem certeza? — Dei de ombros e me sentei

— Vai pra sua sala — exigei.

— Ok. — Levantou as mãos em sinal de trégua. — Tenha um bom dia, sócia. — Retirou-se.

Eu me perguntava qual seria a próxima vez que cometeria mais deslizes como aquele.

Já estava saturada de agir fora dos planos. E Ian estava amando as cordas que estava dando a ele.



Tirei os sapatos assim que entrei na sala e joguei a bolsa sobre o sofá.

— Anne! — Nick desceu a escada como um foguete.

— Cuidado, mocinho. Não queremos cinco pontos na testa. — Pulou no meu colo, cruzando as pernas em volta da minha cintura.

— Que saudade! — Me esmagava em um abraço acolhedor.

— Eu quero saber se o senhor comeu direito. — Assentiu

— Até demais. — Lili surgiu da cozinha com um pano de prato pendurado no ombro.

Seu sorriso meigo e cabelo preso a um coque faziam parte do seu jeito de trabalhar. Era como mais se sentia confortável.

— Nada tira a fome desse menino. Se eu comesse o tanto que ele ama comer, seria literalmente uma pessoa roliça.

— Estou em fase de crescimento, meninas. — Deixou um sorriso peralta escapar.

— A pergunta que não quer calar é: ele se comportou, Lili?

— Perfeitamente. — Dei um beijo em sua testa e o coloquei no chão.

— Bem, eu só estava te esperando. Eu já vou indo

— Muito obrigada por ficar até essa hora. Vamos nos organizar melhor na semana que vem.

— Imagina. Imprevistos acontecem. Seu tio não pôde prever.

— Mesmo assim.

— Estou aqui pra ajudar. Vou colocar isso na cozinha e pegar minha bolsa — disse, tirando o pano dos ombros.

— E eu vou tomar um longo banho.

— Até amanhã, querida.

— Até amanhã.

— Anne?

— Sim, meu amor.

— Quando Ian vai vir? — De todas as perguntas que ele poderia fazer, sem dúvida, aquela era a única que eu não queria responder. — Ele ficou de vir me visitar e jogar comigo.

— Nick, Ian não é um amigo da escola. Ele tem a vida dele.

— Ele prometeu.

— É melhor não contar com isso. — Desapontado, jogou-se no sofá, acomodou a cabeça nas almofadas e ligou a TV. Eu subi para o meu quarto.

Já no box, liguei o chuveiro e deixei que a água caísse sobre meu corpo. Se pudesse fazer um pedido, pediria para que lavasse também a minha alma, deixando-a mais limpa, leve e afável.

Minutos depois, me enrolei em meu roupão e me joguei na cama. O teto já fazia parte de mim. Encará-lo era como uma espécie de terapia a qual eu não conseguia deixar de fazer.

Depois de longos minutos, dei um jeitinho no meu cabelo, passei um hidratante labial e vesti um vestido azul bem rodado e levinho. Azul era, sem dúvida, a minha cor favorita. Me transmitia paz e tranquilidade.

Já pronta, voltei para sala. Ao descer os degraus, comecei a ouvir uma voz que ao longe era extremamente familiar.

— Não é possível! — Apressei os passos. — O que faz, aqui? — Eu analisava a situação, tentando entender o que estava acontecendo

— Sentiu minha falta? — Ian estava sentado entre meu tio e meu irmão. Ambos com controles de videogame em mãos.

— Será que alguém pode me explicar? — Cruzei os braços.

— Eu explico. — Meu tio pausou o jogo e levantou. — Ian ligou para você, eu atendi e Nick pediu para que o convidasse. Não vi mal algum nisso. — Era um complô. Só podia ser.

A campainha tocou. — Pedimos pizza.

— Eu pego. — Ian levantou do sofá.

— Eu vou tomar banho bem rápido e já desço. — Meu tio subiu a escada correndo enquanto Ian atendia a porta.

Ele tirou uma nota de cem da carteira e a entregou ao *motoboy*.

— Pode ficar com o troco. — O rapaz o agradeceu. — Pedi uma de chocolate especialmente pra você.

— Estou lisonjeada. — Virei as costas e parti rumo à cozinha. Ian acompanhava meus passos.

— Ainda bem que a pizza chegou, porque essa cara feia só pode ser fome. — Peguei os pratos, talheres e copos, coloquei-os sobre a mesa e depois peguei a jarra de suco de laranja que Lili havia deixado pronta.

Ian abria as caixas, quando seu celular tocou. Ele o tirou do bolso, olhou o visor e o guardou novamente.

— Quem é a iludida da vez? — Apoiei as palmas das mãos na mesa.

— Como assim? Sabe que só tenho olhos pra você. — Forçou um sorriso, mas eu sabia o quanto aquela chamada havia mexido com ele.

— Era o seu pai, não é mesmo? — Seus olhos cor de mel esvaíram o brilho que carregavam. Assentiu, encarando o chão. Só existia uma coisa capaz de desmanchar seu sorriso. — Sabe que não poderá ignorá-lo para sempre.

— Acho que posso fazer isso sim. — Forçou um sorriso.

Me aproximei.

— Ei — segurei seu rosto em minhas mãos —, isso não faz bem a você.

— Ele não me faz bem, Anne. — Pressionou os lábios. — Prefiro tê-lo longe. Bem longe.

— Acho que precisam conversar.

— Eu já tentei muitas vezes e fui ignorado de todas as formas que um filho pode ser. — Respirou fundo. — Às vezes fico me perguntando: como uma única pessoa é capaz de quebrar o seu coração em várias partes diferentes?

Seus olhos estavam marejados. E vendo-o tão frágil, não pensei duas vezes e o abracei. Apertei meus braços magros ao redor de seu corpo forte. Em seu peito senti as batidas desenfreadas do seu coração. Na maioria das vezes eu era severa demais com ele, mas minhas atitudes nunca foram para o seu mal. Às vezes eu só queria protegê-lo de mim e de todo o meu abismo infinito.

Suas mãos acariciavam gentilmente minhas costas.

— Obrigado. — Seu indicador passeou pelo meu rosto, apreciando-o tocar na minha pele. — Já disse o quanto é incrível?

— Você também é uma grande pessoa, Ian. Uma das melhores que já conheci. — Eu não falava aquilo apenas para tentar agradá-lo.

Ian era de fato, uma das melhores pessoas que eu permiti cruzar o meu caminho. O jeitinho *bad boy* icônico, sempre com uma resposta sarcástica na ponta da língua, era apenas um disfarce que tentava esconder as suas mais profundas camadas. O Ian de verdade era apenas um menino. Não aquele menino arrogante da infância. Mas um menino cujo seu único desejo era ser amado o suficiente, como nunca havia sido antes. E de certa forma, eu o amei, mas não da maneira que ele esperava.

Com a testa colada na minha, sua respiração fazia cócegas em minhas narinas.

— Nick está por perto. — Eu não queria que o meu irmão nos presenciasse tão intimamente. Ele não entenderia. — Por favor, eu não posso confundir a cabeça dele.

— Ele está entretido agora

— Eu sei, mas... — Senti sua boca na minha. Seus lábios beijavam os meus como em uma valsa. Havia vontade, mas não havia uma gota de

sintonia.

Eu gostava de estar com ele, da sua companhia, mas seus sentimentos sempre estariam a quilômetros de distância dos meus.

— Anne? — A voz de Nick o fez cessar o beijo.

— Droga — falei, ainda com os lábios de Ian próximos aos meus. Ian levou alguns segundos para assimilar o que estava acontecendo. E quando realmente se deu conta, se afastou.

— Vocês estão namorando! — vibrou. — Eba! — O que só me fez detestar ainda mais o que estava acontecendo.

Se vocês vissem o olhar dele. O rosto do meu irmão estava coberto por excitação. Ele nos olhava como uma criança olha para uma fábrica de doces. E aquilo me assustou. Fiquei aterrorizada e em choque.

— Eu vou trocar o jogo. — Desorientado, Ian partiu para a sala.

Eu estava ali, parada, sem saber o que dizer ao meu irmão. Você deve estar se perguntando: Por que não diz a verdade? Mas se você o visse naquele momento, me entenderia. Havia esperança e felicidade saltando de seus poros. Não havia o que falar sem que ele saísse desapontado com aquilo tudo.

— Agora Ian é da família e vai poder vir mais vezes, ficar para o jantar e jogar comigo. — Seu sorriso se estendia de orelha a orelha. — Posso falar para os meus amigos na escola que tenho um cunhado! — Eu respirei fundo, tentando acalmar toda a eletricidade que percorria em minhas veias e me aproximei. — Vocês são um casal! Eu disse que ele gostava de você. — Deu um salto em comemoração.

— Olha Nick, nós não estamos namorando. — Me abaixei para olhar na direção de seus olhos.

— Como não? — Seu sorriso se desfez de imediato. — Mas eu vi vocês.

— O que você viu aqui foi um erro. Nós realmente somos apenas bons amigos e nada mais do que isso.

— Mas eu pensei que...

— Eu sei. — Seu desapontamento me feria. — Não estamos juntos. Você precisa se acostumar ao fato de que, talvez, eu não queira estar com alguém e construir uma família que corresponda aos seus sonhos. Você e tio Silas já são a minha família. Vocês são tudo o que eu amo ter.

— Tudo bem. — Senti que ele desejava me dizer muito mais do que disse, mas tinha ciência de que seria em vão.

— Vamos comer? — O perfume do meu tio chegou à cozinha muito antes dele.

— Vamos — respondi sem tirar os olhos do meu irmão

— Vou chamar o Ian. — Nick saiu com ombros caídos e passos curtos.

— O que deu nele?

— Depois conversamos sobre isso. — Puxei o ar para os meus pulmões e o soltei devagar. — Depois.

— Ok. — Ele não insistiu.

Enquanto comíamos, tio Silas e Ian conversavam sobre a empresa.

Meu tio contou suas experiências de quando assumiu o cargo do meu pai e enquanto eles trocavam gargalhadas, Nick permaneceu em silêncio. Na cabeça dele, a noite tinha tudo para ser incrível e eu estraguei tudo, como sempre fazia. Ele só precisava se divertir, distrair e eu vetei isso. Ver o meu irmão desapontado me fazia calcular minhas próximas ações.

Eu nunca prometi amor eterno a Ian. Uma hora ou outra, aquela coisa louca que tínhamos acabaria da mesma maneira com que começou. De repente e sem motivo aparente.

Eu me via entre a cruz e a espada. Se Nick já estava se sentindo despedaçado com pouquíssimo tempo de convivência com Ian, imagina se tudo isso se perdurasse mais? Não seria bom para nenhum dos dois. Mais à frente, ambos sofreriam pelo distanciamento. Isso era uma certeza. E a meu ver, os dois já tinham bagagens pesadas demais para terem que passar por mais aquilo. Não era justo que atos tão eloquentes como os meus respingassem neles.

Eu comecei tudo aquilo e deveria ter coragem para pôr um fim.

— Não gostou da pizza? — perguntou Ian ao perceber que Nick mal havia tocado na fatia em seu prato.

— Gostei sim, só estou sem fome. — Me encarou com olhos tristes. — Posso ir para o meu quarto?

— Mas já, amigo? — Ian estranhou o desânimo de Nick.

— Eu *tô* um pouco cansado.

— Pode sim, querido. — Ele levantou assim que dei o aval e sem que esperássemos, envolveu Ian em um abraço apertado.

— Obrigado por vir e jogar comigo.

— Sempre que você quiser. — Meu irmão não mostrou muito entusiasmo, no fundo, ele sabia tudo o que estava passando pela minha

cabeça e me conhecendo tão bem, previa o que faria a seguir.

— Obrigado mesmo assim. — Ele soltou Ian e se afastou. — Com licença. — Deixou o prato na pia e se foi.

— Ele adora pizza. — Meu tio não entendia o motivo da tristeza aparente do meu irmão.

— Só deve estar cansado, não parou desde que cheguei — disse Ian, antes de levar uma garfada da pizza à boca.

— Bem, meus queridos. Foi ótimo estar com vocês, mas eu preciso ir. Hoje o dia foi longo e amanhã será três vezes mais. — Meu tio limpou a boca no guardanapo e se levantou. — Volte mais vezes, Ian. Será sempre bem-vindo aqui.

— Obrigado, pastor.

— Pode ser apenas Silas. — Meu tio deu dois tapinhas em seu ombro, pegou seu prato sobre a mesa e o deixou na pia.

— Vou me lembrar disso na próxima.

— Com licença. — Retirou-se.

— Você é mesmo sortuda

— Por que diz isso?

— Sério que não sabe? — Soltou o garfo no prato. — Eles são incríveis. — No fundo, Ian já estava tão empolgado quanto meu irmão.

— Eles são sim. — Não há uma fórmula mágica para resolver problemas. Você apenas age e tenta dizer para si mesma de que há uma certa grandeza em suas escolhas. E se convence disso, te fazendo sentir menos desumano.

— Anne, está tudo bem? — Assenti.

— Está sim.

— Bem, agora nos resta limpar tudo por aqui. — Levantou e começou a recolher os pratos e talheres. — Se não amasse o trabalho com a publicidade, diria que seria um ótimo diarista.

— Muito versátil. Não acha?

— Só quando quero. — Ian lavou a louça enquanto eu as guardava.

Quando tudo estava devidamente organizado, voltamos para sala. Ele desconectava o videogame da TV enquanto observava-o do sofá. Assim que terminou, juntou-se a mim.

— Sei que foi totalmente imprevisível, mas não pude negar o pedido do seu irmão. Precisava ver os olhos dele quando eu cheguei. Nunca me olharam daquela forma. Me senti extremamente especial para alguém. —

Respirou fundo. — Disse a ele que da próxima vez compraria um jogo que você também pudesse jogar. — Tentava encontrar o jeito certo para fazê-lo entender que seria melhor para os dois que nada daquilo fosse adiante, mas não havia um jeito menos ruim ou palavras menos doídas, então apenas disse de uma forma rápida e sem rodeios.

— Não vai haver próxima vez, Ian. — Dava para ver em suas feições um enorme ponto de interrogação tomando forma.

— Por quê? Como assim?

— Fomos longe demais com isso. Desde o início o combinado era...

— Que se dane o combinado. — Levantou e começou a caminhar da ponta de um sofá até o outro. — Droga, Anne! Nós somos pessoas e não a merda de um contrato. — Bochechas avermelhadas e um olhar incrédulo. Sua feição triste e perdida me fazia querer voltar atrás em minhas palavras, mas eu não podia. — Qual é o seu problema?

— O meu problema é não querer envolver meu irmão nas nossas incertezas.

— Está tirando isso de trás das orelhas. — Levantei e sem perder o contato visual, me aproximei.

— Tem ciência do que aconteceu hoje? Ele nos viu juntos. E pior do que isso, ele estava fazendo planos. Porque para ele nós somos um casal.

— A gente explica — sugeri. — Não sei se você sabe, mas as coisas se resolvem com conversas.

— A gente explica que não tem nada e um belo dia ele pode acabar vendo novamente. Como acha que vai ficar a cabeça dele? — Mordeu o lábio inferior como sempre fazia quando estava com a cabeça cheia demais. — Nós não somos a garantia de nada, Ian. Quando isso acabar e se não acabar da melhor forma, como ele vai ficar? Nick se apegava rápido demais às pessoas.

— Eu não sou um tolo, Anne! Jamais misturaria as coisas. — Deu um passo à frente. — Eu sei que ele é só uma criança, não faria nada que o ferisse. Até porque você já faz isso muito bem.

— Do que está falando?

— Olha para você. — Me olhava de cima a baixo. — Qual foi a última vez que se permitiu ser feliz?

— Ah, claro. Vai jogar infelicidade na minha cara?

— Às vezes é necessário ouvir um pouco da verdade. — Seu tom de voz era firme.

— Eu só quero proteger o meu irmão! Não é legal perder pessoas, ele não pode passar por isso de novo.

— Não é porque você não sabe superar que ele também não consiga.

— Senti como se pressionasse o dedo em minha ferida mais exposta.

— Não sabe do que está falando. — Encarava-o incrédula

— Ele é só uma criança tentando viver como tal. Não precisa de alguém pra lembrá-lo o tempo inteiro que a vida dele tem que ser baseada em perdas!

— Não tem o direito de falar essas coisas. — Eu cuspi as palavras sem ao menos filtrá-las. Eu tocava bruscamente o meu indicador em seu peito.

— Tem razão! Porque eu não significo nada, não é mesmo? — De repente, era como se tivesse virado uma chave dentro dele. — Só sirvo pra satisfazer seus desejos momentâneos. Eu sou a pessoa que você procura às duas da manhã quando não consegue dormir, porque a sua consciência não consegue te deixar em paz. Sou o seu sócio, amigo, talvez. — Eu nunca o vi tão alterado daquela maneira. As veias do seu pescoço estavam ressaltadas e seu rosto era tomado por uma vermelhidão sem igual. — O problema é que eu nunca sei em qual posição eu estou na sua vida.

— Por favor, não me force a dizer o que não quero.

— Saquei. — Passou a mão pelos cabelos enquanto recuava alguns passos. — Sou só aquilo que você usa quando é conveniente.

— Não fala isso!

— Sabe que é verdade! — Com os olhos lacrimejando, encarou o teto por alguns segundos e depois voltou o olhar para mim.

— Nunca prometi nada a você. Sempre deixei bem claro que nunca aconteceria nada além do que sempre aconteceu. Você sempre concordou, nunca se opôs. Não pode jogar na minha cara que feri seus sentimentos, porque combinamos que não haveria sentimentos!

— Claro... A dama de gelo não se permite se envolver. — Umedeceu os lábios. — Tão bela e ao mesmo tempo tão fria. Cuidado pra não quebrar em algum momento.

— Tínhamos um acordo. — Sorriu sem que houvesse humor algum.

— Como você é egoísta. Tão egoísta a ponto de nunca querer enxergar o que sempre esteve debaixo do seu nariz.

— Eu tenho foco, Ian.

— Claro! — Colocou a mão no bolso da calça. — Parabéns, se o seu foco for criar muros entre você e as pessoas está fazendo isso muito bem!

— O que está acontecendo aqui? — Meu tio estava parado na escada com o olhar confuso, tentando entender o motivo de tanta gritaria.

— Desculpa, Silas. Já estou de saída. — Ian pegou seu paletó sobre o sofá. — Diz para o Nick que o videogame é um presente e que foi um prazer conhecê-lo, por favor?

— Pode deixar. Digo sim. — Meu tio concordou sem muito entender

— Não precisa.

— Isso não é uma decisão sua. — Ele se virou e antes de chegar até a porta, recuou e voltou. Seus olhos perfuravam-me. — Sabe, Anne, chega até ser cômico. — Mordeu o lábio inferior. — Eu passei tanto tempo tentando evitar o meu pai e acabei de me dar conta que vocês são extremamente iguais.

— Eu não sou como ele. — Era a pior coisa que ele poderia me dizer.

— Tem razão. Talvez pior. Pelo menos o meu pai descarta as pessoas sem utilidade logo no início. — Sorriu sem que houvesse humor. — Pra evitar a fadiga. — Respirou fundo. — Tanto você quanto ele só aceitam o que é conveniente. Pra vocês as pessoas são só um efeito colateral, não é mesmo? Vocês não as amam, vocês apenas as manipulam e quando saímos do controle, vocês descartam.

— Não é verdade. — Senti uma lágrima rolar em meu rosto, fazendo-o queimar.

— Só cuidado pra não acabar como ele. — Seus olhos estavam carregados de raiva e tristeza. — Sozinha e vazia por dentro. — Secou as lágrimas que insistiam em correr pelo seu rosto. — Com licença — disse por fim e se retirou.

Assim que a porta bateu, fechei os olhos e respirei fundo. Ainda estava presa nas palavras que ele havia pronunciado. "Sozinha" e "vazia" ecoavam na minha mente. Obriguei minha consciência voltar ao que de fato estava acontecendo.

Quando me virei para o meu tio na escada, vi Nick em pé no último degrau.

— Sabia que faria isso. — Seu semblante triste e olhar decepcionado partiram o meu coração em dois.

— Nick... — Corri até a escada. Eu queria me explicar. Precisava contar o meu lado da história.

— Não, Anne. — Me deu as costas e voltou para o quarto. Acho que a minha voz era a última que ele desejava ouvir naquele momento.

— Ele só precisa absorver.

— Ele deve estar me odiando.

— Ele não te odeia, ele só precisa de um tempinho. Deixa que eu falo com ele, está bem? — Assenti. — Vai para o seu quarto e descansa. O dia foi longo. — Como sempre, meu tio foi tentar reverter o que eu fiz.

Eu subi para o meu quarto e optei por não acender a luz. Me joguei na cama e pressionei os olhos com força. Não era como se em um passe de mágica tudo fosse se tornar claro a ponto de me fazer conseguir enxergar as coisas à minha volta. E sim como se tudo ao meu redor pudesse desaparecer em um passe mágica.

Eu podia ouvir minha respiração ecoar freneticamente pelo quarto. O meu peito subia e descia com a intensidade de um atleta após alcançar a linha de chegada. Havia mil maratonas acontecendo dentro de mim e eu não fazia ideia de como lidar com elas. Eu era apenas uma sedentária tentando ficar bem quietinha enquanto me afogava no lago de escuridão que preenchia o meu quarto.

Sabe de uma coisa? O silêncio pode ser tão ensurdecedor quanto a gritaria de um estádio de futebol em plena final de Copa do Mundo. Pelo menos dentro da minha cabeça era.

O clarão repentino fez minhas vistas arderem. Levei o braço acima do rosto a fim de tampar qualquer fio de luz que insistia em me fazer enxergar. Acho que esse é o verdadeiro problema da escuridão. Quando você passa tempo demais se afundando nela, você esquece o que a luz pode fazer. Ela pode iluminar as partes mais escuras escondidas no seu interior.

Seus passos eram suaves. Eu não precisava olhá-lo para imaginar seu jeito de andar.

Eu sabia perfeitamente a forma com que seus pés descalços tocavam discretamente o chão.

Senti seu peso afundar o lado esquerdo do meu colchão.

— Se esconder não fará seus problemas desaparecerem. Só fará de você uma pessoa escondida com uma montanha de problemas a resolver. — Sua voz doce e calma exalava a tranquilidade que eu precisava ter.

Senti suas mãos em meu braço. Gentilmente ele o tirou de cima do meu rosto. Ouvi seu suspirar desapontado. Creio que seja pelo fato dos meus olhos estarem fechados.

— Sabe, quando você era bem pequenina e Ester insistia para que dormisse em nossa casa enquanto seus pais se atolavam de trabalho, você costumava ter pesadelos. — Eu o ouvia com atenção. Ainda de olhos fechados, controlei a respiração, que outrora insistia em percorrer apressada demais por meus pulmões. — Você teve um pesadelo bem feio em uma das noites. Nós a ouvimos gritar e saímos correndo para o quarto em que estava. Acendemos a luz e seus braços estavam exatamente como agora pouco. Você cobria seu rosto com ele. Eu sacudia você com cuidado para não te assustar ainda mais. Ester acariciava seus cabelos tentando fazer com que acordasse. Eu sabia que estava acordada, mas estava amedrontada. Era como se seus braços estivessem congelados naquela posição. Com cuidado eu os afastei do seu rosto, mas seus olhos estavam fechados. — Ele fez uma pausa. — Então eu me aproximei, coleí meus lábios em sua testa. — Senti quando se aproximou do meu rosto. Eu permaneci de olhos bem fechados. Era como se eu realmente estivesse em um pesadelo aterrorizante. Não sei explicar ao certo porque, mas era exatamente assim que estava me sentindo.

Seus lábios tocaram sutilmente a minha testa e ao afastá-los de mim, disse em um sussurro:

— Abra os olhos, querida. Os pesadelos não são reais. — Tais palavras me fizeram suspirar.

Eu não deveria me sentir daquela forma, mas, naquele momento, eu havia descoberto algo que jamais esqueceria. Todos nós carregamos uma criança amedrontada dentro do peito. Só temos que saber acalmá-la de vez em quando.

Abri os olhos devagar e vi um sorriso no canto de seus lábios.

— Boa garota. — Me ajeitei na cama, coloquei os travesseiros em minhas costas e sentei sem dizer nada. — Não vou julgar você. Não vim pra isso. Só quero tentar te entender, mesmo que seja um pouco. — Respirei fundo.

— Quando os meus pais morreram, eu tentei arrumar mil desculpas pra toda a tristeza que sentia — comecei, mesmo sem coragem. — Eu disse para mim mesma que não era justo com Nick. Não era justo que alguém tão pequeno tivesse que passar por tudo aquilo. Mas na verdade, eu estava sendo egoísta pra caramba. — Encarei o teto enquanto cuspi as palavras. Eu estava envergonhada demais para olhá-lo nos olhos. — Eu não estava pensando na dor do Nick, eu estava remoendo a minha, mil vezes ao dia, até me engasgar em cada centímetro dela. Porque essa é a questão, não é

mesmo? A dor precisa ser sentida. Porque se você só sucumbir de uma hora para outra, ela se torna o bicho-papão e volta pra puxar o seu pé e te carregar para debaixo da cama. — Meu tio acariciava minha mão, tentando transmitir o afeto que eu precisava. — Algumas dores não somem. É como uma espécie de acordo. Você faz um trato com ela. Você permite que ela te visite vez ou outra, em forma de monstros assustadores, se na maior parte dos dias ela te ensinar a fingir que está tudo bem. — Fiz uma pausa, tentando reorganizar meus pensamentos. — Não era como se o Nick tivesse perdido menos do que eu, o problema é que eu tinha memórias demais pra me desprender. As minhas melhores lembranças e melhores fases foram ao lado deles. E as fases incríveis do Nick foram ao nosso lado, tio. Ele sente saudade, sim, mas desde sempre foi acostumado a viver sem os dois enquanto eu tento fazer isso até hoje. — Eu nunca havia mostrado as minhas feridas. Nunca havia falado como eu realmente me sentia. Aquela era a primeira vez e não estava sendo nada fácil.

Ele secava as minhas lágrimas com doçura.

— Quando Nick fala sobre eles, vejo seus olhos brilharem como duas estrelas cadentes. Não vejo a dor que carrego nos meus. Acho que essa é a grande diferença entre nós dois. Ele fala com amor, carinho, gratidão. Enquanto eu só consigo pensar no buraco enorme em que meu coração se resumiu. Eu expulsei Ian da vida dele, não porque sou egoísta, mas porque eu sei exatamente como é ser apegado a alguém e depois perder essa pessoa. — Minha voz estava embargada o suficiente. — Essa é a dor que eu sempre tentei evitar que ele sentisse.

Respirei fundo e prossegui:

— Eu sempre soube o quanto Nick deseja que nossa família cresça, que eu conheça alguém, que seja feliz e siga em frente. Mas isso é algo que eu não consigo fazer. Quanto mais pessoas você permite que entre em sua vida, mas pessoas estão propícias a saírem dela. Eu não permiti me apegar o suficiente a Ian e nem a ninguém porque sei o caos que o nosso coração fica quando vê alguém que amamos partir. E eu não queria me sentir em pedaços novamente. Se eu trouxesse Ian pra nossas vidas, Nick ficaria destruído quando ele partisse. E pode apostar, tio, eu conheço essa dor. Conheço tão bem a ponto de não desejá-la ao meu irmão. Por isso sempre mantive meu caso mais distante possível dele. — Ele parecia tentar ouvir a minha alma ao invés da minha voz trêmula e insegura. — Algumas dores

nos despedaçam e não quero ver seus cacos espalhados por aí — disse por fim.

— O problema, querida, é que nunca podemos controlar tudo. Talvez você não saiba, mas, algumas dores, assim como alguns lapsos de felicidade, são incontrolláveis. Você não vai impedi-lo de sofrer grandes decepções. E nem deve.

— Mas posso amenizar

— Não, não pode. Ainda não se deu conta de que quanto mais tenta fazer isso mais o afasta de você? — Suas palavras mais pareciam golpes no peito.

A última coisa que eu queria na vida era ver meu irmão se afastando de mim.

— Ele é só uma criança, deixe-o viver como tal. Não pode obrigá-lo a ver o mundo com os seus olhos. Ao longo da vida, nós perdemos coisas e pessoas extremamente importantes. Só não podemos nos deixar perder também. Porque a pior falta é a de quem já fomos um dia. E você precisa se dar conta disso o mais depressa possível. — Me abraçou tão apertado que se eu pudesse fazer um pedido, pediria para ficar ali dentro dos seus braços por longos dias.



Dezoito

Pessoas quebradas quebram outras pessoas

Acredito que o maior erro do ser humano seja tentar controlar o incontrollável. E por isso nos decepçionamos constantemente com nós mesmos. Não temos o poder do universo em mãos e se tivéssemos, algo me diz que não faríamos um bom uso dele. É incrível o quanto somos inconstantes e incertos.

Sentada em frente à penteadeira, analisava minha imagem ao espelho. Apesar de ter a pele mais clara que a dela, conseguia achar semelhança entre nós duas.

Fechei os olhos por dois segundos. Desejava tê-la ali comigo. Eu só queria ter a sensação de senti-la pentear meus cabelos enquanto falava o quanto eu era especial e singular. Era tudo o que precisava ouvir.

Abri os olhos e quando vi apenas o meu reflexo melancólico refletido à minha frente, cogitei voltar para a cama e não sair dela pelas próximas vinte e quatro horas, mas infelizmente o dever chamava por mim.

Ajeitei meus volumosos cachos que me fizeram sentir saudade do comprimento até o meio das costas como usava na adolescência. O que era tão comprido se resumiu em um *Chanel* de bico. Eu preferia a praticidade que ele me proporcionava.

Peguei minha bolsa de couro preta que estava sobre a cama, pendurei-a no ombro e parti rumo à empresa.

Encarar Ian seria o meu desafio mais torturante do dia. Eu não fazia ideia do humor que encontraria habitando naquele corpo alto.

— Bom dia, flor do dia.

— Bom dia, Andréia. — Sem dúvida um dos meus maiores problemas foi ter me envolvido com o filho dela enquanto frequentava sua casa e recebia suas instruções. Fazer o que, não é mesmo? Eu me deixei levar por aquele sorriso atraente e olhar sedutor.

Apesar de sempre ter deixado claro que jamais teria um compromisso com Ian, uma parte de mim sabia que ele alimentava a esperança de que eu pudesse mudar de ideia.

— Preciso te mostrar umas coisas.

— Tudo bem. — Ela me acompanhou até minha sala.

— Bem, como Ian não virá, fiquei incumbida de te mostrar os novos projetos. — Puxou a cadeira e se sentou. Eu fiz o mesmo.

— Como assim Ian não vem? — Me entregou a pasta que segurava em suas mãos.

— Acho que pegou uma virose ou resfriado. Não sei ao certo. Só sei que não está bem. Antes de vir pra cá, eu passei para vê-lo.

— Diga que desejo melhoras.

— Por que não diz você mesma? — me indagou com um olhar minucioso.

— Já deve saber, pelo visto.

— Sobre o término do não-namoro de vocês? Sim, eu sei.

— Andréia...

— Não — soou tão gélido. — Não pediram a minha opinião enquanto se envolviam bem debaixo do meu nariz, não aceitaram nenhum conselho desde então. Então não, eu não quero saber do problema previsível. — Estreitou o olhar. — Desde que isso não afete a mim e a empresa que também é sua. — Assenti.

Bem sincera, mas cheia de razão. Nunca paramos para ouvir sua opinião sobre toda aquela loucura, não teria porque envolvê-la naquele momento. Não seria nada justo.

Com toda paciência, me mostrou o projeto de uma nova empresa de perfumes que estaria em questão na semana seguinte.

Assim que disse tudo o que precisava, me deixou sozinha para começar a trabalhar e assim eu fiz. Quebrei a cabeça durante horas até surgir uma ideia que valesse a pena ser trabalhada.

Mais um dia havia se findado e tudo o que eu mais queria era voltar para casa e cair na minha cama, mas eu sabia que precisava fazer uma coisinha antes e eu fiz.

— Você? — Foi o que ouvi assim que a porta se abriu. Por mais que ele tivesse tentado, não conseguiu disfarçar a surpresa ao me ver.

— Um passarinho me contou que não estava muito bem. — Ele abriu ainda mais a porta para que eu entrasse. — Trouxe sopa. — Levantei a sacola do *Cheff*.

— Então quer dizer que tudo o que eu tinha que fazer para você me ver era ficar gripado? — Ele não parecia nada empolgado com a minha

presença.

— Não é bem assim, vai. — Caminhei até o balcão e coloquei a sacola sobre ele. Havia um silêncio torturante. Ele estava magoado demais e não tirava a sua razão.

— Sei que nunca me prometeu nada — rompeu o silêncio — e que isso começou por um fio de adrenalina enquanto a minha mãe se distraía, mas... — hesitou

— Mas?

— As coisas se modificam, sentimentos evoluem. — Pressionou os lábios.

— Não somos mais crianças. Eu sei que já deve estar saturado de me ouvir falar isso, mas...

— Você nunca me prometeu nada. — Assenti.

— Acho que esse erro foi uma via de mão dupla. Nos acomodamos em cada momento oportuno que passamos juntos e mudamos diversas vezes ao longo dessa jornada. — Respirei fundo e prossegui: — Você se acostumou a mim e eu precisava de você pra tentar não sucumbir a todo o peso que eu carregava nos ombros. Nós mergulhamos, Ian. Pulamos em um rio cuja a correnteza era forte demais e nós nos deixamos levar, sem saber aonde esse rio desaguardaria. — Ele sentou no chão com as costas apoiadas na parede, segurava a cabeça entre as mãos enquanto absorvia tudo o que eu dizia. — Não há um culpado nessa história toda porque não controlamos quem realmente somos.

— Pois é. — Levantou o rosto. Seus olhos tão cabisbaixos entregavam o peso que estava sentindo. — Nós não controlamos. — Balançava a cabeça sutilmente de um lado para o outro. — Talvez eu tenha quebrado a regra número um do nosso acordo.

— Não. — Eu sabia o que a regra número um significava, porque eu mesma havia criado-a.

— Anne...

— Não, por favor — supliquei para que ele não dissesse. Ouvir seria assinar a sentença de que falhamos naquilo que mais nos unia. — Não pode falar isso assim. Você me prometeu, Ian. — Um fervor subia por meu rosto. — Se você disser...

— Eu sei. — Não eram só os olhos dele que lacrimejavam. Os meus também decidiram me pregar uma peça. — Se eu disser, você vai sair por

aquela porta e não vai voltar mais. — Levantou. — Mas eu preciso. — Fechou os olhos e os abriu em seguida. — Eu me apaixonei por você.

— Não é justo — sussurrei. — Você me prometeu.

— Desculpa, Anne, mas a vida é assim. — Secou as lágrimas que rolavam com destreza. — A gente não opta por se apaixonar por alguém. Um belo dia a gente acorda e o primeiro pensamento que vem à nossa mente é a pessoa. O sorriso dela, o som da voz. E de repente, a gente se pega contando os minutos para vê-la novamente. E quando nos damos conta, já estamos envolvidos o suficiente pra voltar atrás.

— Quando se deu conta disso?

— Há um tempo.

— Quanto tempo? — Com os olhos semicerrados, indagava-o. Queria que nada daquilo estivesse acontecendo. Queria que aquela conversa não fosse real.

— Faz alguma diferença?

— Faz! — vociferei. — Prometemos um ao outro que a qualquer vestígio de um possível sentimento nós pararíamos. Fazia parte do acordo!

— Não parou para pensar que talvez tenha sido por isso que me calei? Eu não queria perder você e com isso eu fui me perdendo aos poucos. — Deu um passo em minha direção e parou a alguns centímetros de mim. — Dá uma chance a si mesma. — Acariciou meu rosto. Seu toque era acolhedor. Ian tinha tudo o que toda mulher poderia querer. Sua beleza era avassaladora, sua elegância de longe era única e seu coração... bem, o seu coração era incrível, se ele permitisse mostrá-lo a você. Mas por mais que eu soubesse o quanto seria viável amá-lo, eu não conseguia.

— Obrigada por esses cinco anos — eu disse sem pensar muito. — Mas pessoas quebradas quebram outras pessoas. — Afastou os lábios minimamente.

— É isso? — Recuou. — Vai virar as costas pra gente?

— Estarei aqui quando precisar, mas não como você deseja. Você passou cinco anos se agarrando a um fio de esperança que só te machucou. Será que não percebe? Não é justo fazer isso com você de novo.

— Só pode estar brincando. — Balançava a cabeça, mordendo o lábio inferior.

— Pela amizade que havia entre os nossos pais é bom que isso acabe aqui. — Dei dois passos, me inclinei para frente, ficando na ponta do pé e dei um leve beijo em sua bochecha. Ian permanecia imóvel enquanto me

olhava com incredulidade. — Acho melhor você trabalhar sozinho no projeto do colégio. — Eu não tinha mais nada a dizer, então caminhei em passos curtos até a porta.

— Anne. — Me virei para olhá-lo. Aqueles olhos intensos e encharcados como nunca havia visto antes deixavam transparecer o quanto estava ferido. — Espero do fundo do meu coração que encontre alguém que lhe faça mudar de ideia. Espero que realmente se apaixone e que seu coração bata descompassadamente, mesmo que não seja por mim. Eu não me importo, desde que se sinta merecedora do amor de alguém.

— Não vai acontecer. — Abri a porta e parti antes que desse lugar a mais alguma discussão a qual não estava disposta a encarar.

Talvez você tenha vários adjetivos para me nomear no momento, mas veja bem, não é que eu não quisesse amá-lo, eu simplesmente tinha medo. Muito medo. Por mais que pareça ser uma das melhores coisas no mundo, eu costumava pensar que o amor podia doer às vezes e até fazer sangrar.

Talvez Ian estivesse sangrando naquele momento, mas eu só queria evitar que em um futuro próximo, ele pudesse sofrer ainda mais.

Quando entrei em casa, respirei fundo para enfrentar o próximo *round*.

— Boa noite. — Puxei a cadeira e me sentei de frente para o meu irmão que tentava a todo custo me evitar.

Meu tio me respondeu normalmente, mas Nick me cumprimentou entre os dentes.

— Não vai comer?

— Não, tio. Mais tarde eu como alguma coisa, só vim mesmo dar boa noite.

— Amanhã eu busco Nick na escola. Vai ficar comigo na igreja, ele tem muito o que ensaiar.

— Tudo bem. — Nick mantinha a atenção em seu dever de casa. Já havíamos nos desentendido várias vezes, mas aquele era de longe o maior tempo em que conseguimos ficar brigados.

— Animado para a peça, Nick? — Meu tio tentava quebrar o gelo.

— Muito. — Uma onda de empolgação ganhou vida através de seus olhos.

— Ah, que bom! Sei que vai dar o seu melhor. — Tentei fazê-lo ver que tudo o que eu mais queria era pôr fim naquela situação.

— Então por que não vai me ver?

— Nick, é que...

— Vou ser Jesus. — Levantou. — Vai ser incrível, você vai gostar. Estou ensaiando há dias. — Ele falava como se estivesse narrando um fato grandiosíssimo. — Vai haver morte, tristeza, muito choro e aí eu vou chegar e acabar com toda a dor. — Senti uma físgada no peito. De repente voltei no dia da morte dos meus pais e toda a tristeza conseguiu tomar conta do meu coração. — Eu vou trazer a alegria para as pessoas. — Quanto mais falava, mais eu tentava não sucumbir a todas as avalanches de pensamentos ruins. — Você vai me ver, não vai?

— Não — disse tão friamente, sentindo o impacto que essa palavra o causou. — Eu não vou. E deveria saber disso. Sabe o que penso a respeito.

— Tudo bem, Anne, ele já entendeu. — Meu tio entrevistou. Nick recuou e com os olhos arregalados analisava minhas feições.

— Aliás, quer um conselho? Não acredite tanto no que ouve na igreja. Deus não se importa tanto quanto você pensa!

— Chega! — Tio Silas saltou da cadeira, exigindo que eu me calasse enquanto Nick saiu correndo e, como um foguete, subiu a escada. Eu tentava controlar a respiração. Tomada pelo calor do momento, havia me excedido. — Foi longe demais, Anne! — Bateu na mesa, levantando-se

— Não, não fui! Ele precisa saber.

— O que? Que a irmã dele é frustrada e quer colocar essas frustrações sobre ele?

— Não é isso.

— Então o que é? — indagou. — Anda, me diz! Eu já tive que ver você destruir a sua vida, não vou permitir que destrua a dele também — vociferava

— Se eu fosse você, não alimentaria essas histórias na cabeça dele. — Me olhou com incredulidade. — Quando as coisas não acontecerem da maneira que ele espera, ele não vai suportar.

— Então essa era a sua concepção de Deus? — Coçou a barba rala, fitando-me seriamente. — Você não o amava, apenas o usava para realizar os seus desejos. É muito fácil amar alguém quando essa pessoa só tem a lhe oferecer, não acha?

— Será que não vê? A mamãe acreditava demais. O papai o amava mais do que tudo e o Nick estava indo pelo mesmo caminho. E olha o que Deus fez com eles!

— Eles! Eles! Eles! — Eu nunca tinha visto o meu tio daquela forma. Seu tom de voz, suas feições, a forma com que me olhava. Já olhou para alguém e pensou: Qual é o ápice dessa pessoa? Porque eu estava fazendo isso naquele momento. — Será que ainda não se deu conta de que, talvez tudo isso não seja sobre eles e sim sobre você? — Respirou fundo, tentando se acalmar. — Espero que não demore pra se dar conta disso. — Ele deu dois passos em minha direção. — Quanto ao seu irmão, ele tem convicção do que acredita. E certezas não são questionáveis. — Deixei que o silêncio fosse a minha resposta final e ele saiu da cozinha em passos firmes e largos.

Eu sei exatamente o que você deve estar pensando. E se me permite adivinhar, eu diria que está me achando um tanto herética. Mas sei que você também já olhou para o céu e se perguntou se *ele* realmente estava lá.

Eu queria ficar sozinha e, para ser sincera, desejei me esconder de mim mesma, se fosse possível.

Enquanto as gotas de orvalho faziam cócegas na sola do meu pé, eu me lembrava de todas as vezes que o meu pai dizia o quanto olhar para o céu poderia curar as almas mais feridas.

Quando dei por mim, já estava deitada sobre a grama verde, sendo iluminada apenas pelo brilho luzente da lua.

O vento fazia carícias no meu rosto enquanto observava o mar de estrelas acima de mim. Fechei os olhos na esperança de ser teletransportada para um lugar onde não houvessem tantos dramas à minha espera.

Pressionei os olhos com força e mentalmente contei até três, desejando uma vida completamente diferente.

— Dias difíceis, não é? — Sua voz doce ao lado do meu ouvido me fez abrir os olhos ligeiramente e virar a cabeça para a direita. Cabelos dourados, pele alva e sorriso acolhedor.

Eu senti tanta falta daquilo.

— Pai? — Por um instante tive a impressão de que minha voz não sairia. — Senti sua falta. — Meu rosto queimava com o fervor das lágrimas que o encharcavam.

— Eu sempre estive aqui. — Seus olhos serenos tentavam me acalmar.

— Me desculpa por falhar. Acho que não sei cuidar tão bem do Nick como prometi à mamãe. Na verdade, acho que não tenho ideia nem mesmo de como cuidar de mim.

— Você tem um enorme medo de falhar. Enquanto tenta desesperadamente ter tudo sob controle, acaba se perdendo pelo caminho. Não deveria ser assim. Você só deveria viver, Anne. Você não morreu naquele acidente. Continua viva e precisa se dar conta disso o quanto antes. Já esqueceu tudo o que ensinei?

— Não me ensinou a viver sem vocês. E mesmo que tivesse feito, eu não teria aprendido o suficiente.

— Olha só pra você, tão linda e tão adulta. Independentemente incrível, porém tão triste que posso sentir seus sentimentos mais descontentes pesarem o meu coração. — Colocou as palmas das mãos debaixo da cabeça, servindo como apoio. — É tão crescida e ao mesmo tempo tão pequenina.

— Acho que a saudade não está fazendo de mim uma boa pessoa.

— Quando vai entender que saudade não precisa ser sinônimo de tristeza eterna? — Respirou fundo e virou o rosto à procura dos meus olhos tão perdidos e inundados. — Eu sempre estarei com você. E toda vez que não se permite ser feliz, de certa forma, causa a minha infelicidade também.

— Toda alegria que tento mentalizar me faz lembrar que não tenho vocês pra dividi-la comigo.

— Você só vai ser feliz de verdade quando aceitar toda felicidade que tenho pra você.

— O que quer dizer com isso?

— Você não entende agora, mas em breve entenderá. — Sorriu. — Toda vez que se sentir sozinha, saiba que, de fato, não está, mesmo que não consiga me ver, eu estarei lá. Dia após dia. Eu nunca saio do seu lado. — Com suavidade e carinho, acariciava meu braço. Senti tanta falta daquilo.

Quando sua mão encontrou a minha, ele a apertou com afeto. De alguma forma a qual não sei explicar, senti bem lá no fundo do meu coração o tamanho do seu amor por mim. O que me fez ficar sem palavras. Era como estar viva depois de muito tempo.

Ao apertar mais firme sua mão, senti algo diferente nela. Parecia um sinal. Uma cicatriz, talvez. Mas eu o conhecia tão bem quanto a mim mesma. Meu pai não tinha aquela cicatriz. A pergunta era: De onde havia surgido e quando? Vasculhava a minha mente, tentando encontrar uma resposta para aquela ferida que, até então, eu desconhecia totalmente, quando me lembrei do acidente. Supus que havia adquirido-a no dia da tragédia.

Eu não quis falar nada sobre aquilo. Não queria mencionar o dia em que tragicamente ele foi tirado de mim. Apenas aproveitei a sua presença ao meu lado novamente e desejei que não fosse um sonho. Aquilo precisava ser real.

Seus olhos encaravam o mais profundo de dentro de mim. Havia tanto amor neles que, por uma fração de segundos, eu não quis romper aquele silêncio que me fazia sentir extremamente amada.

Me perdia naquela imensidão afável de sentimentos, quando senti algo vibrar próximo à minha coxa. Abri os olhos rapidamente, na esperança de que não fosse um sonho, mas não obtive êxito. Me sentei e observei tudo à minha volta e ele não estava mais ali.

Péssima hora para receber mensagem de operadora. São nesses momentos que detesto telefones. Levantei cabisbaixa, com os ombros encolhidos e passos lentos, voltei para dentro de casa.

Já deitada na minha cama, desejava tanto que aquilo acontecesse novamente que peguei no sono, recapitulando suas palavras. Eu tive o prazer de vê-lo novamente e aquilo era tudo o que importava no momento. E adormeci com sua imagem em minha mente

O som rouco causado pela vibração do celular em contato com a madeira da mesa de cabeceira me fez despertar antes mesmo que a música chegasse a tocar.

Ainda de olhos fechados, o fiz parar. Estava exausta pelo ocorrido dos últimos dias. Não era como se eu tivesse corrido meio mundo e estivesse lutando para conseguir respirar, mas sim como se tivesse carregado o mundo inteiro nos ombros. Não era o meu corpo que gritava desesperadamente por descanso e sim a minha mente. Mas quase nunca eu a fazia relaxar.

— Bom dia, Lili — cumprimentei-a antes mesmo de pôr os pés na cozinha.

— Bom dia, menina. — Nick estava sentado como de costume tomando o seu café e meu tio fazia o mesmo.

— Bom dia, meninos.

— Bom dia — responderam entre os dentes.

Ambos ainda estavam bem magoados comigo e era realmente notável.

Sentei em silêncio e enchi minha xícara com o forte e quente líquido preto.

— Eu amo o seu café, Lili. — Beberiquei, apreciando seu sabor.

— Sem açúcar, como sempre — ressaltou meu tio.

— Idêntico à vida, não acha? Bem amargo.

— Só se for a sua vida, Anne. Porque a minha, apesar da falta de açúcar, eu procuro adoçá-la de outras formas — retrucou. — Eu só não permito provar todos os dias do amargo que ela tem a propor. — Limpou a boca no guardanapo. — A propósito, levarei Nick na escola hoje.

— Tudo bem. Eu realmente presumo que ele não queira muito a minha companhia.

— Acertou. Vamos, tio? — Deu a última golada do iogurte e levantou.

— Vamos. — Acho que meu tio entendeu perfeitamente o quanto meu irmão precisava se afastar e com certeza ele não colaboraria para o contrário, visto que até ele havia se aborrecido comigo na noite anterior. — Bom dia — desejou antes de ir.

— Bem, pelo menos você não me ignora. — Lili sorriu, como se pudesse me consolar apenas com seus gestos carinhosos.

Eu tinha certeza de que ela concordava plenamente com meu irmão e meu tio, mas apesar de suas opiniões a respeito de tudo, ela tentava a todo custo se manter imparcial.



— Bom dia. — Ao passar por mim, foi a única coisa que ouvi dele. E pela primeira vez, ele não tinha nada além daquilo para me oferecer. Nem um sorriso ou uma gota de humor.

— Bom dia, Ian. — Quando terminei a frase, ele já estava partindo sala adentro para se juntar aos clientes que esperavam pelo início da reunião. Respirei fundo e fiz o mesmo.

Ian conduziria a reunião sozinho. Eu abandonei o projeto do meu antigo colégio. Não daria para ficarmos grudados um ao outro. Pelo menos por um tempo.

Eu sabia que as chances de que a reunião fosse um grande sucesso eram altíssimas. Ian era incrível, genial e tinha uma lábia sem igual. Quando se tratava de clientes, ele sempre conquistava a confiança e a admiração de todos. Até o jeito em que gesticulava era propositadamente calculado. Marketing, psicologia de vendas, emoção. Chamem do que quiser, porque ele realmente conseguia entrar na cabeça das pessoas e virar aquela vozinha inquieta dentro do seu inconsciente. Talvez tenha sido por isso que tanto se sentiu preso a mim. Eu era a única pessoa que não permitia que aquela voz se abrigasse dentro da minha cabeça. Eu não dava ouvidos a ela. Pelo menos não até aquele momento.

— Bom dia, senhores. Como estão? — Todos o recebiam com sorrisos de orelha a orelha. — Bem, eu tenho a campanha perfeita para a instituição de vocês. — Com a pasta sobre a mesa, tirou alguns papéis de dentro dela e em seguida pediu para que ligassem o projetor.

— Pode começar. Estamos empolgados para ver. — O dono do colégio deu o aval para que ele iniciasse a tão esperada reunião.

— Todas as noites quando chegava em casa, eu colocava a cabeça no travesseiro e perguntava: O que faz alguém decidir seu futuro? — Abotoou o terno. Ele não fazia ideia, mas tal gesto o deixava ainda mais elegante. — Os tempos mudaram e sem dúvida os jovens de hoje já não são mais os mesmos. O que antes eles optavam por obrigação, hoje necessitam de motivação. — Percorri os olhos pela sala e não havia uma pessoa sequer que não estivesse vidrada no que ele estava falando. — A cada lugar que você vai, encontra uma instituição de ensino. Têm colégios saindo pelos olhos. — Sorrii. — E foi então que eu percebi que gostamos daquilo que nos toca. Do incomum. — Passeou seu olhar por todos, até parar nos meus. E olhando bem no profundo de minhas pupilas, prosseguiu: — Gostamos daquilo que, de certa forma, nos toca. — Desviei o olhar segundos suficientes para que ele fizesse o mesmo. — E se tem algo que todos nós temos em comum são os medos. — Ele fez uma breve pausa. A minha mente girava em 360° tentando entender onde ele queria chegar. — Medo de altura, medo de se decepcionar, de tomar a decisão errada. — Passava as imagens no slide. — Mas vocês do Instituto Bernardino vão mostrar a eles que tudo bem sentir medo às vezes, mas não podemos nos deixar paralisar por eles. E que isso não pode impedi-los de prosseguir. — Lembrei da conversa que tivemos no restaurante. Ele usaria tudo a seu favor. Por isso eu o achava tão brilhante. — Digo isso por experiência própria. Todos nessa sala podem discordar em

vários aspectos, podemos ter gostos diferentes, mas se há algo que nos torna semelhantes é o fato de possuímos alguns medos escondidos. — Sorriu cordialmente. — Por exemplo: eu tinha medo do futuro. Tinha medo do que me tornaria. Se seria uma pessoa que valia a pena ou não. Se teria sucesso na vida ou não. Eu tinha tanto medo que evitava fazer escolhas. — Caminhava à nossa frente enquanto gesticulava. — Porque elas me assustavam. Eu ficava apavorado, amedrontado. E pensava: e se eu fizer a escolha errada? Isso me paralisava. — Pressionou os lábios. — Até que um dia eu acordei e pensei: Se eu nunca tomar decisões, nunca vou sair do lugar. E nenhum medo é mais aterrorizante do que estar sempre no mesmo lugar. Eu só precisava ser eu mesmo. Do jeitinho que eu sei ser. Com todas as minhas falhas e imperfeições as quais me fazem evoluir. — Seus lábios se curvaram em um discreto sorriso. — Se vocês mostrarem aos jovens o quanto são livres para serem quem quiserem ser. Eles vão optar por vocês. — Incrível! Era o que o definia naquele momento. — Muitas coisas amedrontam pessoas — continuou. — Escolhas, futuro, incertezas. Mas poucos são os que proporcionam a solução para eles. Eles precisam perceber que alguém os entende e que não é errado se sentir apavorado às vezes. Todos nós temos medos completamente temíveis. Por mais destemidos que parecemos ser, sempre temos aquele medinho bobo escondido debaixo de um colchão velho. Mas alguém precisa dizer a eles que o medo não tem a capacidade de nos paralisar, porque não é tão real quanto parece ser. — Apoiou as palmas das mãos sobre a mesa. — Como prova disso, vou dar um exemplo sólido. — Percorreu os olhos por todos até parar nos meus. — Você, Anne. Sócia e amiga. — Senti seu sarcasmo tentando me atingir. — Qual é o seu maior medo? — Eu analisava suas feições. Sua fala coerente e seu olhar indagador. Ele não queria causar uma boa impressão nos clientes, ele queria saber o que me levava a tomar decisões tão bruscas às vezes. — Ah, vai... Diz pra gente. — Todos da sala me olhavam na esperança curiosa de me ouvir.

Com os olhos semicerrados, eu o fuzilava em minha mente.

— Vamos, Anne. Os medos não são reais até que aconteçam — brincou. — Falar não vai trazer o bicho-papão até aqui, não é mesmo? — Sorriu, fazendo todos à nossa volta gargalharem.

Propositalmente, Ian confrontava todos os fios desencapados do meu interior.

— Não pode ser tão ruim assim. — Eu o odiei por longos minutos. Ele não tinha o direito de fazer aquilo. — Vamos lá.

— Perder pessoas. — Mantive o olhar firme sobre ele. — Eu tenho medo de perder pessoas — disse com mais exatidão. Vi quando engoliu em seco. Acredito que ele não esperava por uma resposta como aquela. — Quando você perde alguém é como se o seu coração se partisse em mil pedaços. Você dorme e acorda desejando que tudo seja exatamente como antes, mas não é. Há uma falta enorme em você que não consegue ser preenchida com nada. Não tem como colar, sabe? Você só varre o que sobrou e joga no lixo os cacos, na esperança de tentar não ferir alguém com eles.

Eu tinha todos os olhares sobre mim. Continuei:

— Você tenta fazer com que a falta vire apenas saudade, mas nem sempre consegue. Tenta seguir a sua vida, mas aquele vazio vai consumindo você, até você não saber mais quem é. O processo é tão doído que quando você começa a se anestesiar, cria armaduras pra que não aconteça novamente, porque corre o risco de não aguentar. — Ele queria ouvir e eu não estava disposta a pegar leve na resposta. — Você não permite que as pessoas entrem, porque sabe o estrago que vai ser quando saírem. — Pendurei minha bolsa no ombro e levantei. — Espero ter respondido a sua pergunta. Com licença. — Enquanto cruzava a porta, o silêncio tomava conta da sala de reuniões.

Eu não queria mais presenciar aquilo. Ian levaria a apresentação perfeitamente sem mim, da mesma forma que começou, terminaria.

Eu tentava colocar a cabeça no lugar e digerir aquele episódio constrangedor ao qual ele me fez passar. Eu estava tão brava que seria capaz de jogar o computador na cabeça dele.

Não consegui fazer absolutamente nada nas horas seguintes.

Já estava tarde e a maioria dos funcionários já tinha ido embora. Recolhi as minhas coisas a fim de fazer o mesmo.

No estacionamento, destravei o carro e coloquei minhas coisas no banco do carona

— Então esse tempo todo esse era o problema? — Ian surgiu como um fantasma. Dei a volta no carro, tentando ignorá-lo. — Todo esse personagem de: *Eu não me importo, eu não sinto, eu sou racional, Ian*. Tudo isso era apenas você se protegendo?

— O que quer? — Cruzei os braços,

— Por que não me contou como se sentia?

— Por que deveria?

— Porque eu sempre me importei com você. Sempre coloquei você em primeiro lugar. — Deu dois passos em minha direção. — Não deixa o medo controlar você. Não se torne prisioneira dele.

— Acho que já chega de conselho por hoje, sócio e amigo. — Entrei no carro e dei a partida.

Sem me despedir e sem dar uma desculpa, eu apenas fui embora. Eu era boa nisso. Muito boa.

Rodei as ruas da cidade até parar em uma praça pouco movimentada. Precisava e queria ficar sozinha, como na maioria das vezes. Não porque eu amava a solidão, mas sim porque era a forma mais eficaz de não machucar ninguém.

Sentei em um banco mais distante das outras pessoas possível e comecei a observá-las. Irmãos corriam com sorrisos estampados nos rostos enquanto brincavam um com outro. Havia casais apaixonados por cada lado que olhava. Mães com seus bebês no colo e idosos jogando conversa fora. Daria um quadro perfeito.

Sabe, acho que pessoas infelizes se sentem realizadas com a felicidade dos outros. Eu, por exemplo, me contentava em apenas admirar e quando chegava em casa, eu vestia o meu personagem autossuficiente para encarar as burradas que eu fazia uma atrás da outra.

Eu estava entretida com os momentos de tantas pessoas que não me dei conta do homem perto das árvores. Com um sorriso formidável no rosto, me olhava tentando transparecer ternura. Eu não fazia ideia de quem poderia ser e aquilo me assustou. Eu tentava disfarçar, mas segundo após segundo, sentia seus olhos sobre mim. Aquilo parecia estranho demais, então resolvi voltar para o carro.

Dei mais algumas voltas e antes de ir para casa, parei em uma lanchonete bem requisitada onde Ian e eu amávamos ir.

Da janela de vidro, eu via as folhas das árvores dançarem tão bruscamente, como se coreografassem uma lambada. As estrelas se cobriam com nuvens cinzentas e assim como lá fora, dentro de mim também se formava um enorme temporal.

Quando a garçonete chegou com o meu pedido, eu abri um saquinho de açúcar e despejei no suco de acerola. Com o canudo, misturava o líquido

causando um pequeno rodamoinho no meio do copo, tal qual o que se abrigava em minha mente.

Puxei o ar e com os pensamentos tão perdidos quanto Alice no País das Maravilhas, eu tentava me encontrar novamente. Enquanto bebia o suco, procurava meios de me ausentar de mim mesma, mesmo sabendo o quão impossível aquilo era. Eu não precisava me afastar, apenas me dar conta de que aquela Anne, perdida de si, não precisava existir. Me senti sozinha. Tão sozinha a ponto de me sentir sufocar. Como se tudo à minha volta fosse apenas lapsos de momentos irreais.

Eu havia me cansado das toxidades da minha mente, quando percorri os olhos por todo ambiente, distraidamente ele pairou sobre a mesa próxima à porta. Me espantei ao ver que estava sendo ocupada pelo mesmo senhor que me encarava no parque.

Seu olhar exalava paz e em sua boca um sorriso acolhedor ganhava vida. E pela primeira vez em muito tempo, senti como se alguém finalmente estivesse me compreendendo. Era como se ele tivesse escutado todo o turbilhão de pensamentos depreciativos que insistiam em ganhar vida dentro da minha cabeça.

Aqueles olhos intensos penetravam minha alma. Tive a impressão de que pequenas faíscas estivessem sendo acesas no meu peito e o meu rosto rapidamente se fez em chamas

Eu vasculhava a minha mente, tentando encontrar algo que me fizesse lembrar o porquê daquela familiaridade. Tinha algo surreal acontecendo e eu não entendia o que poderia ser. Era como se eu pudesse dialogar com ele, mesmo estando em silêncio e a metros de distância.

Ele se colocou de pé e caminhou até a porta. Seus cabelos escuros balançavam a cada passo que dava. Antes de sair, se virou para mim, acenou movendo os dedos delicadamente e se foi. Eu obrigava, forçava a lembrar de onde o conhecia. Até ver um filme passar no telão da minha mente conturbada. O velório dos meus pais.

— Ele estava lá — balbuciei ao vento, matando a charada.

Ele estava no velório. Lembro desse mesmo olhar ter estado sobre mim naquele momento em que caminhava igreja adentro. A pergunta era: Por que estava me seguindo? O que ele queria?

Apressadamente levantei e no balcão indaguei a uma das garçonetes.

— Sabe me dizer quem era aquele senhor?

— Que senhor?

— Alto, cabelos negros, pele morena. — Seu semblante transparecia confusão. — O que acabou de sair daqui — falei, eufórica.

— Sinto muito. Não sei de quem está falando. — Corri até a porta e na calçada, meus olhos avistaram pessoa por pessoa, tentando achá-lo. Mas era tarde demais. Ele havia desaparecido da mesma forma com que surgiu. Mágica e misteriosamente.



Dezenove

O Primeiro Bilhete

De frente para a porta de madeira, eu ensaiava um milhão de falas que o fizesse me perdoar, mas não encontrava nenhuma que fosse plausível o suficiente, então dei três leves batidas na porta e a abri.

— Posso entrar? — Nick estava sentado na cama, lendo um de seus livros favoritos. *O Pequeno Príncipe*. Foi o primeiro livro que dei a ele, logo quando começou a ler.

— Pode. — Mantive os olhos vidrados na página do livro. Eu me aproximei e sentei de frente para ele na cama.

— Não cansa de ler sempre o mesmo livro? — Tentei descontrair, mas confesso que não foi uma boa ideia, visto que Nick tinha resposta para tudo.

— Não é porque você enjoa fácil das coisas que eu deveria fazer o mesmo. — Ele ainda estava ferido demais para me tratar diferente daquilo.

— Sei que está magoado comigo. Talvez eu tenha sido rude demais com você. — Com o cenho franzido, me encarou por um breve momento e logo tornou a ler. — Ok. Eu peguei pesado demais. Eu não queria falar aquilo.

— Sim, você queria sim. — Seus olhos eram tão pequenos e grandiosos ao mesmo tempo. Ele, sem dúvida, era o que eu tinha de mais valioso e saber que eu havia o ferido, de certa forma, me feria também.

— Olha, Nick. Eu sei que você não tem culpa de nada, mas eu ainda sinto. — Respirei fundo. — Eu sinto a morte deles e ao contrário do que você e tio Silas pensam, eu ainda não superei. Eu queria superar, mas ainda não consegui. — Me encarava minuciosamente. — Todos os dias quando acordo, parece que estou revivendo o dia em que os vi serem enterrados. — Fechou o livro.

— Todos nós sentimos a falta deles. Eu, tio Silas e até mesmo Lili. — Colocou o livro sobre a mesa de cabeceira. — Tudo isso dói. Mas não pode ser tão amarga assim. Eles não iam querer isso.

— Acha mesmo que já não tentei? — Umedeci os lábios. — Todos os dias antes de dormir eu faço um trato comigo mesma e prometo que vai ser diferente. Mas não é.

— Então continua tentando. Até conseguir.

— Você é tudo o que eu tenho. Não quero que me veja como a pior pessoa do mundo.

— Eu não vejo. Só você se vê assim. — Respirou fundo. — Não é a pior pessoa do mundo, Anne. Devia saber disso.

— Me desculpa por ontem? — Ele levou o indicador até a testa e fingiu pensar.

— Claro que sim.

— Me dá um abraço? — Não pensou duas vezes e me envolveu com seus braços pequenos e ágeis. — Eu te amo. — Abracei-o forte.

— Também te amo, Anne. Apesar de ser chata na maioria das vezes — brincou.

Levei a mão em seus cachos e os chacoalhei.

— Escovou os dentes? — Assentiu. — Ótimo. Hora de dormir. — Levantei e o cobri com a coberta que estava sobre os nossos pés. — Prometo chegar cedo amanhã e passar mais tempo com você.

— Eba! — vibrou

— Que tal fazermos pães de mel? Peguei uma receita nova na internet.

— Ótima ideia. — Beije carinhosamente sua testa e caminhei até a porta.

— Anne?

— Sim? — Me virei para olhá-lo.

— Deus também é assim. — Eu não sabia ao certo sobre o que se referia e ele percebeu a incógnita tomar conta do meu semblante. — Sempre fazemos algo que o machuca, mas no final das contas, ele sempre estará lá, esperando que a gente peça um abraço. — Já havíamos brigado o suficiente nos últimos dias que preferi apenas partir em silêncio.

— Boa noite — disse ao fechar a porta.

Na varanda, sentei na rede para observar a imensidão do jardim. De certa forma, aquilo me relaxava.

— Alguém aí? — Apesar de não parecer, foi uma pergunta um tanto pessoal. — Um copo de vitamina por seus pensamentos.

— Oi, tio. — Ele se aproximava com um copo de vitamina de abacate em sua mão. Eu percebi que uma mancha verde se destacava em sua blusa preta social. Ele ficava lindo com aquele traje. Um dos homens mais charmosos que já conheci na vida. Confesso que não fazia ideia do porquê ele havia ficado sozinho por tanto tempo.

— Dia difícil? — Sentou na cadeira de balanço e estendeu o copo para mim.

— Obrigada. — Peguei o copo e dei uma golada. — Na verdade, década difícil. — Franziu o cenho.

— Será mesmo? Ou está vivendo a sua vida como se todos os momentos não pudessem ser bons?

— Profundo demais, não sou tão retórica assim.

— Gosto de ser intenso. — Sorriu.

— Eu coloquei um ponto final. — Meu tom de voz era baixo. — Minha confusão com Ian. — Dei outra golada no líquido verde.

Meu tio sempre soube o quanto amava vitamina de abacate e ele fazia para mim todas as vezes que tinha a esperança de melhorar o meu dia.

— Não é como se tivesse me precipitado, eu sabia que precisava fazer isso. — Me escutava atentamente. — Não tinha mais como continuar fingindo que estava tudo bem. Não era justo com ele. Ian esperava mais do que eu me dispus a dar. Eu sei que tenho você e o Nick, mas...

— Mas?

— Eu olho em volta e ainda assim, me sinto sozinha. Fecho os olhos todas as noites e as imagens de todas as pessoas que mais amei passam pela minha cabeça e quando os abro, elas não estão mais lá. — Respirei fundo.

— As coisas nunca vão voltar ao normal. É como estar em uma roda gigante que nunca para de girar.

— Você os mandou embora, Anne. Fez com que todos fossem.

— Sei o quanto parece estranho, mas fiz tudo isso pensando neles. Não queria vê-los presos a uma pessoa sem expectativa de felicidade. Eu os amava demais para isso.

— Não. — Balançou a cabeça em sinal negativo. — Não diga que tudo isso foi por amor, quando na verdade, foi por medo. — Apoiou os braços sobre os joelhos. — Você teve medo de que eles vissem a parte quebrada que você guardava dentro de si.

— O meu pai, ele... — Respirei fundo. — Ele fazia questão de me falar isso. Mas eu não sou. Você só percebe o quanto pode ser frágil quando observa seus cacos espalhados por toda a parte.

— E você só percebe o quanto é capaz de ser forte quando se vê tentando recomeçar.

— Não sou como você. — Umedeci os lábios. — Não sei fingir que as coisas estão indo bem.

— É isso que acha? — Estreitou o olhar. — Que eu finjo? — Dei de ombros. — Você perdeu os seus pais e eu perdi alguns filhos, a mulher que amava, o irmão e a cunhada. — Abaixou o olhar, tentando encontrar as palavras certas, mas logo tornou a atenção para mim. — Não é um cabo de guerra para ver qual sofrimento é capaz de doer mais, Anne. A vida continua. Eu, você, o Nick. Nós ainda estamos vivos. — Mordi o lábio, a fim de afastar qualquer pensamento triste que insistia em me assolar. — Espero que um dia perceba isso.



— Tem certeza que ainda sabe fazer isso? — Toda vez que mexia a farinha, ele me encarava com o cenho franzido e a sobrelha arqueada. Como se eu tivesse prestes a fazer uma bomba comestível.

— Se ficar ruim, comeremos assim mesmo.

— Fale por você.

— Que trapaceiro! O que vale é o amor.

— Não, não, não. — Balançava o indicador enquanto tentava esconder o sorriso que insistia em ganhar vida. — O que vale mesmo é levar uma vida sem problemas estomacais.

— Também não é pra tanto, vai. — Nick tinha um ótimo senso de humor, o que eu acredito que tenha herdado do papai. — Eu posso te surpreender, rapazinho. — Lancei-lhe uma piscadela.

Quando os pães de mel ficaram prontos, Nick foi o primeiro a experimentá-los.

— E então? — Fez silêncio por alguns segundos enquanto degustava. Com os olhos semicerrados, deixou que o suspense tomasse conta do ar. — Fala logo!

— Aprovado! — exclamou. — Sempre acreditei no seu potencial culinário.

— Que mentiroso! — O saco de farinha ainda estava aberto sobre a mesa, então sem que ele pudesse correr, peguei um punhado de farinha e assoprei em seu rosto.

— Isso não vale! — gritou e em seguida fez o mesmo.

Quando nos demos conta, a cozinha estava coberta pelo pó branco.

— Olha, você quase me matou, garotinha. — Curvou-se, colocando as mãos nos joelhos e respirando fundo.

— É mesmo, garotinho? — Puxei-o para mim e juntos caímos no chão. Àquela altura, nossas barrigas já estavam doendo de tanto que gargalhávamos.

— Nick? Anne? — A voz de tio Silas ecoou pela casa. Nick olhou para a farinha no chão e em seguida para mim, se comunicando através do olhar. Eu já sabia o que planejava, então assenti.

— Shii... — Levei o indicador à boca, pedindo para fazer o máximo de silêncio possível. Enchemos as mãos com a farinha que estava espalhada pelo chão e nos atentamos aos passos do nosso tio.

— O que houve aqui? — perguntou com a mão na cintura enquanto reprovava toda a bagunça. Mas antes que ele pudesse falar mais qualquer coisa, nos levantamos e jogamos nele o máximo de farinha que conseguimos.

Com o susto, ele abriu a boca bem na hora, fazendo com que sua língua ficasse coberta por aquele pó.

Tentando uma revanche, pegou o saco de farinha em cima da mesa, e jogou em nós o que havia sobrado.

— Guerra de farinha! — gritou meu irmão. E em segundos a cozinha havia virado uma zona de combate.

Era bom vê-los tão felizes daquela maneira. Quando você vê alguém que tanto ama, feliz, de certa forma você se torna uma pessoa feliz também.

Vinte minutos depois nós estávamos jogados no chão. Era uma disputa para ver quem estava mais cansado. Meu tio ou eu. Nick ainda tinha energia para mais uns três dias de batalha.

Encostei a cabeça no armário da cozinha e analisando bem o que estava acontecendo, vi meu tio recuperar o fôlego por ter gargalhado demais. Era como se o brilho de seus olhos pudesse saltar de seu rosto.

— Obrigada.

— Pelo que? — Me encarou, confuso.

— Por cuidar tão bem da gente. — Quando estamos verdadeiramente conectados a alguém, nossas almas conseguem se comunicar sem que precisemos emitir som algum. E desde a infância é exatamente isso que acontece entre nós. Quando olho para ele, sinto que ainda sou aquela menina espoleta que descia os degraus da escada correndo e saltava em seu colo.

— Não tem que me agradecer.

— Eu sei que não sou a pessoa mais fácil de lidar e você não foi embora no primeiro obstáculo.

— Somos uma família. Não abandonamos uns aos outros. — Encostei minha cabeça em seu ombro e enquanto seus dedos acariciavam meu cabelo, me senti acolhida e amada.

— Ei! Não me excluam — contestou Nick.

— Cabe você também. — Meu tio abriu o braço direito e Nick se acomodou. — Eu perdi alguns filhos, mas Deus me deu vocês dois. — Eu realmente não sei o que seria de nós sem ele. — Eu os amo. — Beijou nossas testas. — Mas desejo boa sorte com a limpeza. — Afastamos os nossos corpos. — Vou sair para comprar o jantar. — Ficou de pé e com a mão na cintura analisava toda bagunça.

— Panquecas — pedi.

— Ok. — Ele subiu para se limpar e em seguida saiu em busca da nossa comida.

Enquanto ele buscava o jantar, Nick e eu limpamos toda a sujeira. Não seria nada justo deixar vestígios de farinha para que Lili tivesse que limpar.

Exaustos, assim que terminamos, subimos para o banho.

Eu conferi suas orelhas como sempre fazia. Coisa que ele detestava. Ajeitei seus cachinhos castanhos e em poucos minutos estávamos prontos. Quem nos visse arrumados e cheirosos não conseguiria imaginar o tamanho da bagunça que tivemos que limpar.

Tio Silas voltou com panquecas de queijo e presunto que Nick e eu tanto amávamos.

Estávamos famintos, mas ainda tínhamos vontade de sobra para atacarmos os pães de mel.

Devo confessar que nem de longe eles pareciam com os pães de mel que eu costumava comprar na cafeteria, mas dava para matar a vontade.

Depois da morte dos nossos pais, eu nunca mais consegui entrar naquele lugar. Eu procurava até mesmo fazer outras rotas.

Nick recolheu a louça, tio Silas as lavou e eu as guardei.

— Missão cumprida — disse meu tio ao ver a cozinha impecável.

— Fim de expediente. — Pendurei o pano de prato na beirada do fogão. — Hora de escovar os dentes e dormir, não é, mocinho? — Nick segurava firme no encosto da cadeira. Seu peito subia e descia rapidamente enquanto suas mãos tremiam. — Nick? — A palidez estampava sua face. — Nick? — Ele parecia não me ouvir. — O que você tem? — Me abaixei à sua altura.

— Ele está pálido demais. — Meu tio se ajoelhou ao meu lado

— Estou bem. Só estou enjoado.

— Será que foram as panquecas? — Eu tentava entender o motivo daquilo.

— Eu disse que não era muito seguro comer aqueles pães de mel — brincou

— Engraçadinho. — Mesmo estando aéreo, vi um minúsculo sorriso em seus lábios. — Vou te levar para o quarto e te pôr na cama.

— Eu vou fazer um chá. — Assenti e meu tio logo colocou uma chaleira de água para ferver.

No quarto, o levei para escovar os dentes e o coloquei na cama. Senti-o um pouco gelado e a sua cor natural ainda não havia voltado.

— Como está se sentindo agora? — Cobri seu corpo.

— Melhor.

— Um chá bem quentinho. — Tio Silas entrou com uma caneca em mãos. — Beba tudo. — Entregou o chá a ele. — Hoje foi um dia e tanto. — Meu tio cruzou os braços na altura dos peitos. — Educação física na escola, ensaio da peça, guerra de farinha. Acho que você precisa descansar mais, hein, garotão?

— Concordo plenamente. — Sentei na beirada da cama.

Nick bebeu todo o chá, entre uma careta e outra. E assim que meu tio saiu, ele pediu para que eu lesse *O Pequeno Príncipe*. Eu li algumas páginas e me deitei ao seu lado.

— Senti saudades nos últimos dias. — Encostou a cabeça no meu braço.

— Eu senti saudade o tempo todo. Eu queria ter estado mais presente nas últimas semanas, mas a adaptação nos negócios do papai exigiu muito do meu tempo.

— Anne. — Sua voz era suave e já sonolento tentava pronunciar algumas palavras. — Por que não quer filhos?

— Porque eu já tenho você. — Não havia o que pensar. Sem dúvida, Nick tinha o seu lugar de filho em meu coração. Eu daria a minha vida por ele. Não havia no mundo alguém que eu amasse mais. Ele era tudo o que ainda tinha dos meus pais e sem dúvida era tudo o que restava de mim.



Nas semanas que seguiram, eu alternei a minha rotina entre os negócios da empresa e passar mais tempo com meu irmão.

Ian e eu não estávamos na nossa melhor fase, o que fazia com que sobrassem algumas horas do meu tempo. Horas que passei a investir com

Nick.

Fomos ao cinema duas vezes naquele mês e é claro, ele escolheu os filmes. Eu apenas o acompanhei. Confesso que não entendia nada daquilo. Eu não conseguia diferenciar Liga da Justiça e Vingadores.

Nick me explicava de cinco em cinco minutos a diferença entre Marvel e DC, mas eu esquecia porta afora do cinema. Não era algo que ficava registrado na minha mente.

Da última vez, ele me fez comprar uma blusa da Viúva Negra para mim, e do Homem de Ferro para ele. Confesso que não combinou muito com minha calça pantalonada, mas aquilo o fazia feliz, então guardei a blusa que estava vestida na bolsa e saímos do shopping a moda super-heróis.

Ele passou a semana inteira falando sobre o filme. Tio Silas o ouvia como quem necessitasse saber daquilo. O que o deixava ainda mais entusiasmado. Mas toda aquela energia e vontade de sair para passeios memoráveis foi diminuindo.

Eu imaginava que fosse o cansaço por estar em épocas de provas e ele se dedicava ao extremo em estudar e tirar boas notas.

— Não vai comer? — Nick mexia a comida com o garfo de um lado para o outro, mas de maneira alguma levava o talher até a boca.

— Estou sem fome. — Manteve os olhos grudados no prato.

— Precisa comer, rapazinho.

— É batata frita, a sua comida favorita — falou meu tio.

— Estou enjoado, não quero comer nada. — Seus lábios estavam bem mais claros do que o normal.

— De novo?

— Está o dia todo assim, Anne. Na igreja ele não via a hora de vir pra casa.

— Só estou cansado. Nada demais. — Levantei da cadeira e peguei meu celular que estava em cima do armário.

— O que vai fazer? — especulou meu tio.

— Vou mandar uma mensagem para o consultório do doutor Daniel. Amanhã bem cedo eles responderão e agendarei uma consulta.

— Detesto ir ao médico.

— Mas precisa. Quero ver o que ele tem a dizer sobre esse desânimo todo.

— Posso ir para o meu quarto?

— Só três colheradas — pedi

— Não consigo. — Eu nunca tinha o visto daquela forma. Por quase sempre querer comer, a sua falta repentina de apetite me preocupou

— Tudo bem. — Ele levantou. — Porém, antes de dormir, farei uma vitamina pra você. E terá que beber tudo.

— Pode ser. — Em passos vagarosos foi para o quarto.

— O que acha que ele tem? — perguntei com esperança de que meu tio pudesse dizer qualquer coisa que fosse simples de ser resolvido.

— Eu não sei. Nunca o vi assim tão desanimado. Hoje no ensaio da peça, Hellen disse que ele passou mal, ficou pálido de repente e indisposto. Te contaria depois da refeição. — Nada do que meu tio narrava representava de fato o meu irmão.

— De qualquer forma, vou relatar tudo isso ao médico dele. — Quando terminamos o jantar, tio Silas arrumou a cozinha enquanto eu preparava a vitamina.

Nick bebeu algumas goladas, mas não insisti muito, pois sabia que correria o risco dele colocar o pouco que bebeu para fora.

Dei a ele um remédio para enjoo e minutos depois pegou no sono. Cobri seu corpo, beijei-o na testa e saí.

Logo pela manhã, a secretária do doutor Daniel me respondeu, dizendo que ele estava viajando e só retornaria em quatro dias. Sendo assim, marquei uma consulta para a semana seguinte. Quando se tratava do meu irmão, eu nunca tardava em tomar atitudes. Eu era do tipo precavida e até mesmo os resfriados que apareciam iam embora bem rápido.

Era apenas uma falta de apetite, mas aquilo me preocupava. O conhecendo tão bem como eu o conhecia, falta de apetite duradoura não era nada normal.

Tentei espantar pensamentos que me deixavam apreensiva e voltei a atenção para o que estava fazendo no trabalho. Mas, uma hora ou outra, eu me perguntava se Nick estava mesmo bem. Se era apenas apreensão por conta das provas ou até mesmo falta de remédio de verme. A segunda hipótese eu descartei logo, visto que os remédios estavam em dia.

Minhas costas tocaram o couro macio da cadeira. O que me fez fechar os olhos por alguns segundos.

— Atrapalho? — Ao abri-los, vi a imagem de Ian parada à minha frente.

— Oi, Ian. — Me ajeitei na cadeira, obrigando-me a voltar para a postura impecável de sempre. Coisa a qual aprendi perfeitamente com a minha mãe. *"Postura de dama."* Era o que ela costumava dizer.

— Bem, não que seja da sua conta, mas aceitei a proposta da minha mãe. — Suas palavras eram tão frias que me davam a sensação de estar caminhando descalça por uma estrada de mármore. — Vou no ano que vem. — Colocou as mãos nos bolsos da calça. — Só estou comunicando para que não seja a última a saber. — Procurei as palavras perfeitas para dizer, embora tais palavras não existissem. Não para momentos como aquele.

— Sei que não vai acreditar em mim, mas eu fico feliz por isso.

— Até lá, sigo à procura de um bom advogado pra me acompanhar. Caso conheça algum, aceito currículos — desdenhou completamente do que havia lhe dito.

— Pode deixar. Se vier algum em minha mente, te aviso.

— Ok. — Eu sabia que seria de total inutilidade se dissesse mais quaisquer coisas, então me calei. Não queria causar mais brigas ou pior, eu não queria gerar uma gota de esperança nele.

Ele me deu as costas e se retirou da minha sala.

Acho que por ter desejado piamente ser adulta, não estava de fato conseguindo ser uma da forma que deveria.

No caminho para casa, eu tentava recapitular minhas atitudes ao longo dos anos e não havia nada que me fizesse sentir orgulho de mim. Nada que me fizesse olhar para trás com dignidade.

— Boa noite, Lili. Pensei que já tivesse ido. — Puxei a cadeira para me sentar, deixando que a bolsa caísse sobre a mesa.

— Boa noite, menina. Seu tio teve um imprevisto. — Ela tirou o pano de prato que estava sobre seus ombros e o pendurou na tampa do forno.

— Você merece mais uma folga.

— Não se preocupe com isso. Sei que sempre que preciso, vocês me liberam. — Sorriu afavelmente.

— Nick está dormindo.

— Dormindo? — Houve certo espanto em meu tom de voz. Nick nunca dormia fora de hora.

— Sim, ele ficou no quarto vendo TV e cochilou durante a tarde. Comeu algumas garfadas da comida e tornou a dormir.

— Tem certeza? Ele não estava fingindo?

— Não. Ele realmente parece cansado. Não o vejo mais descer a escada como um foguete. Quase não corre pelo quintal e está sempre parado cochilando em algum canto.

— Estranho.

— Também achei. Mas acho que talvez seja por causa da semana de provas. Sabe como seu irmão é estudioso e dedicado.

— É, pode ser. — Eu não fazia ideia do porquê, mas uma vozinha dentro de mim tentava me alertar de que não era apenas um cansaço comum. — Eu vou subir pra vê-lo. E você estará de folga no sábado. — Levantei.

— De novo?

— Você merece, Lili. Já são quase vinte horas e deveria ter saído às dezessete. Tira o sábado pra você

— Obrigada. Farei isso. — Me aproximei e dei um beijo em sua bochecha como agradecimento por estar sempre nos apoiando e ser tão boa amiga.

Com os sapatos nas mãos, subi para o meu quarto, deixei minha bolsa e antes que pudesse fazer mais quaisquer coisas, fui até meu irmão.

Nick parecia estar em um sono pesado e não acordou com a minha presença. Dei um beijinho em sua testa, cobri-o e saí de fininho da mesma forma com que entrei.

Nick sempre indagava sobre a minha vontade de ter filhos e minha resposta para ele sempre era a mesma. De certa forma eu não mentia. Dentro de mim sentia que ele era tudo o que eu mais amava na vida. Desde a morte dos nossos pais, eu não praticava nenhuma ação que não o colocasse em primeiro lugar. O bem-estar dele era o que eu mais priorizava, mesmo que de um jeito extremo, eu me importava primeiramente com a vida dele e se sobrasse um tempo, eu começava a cogitar em como cuidar da minha. Se isso não é ser mãe, então eu não sei o que a maternidade pode ser.

Na imensidão da minha cama, eu virava de um lado para o outro, tentando encontrar a melhor posição para abraçar o sono que se recusava a chegar.

O relógio marcava duas da manhã quando cogitei levantar, mas me joguei de volta na cama assim que me dei conta de que não tinha mais a casa de Ian para ir durante as minhas madrugadas de insônia.

Não me restava nada além de um quarto vazio e uma mente cheia.

Quando amanheceu, eu poderia jurar que havia apenas cochilado por curtos minutos.

— Bom dia, Lili.

— Bom dia. — Como sempre, Lili estava com um sorriso formidável. E cantarolava enquanto colocava a garrafa de café na mesa. Meu tio já estava na metade do bolo e lia as notícias do dia pelo celular.

— Bom dia, querida. — Ele bebericou o seu café.

— Bom dia, tio. — Corri os olhos sobre a mesa farta. — Nick ainda não está pronto?

— Na verdade, ele ainda não acordou. — Ele colocou o celular sobre a mesa.

— Ainda não? — Nick era o primeiro a acordar e raramente perdia a hora.

— Não precisa se preocupar, eu espero e o levo para a escola.

— Ele vai se atrasar.

— Nick é um aluno exemplar. Só está cansado demais. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde se sobrecarregaria. Eu explico na escola os motivos do atraso. — Raramente eu questionava as atitudes do meu tio. Tê-lo ao meu lado na criação do Nick foi essencial. Eu não conseguiria nada sem ele. E toda vez que pensava que, mais cedo ou mais tarde, ele precisaria seguir sua vida, sentia meu coração se comprimir dentro do peito.

Apressadamente, peguei uma torrada e saí mastigando-a. Me despedi do meu tio e de Lili e parti para o carro.

Eu sei que não deveria sair com tanta pressa, mas queria chegar cedo na empresa para terminar o que não havia deixado pronto no dia anterior.

Ao parar no sinal, vi que a galeria próxima à empresa estava aberta e a cafeteria estava a todo vapor. Na vitrine havia algumas canecas de super-heróis. Na mesma hora, lembrei o quanto meu irmão amaria aquilo. Eu não pensei duas vezes e assim que o sinal abriu, parei no acostamento e fui correndo comprar uma caneca daquelas.

Eu não precisava ter comprado aquilo, naquele exato momento, mas sabia que se deixasse para depois, correria o risco de não encontrar ou até mesmo esqueceria.

Não me julgue. Minha memória não era das melhores. Acho que até a Dory se espantaria com tamanho esquecimento.

Eu parecia uma criança ganhando seu brinquedo favorito. Aquilo não era para mim, mas a certeza de que deixaria meu irmão feliz me deixava eufórica.

Assim que recebi o troco, me virei para sair e bem na hora que estava passando ao lado da última mesa, senti minhas coxas queimarem. Não precisei olhar para entender o que estava acontecendo

— Ô, meu Deus! Me desculpa. — Como em câmera lenta, olhei para baixo e vi quando a moça colocava sobre a mesa a xícara com uma gota restante de café. — Eu sou muito estabanada. Me perdoa. — A minha vontade era de dizer “*Sim, você é muito estabanada.*”, mas respirei fundo e disse apenas:

— Está tudo bem. — Não estava nada bem. Os meus neurônios queimavam tanto quanto a minha perna ensopada por cafeína. Eu não poderia chegar à empresa daquele jeito.

— Quer que eu lhe pague um café pra tentar me redimir? — Os olhos daquela moça que eu sequer me dei o trabalho de saber o nome me olhavam implorando por remissão.

— Acho que chega de cafés por hoje, não é mesmo? — Assentiu na esperança de que eu pudesse ser um pouco mais maleável, mas sem pensar muito parti cafeteria afora, cogitando possibilidades de chegar limpa no trabalho.

Na calçada, me forçava a encontrar uma solução, até que meu olhos avistaram uma lojinha com alguns manequins na vitrine. Manequins que por sinal estavam muito mal vestidos.

Olhei de uma ponta a outra daquela galeria e infelizmente aquela era a única loja de roupas que já estava aberta. Então contei até três e entrei.

Assim que me viu, a vendedora logo tratou de se apresentar e servir ajuda. Expliquei toda a situação. A cada peça que ela me trazia, eu sem querer retorcia o nariz. Aquelas estampas ardiam meus olhos. Acho que nem mesmo se pingassem a pior pimenta queimariam tanto quanto queimaram ao olhar aquelas peças.

Tinha estampa demais, o que nem de longe combinava com o meu excelente gosto. Eu usava roupas de diversas cores, porém, no meu guarda-roupa não havia uma estampa sequer. O que me permitia fazer várias combinações elegantes.

Eu já estava farta de analisar tanta peça sem estilo quando pedi o mais improvável: Uma calça jeans. E por pouco o jeans não aparecia

coberto por paetês e estampas fluorescentes.

A atendente me mostrou o banheiro para que eu pudesse me limpar e me trocar. Coloquei a calça ensopada na bolsa que a jovem havia me dado e segui meu caminho.

Enquanto andava até o carro, tentava entender como as pessoas poderiam gostar de vestir aquilo. Era justo demais e apertava o suficiente para me sentir sufocada. A cada passo que dava era como se respirasse menos

— Bom dia, Luiza. — Assim que saí do elevador, minha secretária já estava vindo ao meu encontro, como de costume. Me olhava da cabeça aos pés, como se estivesse vendo algo surreal.

— Bom dia. — Com o indicador levantou minimamente os óculos que insistiam em deslizar para a ponta do nariz. — A pasta com a agenda da semana já está sobre a sua mesa

— Obrigada. — Em passos apressados, entrei na minha sala e me acomodei na cadeira. Algo me dizia que aquela semana seria fatídica. Não era uma certeza absoluta, até porque eu queria acreditar que os dias se decorreriam bem. Mas sabe aquela sensação que, por mais que você tente afastá-la, ela fica ali, na sua nuca, soprando algo que não deveria? Eu estava extremamente assim. Sentia aquele pressentimento soprar até me causar calafrios. Era como estar nua em uma nevasca.

Inquieta, batia os dedos sobre a mesa e o barulho que causavam era o suficiente para me fazer flutuar para fora da minha realidade.

Eu pensava que o mundo da imaginação era feito apenas para crianças, mas quando você se torna um adulto em conflitos pessoais, acaba precisando fugir para qualquer universo que não seja o seu próprio.

As lembranças me mantinham muito mais viva do que qualquer outra coisa.

Levei o indicador até o porta-retratos sobre a mesa e acariciei a foto em família.

Éramos perfeitos. A família que qualquer pessoa desejaria ter. Uma mãe dedicada que fazia de tudo para ver um sorriso nos rostos de seus filhos, um pai presente, um filho incrível crescendo e uma filha que resplandecia felicidade e emanava luz, a ponto de contagiar as pessoas ao seu redor.

É tão estranho o jeito que a saudade se abriga na gente. O luto consegue ser algo inexplicável. Ele leva o que há de mais bonito em nós. A

perda é a única dor a ser infindável. Lidar com o peso do nunca mais é difícil e extremamente doloroso. Você vive dia após dia, desejando que a dor passe, mas isso nunca acontece.

Um dia você vai viver a sua vida normalmente, mas terão dias que se pegará chorando, desejando aquele abraço, querendo ouvir aquela voz e escutar aquela gargalhada. Vai sentir o sabor daquele almoço em família, das festas natalinas e vai doer. Porque com as lembranças vem também a certeza de que não vai acontecer novamente. E você se dá conta de que tudo o que viveu ao lado daquela pessoa não foi o suficiente e vai pensar que deveria ter abraçado mais, ter amado com mais intensidade, ter dito eu te amo com mais frequência e, sobretudo, ter provado isso com muito mais ações.

Deveria ter me declarado mais vezes, ter ligado no meio do dia só pra dizer que sentia saudades.

O fato de estarmos sempre deixando tudo para mais tarde nos tira os momentos mais memoráveis.

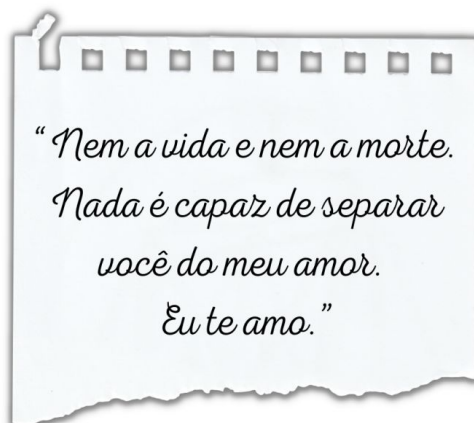
Mesmo sabendo que o mundo é uma linha tênue entre nascer e morrer, nunca estaremos preparados para perder quem mais amamos. Não há uma fórmula mágica para isso. A verdadeira questão é: O que você faz com a dor e o que você deixa a dor fazer de você.

Eu precisei de alguns segundos de devaneios sobre minhas lembranças para seguir o meu dia. Funcionava como uma espécie de combustível.

Tentando deixar os meus dramas de lado, peguei a pasta que Luíza havia deixado e folheeí página por página, analisando tudo minuciosamente. Os dias a seguir estavam recheados de coisas.

A cada página que deixava cair sobre a anterior sentia o quanto o final de semana seria essencial para relaxar. Mas nada que fugisse do normal, até virar a última página. Acho que, naquele momento, todo o líquido que deveria estar dentro da minha boca esvaiu por minhas mãos.

Engoli a seco quando li em um pedaço de papel escrito em letras douradas a seguinte frase:



Cogitei amassar e arremessar no lixo, mas decidi não fazer. Li e reli inúmeras vezes, tentando entender o que aquilo poderia ser, até que um nome saltou em minha cabeça.

Peguei o bilhete e em segundos já estava marchando porta afora.

— Quando eu coloco um ponto final é porque as coisas realmente devem terminar. — Esbravejei para mim mesma.

Quando dei por mim, já havia invadido a sala de Ian e estava de braços cruzados à sua frente.

Sem entender absolutamente nada, ele me analisava sobre os cílios.

— Pode me explicar o que isso significa? — Coloquei o bilhete sobre a mesa.

Ian correu os olhos rapidamente pelas palavras.

— Que fofo, porém obsessivo. — Senti uma onda de ironia saltar de suas palavras.

— Fofo? — Mordi o lábio enquanto colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Pensei que já tivéssemos esclarecido as coisas. Por que fez isso? — Seu cenho franziu. E com a sobrancelha arqueada, observava-me com um olhar perspicaz.

— O que te faz pensar que fui eu?

— Não foi você? — Eu poderia acreditar se houvesse motivos para ter vindo de qualquer pessoa além dele.

— Não. — Colocou-se de pé. — Aliás... — Passeou os olhos pela minha calça como se Freddy Krueger estivesse parado à sua frente. — Jeans?

— Longa história. — Caminhou em minha direção, parando a poucos metros de distância. — Ian é sério. Se foi você...

— Já disse que não tenho nada a ver com isso. — Apontou o indicador para si. — Olha bem pra mim. Tenho cara de quem manda bilhetinhos?

— Não, mas...

— Por favor, Anne. É antiquado demais, não faz meu estilo. — Seus lábios se curvaram em um sorriso cínico. Coisa que só ele sabia fazer e fazia perfeitamente bem.

— Vou perguntar pra Luísa.

— Fiquei curioso. — Ele pegou o bilhete e partiu rumo à mesa da minha secretária. Eu o acompanhei em passos apertados. — Oi, Lulu. — Sua voz saiu macia, quase acariciando os ouvidos da loira à nossa frente.

— Olá. — Ela tentava disfarçar, mas era nítido o incômodo que a beleza avassaladora de Ian a causava.

Desconfortavelmente, empurrou os óculos com o indicador para que ele se mantivesse no lugar. Prevendo onde aquela interrogação chegaria, tomei as rédeas da conversa.

— Enfim. — Peguei o bilhete da mão dele. — Esse bilhete estava dentro da pasta que você deixou na minha sala. Sabe me dizer o que significa? — Ela passou os olhos sobre a frase e logo balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não faço ideia.

— Como não faz ideia? Alguém colocou isso no meio dos papéis. — Eu queria respostas.

— Não faz sentido. — Com o olhar atônito, tentava me explicar. — Eu imprimi os papéis assim que cheguei e não desgrudei da pasta até colocar na sua mesa. Depois disso, ninguém entrou lá. — Ian arqueava a sobancelha, como se estivesse fazendo cálculos de possibilidades em sua mente.

— Tem certeza? — questionei.

— Absoluta, daqui dá pra ver quem entra e quem sai da sala de vocês. E eu não saí do meu lugar até a sua chegada. — Puxei todo o ar que podia e depois o soltei. — Se quiser, pode olhar nas câmeras.

— Tudo bem. Não é necessário. — Parece que a vizinha da consciência andou sussurrando muito na minha cabeça aquele dia. — Acredito em você. — E eu realmente acreditei. Sabe, quando você passa tempo o suficiente escondendo o que sente para as pessoas, aprende a discernir quando alguém não partilha dos mesmos hábitos. — Obrigada, Luísa. — Assentiu sem muito entender o que estava acontecendo.

Talvez eu tivesse dando importância demais aquilo tudo ou talvez não.

A cada passo vagaroso até minha sala, eu tentava arrumar mil desculpas para não dar importância a um bilhete bobo. Poderia ser só uma brincadeira para uma das secretárias e o bilhete estivesse ali antes mesmo de Luísa organizar a agenda.

Devolvi o pequeno papel à minha mesa enquanto sentia o peso do olhar de Ian sobre mim.

— É extremamente bizarro. — Seus olhos percorriam desde o fio do meu cabelo até a ponta da minha sandália.

— Acredite, não mais bizarro do que você usando jeans — zombou.

— Saiba que está sendo uma péssima experiência. — Dei a volta ao redor da mesa e deixei que meu corpo caísse sobre a cadeira, fazendo-a girar.

— Bem, parece que alguém tem um admirador secreto. — Forçou um sorriso. — Arrasando corações.

— Acredito que esse bilhete já deveria estar na pasta e ela não viu. Única explicação plausível.

— Faz sentido. — Deu de ombros. — Vou deixar você conversando com seu tico e teco. Tenho muita coisa pra fazer. — Assenti.

Quando Ian deixou a sala, tentei me desligar do que havia ocorrido, mas a cada cinco minutos, eu encarava aquele pedaço de papel com uma incógnita enorme se apoderando de mim. Seria aquilo apenas um aviso de que a semana realmente seria árdua e louca?

A primeira coisa que fiz ao chegar em casa foi me libertar das sandálias no momento em que pisei na sala. E assim como o meu dedo mindinho, também respirei aliviada. Mais um dia se findava.

— Nick? — A casa estava silenciosa demais. Pela segunda vez, não ouvi passos ligeiros descendo a escada. Então tomei a sandália nas mãos e subi os degraus, atrás de alguns rumores. Assim que cruzei o corredor que dava acesso aos quartos, vi meu tio surgir.

— Oi, querida. — Aquele sorriso largo e olhos de riacho faziam parte da minha vida. Nada jamais conseguiria tomar o lugar do meu pai, mas meu tio, sem dúvida, era o único porto seguro que eu tinha.

Quando me aproximei, seus braços me envolveram em um abraço do qual me fez arfar de tão acolhedor. É tão engraçado o fato de que algumas pessoas podem ser o seu lar, muito mais do que paredes e tetos.

— Oi, tio — disse ao me afastar. — A casa nunca esteve tão silenciosa.

— Nick não se alimentou tão bem ao longo do dia. Por isso dei o jantar mais cedo pra ele. Depois que comeu, ele subiu. Disse que queria ver TV.

— Pré-adolescência?

— Acredito que sim. — Colocou uma mão dentro do bolso da calça. — Eu o deixei no quarto e fui para o banho. Vou descer e colocar a mesa pra gente. — Assenti.

— Prometo ser rápida no banho. — Cruzei os dedos e os levantei na altura do rosto. Um gesto tão simples que o fazia sorrir.

— Ok. — Antes de descer a escada, ele beijou meu rosto de forma carinhosa. Meu tio, sem dúvida, era uma das melhores pessoas que já conheci na vida.

Antes de ir para o meu quarto, entrei no de Nick para vê-lo. E ao abrir a porta, percebi que já estava dormindo.

Me aproximei em passos silenciosos, coloquei minha sandália no chão para cobri-lo direito. Desliguei a TV, liguei o abajur e dei um beijinho em sua testa, como sempre fazia. Admirei-lhe dormir por alguns segundos.

— Eu te amo tanto — sussurrei.

Peguei a sandália do chão, apaguei a luz e saí, deixando-o descansar.

Depois do banho, eu estava regozijada. Vesti um short de couro marrom e uma blusa branca de seda.

Era impossível prender meu cabelo devido ao *Chanel* de bico, então coloquei um lado atrás da orelha, borrifei um perfume suave que costumava usar antes de dormir e descí.

— O cheiro está perfeito. — Me aproximei da mesa e antes de olhar o que continha na travessa, deduzi o que poderia ser. — Risoto de frutos do mar.

— Na mosca! — Meu tio colocou a jarra de suco sobre a mesa e sentou no seu lugar de sempre. — Lili deixou preparado pra gente.

— Oba! — Me acomodei na cadeira e enquanto meu tio nos servia com o suco, eu coloquei os nossos pratos. — Nick está dormindo.

— Já? — Franziu o cenho. — Totalmente fora do normal.

— Graças a Deus a consulta é em alguns dias. Não vejo a hora. Com certeza ele deve passar exames. Acho que deve ser falta de vitaminas.

— Também acho. Prefiro mil vezes vê-lo pular pela casa e pedir pra que Lili faça suas receitas saborosas. — Levei uma garfada à boca. — Ouvi Lili falar que doutor Daniel volta na sexta.

— Sim, mas sextas e sábados são dias que ele trabalha na emergência. Por isso marcaram Nick pra segunda. — Dei uma golada no suco. — E que a semana passe logo pra eu ficar menos apreensiva.

— Sábado é a peça de teatro.

— Será que pode filmar pra mim?

— Com certeza.

— Vou querer ver as fotos também.

— Pode deixar. — O fato da minha recusa por ir vê-lo se apresentar ser firme não tinha nada a ver com não querer prestigiar o meu irmão e sim por eu simplesmente não conseguir pôr os pés naquele lugar.

Acredito que todas as pessoas têm as suas limitações, por mais que possam parecer bobas.



Você nunca acorda e pensa: Nossa! Dia perfeito para virar a minha vida de pernas para o ar.

Você simplesmente levanta da cama e tenta reproduzir tudo o que é de costume.

Apesar de ter sentido inúmeras vezes aquela intuição que tentava me alertar do quão embaraçoso os próximos dias se tornariam, eu tentava acreditar que eram apenas coisas loucas da minha cabeça.

Tio Silas e Nick saíram bem cedo para os preparativos da peça teatral que ocorreria naquele mesmo dia. Eu aproveitei para organizar meu guarda-roupa.

Como prometido, dei folga à Lili naquele dia. O que me fez contemplar a solidão pelos cômodos da casa. Não que eu detestasse ficar só, mas naquele dia ficar sozinha não me transmitia nenhum conforto.

Cogitei ligar para Ian algumas vezes. E em certos momentos cheguei até mesmo procurar seu número na agenda telefônica, mas desisti assim que o juízo começava a tomar as rédeas do meu cérebro louco.

Com o celular nas mãos, desci até a sala e me joguei no sofá. Meus dedos deslizaram a tela e nada que aparecia no *feed* do *Instagram* chamava minha atenção. Eu estava tão inquieta que desejava desesperadamente para que as horas passassem depressa.

— Anne! — Ouvi Nick gritar meu nome assim que a porta da sala se abriu, me fazendo sentar.

— Oi, meu príncipe. Como foi hoje? — Com um sorriso de orelha a orelha, correu até o sofá e se jogou sobre mim, me envolvendo em seus braços pequenos e magros.

— Incrível! Foi muito bom! — Dava para sentir o entusiasmo tomar conta da sua voz. O brilho de seus olhos irradiava todo o ambiente.

— Que bom! — Eu o enchi de beijos enquanto ele me abraçava.

— Esse rapazinho aproveitou a manhã como nunca. — Meu tio surgiu, fechando a porta que Nick havia deixado aberta. — Não falava de outra coisa no caminho.

— Missão cumprida. — Nick respirou aliviado.

— O dia está lindo, é um sábado perfeito para irmos à praia, não acha? — sugeri.

— Sério? — Assenti com um sorriso no rosto. — Vou me trocar. — Nick rapidamente levantou e correu escada acima. Tive a impressão de que suas pernas estavam um pouco mais devagar do que o comum.

— Vamos, tio? — Ele pensou por alguns segundos. — Tem tempo que não saímos em família. Por favor.

— Ok. Vamos.

— Assim que se fala! — Pulei do sofá. — Vou pegar as coisas. — A ideia da praia surgiu como uma forma de preencher um vazio que me consumia mais do que todos os outros dias.

A cada coisa que colocava na bolsa, sentia meu coração se comprimindo dentro do peito, mas tentava a todo custo ignorar o que sentia.

As coisas estavam prontas. E durante o trajeto, Nick poderia jurar que ganharia meu tio no futebol. Se bem que aquilo era uma grande possibilidade.

Estendi as cangas na areia da praia, coloquei nossas bolsas sobre elas e a primeira coisa que Nick fez foi querer cair na água.

— Primeiro o protetor solar — disse com o frasco na mão.

— Ok. — Ele tirou a blusa e virou de costas para mim.

— Mas o que é isso? — Suas costas estavam tomada por manchinhas roxas, como se alguém o tivesse machucado. — Onde se machucou? Foi na escola?

— Do que está falando? — Ele, por sua vez, parecia não entender o que estava acontecendo

— Suas costas.

— O que tem as costas dele?

— São hematomas, tio.

— Onde se machucou, Nick? — Meu tio alternava o olhar entre mim e as manchas roxas.

— Não me machuquei. Eu juro. Devo ter batido em algum lugar, mas não me lembro.

— Manchas não aparecem no nada.

— Sua irmã tem razão. Depois vamos conversar e tentar encontrar o motivo que deixou sua pele assim.

— Não deve ser nada. — A única coisa que queria era cair na água.

— De qualquer forma, precisa ficar mais atento. Se bater em algum lugar ou cair, nos avise — pediu meu tio. — Pra não ficarmos preocupados, ok?

— Ok. — Terminei de espalhar o protetor solar e ele foi correndo para a água sem pensar duas vezes.

— Não precisa ficar preocupada. Crianças batem em coisas o tempo todo. Provavelmente ele devia estar entretido e não se lembra.

— De qualquer forma, vou ficar mais aliviada depois da consulta. — Assentiu.

Por mais que crianças sejam distraídas o suficiente para se machucarem o tempo inteiro, aquilo não era nada bom.

Enquanto Nick nadava de um lado para o outro, eu tentava entender a grande incógnita dos hematomas, até meu tio me puxar para a água também.

Assim que saímos, Nick pegou a bola e nos desafiou a jogar com ele.

— Vou até o quiosque ver o que podemos comer. — Meu tio bateu a areia das mãos, tentando se limpar.

— Ótima ideia, já estou faminta. — Àquela altura, meu estômago já havia roncado algumas vezes.

— Estou sem fome. — Nick segurou a bola nas mãos.

— Mas irá comer também. Já passou da hora. — Ele assentiu e meu tio saiu para pedir comida. — Só mais um chute e a gente se limpa para comer, combinado?

— Certo. — Pegou distância e colocou a bola na areia. — Quero ver pegar essa! — desafiou.

Deu alguns passos para trás, alternava o olhar entre mim e a bola, quando de repente correu e a chutou.

Seu chute foi bem alto. A bola passou entre os meus dedos e caiu distante.

— Ótimo jogador! — Corri para pegá-la. — Agora vamos comer. — Com a bola nas mãos, virei novamente para ele. — Nick! — gritei.

A bola escorregou entre meus dedos e, naquele momento, senti que o desespero tomava conta de mim.

Dizem que a reta é o percurso mais curto entre dois pontos, mas naquele instante, foi o percurso mais longo que eu poderia percorrer.

Seu corpo estava caído sobre a areia e quanto mais eu corria, tinha a impressão de que estava ainda mais longe.

— Nick! — Coloquei sua cabeça em meu braço e com cuidado o sacudi, mas ele sequer se mexia. — Nick, por favor, fala comigo! — supliquei, mesmo sabendo que não estava me ouvindo.

Eu o sacudia e em seu rosto dava leves tapinhas, na esperança de fazer com que ele acordasse de repente.

— Por favor, Nick, acorda! — Ele estava mole sobre meus braços, sem indício algum de que acordaria.



Vinte

Todo Herói Tem Seus Obstáculos a Enfrentar

Freneticamente meus pés batiam no chão e as minhas mãos tremiam sem parar. Vez ou outra as esfregava contra minhas pernas, a fim de tentar secar o suor que insistia em encharcá-las.

— Se não parar, é capaz do chão se abrir embaixo de nós. — Meu tio tentava me acalmar, mas na verdade, ele não parava de andar de um lado para o outro.

Levantei rapidamente ao ver o doutor Daniel entrar pela sala de espera.

— Como ele está?

— Acordado e conversado com a enfermeira. — Respirei aliviada.

— Quando vamos poder levá-lo para casa? — Meu tio fez a pergunta que eu estava prestes a fazer.

— Eu o achei pálido. Notei alguns hematomas pelo corpo. — Seu semblante estava estranho, parecia tentar não deixar transparecer alguma coisa importante.

— Sim, vi essas manchas agora há pouco na praia. Mostraria na consulta, inclusive.

— Nós colhemos sangue, é preciso fazer alguns exames, só depois poderei falar com exatidão sobre o que aconteceu. — Suas palavras não me passaram confiança.

— Não estou gostando do seu tom de voz. — Seu semblante era sério, o contrário do que estávamos acostumados a ver.

— De qualquer forma, só vou poder falar melhor depois dos resultados. Se quiserem podem ficar com ele no quarto. — Assenti. — Mando avisar quando tiver os resultados em mãos. — Ele se retirou, deixando-nos a sós com nossos pensamentos martirizantes.

— Não estou gostando de nada disso. — De repente quem estava andando de um lado para o outro era eu.

— Calma, não podemos ser precipitados. — Tio Silas segurou firme a minha mão. — Vai ficar tudo bem. — Fechei os olhos e desejei que tudo realmente ficasse bem. — Vem, vamos ver o nosso mascote. — Colocou o braço ao redor dos meus ombros e partimos para o quarto em que meu irmão estava.

— Como você está? — Foi a primeira coisa que perguntei ao abrir a porta.

— Melhor. — Seu rosto pálido parecia bem mais abatido. — Quando vou poder ir para casa?

— Em breve, campeão — respondeu meu tio.

Sentei na beirada da cama e acariciei seus cabelos.

Nick ama conversar e foi isso que fizemos. Nós conversamos com ele até passar o tempo. Tentamos distraí-lo ao máximo, embora nós também estivéssemos agoniados o suficiente para questionar a demora da hora.

Nick contava suas piadas mais engraçadas, tentando fazer com que tio Silas e eu ríssemos um pouco.

A noite já havia caído e a ausência de notícias me deixava apreensiva. Eu tentava disfarçar, mas de segundo em segundo, a demora me assustava.

— Com licença. O doutor pediu para irem até o consultório dele. — Estremeci com o recado da enfermeira. Algo dentro de mim dizia para me preparar, mas o lado confiante queria acreditar que iríamos para casa em alguns minutos. — Eu fico com ele. — Assenti.

— Meu amor, eu volto logo, está bem?

— Tudo bem. — Dei um beijo carinhoso em sua testa e me retirei do quarto junto com meu tio.

— Não há de ser nada — disse ele quando alcançamos o corredor.

Acho que, no fundo, ele se forçava a acreditar naquilo tanto quanto eu.

— Sentem-se — disse o doutor assim que entramos em seu consultório.

— Já podemos ir para casa? — Eu preferia fingir que não estávamos à espera do resultado do exame.

— Infelizmente ele não vai poder ir para casa hoje. — Senti meu corpo estremecer.

— Mas por que não? — Sua resposta me pegou de surpresa.

— Assim que ele chegou, desconfiei de algumas coisas. Fui juntando uma coisa aqui e outra ali. Palidez, hematomas, perda de apetite como vocês mesmos me relataram. — Assenti. — Nick perdeu peso de um tempo para cá e isso é bem notável.

— E o que isso quer dizer? — meu tio indagou.

— A perda de peso pensei ser fase de crescimento. — Quanta ingenuidade minha.

— Mas não é. — Encarávamos sem piscar. — Quando as enfermeiras estavam no quarto, notaram um sangramento na gengiva. Eu não poderia alarmar até saber os resultados dos exames. — A cada palavra que saía de sua boca, meu coração acelerava ainda mais. — As hemoglobinas estão muito baixas e o resultado, embora fosse o que eu esperava, nem de longe era o que eu queria.

— Está me assustando. — A cada palavra que ouvia, cravava ainda mais as unhas em minhas coxas.

— Foi detectado no exame o aumento de glóbulos brancos e...

— Vai direto ao ponto. — A mão do meu tio foi de encontro à minha. De alguma forma já sabíamos o que ele iria dizer.

— Nick tem leucemia. — Suas palavras saíram como punhais que acertaram o meu peito, rasgando-o de cima a baixo. Minha mente havia

entrado em estado de choque por alguns segundos.

Com os meus pés, procurei pelo chão, mas um abismo se abriu embaixo de mim. Me senti literalmente como se estivesse caindo em uma queda sem fim.

— Só pode estar brincando. — Minha voz trêmula questionava suas palavras.

— Não estou. Seu irmão está doente e precisa de tratamento o quanto antes.

— O que faremos agora? — A voz do meu tio estava tão embargada quanto a minha.

— Não sou especialista no assunto. Vou indicar o melhor médico que conheço. Seu hospital é um dos melhores. Ele vai fazer mais exames necessários e cuidar muito bem do Nick. — Por mais que ele tentasse explicar detalhadamente, eu não estava conseguindo assimilar nada que saía de sua boca. Eram apenas barulhos sem sentido.

— Não é verdade. — Todo o meu corpo e mente rejeitavam aquela notícia nauseante.

— Sinto muito. Vou marcar uma consulta com o especialista, na segunda de manhã. Só ele vai poder tirar todas as dúvidas de vocês. Não podemos deixar de pensar positivo.

— Precisamos contar para ele. — Foi a única coisa que consegui dizer.

Ao chegarmos novamente no quarto, Nick brincava com uma das enfermeiras, que gargalhava de suas histórias.

— Já vou poder ir para casa?

— Foi sobre isso que viemos conversar. — Doutor Daniel sentou na beirada da cama. — Você gosta de super-heróis? — Nick assentiu. — E qual é o seu favorito?

— Jesus. — Nick não pensou nem por um segundo ao responder.

— Sério? Olha, que bacana, é o herói favorito da minha mãe — doutor Daniel falava descontraidamente.

— Ela tem bom gosto. — Nick carregava um sorriso angelical nos lábios.

— Também acho. — Analisei a situação, tentando entender aonde ele queria chegar com seus rodeios e como isso seria abertura para o assunto principal. — Sabe, Nick. Todo super-herói tem desafios a cumprir. Quanto

mais incrível um herói é, mais obstáculos aparecem para ele enfrentar. E isso só os deixam mais fortes, aptos a passarem para o próximo nível.

Umedeci os lábios. Era uma situação a qual eu nunca imaginei passar. Meu irmão tão pequeno com algo tão ruim a enfrentar. O doutor prosseguiu com seu discurso:

— Jesus, por exemplo, era incrível e quanto mais ele mostrava isso para as pessoas, mais obstáculos apareciam tentando impedi-lo. Mas ele passou por cada um deles e hoje nos ensina a sermos fortes. — Meu irmão, que tanto amava ouvir histórias assim, mal piscava. Ele ouvia com atenção. — Assim é você. É forte e corajoso, como Jesus manda ser.

— Qual é o meu obstáculo, doutor? — Sempre muito astuto. E rodeios não o dispersaram. Ele sabia que algo grande viria pela frente.

— Você está doente agora, mas se fizermos tudo direitinho, em breve estará bem. — Meu tio se aproximou de mim e segurou a minha mão. Juntos nós nos aproximamos de Nick, ficando ao lado de sua cama. — Já ouviu falar em câncer? — Ele assentiu. — Então, esse é o seu obstáculo agora. Nós não conseguimos vê-lo. É como algo invisível. Um grande amigo meu vai cuidar de você. Vai te falar tudo o que terá que fazer para ficar bom em breve e como um bom menino terá que obedecer. Principalmente no quesito alimentação. Combinado?

— Combinado. — Nick não parecia abalado ou amedrontado.

— Hoje você vai dormir aqui, amanhã irá para casa. — O doutor colocou-se de pé ao lado da cama. — Você vai ficar bom em breve. — Ele acariciou seus cachinhos. — Foi a primeira criança que não pareceu surpresa. — Nick o olhou diretamente nos olhos.

— Eu já sabia. — Pegou todos nós de surpresa.

— Como assim? — O doutor parecia confuso.

— Na semana passada, Deus me contou que isso aconteceria, mas que eu não deveria ter medo. Disse que isso seria necessário. — Não tenho palavras para descrever como ficamos naquele momento. Encaramos uns aos outros sem dizer nada. Eu não poderia contrariá-lo ali.

O médico apenas assentiu e partiu porta afora, sem falar nada.

Nick era cheio de convicções das quais eu condenava. Convicções que me entristeceram e me desapontaram quando mais precisava. Eu não queria de forma alguma que meu irmãozinho passasse por coisas como as que estariam prestes a acontecer.

Por alguns segundos me perguntei como minha mãe agiria em um momento como aquele. O que elaalaria? Aposto que se sairia bem melhor do que eu me saí.

— Como está se sentindo, campeão? — Precisava dizer algo a ele. Uma palavra de conforto, um abraço, qualquer coisa que pudesse deixá-lo melhor, mas não consegui. Por mais que me forçasse a dizer, nenhum som saía de minha boca.

— Estou bem tio. — Nick segurou a minha mão que estava apoiada sobre a cama e olhou bem no fundo dos meus olhos. — Vai ficar tudo bem, eu prometo. — Suas palavras foram reconfortantes, mas o que Nick não sabia naquele momento é que eu estava prestes a desmoronar.

Abracei-o tão forte que tive a impressão de ouvir seus ossos estalarem.

Falamos de todas as outras coisas que não envolvessem a palavra doença, tentamos distraí-lo ao máximo, até que pegasse no sono.

Meu tio insistiu para que eu fosse para casa e o deixasse dormir com Nick, mas recusei. Não conseguiria dormir nem por um segundo em casa sabendo que meu irmão estaria no hospital. Então eu peguei a chave do carro, fui para casa apenas para tomar um banho. Ainda estava com o corpo cheio de areia e o cabelo extremamente em desordem por causa da água do mar.

Estacionei o carro na garagem, caminhei pelo enorme gramado, abri a porta da sala e me dirigi para a escada.

Eu já estava no quinto degrau quando parei por alguns segundos e resolvi descer. Eu precisava organizar meus pensamentos.

Abri a porta da cozinha e, sem rumo, comecei a andar por todo jardim. Revivi cada momento desde o instante em que vi Nick caído na areia da praia até as palavras do médico. Meus sentimentos estavam em erupção. Minha mente estava confusa, quando parei e, com os olhos encharcados de lágrimas, olhei para o céu.

— Satisfeito? — Com as palmas das mãos sequei meu rosto. Lágrima por lágrima. — Está feliz agora? — gritei. — Você tirou tudo de mim! — Engoli em seco. — Ele acredita em você! Não deveria fazer isso com ele, é só uma criança. — Senti meu corpo pesado demais para minhas pernas. Caí de joelhos sobre a grama, deixando o desespero tomar conta de mim. — Se você realmente existe, com certeza não deve se importar com a gente. — Tentava formular uma frase sem que os soluços me interrompessem. —

Castigue a mim — pedi — Eu mereço, não ele. — Encarava o céu como se estivesse discutindo com alguém de carne e osso. — Ele tem o coração bom! É só uma criança, não merece isso. — Eu estava descontrolada, desesperada e extremamente perdida. — Por favor, ele é só uma criança — supliquei. — O que você queria com isso? Vai! Me fala! — desafiava o vento, como se pudesse discutir com Deus.

Eu chorava enquanto tentava respirar, até começar a rir. A incredulidade me fez gargalhar.

— Como não percebi antes? — Umedecia os lábios extremamente salgados. — Você joga sujo. — Balançava a cabeça sem acreditar. — Quer me atingir. É claro que não se importa com ele. — Respirei fundo, tentando me recompor. Eu estava tão desesperada que não me dei conta do que estava fazendo. O meu peito pesava e quanto mais tentava parar de chorar, mais a tristeza tomava conta de mim. O desespero nos leva a coisas incogitáveis. Eu tentava controlar minha respiração, a fim de parar de chorar. O que era quase impossível, mas minutos depois, estava secando as últimas lágrimas que molharam meu rosto.

Levantei, batendo com as mãos nos joelhos.

— Isso é uma perda de tempo. — Com ombros caídos, voltei para casa.

No box, abri o chuveiro, deixando que a água percorresse todo o meu corpo, eu só queria me lavar de todos aqueles problemas. Queria que tudo o que ouvi do médico fosse embora pelo ralo também. Mas algumas adversidades não somem em um piscar de olhos. Elas permanecem, te encaram nos olhos e te chamam para a luta. E você não tem alternativa a não ser ir, mesmo com medo de perder um *round* atrás do outro.

Quando voltei para o hospital, insisti para que meu tio fosse para casa. Com muito custo atendeu ao meu pedido. Não tinha porque permanecermos os dois ali.

Aquela noite foi, de longe, a mais longa da minha vida. Eu o observava dormir e o medo velava a minha mente. Foram horas brigando com meus próprios pensamentos. Lutas internas podem ser muito mais cansativas do que qualquer outra.

Eu não consegui fechar os olhos em momento algum. Me mexia e remexia na poltrona o tempo inteiro e, por vezes, tive medo de acordá-lo.

Nick teve alta no dia seguinte. Deixei que ele descansasse o máximo. Todos nós tentávamos absorver a notícia da noite anterior.

Liguei para Andréia e comuniquei que precisaria de alguns dias em casa. Ela garantiu que Ian cuidaria de tudo para mim.

Meu tio e eu contamos à Lili, que ficou perplexa com a notícia, tentou se segurar ao máximo, mas caiu no choro, pedindo desculpas pela reação.

Nick passou a maior parte do tempo assistindo TV, lendo seu livro favorito e colorindo em seu bloco de desenhos.

Na sala, meu tio e eu tentávamos traçar nossas vidas nos próximos dias. Não queríamos sobrecarregar Lili ainda mais, então decidimos contratar alguém para cuidar do meu irmão enquanto trabalhávamos. Alguém que ficasse responsável pela saúde dele, que nos auxiliasse, que entendesse do assunto. Naquele momento tudo o que eu mais queria era não ter que desgrudar de Nick, mas não podia abandonar a empresa de vez.

A segunda-feira chegou como uma avalanche. Quando o celular despertou, desejei não levantar da cama.

Da cama até o banheiro eu planejava a forma correta de levar o dia. Algo dentro de mim se recusava acreditar em tudo aquilo.

Tomei um banho na expectativa de que algumas gotas de ânimo entrinhassem em meus poros. Penteei meus cachos com os dedos e apliquei uma maquiagem suave, na esperança de que minhas olheiras sumissem.

Estava quente lá fora, o que me fez optar por uma saia de couro e uma blusa branca bem fresca. Nos pés, optei por uma sandália o mais baixa possível. Pendurei a bolsa no ombro e descí.

Lili havia posto a mesa de café e estava tão linda quanto as que a mamãe arrumava.

— Bom dia, Lili. — Colocou a garrafa de café na mesa.

— Bom dia. — Logo meu tio juntou-se também.

— Eu vou subir para arrumar o menino. Eu o acordei, mas ele pediu mais cinco minutinhos. Fiquei com pena de não dar mais esse tempinho a ele.

— Tudo bem. Obrigada, Lili. — Enchi a xícara.

— O dia de hoje pode não ser um dos melhores, mas passaremos por ele juntos. — Me estendeu sua mão e eu a segurei.

O hospital era imenso e frio. Não sei se pela temperatura do ar-condicionado ou pelo fato da minha alma ter estado tão desnorreada.

Crianças passavam por nós. Crianças tão pequenas, com a pele pálida e sem pelo algum no rosto. Nick observou cada uma delas. É triste,

mas bem lá no fundo, sabia o que estava pensando. Seus cachinhos incríveis sumiriam também. E isso seria apenas uma questão de tempo.

— Bom dia. — Doutor Roberth nos recebeu com simpatia.

Eu estava assustada. Na verdade, acho que a palavra certa era apavorada.

Doutor Roberth era um homem bem apresentável e simpático.

Assim que nos sentamos, ele explicou todos os próximos passos. Não mentiu sobre nada. Ele precisava ser franco e foi.

Nick faria novamente um hemograma completo e outros exames os quais o deixaram assustado. Por mais forte que meu irmão fosse, não podemos esquecer o fato de que era uma criança. Se adultos sentem medos, imagina como fica a cabeça de alguém com dez anos.

Roberth não podia afirmar nada antes dos resultados dos exames que ficariam prontos em dois dias. Já tínhamos outro encontro marcado naquele imenso hospital que me causava calafrios.

Durante esses dois dias, eu não consegui comer, descansar ou pensar em qualquer outra coisa. Desejei tanto que tudo fosse apenas um erro. Que fosse um tremendo engano e que meu irmão estivesse bem, mesmo seu semblante mostrando o contrário.

Foram as quarenta e oito horas mais torturantes de nossas vidas. Quando eu pensava na hipótese do câncer, a primeira coisa que vinha a minha cabeça era a morte. Não só a do meu irmão, mas a minha também. Eu morreria novamente da mesma forma que morri no acidente dos meus pais? Como seria a minha vida sem ele? Era assustador demais pensar em tudo aquilo.

Na sala de espera, o tempo me corroía. Sentada no enorme sofá cor de rosa, eu sacudia as pernas sem parar.

Tio Silas brincava com Nick e outras crianças que estavam próximas.

Tinha uma mesa no centro da sala cheia de quebra-cabeças. A cada peça que acertavam, vibravam de felicidade. É incrível como crianças podem ser felizes com tão pouco.

Olhando o meu irmão tão feliz, por um segundo, esqueci o que fazíamos ali, até uma voz firme me chamar de volta para a realidade.

— Nicolas Moraes. — Levantei. Meu tio e Nick fizeram o mesmo.

— Como vai, garotão? — O médico passou carinhosamente a mão nos cabelos do meu irmão, que deu a ele um sorriso largo

— Vou bem. E o senhor?

— Estou ótimo também. Vamos até o meu consultório? — Nós o acompanhamos.

— Bem, doutor, quais foram os resultados dos exames? — Já estava inquieta.

— Eu vou explicar tudo com muita calma. — Nós três o observávamos com atenção. — Nicolas tem Leucemia Linfóide Aguda. O que chamamos de LLA.

Se eu tinha alguma esperança de que tudo aquilo fosse só um engano, ela tinha findado naquele instante. Segurei as mãos pequenas de meu irmão para que ele se sentisse seguro.

— Por ser uma leucemia aguda, as células doentes são imaturas. O crescimento desordenado dessas células interfere na produção das células sanguíneas. A evolução é muito rápida, o que faz com que o tratamento se inicie o mais rápido possível.

Sabe quando você ingere algo amargo? Não amargo como o café sem açúcar, me refiro a algo capaz de queimar a sua garganta, te fazendo querer pôr aquilo para fora. Eram tão amargas as palavras que saíam da boca dele que me faziam querer parar de ouvir.

Eu olhava o tempo todo para o meu irmão, que em momento algum esboçava medo. Ele se manteve firme e prestava atenção em tudo.

— Olha, Nicolas — sua voz era suave ao falar com meu irmão. — Você vai precisar vir aqui frequentemente. Vão furar o seu braço. Vai ser como uma picadinha de mosquito, igual quando foram tirar seu sangue. Doeu? — Nick balançou a cabeça em sinal negativo. — Então, vai ser por essa picadinha que você vai tomar a medicação e ficar bom logo. Promete que vai ser forte?

— Prometo — disse com convicção. Ele tinha tanto a explicar. A forma de tratamento, os cuidados que deveríamos ter, os remédios a tomar. A vida do meu irmão viraria de cabeça para baixo. Não só a dele, mas a minha e a do meu tio também

Nick começaria imediatamente a quimioterapia de indução.

Roberth nos alertou que o primeiro mês seria intenso. O hospital seria a nossa segunda casa.

Após o primeiro mês, os exames seriam refeitos para ver se as células leucêmicas ainda estariam persistentes na medula.

Senti tanto frio na espinha ouvindo aquilo tudo. Doutor Daniel tinha razão, Roberth era uma pessoa aparentemente incrível, estava fazendo o máximo para que Nick se sentisse bem, calmo e tranquilo. Ele fez parecer ao meu irmão que aquilo não era um bicho de sete cabeças e me senti grata por isso.

Meu tio e eu fizemos inúmeras perguntas. Afinal, a vida de quem tanto amávamos estava em jogo.

— Ao longo do tratamento, meu filho fará o acompanhamento de perto. É o meu braço direito. Ele acompanha os pacientes e dá toda assistência enquanto eu me dedico à emergência. Não quero que se sintam abandonados por mim, sempre estarei por perto. Vou acompanhar tudo, mas no dia a dia quem vai ficar na linha de frente será ele. — Eu esperava que o filho fosse tão bom quanto o pai. Era meu desejo naquele instante de pânico. — Com ele por perto vocês poderão tirar qualquer tipo de dúvida.

— Tudo bem. E eu sei que surgirão muitas dúvidas ao longo dessa jornada — disse meu tio. — A princípio tudo isso parece surreal. — Alternava o olhar entre nós três.

— Podem ter certeza de que não estarão sozinhos. Poderão contar com toda nossa equipe. As enfermeiras, os outros médicos e até mesmo o meu filho amam cada criança desse lugar. Assim como eu. — Encarou o relógio em seu pulso. — Aliás, Dominic já deveria estar aqui. — Estreitei os olhos, recapitulando o nome que havia acabado dizer.

— Você disse... — hesitei — Dominic? — Os lábios de Roberth se preparavam para me responder quando bateram três vezes na porta e em seguida a abriram.

— Bem, ele chegou. — Repetia na minha cabeça: Não. Não pode ser. É só uma coincidência

— Desculpem o atraso, estava resolvendo umas coisas na sala de Químio. — Meu coração quase saltou peito afora. Cheguei a levar a mão à boca para ter certeza de que isso não aconteceria.

— Essa voz... — sussurrei, na esperança de estar completamente equivocada. Eu tinha quase certeza de que não deveria me virar, mas o fiz.

— Anne? — Com o cenho franzido, encarava-me. Seus cabelos estavam um pouco diferentes, algumas mechas onduladas caíam na altura dos olhos. Seus lábios ainda se destacavam, assim como os olhos.

Estremeci. Como se meus sentidos acabassem de entrar em erupção. E ele estava tão pasmo quanto eu. Seu tom de voz era tão surpreso.

— Dominic. — Vocês imaginaram que isso aconteceria? Porque eu não. Nem de longe isso era cogitável.

— Meu Deus. — Meu tio deixou escapar. Acredito que ele também estava embasbacado.

— Vocês se conhecem? — Roberth parecia confuso, meu tio coçava a barba por fazer, tentando prever as próximas cenas enquanto Dominic e eu digeríamos o fato de estarmos frente a frente novamente.

— Do ensino médio — respondeu, sem tirar os olhos dos meus.

Eu desejava desesperadamente que meu coração recobrasse a consciência e voltasse a pulsar normalmente.

Toda a sala sentia a nossa tensão, que era tão visível feito uma árvore no deserto.

— Pastor Silas. — Ele estendeu a mão para cumprimentar meu tio e, em seguida, passou os dedos pelos cabelos do meu irmão. — Você está enorme.

— Quanto tempo, Dominic. — Meu tio me olhou de soslaio. Acho que tentava se certificar de que eu não tinha caído dura no chão.

— Então esse é o famoso pastor Silas — disse o médico. — Minha esposa e meu filho sempre falaram muito bem do senhor.

— Imagina. Eles que sempre foram pessoas incríveis.

— E você é a famosa Anne. — Roberth parecia saber muito bem sobre mim. — É um prazer conhecê-la, pena ser em circunstâncias como essa.

— Pois é. — Foi tudo o que consegui dizer.

— Nossa... — Ele se virou para mim novamente e encarou-me diretamente nos olhos. — Quanto tempo. — Eu não estendi a minha mão ou o beijei no rosto.

— Bastante. — Ora, não me julguem. Eu estava frente a frente à única pessoa que conseguia fazer o meu coração cantar todas as músicas possíveis. E era o momento mais inoportuno para melodias.

Não sei qual palavra descreveria aquilo perfeitamente bem, mas... Caramba! Eu estava ferrada. Nós nunca sabemos o momento em que seremos surpreendidos pela vida. Isso é um fato. E naquele instante ela estava me pregando uma peça daquelas. Com direito à dramas quase mexicanos e enredo de série *new adult*.

— Bem, já que se conhecem, acho que tudo se torna mais fácil. — Meu ex-quase-sogro estava bem enganado. Era aí que tudo se complicava

ainda mais. — Dominic vai mostrar todo o hospital a vocês, é bom que se familiarizem. — Aquilo era literalmente um pesadelo sem fim.

Nos despedimos de Roberth, agradecendo por toda paciência ao explicar tudo.

— Vou mostrar o hospital a vocês. — Dominic parecia também não saber como agir.

Eu tentava a todo custo driblar minha mente, dizendo a ela que a presença de Dom não me afetava em absolutamente nada. O que não passava de uma grande mentira. Os meus neurônios pareciam não entender muito bem, o que eu queria dizer. Não era como estar próxima a Ian. Eu estava perto da pessoa que mesmo em uma certa distância conseguia tocar meu coração. Eu respirava fundo e tentava espantar os sentimentos trapaceiros que insistiam em querer tomar conta da ocasião.

Enquanto Dominic andava à nossa frente, mostrando cada pedacinho daquele lugar, eu tentava firmar as minhas pernas, que mais pareciam duas gelatinas.

Conhecemos todas as alas. Vi pessoas de todas as formas. Mães tristes, esperançosas, quietas e sentimentalmente feridas. E eu me tornaria uma delas em questão de dias.

Depois de mostrar cada metro quadrado daquele lugar, descemos para o primeiro andar e ao lado da porta de entrada do hospital havia uma enorme porta de madeira.

— Esse é o último e mais importante lugar. — Dominic se aproximou e fez sinal com as mãos para que nos aproximássemos também. — Aqui é um pequeno templo, onde os familiares dos pacientes gostam de vir. — Nick arregalou os olhos e junto com tio Silas entrou empolgado.

— É lindo. — Meu irmão parecia estar olhando um *playground*

— Não vai querer conhecer? — Dei um passo para dentro, analisando o lugar.

As cadeiras eram revestidas de couro na cor preta e no altar havia uma enorme cruz que estava vazia, simbolizando um Cristo vivo. Pensei em entrar, até que, quando dei por mim, já estava recuando.

— Já vi o suficiente. Vamos, Nick. — Dei três passos para trás. — Precisa descansar

— Mas eu estou bem — protestou

Acredito que "bem" não seria a palavra mais apropriada no momento.

A forma com que Nick via o mundo me amedrontava. Ele estava sempre esperando o lado bom de todas as coisas. Sei que às vezes posso parecer meio dura ou estraga-prazeres por querer trazê-lo para uma parte da realidade. Porque o problema é que nem sempre há um lado bom.

Eu estava amedrontada pelo que poderia acontecer. Acho que é isso que acontece quando se ama alguém. Você se sente amedrontado e vulnerável. O amor te assegura, mas te desestabiliza com a mesma proporção.

Metade de mim queria ser como a mamãe. Sempre ver uma luz no fim de todo túnel, por mais escuro que ele pareça ser. E a outra metade queria ser como o meu pai. Forte, corajoso e sempre olhar tudo com gratidão. E cem por cento de mim, na maioria das vezes, desejava ser o Nick, que é uma mistura perfeita dos dois. Mas a única pessoa que eu conseguia ser era a Anne. E não via tanta vantagem nisso.

— Bem, querido. O que acha de irmos andando e deixar sua irmã conversar um pouquinho com o doutor?

— Perfeito. — Fuzilei meu tio com os olhos. Nem de longe era o que eu precisava no momento. Mas ele parecia achar o contrário.

Assim que Dominic se despediu dos dois, eles partiram, me deixando sem saber como agir.

— A vida sempre encontra formas de unir pessoas que aparentemente não deveriam ter se encontrado. Mesmo que os meios não sejam os mais agradáveis sempre. — Olhar para ele era como olhar para aquele garoto incrível que roubou meu coração de diversas maneiras diferentes.

Seus olhos me encaravam de uma forma que me fazia estremecer por dentro. Nunca soube como ele conseguia despertar sentimentos tão grandes e incompreensíveis dentro de mim. Aqueles olhos cor de mel ainda brilhavam com a mesma intensidade.

Umedeci os lábios e tentei procurar qualquer palavra que não me comprometesse. Qualquer palavra que não tivesse a ver com a frase: Eu senti a sua falta.

— É verdade. — Ele deu um passo em minha direção e, discretamente, umedeceu os lábios que, assim como antes, continuavam rubros e atrativos.

— Sei que o que vai acontecer daqui pra frente não vai ser fácil. Mas estarei aqui para o que precisar. — Assenti. — Como médico, amigo ou...

- Obrigada. — Levou a mão até o bolso do jaleco e tirou um cartão.
- É bom salvar o meu número — Entregou-o a mim.
- Ok. — Aquilo era tão estranho quanto misturar leite no café.

Respirei fundo, tentando encontrar uma estabilidade certa para as minhas pernas.

Dominic ressurgindo em minha vida. Algumas coisas não mudam, não é mesmo?

- Anne...
- Eu tenho que ir — interrompi.

Tive a impressão de ter ouvido meu coração dizer seu nome com entonação. Inquieto dentro do peito, sentia que ele poderia explodir a qualquer momento. Ele estava tão próximo que, por um segundo, pensei que colaria seus lábios nos meus, mas recuou, como se enfim tivesse recobrado o raciocínio

- Até breve — disse e partiu, me deixando imóvel e sem palavras.

Não bastava estar vivendo um momento delicado com meu irmão. Meu grande amor do passado estava de volta para me deixar ainda mais perdida.



Tio Silas se ofereceu para revezar as sessões de quimio comigo, mas eu tinha a total certeza que mal conseguiria chegar até a empresa, sabendo que eu não estaria ao lado dele.

Eu não conseguiria me concentrar em nada que não envolvesse Nicolas.

Eu tentava preparar meu psicológico para os dias que viriam pela frente. Teríamos que ser fortes, muito fortes.

Às terças e quintas faríamos do hospital a nossa casa. Então precisava deixar meu irmão o mais confortável possível.

Fechei o zíper lateral da minha saia pantalonada, ajeitei a blusa por dentro dela e calcei a sandália de salto baixo. Ao me olhar no espelho,

ajeitei um cacho rebelde que insistia em sair do controle, assim como o meu coração, que desde que coloquei os pés para fora da cama, me alertou que muitas emoções estariam por vir. Tanto boas quanto ruins.

Por mais que eu insistisse em me arrumar, sabia que o que estava em desordem era o meu lado interno. E isso eu não conseguia ajeitar há muito tempo. Já tinha até mesmo desistido.

Nick vestia sua blusa surrada do Capitão América e seu *all-star* azul.

Meu tio insistiu em dirigir e eu confesso que não relutei. Estava aérea demais para me manter atenta ao trânsito. Me virei para o meu irmão no banco de trás, acariciei sua perna e disse:

— Hoje começa o tratamento que pode salvar a sua vida. — Eu precisava passar confiança, embora uma grande parte de mim estivesse transbordando medo.

Ele assentiu sem dizer nada.

Em um dia eu estava levando Nick ao colégio e no outro estava ao lado de uma poltrona de hospital, vendo medicamentos extremamente fortes passarem por um tubo de silicone e irem de encontro às suas veias frágeis. Havia mais quatro poltronas nas salas. Duas delas estavam vazias. Uma estava sendo ocupada por Nick e na poltrona ao lado estava um menino que deveria ter no máximo dez anos.

Sua pele era branca e um pouco mais pálida do que parecia ser normal. Em sua cabeça havia uma bandana preta com alguns instrumentos na estampa. Na cadeira à sua direita estava sentada uma mulher belíssima. Loira de olhos azuis. Porém, com um semblante exausto.

Ao voltar a atenção para o meu irmão, vi seus lábios perderem a cor.

— Como está se sentindo? — Ele tentou, mas não conseguiu responder.

Percebi o que iria acontecer e imediatamente peguei um balde de metal que estava ao lado da minha cadeira e coloquei próximo ao seu rosto. Por pouco ele não vomitou toda a poltrona em que estava sentado.

Doutor Roberth nos alertou sobre esses efeitos colaterais, mas isso não fez com que a dor em ver meu irmão daquele jeito fosse amenizada. Aquilo tudo doía.

Coloquei o balde no chão e limpei sua boca com uma toalhinha que havia pego na bolsa.

— Primeira vez? — perguntou o menino ao lado. Nick respirou fundo e o respondeu:

— Sim.

— Depois fica menos pior. — Seus olhos azuis saltitavam de sua pele quase transparente.

— Eu sou John. De John Mayer. Meu pai é fantástico por música boa. — Gargalharam, o que me fez respirar um pouco mais aliviada. Era visível o quanto os dois não estavam nada bem, mas o fato de terem deixado escapar um sorriso me fez ver uma luz no fim do túnel.

— Eu sou Nick. — Meu irmão estendeu o punho fechado para ele, que logo o cumprimentou. — Em homenagem a Nicholas Sparks. — O menino sorriu. — Minha mãe era fanática por romances.

— Sinto muito. — O sorriso no semblante de John se desfez.

— Pelo quê?

— Pela sua mãe. Você disse *era*. — Incrível como tão pequenos e já se atentavam aos menores detalhes.

— Tudo bem. — Nick respirou fundo, tentando afastar os enjoos. — Ela se foi há um tempo, junto com o meu pai.

— Lamento — balbuciou a mulher ao lado de John.

— Obrigada.

— Sou Sara. Mãe desse garotão aqui. — Encarou-me com aqueles olhos tão profundos.

— Anne. — Esbocei um sorriso. — A irmã.

— Sabe, se precisar de algo, pode contar comigo. Sei lá, qualquer coisa. Nem que seja pra desabafar. Garanto que irei te entender melhor do que ninguém.

— Obrigada. Isso é... — hesitei por alguns segundos, tentando encontrar as palavras certas — reconfortante.

— Acho que fiz um novo amigo — disse John com o ar empolgado.

— Assim que iniciamos o tratamento, John fez amizade com alguns meninos incríveis que também estavam dando início à quimio.

— E onde estão? — Meu irmão deixou a curiosidade tomar conta de si.

— Foram liberados do tratamento. Estão curados, graças a Deus. — Por um momento senti um tom de felicidade em sua voz. — Eles foram de um a um e nós continuamos. Mas seremos liberados desse sofrimento logo, logo. Não é mesmo, filho?

— Com certeza! — Ele parecia convicto.

Nick o analisou atentamente.

— Quando vou perder o cabelo? — Por mais que ele tentasse esconder seus maiores receios, nós sabemos muito bem quantos medos podem caber no coração de uma criança.

— Logo — disse John. — Mas calma, não precisa se preocupar. Você pode acabar ficando bonitão como eu. — O menino tirou o lenço que tampava a nudez de seu couro cabeludo, nos fazendo rir do seu ato descontraído

— Gostei de você — falou meu irmão entre gargalhadas.

— Vejo que já se enturmaram. — Eu poderia reconhecer aquela voz ainda que estivesse entre várias outras. — Olá, meninos, Sara e... — elevei os olhos até ele — Anne. — Ao pronunciar meu nome seus lábios se formaram em um discreto sorriso.

— Oi. — Ter seus olhos sobre mim me causavam certo desconforto.

— Vim saber como estão meus pequenos corajosos.

— Estou bem hoje — disse o mais novo amigo do meu irmão.

— John está indo bem — completou Sara. — Mas sei que vai ficar enjoado ao chegar em casa.

— É bom descansar bastante toda vez que sair daqui.

— Pode deixar.

— E você, garotão?

— Coloquei o café da manhã pra fora. — Senti um toque de desânimo na voz de Nick.

— Com o tempo você vai enjoar menos. Prometo. — Assentiu. — Anne, será que posso conversar um pouco com você? — Mesmo meu coração estando em chamas, senti meu corpo gelar.

— Desculpa, mas acho melhor não sair de perto dele, não sei como vai ficar.

— Pode ir. Eu dou conta desses dois. — Sara se ofereceu de bom grado. Mas deixar Nick naquele instante me causava desconforto. — Pode ficar tranquila.

— Vou ficar bem. — Meu irmão tomou partido na conversa, me deixando sem desculpas para fugir de Dominic.

— Ok. — Dominic tentava disfarçar um sorriso. — Mas qualquer coisa que acontecer é só me chamar.

— Pode deixar.

— Obrigado, Sara. — Dominic caminhou até a porta e abriu-a para mim. Logo saiu também e a fechou em seguida.

— Toma um café comigo?

— Tenho escolha?

— Não. — Respirei fundo e comecei a andar.

Na lanchonete do hospital, pedi apenas um café

— Não posso demorar.

— Prometo ser breve. — Como ele conseguia ficar ainda mais belo trajando jaleco?

— Sobre o que quer falar? — Encarei-o firmemente. Tentava a todo custo não esboçar nada. Queria passar uma imagem firme, sem deixá-lo perceber que minhas estruturas poderiam estar abaladas.

— Sobre você. — Franzi o cenho.

— Acho que não sou o assunto em questão.

— Nick está tendo o tratamento adequado e terá todo o cuidado necessário. Mas a quimio não é um processo doloroso apenas para o paciente e sim para as pessoas à sua volta.

— Não me importo, desde que meu irmão esteja bem.

— Agora. Mas com o tempo, a luta do dia a dia vai se tornando árdua.

— Onde está querendo chegar? — Estreitei o olhar.

— Na parte em que, dessa vez, não vai poder se isolar e afastar as pessoas.

— Já disse que não sou a questão.

— Sara está aqui há bastante tempo. Os amigos, a família, eles foram sua base. Ninguém chega a lugar algum sozinho, Anne. Isso é uma certeza.

— Me chamou aqui pra me dar uma sessão gratuita de psicanálise? — Me ajeitei na cadeira. — Vou logo avisando, abandonei a terapia há alguns anos. — Meu tom de voz era puro desdém.

— Quando foi que se tornou tão mordaz? — Dei de ombros.

Arqueou a sobrancelha, tentando desvendar o que meus olhos tentavam calar a todo custo.

— Não costumo me autorrotular. — Encarava-o de queixo erguido.

— Te chamei pra dar um aviso. — A minha mente se formou em uma incógnita.

— Que tipo de aviso?

— Não tenho mais dezoito anos, Anne. — Apoiou os cotovelos na mesa. — Dessa vez, mesmo que você me mande ir embora com todas as letras, eu não vou a lugar algum.

— O que te faz pensar que quero você ao meu lado? — Sorriu ironicamente.

— A sua boca diz coisas as quais o seu coração abomina — suspirou. — Sabe, passei um bom tempo achando que você não sentia nada por mim.

— E o que te fez mudar de ideia? Ah, não, espera. Me deixa adivinhar. — Me calei por dois segundos, encarando-o com os olhos semicerrados. — Leu muito aqueles romances que te indiquei. Os tipos água com açúcar? — ironizei.

— Reencontrar você. — Deixou escapar um sorriso. — Reencontrar você me fez mudar de ideia. Parece tão esperta e mesmo assim não se dá conta.

— Do que está falando?

— É só reparar os pequenos sinais que seu corpo dá. — Com o indicador, acariciou o meu rosto, me fazendo tremer.

Pressionei os olhos brevemente e ao abri-los, senti como se o olhar dele pudesse me acariciar. Em alerta, todo o meu corpo se arrepiou com o frio que percorria a minha espinha. — Eu ainda estou aí. — Apontou para o meu coração. — Precisa de mim e dessa vez não irei me afastar. — Minha respiração acelerava gradativamente. — Diz que não pensou em mim durante todos esses anos. — Sua voz saía quase como um sussurro. O som da sua voz mais uma vez me colocava em transe, como uma espécie de hipnose. Quando pensei que me entregaria àquele turbilhão de loucura, me forcei a raciocinar como deveria.

— Me faz um favor?

— Claro. — Inclinei meu corpo e, próximo ao seu rosto, soltei as palavras que necessitava dizer:

— Cancela o café. — Levantei e saí.

Eu não podia voltar, não podia olhar para trás, não podia ocupar a mente com outras coisas além do meu irmão. Seria egoísmo da minha parte.

A última coisa que precisava naquele momento era ter Dominic ao meu lado. Cuidar do meu irmão era o meu único propósito. Eu não podia me permitir sair do foco. Só a vida dele importava.

Naquele dia após a quimio, era visível o quanto ele estava exausto e abatido. Os enjoos se fizeram constantes durante toda a noite. Foi um

trabalho árduo fazê-lo comer. Tudo o que ouvíamos dele era: *Estou cansado e enjoado*. Passamos horas ao redor do vaso até preferir deixar um balde na beirada da cama. Sob hipótese alguma eu tiraria meus olhos dele.

Coloquei-lhe para dormir no meu quarto. Conteí algumas histórias, a maioria havia tirado de trás da orelha e por mais que não fossem tão boas, meu único objetivo era entretê-lo.

A água de coco foi a única coisa que Nick não colocou para fora. Enquanto dormia, eu sentia sua pele gélida e pálida esfriar a minha. Acaricieí seus cabelos por um bom tempo.

Era triste saber que posteriormente seu couro cabeludo estaria nu. Quando parava para pensar naquele turbilhão de coisas, tinha a impressão de que muito provavelmente surtaria. E não demoraria muito.

Todo o processo havia começado naquele dia e eu já desejava que se findasse, com a notícia de que meu irmão estaria livre daquele tormento.

O segundo dia de quimio foi tão torturante quanto o primeiro. John tentou entretê-lo de todas as formas possíveis. Aquele menino era radiante. Até hoje me pergunto como ele conseguia fazer aquilo. Como transmitia tanta tranquilidade passando por tanta coisa?

Ele aparentava mesmo ser uma criança de ouro. Sara tinha muita sorte por ter tido um filho tão incrível e carismático como John.

Enquanto esperávamos que os meninos se entupissem com aquelas drogas que tinham o objetivo de salvar a vida deles, começamos a conversar. Sobre coisas bobas, mas que nos faziam bem. Nos faziam sair mentalmente daquela lugar e daquela realidade pesarosa.

Nick estava visivelmente abatido, cansado e enjoado e John fez questão de tentar fazer com que ele esquecesse um pouco do que de fato estava sobre os nossos olhos.

Em silêncio, agradei pela vida daquele menino que, em tão pouco tempo, já estava fazendo diferença na vida do meu irmão.

Naquele dia, evitei Dom o máximo que pude. Quando ele passou no quarto para ver como os meninos estavam, fiz o favor de responder apenas o necessário, da forma mais monossilábica possível.

Na segunda semana de quimio, eu estava tão cansada quanto o meu irmão. Toda aquela correria que eu insistia que poderia tirar de letra era um tormento que me fazia sentir culpa por estar cansada.

— O que acha de um piquenique? — John sacudia as pernas enquanto batia os dedos no couro da poltrona. Seus olhos mostravam o quanto sua

sugestão era a sua maior vontade.

— Ótimo! — Nick respondeu com entonação. — Que tal, Anne? — Eu não era estraga-prazeres, mas ainda tinha receio sobre o que podíamos fazer e aquilo que sequer podíamos cogitar.

— Vamos, Anne. Ar livre e frutas não farão mal a eles. — Sara estava no ramo da apreensão há muito mais tempo do que eu.

— Está bem — os meninos vibraram com aquilo.

— Perfeito. — Sara deixou escapar um sorriso leve, coisa que raramente via. — Vai ser bom pra nós duas também. — No fundo, ela tinha total razão. Era certo que não estávamos doentes, mas estávamos exaustas e apreensivas.

Há vários fatores capazes de aproximar pessoas. O amor, a lealdade, a conexão e o medo.

E dadas as circunstâncias, o medo era, sem dúvida, o responsável pela proximidade entre mim e Sara.

Enquanto tentava não prestar atenção nos remédios invadindo suas veias, Nick colocou todo o almoço para fora. John tentava entretê-lo com assuntos sobre música.

Nick encostou a cabeça no recosto da poltrona e ouviu com atenção as aventuras do seu amigo.

John era empolgante e conseguia cativar qualquer um que permitisse ouvi-lo por alguns segundos.

Eu analisava todo o contexto e tentava não me emocionar com o que via. Eram apenas crianças, mereciam estar em qualquer outro lugar que não fosse aquele. Crianças são tão inocentes que conseguem planejar o futuro mesmo correndo o risco de não haver um. Pensar aquilo me aterrorizava de tal maneira que fazia meu coração se comprimir.

Eu queria a todo tempo estar ao lado do meu irmão. Não sentia conforto em ter que me afastar dele, mas era preciso. Eu estava há dias longe da empresa e mesmo sendo difícil, eu precisava voltar à minha rotina de trabalho.

Tio Silas e eu chegamos à conclusão de que já havia passado da hora de contratarmos alguém para cuidar de Nick. Eu não queria uma babá. Queria alguém que entendesse sobre o que estávamos lidando. Queria alguém que compreendesse toda a nossa proteção.

Lili sugeriu Bárbara, que além de ser uma pessoa incrível, era também enfermeira. Seria perfeito exceto por um pequeno detalhe. Era tia

da Cami. Por um tempo, cogitei procurar outra pessoa, mas a quem queria enganar? Em questão de dias todos saberiam a batalha que estávamos travando.

Quando conversamos com ela e contamos o que estávamos enfrentando, tanto meu tio quanto eu sentimos que deveria ser ela. Bárbara transmitia algo tão bom que não hesitamos em contratá-la. Ela começaria na próxima segunda, o dia da minha volta para a empresa. Mas enquanto esse dia não chegava, eu aproveitava todo momento com Nick. Como tinha prometido, vesti uma roupa bem leve, calcei uma sandália confortável, ajeitei a cesta com tudo o que tinha de mais gostoso e partimos para o piquenique.

— Um belo dia para descansar, não acha? — Sara tirou os sapatos e sentou na toalha que forramos. Me liberei das sandálias e me juntei a ela enquanto os meninos caminhavam sobre o gramado.

— Nick falou tanto sobre esse piquenique que acho que chegou a sonhar. — Respirei fundo, deixando que o ar puro entrasse em meus pulmões.

— Tem sido dias difíceis, não é mesmo? — Assenti. — Gostaria de dizer que com o tempo você acostuma, mas não é bem assim. — Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Você nunca acostuma com a possibilidade de perder quem mais ama. — Eu a entendia. Eu não era mãe, mas havia perdido os meus pais e estava correndo o risco de perder também meu irmão. — Mas quando há riscos de viver dias contados, você passa a querer aproveitar cada um deles. Cada segundo. Temos duas alternativas, Anne. Nos escondermos atrás da dor ou encará-la. No final, o que vai ter valido são as emoções que sentimos e os momentos que eternizamos — suspirou. — Às vezes eu paro e penso: se eu morrer agora, eu vou feliz? — Umedeceu os lábios. Senti como se tivesse engolindo cubos de gelo. O que descia pela minha garganta era frio e queimava ao mesmo tempo. — Eu corro o risco de perder o meu filho, mas sou grata por ainda tê-lo ao meu lado e poder proporcionar a ele alegria das quais nunca irei me arrepender.

— Queria poder ser assim. — Eu encarava aquela imensidão de verde ao meu redor tentando processar as palavras que saíram de sua boca. — Mas não consigo. Sempre que lido com situações difíceis, eu me torno a versão mais amarga de mim.

— O que é um desperdício. — Voltei o olhar para o dela. Seus olhos azuis me encaravam com doçura. Seu tom de voz transbordava empatia. —

Você é incrível. Não deveria privar o mundo de todos os amores que pode emitir. Com certeza seu coração não é do tamanho de uma amora. — Sorriu. — Ele é enorme. E nele cabem tantos amores. Não se prive de estar ao lado de pessoas, não se anule de viver emoções, mesmo que às vezes elas não sejam tão boas. Viver é esse turbilhão de sensações. Nós não controlamos tudo. Não estamos isentos de dor, mas podemos decidir o que deixaremos ela fazer de nós. — Cada palavra que saía de sua boca me mostrava o quão equivocada eu vinha sendo. — Não pode se deixar definir pelo que te feriu. Você é muito mais do que aquilo que a dor fez de você. — Seu discurso sincero e sentimental conseguiu me emocionar, mesmo eu tentando fingir que não.

— Obrigada.

— Mas mudando de assunto. — Vi um sorriso ganhar forma em seus lábios, alguma coisa me alertava de que seu próximo levantamento seria um tanto pessoal. — O que rola entre você e o doutor? — Mesmo minha consciência tendo previsto tal assunto, ainda assim me senti surpresa.

— Como assim? — Raspei a garganta na tentativa de ser convincente. — Não há nada entre nós. — Ela jogou o cabelo de lado e analisou minhas expressões, senti meu rosto arder.

— Não é bem o que o olhar de vocês dizem. — Ela não se contentaria com uma resposta automática. Tinha certeza disso

— Amor de adolescentes — disse de uma só vez. — Paixão que eu tratei de colocar um fim após a morte dos meus pais. — Ela estava boquiaberta com a minha sinceridade. — Na verdade, eu afastei todo mundo. Não sei lidar com a dor da forma com que a maioria lida.

— Não há um manual de instruções.

— Afastei minha melhor amiga na esperança de que ela me deixasse no meu mundinho de luto. Feri Dominic a ponto dele querer ir embora. E magoei uma das únicas pessoas que esteve comigo desde então. — Não tinha como não lembrar do Ian. — É isso. — Dei de ombros. — Acho que eu sou um caos ambulante.

— Todos nós somos uma bomba prestes a explodir. O que faremos após a explosão é a verdadeira questão.

— Acho que faz sentido.

— Sabe, desde a descoberta do câncer até o dia de hoje foram tantas coisas. As pessoas ao meu redor me deram forças. Meus amigos, meu marido. Ninguém se estabiliza sozinho. Precisamos de pessoas que nos

lembrem o quanto é incrível estarmos vivos. E o quanto a nossa jornada pode valer a pena.

— Dominic me alertou sobre isso. Mas, como sempre, não dei ouvidos.

— Nunca é tarde pra mudar de ideia.

— Às vezes eu acho que é sim.

— Então isso só mostra o quanto está enganada. Sobre muita coisa.



Vinte e Um

A Sala de Super-Heróis

Nick ainda estava dormindo quando saí. Deixei todas as instruções para Bárbara. Coisas que ela já estava cansada de saber, mas que, por precaução ou medo, fiz questão de repetir várias e várias vezes.

Eu tentava me desprender de todos os assuntos pessoais enquanto enfiava a cara nas papeladas acumuladas que Luíza fez questão de imprimir.

Todas as reuniões estavam em dia. Ian cuidou perfeitamente de tudo, mesmo sem saber o que eu vinha enfrentando.

— Posso entrar?

— Já entrou. — Ian estava com a metade do corpo para dentro, o que facilitou sua entrada.

— Só queria dizer que não há pendências. Trabalhei dobrado, mas me certifiquei de que não ficasse nada em aberto. — Ele sentou na cadeira à minha frente.

— Obrigada.

— Bem, por que o sumiço? — Eu sabia que sua discrição não duraria muito.

— Foi preciso. E já aviso que às terças e quintas não estarei presente.

— Uma ruga de preocupação formou-se em sua testa.

— Mas por quê? O que houve? — Não estava em meus planos ter que contar a ele, mas eu sabia que mais cedo ou mais tarde Ian descobriria.

— Olha, Ian — hesitei.

Eu não sabia ao certo como falar aquilo.

— O que houve? — Mordi o lábio inferior. — Está me assustando.

— Nick está doente.

— Mas o que ele tem? — Seus olhos transpareciam preocupação.

— Câncer — falei sem rodeios.

Ele estava boquiaberto. A palidez tomou conta do seu rosto.

— Anne... — Supus que suas palavras se perderam em meio ao caos dos seus pensamentos. — Sinto muito

— Eu também. — Eu tentava a todo custo segurar minhas emoções instáveis. Não queria me mostrar fraca ou perdida. — Nick tem leucemia. Já iniciamos a quimio. Por mais que eu tenha contratado uma enfermeira, eu prefiro estar ao lado dele. Por isso preciso me ausentar com frequência.

— Claro. — Engoliu a seco. — Eu garanto que não marcaremos nada importante. Eu mesmo vou cuidar para que nada na empresa te atrapalhe quanto a isso.

— Obrigada. — Assentiu.

Acredito que a maior vontade de Ian naquele momento era me envolver em seus braços, mas não dei abertura para que o fizesse.

— Saiba que pode contar comigo pra qualquer coisa. Não importa para o que seja. — Assenti.

— Obrigada por isso também. — Me lançou o seu sorriso mais confortante e se retirou. Naquele momento lembrei do que Sara havia falado. E do quanto eu só conseguia fazer o contrário.

Eu sempre fazia tudo errado.

Nas horas que seguiam mal consegui focar no trabalho. Não vou mentir, Nick tomava conta da maior parte dos meus pensamentos.

A cada dia que chegava à empresa, tudo o que eu mais fazia era contar as horas para poder voltar para casa.

— Boa noite. — Assim que pisei na cozinha, notei o quanto meu tio estava entretido conversando com Bárbara.

— Oi, meu bem. Boa noite. — Tinha um brilho reluzente em seus olhos. E a sua voz era leve e descontraída.

— Boa noite, Anne. Nick já está na cama. Alimentado e de banho tomado.

— Você é mesmo um anjo daqueles. Não acha, tio? — Rapidamente a coloração da sua pele mudou. Suas bochechas vermelhas mostravam o quanto eu o havia pego desprevenido. Eu gargalhava por dentro enquanto tentava segurar o riso por fora.

— Sim. Acho. — Bárbara o retribuiu com um largo sorriso que para mim significava muito mais do que um simples “obrigada”.

— Bem, vou subir para dar um beijinho nele, antes que pegue no sono. Com licença. — Eu os deixei entre sorrisos e conversas e fui matar a saudade do meu pequeno.

— Oi. — Assim que abri a porta, ele me recebeu com seu sorriso mais doce que tinha.

— Oi.

— O que está fazendo? — Ele estava deitado com o *tablet* nas mãos.

— Conversando com John. Ele já me mostrou todo o quarto dele. — Me joguei na cama ao seu lado.

— Oi John. — Do outro lado da tela, ele me lançava um sorriso alegre e gentil.

— Oi, Anne. — Acenou para mim. — Já conversamos sobre tudo o que você pode imaginar. Apresentei meu quarto para o Nick.

— Sério? Então vocês estão um bom tempo fazendo companhia um para o outro.

— Sim. Estava muito enjoado e cansado hoje. Nick me ligou e eu esqueci um pouquinho que estava passando mal. Um pouco melhor, apesar do jantar não ter parado no meu estômago. — Mesmo não se sentindo bem, a energia que John transmitia era a melhor que poderíamos receber.

— Bem, quando você se sentir melhor, pode vir aqui em casa passar uma tarde com Nick. — Creio que, por alguns segundos, eles esqueceram que não estavam tão bem assim e deram um pulo na cama. A felicidade saltitava dos dois.

— Vou pedir para minha mãe.

— Tomara que melhore logo — desejou Nick.

A ingenuidade das crianças é infinita. Eles ainda esperavam por dias melhores para aproveitar os minutos que poderiam ter um com o outro.

Eu os deixei empolgados conversando e fazendo planos para uma tarde juntos e corri para o meu banho.

Ao sair enrolada na toalha, me joguei sobre a cama. Fechei os olhos e apreciei o silêncio por alguns longos minutos. Até ser interrompida pelo som do celular.

Uma notificação do *WhatsApp*, deduzi que fosse Sara para falar sobre o meu convite, mas a mensagem vinha de um número que não estava salvo em minha agenda telefônica.

"Eu imaginei que não salvaria meu número,
então a montanha
mais uma vez decidiu ir até Maomé.
Só passei para desejar boa noite.
Beijos, Dom "

Cogitei bloquear ou simplesmente apagar. Mas já estava saturada de tantos joguinhos infantis. Ele era o médico que acompanhava de perto o meu irmão. Não tinha porque querer mantê-lo longe.
Respirei fundo e digitei:

"Contato salvo.
Boa noite."

Apertei o enviar, sem pensar muito.

Eu sei o que você está pensando. Eu poderia ter sido mais amável, não é mesmo? Mas naquele momento, não consegui ser. Não ainda. Mas já era um progresso. A Anne radical não teria sequer cogitado responder.



Dias de quimio eram sempre os mais apreensivos. Tinha tantos motivos em questão. Nick ficaria mal e vê-lo mal destruía as minhas emoções.

Tio Silas insistiu várias vezes para levá-lo, mas meu coração diminuía só com a possibilidade de estar ausente. Não era cogitável me ausentar em momentos como aquele. Então concordamos que iríamos os dois.

Me confortava saber que não importasse qual fosse o vendaval, meu tio estaria ali para ser o meu abrigo. No fim, a vida é sobre quem você é e sobre as pessoas que escolhe para estarem ao seu lado.

Combinamos que iríamos juntos. Acredito que meu tio animaria muito mais os meninos do que Sara e eu. Aquilo era uma certeza.

Até o momento, Nick ainda não tinha colocado o almoço para fora e as gargalhadas de John podiam ser ouvidas do corredor.

Meu tio usava a imaginação para contar histórias das quais eu jamais cogitaria inventar. Não tinha a memória tão fértil quanto a dele.

— Vejo que está tudo bem divertido por aqui hoje, não é mesmo? — Estremeci.

Fazia algum tempo desde que nos reencontramos e meu coração parecia não ter se acostumado ainda com a presença dele. E pelo visto, o meu estômago também não. Nem todos os sorvetes do mundo estariam mais gelados que a frieza em minha barriga. Me sentia uma adolescente toda vez que Dominic se aproximava. E não fazia ideia de por quanto tempo mais conseguiria levar toda aquela firmeza adiante.

— Tio Silas é muito engraçado! — disse John entre gargalhadas.

— Você que é um amor. — Meu tio acariciou a cabeça de John.

— Tio Silas é extremamente necessário nos dias de quimio — brincou Sara.

— Olha, tio Silas arrasando os corações desses pequenos. — Dom cruzou os braços e esboçou um sorriso angelical. — Isso é muito importante pra eles.

— Bem, então a partir de hoje estarei presente nas sessões de quimio. O que acham? — Os meninos vibraram sem conseguir controlar a alegria e a euforia.

— Oba! — Sara deixou escapar enquanto batia palma.

Era nítido o quanto meu tio fazia bem às pessoas. Um homem admirável.

— Bem, pelo visto vocês estão muito bem hoje. Vou poder tirar meus quinze minutos pra comer alguma coisa rápida e volto. — Dom umedeceu os lábios. — Me acompanha, Anne? — Seu olhar era muito mais convidativo do que a sua voz.

— Não vai dar, Nick está em...

— Sara e eu cuidaremos de tudo aqui — meu tio me interrompeu antes que pudesse concluir minha resposta negativa.

— Mas...

— Não tem ‘mas’. Estamos dando conta desses garotões. — Sara parecia estar no complô organizado pelo meu tio.

Os meninos me indagavam com o olhar, me obrigando mentalmente a aceitar o convite.

— Tudo bem. — Era impossível recusar, devido a tanta insistência. — Eu vou. — Me dei por vencida.

— Não vai arrancar pedaço — disse ele ao fechar a porta. — Prometo. É só um café.

— Não sei se você lembra, mas o último não deu muito certo.

— Vou dar um desconto e levar em conta que você ainda estava se recompondo do fato de eu ter voltado pra sua vida. — O ar convencido pesava em seu tom de voz.

— Olha... Alguém resolveu vestir convencimento por debaixo do jaleco — ironizei e um sorriso astuto se formou no canto de seus lábios. — Vamos, antes que eu resolva dar meia volta.

Na lanchonete do hospital, me sentei de frente para ele.

— Me acompanha?

— Apenas café — disse.

— Tudo bem. — Ele fez o pedido à garçonete e minutos depois ela voltou com um pedaço de empadão e duas xícaras de café.

Enquanto Dominic despejava o açúcar, eu levava a xícara até a boca. Ao bebericar meu café, notei seu olhar espantoso sobre mim.

— Meu tio faz a mesma cara. — Com as sobrancelhas unidas, afastou minimamente os lábios enquanto me encarava com espanto. — O que foi? — Deixei escapar um sorriso. — O café é muito melhor sem açúcar. Você consegue sentir o sabor verdadeiro dele.

— Prefiro o sabor que sempre sinto. — Seu tom de voz incrédulo me fez deixar escapar uma gargalhada tímida.

Eu beberiquei novamente meu café e fazia isso mantendo os meus olhos sobre os dele, que fazia questão de não desviar o olhar.

— Por que está me olhando assim?

— Bem, eu fiz você sorrir de alguma forma. Pode apostar, ganhei meu dia. — Ele tinha razão. De certa forma, eu estava me desprendendo de algumas armaduras.

— Então, o que fez durante todos esses anos? — desconversei.

— Bem, estudei, estudei e estudei.

— Somos dois.

— Não teve algo a mais? — Dei de ombros. Uma parte de mim sabia sobre o que ele se referia. Mas a outra parte preferia deixar o meu passado onde deveria estar.

— Nada de importante.

— Anne, eu sei que não estamos em um momento oportuno, mas...

— Umedeceu os lábios e me encarou com olhos carregados de sentimentos.

— Sei aonde quer chegar, mas a minha resposta sempre vai ser a mesma, Dom. A mesma que dei na noite em que me beijou. — Recolheu os ombros.

Relembrar aquilo era como esfaquear novamente nossos corações.

— As coisas não precisam ser dessa forma, Anne.

— Mas eu não sei fazer de outra maneira.

— Eu não acredito nisso. Você é de outra maneira. Mas prefere vestir um personagem que não lhe cai bem.

— Nesses sete anos, eu me envolvi com uma pessoa incrível. — Era quase impossível não mencionar Ian e tudo o que fiz a ele. — Ele é excepcional. Em tudo. — Seu olhar era minucioso. Posso garantir que vi uma ruga de expressão aparecer em sua testa quando mencionei o fato de ter estado com outra pessoa. — É quase impossível não se apaixonar por ele. Por seu jeito de falar, de sorrir ou até mesmo de fazer uma piada sem graça, fora de hora — falar de Ian me fazia bem e foi aí que comecei a perceber que a companhia dele também me fazia feliz. Eu só nunca dei valor a isso.

— Mas eu o usei e o descartei, como uma criança mimada que descarta seus brinquedos já usados.

— Seu namorado — cogitou

— Essa palavra é muito forte. — Encarei o líquido escuro na xícara e logo voltei a atenção para ele. — Tínhamos um acordo. Aproveitaríamos a companhia um do outro, desde que não houvesse sentimento.

— Não se apaixonou por ele? — Dominic se mostrou interessado nessa parte torta da minha vida

— Ian é apaixonante. — Seus olhos semicerrados mostravam seu desconforto. — Mas não, eu não me apaixonei por ele. — Beberiquei o meu café. — Na verdade, eu só me apaixonei uma única vez. — De repente seus olhos foram tomados por um brilho. Vi a esperança dilatar suas pupilas. — Mas isso ficou no meu passado. — Desfez o sorriso que começava a surgir. Eu precisava ser franca ou pelo menos fingir que estava sendo. — Eu não desenterro passados.

— Anne...

— Não, Dominic. Eu posso lidar com várias coisas, mas não posso lidar com o fato de magoar mais alguém. — Umedeceu o lábio inferior. — Sinto muito. É a minha bagunça e por enquanto ninguém está sendo bem-vindo nela. — Levantei. — Obrigada pelo café. — Deixei-o sozinho com o peso de todas as minhas palavras.

A minha vida já estava complicada demais para deixar coisas do passado ressurgirem.



Eu podia contar nos dedos as horas que dormia durante a semana. Estava cansada, mas não conseguia descansar. Os dias foram corridos e exaustivos.

Enquanto tio Silas alegrava as tardes no hospital, eu fingia que Dominic era uma espécie de homem invisível. Mesmo que a presença dele

fosse algo impossível de passar despercebida.

Discretamente, eu notava os olhares de Sara sobre mim, quase cruzando os dedos para que eu enfim decidisse me jogar nos braços do médico bonito, como ela costumava dizer.

A cada dia ficava mais difícil fingir que não sentia meu coração em chamas quando Dom se aproximava. Cada dia que passava eu controlava menos os efeitos que os olhares dele me causavam. Tentava ser rude, na esperança de que ele resolvesse me deixar em paz e desistisse de tentar provar para mim que eu era equívoco da cabeça aos pés e que tudo o que sentia por ele ainda estava bem vivo no meu interior.

Em casa, eu andava pelos cantos tentando reorganizar a minha mente confusa e aflita. Eu não tinha tempo para viver um amor literário. Aquilo estava fora de cogitação. Não quis viver um romance antes, não seria naquele instante que decidiria fazer diferente.

Dei duas leves batidas na porta e entrei.

— Alguém acordado? — Eu amava os sorrisos que Nick dava toda vez que me via. Os nossos encontros eufóricos na escada foram substituídos por minha visita ao seu quarto.

— Estava conversando com John.

— Sério? E falavam sobre o que?

— Várias coisas. — Me livre das sandálias e me acomodei na cama. Nick deitou com a cabeça em meu peito. E como de costume, acariciei seus cachinhos castanhos e belos. Sempre que fazia isso, lembrava o quanto o papai dizia amar o formato do cabelo do meu irmão.

— Senti saudade.

— Eu também. — A felicidade do aconchego deu lugar a um aperto no peito. Na boca, senti um gosto amargo.

— Nick... — Eu queria ter dito outra coisa. Mas era como estar em um daqueles pesadelos onde a voz não consegue passar garganta afora.

Eu encarava a minha mão com um peso enorme. Mais precisamente encarava a mecha de cabelo que havia ficado nela.

— Já tem uns dias. — Ele já sabia do que se tratava. — Começou aos pouquinhos. — Mesmo estando sempre confiante e nunca se abatendo, senti sua voz pesada. Uma pitada de tristeza pairava sobre o olhar dele. Tentava se manter firme, mas era apenas uma criança de dez anos. Seus lábios tremeram ao falar. — Era sobre isso que estava falando com John. Ele garantiu que eu ficaria incrível de bandana e prometeu me dar uma. — Senti

meus olhos encharcarem, mas respirei fundo. Eu não queria transparecer tristeza. Não queria que ele me visse com medo.

— Você vai ficar lindo. — Envolvi-o em um abraço.

— John disse que cortou o cabelo no hospital. Quero fazer isso amanhã. E ele prometeu estar lá comigo. — Assenti.

— Vai ser do jeito que você quiser. — Abracei-o ainda mais apertado.

Nas horas seguintes eu o enchi de abraços, beijos e carinho. Nick precisava se sentir amado. E eu tinha amor de sobra para oferecer a ele.

Durante o câncer, por mais que você ache que já viveu a parte extrema, sempre tem algo difícil a ser vivenciado. Algo que você precisa aprender a lidar. Seus cachinhos partiriam no dia seguinte. E eu torcia para que ele não se deixasse abater. Torcia para que ainda continuasse com a sede de viver que tinha. Com o brilho de sempre no olhar e todas as esperanças no peito.

Quando pegou no sono, ajeitei-o e antes de sair, dei um beijo em sua testa.

— Eu te amo — sussurrei.

No jantar, meu tio garantiu que iria na quimio. Ele queria estar lá. Mais do que qualquer outro dia, Nick precisava de nós. Nosso menininho precisava de todo carinho possível. E nós daríamos isso a ele.

Eu mal fechei os olhos naquela noite.

No caminho para o hospital, eu tentava assimilar o que aconteceria nas próximas horas. Queria me manter firme e emocionalmente bem. Queria transparecer confiança por ele. Mais do que querer, eu precisava.

Sara e John chegaram antes da quimio começar.

— John estava empolgado para entregar o presente que comprou para o amigo — disse Sara ao se aproximar.

— Oi, amigão. — John correu para abraçar meu irmão. — Comprei isso pra você. — Ele segurava um embrulho em uma de suas mãos e com empolgação o entregou ao meu irmão.

— Obrigado. — Ao abrir, vi seus olhos brilharem. — Eu amei! — Meu irmão o envolveu em outro abraço apertado. — É linda! — Nick nos mostrou o presente com orgulho. Era uma bandana azul marinho com estampas de instrumentos musicais.

— Tentei achar da mesma cor que a minha, mas não tinha

— É perfeito!

— Obrigada — balbuciei para Sara, que olhava emocionada para os dois.

— De nada. — Li em seus lábios.

Enquanto fazia a quimio, Nick segurava o presente em suas mãos. Não queria desgrudar do que havia ganhado.

Meu tio contou várias e várias histórias que distraíam os meninos de tal maneira que eles mais pareciam estar em um teatro do que em um hospital.

— A cada dia que passa, vocês ficam ainda mais incríveis. Estou impressionado. — Não me lembro de ver Dominic sem o sorriso largo no rosto. Não havia uma criança naquele hospital que não ficasse feliz em sua presença.

— Vou raspar a cabeça hoje. — Meu irmão parecia bem diferente da criança da noite anterior. Sara tinha razão. Nos cercamos de pessoas que nos amam fazia toda a diferença.

— Sêrio? — Assentiu.

Dom se aproximou dos meninos.

— Então você vai conhecer a sala dos heróis? Já vou logo avisando, todo mundo que volta de lá sai ainda mais bonito e estiloso.

— Assim como eu. — John apontou para si, levando todos a gargalharem. Ele era espontâneo, amável e contagiante. Os dias de Nick ficavam mais alegres ao seu lado.

— Sim, tão belo quanto você. — O fato de todos presentes encararem tudo de forma leve fazia com que meu irmão visse tudo com outros olhos.

Minutos depois, a hora de dizer adeus aos cachinhos do meu irmão havia chegado. Ao entrar na tal sala de heróis, Nick se maravilhava com quadros de super-heróis sem cabelo. Até mesmo a mulher maravilha fazia parte do time. O barbeiro responsável por cortar o cabelo das crianças do hospital trajava o uniforme do Capitão América. E em sua cabeça também não havia cabelo algum. Algo que ele mesmo tinha optado, para deixar os pacientes mais confortáveis. Foi uma das coisas mais altruístas que já vi na vida.

Ansioso com o novo visual, Nick sentou na cadeira com um sorriso largo estampado no rosto.

— É hoje que você fica mais bonito — brincou John.

Meu tio demonstrava confiança, Nick entusiasmo e eu fingia estar bem enquanto me despedaçava por dentro. Aquilo era tão estranho. De certa

forma, era impossível pensar que poderia ser bom. Eu tentava a todo custo esconder o pânico. Não podia de forma alguma deixar transparecer tudo aquilo que me assolava.

Enquanto seu cabelo caía pelo chão, meu irmão não parava de tagarelar.

Cruzei os braços na altura do peito enquanto minha perna sacudia involuntariamente, fazendo todo o meu corpo balançar.

— Estamos parecidos! — gritou John, pulando para abraçar Nick assim que o som da máquina de cabelo parou.

Na sala, Nick foi aplaudido por todos.

— Você está lindo — falei ao abraçá-lo logo depois de John ter finalmente o soltado.

— Eu quero fotos com todos esses quadros — pediu com um sorriso peralta. Meu tio pegou o celular do bolso sem pensar duas vezes e disse:

— Vamos tirar muitas fotos. — As crianças pularam vibrando. E enquanto meu tio fazia a vontade deles, eu relutava com a minha mente.

O novo visual do meu irmão, seus cachos sendo varridos do chão, o cheiro de hospital e a bandana sendo amarrada em sua cabeça. Senti um nó se formar em minha garganta. Eu precisava respirar, mas ali era quase impossível.

Meu olhar se perdia na imensidão daquela sala, minha mente ecoava. Senti um peso cair sobre meus ombros. O fardo de tentar ser forte sempre estava me consumindo. Desde o diagnóstico da leucemia, eu vinha tentando anular meus sentimentos e todo o meu medo, me obrigando a levantar da cama como se tudo estivesse bem. A imagem de Nick sendo fotografado passava como em câmera lenta por meus olhos. Eu mal ouvia o que todas aquelas vozes diziam sem parar. No peito, meu coração batia como um enredo de escola de samba. E doía.

— Eu volto logo. — Foram as únicas palavras que consegui formular.

Meu tio assentiu. Acredito que ele deve ter notado o quanto eu precisava de ar.

Aérea, caminhei até a porta.

Do lado de fora da sala, andava de um lado para o outro no corredor, tentando aquietar meu interior gritante.

Tinha a impressão de que meus pulmões rejeitavam todo ar que tentava oferecer a eles. Não sei se já aconteceu com você, mas já teve a sensação de que morreria sufocado? Porque eu estava tendo e era péssima.

Encostei na parede com os olhos fechados, na esperança falha de tentar acalmar a tempestade dentro de mim. Sem sentir minhas pernas, deixei que meu corpo deslizasse até o chão. Com o rosto enterrado nos joelhos, os soluços ganhavam vida. Deixei que finalmente se libertassem. Eu já não aguentava mais guardá-los dentro do peito. A superlotação de medo fez com que mais nada pudesse caber dentro do meu peito. Então eu deixei que escapassem por meus olhos tudo aquilo que jurava não sentir.

Meu rosto ardia assim como toda parte do meu corpo. Havia mil vulcões em erupção no interior da minha pele.

Quanto mais eu me permitia chorar, mais lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Anne? — Mesmo sem coragem, levantei a cabeça. Dom me encarava intrigado, como se tivesse acabado de ver algo extremamente incomum. E de fato era.

Eu não pensava em nenhuma outra coisa que não fosse arrancar aquele sentimento de dentro de mim. Sem pensar, me levantei do chão e em soluços me joguei nos braços dele. Quanto mais eu o apertava contra meu corpo trêmulo, mais o desespero me tomava.

— Tudo bem, Anne. Eu estou aqui — sussurrou em meu ouvido. Sua mão afagava minhas costas enquanto eu enterrava meu rosto molhado em seu ombro.

Não era como se todos os meus problemas fossem desaparecer em um passe de mágica, mas eu podia chorar nos seus ombros e, naquele instante, era tudo o que eu precisava.



Vinte e Dois

O Passado Ainda Está Presente

Não importa o quão forte você se considere, uma hora irá desabar. Todas as pessoas desmoronam um dia. Nós não somos inabaláveis. Passamos tanto tempo venerando personagens incríveis do cinema que por vezes acreditamos ter algum tipo de superpoder também.

— Não é errado chorar de vez em quando. Isso não faz de você um bobo da corte. — Foi a primeira coisa que Dom me disse assim que me sentei no pequeno sofá de couro preto.

O encosto gélido petrificava minhas costas. Eu parecia muito mais aqueles animais empalhados do que alguém vivo de verdade.

Meus olhos percorriam toda a sala de cor cinza deprimente e me dei conta de que era a primeira vez que visitava seu consultório.

Eu, de fato, imaginei que, uma hora ou outra, isso aconteceria. Só não cogitava o quão rápido poderia ser.

Entre suspiros, ele se acomodou ao meu lado.

— É estranho quando você se dá conta de que tudo o que fez até agora foram os atos mais equivocados que poderia cometer. — Sequei a última lágrima insistente.

Eu balançava a cabeça negativamente ao lembrar cada ato que fiz e reprovava-me em pensamento.

— Não é fácil perceber a péssima pessoa que conseguimos ser. — Fungava a cada palavra, tentando fazer com que meu nariz se controlasse tanto quanto meus olhos.

— Todos nós cometemos loucuras em algum momento. — Sua voz mansa era tão afável quanto sua presença. — Nós vamos falhar algumas vezes, dizer coisas horríveis e magoar pessoas. Só não podemos fazer disso um hábito. Não pode mudar o que já passou, mas tem a oportunidade de fazer diferente.

— Olha pra mim. Se o fim do poço tem uma cara, com certeza é a minha. — Com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, seus olhos procuravam pelos meus.

— Todo mundo passa por dias nublados. O temporal aparece para todos. E nós optamos por procurar abrigo ou dançar na chuva. E não é errado alternar entre essas duas escolhas ao longo da vida.

— Não deveria ser tão cordial assim. — Dado a tudo o que fiz a ele até aqui, eu deveria ser a última pessoa a ser tratada com tamanho afeto.

— A forma com que trato as pessoas nunca dirá respeito a elas e sim a mim. — Os fios do seu cabelo não tinham uma direção certa a seguir. Sua barba por fazer dava-lhe um charme totalmente singular. Charme ao qual eu tentava desesperadamente me esquivar a todo custo. Não havia nada que pudesse abalar sua beleza, mas vestido em seu jaleco branco, ele conseguia ser ainda mais belo do que em qualquer outro traje.

— Te devo desculpas. — Admitir aquilo era como engolir arames farpados.

— Acho que não sabe, mas já faz um tempo que a desculpei.

— Não o culparia por me odiar.

— Odiar você nunca foi uma opção. — Eu estava tão envolvida na vivacidade de seus olhos que só me dei conta da proximidade entre nós ao sentir sua mão tocar a minha.

Todo o meu corpo entrou em estado de alerta. De repente, era como se minha alma solitária encontrasse um lugar em que poderia se abrigar.

— Eu sei o quão inoportuno possa ser, mas... — Ele passou a língua lentamente por seus lábios, umedecendo-os. — Aceita jantar comigo hoje? — Ele estava coberto de razão, não havia momento mais inoportuno para um pedido como aquele.

— Às oito? — Meu consciente se rendeu aos pequenos resquícios de sentimento.

Boquiaberto, acredito que em momento algum passou pela cabeça dele que seria tão fácil receber uma resposta positiva.

Acho que é isso que acontece quando se está exausto o suficiente para nadar contra a correnteza. Você simplesmente abre os braços e permite que a água te leve. Aonde eu iria desaguar? Bem, essa era uma pergunta a qual eu não queria responder no momento.

— Às oito. — Assentiu muito mais com o sorriso surpreso do que com o balançar da cabeça.

Mais calma e com os pensamentos em ordem, voltei para junto da minha família. Com toda a sabedoria que carregava dentro de si, meu tio me abraçou apertado ao invés de fazer qualquer tipo de indagação. Eu deveria ser muito mais grata só pelo fato de ainda tê-lo ao meu lado.

Ao chegar em casa, Nick optou por assistir filmes de animação enquanto descansava em seu quarto. Tio Silas garantiu que teria muita pipoca e chocolate.

Enquanto Lili preparava a pipoca, meu tio e Bárbara se encarregavam de encher a bandeja de bolo e biscoitos.

Eu não era expert em relacionamentos, mas a forma com que Bárbara e meu tio se entreolhavam me fazia perceber certo afeto pairando no ar.

— Não quero ser a chata da vez, mas...

— Já sei. — Tio Silas sorriu, tentando disfarçar todos os quitutes que havia colocado na bandeja. — É só hoje, vai. Vamos alegrar a tarde de uma criança — brincou.

— Não se preocupe, Anne. Vou me certificar de que ele não jogue a dieta do Nick pelo ralo. — Bárbara sorria tanto com os lábios quanto com os olhos. O que era tão raro quanto ursos pandas. Alguma coisa nela me fazia lembrar tia Ester. E algo dentro de mim tinha quase certeza de que meu tio pensava da mesma forma.

— Confio em você para me ajudar nessa árdua missão — brinquei.

— Por falar em árdua missão... — Tio Silas era tão bom quanto eu em mudar de assunto. — O que fará hoje à noite envolverá trabalho como sempre? — Acredito que seu instinto deve tê-lo alertado sobre os meus planos.

— Na verdade, vou jantar fora.

— Já sei. Fez as pazes com Ian. — Ele pegou a vasilha com pipocas que Lili havia preparado e adicionou uma pitada de sal.

— Não. — Eu tinha total certeza de que ele não acreditaria na minha próxima resposta. — Dominic me convidou. — Seu semblante mudou por completo. Olhos arregalados, sobrancelhas arqueadas e um ar surpreso. — E eu aceitei. — Tanta informação o deixou perplexo.

— Está falando sério? — Lili e Bárbara tentavam acompanhar nossas expressões.

— Vou tentar não voltar tão tarde. Prometo. — Ignorei por completo o ar interrogativo se formando em seu rosto, necessitando de mais respostas. — Bom filme pra vocês. — Eu ainda não estava pronta o suficiente para fazer daquilo um assunto a se debater. Eu preferi fingir que não havia dito nada e me retirar.

Deixei-lhes quebrando a cabeça, tentando entender quando eu havia mudado de ideia.

A primeira coisa que fiz ao ver minha cama foi me jogar sobre ela. Com as pernas penduradas, me liberei da sandália. Meus pés agradeceram pelo ato. E assim como minhas narinas, eles puderam respirar livremente.

A vida é mesmo uma montanha-russa gigante. Impossível prever o que acontecerá em minutos.

Eu formulava minha trajetória de vida enquanto encarava o meu companheiro fiel. O teto do meu quarto. É incrível como nada é imutável. Respirei fundo, fechando os olhos por alguns segundos, na esperança de engavetar toda a minha bagunça interna, quando senti o celular vibrar no bolso da minha calça.

Pela barra de notificações, li a mensagem curta que havia recebido.

“Use algo confortável. Descarte vestido e salto alto.”

Intrigante seria a palavra a ser usada. Sei que você deve estar se perguntando: Mas por quê? Fique tranquilo, eu também me perguntei isso mil vezes até a hora de começar a me arrumar. Dominic planejava algo que meus neurônios não conseguiam adivinhar.

Tudo bem

Respondi, sem deixar transparecer o excesso de curiosidade que ocupava a minha mente.



Banho tomado, maquiagem feita, perfumada e devidamente vestida. Com o alerta que havia recebido sobre como deveria me vestir, optei por calça de couro, coturno baixo e uma blusa branca de mangas bufantes. Confortável sem perder a elegância. Parecia ser o mais correto a vestir.

Eu retocava o batom quando ouvi três leves batidas na porta. Não precisava de muito esforço para prever a presença do meu tio.

— Pode entrar.

— Nossa! — Um sorriso largo enfeitava seu rosto. Seu olhar ia de encontro a cada detalhe da minha maquiagem simples e bem elaborada. — Você está incrível. — Sua fala tinha um peso emotivo indisfarçável.

— Estou bonita?

— Você está perfeita. — Com passos discretos, se aproximou e me acolheu em seu abraço da forma mais amável possível. Eu sabia que tal gesto tinha muito mais a dizer do que inúmeros discursos falhos.

— Obrigada.

— Não quero apressá-la, mas Dominic está na sala à sua espera. — Me olhava maravilhado enquanto recuava um passo.

— Já estou pronta. — Peguei a bolsa de couro sobre a cama e a pendurei no ombro.

— Vamos? — Estendeu-me o braço

— Obrigada, cavalheiro. — Com um sorriso brando, assentiu enquanto entrelaçava meu braço ao dele.

— Uau! — Nick deixou escapar ao nos ver surgir no alto da escada, fazendo com que Dominic voltasse a atenção para nós, colocando-se rapidamente de pé.

Seus olhos acompanhavam cada movimento meu. Dias antes, se você, caro leitor, me perguntasse o quão possível isso seria, te responderia que não tinha a menor chance de acontecer.

— Você está incrível. — Seu tom de voz demonstrava um deslumbre e me fez corar.

— Eu disse exatamente isso — brincou meu tio ao soltar-me.

— Obrigada. Você também não está nada mal. — Lancei-lhe uma piscadela. — Não durma tarde, rapazinho. — Nick assentiu empolgadamente.

— Aproveite bastante — desejou ele.

— Pode deixar.

— Só uma coisinha. — Dom apontou para a bolsa pendurada em meu ombro. — Será que pode deixá-la em casa? — Um pedido nada comum.

— O quê? Mas por quê?

— Não vai precisar dela.

— Mas se acontecer alguma coisa e meu tio precisar me ligar? E se...

— Se eu precisar falar com você, ligo para o celular dele. — Muito mistério para um simples jantar. Meu tio parecia saber direitinho de coisas que não passavam por minha cabeça.

— Regra número um da noite: Tire da sua cabeça a hipótese de que algo ruim poderá acontecer. — Ele tinha razão. Eu precisava me desconectar um pouco.

— Tudo bem. — Eu tirei a bolsa do ombro e a entreguei ao meu tio.

— Agora sim. — O tom de voz de Dominic parecia empolgado com o que estaria por vir.

— Divirtam-se — desejou meu tio ao nos acompanhar até a porta.

Ao passar porta afora, a corrente de ar fez com que meu corpo ficasse de prontidão, não tanto pelo vento frio, mas pelo fato de que aquela noite seria uma grande incógnita.

— Posso saber o que há de errado com vestidos, bolsas e salto alto?

— Absolutamente nada.

— E por que foram banidos do encontro de hoje? — Em passos curtos e vagarosos, caminhávamos até o carro.

— Digamos que eu queira apenas me encontrar com a Anne sem toda aquela armadura de empresária inabalável.

— Empresária inabalável? — Deixei escapar um sorriso inibido que o fez sorrir.

Ao chegar no carro, ele abriu a porta para mim. Passei o cinto de segurança ao redor de mim e o travei enquanto Dom dava a volta e entrava no carro.

— Então, para onde vamos?

— Cumprir uma promessa que fiz há um bom tempo. — Deu de ombros. — Você vai ver. — Eu tentei me livrar de todas as centenas de armaduras as quais havia esculpindo ao redor de mim por todos esses anos. Naquele momento, eu queria ser apenas a Anne.

— E que promessa seria?

— Vai ver. — Enquanto Dom dirigia, eu permitia que as cenas que aconteciam fora da janela daquele carro me capturassem. Casais passeando, amigos festejando e crianças correndo. Eu era uma grande apreciadora de momentos, mas já havia me esquecido por completo a emoção de vivê-los.

Minutos depois eu tentava entender para onde estávamos indo enquanto Dom entrava em um condomínio composto por casas belas e enormes.

— Há algum restaurante aqui?

— Vai depender do seu ponto de vista. — Estacionou o carro na garagem e ao descer, abriu a porta e estendeu-me a mão para que eu saísse

também.

— Obrigada. — Eu estava maravilhada com tamanha beleza exterior da casa. De fato havia sido perfeitamente planejada. Como uma louca apaixonada por arquitetura que sou, não deixei que detalhe algum passasse despercebido.

— Bem-vinda à minha casa. — Abriu a enorme porta de madeira. Assim que entrei, a beleza dos lustres chamou minha atenção. Eram tão belos quanto o restante da sala.

— É perfeito. — Essas duas palavrinhas ingênuas saíram pausadamente da minha boca. Era quase impossível um homem manter um lugar tão agradável morando sozinho.

— O nosso encontro acontecerá mais à frente. — Apontou para a enorme porta que dava acesso à sala de estar. Caminhei apressadamente, deixando-o para trás, tentando me alcançar.

Havia uma enorme mesa de jantar com lustres ainda mais belos acima dela. A sala de estar era dividida por um largo balcão que separava o ambiente da cozinha.

— Tem alguma coisa cheirando perfeitamente bem. — Caminhava em direção ao balcão, quando Dom se colocou à minha frente.

— Vai com calma. A comida hoje é pura arte.

— Vai cozinhar? — Com a voz carregada de descrença, Dom arqueou levemente a sobrancelha.

— Olha que eu posso te surpreender. — Puxei a cadeira e sentei, debruçando-me sobre o balcão.

— Surpreenda-me então. — Eu poderia apostar minhas fichas de que aquela tarefa estava fora do seu alcance.

Dom tirou o blazer e o pendurou em uma das cadeiras ao meu lado, estufou o peito e deu a volta no balcão.

— Vamos combinar uma coisa? — Com as palmas das mãos apoiadas sobre o balcão, levou o corpo próximo a mim. Seu perfume amadeirado invadia minhas narinas a ponto de deixar-me à mercê do meu olfato. Com o rosto tão próximo, seus olhos se mantiveram firmes ao meu. Corei ao perceber o quanto minha mente entregou de bandeja meus pensamentos mais descabidos.

Ao invés de manter a atenção para o que o seu olhar tentava me dizer, meus olhos miraram diretamente em cada centímetro de seus lábios. Tão escarlates e carnudos como sempre, me faziam voltar para a noite em

que o beijei pela primeira e única vez. Um sorriso que nascia no canto de sua boca, mostrava-me o quão certo estava sobre os meus reais sentimentos.

— Sim. — Tentei espantar as vozinhas insanas que insistiam em ordenar que eu o beijasse sem demora.

Senti minhas mãos umedecerem rapidamente ao perceber sua feição convencida a respeito de minhas atitudes que, por hora, falavam mais a meu respeito do que toda e qualquer palavra que já havia pronunciado até o presente momento.

— Vamos esquecer que existe um mundo lá fora. — Discretamente, passou a língua pelos lábios. — Vamos fingir que só existe o aqui e o agora. — Assenti.

Eu sabia o quão necessário seria. Precisávamos apenas de um momento sem as bagagens de tudo o que já havia nos ferido.

— Tudo bem. — Dom recuou alguns passos, pegou um avental preto que estava pendurado próximo à geladeira e colocou em seu corpo, amarrando-o nas costas.

— Eu adiantei uma parte da receita.

— E eu posso saber o prato do chefe?

— Você não tem boa memória mesmo, não é? — Meu semblante era tomado por uma interrogação atrás da outra enquanto meu cérebro tentava vasculhar lembranças antigas.

— Perdão, mas não vem nada em mente. — Dei de ombros.

— Biblioteca. — Tentou refrescar minha memória. — Você tentava me convencer de que pães de mel eram melhores do que qualquer coisa no mundo. Você se surpreendeu quando eu disse que sabia fazer o meu lanche favorito. Eu prometi que faria pra você.

— Espera... — As memórias daquele dia alertavam minha mente sobre o que Dom se referia. — Você lembrou disso? — Ele havia prometido cozinhar para mim em um momento futuro. Mas o que me deixou surpresa foi o fato dele ter se lembrado de algo tão pequeno.

— Na verdade, eu passei todo esse tempo esperando o momento em que cumpriria minha promessa.

— Empadão de frango! — Eu mais parecia uma criança matando charadas.

— Minha especialidade. — Se minha mãe estivesse ali, com certeza ela diria que tal ato era o mais formidável que alguém poderia receber. — Espero que goste. — Ele voltou a atenção para as panelas. Sem demora,

despejou farinha em uma vasilha e acrescentou vários outros ingredientes que ele mesmo nomeou como “o pulo do gato”.

Eu observava-o se locomover de um lado para o outro enquanto me contava anedotas da faculdade, fazendo-me rir até quase engasgar com o vinho que ele mesmo havia me servido.

— Devo confessar, sua trajetória no ensino superior é muito mais marcante que a minha.

— Será? — Montava a massa na travessa com tanto domínio que eu poderia jurar que aquilo fazia parte do seu cotidiano. — Acho que você só não olhou com outros olhos para tudo o que já viveu.

— Pode ser. — Dei uma golada no vinho.

— Me conta algo que a fez esquecer dos problemas. Mesmo que por poucos minutos. Não precisa ser sobre a faculdade. — Eu nunca tinha olhado a minha trajetória com esses olhos. — Será que consegue? — Sou muito mais como um desafio.

— Tudo bem. — Coloquei a taça sobre o balcão. Por uma fração de segundos me senti desapontada por ter que me forçar a pensar em algo extremamente descontraído. E então me dei conta de que passei sete anos da minha vida me enterrando em uma cova ao invés de viver como deveria. — Tem uma coisa, que por incrível que pareça, me fez esquecer do tumulto que minha vida estava. — Se fechasse os olhos, a primeira imagem que viria em minha cabeça seria Ian, escondendo sua arrogância no bolso da calça caríssima e correndo pelo corredor enquanto me puxava pelo braço. Deixei escapar um sorriso genuíno.

— Tenho certeza de que o que acabou de lembrar, vale a pena ser dito. Seu sorriso já entregou isso.

— Dois anos após a morte dos meus pais, a minha vida ainda estava de pernas para o ar. E talvez esteja até hoje — hesitei por alguns segundos. — Início da faculdade e eu só pensava na forma correta de deixar meus pais orgulhosos. Todo e qualquer ato que cometia, eu pensava: Será que eles se orgulhariam? — Ele me escutava atentamente. — Isso é deprimente, eu sei. Viver à sombra de quem não está mais presente fisicamente. E acho que essa foi uma das piores armadilhas que preparei para mim mesma. Eu estava tão cega. Eu tinha que lidar com o luto, a faculdade, em ser uma filha incrível e uma irmã perfeita.

Fiz uma pequena pausa, como quem busca o ar e continuei:

— Quando comecei na faculdade, Andréia começou a me mostrar o mundo da arquitetura. A casa dela era como o meu segundo lar. Eu passava tanto tempo naquela mansão que quase me esquecia que precisava voltar para casa. Os treinamentos, as aulas, tudo era incrível. A minha única missão era sobreviver ao filho dela, da mesma forma que tentava sobreviver aos piores professores da faculdade. Nos odiávamos. Na verdade, acho que ele odiava uma boa parte do planeta.

— Ao que parece, essa era uma missão quase impossível — brincou.

— E era — admiti. — Por semanas essa era a minha tarefa mais cansativa. Não via nada de bom nele. Seu jeito de falar, de pensar e até mesmo de andar me irritavam. A prepotência era o que de longe mais me atacava. A forma com que fazia todos acharem que não eram dignos da sua companhia. Seu humor ácido era cansativo. Até que um dia, Andréia pediu para que a esperasse no escritório enquanto resolvia umas coisas da empresa. Eu tentava gravar as questões da prova, quando Ian entrou como um trovão. Marchando e esbravejando algumas palavras feito um louco. Alguma coisa o havia deixado cabisbaixo naquele dia. Ele soltava fogo pelas ventas. Seu rosto rosado e veias saltitantes entregavam sua fúria interna. Ele pensava estar sozinho, mas ao me ver, seu nível de irritabilidade se elevou. Como sempre, nossas conversas se findaram em palavras ríspidas e uma guerra de ego. — Dominic me ouvia minuciosamente. — Eu o chamei de menino engomado e ao tentar imitá-lo andar, esbarrei no jarro preferido da mãe dele.

— Uau!

— O mais improvável foi vê-lo caçoar do meu desastre.

— É. Ele me parece bem insuportável, de fato.

— E é. — Deixei escapar um suspiro ao me lembrar de tudo o que já passamos. — Mas com o tempo, você percebe que são só armaduras. Como as minhas. Acho que cada um tem a própria fórmula de prevenir seu coração. Não há um jeito certo ou errado. É só uma forma de tentar não sofrer.

— O que fez com o jarro quebrado?

— Eu não sabia o que fazer. Eu era apenas uma garota assustada com um baita problema em mãos. Eu olhava para os cacos e tentava formular um jeito menos ruim de pedir desculpa, até o ronronar do gato invadir o ambiente. *"Você está muito encrocada!"* Foi o que Ian conseguiu dizer entre gargalhadas.

“Eu tentava entender o motivo do seu humor, quando ouvi a voz de Andréia ao longe. Estava prestes a entrar em pânico, quando ele me pegou pela mão e disse: *"A culpa foi do gato. Corre!"* Não pensei duas vezes e o segui às pressas. Ele corria muito mais do que minhas pernas conseguiam acompanhar.

Saímos pela porta dos fundos e só paramos de correr quando alcançamos a garagem. Minhas pernas tremiam com a maratona. Era uma mistura louca entre medo, adrenalina e vergonha.

Quando nossos corpos caíram cansados sobre o chão, nos entreolhamos ainda com os olhos escancarados e a crise de riso tomou conta da gente.

Naquele momento exaustivo e embaraçoso, eu esqueci todos os motivos que me levavam a querer me trancar no quarto e chorar.”

Eu havia desbloqueado memórias que por tanto tempo insisti que não valiam a pena serem lembradas. Eu estava estranhamente equivocada.

Momentos como os que tive com Ian são os momentos pelos quais devemos lutar para que nunca sejam esquecidos.

— É a segunda vez que toca no nome dele. E tanto agora quanto antes, vi seus olhos brilharem. Talvez vocês tenham aquilo que chamamos de probabilidade improvável. Querendo ou não, há algo que liga você a ele. Algo tão forte quanto o que me liga a você. — Suas palavras faziam total sentido. A única explicação por tê-lo magoado tanto estava ligada ao fato do quanto Ian me cativa e o quanto eu lutava contra isso. Ian era, de fato, a minha probabilidade mais improvável. — Talvez ele faça mais parte de você do que supõe ou consegue imaginar. — O sorriso ganhando vida em seus lábios era como um menino envergonhado tentando se esconder. O fato de Dom se dar conta do quanto eu estava ligada a outra pessoa o vendava os olhos.

— Acho que tem razão — admiti. — Passei tanto tempo tentando provar para mim mesma o quanto me saía bem sozinha que nunca me dei conta de que nunca estive de fato só. Não sei se a vida nos prega peças ou se constantemente estamos tentando nos esquivar do inegável. — Dei de ombros. — Olhando pra você, eu só consigo ver tudo o que perdi te mantendo longe. — Ele parou o que estava fazendo e afundou aqueles olhos singulares nos meus.

— Por que não tenta imaginar tudo o que poderemos viver a partir de agora? — Assenti. — Vou tentar contar algo que talvez não saiba. — Colocou

a travessa no forno, limpou as mãos no pano de prato pendurado em seu ombro e se aproximou do balcão. — O futuro pode ser tão incrível quanto os seus melhores sonhos — disse cautelosamente. — Basta se permitir. — Eu não tinha um discurso incrível quanto os que saíam magicamente de sua boca. A única coisa que eu tinha no momento era a vontade interminável que toda amargura se desprendesse da minha pele. Como a alma deixando o corpo após a morte.

Dominic prendia minha atenção em cada palavra. Fazendo-me rir, gargalhar, viver.

Eu poderia dizer que, naquele instante, era como se minha alma estivesse ressuscitando dos mortos.

A mesa posta estava mais bonita do que a de muitos restaurantes. Ele sem dúvida havia dado o melhor de si.

— Tá legal, já pode dar uma nota. — Deixou a taça sobre a mesa e limpou a boca no guardanapo. De repente me lembrei do momento na biblioteca, quando o fiz provar o pão de mel.

— Oito. — Ergui um sorriso presunçoso.

— Oito? — Tentei prender o riso. — Come de novo, não degustou de verdade. — O empadão estava divino, mas nem de longe daria o gostinho a ele de ouvir um dez.

— Confie em mim, degustei perfeitamente. — Arqueou levemente a sobrancelha

— Não confio em que dá nota oito para empadão. — Sua resposta me deixou boquiaberta, lembrando o quanto o passado poderia estar presente.

— A Anne de dezessete anos agradece o seu ato tão nobre.

— Pois bem. O Dominic de dezoito anos se sente extremamente feliz por ter cumprido a promessa que fez a você. — Em alguns momentos era como se aquele menino estivesse de fato à minha frente e eu pudesse ser aquela garota que amava e sonhava descabidamente.

— Sabe, li em um site feminino que homens conseguem ser muito mais atraentes quando estão cozinhando.

— Acho que não seria nada mal ampliar os horizontes. Devo me matricular em gastronomia no próximo ano.

— Pretende impressionar tantas mulheres assim?

— Apenas uma. — Seu olhar penetrante tentava dialogar com meus pensamentos mais inconscientes. E ele fazia isso perfeitamente bem.

Dominic levantou e enquanto fazia seu percurso para se aproximar, sequer desviou os olhos dos meus. Parado à minha frente, estendeu-me a mão.

— O que vai fazer?

— Você vai ver. — Sorriu. — Me acompanha? — Eu não pensei duas vezes ao segurar sua mão e rapidamente me levantei.

— Para onde vamos?

— Já vai saber. — Ele nos conduziu até a porta nos fundos da cozinha e a abriu. — Recomendo tirar os sapatos. É mais emocionante sentir a grama roçar nos nossos pés. — O quintal era imenso. Coberto por uma grama verde e muito bem aparada. Perfeito para observar as estrelas. E algo me dizia que era exatamente isso que ele tinha em mente.

Desamarrei o cadarço do coturno e o tirei sem demora.

— Assim também não. — Apontou para as meias e assim que me livrei delas, ele fez o mesmo, ficando descalço.

Nossos pés tocavam a grama.

— Vamos observar as estrelas?

— Sim, mas não agora. — Ele pegou o celular no bolso da calça.

Ouvi a introdução poética de *You Are The Reason* e então deixou o celular sobre a grama.

— Dança comigo? — Assenti, porque toda a minha mente dizia o quanto meu coração precisava se conter para não saltar peito afora.

Colocou suas mãos em minha cintura, colando meu corpo ao dele.

— Sabe mesmo impressionar uma garota — falei baixinho com a boca colada em sua orelha.

— É que não é qualquer garota. — Fechei os olhos e deixei que me conduzisse.

De um lado para o outro, a letra traduzia tudo o que nunca consegui dizer a ele.

Enquanto me rodava, meu corpo dançava conforme a adrenalina das minhas emoções.

Para frente e para trás, meus olhos se mantinham na imensidão transbordante do olhar dele.

Tão reluzente, anesthesiava minha mente. Era como se todas as estrelas do céu tivessem se teletransportado para o seu rosto.

No compasso de cada nota, meu coração tentava acompanhar a melodia. Dom me levantou, girando-me no ar. Lentamente, me colocou no

chão. Meus pés tocavam a grama, mas eu sentia muito mais a sua alma tocar a minha. Eu juro que pude ouvir todo o céu nos aplaudir naquele instante que jamais pensei viver.

— Eu escalaria todas as montanhas e nadaria todos os oceanos só para estar com você — disse com ardor, o que uma parte da canção falava. E era exatamente a parte em que mais havia me emocionado ao dançar.

— Lá se vão minhas mãos tremendo e você é a razão — completei com o verso seguinte.

Senti uma lágrima se desprender dos meus olhos e descer lenta e arduamente pelo meu rosto.

Com o polegar, ele a secou.

Meu peito subia e descia com destreza a cada centímetro que ele ficava mais próximo de mim. Sua mão afagou minha nuca, o que me fez fechar os olhos por uma fração de segundos e antes que pudesse abri-los, seus lábios tocaram os meus.

Cada parte do meu corpo exalava sentimentos que estiveram ocultos por tempo demais.

Seus lábios quentes e a brisa gélida davam o choque perfeito que minha estrutura física precisava. Seu perfume impregnava minhas narinas enquanto sua língua se entrelaçava à minha. Envolvi meus braços ao redor do seu pescoço. Sua mão firme em minha cintura me fazia arrepiar da cabeça aos pés.

Ao me afastar minimamente de seus lábios, minha respiração ofegante entregava o quanto estava envolvida a ele.

— Você é real? — Algumas pessoas são incríveis demais para pertencerem a esse mundo. Há uma excepcionalidade que as destacam, fazendo delas um ser único. Dom era de fato esse ser singular.

— Nós somos. — Ele deu três passos para trás e deitou na grama, esperando que eu fizesse o mesmo.

A relva úmida pelo orvalho fazia cócegas nos meus braços enquanto meus olhos vislumbravam as estrelas acima de nós. Não era como se nós dois as olhássemos e sim como se toda aquela constelação nos observasse, tentando desvendar todos os segredos mais ocultos que nossas mentes escondiam.

Você já reparou que em muitos momentos o silêncio fala por si só? Aquele era um desses momentos. Acredito que qualquer palavra seja indispensável, comparada ao quão simbólico um instante possa ser.



Ao voltar para casa, eu me sentia diferente. Era como se aquela Anne de dezessete anos tivesse tomado os meus sentidos. Eu havia sido apenas eu. E isso bastou durante toda a noite.

Dom alternava o olhar entre a direção e a mim. Mesmo sabendo disfarçar bem, eu podia sentir seus olhos me cobrirem de afeto, ternura e umas doses de paixão.

— Bem, chegamos. — Ele parou um pouco depois do nosso antigo colégio. Sem entender, eu olhava para fora da janela

— Minha casa fica a algumas quadras daqui.

— Eu sei. — Dom tirou a chave da ignição e com um sorriso peralta estampando no rosto, desceu do carro.

— Como assim? Pode me explicar o que está acontecendo? — Ouvi-o abrir a porta de trás do carro e em seguida a bater. Assim que me livrei do cinto de segurança, vi-o surgir na janela do carona.

— Quer uma carona? — Além do sorriso majestoso, seus olhos radiavam sentimentos gritantes.

— Não acredito. — Deixei escapar dos meus lábios entre um sorriso surpreso.

Dominic tinha um skate em mãos. O mesmo skate que anos antes nos carregou por aquele mesmo caminho.

Assim que Dom abriu a porta, eu desci. Eu era só uma garotinha hipnotizada em alguém que tinha posse de toda sua atenção. De repente tudo estava tão claro quanto água. Era exatamente por isso que Dom pediu para não trajar nada desconfortável.

Ele pensou em tudo.

— Você pensou em tudo.

— Eu só queria fazer você esquecer todas as razões pelas quais nos separamos. — Com uma mão segurava o nosso meio de transporte e com a

outra acariciava meu rosto. — Há tantos outros motivos que nos unem agora. E eles são incríveis. — Assenti.

Acho que por tanto tempo eu fui um mísero fio desencapado que acabei me esquecendo de religar toda a energia voraz que sucumbia dentro de mim.

— A nossa condução não pode esperar por muito tempo — brinquei.

— A senhorita está coberta de razão. — Apertou o botão do controle e travou o carro. Ao guardar a chave no bolso, colocou o skate no chão. — Preparada para a maior viagem da sua vida?

— Sim, capitão. — Seu pé esquerdo estava sobre o skate enquanto o direito se mantinha firme no chão até que eu subisse.

— Está com medo?

— Essa é a graça, não é? — Enquanto suas mãos tocavam vinha cintura, eu tentava controlar a emoção de poder viver aquilo novamente.

Conforme o skate se movia pela estrada, o vento roçava-me o rosto. Ainda não consigo dizer o que arrepiava mais a minha pele. O vento álgido ou a sua respiração tórrida em minha nuca.

Sei que um skate para dois pode ser um tanto desajeitado, mas naquele instante era tudo o que precisávamos. Como da primeira vez, abri os braços e me deixei levar. Ao fechar os olhos, me senti novamente no colegial.

Estávamos flutuando. Acho que o infinito nos descreveria perfeitamente. Éramos uma mistura entre o agora e o para sempre em um só minuto. Eu não era mais apenas uma garota quebrada, era uma mulher redescobrimo o quanto estava viva.

Minhas pernas trêmulas tentavam se firmar no chão.

— Foi um prazer viajar ao seu lado, cara dama. — Aproximou-se ao deixar o skate de lado.

— O prazer foi meu. — Reverenciei-lhe.

Dom deu dois passos em minha direção.

— Obrigada pelo jantar. Por observar as estrelas e também por isso. — Apontei para skate.

— Obrigado por ter me concedido aquela dança. — Eu podia sentir sua respiração indo de encontro à minha. Eu poderia dizer que as duas estavam a ponto de se entrelaçarem. Estávamos próximos, tanto quanto há algumas horas, quando nos beijamos. Eu estava pronta até ouvir alguém

pigarrear ao fundo, antes mesmo que pudesse colar meus lábios nos de Dom.

— Não queria interrompê-los. — Meu tio estava parado atrás de mim. Bárbara tentava disfarçar a vergonha de terem aparecido em um momento como aquele. — Vi pela câmara quando chegaram. Vou levar Bárbara em casa.

— Tudo bem. — Ruborizei

— Nick já dormiu.

— Ok.

— Bem, eu já vou indo. — Como uma criança que tem seus planos interrompidos por um adulto, ele beijou minha bochecha. — Boa noite.

— Boa noite. — Creio que ele se entusiasmou muito mais com meu sorriso do que com minha resposta.

— Boa noite. — Acenou para meu tio e Bárbara, que acenaram de volta.

A noite havia terminado para nós. Dom subiu no skate e seguiu seu caminho de volta.

Em poucos passos estava ao lado de tio Silas.

— Skate? Nada mal. — Me aproximei e com os lábios quase colados em seu ouvido disse:

— Levar em casa? Nada mal também. — Suas bochechas coraram de tal maneira que, mesmo com a pouca luz do poste, era visível o seu constrangimento. — Boa noite, Bárbara

— Boa noite — desejou, tentando entender a piada interna lançada no ar.

Eu entrei em casa, deixando-os sozinhos.

Ao abrir a porta do quarto do meu irmão, caminhei em passos de bailarina. Admirei-o dormir por alguns segundos.

Bem mais magro que o habitual e sem seus cachos, meu irmão estava tão debilitado que mais parecia outra criança.

Dei um beijo delicado em sua testa e puxei a coberta até seus ombros. Com medo de acordá-lo, saí da mesma forma em que havia entrado.

Ao entrar no meu quarto, me joguei na cama entre suspiros.

Havia vários fatores tentando me fazer voltar para a realidade, mas naquele instante, não permiti que isso acontecesse.

Me liberei dos sapatos e fechei os olhos na esperança de me teletransportar para todos os pontos altos da noite.

Foi a primeira vez em muitos anos que adormeci sem precisar encarar o teto por horas.

Dormi feito um bebê, coisa que não fazia em anos.

Assim que o despertador tocou, saltei para fora da cama sem muito me espreguiçar.

— Bom dia, dia. — Abri a cortina e pela janela, contemplei o dia que estava à minha espera.

Observei aquela grama verde e o quanto a água da piscina refletia a luz imatura do sol.

No chuveiro, cantarolei algumas músicas enquanto apreciava a água fazer seu percurso pelo meu corpo.

Me enrolei na toalha e enquanto escolhia a roupa ideal, relembrava momentos da noite anterior. Ainda tinha o gosto daquele beijo em meus lábios. Era quase impossível não sorrir ao reproduzir cada segundo dos momentos em que estive ao lado de Dominic.

Tudo o que vivemos foi absolutamente perfeito. Eu não mudaria nada.

— Bom dia, família. — Meu tio contemplava seu café com um sorriso no rosto. Eu poderia apostar com você em quem ele estava pensando.

— Bom dia, querida — respondeu sem tirar os olhos da xícara.

— Bom dia. — Ao me responder, senti que Lili prendia a gargalhada no meio da garganta.

— Sabe, Lili. Sua noite foi boa? Porque ao que me parece, todos nessa casa dormiram feito um anjo. — Ela, com certeza, já sabia do que me referia com tanta conotação.

— Parece que não tão boa quanto a de vocês — brincou.

— Engraçadinha. — Meu tio parecia ter saído do transe com nossos trocadilhos. — Só a levei em casa. Mais nada.

— E quem está falando o contrário? — Dei de ombros

— Ninguém. Não é mesmo? — Lili ria entre as palavras que tentava dizer com seriedade. — Só estamos contemplando o bom humor coletivo — falou por fim.

Peguei algumas uvas da bandeja e me levantei.

— Espera. Não vai tomar café? — Só mesmo meu ato para chamar a atenção do meu tio naquele momento

— Tenho outros planos para o desjejum.

Eu os deixei com uma incógnita na cabeça e saí apressadamente. Eu tinha algo em mente que precisava ser posto para fora.

Antes de chegar à empresa, parei na cafeteria em que havia comprado a caneca para o meu irmão.

— Dois expressos, por favor. Para a viagem. — Olhei bem em volta, na esperança de não encontrar a desastrada da última vez. Respirei aliviada com a sua ausência.

Eu não estava nem um pouco disposta a comprar outra calça jeans.

— Prontinho. — A garçonete colocou sobre o balcão os dois copos de café que havia pedido.

— Será que pode me emprestar a caneta? — Assentiu, sem entender muito bem.

Em um copo, escrevi a palavra desejada e devolvi a caneta para a garçonete.

— Obrigada.

Carreguei o suporte com o café com cuidado para não tomar um banho “cafeinado” novamente.

Nos minutos que me restavam até a empresa, refleti sobre tudo o que havia feito nos últimos meses, mais precisamente nas últimas semanas. Não encontrei em nenhum dos meus atos algo que despertasse algum tipo de orgulho.

— Bom dia, Anne. — Luíza parecia ter aprendido a se manter firme sobre os saltos e seu andar estava mais elegante. Nada mal para quem não sabia dar dois passos à frente

— Bom dia, Luíza — cumprimentei-a com um sorriso largo que com toda certeza a fez questionar sobre tal simpatia. É, eu vinha mesmo sendo alguém horrível.

De frente para a porta, dei leves batidas na madeira escura e ajeitei a postura.

— Com licença. — Abri e sem que ele pudesse responder, entrei.

— Outro bilhete? — Dava para notar o desdém em sua voz. — Juro que não tenho nada a ver com isso — ignorou por completo minha presença e voltou a atenção para os papéis em que mexia.

É estranho olhar para alguém e perceber que ela já fez parte de tudo o que havia de melhor em você e você nunca se deu conta disso.

Me aproximei, tirei um dos copos do suporte e o coloquei sobre a mesa. Seus olhos se desprenderam do papel, indo de encontro ao que estava bem à sua frente. Vi-o balbuciar a palavra escrita no copo e parecia não acreditar no que havia acabado de ler, quando eu decidi falar em voz alta.

— Perdão. — Senti a necessidade de reproduzir o que havia escrito com minhas próprias mãos. Eu tinha a sua atenção pela primeira vez em segundos.

— Acho que estou confuso. — Ele não estava confuso, só estava receoso do que viria a seguir. Não tiro sua razão.

— Quando perdi os meus pais, eu perdi também a minha identidade. Não conseguia mais ser como era e não sabia traçar algo diferente para ser. Me senti culpada por estar viva. — Respirei fundo — O Nick não precisava de mim, ele precisava dos pais. Eu precisava deles.

— Anne, eu...

— Não. Por favor, me deixa falar. — Assentiu, calando-se imediatamente. — Eu dormia e acordava e tudo o que conseguia pensar no intervalo entre essas duas coisas era o quanto eu sentia falta deles. Eu tinha tudo, Ian. A minha mãe era a pessoa mais incrível desse mundo e o meu pai... — Respirei fundo.

— Eu sei. Sei o quão especial ele era.

— Pois é. — Umedeci os lábios. — E de repente me vi perdendo o que mais amava. Meu porto seguro. Eu não sei como as outras pessoas lidam com isso, mas eu não sabia lidar. — Senti uma lágrima percorrer meu rosto com ardor. — Era como estar em um navio e pular dele em alto mar sem um bote ou colete salva-vidas. Eu não fazia ideia de como nadar. Eu só me deixei levar. — Seus olhos marejados estavam vidrados nos meus. Ele estava tão imóvel que poderia jurar que o que estava à minha frente era uma mísera estatueta de pedra. — Eu me afoguei por dias, meses e anos até você aparecer. — Ian sequer piscava. — E enquanto gargalhávamos na garagem sobre o jarro que eu quebrei, eu esqueci por completo da garota perdida que vinha sendo. Você fez aquilo. Mesmo que por um curto tempo, você fez a minha dor se desprender um pouco de mim.

Sequei as lágrimas que tentavam encharcar o meu rosto. Eu estava submersa na vivacidade das minhas palavras e percebi que Ian também.

— Todas as regras que eu construí entre nós foram só maneiras que encontrei de tentar não te machucar. Eu sou autodestrutiva e do meu jeito torto, só estava tentando fazer você não explodir junto comigo. Sinto muito se surtiu um efeito contrário. — Dei uma pausa para me recompor e continuei sem deixá-lo falar. Eu sabia que se não colocasse tudo para fora naquele instante, corria um grande risco de nunca expor o que eu de fato sentia. — Eu era uma bomba-relógio e tinha a plena ciência disso. À medida em que você me cativava, era a proporção que eu tentava blindar você de mim. E vice e versa. Quando me perguntam sobre as partes mais marcantes da minha vida, é quase impossível não mencionar você. Você não é um coadjuvante na minha história. É um personagem crucial. — Suas lágrimas estavam quase em sintonia com as minhas. — Ontem uma pessoa muito importante me falou sobre probabilidade improvável. E me fez cair na real do quão essencial você é na minha vida. — Com o indicador, ele limpou as lágrimas que insistiam em cair. Era raro vê-lo chorar, mas quando acontecia era como se a alma dele tentasse se libertar. — Sempre vai haver algo que me ligue a você, isso é inegável. Eu sempre vou ser grata por ter estado ao meu lado todo esse tempo. — Meu peito subia e descia com intensidade e podia ver que o dele mantinha o mesmo ritmo.

Ele ficou de pé e se aproximou enquanto eu tentava controlar a respiração.

— Anne... — A poucos centímetros de mim, eu sentia seus olhos tentando desesperadamente tranquilizar a menina assustada que havia mostrado ser.

— Eu te amo, Ian — disse enfim. — Caramba, eu te amo pra valer! Mas talvez não da forma que você mereça. E não do jeito que você espera. Eu só... — A voz embargada me trapaceava a cada segundo. — Eu só...

— Ok, eu já entendi. — Tão rapidamente e sem que eu pudesse me esquivar, ele me abraçou.

Não era um abraço como todos os outros. Era o abraço que tanto precisávamos. Sabe a sensação de caminhar debaixo do sol escaldante por horas e quando está exausto o suficiente, você encontra uma árvore? Essa era a minha real sensação. Ian era a minha árvore. Foi a primeira vez que me permiti chorar em seu ombro. Eu me deixei transparecer e aquilo era extremamente raro.

— Me perdoa? — Seus dedos acariciavam carinhosamente minha cabeça.

— As pessoas que mais amamos irão nos magoar algumas vezes. Todos nós cometeremos falhas que respingarão em alguém que menos merece. Mas pedir perdão é o maior ato de amor que podemos oferecer. — Beijou minha testa. — Nós magoamos com a mesma proporção com que somos magoados. Reconhecer isso é a chave para seguir em frente.

— Está tudo certo entre nós?

— Sim. Mas ainda vou caçar de você quando te vir de jeans. — Se não houvesse uma piada na cartola, não seria Ian. E não vou negar, isso é exatamente o que o torna tão singular e encantador como é.



Vinte e Três

Terno Azul Egípcio

Ian havia me feito um pedido ao qual não poderia negar. Ele queria ver meu irmão. Mas havia muitas outras coisas por trás de um pedido como aquele. Eu sabia que Nick desejava vê-lo novamente, mas jamais me pediria tal coisa. Eu não hesitei em permitir. Tudo estava às claras. As peças já haviam sido colocadas sobre a mesa. Ian e eu havíamos compreendido o que de fato representávamos na vida um do outro. E prometemos não colocar isso à prova novamente.

— Bem-vindo de volta.

— Exatamente como recordava. — Passou porta adentro deixando um sorriso largo à mostra.

— Não faz nem dois meses que estive aqui.

— Eu sei. — Desabotoou o terno ao se jogar no sofá. — Gosto de entradas dramáticas. — Deu de ombros. — Acho que faz o meu estilo.

— É, percebi. — Joguei a bolsa sobre o sofá ao seu lado.

— Estraga-prazeres. — Tentou manter o bico decepcionado nos lábios, o que não durou muito tempo. Segundos depois deram lugar a um sorriso altivo. O que costumava estar estampado por quase vinte e quatro horas em seu rosto.

Subi o primeiro degrau da escada.

— Vem. Tem alguém que vai amar ver você. — Apesar da idade, ele parecia uma criança à espera do melhor amigo. Subimos a escada em silêncio.

Bati na porta do quarto do meu irmão, abrindo-a em seguida.

— Oi, bonitão. — Com um sorriso de orelha a orelha, Nick se ajeitou na cama ao me ver.

— Você demorou bastante.

— Sim, mas eu trouxe uma surpresa. — Abri a porta por completo e a figura de Ian surgiu por trás de mim. Vi seus olhos ganhando muito mais brilho do que o que tinha ao me ver.

— Oi, amigão. Senti saudades? — Nick pulou para fora da cama e em segundos o vi correr para abraçar Ian.

— Você veio me ver. — Sei que os dois não tiveram tanto contato assim, mas o pouco tempo em que se conheceram, Ian havia deixado um pouco de si com Nick e Nick havia deixado com Ian um pouco dele também.

— Senti saudades. — Ian se abaixou, tentando ficar na mesma altura que meu irmão. Era raro demais ver algo tão sincero quanto aqueles olhares. — Ainda sabe jogar videogame?

— Perfeitamente. — Nick o puxou pelo braço, conduzindo-o até a cama.

— Bem, vou deixar vocês à vontade. Preciso de um banho.

— Está bem. — Meu irmão mal ligou para minha presença. Ele estava maravilhado com quem estava ao seu lado.

Ele ligava o videogame na TV com euforia e felicidade.

Ian me lançou uma piscadela e eu entendi que aquele momento não pertencia a mim.

Saí de fininho e ao fechar a porta, senti a sensação de dever cumprido. Aquilo era importante para os dois e isso ninguém poderia negar. Eu finalmente tinha feito a coisa certa.

Tomei um banho um tanto demorado. Dei toda atenção que meu cabelo necessitava. Com a correria dos últimos acontecimentos, eu havia

deixado-os de lado.

Vesti meu roupão e com os fios de cabelo ainda úmidos, finalizei meus cachos com cautela. Na verdade, eu queria dar um tempo para os superamigos. Queria deixá-los à vontade enquanto matavam a saudade.

Com o cabelo penteado e ainda molhado, eu lutava contra o meu estômago que insistia em roncar, quando notei que minha bolsa havia ficado no andar de baixo.

A verdade é que eu queria mandar mensagem para Dom muito mais do que queria matar a minha fome.

Descalça e trajada no meu roupão lilás, desci ligeiramente a escada e antes que pudesse alcançar minha bolsa, ouvi a campainha tocar. Deixei a bolsa para depois e corri para abrir a porta.

— Oi. — O sorriso acompanhou a palavra ao sair de sua boca. E segundos depois senti seus olhos percorrerem o comprimento do meu roupão

— Oi. — Em hipótese alguma desejaria que me visse tão desleixada quanto eu estava naquele momento. — Entra. — Àquela altura já estava ruborizando. — Desculpa recebê-lo assim. Cheguei agora a pouco e acabei de sair do banho.

— Tudo bem. Eu sei que não deveria ter vindo sem avisar, mas confesso que estava louco pra te ver. — Eu o convidei para entrar, fechando a porta logo em seguida.

— Vem, senta aqui. — Indiquei o sofá. — Só vou pôr uma roupa e já desço.

— Ah, mas por quê? Sabe que lilás é uma das minhas cores favoritas. E fica perfeita em você. — A voz rouca vinda da escada fez com que o sorriso estampado no rosto de Dominic desse lugar a um semblante neutro, fechado e um tanto enigmático. O brilho de seu rosto se esvaiu. — Na verdade, qualquer coisa fica perfeito em você. Inclusive nada. — Ian falava com entonação.

No canto da sua boca havia um sorriso tentando se esconder. Eu o conhecia perfeitamente a ponto de não levar em conta algumas coisas que falava.

— Já vai?

— Já sim. Vai ter que matar a saudade que está de mim em uma outra hora. Tenho uma campanha para terminar. — Sua fala era totalmente

direcionada a mim, mas sua atenção se mantinha em Dom, que o analisava de cima a baixo com o olhar cerrado e imparcial.

— Bem, Dominic esse é o Ian. — Eu poderia jurar que vi os ombros de Dom pesarem, fazendo-os se recolherem discretamente. — Ian, esse é Dominic. — Dom estendeu-lhe a mão. Antes de cumprimentá-lo, Ian passeou os olhos minuciosamente no homem à sua frente. E por fim apertou a mão estendida a ele. Seu semblante chacoteado entregava a antipatia à primeira vista. E eu poderia jurar que tal sentimento era mútuo.

— Ouvi muito sobre você. — Dom enterrou as mãos no bolso assim que Ian a soltou.

— Engraçado, nunca ouvi sobre você. — O ar soberbo embargava sua voz. — Nick estava empolgado para me apresentar um amigo. — Voltou a atenção para mim, ignorando Dom por completo. — Me fez prometer que viria passar um dia com os dois.

— E você concordou, é claro.

— Por que não? Babá de pré-adolescentes foi a primeira coisa que coloquei no meu teste vocacional do ensino médio. Publicidade foi puro chute. — Sua fala naturalmente sarcástica me fez gargalhar. — Bem, se me dão licença, preciso ir. — Cerrou os olhos em Dom por curtos segundos e em seguida se aproximou, envolvendo seu braço ao redor da minha cintura e dando-me um beijo demorado na bochecha. — Até amanhã. E não precisa me levar até a porta. Decorei o caminho.

— Até amanhã.

— Tchauzinho. — Levantou a mão, balançando os dedos em uma despedida sarcástica enquanto sorria para Dominic sem deixar os dentes à mostra.

— Tchau. — Soou seca a resposta de Dom.

— A propósito — disse ao abrir a porta —, seu quarto continua bem perfumado, como sempre. — Pude ler as entrelinhas do seu olhar antes que fechasse a porta. Ian não era nem de longe um tolo. Ele sabia perfeitamente o que a figura de Dom poderia representar. E como uma criança mimada, manipulou as palavras a seu favor.

— Vou pedir pizza, fica pra comer? — Seu olhar era seco

— Acho que não vai dar. — Umedeceu os lábios. — Desculpa se atrapalhei alguma coisa. Não era minha intenção. — Ríspido, seu tom de voz mais parecia um objeto cortante.

— Não atrapalhou nada. Ian tem prazer em causar péssimas primeiras impressões. Dou a minha palavra que depois melhora. — Tentei descontraír, na esperança de tornar o momento mais leve.

— Ok. — Deu de ombros. Inquieto, me observava com o maxilar trincado.

— Está tudo bem? — Engoliu em seco. De fato não estava nada bem e seus olhos transpareciam isso perfeitamente.

— Agora sei porque se sente tão ligada a ele. — Franziu o cenho.

— Do que está falando? — Eu tentava ligar os pontos.

— Olha para ele. Até eu me apaixonaria. — Arfou. — Terno azul egípcio, sério? Não a culparia por isso.

— O quê? — Sua postura, fala e olhar me embaraçavam.

— Cabelos molhados, trajando um roupão. Por favor, Anne. Ele sabe perfeitamente o aroma que tem o seu quarto e deixou bem claro o quanto prefere você sem roupa! — Seu tom de voz ganhava uma alteração nada comum.

— Você acha que a gente... Que nos dois... — Eu estava começando a entender onde ele queria chegar e a confusão em que estavam seus pensamentos. — Ian é de fato uma história antiga e complicada, mas...

— Mas é só ele estalar os dedos e você cai na boa lábia que ele tem. — Ian tinha mesmo razão, as pessoas mais propícias a nos magoar sempre serão as que mais amamos.

— Não é nada disso. — Senti meu rosto arder. — Meu irmão o adora. E eu com todo meu egoísmo fiz questão de afastá-los. — Me observava como se estivesse calculando os fatos. — Eu proíbi que se vissem — admitir aquilo me causava vergonha. — Ontem você me fez ver que Ian era importante, como o amigo que sempre esteve por perto quando eu me sentia perdida o suficiente para me isolar.

— Anne, eu...

— Não! — Levantei a mão, o impedindo de continuar. — É muito mais propício me julgar e supor que tivemos alguma coisa há minutos, quando na verdade, eu estava pensando em ligar pra você. Ele veio pelo meu irmão. — Bateu a mão na testa.

— Eu sou um idiota, não é? — Sorriu, mostrando o quão amargo um sorriso pode ser.

— É. De fato você é um tremendo idiota. — Ele deu dois passos em minha direção, me fazendo recuar.

— Me desculpa.

— Suponho que também conheça o caminho da porta. — Dei-lhe as costas e subi a escada sem olhar para trás. Aonde eu estava com a cabeça quando pensei que as coisas finalmente dariam certo?

No quarto, bati a porta e a tranquei sem demora. Talvez eu tenha me precipitado, talvez ele tenha se precipitado ou talvez simplesmente não fosse para ser.

Tentei me desprender do que havia acontecido e dormir normalmente.

No dia seguinte, me forçava a prestar atenção nos assuntos de trabalho.

Assim que a reunião acabou, a sala foi ficando vazia. Meus pensamentos voaram facilmente para bem longe dali.

— Anne? — Ian tentava chamar minha atenção por algumas vezes. — Annezinha querida, me diz, o país das maravilhas ainda continua o mesmo? — Um sorriso sonso permanecia intacto na lateral dos lábios.

— Chapeleiro mandou lembranças. — Sorri sem que houvesse uma gota de humor.

— Ok, já que nos assumimos BFFs, pode me contar o que a deixou assim?

— Você é ridículo.

— Não era isso que você costumava dizer. — Deu de ombros.

— Dominic. — Deixei escapar.

— Sim. O carinha sem sal.

— Dá pra levar a sério? — Semicerrei os olhos em sua direção.

— O quê? Mas eu nem estou usando o meu lado cômico. — Fuzilei-o com o olhar. — Tá, ele é boa pinta, mas não faz meu tipo. — Seus dedos batiam sobre a mesa de vidro enquanto tentava manter a postura de *bad boy*.

— Ele sabia sobre você.

— Normal, eu costumo ser marcante mesmo. — Sorriu com escárnio.

— Ele me viu de cabelos molhados e trajando um roupão. Bastou meia frase provocativa sair da sua boca pra deduzir o que não aconteceu.

— Uau!

— Você entendeu o que acabei de dizer?

— Sim, e estou impressionado com a falta de humor desse cara.

— Já foi mais amável. — Deu de ombros.
— Talvez. — Seu olhar mudou da água para o vinho
— O que foi? — Encarou o chão por um breve momento e em seguida, tornou a olhar para mim.
— Fui um idiota tentando marcar território. Eu deveria saber que nem todo mundo curte um humor tão ácido quanto o meu.
— Ele não deveria duvidar de mim.
— Liga pra ele. — Balancei rapidamente a cabeça, me negando a fazer o que havia sugerido. — Se quiser, eu posso falar que sou comediante nas horas vagas e que tudo não passou de brincadeirinhas sarcásticas. E se ele não souber o significado de sarcasmo, posso até me dispor a explicar.
— Obrigada, mas não.
— Tem certeza.
— Absoluta — disse por fim.
— Ok. — Ele levantou, caminhou em minha direção, curvou e com carinho beijou minha testa. — Se cuida. — Assenti.
Nas horas seguintes, minha mente tentava convencer meu coração de que eu ficaria bem. E que assim como Dominic resurgiu em minha vida, ele poderia em um passe de mágica, deixar de ser tão importante novamente.
Eu precisava acreditar nisso.



Mais uma semana de químio e tudo o que Nick conseguia dizer havia John no meio.

Eu os deixei com Sara e tio Silas e saí a fim de comprar uma garrafa d'água.

Ao me aproximar do consultório de Dominic, apressei os passos na esperança de não encontrá-lo, o que não surtiu tanto efeito. Ao ver a porta da sua sala se abrir, dei meia volta

— Anne, espera. — Para a minha própria surpresa, eu atendi ao seu pedido, cruzando os braços ao me virar. — Preciso falar com você. — A missão de ignorá-lo se tornava ainda mais difícil vendo-o vestido daquela forma e com o estetoscópio pendurado no pescoço.

— Se for sobre meu irmão, ok. Se for sobre nós, já lhe adianto que não há um “nós”. — Encarei-o com a sobrancelha arqueada, na tentativa falha de intimidá-lo. Ignorando tudo o que disse, ele abriu a porta e sinalizou para que eu entrasse.

O ambiente não era nada propício para surtos e ataques de dignidade. Descruzei os braços, estufei o peito e entrei.

— Espero que seja breve. — Meu tom de voz saiu muito mais firme do que desejei. Dom me acompanhou sala adentro e fechou a porta.

— Sei que não deveria, mas me comportei feito um grande idiota.

— Nisso concordamos. — Nariz em pé e ombros erguidos, eu tentava a todo custo não dar o braço a torcer.

— Eu agi por puro impulso. A arrogância e a prepotência daquele cara conseguiram me tirar do foco. E acredite, poucas pessoas conseguem isso.

— Pois bem. Um a zero para ele, então — falei em tom irônico

— Você não merecia ouvir tudo o que eu disse.

— Me fez entrar pra ouvir o óbvio? — Arqueei a sobrancelha.

— Não. Só queria que soubesse que sinto muito.

— Já sei, agora já posso ir?

— Você é bem difícil, sabia? — Com o cenho franzido, seu olhar tentava se conectar ao meu. Boquiaberto e embasbacado com meu comportamento, Dom mordia o lábio inferior, sem ao menos se dar conta do que estava fazendo. — Eu errei. — Abriu os braços se rendendo ao que de fato estava acontecendo. — O que mais quer que eu diga?

— Que estou liberada dessa conversa notória e cansativa. — Decidida a sair, passei por ele em passos apressados.

— Quer saber, que se dane a ética. — Antes que pudesse perguntar sobre o que se referia, senti sua mão segurar firme meu braço, virando-me para ele, que mais parecia um predador ao encurralar a sua presa.

A pressão do seu corpo me chocou contra a parede e em uma fração de segundos, seus lábios estavam sobre os meus.

Sua língua pedia bruscamente que desse passagem a ela e enquanto dançava junto a minha, sua mão firme apertava-me a cintura, aquecendo

minha pele, fazendo-me estremecer da cabeça aos pés. Ao me render ao que estava acontecendo naquele momento, senti minhas pernas balançarem.

Meus dedos trêmulos acariciavam seus cabelos enquanto sua mão roçava minha nuca.

Sem ar, cessamos o beijo longo e avassalador.

Com a boca próxima ao meu ouvido, Dom tentava retomar o fôlego. Sua respiração estava tão acelerada quanto as batidas desengonçadas do meu coração.

— Dom... — Minha voz saiu fraca e trêmula.

— Shii... — Com o indicador, calou-me

Não havia o que dizer, na verdade, acho que eu mal conseguiria formular alguma coisa.

Seu corpo continuou a pressionar o meu contra a parede. Intactos, não mudamos nem mesmo um fio de cabelo. Estávamos extasiados, eufóricos e com o coração prestes a implodir.



Vinte e Quatro

Melhores Amigos Nunca vão Embora

Seus dedos acompanhavam o contorno dos meus cachos enquanto minha mente voava para fora dali, revivendo a sensação de ter sido beijada por ele.

Em um momento, eu cuspia fogo. E no outro, estava deitada no sofá do seu consultório com a cabeça em seu colo.

— Acredito que quando amamos demais alguém, ficamos tão suscetíveis à vulnerabilidade que a capacidade de nos tornarmos insanos toma conta de tudo o que há de mais lúcido em nós. — Sua voz saía quase como um sussurro. Era tão apetitosa de se ouvir.

— Às vezes é mais fácil acreditar no que nossos olhos veem do que naquilo que nossas mentes precisam decifrar. — Dei de ombros. — Passamos tempo demais caindo em armadilhas preparadas por nós mesmos. — Eu não tentava apenas animá-lo, eu apenas descrevia o que também conseguia sentir.

— Me desculpa. — Seus olhos transpareciam arrependimento.

Não tenho necessidade alguma de mentir para vocês. Ele havia me ferido com todos aqueles julgamentos. Suas palavras cortaram meu peito de

cima a baixo, e nos últimos dias, tudo o que mais tentei, foi me curar daquela ferida, mesmo que não de uma forma correta. Mas nem sempre somos as vítimas. Nós ferimos as pessoas com a mesma proporção com que somos feridos. Mas só nos damos conta disso, quando de fato começa a doer em nós.

Eu o machuquei, assim como fiz com tantas outras pessoas. Não perdoá-lo era como admitir que eu também não merecia perdão.

— É a terceira vez que diz isso em quinze minutos.

— Nada vai justificar minhas atitudes, mas vê-lo olhar daquela forma pra você — hesitou. Era como se procurasse dentro de si, a forma mais correta para pronunciar o que passava em sua mente. — Ele é apaixonado por você.

— Também pensava dessa forma.

— E mudou de ideia? — Assenti. — Como? — Uma leve ruga se formou em sua testa.

— Quando consegui compreender o que sentia por ele, descobri o que de fato ele sente por mim.

— Eu posso constatar nos olhos dele. — Umedeceu os lábios. — Há muito mais amor do que você pode imaginar.

— Ian não teve uma vida tão fácil quanto imaginamos. Eu fui a única pessoa que permaneceu de fato ao lado dele. Mesmo que de um jeito não tão sutil. — Respirei fundo. — Humor ácido, trocadilhos e arrogância. É só a primeira camada. É o que ele se permite mostrar às pessoas. Ian faz questão de mostrar o pior dele, porque assim ele consegue ver quem realmente é capaz amá-lo em seus piores momentos. Ele vai ser o mais frio e desagradável possível. É o maior mecanismo de defesa que alguém pode construir ao redor de si. E se mesmo assim você não for embora. Se mesmo com toda prepotência você decidir continuar, então ele percebe que pode contar com você. — Deixei escapar um leve suspiro. — No fundo, eu e ele somos mais parecidos do que imaginamos. Passamos mais tempo alimentando nossos monstros debaixo da cama do que tentando derrotá-los.

— Isso nunca passaria pela minha cabeça.

— Ian não se apaixonou por mim. A questão é que quando olha nos meus olhos, consegue enxergar um pouco de si e isso o conforta. O que tínhamos em comum era o suficiente para nos manter na vida um do outro. A parte quebrada de um se encaixava na parte quebrada do outro. Como um quebra-cabeças daqueles bem confusos, que só fazem

sentido depois de montado. Ele não é uma má pessoa, é só um menino com medo.

— Eu até posso entendê-lo um pouco melhor agora, mas, ele continua sendo prepotente. — Dom me fez rir com toda a sua sinceridade.

Ao voltar para a sala de quimio, John e Nick falavam empolgadamente sobre videogame.

— Ok. Alguém pode me explicar o motivo de tanta felicidade?

— Eles não param de falar sobre amanhã. Já fizeram inúmeros planos — Sara me respondeu entre risos e gargalhadas.

— Estão eufóricos — admitiu meu tio.

— Pois bem, então amanhã farei macarronada para o almoço. O que acham?

— Eba! — John vibrou com as mãos para o alto. Ele já havia dito várias e várias vezes que macarrão era sua comida favorita, não custava nada alegrá-lo um pouco.

Ao voltar para casa, Nick não falava sobre outra coisa que não tivesse relação com o fato de John passar o dia com ele. Acredito até que tenha torcido para que as horas voassem.

O câncer é uma jornada cansativa e às vezes cruel. E o fato do Nick ter tido alguém ao seu lado me confortava um pouco.

Depois do banho, notei o cansaço tomar conta de seu rosto. Levei algo na cama para que ele não precisasse descer as escadas.

Seu apetite não estava nada elevado. Deu duas mordidas no sanduíche e lutou para que não o colocasse para fora. Optei por não insistir.

Liguei a TV e cobri seu corpo. Quando percebi seus pequenos roncos, desejei-lhe bom descanso, beijei sua testa de leve e saí.

Não havia uma regra sobre o estado de espírito do meu irmão. Os dias eram surpresas sem fim. E cabia a nós entender e aprender a lidar com isso.

Lili já havia ido embora, meu tio bebia seu café quentinho enquanto mexia no celular.

— Ele precisa descansar para aproveitar o dia com o amigo amanhã.

— Puxei a cadeira e me sentei de frente para ele.

— Quase não comeu, não é mesmo? — Assenti.

— Acredito que amanhã ele se sentirá melhor. John faz muito bem a ele.

— É de fato um menino incrível. Tem uma garra, uma felicidade. — Colocou a xícara sobre a mesa e em seguida bloqueou a tela do celular.

— John tem sido tão fundamental que sinto que já faz parte de nós. Nick não fala em outra coisa a não ser no amigo. Não sei o que seria desse momento se não fosse por ele e Sara.

— Ele me fez prometer que estaria presente em toda sessão de quimio. — Deixou escapar um sorriso, que contagiou a mim de forma leve e espontânea.

— Ele está encantado com você, tio.

— Então acredito que isso me torna honrado — brincou. — Agora, mudando de assunto. — Ele não precisava de muito para me fazer entender aonde queria chegar.

— Tá legal, pode mandar. — Respirei fundo.

— Estou feliz por você. — Sem rodeios e objetivo. — Bochechas coradas, sorriso, brilho nos olhos. Já parou para pensar que bastou um câncer para você se dar conta de que está viva? — Eu não tinha muito o que dizer. Cada palavra e frase faziam sentido. — Às vezes vivemos como se fôssemos existir para sempre. Ligamos o piloto automático, nos levantamos, trabalhamos, nos alimentamos, dormimos. E o que fica no meio de tudo isso? Não deveríamos deixar tantas coisas passarem despercebidas. A vida é tão curta, que ao piscar, ela já foi. Acho que no fundo, veneramos muito mais a morte, sabia? — Aquela não era nem de longe uma pergunta simples e ele tinha ciência daquilo. — Lamentamos o que não temos, damos mais valor a quem não está mais aqui, deixamos de lado todos os *agoras* que evitamos por medo. Deixamos o hoje para amanhã, até o amanhã se tornar nunca. Que louco, não acha? — Seu olhar me indagava mais que suas perguntas. — Precisou de uma doença pra você começar a valorizar as inúmeras coisas que ainda tem. — Senti minha garganta secar. Engolia a seco tudo o que meu tio dizia sem o objetivo de me machucar. Ele nunca me machucaria. — E não são poucas. — Pegou o celular ao se levantar e deu a volta na mesa. — Eu te amo. — Com carinho beijou a minha testa e se foi.

Meu tio era feito de razão da cabeça aos pés. E cada palavra se revirava em minha mente, me trazia para uma realidade árdua. Ele tinha um jeito doce de repreender meus atos. Era isso que fazia dele alguém tão especial.



Repeti inúmeras vezes os horários de cada remédio, na esperança de que Sara pudesse ficar mais tranquila.

Perdi a conta de quantas vezes ela abraçou e beijou John, com tanto receio em deixá-lo.

Era a primeira vez que ele dormiria fora de casa.

Vou ser bem realista, acho que se estivesse em seu lugar, faria e sentiria o mesmo.

Ela sabia o quão seguro seu filho estaria em nossa casa, mas a dor de ter que se separar dele falava mais alto.

Prometi que ligaria se algo acontecesse. Dei minha palavra que seria um dia incrível para os meninos. Fiz questão de faltar na empresa para cuidar deles e fazer a tão esperada macarronada.

Depois do sexto abraço apertado, ela se foi, com um olhar já tão carregado de saudade.

Sem hesitar, os meninos correram para o jardim e enquanto eu preparava o almoço, eles se divertiam entre histórias e gargalhadas que conseguiam ser ouvidas de dentro da cozinha.

Entre uma garfada e outra, eu tentava interagir com os inúmeros assuntos de heróis que resolveram falar durante a refeição.

— Tio Silas não vem? — John apreciava a companhia amistosa do meu tio e fazia questão de externar isso.

— Hoje o dia para ele é uma correria sem fim. Só o veremos à noite e olhe lá.

— Pois é. Às sextas ele fica o dia inteiro na igreja e depois tem reunião para falar sobre o trabalho dele. — Nick levou outra garfada a boca.

— Mas ele prometeu ir a todas as sessões de quimio. — Lancei-lhe uma piscadela

— As quimios não são a mesma coisa sem ele. — Enquanto comia e sorria, um pingo de molho sujou sua bochecha.

— Pera aí. — Nick pegou o guardanapo e gentilmente limpou o rosto do amigo. — Prontinho. — Olhando para eles, eu mal conseguia dizer que havia um enorme problema no meio de tudo aquilo.

— O que pretendem fazer hoje?

— Correr pelo jardim, pedalar um pouquinho e jogar videogame — John respondeu com entusiasmo.

— Isso aí. — Meu irmão concordou com tudo. É claro que eles já estavam programando o roteiro há dias.

Nas horas que seguiram, John e Nick jogaram várias partidas de videogame enquanto eu organizava algumas coisas.

Lili havia tirado o dia para ir à consultas que já estavam marcadas há algum tempo e Bárbara estava de folga. O que me deixou sem ter com quem conversar enquanto preparava o lanche da tarde.

Após comermos, os meninos se prontificaram em tirar a mesa enquanto eu lavava a louça. Trabalho que não durou mais de vinte minutos.

Na sala, tentávamos montar alguns quebra-cabeças, quando ouvimos a campainha tocar.

— Oi. — Eu não medi o sorriso que se formou em meu rosto. Ainda não conseguia disfarçar muito bem o efeito que ele causava em mim.

— Não vai me convidar para entrar? — E então eu me senti a Anne de dezessete anos novamente.

— Claro. Que indelicadeza a minha. — Abri ainda mais a porta, dando-lhe passagem.

— Dom! — Assim que o viram, os meninos deixaram o quebra-cabeças de lado e correram para abraçá-lo.

— Eu vim fazer um convite irrecusável a vocês três.

— E que convite seria esse? — Curiosa, me juntei a eles.

— Eu quero saber quem aqui quer andar de skate? — Antes de pularem eufóricos gritando sim pelos quatro cantos, eles arregalaram os olhos e se abraçaram, cuspindo felicidade. — O que me diz?

— Olha, eu não sei se seria uma boa ideia. Até porque não sei se Sara aprovaria.

— Quanto a isso não precisa se preocupar. Telefonei antes e por ela está tudo bem. E quanto ao risco, bem, eu sou o médico e digo que tudo bem, também.

— Pensou em tudo, não é mesmo? — Com um sorriso esnobe nos lábios, assentiu. — Ok. — Ele havia mesmo pensando em tudo. E tenho a

certeza de que para cada resposta negativa que pudesse dar, ele teria três positivas para me fazer contestar.

— Podemos? — John e Nick perguntaram quase que de maneira sincronizada.

— Podemos. — Os três pularam eufóricos com o sim.

Em dez minutos já estávamos prontos. No carro, os meninos não falavam em outra coisa a não ser sobre o que faríamos a seguir. Dom parecia tão empolgado quanto eles. Era como se eu estivesse na companhia de três crianças ao invés de duas.

Com a pista de skate quase vazia, Dom guiou Nick. Ensinou o passo a passo. Meu irmão segurava firme em sua mão, tentando buscar equilíbrio. Depois de um bom tempo treinando, Dom finalmente o deixou tentar sozinho. Ele estava amando a experiência. Era visível em seus olhos.

Na vez de John, Dom fez o mesmo. O guiou por um tempo, ensinando-o como deveria fazer, como andar e se equilibrar.

Entre sorrisos, John fazia exatamente o que Dom lhe aconselhava. Tinha uma emoção a mais pesando em seus olhos. Não que Nick não estivesse amando a experiência, mas com John era um pouco diferente. Ele transparecia fascínio por aquilo e era extremamente notável.

Quando Dom soltou sua mão, ele andou perfeitamente. Sequer parecia ser sua primeira vez.

Assim que John desceu do skate, correu para Dominic e o abraçou tão apertado que o fez arfar.

— Obrigado por realizar o meu sonho. — Dom se abaixou, ficando da altura daquela criança que esbanjava emoção.

— Eu disse que cumpriria minha promessa. Você merece muito mais. — Dom o abraçou com carinho. E assim que o soltou, o menino se juntou a meu irmão, que tentava andar mais uma vez no objeto de quatro rodas.

Dominic e eu nos sentamos na grama para observá-los. Ele se manteve em silêncio, mas os meus neurônios gritavam de curiosidade.

— Fez uma promessa a ele? — Umedeceu os lábios, respirou fundo e começou a falar.

— Conheci Sara e John antes de fazer residência. Uma vez, passando pelos corredores do hospital, ouvi uma criança chorar. Eu segui o som, que me levou direto para a sala de quimio. — Ele parou por alguns segundos e logo retomou a fala: — Ele estava tão assustado com aquilo tudo que não deixava a enfermeira pôr o cateter. Tinha medo em seus olhos. Ele não era

apenas um paciente, era uma criança apavorada. E a mãe me pedia socorro, mesmo sem falar nada. Era notável o quão desesperados estavam. Então me aproximei e comecei a falar com ele. Perguntei seu nome e do que ele mais gostava. Ele me respondeu que amava macarronada e ouvir músicas com o pai. — Seus lábios se curvaram sutilmente em um sorriso. — Depois ele perguntou o que eu gostava de fazer. Contei a ele sobre como amava andar de skate. Me surpreendi ao ouvi-lo dizer que adoraria aprender a andar também. E eu prometi que o ensinaria em algum momento. — Respirou fundo. — Eu vi aqueles olhinhos azuis que em minutos estavam inundados em lágrimas se transformarem em um rio de felicidade. Sem que ele percebesse, colocaram o cateter e enquanto os remédios passavam por suas veias, eu contava minhas loucas aventuras sobre quatro rodinhas.

— Isso é — procurei a palavra certa — incrível.

— Eu estava desorientado, sem saber em qual área da medicina queria atuar e naquele instante ele me mostrou o que eu havia nascido para fazer. Olhando pra ele, tão frágil e lutando pela vida, eu decidi que seguiria para a oncologia pediátrica. Eu só queria fazer por outras crianças o que estava fazendo por ele naquele instante. John foi o primeiro paciente de quem cuidei. Ele tem tanta importância na minha vida que você mal pode imaginar.

— E por que realizar esse desejo hoje?

— Porque nunca saberemos quando será a última oportunidade. — Me encarou — O amanhã é só uma incógnita enorme. — Deitei minha cabeça em seu ombro.

— Você é um médico incrível. Nunca duvide disso. — Quanto mais eu ouvia sobre ele, mais o admirava.

Se todas as pessoas amassem aquilo que decidem fazer, o mundo seria um lugar muito melhor.

— Eu só tento fazer o que posso, da melhor forma possível. — Com a cabeça encostada em seu ombro, eu apreciava o momento. Aquele momento foi tão único, como muitos que tive o prazer de passar ao lado dele. E eu que pensei que jamais o veria novamente. Acho que o amor de verdade é assim. Não importa quantas vezes a vida tente tirá-lo de você, ele sempre encontrará um caminho de volta.

Quando os meninos estavam cansados o suficiente, se juntaram a nós. Nick e John pingavam suor enquanto mantinham sorrisos largos estampados no rosto.

— O que acham de ir ali e comprar umas balas? — perguntou Dominic, entregando uma nota de cinco nas mãos dos meninos, que amaram a ideia.

— Bala? Sério?

— Ah, deixa, Anne, é só hoje. — Tanto Dominic quanto as crianças me indagavam com o olhar manhoso.

— Ok. Já perdi essa mesmo. — Eles viraram as costas assim que respondi e em segundos estavam na banca de doces. Vimos quando o senhor entregou ao Nick algumas balas, mas o que nos surpreendeu foi o fato do meu irmão ter lhe devolvido uma.

— O que ele está fazendo?

— Não tenho ideia — respondi.

Assim que os meninos voltaram saltitando, a primeira coisa que Dominic fez foi matar nossa curiosidade.

— Por que devolveram uma bala. Ele errou a quantidade?

— Não — John respondeu com um sorriso no rosto. — Nick quis presentear-lo.

— Como assim? — Confesso que eu estava um tanto confusa.

— Ele parecia triste — explicou meu irmão. — Bem triste pra falar a verdade. Só quis alegrar o dia dele. — Tal atitude me fez ficar sem palavras. — Acho que deu certo. Olha pra ele. — Apontou. — Está sorrindo agora. — Quando miramos os olhos no senhor, o vimos contemplar a bala em suas mãos e sorrir genuinamente.

— Vocês são crianças incríveis. — Dom parecia orgulhoso do que viu e ouviu, e de fato, eu também estava.

O que meu irmão havia feito fez com que me lembrasse de todas as vezes que me disponibilizei em ajudar alguém. E do quanto eu amava ver o sorriso estampado no rosto de José.



— Vou pedir a pizza. Tem preferência?

— Os meninos querem calabresa. Subiram para o banho falando nisso. — Depois de uma tarde tentando se equilibrarem em quatro rodas, eu queria que a noite deles também fosse boa e agradável. Eles mereciam.

— Perfeito. E a outra metade?

— Gosto de carne seca. — Seus lábios deram vida a um sorriso discreto.

— Eu também.

— Bem, vou subir pra ver se já tomaram banho. — Assentiu e enquanto procurava o número da pizzeria em seus contatos, eu subi para chamar os meninos.

Do corredor, já podia ouvir que conversavam tranquilamente. A porta do quarto estava entreaberta e antes de atrapalhar qualquer assunto, me aproximei. Eles estavam deitados no chão e encaravam o teto.

— Quer dizer que esse amigo está sempre por perto? — Ouvi.

— Sim. Mesmo quando você não consegue ver — respondeu meu irmão

— E como você sabe?

— Quando eu estou com medo, eu fecho os olhos e respiro fundo. — Eu sabia do que se referia. Apesar de não concordar com nenhum de seus pensamentos, eu não poderia tirar dele a única coisa que o mantinha firme e confiante. — Eu sinto medo, John. Muito — assumiu o que nunca havia nos falado.

— Sabe, eu também tenho. É como aqueles pesadelos que nos deixam sem ar. A gente tenta fingir que não é real, mas sabemos que é.

— Conversar com ele me deixa leve. O câncer é cruel, mas ele me deu você. Mesmo nos piores dias, Deus nos mostra que alguma coisa vale a pena. — Vi quando a mão pálida de John apertou a do meu irmão.

— Eu prometo que vou estar com você até o fim — garantiu

— Promete? — Não precisava ser um grande intérprete para perceber que o fato de perder o amigo o amedrontava. Mesmo que quase ocultamente.

— É claro! Melhores amigos nunca vão embora. — Respirou fundo. — E agora temos um novo melhor amigo em comum. — Os dois se entreolharam com sorrisos gentis. Aquela, de fato, era uma amizade que valia a pena.

Às vezes eu cogitava o fato de que aquelas crianças, embora tão pequenas, sabiam muito mais sobre a vida do que eu jamais soube.

O momento, por mais reflexivo que aparentava ser, não me permitiu interromper. Devagar, eu desgrudei meus dedos da maçaneta e me afastei, deixando-os aproveitarem cada segundo na companhia um do outro.

Quando a pizza chegou, nos acomodamos no sofá. E enquanto os meninos a devoravam, eu tentava entender a ordem cronológica de todos os filmes que já cheguei a ver com Nick.

Meu olhar perdido e minha mente confusa eram extremamente visíveis. E tanto quanto Dom, os meninos também riam da minha falta de entendimento sobre um assunto que todos os três, pareciam dominar perfeitamente.

John e Nick comeram o suficiente para se jogarem sobre nós no sofá. Enquanto meu irmão se escorava na minha paixonite de adolescência, John apoiava a cabeça sobre o meu peito. Meus braços envolviam seu corpo magro ao extremo. Ali, em silêncio, parecia tão indefeso quanto na maior parte do tempo.

Meus olhos passeavam por sua cor tão pálida. Senti um frio percorrer minha espinha. Um nó formou-se em minha garganta. Uma criança tão cheia de vida estava anunciando aos poucos também a falta de vitalidade sobre si.

Em dias, o corpo magro daquele pequeno menino passou a ser quase esquelético. Sua pele alva transparecia suas veias esverdeadas. O que caía sobre ele parecia ser um fardo tão pesado que nem mesmo um milhão de adultos conseguiria carregar. Eu temi por ele tanto quanto temia por meu irmão.

É tão estranho ver o que o medo faz de nós. Ele simplesmente não se apieda ao bater com força. Nos tornamos seus reféns tão rapidamente quanto a velocidade do vento no litoral.

A única coisa que eu desejava era que aquele pesadelo se findasse, tanto para o meu irmão como também para aquele doce e carismático menino, que cochilava tranquilamente nos meus braços.

No segundo filme, os dois haviam pegado no sono. Eu subi na frente para arrumar a cama onde dormiriam. Tio Silas aceitou trocar de quarto com os meninos, que não queriam se separar nem mesmo para dormir. A cama imensa do meu tio foi perfeita para isso.

Foi quase uma luta para tentar acordá-los e conduzi-los ainda sonolentos.

Dentes escovados e pijamas vestidos, eles se ajeitaram na cama. E antes que eu os deixassem, o sono já havia capturado-lhes novamente.

— Obrigada pelo dia. — Abri a porta para ele, embora meu coração não estivesse pronto para deixá-lo ir. Qualquer minuto ao lado dele era como flutuar em um céu ensolarado.

— É sempre um prazer estar com vocês. — Seus lábios rosados e carnudos se curvaram em um sorriso capaz de capturar minha alma para si. Suas mãos macias tocaram meu rosto e com as pontas dos dedos acariciavam minha pele, tão carinhosamente a ponto de me fazer suspirar. Embora soubesse que a maior carícia estava em seus olhos e na forma com que me olhava.

Tão sutil e calmo e mesmo assim me fazia estremecer internamente.

A pouquíssimos centímetros, seus lábios grudaram em meu ouvido.

— Eu te amo — pronunciou muito mais ao meu coração do que aos meus sentidos. Deixei escapar um sorriso vivaz que gritava o quanto eu também o amava. Puxei-o para mais perto e o beijei sem pedir permissão.

Enquanto meus lábios tocavam os dele, um filme se passava em minha cabeça. Minha imaginação se tornava ainda mais fértil ao seu lado. Era fácil pensar em um futuro com felicidade, almoços de domingo, filhos e até mesmo um cão. Ou talvez gatos. Ou os dois, se ele quisesse assim. Embora os dias posteriores ainda fossem uma incógnita aterrorizante, quando os seus braços me envolviam, eu conseguia me despir dos meus maiores pesadelos.

— Ontem, agora e para sempre, eu amo você — sussurrei ainda com os lábios próximo aos dele. Eu não queria deixá-lo ir, mas sabia que precisava. O dia seguinte seria cheio de coisas as quais eu não poderia adiar para me dar o privilégio de continuar ali, imóvel a ele.

— Até mais.

— Até. — Lançou-me uma piscadela antes de partir. Eu sabia que reviveria aquele momento várias e várias vezes em minha memória até pegar no sono.

E foi exatamente o que aconteceu.



Os papéis saltavam das pastas sem que eu pudesse organizá-los. Minhas folgas decretadas por mim mesma estavam surtindo um efeito negativo. Eu tentava me desdobrar entre o meu irmão, a minha mente acelerada, meu trabalho e os problemas que surgiam sem piedade.

Se eu ficar falando sobre todos os motivos contrários que me levavam a quase perder a lucidez, ficaríamos por aqui durante toda a eternidade.

Com toda a euforia da empresa, eu resolvi simplesmente fingir que desconhecia o horror que minha agenda estava virando e me dispensei na metade do dia. Prometi que tomaria café com Sara e que daria um beijinho em John antes que ele voltasse para casa.

Ajeitei minha bolsa e saí de fininho sem que me vissem. A única pessoa que notifique foi Luiza. Minha secretária deveria saber do meu plano de fuga, até mesmo para reorganizar minha agenda para o dia seguinte.

Quando cheguei em casa, Sara e os meninos já estavam à minha espera.

Todo o carinho que deposei no abraço em que dei em meu irmão, eu repeti em John. Era impossível não despertar grandes sentimentos por ele. Seu sorriso, seu brilho e seus olhos revigoravam qualquer ambiente em declínio.

— Eu prometi que tomaria um belo e delicioso café da tarde — cumprimentei Hannah e logo me sentei ao seu lado no sofá. — Pedi para Lili fazer bolo e pães de queijo.

— E o cheirinho já veio aqui. — Sorriu

Eu não era a melhor intérprete de sorrisos, mas não precisava ser um craque no assunto para perceber que, em todos esses meses, aquele foi o sorriso menos feliz que havia visto em seu rosto.

— Mamãe, Nick me apresentou um amigo. — Sua voz pesava euforia enquanto as feições de Sara expressavam certa interrogação. Eu também

poderia perguntar que amigo seria, se não me lembrasse da conversa que ouvi.

— Que amigo? — Eu deveria ter desviado o assunto, mudado o rumo total da indagação, mas não consegui fazer isso. Não me pergunte o porquê. Eu simplesmente não consegui.

— Deus — respondeu tão calmo e inocentemente.

— Deus? — Pelo seu tom de voz, parecia confusa, mas não surpresa.

— Sim. É o melhor amigo que podemos ter. — Em minha concepção, Nick não deveria ter se pronunciado. — Ele está sempre comigo e disse que está com você também. — Seu indicador se virou para ela, que mantinha os olhos vidrados nos dele, sem desviar ou piscar, seus lábios se afastaram minimamente.

— Comigo? — O tremor de sua voz era tão nítido quanto o sol escaldante no céu.

— Sim. Ele me disse que você sabe. — Levei a mão à testa. Para mim o angu já havia desandado por completo. De certo ela deveria pensar o quão louco éramos.

— Sabe, mãe. Eu gostei desse amigo.

— Ele é sem dúvida o melhor. — As palavras “*Para e já chega, Nick.*” travaram em minha garganta como um arame farpado, quando notei os olhos de Sara marejados, ela tentava a todo custo conter a lágrima que insistia em se desprender de seus olhos.

Segundos depois eu não sabia o que fazer.

— Vem comigo até a cozinha. — Foi a primeira coisa que consegui deixar sair.

Ainda tentando digerir, ela se levantou e me acompanhou.

— Oi, Lili. Será que pode dar licença para a gente? É rapidinho. — Lili, que não era boba nem nada, assentiu, nos deixando a sós.

Eu ouvia seus soluços com pesar. Nick falou demais. Sempre falava demais. E nem todo mundo estava preparado para seus assuntos.

Peguei um copo no armário e o enchi com água. Antes de dar uma golada, respirou fundo, tentando controlar toda emoção que vinha à tona.

— Olha, Sara, meu irmão fala demais. Não dê ouvidos a ele. — Ela deixou o copo sobre a mesa, puxou a cadeira, sentou-se e limpou as lágrimas que inundavam seu rosto belo e gentil.

— Sinto dizer, mas seu irmão não fala demais, Anne. — Respirou fundo mais uma vez. — Desde menina, eu sonhava com o príncipe

encantado. Lembro quando sonhava com alguém para me amar o suficiente. Eu conheci o Léo, me casei e logo tive o John. — Com o polegar, limpou uma lágrima insistente. — Meu filho era lindo, alegre. Sempre transbordou a casa de alegria. Como pode alguém tão pequenino ocupar todo nosso coração? — Sorriu entre lágrimas com as lembranças que vasculhava em sua memória. — Ele era tão indefeso quando tudo começou. E ainda é. Eu nunca podia imaginar que uma manchinha nas pernas mudaria nossas vidas.

— Entendo você. — Tentei confortá-la.

— Quando recebemos o diagnóstico, eu não sabia o que fazer, como agir ou a quem recorrer. Era o meu filho. E tinha que passar por tantas coisas. — Cada palavra me fazia lembrar o desespero de ver meu irmão na mesma situação. — Eu estava perdida, quando vi uma porta aberta. Era grande e bonita. Alguma coisa me mandava entrar. O pequeno templo no hospital foi a primeira igreja em que já entrei. Eu não sabia o que movia minhas pernas a partirem porta adentro, mas quando me dei conta, eu já estava sentada, com as mãos no rosto, com a esperança de tentar esconder meu desespero. O pastor, um senhor grisalho muito simpático, me falou algumas coisas. Palavras doces. Foi a primeira vez que ouvi alguém dizer que Deus se importava comigo. Eu nem sabia que ele existia. Pra mim era só uma ficção ou algo em que os desesperados acreditam. — Eu me sentia da mesma maneira. Para mim, Deus não passava de uma ficção. — Quando cheguei em casa, comecei a falar sozinha, como se alguém pudesse me atender. —

Ela se entregou aos prantos enquanto eu tentava me segurar ao máximo e então continuou:

— Quanto mais a vida se afasta do meu menino, mais eu pergunto se ele realmente está vendo todo o meu sofrimento. O fato de não vê-lo crescer, se formar, escolher uma profissão, casar, ter filhos. Isso me apavorava de tal maneira que eu mal conseguia pôr os pés para fora da cama. Eu não conseguia cogitar a hipótese de viver sem ele. — Eu a ouvia com o coração em pedaços. — Eu pedia todos os dias para que ele não levasse o meu menino. Eu gritava, chorava, me desesperava. Eu implorava pra que ele vivesse só um pouco mais. — Ela olhava para cima, tentando buscar forças para continuar. — Até perceber o quão egoísta estava sendo. Eu queria vê-lo aqui porque sofreria se ele partisse, mas em nenhum momento havia pensado em como ele se sentia ao ter drogas passando por suas veias, em não conseguir comer e em não poder brincar como toda

criança. Doía tanto nele quanto em mim. — Com as palmas das mãos, tentava controlar as lágrimas eloquentes. — Ele não estava nada bem. Lembro perfeitamente o que eu disse da primeira vez em que me ajoelhei pra falar com ele. — Apontou para cima. — Eu fui sincera. Eu só precisava dizer o que estava sentindo. Então eu disse:

“Oi, Deus. Me desculpa por ter passado uma vida inteira sem acreditar naquilo que não conseguia ver, mas se há alguém aí em cima, eu só quero pedir para que, com o pouco de vida que meu filho tem, que ele consiga experimentar a felicidade enquanto estiver por aqui.”

Ela umedeceu os lábios, puxou o ar e prosseguiu: — *Por favor, proporcione a ele a felicidade.* — Minhas lágrimas tomavam meu rosto à força. — *Eu só peço que ele seja feliz* — hesitou. — Foi o que pedi a ele e no dia seguinte vocês estavam lá.

— O quê? — Sua última frase me surpreendeu.

— Vocês estavam lá. Não puderam ver, mas quando chegamos em casa, tudo que John falava era sobre o amigo novo. — Paralisada, eu tentava absorver o que ouvia. — Ele comeu naquele dia e dormiu tão bem que foi quase impossível acreditar. — Nem que vivesse mil vidas, eu esperaria ouvir aquilo. — O meu filho está sendo feliz ao lado de vocês, como eu pedi. — Engoli a seco. — Essa semana eu estava apreensiva, triste, pensativa. Eu só pedia pra ele me olhar e ficar por perto. Eu pedi tanto, Anne. Tanto que cheguei a acreditar na impossibilidade disso. Eu acordei com essa incógnita, dirigi todo o trajeto pensando em quão pesada estavam as minhas tristezas. Quando Deus é tudo o que temos, ele se torna muito mais do que precisamos ter. Ele passa a se tornar parte do que somos. Então não. Seu irmão não fala demais. — Assenti. — A existência de Deus não se baseia nas nossas conquistas. O mundo é adverso. Sempre será. E isso não o torna menos grandioso do que ele é. — Eu sequer piscava. — Milagres são reais. E o fato deles não acontecerem da forma que desejamos, não significa que não existam. — Eu não tinha tanto a falar.

Uma grande parte de mim, ainda que vendo tudo o que acontecia, não conseguia acreditar. Parecia tão óbvio, menos para mim.

Sara se recompôs, enxugou as lágrimas, limpou o rosto e seguiu adiante com a sua linha de raciocínio guardada na mente e também no coração.

Tentei me convencer de que ela esqueceria tudo aquilo, mas a quem queria enganar? Talvez só a mim. A verdade era que, tanto ela quanto eu,

relembraríamos daquele momento por vezes e vezes.

O café foi composto por coisas deliciosas, conversas descontraídas e a risada suave dos meninos à mesa.

Eu olhava bem tudo o que estava à minha volta. Meus sentidos se recusavam a acreditar que tudo aquilo poderia acabar em um piscar de olhos.

No portão, Nick abraçou seu melhor amigo. Não era aquele abraço típico e mais do mesmo. Talvez aquele fosse o abraço mais sincero e único de toda a sua vida.

— Obrigado. — Foi quase um sussurro.

— Pelo quê? — Era raro Nick ficar confuso, mas ele realmente parecia não saber sobre o que o amigo se referia.

— Por me apresentar aquele nosso amigo — respondeu ao se afastar. O sorriso que a resposta arrancou do meu irmão foi involuntário. Mas não eram apenas os lábios de Nick que se curvaram em felicidade. Seus olhos saltavam.

— E eu? Não mereço um abraço? — Me abaixei, ficando na sua altura.

— Todos! — Seus braços pequenos e desnutridos me apertaram tão forte que eu mal podia imaginar quanta força ele poderia mostrar. — Obrigado pela macarronada. Estava uma delícia.

— Prometo que da próxima farei uma melhor. — Enchi seu rosto de beijos, fazendo-o gargalhar. — Obrigada por tê-lo deixado vir. — Abracei novamente, soltando-o aos pouquinhos.

— Ele não falava em outra coisa. — O carinho que tratávamos John a deixava em felicidade.

Acredito que não há nada melhor para uma mãe do que ver seu filho bem e com pessoas que o amam também.

— Obrigada por ter cuidado tão bem desse garotão.

— Ele prometeu que voltará mais vezes — dedurei entre sorrisos. Fazendo-a encará-lo, fingindo surpresa

— Posso? — Recolheu os ombros, temendo a resposta.

— Claro que sim. — A resposta de Sara não só agradou a ele, como também fez Nick e eu saltarmos, mostrando entusiasmo. — Bem, nós já vamos.

— Como assim vão sem que eu tenha ganhado meu abraço? — Tio Silas desceu do carro às pressas e correu em nossa direção.

— Tio Silas! — gritou John com vivacidade e um sorriso imenso.

Meu tio o levantou no colo e o abraçou forte, dando-lhe um enorme beijo nas bochechas.

— Agora sim podemos ir.

— Eu saí correndo só pra me despedir, garotão. — Ele o colocou no chão. — Oi, Sara.

— Oi. — Seu sorriso genuíno escondia o quanto havia chorado algumas horas antes. — Obrigada por tudo, mas precisamos ir. — Ela abriu a porta traseira do carro para John e a fechou após ver que o cinto de segurança estava bem colocado.

— Até mais.

— Até mais, amigo — respondeu meu irmão.

Toda a gratidão que John deixava transparecer alegrava meu coração de alguma forma. Vê-lo acenar de dentro do carro nos fez corresponder com o máximo de carinho e ternura.

Sua presença era bem-vinda, sua alegria nos renovava. Ele era espontâneo, divertido e não economizava em todo o carinho que demonstrava ter pela nossa família.

Tio Silas amava fazê-lo gargalhar. Ele havia cumprido com a promessa que fez. Tirou a parte da manhã livre. E enquanto eu trabalhava ele os cobria de brincadeiras das quais Nick nunca esqueceu. E tenho certeza de que John também não.



Meu tio havia programado filmes e pipoca com Nick e Bárbara antes mesmo de me fazer aceitar sair para jantar com Dom.

— Não me diga que vai cozinhar de novo — brinquei.

— Hum... Será? — Acho que quando amamos demais alguém rotulá-las se torna uma tarefa árdua. Por mais que eu descrevesse a você, o jeito

que ele andava, a forma com que gesticulava, como é agradável seu tom de voz e a maneira com que olhava para dentro da minha alma, ainda assim você não conseguiria imaginar o quão incrível é amá-lo.

A forma com que o meu coração batia desorganizadamente no peito, era como se tentasse saltar dele. Eu não era uma adolescente ingênua e derretida à espera de um príncipe, mas mesmo sabendo bem que ninguém perfeito o suficiente viria em um cavalo branco, a minha mente ainda o imaginava como um cavaleiro à altura.

Eu ainda não sei dizer a você o que nos prega a maior peça durante toda a nossa vida. O coração ou a mente fértil. Acho que os dois caminham lado a lado pelo mesmo bosque da fantasia.

Ele me levou ao meu restaurante favorito, sem ter ideia de quantas vezes Ian havia me levado lá. E eu não estava disposta em dizer isso. Não em voz alta.

Não importa quantas e quantas vezes você faça algo incrível. Porque só será realmente incrível, se estiver com a pessoa certa ao seu lado. A pessoa certa torna tudo mais leve, desde uma simples garoa, até a mais temível tempestade. Era assim que me sentia ao segurar sua mão.

Não importava o quanto eu entrasse no olho do furacão, ele estaria lá ao meu lado.

— O que me sugere? — Fechei o cardápio sem ao menos olhá-lo. Não que eu seja uma pessoa indecisa e insegura. Acho que você, meu amigo leitor, já deve saber disso. Você mais do que ninguém percebeu o quanto a minha opinião absoluta me fez rolar ladeira abaixo por um bom tempo. A quem quero enganar? É tão lógico quanto matemática. Você já sabe bem, talvez até melhor do que eu mesma sei. Meus gostos eram claros, eu só queria não ter que tomar a decisão uma única vez.

— Risoto de frutos do mar — bradou, acompanhado de um sorriso cinicamente sedutor. Assenti. E foi incontável não encará-lo com uma das sobancelhas arqueadas.

— Deixa eu adivinhar. — Me ajeitei na cadeira e com os cotovelos apoiados sobre a mesa, minha mão apoiava meu queixo. — Um passarinho soprou bem ao pé do seu ouvido. — Discretamente, subiu a manga da blusa.

— Na verdade, acho que ele cantou. — Sorriu. — Não tenho culpa se os pássaros gostam de mim. — Umedeceu os lábios. — Sabe, acho que desde a infância a natureza conspira a meu favor. — Deu de ombros. Tentei segurar o riso que resolveu não obedecer aos meus comandos de discrição.

— Vai, me diga. Desde quando? — Uma ruga de expressão formou-se em sua testa.

— Desde quando o que?

— Ficou tão convencido assim.

— Não é convencimento.

— Ah, não? — Balançou a cabeça em sinal negativo. — Então o que é?

— A certeza de que eu amo você — disse sem rodeios. — De que eu sempre amei você e vou continuar amando. — Havia sentimentos saindo por seus poros. Não era um discurso bonito para tentar me impressionar, era a verdade do que ele sentia. — Quando eu imagino um futuro pra mim, é você quem idealizo ao meu lado. — Não poderia culpá-lo por isso. Acontecia o mesmo comigo. Todas as inúmeras vezes que cogitava um futuro, era ele que desejava ter ao meu lado.

Sua mão percorria o trajeto da mesa até alcançar a minha. Com a ponta dos dedos, desenhou um coração.

— Eu nunca esqueci a forma com que os seus olhos se comunicavam com os meus. Às vezes penso que ainda sou aquele garoto. Fui um adolescente bobo e apaixonado. E um adulto extremamente louco. Mas em todas as minhas melhores versões, eu amei você — deixou escapar um suspiro. — Mas uma parte de mim, por menor que seja, ainda tem medo de ouvir você dizer: “*Sinto muito.*” — O brilho que esbanjava em seus olhos foi se desfazendo pouco a pouco. Seu olhar tão reluzente deu lugar a um medo insistente que mesmo que uma parte dele lutasse contra, a outra insistia em reviver o que já havia acontecido.

Eu sabia sobre o que se referia. Estávamos enfrentando uma batalha a meses.

A vida do meu irmão ainda era uma hipótese. E por mais que eu pensasse naquilo, não conseguia encontrar a melhor forma para encarar novamente o luto, até mesmo porque eu não havia saído nem mesmo do primeiro.

O luto dos meus pais, mesmo que inconsciente, ainda vivia entranhado em uma de minhas camadas. Talvez a mais profunda. Não sei.

Quando perdemos quem mais amamos, o luto deixa de se tornar algo e passa a se tornar alguém. Alguém que vive dentro da nossa existência, como uma forma de não ter que dizer adeus.

Tentei formular palavras tão belas quanto as dele, mas acho que não me saia tão bem nisso. Então eu só disse o que sentia.

— Eu amo você. — Segurei firme sua mão. — É a única certeza que tenho agora. — Parei alguns segundos procurando uma frase que definisse o que eu era naquele momento. E descobri que, naquele instante eu era amor da cabeça aos pés. E que o que seria de mim depois ficaria para depois. — E se eu puder escolher nesse segundo o que serei amanhã, eu escolho ainda ser a pessoa que te ama hoje — disse por fim. Seu sorriso se estendeu entre a ponta de uma orelha a outra. Seus olhos me acariciavam com suavidade.

Eu não podia controlar o futuro, mas tinha a plena certeza do que queria naquele instante. Eu queria estar ao seu lado. Amá-lo e ser amada por ele, da forma que nunca me permiti ser.

Ao longo do jantar, relembramos inúmeras coisas que fizemos na adolescência. E o jeito inusitado do qual nos conhecemos nos fez gargalhar. Dom ainda tinha na memória todo o meu desejo por pães de mel. E a questão entre doce e salgado voltou a fazer parte do nosso assunto.

Gargalhamos ao falar da vez em que minha mãe interrompeu um quase beijo na biblioteca do meu tio. Como ficamos sem graça e sem saber o que fazer.

Eu o assegurei que ela não havia surtado e que me aconselhou da melhor forma. E por incrível que pareça, acredite você ou não, aquela foi a primeira vez que consegui falar dos meus pais sem chorar.

Eu sempre ouvi que a perda um dia deixava de ser dor e passava a ser apenas saudade. Mas nunca acreditei a fundo na vitalidade desse argumento. Mas naquela noite, eu passei a ver as coisas de uma forma estranha, diferente e o mais importante de tudo, menos doída.



Vinte e Cinco

John, de John Mayer

Na segunda, Nick precisou ir ao hospital para fazer mais exames. Exames esses que nos diriam o que as sessões de quimio conseguiram fazer até o momento. Três meses de tratamento e esperávamos que poderíamos respirar aliviados. O doutor Roberth nos explicou que a remissão não seria necessariamente uma cura, mas sim, uma pausa que precisávamos.

O resultado sairia em dois dias e enquanto isso, permanecíamos esperançosos.

Meu tio deixou Nick e Bárbara em casa enquanto eu dirigia para o meu trabalho.

Luíza, como sempre, me recebeu com a agenda na ponta da língua. Eu ouvi tudo apressadamente e me escondi em minha sala antes que ela despejasse mais qualquer avalanche de palavras em cima de mim.

Meus olhos acompanhavam cada linha dos inúmeros relatórios, quando o som de batida na porta me dispersou.

— Oi, sócia. — O sorriso largo anunciava a entrada triunfal do sarcasmo.

— Não, espera. Deixa eu adivinhar: Estava entediado demais e resolveu vir brincar de ironia um pouco. — Deu de ombros.

— Talvez. — Seus sapatos caríssimos de couro apontavam em minha direção, ele quase flutuava ao andar, com a auréola da elegância pairando sobre sua cabeça.

Sentou na cadeira de frente para mim, colocando os pés cruzados em cima da minha mesa.

— O que quer?

— Não tinha nada de muito bom pra fazer. Então pensei: Como será que anda o romance *teen* da minha sócia? — Riu com escárnio.

— Romance *teen*?

— Isso. — Assentiu despretensiosamente. — Por favor, me diga que o beijo dele é melhor que o meu. Seria a única explicação para o seu declínio.

— Declínio? — Seu jeito caçador era ilimitável. Com a sobrancelha arqueada, sua cabeça balançava, assentindo minha pergunta. — Quer mesmo saber?

— Já disse, meu dia está comum demais, preciso ouvir alguma anormalidade — desdenhou

— Sim. Ele beija bem. E não há nada de anormal nisso.

— Isso é o que você acha.

— E tem mais. — Aproveitei sua atenção para dar o troco em tamanho convencimento. — É incrível a forma com que me beija, com que me abraça, com que...

— Tá legal! — me interrompeu. — Que nojo, não preciso dos detalhes — esbravejou, me fazendo rir. — Minha imaginação tem limite.

— Sabe que ninguém nunca vai tomar seu lugar, não sabe?

— Enfim, as vantagens de ser inesquecível. — Instantaneamente taquei-lhe a tampa da caneta, fazendo-o pular na cadeira. — O poder da verdade. — Lançou-me uma piscadela.

— Pois bem, então direi uma. — Cruzei os braços na altura do peito. — Se não arrumar um advogado, sua mãe corta sua cabeça e pendura na praça.

— Maquiavélica — disse entre os dentes.

Apesar de um pouco distantes, Ian e eu não perdemos o que construímos desde o início. Eu sabia que o teria por perto e com toda

certeza do mundo sempre que ele precisasse teria a mim também.



Quando cheguei em casa, imaginei que Nick já estivesse dormindo. Era tão tarde que não me espantaria se o sono o tivesse capturado.

Com a mão na maçaneta, abri a porta bem devagar, sem fazer barulho.

— Ainda acordado? — Me surpreendi ao vê-lo assistindo TV. Ao olhar para o relógio na mesa de cabeceira confirmei a hora. Passava das vinte e duas. Por conta de tanto remédio, Nick nunca segurava o sono por tanto tempo.

— Ainda não consegui dormir. — Ajeitou-se na cama. Ao me sentar ao seu lado, beijei-lhe a bochecha.

— E o que tirou seu sono?

— Não sei direito. Ainda não consegui falar com John.

— Mas, querido, ele estava aqui na sexta.

— Nos falamos todas as noites por chamada de vídeo. Ontem ele estava estranho, não quis conversar muito, parecia enjoado e pálido.

— Ele pode ter pegado no sono de repente. Ou só não está se sentindo bem. Vocês precisam descansar.

— É. Pode ser. Ele anda com muitos enjoos ultimamente. Deve ter dormido mais cedo.

— Amanhã vocês conversam. Mas por hora, você precisa descansar.

— Está bem.

— E o meu beijo? — Ele me abraçou forte e em seguida deixou vários beijos em minha bochecha. — Agora sim. — Beijei de volta, levantei e o cobri direito com o edredom.

— Boa noite.

— Boa noite, querido. — Me despedi com um último beijo em sua testa e o deixei descansar.

Eu ansiava por um banho. Depois de um dia longo como aquele, eu necessitava.

Passei um longo tempo no chuveiro enquanto a água percorria meu corpo, eu tentava esvaziar a minha mente.

Ao me jogar sobre a cama com o celular em mãos, notei que Dominic não havia respondido minha mensagem de boa tarde. Cogitei ligar, mas temi atrapalhá-lo. Se ele não respondeu, imaginei que tivesse motivos plausíveis para isso.

Eu estava tão cansada que apaguei sem mesmo colocar o pijama. Eu havia me deitado de roupão e acordei da mesma forma.

O começo do dia já estava tendo sua autonomia. Eu havia planejado mil coisas. Nick não teria quimio naquele dia. Estávamos esperando o resultado do exame, que pegaríamos no dia seguinte.

Assim que desci os degraus da escada a campainha tocou.

— Eu atendo — falei em tom alto para que Lili não precisasse parar o que estava fazendo. — Oi.

— Oi. — Meu entusiasmo saiu pelo vento ao ver seu semblante. Eu abri ainda mais a porta, deixando-o passar.

Com os ombros caídos e mãos escondidas nos bolsos da calça, cruzou a sala. Assim que fechei a porta, segui seus passos.

— Pensei que tivesse acontecido alguma coisa. Te mandei mensagem ontem, mas...

— Eu vi. — Sua voz era branda. — Desculpa por não ter respondido. — Tive a impressão de que seus olhos estivessem um tanto vermelhos e inchados.

— Tudo bem. — Algo nele me incomodava. — Aconteceu alguma coisa? — Ele coçava a cabeça, tentando encontrar palavras a me dizer. Seus gestos eram tão curiosos e alarmantes. — Você está me assustando. Chegar aqui desse jeito logo pela manhã. Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. — Seu olhar cabisbaixo me assustava. — Foi o John. — Eu nunca havia levado um tiro no peito, mas era como se aquelas palavras doessem de forma tão abrupta que eu poderia afirmar que havia atravessado uma bala em meu coração.

— O que houve? Ele está bem? Está no hospital? — Meu jeito inquieto me fez disparar uma pergunta atrás da outra. — Eu vou pegar a minha bolsa e vou pra lá. Ele vai ficar feliz em ver o Nick e...

— Não, Anne. — Seu não congelou meus sentidos. Lembrei da noite em que perdi meus pais e a forma que eu desejava vê-los. — Não tem como o Nick vê-lo.

— Por que não? — A minha pergunta soou um tanto inocente, mas eu não estava preparada para a realidade da situação.

Ele umedeceu os lábios e raspou a garganta. Seu olhar era vagaroso e perdido, fitava-me com melancolia. Eu já tinha visto aquele olhar antes. O mesmo olhar que meu tio me encarou ao dar a notícia da morte dos meus pais. E então a ficha caiu.

— Não — sussurrei.

— Sinto muito. — Eu não sabia como agir. Dias antes ele comeu comigo, me abraçou, dormiu nos meus braços. — A noite foi conturbada. Tentamos de tudo, mas já sabíamos que não adiantaria. Eu não queria aceitar, mas havia chegado a hora dele. Eu precisei de um tempo pra assimilar tudo. Por isso não consegui te ligar ontem.

Senti uma lágrima queimar meu rosto. Lágrima que anunciava todas as outras que viriam em seguida, sem ao menos pedir licença. Elas ardiam com a mesma proporção com que o meu coração doía. Tinha um grito preso em minha garganta

— Não pode ser. — Meu corpo todo tremia. Meu coração transbordava e ao mesmo tempo se encontrava vazio. Minha mente brincava com a minha razão.

— Sinto muito — sussurrou muito mais para si. Me senti tão pesada quanto uma pena, até não sentir mais nada e ter seus braços ao meu redor. Não sei dizer quem mais precisava de consolo. Ele, eu, nós. Era impossível distinguir quem estava mais partido ao meio.

"Era só uma criança", ecoava em minha mente.

"Só um menino", gritava o meu coração em chamadas.

Se estávamos tão dilacerados eu não conseguia sequer imaginar como Sara estaria. E em quantos fragmentos a alma dela se estilhaçava.

Tudo parecia um sonho ruim, mas a pior parte viria a seguir. Como contar aquilo ao meu irmão?

Minhas mãos tocavam a maçaneta. Senti-as tão frias quanto o meu corpo estava.

Minha respiração vacilava como os meus pés, que por mais que precisassem se firmar ao chão, se mantinham trêmulos.

Seu rosto carregava uma expressão confusa e quanto mais eu caminhava quarto adentro, mais seu semblante me fitava com um certo desconforto

— Está tudo bem? — Bem era a única palavra que não se adequava ao turbilhão de informações que ele processaria.

Sentei ao seu lado na cama enquanto Dominic se manteve de pé. Sua tristeza era tão concreta quanto os objetos ao nosso redor. Os olhos do meu irmão oscilavam entre nós.

— Precisamos conversar. — Seus sentidos imaturos se alertaram. Seus olhos vidrados já evidenciavam certo receio ao que estaria por vir.

— O que aconteceu?

— Lembra quando disse que pessoas incríveis nos deixam repentinamente? — Assentiu.

— Você sempre diz isso quando fala sobre o papai e a mamãe.

— Pois é. Isso acontece mais vezes do que imaginamos. — Respirei fundo. Não era premeditado, mas o meu semblante entregava-lhe tudo o que minhas palavras não conseguiam dizer.

— John. — Um nome tão pequeno, que ao sair de sua boca, levou muito mais tempo a ser pronunciado do que deveria.

A palidez pintou seu rosto inesperadamente, sem alarde ou prolongamento.

Ao assentir, minha cabeça pesava muito mais que meu pescoço conseguia suportar. Seus olhos tão luzentes deram espaço à opacidade da tristeza.

— Eu sinto muito. — A voz embargada me proibia de dizer muito mais coisas.

Vi a primeira lágrima escorrer, abrindo caminho para todas outras.

Não pensei duas vezes e o abracei, apertando-o contra meu peito. E enquanto ele desaguava em meus ombros, eu desmoronava nos dele.

Nick não disse nada por longos minutos. E tanto eu quanto Dom respeitamos o silêncio que todos nós precisávamos.

Me ajeitei na cama para que ele deitasse a cabeça em meu colo. Enquanto acariciava sua cabeça nua, o medo de perdê-lo me incendiava por completo.

Doía saber que essa não era uma realidade com cem por cento de certeza de não acontecer.

No tempo que se seguiu, Nick decidiu ir ao velório. Ele queria se despedir da forma que o amigo merecia. Me pediu para escrever uma carta de despedida. Pedido totalmente inegável. Eu não podia tirar seu direito de adeus.

Ele tentava parecer forte. O que me fez temer por seus sentimentos posteriores. Assim como foi comigo há anos. Tanta firmeza nos leva a um abismo tão profundo quanto o oceano. Fingir nadar só faz de nós mais propícios ao afogamento.

Ele poderia ser a criança mais iluminada que esse mundo já conheceu, mas tanto domínio sentimental não me deixava menos preocupada.

Deixei-o a sós, escrevendo o que sentia. Suas mãos sequer vacilavam e isso me aterrorizava.

Por mais maduro que fosse, ainda se travava dos sentimentos de uma criança

— Ele me pareceu bem. — Dom se sentou no sofá ao meu lado.

— Esse é o problema. — Seus olhos marejados encaravam-me, como se esperassem que mais palavras saíssem da minha boca. — Nas primeiras horas após receber a notícia da morte dos meus pais eu também parecia bem. — Encolhi os ombros ao jogar o peso do meu corpo para trás, acomodando-me no sofá. — O problema foi a avalanche que resolveu desabar assim que me dei conta de que aquilo tudo era mesmo real.

— Sempre cogitei essa hipótese. — Umedeceu os lábios. — Nós, médicos, devemos estar preparados para a morte tanto quanto para a vida. — Encarou o teto, na esperança de não se comover novamente. Uma esperança um tanto frágil. — Não é o primeiro paciente que perdemos. E tenho ciência de que não será o último. Eu sempre soube que o controle da vida e da morte nunca esteve em nossas mãos. — Respirou fundo. — Mas ele, o John... Foi o primeiro de quem tratei. Foi ele que me fez encontrar um propósito pra toda a minha vida. — Pausou a fala, tentando não embargar a voz. — Ele me deu um norte e a vontade de seguir com isso. De qualquer forma, sempre vai ter uma grande parte dele comigo. — Me aproximei ainda mais e em silêncio, apoiei minha cabeça em seu ombro.

Nos consolávamos silenciosamente enquanto nossos corações tentavam bater normalmente. Embora eu soubesse o quão impossível aquilo seria.



Olhar para Sara me fazia lembrar de mim quando perdi as pessoas que mais amava. Seu marido ao seu lado consolava-a, mesmo estando em pedaços também.

Tio Silas parecia abalado, assim como Dom e eu. Tivemos pouco tempo juntos, mas o que John havia feito em nós era imensurável.

Nick se mostrava firme. As lágrimas haviam cessado minutos após ter dado a notícia a ele. Seus olhos estavam vidrados no caixão. E enquanto as homenagens aconteciam, ele mal piscava.

Meu coração gelava. E a cada batida, era como se uma nevasca tomasse conta de mim.

Sara tentou falar algumas palavras, mas desistiu assim que desabou a chorar novamente. Todos ali entendíamos perfeitamente que nenhuma palavra a deixaria menos devastada.

A mãe que ela havia sido dispensava qualquer discurso. Em vida, John teve a plena certeza de todo o amor que ela sentia por ele.

Familiares e amigos da família resolveram deixar algumas sábias palavras. Nós sabemos que tudo o que falamos em um momento como esse, nunca são para quem partiu e sim para servirem de consolo às pessoas que ficam e que, em pedaços, tentariam seguir a vida no dia seguinte.

Quando ofereceram a última oportunidade, Nick se colocou de pé.

— Eu quero falar.

— Tem certeza? — perguntei, tentando preservá-lo. Ele apenas assentiu e caminhou até próximo ao caixão. De frente para aquela multidão, seus olhos percorriam as pessoas que o encarava. Nick raspou a garganta e começou a falar:

— John foi meu melhor amigo e eu queria ler o que escrevi pra ele.
— As pessoas ao redor se mantiveram em silêncio enquanto a voz do meu irmão ecoava pelo ambiente.

Ele tirou do bolso da calça um papel que enquanto o desdobrava, encarava o caixão à sua frente. Com exatidão começou a ler:

— Eu sei que deveria apenas dizer adeus. Mas uma palavra tão pequena não seria a mais correta. Porque você foi imenso. Tão grande quanto a felicidade que demonstrava. Foi o amigo que nunca imaginei ter. Na última vez que nos vimos, eu disse que jamais odiaria o câncer, porque sem ele nunca nos conheceríamos. Mas eu também não posso agradecer a ele. Porque ele levou você. Acho que sempre vou lembrar do seu sorriso e do quanto amava música. Eu me olho no espelho e não ter cabelos me deixa ainda mais bonito. Porque você me ensinou a me sentir assim.

Eu limpava as lágrimas no rosto, na esperança de não chorar mais. Mas era tão inútil quanto enxugar gelo.

— Quando me perguntarem quem eu sou, eu serei para sempre o amigo do John. — De repente, sua voz embargou de tal maneira que poderia jurar que não conseguiria falar mais nada. — John, de John Mayer. Como você mesmo me disse...

O papel balançava em sua mão, anunciando a forma com que tremia involuntariamente. Seus olhos desprenderam-se das letras à sua frente e saltaram na direção do caixão ainda aberto.

— Quer saber? Que se dane isso. — Amassou a carta e a jogou no chão, deixando-nos apreensivos. Seus passos moviam-se como em câmera lenta. Colou o corpo ao caixão. Suas mãos acariciavam a madeira branca e gélida que envolvia o corpo pequeno e magro do seu melhor amigo. — Você mentiu pra mim — pronunciou com a voz vacilante, deixando-nos espantados. — Disse que estaria comigo até o fim. Você mentiu! — bradou. — Por que fez isso, John? — Acariciou o rosto pálido colado ao seu enquanto caía em prantos. Tio Silas, Dom e eu nos levantamos rapidamente.

— Vem Nick. — Tentei tirá-lo dali, mas quanto mais tentava afastá-lo de John, mais ele lutava contra.

— Por que mentiu pra mim? Amigos não contam mentiras!

— Vem, Nick. Por favor.

— Não! Não, eu não vou sair de perto dele! Eu não posso! — Seu rosto vermelho mostrava um semblante transtornado, perdido, desesperado. Eu nunca havia visto meu irmão daquela forma. Ele estava sofrendo. Um sofrimento que ninguém podia tirar dele. — Não! Ele só está dormindo, vocês não podem enterrar ele! Não podem!

Tio Silas tomou a frente, abraçando-o por trás enquanto Dominic tentava tirar seus dedos travados no caixão. Eu só me afastei, observando tudo aquilo sem saber como agir.

As pessoas à nossa volta não sabiam mais por quem chorar. Pelo John, por seus familiares ou pela dor que meu irmão mostrava a eles.

— Me solta! — Não sei onde ele conseguiu tirar tanta força. Precisou de dois homens para segurar um menino ainda pequeno. — Não, John! Não! Você não podia morrer! Abre os olhos, por favor! — gritava desesperadamente

— Nick, calma — implorei enquanto ele ficava a mercê de todo desespero.

Tiramos-o do salão onde o corpo de John estava sendo velado e o levamos contra sua vontade para o corredor escondido de todos.

— Eu sei que está doendo, meu amor. Eu sei. — Abracei-o apertado, tentando contê-lo em meus braços até que seu corpo parasse de lutar contra mim.

Sentei no chão para contê-lo em meus braços.

— Me perdoa, Anne. Me perdoa — implorava. Tio Silas sentou ao nosso lado, tentando consolá-lo de alguma forma. — Me perdoa — pedia entre soluços enquanto me apertava em seus braços.

— Pelo que devo perdoá-lo?

— Eu não sabia o quanto doía perder. Eu juro que não sabia. Eu não sabia! — Seus gritos me golpeavam, causavam-me dor. Era martirizante vê-lo daquela forma.

— Shii... Está tudo bem. — Nick passou tempo demais sem entender o que a morte dos nossos pais havia causado em mim. E ao sentir a perda tão brutal, ele pôde provar o quão amargo é, embora não merecesse experimentar nada daquilo. Era coisa demais para uma criança.

— Me perdoa! — Abracei ainda mais apertado contra meu peito, abafando seu choro. Suas lágrimas encharcavam minha roupa. Tio Silas acariciava suas costas enquanto Dom tentava segurar as lágrimas também.

Estávamos destroçados.

Eu passei tanto tempo tentando afastá-lo de dores e sofrimentos, foi tão inútil quanto tapar o sol com uma peneira. Nós não sabemos nada sobre a vida. Não medimos o quanto ela pode nos surpreender e não imaginamos a forma com que pode nos decepcionar. É inútil pensar que controlamos alguma coisa.



— Ele vai dormir pelas próximas horas. — Dom havia medicado meu irmão a pedido do meu tio. Embora eu tivesse resistido à ideia, não encontrava outra saída. Ele estava atordoado e inconsolável.

— Melhor assim — admitiu meu tio.

— Partiu meu coração vê-lo daquela forma. — Me joguei no sofá, onde Dom e tio Silas haviam sentado segundos antes.

— Foi uma perda muito grande. Ele vai ficar bem quando conseguir assimilar tudo. Pode levar um tempo, mas ele vai ficar bem. — As palavras do meu tio eram serenas. Todos nós estávamos mentalmente exaustos. Acho que nenhum de nós era capaz de consolar um ao outro.

— Nós nunca estaremos preparados para perder alguém, não importa o quanto trabalhemos nossas mentes para isso. O adeus é a coisa mais dolorosa que pode nos ocorrer — disse meu tio.

Eu tinha tantas dúvidas, tantos receios. Na minha cabeça eu poderia perder meu irmão da mesma forma que perdemos John. Do dia para noite.

— Bem, se me dão licença, eu vou subir. O dia foi cheio de emoções.

— Tudo bem — concordamos.

Com os ombros caídos, olhar cabisbaixo, passos arrastados e mãos enterradas nos bolsos da calça, subiu a escada, nos deixando sozinhos na sala.

Puxei bem o ar e com os olhos fechados, me ajeitei no sofá, desejando que tudo não passasse de sonhos ruins.

— Sei o que está pensando. — Ao abrir os olhos, me deparei com seu olhar sobre mim, tentando decifrar cada expressão que tentava inutilmente disfarçar. — Sei exatamente o que está passando pela sua cabeça.

— Então sabe que não tem como não pensar — admiti.

— Biologia não é matemática. Não é previsível. Não é simples como somar dois e dois.

Nós sabemos sobre o início da jornada, mas não fazemos ideia de como o câncer pode terminar.

— Será que não?

— O “não” não é uma certeza. Nunca será. Isso não é uma sentença de que o Nick terá o mesmo fim que John. — Engoli em seco.

Ouvir a palavra fim estava me causando calafrios.

— John não respondia mais aos tratamentos. E Sara sabia disso. John começou a regredir, muito antes do diagnóstico do Nick surgir. Só um milagre podia salvá-lo.

— E milagres não existem. Não é mesmo?

— Sim, eles existem. Mas não cabe a nós decidirmos quando acontecerão. Sei que pode parecer estranho pra você, mas acho que fé é assim. Quanto mais tudo parece não ter solução, mais você se mantém acreditando. — Eu queria acreditar, mas tinha medo. O medo é como um parasita. Ele se apodera de você, sugando tudo de melhor que a vida pode oferecer. Até te secar por completo e você perceber o quão vazio se encontra.

— Eu já vou. — Sua voz saiu tão baixa, abafada, talvez por algo que tentasse esconder de mim e quem sabe dele mesmo.

Se colocou de pé, antes mesmo do “vou” sair de sua boca.

— Não quer ficar? — Algo nele me preocupava. — Tem um quarto sobrando.

— Eu agradeço, mas acho melhor eu ir. — Levantei.

— Tudo bem. — Ele deu um passo em minha direção e estando próximo o suficiente, beijou minha testa.

— Qualquer coisa, é só me ligar. — Nada de abraços ou palavras mais demoradas. Ele simplesmente se virou e foi embora.

Eu não estava apenas triste pela morte de John. Eu estava preocupada com as pessoas que amava.

Nick dormia feito anjo, tio Silas encarava as estrelas da janela do seu quarto. E eu decidi dirigir por alguns minutos. Eu tinha a total ciência de que não descansaria ou pegaria facilmente no sono.

Com o indicador na campainha, apertei e respirei bem fundo.

Boquiaberto e com os olhos espantados, encarava-me confuso. Dom vestia uma calça de moletom e tinha uma toalha branca jogada sobre os ombros nus. O cabelo ainda úmido entregava-lhe que acabara de sair do banho.

— Anne?

— Eu sabia que precisava de mim — afirmei, antes que ele pudesse pensar que aquilo era uma pergunta e ousasse mentir sobre seu estado emocional.

Com os lábios pressionados, abriu ainda mais a porta, dando-me passagem e assim que adentrei em sua casa, ele a fechou.

— Quer alguma coisa? — falava sem manter o contato visual. — Um suco, uma água ou...

— Sem cordialidade. — Umedeceu os lábios. — Só vim por um único motivo. — Sem que ele pudesse esperar, o abracei forte. Eu não estava ali pra conversar com o doutor ou com o cara forte que conhecia. Eu estava ali para abraçar o homem que havia perdido alguém especial. Eu estava ali para consolar o menino triste que ganhava vida dentro dele. Não pensei duas vezes.

Quando seus braços tocaram minhas costas, senti meu ombro molhar. Segundos depois, um choro abafado surgia, anunciando barulhos que só uma alma machucada era capaz de grunhir.

Seu corpo pesava sobre o meu, de tal forma que minhas pernas fraquejaram.

— Tudo bem chorar. — Foi como se minhas palavras abrissem passagem para tudo o que estava preso em sua garganta.

Seu choro desesperador trazia à tona os sentimentos que passou o dia inteiro tentando se esconder em uma de suas cascas em forma de muralhas.

Eu não disse mais nada. Não era preciso. Meus braços discursavam por si só tudo o que ele precisava.

Quando estava pronto para me olhar novamente, desenterrou a cabeça que se escondia em meu pescoço. As lágrimas em seu rosto chocavam-se umas com as outras.

Em silêncio nos acomodamos no sofá. Seu peito subia e descia rapidamente. Era nítido o quanto ele procurava dominar sua respiração.

Secou as lágrimas, respirou fundo e jogou a cabeça sobre o encosto do sofá.

— Eu tinha acabado de chegar em casa. Meu pai estava livre e me dispensou muito mais cedo do que o habitual — rompeu o silêncio. — Tomei um banho, escolhi a roupa que usaria pra ver você. — Umedeceu os lábios. — Aí o meu celular tocou. Quando olhei e vi que a chamada era da Sara, pedi em pensamento pra que não fosse o que passou pela minha cabeça. O

hospital estava calmo durante toda manhã. Não imaginaria que a tarde seria a turbulência que foi. — Parou brevemente.

Em nenhuma de suas falas olhava para mim. Dom encarava o teto, na esperança de não desmoronar novamente. Se eu falasse qualquer coisa, ele poderia desistir de pôr aquilo para fora. E naquele momento ele precisava desabafar.

— Sabe, Anne. Quando optei pela medicina, eu fingia que era porque achava lindo e nobre. Mas no fundo foi apenas porque queria passar mais tempo com o meu pai.

— O seu pai te ama.

— Eu nunca duvidei. — Me olhou brevemente e logo encarou o chão. — Mas o fato dele sempre pensar que as outras crianças precisavam dele muito mais do que eu doía as vezes. — Sorriu enquanto balançava a cabeça em negação. — O único momento que o tive integralmente pra mim foi quando... — hesitou.

— Quando? — induzi a terminar a frase, mas não obtive sucesso algum nisso.

— Isso é assunto para um outro momento. Não pra hoje. — Deu de ombros. — No dia em que conheci John, eu não estava à toa pelo hospital. Tinha acabado de discutir com o meu pai. Eu tinha me dado conta que a medicina não era pra mim e que queria fazer qualquer outra coisa. — Sua confissão me deixou boquiaberta. Jamais passaria por minha cabeça um Dominic tão revolucionário assim. — Eu queria ser livre pra me tornar um grande skatista. Era tudo o que passava por minha cabeça. Eu queria desistir, jogar tudo para o alto — suspirou. — Nós brigamos feio. Saí do consultório dele batendo a porta com tanta força que pude ouvir um quadro que estava pendurado na parede, cair. Não me orgulho disso — ressaltou. — Eu só queria ser mais para o meu filho. Ser mais do que as ausências nas festas do colégio ou nos aniversários e jantares em família — arfou. — Ele não era um pai ruim. Só era mais ausente do que eu desejava.

— Sinto muito — sussurrei.

— Eu passei eufórico pelos corredores, até ouvir uma criança chorar desesperadamente.

— John? — Assentiu.

— Meu instinto protetor me fez entrar e me aproximar. — Seu olhar vago demonstrava o quanto as memórias faziam parte dele. — Precisava ver os olhos dele. Transbordavam medo. Eu não pensei duas vezes, entrei na

sala e me sentei ao lado da poltrona dele. Conteí sobre o que amava fazer. Me fez prometer que o ensinaria a andar de skate algum dia. Eu fiquei ali, conversando, contando minhas aventuras. Fiquei o tempo todo ali. Vi-o pôr tudo para fora algumas vezes. Vi-o perder a cor, mas não fui embora. Eu fiquei até ele se dar conta de que a sessão havia acabado. Ao ir embora ele me agradeceu com tanta ternura. Mal sabia que naquele instante era ele quem havia me salvado. — Engoliu a seco. — Eu saí daquela sala com mais coragem que já tive em toda minha vida. Voltei ao consultório do meu pai, o olhei bem no fundo dos olhos e disse as seguintes palavras: *Eu comecei essa jornada por você, mas vou terminá-la por mim. Por quem eu sou e por todas as crianças que passarem pela minha vida.* E assim eu comecei a minha residência.

— Saiba que você foi especial pra ele assim como ele foi pra você. — Acaricieí seus ombros.

— Quando presenciei a primeira perda, eu fiquei mal, muito mal. Não tinha como não ficar, era só uma menininha. — Senti a dor da família. — Meu pai afagou meus ombros e foi o mais sincero que pôde. Suas palavras vez ou outra martelam a minha cabeça: *“Vida e morte andam lado a lado, Dom. Você é humano, fique triste. Mas você é um médico, não se abale.”*

— Você é o melhor ser humano que já conheci. — Me ajeitei mais para perto e tomei sua mão na minha.

— Eu sabia. Eu sabia que não havia mais nada que pudéssemos fazer. — Ficou de pé e com as mãos na cintura, caminhou de um lado para o outro. — Era só uma questão de tempo. Eu sabia disso! E olha pra mim. — Apontou para si. — E vai ser isso daqui pra frente? E quando eu perder mais quaisquer crianças que eu julgar especial? Que droga de médico eu sou, afinal? — Levantei.

— Você é o Dominic. Apenas isso. — Me aproximei. — O médico, o amigo, o namorado ou qualquer outra coisa são apenas um amontoado do que há em você e não você por inteiro. — Acaricieí seu rosto e o direcionei para mim. — Esse cara pra quem estou olhando agora é apenas o Dom. E sendo apenas você, já é muito mais do que as pessoas conseguem ser. Chore, grite, se entristeça. Faça o que sua alma exige no momento. Quer um conselho de alguém que já foi muito íntima da dor? — Me encarava com os olhos encharcados. — Quanto mais se tenta não sucumbir à ela, mais ela se enraíza dentro de você. Não dê esse poder a ela. Coloque-a para fora. —

Assentiu. — Foi uma grande perda. Estranho seria se estivéssemos todos alegres.

— Eu sei. — Enxugou as lágrimas e respirou fundo. — Obrigado por estar aqui. — Me inclinei para frente, ficando na ponta do pé e beijei cada pedacinho do seu rosto até ver um sorriso acanhado surgir.

— Agora, por favor, vai pôr uma camisa. — Dei-lhe um tapa nas costas. — Seu peitoral nu não é uma boa opção pra hoje — brinquei, arrancando-lhe um sorriso ainda acanhado.

— Sentindo-se tentada, senhorita? — Arqueou a sobrancelha.

— Eu tenho domínio próprio. — Dei de ombros. — Já comeu? — perguntei, mesmo tendo a certeza de qual resposta receberia.

— Nada.

— Olha, eu não sou expert na cozinha. Então, que sabor de pizza? — Ele sorriu e dessa vez deixou que todos os dentes ficassem à mostra. Uma coisa tão pequena e me deixou tão mais leve.

— Como sei que também vai querer de carne seca, a outra metade pode ser...

— Portuguesa?

— Perfeito. — Colocou um cacho atrás da minha orelha. — Já volto. — Rapidamente colou seus lábios nos meus. Um selinho rápido, mas nada superficial.

Enquanto procurava o número da pizzaria, ele subia os degraus da escada.

Eu estava sem nenhum apetite, mas tinha a total ciência de que se não fosse assim, ele também não comeria nada.

Vasculhei o armário da cozinha atrás de talheres e copos. Coloquei-os sobre a mesa e me afastei, encostando-me no balcão. Não foi tão difícil nos imaginar ao redor daquela mesa. Não precisava de esforço algum para imaginar um futuro feliz à nossa espera.

— Vejo que já se familiarizou. — Sua voz rouca me trouxe para a realidade.

— Sim. E espero que não se importe. — Em passos discretos, se aproximou.

— Jamais. — Deixou um beijo em minha bochecha. E depois outro e outro. Seus lábios passeavam pelo meu rosto. Com os olhos fechados, eu aproveitava cada vez que sua boca chocava contra minha pele.

Sua mão acariciava minha nuca e a outra tocava minhas costas.

— Eu te amo — deixou escapar em um sussurro.

Os dedos que acariciavam minha nuca subiam para o meu rosto. Delicadamente, contornava meu queixo com as pontas dos dedos. Envolvi-o em meus braços e encostei minha cabeça em seu peito, dessa vez, coberto por uma blusa larga.

O ritmo com que seu coração batia encaixava-se perfeitamente nas batidas eloquentes do meu. Por mais que o caos estivesse alojado lá fora, dentro de nós morava a sanidade que só nossos sentimentos eram capazes de despertar.

A campainha anunciava a chegada da comida, forçando-nos a nos soltarmos.

Com a caixa ainda quente, a colocamos sobre a mesa.

— Sei que a fome não é o que prevalece no momento, mas precisamos comer. — Coloquei o celular que estava no meu bolso sobre a mesa.

— Nem lembro a última vez que comi — confessou.

— Então trate de fazer isso direitinho. — Me observava com destreza. Seus lábios disfarçavam a curva de um sorriso. — O que foi?

— Sempre mandona.

— Só às vezes — admiti. Meus olhos percorriam por ele. Quando me dei conta do que minha mente tentava me lembrar, já era tarde. Seu sorriso sacana entregava o quanto conseguia adivinhar meus pensamentos.

— Pelo visto não vai tirar da sua mente a imagem do meu abdômen sem camisa por algum tempo. — Seu olhar convencido me indagava

— Engano seu. — Nos servi com uma fatia de pizza. — Só estava meditando no quanto a pizza parece apetitosa — disse a primeira coisa que veio na ponta da língua. — Gosto de apreciar pizzas. — Eu parecia uma pré-adolescente no auge do desespero.

— Que bom. — Que bom? A única coisa que minha mente indagava era: *que droga ele queria dizer com aquilo?*

Dei uma golada no suco, tentando abafar minha voz interior.

— Porque pra ter posse do abdômen precisaria ter meu sobrenome. — sua espontaneidade me fez engasgar com o líquido que descia pela minha garganta. Eu poderia dizer com toda certeza que internamente ele gargalhava.

— Está querendo dizer que...

— Isso. — Umedeceu os lábios.

- Tá brincando. — Torci para que fosse um blefe.
- Não, não estou. — Encarei-o com o olhar semicerrado.
- Isso seria um pedido de casamento?

— Ainda não. — A parte do "ainda" me causou calafrios. Minha mente brincava de insanidade com todas as coisas que me obrigava a pensar. — Tenho os meus princípios.

- O quê? Espera, não vai me dizer que você é...

— Não. — Ele sabia a que me referia. Isso explicava todo o meu espanto. — Já me relacionei intimamente com alguém, se é o que iria perguntar — assenti, decepcionada. Tentando encontrar a resposta para o fato de que comigo haveria condição. — E não me orgulho disso. Nem um pouco. — Meu celular vibrou sobre a mesa, não precisava de muito alarde para sabermos de quem se tratava. O nome de Ian só intensificava ainda mais a conversa. Eu apenas deixei que a ligação fosse direto para a caixa postal. — Todos nós temos um passado. A forma com que lidamos com o presente é o que traça nosso futuro. — Levei o garfo à boca, tentando não sucumbir a todas as caraminholas que me rodeavam.

Ao terminarmos de comer, eu insisti para que me deixasse lavar a louça.

Dois pratos e alguns talheres foram o suficiente para que eu passasse de uma mulher segura para alguém com receios infantis.

Nos jogamos no sofá. E em questão de segundos, seus dedos contornavam os cachos rebeldes no comprimento do pescoço.

— Será que agora já pode me dizer o que está passando aí? Sei que está tentando digerir o que disse enquanto comíamos.

- Só estou tentando entender algumas coisas — admiti.

— Eu sei. Eu não quero que haja falta de comunicação entre nós. Isso acaba com qualquer coisa, antes mesmo de começar. A prova disso foi o surto que tive na sua casa.

- Será que posso perguntar quem foi?

- Vai fazer diferença?

— Nenhuma. — Seu jeito singular de acariciar meu rosto me causava conforto. — Mas acredito que ela deva ser bem mais atraente, já que não houve condição, como no meu caso. — Me senti uma idiota. E egoísta. Isso. Uma egoísta terrivelmente idiota. Ele virou para mim e com o polegar segurando meu queixo, me forçou a olhá-lo.

— Acha mesmo isso? Que não é atraente o suficiente? Que não tenho que filtrar os pensamentos e sonhos que tenho com você? Por que acha que Ian tem os quatro pneus arriados?

— Isso não é sobre ele.

— É sobre você. E todos os efeitos que pode causar em um homem.
— Umedeceu os lábios.

Por mais que ele discursasse mil palavras, o fato de ter estado intimamente com alguém e optar por não querer fazer isso comigo me deixava insegura.

— Sua pele, seu cheiro, seus olhos, sua elegância. Tudo em você exala desejos os quais tento dominar. E você não faz ideia do quão difícil é.

— Respirou fundo. — Escuta — pediu com a voz mansa. — Na faculdade, quando estava deprimido o suficiente tentando não pensar em você, eu me deixei levar. Eu sentia a sua falta e não me conformava com a sua ausência

— E tentou me esquecer da melhor forma possível.

— Não. Eu tentei voltar pra ver você. Mas eu nunca conseguia. Sempre acontecia alguma coisa. Da última vez eu o vi abrindo a porta do carro pra você.

— Ian? — Assentiu.

Jamais imaginaria que havia tentado me ver.

— Ele falou alguma coisa em seu ouvido e você desceu do carro sorrindo. — Sua confissão me deixou boquiaberta. — Eu senti tanta falta daquilo, Anne. Senti saudade da forma com que sorria pra mim e tive medo de que nunca mais acontecesse, apesar de ouvir uma vozinha dentro de mim que me dizia o contrário. É desesperador ver quem tanto amamos, amar outra pessoa.

— Nem por um segundo o amei dessa maneira.

— Eu sei. Agora sei. Antes não tinha como imaginar. — Respirou fundo. — Eu falava tanto com Deus. Eu falava sobre você. Sobre como eu precisava de você. Sobre como eu te amava. — Senti meu rosto arder. — Eu contava pra ele a forma com que doía, embora ele soubesse perfeitamente, eu precisava dizer. Falei tanto sobre você até que... — hesitou. — Até não conseguir falar mais — prosseguiu. — Eu precisava tentar esquecer a forma intensa com que te amava. E mais do que tentar, eu precisava conseguir.

Pressionou os lábios um contra o outro e continuou:

— No quarto período da faculdade eu me deixei levar. Me envolvi com uma colega e tivemos um lance. Não tinha sentimento algum da minha

parte. Eu só queria não pensar em você. Eu só queria encontrar uma maneira de não sentir mais a dor que a sua ausência me causava. Eu fui baixo, egoísta, machista. O nome que você quiser dar, eu aceito. Eu feri os sentimentos de uma pessoa na esperança de curar os meus.

Encolheu os ombros. Seu olhar cabisbaixo entregava-me a vergonha de seus atos.

— Quando eu disse que entendia os sentimentos do Ian por você foi porque já tive um Ian versão feminina em minha vida. Com o tempo eu deixei de conversar com Deus. Eu sabia o quanto estava equivocado e falar com ele era ter a certeza de que meus atos eram os piores. Então o deixei de lado. E quanto mais buscava me preencher de coisas que não importavam, mais me encontrava vazio, oco. Minha mãe mal me reconhecia. Eu chegava na hora de sair e saía sem que ela percebesse. Eu evitava olhar nos olhos dela. Até que um dia ela me viu chorando desesperadamente.

— Chorando? Mas por quê? — Algo me dizia que não ouviria coisa boa.

— Izzie havia me colocado contra a parede e eu fui obrigado a dizer o que realmente sentia por ela. Não consegui mentir, então eu disse a verdade. Eu disse toda a verdade. Vi quando o brilho dos seus olhos se apagou. Na minha cabeça eu só estava sendo sincero. E calculei pôr um ponto final antes que tudo acabasse mal, decidi terminar tudo ali, antes que pudesse sair do controle. Mas já havia saído. — Ele parou de falar, respirou fundo e umedeceu os lábios ainda mais devagar.

— O que saiu do controle? — Desviou o olhar. Sua voz parecia pesar

— Eu seria pai.

— O quê? — Aposto que a sua reação foi exatamente como a minha. Eu poderia esperar por qualquer coisa, menos pelo que realmente ouvi dele.

— Você o quê? — Boquiaberta e com os cílios quase pregados na testa, eu tentava unir pensamentos que mal conseguiam se juntar.

Senti meu rosto gelar. Provavelmente minha cor havia se esvaído junto de meus sentidos.

— Pai aos vinte e um — continuou.

Eu tentava a todo custo controlar todos os julgamentos precoces que surgiam na ponta da minha língua prestes a saltar sobre ele.

— Ela esperava que eu dissesse que a amava. E como eu disse totalmente o oposto e ainda sugeri o fim, ela me contou que estava grávida de três meses. Eu estava apavorado. Não conseguia assimilar. — Seus olhos

marejados tentavam pousar sobre os meus. — Eu fui um tremendo babaca. E só assim eu me dei conta do que tinha feito da vida dela. Grávida de alguém que não tinha intenção alguma de amá-la. — Coçou a barba rala, encarou o teto e em seguida o chão. — Ela disse com todas as letras que não teria o bebê.

— Não me diz que você a incentivou a...

— Não. — Sua voz vacilante anunciava todos os poréns que viriam a seguir. — Mas também não fui tão convincente ao tentar fazê-la mudar de ideia. Tentei me convencer de que ela não faria aquilo. — Recolheu os ombros. — Eu só precisava pensar um pouco. Eu estava assustado e quando contei pra minha mãe, ela me fez agir feito o homem que deveria ser. Eu poderia não estar apaixonado, mas a criança era obrigação minha de amar e cuidar. — Uma lágrima se desprende de seus olhos. — Eu peguei as chaves do carro e dirigi feito louco até a casa dela, mas não a encontrei. Também não atendia o celular. Ninguém do nosso círculo de amizade sabia onde ela havia se metido.

Enquanto eu dirigia desorientadamente de um bairro a outro, alguma coisa dentro de mim dizia que era tarde. Eu senti. Eu pude sentir, Anne. — Seu rosto estava tomado por uma vermelhidão inexplicável. Sua voz elevada me fazia reconhecer o quanto seu desespero interno precisava ser externado. — Era como se eu tivesse sentido o momento exato em que mataram ele. — Sua fala estava embargada. — E eu não fiz nada! — Meu rosto ardia com tanta informação surreal. Minha garganta queimava. — Quando ela viu as trinta e cinco mensagens e ligações perdidas, me retornou. Eu perguntei como eles estavam. Eu ainda tinha um fiozinho de esperança. — Secava as lágrimas com as mãos.

— Não tinha mais bebê, não é? — Forçava-se a terminar a frase.

— Ela já tinha marcado aquilo. Só queria me testar. — Caiu em prantos.

— Eu sinto muito.

— Eu não a culpo. — Voltou o olhar para mim. Olhar triste e perdido. — Eu fui um tremendo babaca. Não me importei com os sentimentos de outra pessoa — hesitou, enxugando as lágrimas que se faziam constantes. — Até hoje me pergunto como ele seria. Se teria meus olhos ou meu jeito de andar e falar. — Eu nunca imaginaria algo assim. Nem nos meus mais loucos pensamentos. — Nós somos livres pra fazer qualquer tipo de escolha, mas não conseguimos nos livrar das consequências que elas trazem. — Eu

estava tão emocionada quanto ele. Emocionada e surpresa. — Naquele dia eu fiz algo que não fazia há muito tempo. Eu me ajoelhei e ao falar a primeira palavra, todas as outras foram impedidas de saírem. Tantos motivos me levaram a chorar que passei horas ali, ajoelhado na beirada da cama. Seria injusto culpar Deus por caminhos que eu mesmo trilhei.

Meus lábios se afastaram minimamente. Eu havia ido até lá para consolá-lo por uma coisa e acabei desencadeando outra.

— Entrar na vida de alguém sem nenhuma intenção de amá-la é a pior crueldade que alguém pode cometer. E me dói saber que fui cruel o suficiente pra fazer isso.

— Não sei o que dizer.

— Eu tentei cuidar dela, levá-la ao médico, levá-la pra fazer exames, mas ela se recusou. No fundo, eu só estava tentando amenizar a minha culpa. Ela dizia estar envergonhada pelo o que fez. Me fez prometer que não contaria a ninguém. Você é a única pessoa pra quem contei além da minha mãe.

— Pode ter certeza que nunca vou falar nada. — Eu não tinha o direito de fazer aquilo.

Dom se aproximou ainda mais e se virou, ficando de frente para mim.

— Eu não vou tocar intencionalmente em você, Anne. E não é porque eu não me sinto atraído por você. — Olhou no fundo dos meus olhos e respirou fundo antes de continuar: — É porque eu te amo o suficiente pra querer fazer as coisas certas. — Eu tremia internamente. Tive a impressão de sentir meu queixo bater. — Eu estou longe de ser alguém perfeito, mas sei que algumas dores são necessárias. Se andássemos apenas por caminhos dos quais Deus trilha para nós, não teríamos metade das feridas que carregamos por dentro. — Eu não sabia como agir, então coleí minha cabeça em seu peito. Talvez a velha Anne fizesse julgamentos aos quais ele não merecia ouvir naquele momento. Mas a Anne que estava ao lado dele só precisava mostrar o quanto ela o amava, independente de quaisquer cicatrizes, porque era tudo o que eu mais tinha também.

Alguns minutos de silêncio serviram para colocar nossas mentes em ordem. Eu não tinha tanto a dizer e acredito que ele havia falado bem mais do que planejou.

Às vezes projetamos tanta perfeição nas pessoas que sequer imaginamos o quanto elas são humanas como nós. Todos nós estamos

propícios aos erros mais temíveis e às virtudes mais elevadas. Depende de como e quando lidamos com os momentos inoportunos que insistem em surgir.

Dom mantinha o corpo esticado sobre o sofá e eu equilibrava meu corpo magro no vão entre ele e o encosto do sofá. Minhas pernas largadas sobre as suas enquanto minha cabeça descansava em seu peito. A batida do seu coração era o único som que escutava.

— Pode dormir aqui se quiser. Está tarde pra ir. — Quebrou o silêncio que apreciávamos por horas.

— Pensei ter ouvido de você que nossos corpos habitarão na mesma cama após um tal casamento.

— No quarto de hóspedes — afirmou, arrancando um sorriso ligeiro dos meus lábios.

— Pensou rápido demais.

— Costumo cumprir com minhas palavras. — Ele parecia um pouco mais descontraído. E por mais que eu tentasse me desprender da curiosidade que me assolava, não consegui.

— Se importa se fizer uma pergunta?

— Estranho seria se não fizesse.

— Como ficou sua relação com ela?

— Izzie mudou de faculdade. Tentei fazê-la mudar de ideia, mas acho que não sou muito persuasivo.

— Bem, você me convenceu em te dar uma chance.

— A vida fez isso. Não eu. — Talvez tivesse verdade naquilo. A vida se encarregou de me mostrar o quanto eu estava equivocada sobre tudo. — Ela não quis mais olhar nos meus olhos. E não a julgo por isso. Ela era só uma garota desesperada, sem saber o que fazer. Trabalhava duro pra pagar a faculdade. Eu era só um filhinho de papai no auge da idiotice jovial.

— Todos nós já fomos grandes idiotas algum dia. E se não fomos, pode apostar que seremos.

— Fico conversando comigo mesmo e me indagando. E se eu tivesse dito uma palavra diferente? E se eu tivesse sido mais convincente? E se eu fosse menos irresponsável ou medroso?

— Às vezes também me pergunto isso. E se eu não tivesse me escondido da vida por tanto tempo? Se tivesse aproveitado mais o tempo com meu irmão? Acho que bem lá no fundo, o que deixamos de fazer não importa. Nós estamos aqui agora. Remoer o que não aconteceu é uma

desculpa para nos liberar da culpa de não aproveitar o que temos. — Respirei fundo, meditando em minhas próprias palavras. — O que deixamos de fazer vai ser sempre uma grande incógnita.

— E não se constrói futuros em cima de alicerces que não existem.

— Pois é. — Dom estava mais tranquilo e eu um pouco mais aliviada. Com toda certeza não esqueceríamos que estávamos enlutados. Só estávamos parando de venerar a dor.

No dia seguinte, teríamos um enorme trabalho pela frente. Seguir as nossas vidas com um grande buraco da ausência.

Toda vez que alguém que amamos se vai uma boa parte de nós decide partir junto com eles.

— Eu realmente preciso ir. — Ele colocou os braços ao redor de mim e me apertou contra seu corpo, me fazendo arfar.

Há quem ame tanto os beijos mais loucos, mais quentes, mais afáveis. Mas ali, à mercê dos seus braços, passei a venerar abraços. Porque muito mais do que os lábios, eles conseguem beijar aquilo que nem mesmo os olhos conseguem ver.

Doeu ter que deixá-lo, mas eu tinha a plena certeza de que, ao acordar, Nick precisaria de mim tanto quanto Dom precisava.

Dominic me acompanhou até o carro e me abraçou algumas vezes, antes de finalmente me deixar partir.

Durante o trajeto, eu tentava absorver todo o peso do dia. Eram tantas coisas para assimilar. A morte do John, as confissões de Dom e todo o turbilhão de coisas que estávamos vivendo. Quando cheguei em casa, Nick dormia em um sono pesado, graças ao medicamento que Dom deu a ele.

Eu passei minutos no chuveiro e quando deitei com a cabeça no travesseiro, tentei a todo custo me desprender das lembranças daquele enterro, do velório e do quanto meu irmão ficou despedaçado. Mas não consegui. Eu adormeci com todas as cenas passando em minha cabeça e torcendo para que o dia seguinte pudesse ser melhor.

O dia seguinte foi um pouco mais difícil. A maioria das pessoas costuma achar que o dia das tragédias são sempre as piores, mas não são. Os piores dias são sempre os posteriores, quando você se dá conta de que aquilo realmente aconteceu. É quando a ficha cai e você percebe que não vai ter mais aquela companhia.

Nick não quis comer. Rejeitou os pratos favoritos e até mesmo bolo de chocolate.

Lili tentou as melhores receitas e não teve êxito algum. Estava doendo, eu sabia disso. É fácil não pensar na dor quando ela está a ponto de cicatrizar, mas quando a ferida ainda está aberta, latejando e corroendo, é quase impossível fingir que nada está acontecendo, porque está. Se os adultos não ministram muito bem seus machucados, não seria uma criança que obteria sucesso nesse quesito.

Prometi que daria tempo ao tempo e que de pouco a pouco a dor viraria só saudade. E as saudades resultariam nas melhores lembranças, assim como as memórias que tínhamos dos nossos pais. Eu dei todos os colos que ele necessitava. Me vestiria de bobo da corte se ajudasse, mas seria inútil. Não seriam sorrisos rasos e falsas comédias que o fariam esquecer-se do que estava sentindo. Coloquei todos os filmes de heróis que você possa imaginar, mas todas as coisas o faziam lembrar de quem havia perdido. As bandanas, músicas e o próprio câncer.

Eu tinha a esperança de que ele pudesse se alegrar com o fato de estar liberado da quimio.

Aquilo não era nem de longe a cura do câncer, mas o fato do meu irmão ter apresentado melhora me deixava mais aliviada. Eu torcia para que, com o tempo, aquela doença cruel nos deixasse de vez.

Bem lá no fundo, eu sabia que meu irmão tinha medo de terminar da mesma forma que o melhor amigo. E acho que eu também tinha. Só não podia admitir.

Aquela tristeza toda que Nick carregava não o fazia bem. Ele precisava se animar e ter forças para lutar. Mas aquele menino que não parava de falar se calou pelos cantos. Aquele vazio o despedaçava de pedacinho em pedacinho. Era sua primeira grande perda.

Dom e eu resolvemos tirá-lo de casa e levá-lo para dar uma volta na praça, ver outras crianças e tomar um sorvete de chocolate.

Tentamos conversar ao máximo, mas ele respondia apenas o necessário.

Ao chegar em casa, ele subiu em silêncio, assim como havia feito durante todo o trajeto.

Com o *tablet* nas mãos, Nick tentava uma chamada de vídeo a qual não seria atendida.

— Ninguém vai atender — admitiu, sabendo que eu estava parada na porta. — Ele morreu e talvez eu seja o próximo.

— Não. Não diz isso. — Me aproximei.

Ao me sentar, tirei o aparelho eletrônico das mãos dele e com o polegar, sequei suas lágrimas. — Nunca diga isso. Está bem? — Assentiu antes de me abraçar apertado.

Eu preferia mil vezes trocar de lugar com ele. Sentir todas as dores que ele sentia para que não precisasse conhecer sentimentos tão perturbadores.

No dia seguinte o vi comer algumas colheres e vibrei por aquilo. Três é melhor do que zero. E isso é incontestável. Ele precisava se alimentar muito bem. Ainda tínhamos uma batalha a travar.

Dominic estava ainda mais próximo. Visitava-nos todas as noites. Estava presente nas refeições e também após elas. Levava sempre boas histórias e nomes de filmes aos quais assistíamos até Nick pegar no sono. Levávamos um dia após o outro com a maior esperança que tínhamos.



Vinte e Seis

O Segundo Bilhete

Um mês após a perda de John, tentávamos a todo custo seguir em frente. Embora ainda tivéssemos tristes, eu não parava de pensar em como Sara estaria.

Tentei ligar algumas vezes e até mesmo visitá-la. Mas se encontrava incomunicável.

Dominic conversou algumas vezes com o marido dela por telefone e em todas ele garantiu que ela só precisava de um tempo. E nós demos esse tempo a ela. Era justo. Ela merecia.

Nick estava bem melhor, mas retornaria para mais uma etapa das sessões de quimio. Estávamos confiantes de que poderia ser a última. Seu semblante estava bem melhor. A cada dia que eu colocava os pés para fora da cama, carregava uma pitada a mais de esperança.

Era terrível o fato de termos que passar por tudo de novo. Cabelos caindo, Nick enjoado e indisposto, mas acreditávamos que aquilo findaria em breve. Eu precisava acreditar naquilo.

Nick e eu assistíamos TV na sala com o balde de pipoca em nosso meio.

— Ei, mocinho deixa pra mim — brinquei ao vê-lo encher a boca. Ele, por sua vez, tentou segurar o riso para não engasgar com tudo o que tentava mastigar.

O Capitão havia acabado de conseguir segurar o grande machado do Thor.

— Eu disse que ele era digno! — esbravejou, eufórico, como se já não tivesse visto a cena no mínimo quatro vezes. Acariciei sua cabeça não mais nua. Agora tinha cabelos à mostra

O tocar da campainha nos dispersou, fazendo-me pausar o filme.

— Quem será? — Nick detestava ser interrompido enquanto assistia seus filmes favoritos.

— Eu vou ver e já volto. — Tirei suas pernas de cima de mim e levantei. Com passos largos, rapidamente alcancei a porta, abrindo-a sem ao menos verificar quem era. O meu olhar ativo demonstrava toda surpresa. — Sara. — Eu não esperava por sua visita. Não naquele instante.

— Posso entrar? — A voz mansa ainda fazia parte dela.

— Claro! Com certeza. — Abri ainda mais a porta, dando-lhe passagem.

Nick levantou para recebê-la, mesmo ainda sem saber como agir. Ele a olhava com certo receio.

— Fica à vontade. — Ela cruzou a sala e ao se aproximar do meu irmão, o abraçou.

Havia tanto sentimento entre eles que eu podia sentir o impacto de ser tocada também. Ambos haviam perdido alguém especial e isso os tornava semelhantes, mesmo que em circunstâncias diferentes.

Ao se afastarem, a vi secar discretamente uma lágrima em seu rosto e em seguida enxugou também a que escorria pelo rosto do meu irmão.

— Desculpa não ter conseguido vir antes. — Me aproximei.

— Não tem o que se desculpar. — Sentei no sofá, convidando-a a fazer o mesmo.

— Antes de mais nada, quero lhe dar uma coisa, Nick. — Ela abriu a bolsa e me surpreendi quando vi a bandana favorita de seu filho em suas mãos. Meu irmão parecia confuso quando ela estendeu a ele.

— Pra mim? — Sua voz soou tímida.

— John amava você. Sem dúvida você foi o milagre que pedi para a vida dele. — Nick pegou o presente. Observando a bandana em suas mãos,

ele a abraçou ainda mais forte do que da última vez. — Ele pediu pra que te entregasse.

— Vou cuidar com muito carinho — prometeu ao se afastar. — Obrigado. — Ele a amarrou na cabeça no mesmo instante. — Já é a minha bandana favorita.

— Nick, você pode ir brincar um pouquinho? — Assentiu e abraçou Sara mais uma vez antes de se retirar.

Seus olhos azuis entregavam o quanto já haviam chorado, mas mostravam o quanto estavam dispostos a não sofrerem mais.

Nos sentamos novamente. Eu buscava a melhor palavra ou frase que descrevesse o que sentia.

— Eu tentei falar com você. — Eu tinha a plena ciência de que ela sabia disso. Mas senti a necessidade de me explicar.

— E eu agradeço. — Sorriu sem mostrar os dentes. — Sou grata por tudo que fizeram.

— Imagina. Não fizemos nada.

— Vocês amaram o meu filho e o fizeram feliz. Suas últimas semanas foram como estar nas nuvens. Era o que ele descrevia a mim depois de conhecer seu irmão. — Em poucas palavras, seus olhos já anunciavam o quão emocionada estava.

Não havia lágrimas ainda. Mas era visível o quanto sua pupila brilhava ao falar do filho.

— John falava da sua macarronada durante todo o caminho para casa. — Deixei escapar um sorriso. Fazer parte da felicidade de alguém certamente nos torna nobre. Você se sente valioso, mesmo sem valer nada. Você se torna grandioso mesmo não sendo alguém tão importante.

— O seu filho era incrível. — A palavra "era" me causou um frio no estômago, como se estivesse enfrentando uma nevasca.

— Ele era sim. — Vi uma lágrima discreta rolar por seu rosto. — Mas eu vim falar sobre você. — Meus olhos denunciaram minha surpresa. Era ela quem precisava de apoio e palavras. Não eu.

— Sobre mim?

— Sim. — Assentiu, encarando-me nos olhos.

Sara tinha uma enorme facilidade de nos prender em seu olhar. Era como se, de alguma forma, estivesse desvendando o que se encontrava por trás deles.

— O que quer falar sobre mim?

— Eu sabia o que a morte do meu filho poderia causar em você. Sei o quanto a morte dos seus pais a privaram de viver o que a vida tinha a oferecer. — Seus olhos serenos encaravam os meus. — Eu vim pedir para que de forma alguma pense que Nick terá o mesmo destino que John. — Palavras que me deixaram confusa e boquiaberta. — Eu sei que passam muitas coisas em sua cabeça. E eu só quero que você não preveja futuros ruins pra sua família. — Engoli a seco. — Cada história é uma história. Nós não temos o poder de decidir quem vive ou não. Só ele tem. — Apontou com o indicador para cima. — Nem todos os milagres saem como esperamos. John foi um milagre para mim. Assim como Nick é para você. E não somos nós que traçamos o destino deles.

— Não sei aonde quer chegar. — Franzi o cenho, tentando decifrar suas palavras enigmáticas.

— Só quero que saiba aproveitar o que tem por hora. Da melhor forma possível. Que você se jogue. Que ame. E principalmente que nunca desista de acreditar no melhor. Porque ele existe. — Seus olhos sobre mim tentavam conectar-se a algo muito maior que por hora eu não fazia ideia. — Não quero que perca a esperança, porque nas horas mais complicadas é tudo o que podemos ter. — Me ajeitei no sofá.

— Não vou perder — garanti, tentando muito mais convencer a mim do que a ela.

Suas mãos vieram de encontro a minha e com carinho as afagou.

— Era só isso que precisava dizer. — Levantou-se.

Insisti para que tomasse um café, uma água e para que ficasse um pouco mais, mas ela estava convicta de que não demoraria.

Chamei Nick para se despedir. Ela tinha tanto carinho por meu irmão quanto ao que eu tinha por seu filho. Sara era incrível, mas tinha certeza que não nos veríamos com a frequência de antes. Até porque ela precisava de muito mais tempo com ela mesma.

Antes de ir, falou inúmeras vezes que eu poderia ligar sempre que precisasse ou que necessitasse desabafar.

A vida exigia dela um recomeço abrupto. E talvez se não fosse tão forte como transparecia, sem dúvida desabaria



Primeiro dia de um novo ciclo. Químio mais uma vez. Meu tio, Dominic e eu viemos conversando com Nick durante a semana, preparando-o para essa nova etapa. Mas dessa vez enfrentávamos um mal conhecido, o que tornava tudo menos difícil do que o primeiro ciclo do tratamento.

Olhávamos o líquido descer até suas veias e torcíamos para que ele não sofresse tanto.

Como da primeira vez, Nick colocou tudo para fora. Tio Silas e eu tentávamos tirar o foco de tudo aquilo. Contávamos histórias loucas das quais tirávamos de trás das orelhas. Meu tio era muito bom naquilo, assim como o papai. Seu carisma e brilho nos olhos me faziam lembrar dele em todos os momentos.

A sala onde aconteciam as sessões estava com um bom número de crianças, mas meu irmão parecia não querer olhar para nenhuma delas. Sequer disse oi. Eu entendi perfeitamente o seu gesto hostil. Ele não fazia por mal, fazia por puro medo.

Quando chegamos em casa, Nick dormiu durante a tarde toda. Barbara o fazia companhia e não deixava que os horários dos remédios se perdessem. Ela era perfeita e nos ajudava de tal maneira que a fazia ser crucial.

As sessões de quimio passaram para uma vez por semana, diferente da primeira vez. O que dava um conforto a mais ao meu irmão.

Tentávamos tocar nossas vidas de maneira sensata e lógica.

Na segunda semana, Nick parecia melhor e mais adaptado ao mal necessário.

— Obrigada por ser tão gentil. — Bárbara colocava o prato de sopa na bandeja.

— Podem contar comigo. Não quero ser só uma enfermeira. — Sorriu tanto com os lábios quanto com os olhos. — E sim uma amiga.

— E essa amizade também vale para o meu tio? — Ruborizou imediatamente.

— Claro. — Engoliu a seco.

— Não precisa ficar vermelha. Eu sei a forma com que se olham.

— Como assim? — Franziu o cenho.

— Não sou especialista em olhares, mas é extremamente visível todo o sentimento que dilatam a pupila de vocês. — Abaixou a cabeça, tentando disfarçar o mal jeito.

— Acho que isso é coisa da sua cabeça.

— Boa noite! — A voz rouca do meu tio ecoou por toda cozinha.

— Boa noite, tio. — Me olhou brevemente e em seguida, pousou os olhos sobre a loira à minha frente. Meu tio parecia um adolescente bobo e apaixonado.

— É, acho que não é coisa da minha cabeça não — pensei alto demais.

— Do que está falando? — Meu tio parecia confuso.

— Nada. Só pensando que Dom vem me buscar em minutos e ainda estou aqui, desarrumada.

— Bom jantar — desejou ele.

— Obrigada. E bom... — hesitei. — Sei lá, decidam vocês. — Dei a volta no balcão.

— O que ela tem? — Ele procurava uma resposta lógica para a minha confusão de palavras.

— Não faço ideia. — Bárbara encarava o chão para não deixar transparecer o fato de que sabia ao que eu me referia.

Lancei-lhes uma piscadela enquanto tentava esconder um sorriso.

— Tchauzinho. — Me retirei dali, subindo às pressas para o meu quarto. Eu tinha vinte e cinco minutos para me arrumar. E sim, eu consegui bater esse recorde. Me aprontei em minutos.

Quando Dom chegou, eu já estava à sua espera, no portão. Ele estava lindo como sempre.

Com os cabelos penteados para trás, barba bem baixa, da forma que eu mais amava vê-lo, e um sorriso que fazia dele uma obra de arte.

Quando chegamos em sua casa, ele me tomou pelas mãos e me conduziu escada acima.

— Pra onde vamos?

— Para o meu quarto. — Deixei escapar um sorriso.

— E toda aquela história de princípio e valores ultrapassados? — Ele parou no meio da escada e me encarou boquiaberto.

— Não é ultrapassado. — Umedeceu os lábios. — E só pra constar, minha palavra continua de pé.

— Até quando?

— Até a lua de mel. — Deu de ombros, como se aquilo fosse apenas um detalhe minúsculo no nosso relacionamento. E depois eu descobri que realmente era. — Agora vem. Quero te mostrar uma coisa. — Tornou a subir, segurando minhas mãos.

Eu o acompanhei até a porta do seu quarto. Antes de abri-la, ele me roubou um beijo estalado, causando-me surpresa.

— Não me trouxe aqui pra me roubar um beijo, não é?

— Não. — Sua voz era mansa. — Te trouxe aqui porque quero te mostrar uma parte da Anne.

— O quê? — Escancarei os olhos.

— Quero te mostrar uma parte sua que talvez não se lembre.

— Como assim? — Encarava-o com as sobrancelhas unidas, sem entender absolutamente nada.

— O que fazia você tão feliz? — Ele parecia saber perfeitamente a resposta.

— Minha família?

— Não. Eu quero te mostrar algo sobre você, apenas você.

— Eu não estou entendendo. — Balançava a cabeça de um lado a outro, confusa.

— Quero que se lembre do que te fazia feliz, livre. Quero que se lembre do que amava.

— O que vai fazer?

— Você vai ver. — Quando tocou a maçaneta, meu coração acelerou. Eu tive medo, receio do que poderia ver. Assim que a porta do quarto se abriu, fez sinal para que eu entrasse.

Coloquei um pé e depois outro. Nem de longe aquele lugar parecia um quarto masculino. Era cheiroso, limpo e organizado. Até mais organizado que o meu quarto.

— Tudo bem, se queria me impressionar, conseguiu. Você é perfeito no quesito organização — zombei.

— Olha melhor tudo o que está em volta. — Cruzou os braços.

Fiz o que me pediu. Corri meus olhos por cada pedacinho daquele lugar. Vi porta-retratos lindos, fotos maravilhosas e nas paredes havia quadros de skate. Deixei escapar um sorriso com o fato daquilo ser tão

previsível. Continuei correndo os olhos com o sorriso nos lábios, até me deparar com a parede de frente para a cama. Boquiaberta, analisava o quadro à minha frente.

— Como assim? — Eu não tinha palavras para o que via. — Você... — Respirei fundo, tentando controlar a forma com que meu coração batia. — Você...

— Sim. Eu guardei. — Como eu poderia ter esquecido daquilo?

À minha frente estava o quadro que pintamos enquanto jogávamos tintas um no outro no jardim da casa de seus pais. — Eu não consegui jogar fora. Então esperei secar, emoldurei e pendurei de frente para minha cama. É a nossa arte abstrata. Tem muito de nós nele. Não poderia jogar fora. — Senti uma lágrima rolar em meu rosto. “*Droga*”, pensei assim que me dei conta do quão emocionada eu estava.

Com o indicador, toquei o quadro. Ao olhar minuciosamente a pintura, notei uma assinatura na parte inferior.

— Será que pode assinar, finalmente? — Quando me virei para olhá-lo, vi que segurava uma caneta.

— Claro. — Com um sorriso largo, tirou o quadro da parede, retirou da moldura e entregou a mim para que assinasse. Embaixo do nome dele, gravei o meu.

Quando Dom devolveu a pintura à parede, segurou firme a minha mão, levou até seus lábios e a beijou.

— Eu sabia que um dia teria a oportunidade de fazer isso — Sem muito pensar, o abracei. —, mas agora, quero que veja outra coisa. — Afastou-se. O canto de seus lábios estampava aquele sorriso o qual me alucinava.

— Está fazendo aquilo de novo?

— Aquilo o quê?

— O sorriso peralta. — Gargalhou.

— Então que tal fazer umas peraltices? — Assenti sem muito pensar.

Dom me puxou pela mão e saímos do quarto como um foguete. Eu poderia jurar que ali estavam duas crianças ao invés de adultos responsáveis.

Ele me pegou no colo e desceu a escada comigo nos braços enquanto gargalhávamos sem ao menos saber o motivo para aquilo.

Quando chegamos no jardim, ele me colocou no chão e tapou meus olhos com as mãos.

— O que vai fazer?

— Você disse que toparia fazer peraltices. — Sorriu no final da frase. Eu assenti, empolgada. — Então já vai ver. — Me guiou dez passos à frente. — Preparada?

— Sim! — Quando meus olhos se tornaram livre, eu os abri. — Não está pensando que eu vou...

— Você concordou — falou de queixo erguido.

— Não acredito que fiz isso. — Forçava minha cabeça a balançar negativamente.

— E então, vai ficar só olhando? — Seu tom de voz era desafiador. Encarava meus olhos confusos e também o cavalete com uma tela e o amontoado de tinta sobre uma mesinha na grama.

— Não sei se consigo fazer isso. — Aquilo despertava em mim tantos gatilhos que eu poderia jurar que não sairia do lugar.

— Eu estou aqui. — Segurou firme minha mão.

Ele estava pronto para me conduzir, mas eu sabia que a pessoa a dar o primeiro passo deveria ser eu. Então eu dei. Mesmo com as pernas trêmulas, dei um passo e depois outro, até estar frente a frente à tela.

Soltei sua mão e peguei o pincel. Analisei o objeto com certo receio. Depois abri os potes de tinta e as cheirei. Fechei os olhos, tentando apreciar ainda mais aquele aroma de que passei sete anos ausente.

Dominic se mantinha em silêncio, ele sabia que aquele era um momento de redescoberta.

Respirei fundo e sujei o pincel. Encarei a tela como alguém que encara o seu grande obstáculo. Com as mãos vacilantes, dei a primeira pincelada, que mais parecia uma página do passaporte para a minha liberdade. Movida pelo calor do momento, eu pincelei mais uma vez e depois outra, e outra. Até notar que meus dedos não tremiam mais. Eu sorria a cada pincelada, como se contemplasse o meu pequeno renascimento.

— Eu consegui! — bradei, observando as manchas de tinta que pareciam não ter forma alguma.

Quando me virei para olhá-lo, ele parecia orgulhoso, com um sorriso estampado no rosto, me observava recuperar a paixão que por anos fiz questão de ocultar.

— Sabia que conseguiria. — Peguei o outro pincel sobre a mesa.

— Que tal outra arte abstrata? — sugeri, entregando o pincel a ele que, ao pegar, gargalhou já com planos em mente.

Dom mergulhou o pincel na tinta azul e me encarou com fascínio.

— Mas antes, que tal *virar* uma arte abstrata? — Eu já sabia do que se referia e mesmo recuando, não consegui me livrar da pincelada no rosto.

Boquiaberta, sentia o frescor da tinta na pele e relembrava a euforia de já ter vivido aquilo.

Era como dar *replay* na cena favorita de um filme e revê-la sempre de uma forma diferente.

Peguei um dos potes de tinta e virei sobre ele, que fez o mesmo, acertando metade na tela

— Nada mal, caro pintor. — Enquanto nos banhávamos de um jeito colorido, a tela ganhava vida, com nada mais, nada menos, do que a paixão pelo momento.

Estávamos vivendo intensamente aquele instante. Eu tinha certeza de apenas uma coisa: Nós éramos o momento. E não importa quanto tempo se passe, continuaremos sendo da forma que o amor nos escolheu para ser.

Dom tentava se esquivar da pincelada laranja enquanto eu me empenhava a sujá-lo ainda mais, então peguei o pote e virei sobre ele, mas suas pernas compridas o deram uma vantagem. Bastou um passo para se livrar da lambança. Eu não deixaria por isso mesmo, então tentei saltar sobre ele, o que me fez escorregar na poça de tinta.

Dom tentou me segurar, mas a única coisa que conseguiu foi cair sobre mim.

Quando nossos corpos se chocaram contra a grama, não conseguimos controlar a risada. Sem sair daquela posição, gargalhamos até a barriga doer.

Assim que conseguimos cessar os nossos risos, outra coisa se fazia sobressair.

Seu peito movia o meu, para cima e para baixo conforme respirava.

— Eu te amo, Anne.

— Amo você. — Seus lábios tocaram os meus com fervor e ao mesmo tempo com ternura. Sua língua pedia passagem em minha boca. Seus lábios me aqueciam o suficiente para fazer meu coração errar todas as batidas possíveis.

Respirar é tão natural, tão fácil, mas naquele instante, eu praticamente esqueci como fazer para que meus pulmões recebessem o ar

que precisavam para me manter viva.

Amar é, sem dúvida, como pintar o quadro mais perfeito. Você doa a sua alma enquanto recebe a de alguém em troca.

Amar é uma arte, porque o inventor do amor é um artista.



Na terceira e penúltima semana de quimio, Nick parecia não se abalar tanto.

Sentada na cadeira ao seu lado, observava-o ficar em silêncio, até que uma menininha da poltrona ao lado colocou tudo para fora. A mulher que a acompanhava parecia tão assustada quanto eu estava na primeira quimio do meu irmão.

Nick a observava minuciosamente.

— Primeira vez? — A menininha de pele clara e maria chiquinha assentiu. — Vai melhorar com o tempo. — Depois que retomou as sessões, aquela era a primeira vez que Nick dirigia a palavra a uma criança dali. — Eu sou Nick, de Nicholas Sparks. — Abriu um largo sorriso, fazendo com que a garotinha fizesse o mesmo.

— Eu sou Mel. — Estendeu a mão ao meu irmão, que a apertou com doçura. — Mel da abelha mesmo. — Eu poderia jurar que estava vivendo uma espécie de *dejà vu*.

— Eu sou Anne. — Me apresentei para a acompanhante da menina. — Irmã mais velha.

— Carol. — Sorriu sem mostrar os dentes. — A mãe.

— Se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa, pode contar comigo.

— Obrigada. É muito gentil da sua parte. — Um dia me senti reconfortada ao ouvir aquilo, me senti na obrigação de reconfortar alguém também. Essa foi a gentileza que Sara havia ensinado.

— Bem, Mel, quantos anos você tem? — perguntei com um sorriso afável.

— Cinco. — Tão pequena e já passando por tudo aquilo.

— Eu amei seus sapatos. — Seus olhos brilharam

— Obrigada! — Me ajeitei na poltrona.

— Sabe, esse era o lugar do meu melhor amigo. — Os olhos do meu irmão pareciam distantes.

— E onde ele está? — Mel parecia curiosa e eu aflita pela resposta que Nick poderia dar a ela.

— Ele está bem melhor agora. — Tanto ela quanto a mãe abriram um sorriso esperançoso de orelha a orelha. A resposta do meu irmão nem de longe era uma mentira. John venceu o câncer, não da forma que esperávamos, mas da maneira que deveria ser. E com toda certeza ele está em um lugar bem melhor. Na companhia do amigo que Nick amou apresentar a ele.

No caminho para casa, Nick parecia menos enjoado do que das outras vezes. Isso me deixava mais alegre e com esperanças altas.

Eu o deixei no quarto, descansando com a Bárbara enquanto organizava uns assuntos de trabalho.

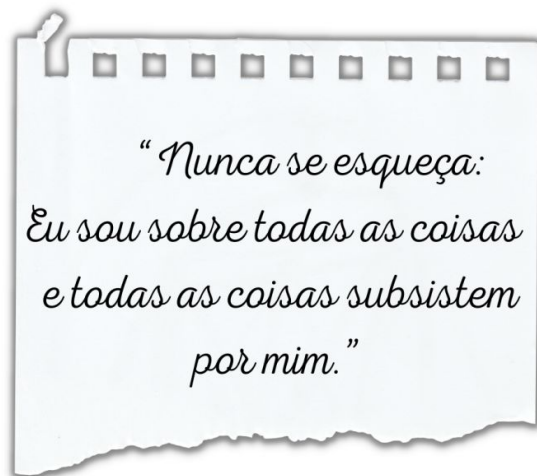
Trancada no quarto, eu pensava no novo projeto que deveria dar o melhor de mim.

Rascunhei algumas coisas até que algo finalmente me agradasse.

Procurei pela minha agenda no meio da bagunça da minha mesa, até me dar conta de que não havia tirado-a da bolsa.

— Achei você. — Assim que a abri para fazer as anotações que precisava, senti um vento gelar minha pele. Não havia motivos para isso, já que não tinha nenhuma corrente de ar ali.

Meus olhos pregaram-se no pequeno pedaço de papel. Meu coração disparou assim que meus olhos acompanharam cada palavra escrita ali.



Era a mesma letra do primeiro bilhete e exatamente com a mesma cor de caneta.

A frase escrita em letra dourada me fez questionar aquilo por muito tempo. Sem saber o que pensar, peguei o pequeno bilhete e parti quarto afora.

— Oi, querida. Vai jantar com a gente? — Meu tio e Bárbara mantinham um semblante amável, como sempre.

— Não! — respondi rispidamente.

— Aconteceu alguma coisa? — Uma ruga formou-se na testa dele e parecia não entender a minha feição áspera.

— Foi você? — Levantei o bilhete.

— Fui eu o que? O que é isso? — Entreguei o papel e o vi balbuciar a frase com as sobrancelhas unidas. — Quem escreveu isso?

— O primeiro eu não fazia ideia de quem poderia ter sido, mas esse... — Respirei fundo

— Como assim? Você anda recebendo bilhetes?

— Não finge que não sabe do que estou falando.

— Calma aí, gente. O que de fato está acontecendo? — Barbara tentava entender o contexto de tudo.

Meu tio entregou a ela o bilhete e, ao ler, teve a mesma reação que ele.

— Onde encontrou?

— Dentro da minha agenda. — Os dois se entreolhavam confusos.

— Isso é estranho. — Meu tio levou a mão à boca. — Deve ter sido alguém do seu trabalho.

— Impossível. — Balançava a cabeça freneticamente. — Isso não estava lá ontem e eu não fui a empresa hoje, então...

— Então? — Ele parecia surpreso tanto quanto Bárbara e eu.

— Foi você! Admite!

— Ei! O que tem na sua cabeça em pensar que eu escreveria bilhetes anônimos e os colocaria na sua agenda?

— Ele acabou de chegar, Anne. Nem subiu ainda. — Sentia meu rosto ferver. Apoiei as mãos sobre o balcão e respirei fundo.

— Será que pode me contar com calma o que está acontecendo? — Seus olhos esverdeados esperavam uma explicação.

— Há uns meses, eu achei um bilhete dentro da pasta que minha secretária deixou sobre a minha mesa. Eu estava folheando as páginas com cautela e quando cheguei na última folha, me deparei com um bilhete.

— Igual a esse? — Indagou Bárbara.

— Não. — Cocei a testa. — Quase. — Encaravam-me confusos. — Estava escrito alguma coisa relacionado a eu te amo. Não vou lembrar bem as palavras agora. Mas a letra, o tipo de papel e a cor da caneta são exatamente iguais.

— Nossa. — Bárbara parecia não acreditar na veracidade daquilo. Já meu tio parecia filtrar tudo o que eu tinha acabado de falar.

— Anne, tem certeza que ninguém da empresa poderia ter feito isso?

— Quem?

— Sei lá. — Ele tentava ligar os pontos. — Um admirador. Ian por exemplo.

— Ele jura que não foi ele.

— E você acreditou?

— Ian pode ser muita coisa, mas não é um mentiroso. Não faria isso. Até porque ele parecia tão surpreso quanto eu quando mostrei o bilhete a ele.

— Isso é uma verdadeira loucura — falou Bárbara.

— A caligrafia é perfeita, mas... — Seu olhar era vago.

— Mas? — Eu já estava aflita.

— Colossenses 1:17.

— O quê? Do que está falando, tio?

— O bilhete. — Estendeu para que o pegasse de volta. — É uma menção sobre Colossenses 1:7. — Boquiaberta, eu tentava entender a lógica daquela loucura.

— Não é possível — esbravejei. — Meu admirador é um devoto. — Aquilo era para lá de esquisito.

— O que vai fazer? — Tanto Bárbara quanto meu tio pareciam perdidos e curiosos.

— Torcer pra que isso não aconteça novamente. — Eu não era a única encucada com o bilhete. E isso só mostrava o quanto aquilo tudo era surreal. Eu não fazia ideia de quem podia ter mandado aquilo.

Durante todo o findar daquela noite, eu tentava não pensar naquele bilhete. Mas isso era quase impossível. Eu praticamente não dormi, cogitando quem poderia ter mandado aquilo e como foi parar na minha bolsa, se eu sequer me afastei dela.

Seja lá o que fosse, eu torcia para que não voltasse a acontecer.



Mais um ciclo se findava na quimioterapia. Nick estava livre. Seu corpo combatia a doença de uma forma milagrosa, mas que na minha cabeça era apenas mérito da ciência. Que descrença a minha.

Eu era tão vazia do que realmente importava que não me dava conta de que todos aqueles dias estavam sendo milagres memoráveis.

A graça e a misericórdia são coisas imensuráveis. Quanto menos merecemos, mais as recebemos.

— Me diz, como está se sentindo? — Dom levantou meu irmão no colo e fez algumas cócegas ao colocá-lo no chão.

— Livre! — O sorriso estampado no rosto de Nick descrevia perfeitamente o meu estado de espírito. O câncer não o venceu. Era tudo o

que eu pensava.

— Bem, que tal lasanha para comemorar? — sugeriu meu tio.

— Perfeito. — Era quase impossível Nick não gostar da ideia.

— Bárbara e Lili comerão conosco. Só estarão liberadas após o jantar. — Eu as queria ali, participando daquele momento de felicidade.

— Eu as levo em casa. Não precisam se preocupar com a hora. — Meu tio sorria ao falar.

Cada dia que passava, seu carinho pela enfermeira se tornava ainda mais notório.

— Assim não tem como recusar. — Empolgada, Lili começou a pegar os ingredientes no armário. Todos nós contribuímos com o jantar. Afinal, essa era a graça. Até mesmo Nick mexeu a panela.

Meu tio descascava o abacaxi para o suco enquanto Dom lavava toda a louça que colocávamos na pia. Lili dava as instruções e Bárbara preparava a sobremesa.

Eu era a ajudante geral. Não sabia fazer muita coisa além de pães de mel e ovos cozidos.

Aquela tarde, assim como a noite, foi mágica. Eu não me dava conta que aquela era uma típica família que o amor fez questão de unir. Na verdade, eu tinha o péssimo hábito de não valorizar tanto os pequenos momentos de felicidade.

Quando o jantar ficou pronto, eu fiz questão de servir a todos que, com um apetite voraz, repetiram.

Na hora da limpeza, todos estávamos pesados e cheios o suficiente para nos jogarmos no sofá e conversar sobre coisas aleatórias que não faziam sentido algum.

Como prometido, meu tio levou as damas em casa. O que não foi sacrifício algum.

Quando Nick deixou que o sono o capturasse, Dom e eu o levamos para o quarto. E sim, eu conferi dente por dente, como sempre fazia. Parece chato, mas ele amava me ver fazer aquilo. Acho que ele se sentia muito mais do que amado. Nem tudo é banal para uma criança. Às vezes o que pode ser a coisa mais simples para você, para elas se torna um enorme ato de amor e zelo.

— E você, como está se sentindo? — Dom se jogou no sofá e eu não pensei duas vezes em deitar com a cabeça no colo dele. Seus dedos

contornavam meus cachos enquanto eu admirava aqueles olhos atraentes e convidativos.

— Tenho a sensação de que posso respirar. É um momento de alívio, mas ainda temos muitos cuidados a tomar.

— A remissão não é um adeus definitivo à doença. Você precisa ter ciência disso. — Acariciou meu rosto.

— Sim, eu sei.

— Mas já é um avanço. E por isso não devemos perder a fé. — Levantei, sentando de frente para ele.

— Eu tenho fé. — Respirei fundo. — Na ciência. — Ele não conseguiu disfarçar seu semblante decepcionado.

— Será que nem nessas horas você consegue se sentir um pouco grata? — Dei de ombros.

— Olha, Dom, eu não tenho nada contra a fé que vocês praticam, mas, eu não partilho dos mesmos pensamentos.

— Eu não entendo. Como foi que deixou de ser aquela garota que tinha convicção no que acreditava?

— Meus pais morreram.

— Pessoas morrem, Anne. O tempo inteiro. A existência de Deus não pode ser baseada na fragilidade humana. A vida é frágil e isso não significa que Deus não exista.

— Eu sinto muito se não penso como vocês. — Levantei.

— Seu irmão está lá em cima. Hoje foi um passo muito importante. Nem todos têm esse privilégio. E ao invés de ser grata por isso, prefere questionar aquilo que é inquestionável. — Dom se levantou também. Com o cenho franzido encarava-me. Talvez com uma pontinha de esperança de que eu pudesse reconsiderar tudo aquilo. — Olha, eu preciso ir. Amanhã tenho plantão logo cedo. — Aproximou-se e beijou a minha testa. Antes que ele pudesse recuar, envolvi meus braços ao redor da sua cintura e o puxei de volta em um abraço.

— Não vai ficar bravo por isso, não é? — Com o queixo erguido, o olhei nos olhos.

— Não estou bravo. — Acariciou meu rosto. — Só acho uma pena não considerar os pequenos milagres. — Soltei-o.

Dom levou os lábios próximo ao meu ouvido e sussurrou:

— Eu te amo.

— Amo você. — Gradativamente se afastou e saiu, acenando antes de fechar a porta.



Vinte e Sete

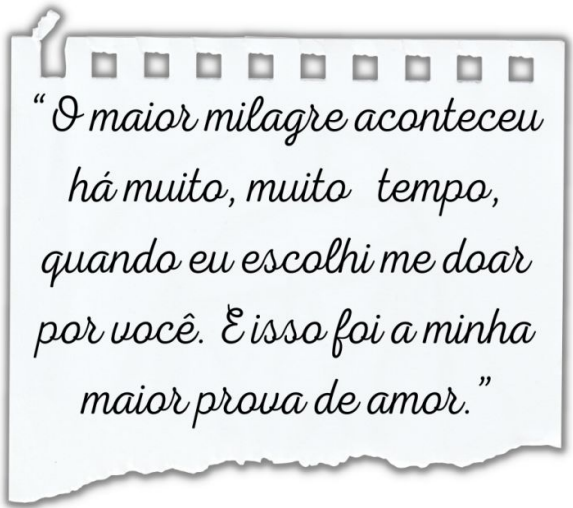
O Terceiro Bilhete

Depois de um dia cansativo de trabalho, eu me joguei na cama assim que sai do banho que até então era para ser relaxante.

Passei cinco minutos ali, deitada de barriga para cima, até ter coragem o suficiente para tirar o roupão e colocar uma roupa decente.

Assim que coloquei os pés para fora da cama, lembrei que precisava carregar meu celular. Abri a primeira gaveta da mesinha de cabeceira e junto do carregador, vi um pedaço de papel. Mesmo sem entender, algo me dizia do que se tratava.

Com as mãos trêmulas, peguei o pequeno papel dobrado ao meio e o abri. Em impecáveis letras douradas balbuciei as palavras.



*“O maior milagre aconteceu
há muito, muito tempo,
quando eu escolhi me doar
por você. E isso foi a minha
maior prova de amor.”*

— Não pode ser. — Mais um bilhete com o intuito de me enlouquecer. Eu não fazia ideia do que aquilo significava.

Respirei fundo e desci até a sala, onde todos estavam sentados, inclusive Dom, que esperava para me levar a um jantar.

— Parece que viu um fantasma. — Nick me olhava de cima a baixo.

— Que foi? Parece eufórica. — Observou Dom enquanto meu tio encarava o pedaço de papel em uma das minhas mãos.

— Será que alguém pode me explicar o que isso significa? — Dom parecia embaraçado, sem entender absolutamente nada.

— Deixa eu adivinhar: Mais um bilhete? — supôs meu tio.

— Como assim bilhetes? — Dominic tentava acompanhar o fio da meada.

— Há um tempo comecei a receber bilhetes aleatórios. E esse é o terceiro. — Educadamente, meu tio o pegou da minha mão e o leu em voz alta. Dom se espantava enquanto meu irmão sorria sutilmente.

— Do que está rindo, Nick? Não é engraçado, é assustador.

— Porque faltam mais dois. Não deveria se assustar. — Nós três escancaramos tanto a boca quanto os olhos.

— É você? — deduzi. — Então é você que anda escrevendo isso?

— Não. Mas sei quem mandou. — Me sentei na poltrona de frente para o sofá.

— Nick, isso não é uma brincadeira — frisei.

— Eu sei. Eu sonhei com ele. — Pasma, eu encarava Dom e tio Silas, na esperança de que eles pudessem estar entendendo bem mais do que eu. Mas estávamos todos no mesmo barco.

— Com ele quem? — Dom parecia tão curioso e perplexo quanto a mim.

— O meu amigo. — Respirou fundo. — O mesmo que disse que a doença viria. Ele me mostrou o hospital e garantiu que eu conheceria alguém especial. — Estremeci. — Deus.

— Deus? — Eu poderia jurar que aquilo era um fio de loucura. Não podia ser real.

— Sim. — Para ele, tudo aquilo parecia normal. — Ele me mostrou cinco bilhetes. Disse que é a única forma de você saber o que ele tem a dizer. — Minhas mãos gélidas tremiam.

— Nick, isso não é brincadeira. — Meu tio parecia pálido, assim como Dom.

— Não é brincadeira, tio. É verdade. Ainda faltam dois. — Falava convicto.

— Isso explica o versículo bíblico no bilhete anterior. — Os olhos do meu tio se encheram de vigor.

— Não. — Levantei e de um lado para o outro, comecei a andar. — Não, não, não. Você não pode achar isso normal.

— E que explicação você teria para isso? — indagou Dominic.

— Até você? Vocês ouviram o que eu ouvi? — Os três se mantiveram paralisados. — Tem que haver outra explicação lógica pra isso!

— E se não houver? — questionou tio Silas.

— Tem que haver.

— Um dia vai me dar razão — falou meu irmão, levantando do sofá. — Vai ver que o que falei é verdade.

— Deus jamais perderia seu tempo escrevendo bilhetinhos.

— Mas por que você acha que é uma perda de tempo, Anne?

— Porque eu jamais acreditaria nisso, Nick! — Sem querer e perceber, elevei o tom de voz.

Ao perceber a besteira que estava fazendo, respirei fundo.

— Desculpa Nick, eu não quis gritar com você.

— Acho que esse é o problema de tudo. Se acreditasse, tornaria as coisas mais fáceis. — Calçou os chinelos. — Já vou para o quarto. — Saiu em

passos ligeiros e em segundos já havia sumido escada acima.

Me joguei novamente na poltrona, encarando o nada, até notar aqueles dois pares de olhos me questionando.

— Não deveria ter falado com ele desse jeito. — Levei a mão à testa.

— Eu sei, tio. É que...

— Não! Sem desculpas esfarrapadas. — Levantou-se. — Tudo bem não ter fé. Ninguém é obrigado a ter. Mas cuspir suas palavras cétricas e esperar que a gente as engula, isso já é demais. — Engoli a seco. — Agora se me dão licença, vou fazer o mesmo que o Nick. — Dom assentiu, enquanto eu não consegui abrir a boca para dizer nada.

Meu tio subiu com o ar de decepção pesando seus ombros.

— Vai sair correndo também?

— Não. Mas acho que não deveria questionar o que seu irmão falou.

— Não acha isso um absurdo?

— Não. Acredito que Deus tenha sua própria maneira de falar com cada um.

— Eu não acredito em Deus. — Deu de ombros.

— Ok. Então não acha que está se importando demais com algo que você diz não existir? — Ele me pegou direitinho.

Tinha uma grande probabilidade do meu irmão estar certo, mas admitir aquilo carimba o quanto eu estava equivocada. E eu não daria o braço a torcer. Não tão fácil. Infelizmente.



Almoços de domingos me faziam lembrar coisas valiosíssimas. Memórias as quais jamais perderia.

— Mais salada? — Nick me respondeu, assentindo. Sua boca entupida o impedia de falar.

Eu amava ver o quanto seu apetite havia voltado. Suas bochechas cada vez mais coradas e sua língua cada vez mais afiada. Só se mantinha

em silêncio quando comia. Aquilo me trazia esperança. Muita esperança. Ele estava enfim voltando a ser a criança saudável de antes.

Meu tio servia mais lasanha à Bárbara, que almoçava pela terceira vez conosco. Eu fazia questão de convidá-la. Sabia que o almoço do meu tio teria muito mais sabor com a presença dela.

Dom já estava acostumado com as lasanhas de domingo. E passava a semana falando dela. Ficávamos cada dia mais próximos, mais íntimos e mais apaixonados.

— Sempre que como lasanha, lembro da minha sobrinha, Camili. — Limpou a boca com o guardanapo, tentando disfarçar, como se tivesse falado algo extremamente errado

— E como ela está? — Dominic indagou, dando-lhe liberdade para falar do assunto.

— Pedi demissão do emprego na semana passada, mas está bem. — Meus neurônios curiosos me mandavam perguntar o motivo, mas minha sensatez me impedia de abrir a boca

— E por quê? — Dom sabia que meu interior interrogava a mesma coisa.

— Ela não concordava em muita coisa que o sócio fazia. Cami é justa. Não gosta de suborno ou mentiras. E desonestidade era o que mais a incomodava. — Levou uma garfada à boca.

— Camili sempre foi justa. Desde criança — admiti.

— Ela vai montar o próprio escritório de advocacia. É a advogada empresarial mais competente que já vi. Ela se dedica ao que faz. E faz com êxito.

— Posso imaginar. Alguém quer mais suco? — Encerrei o assunto com discrição.

Enchi o copo de Bárbara e em seguida o do meu irmão. Comentei sobre o sabor da comida, sobre o clima e até mesmo sobre o novo filme que seria lançado no cinema. Tudo para encerrar assuntos que me causavam desconforto.

Bárbara admitiu querer ver o filme que estava em cartaz. Eu cutucava meu tio por baixo da mesa. E conforme ele não fazia o que esperava, tomei a liberdade de sugerir que eles poderiam ir juntos. Bárbara estava ruborizada, mas de forma alguma negava. Meu tio, no fundo, queria fazer o convite, mas não sabia por onde começar. Então eu dei um empurrãozinho.

Podem me chamar de cupido ou de qualquer outra coisa. Eu só queria que ele deixasse esse papel de pastor solitário. E bem lá no íntimo, sei que ele desejava o mesmo.

Depois do almoço, sugeri que tio Silas a levasse para tomar um sorvete. Sem graça e sem saber o que dizer, ele convidou meu irmão para ir junto. Mas Nick torcia igualmente a mim para que ambos formassem logo um casal. Estava estampado do rosto dos dois o quanto nutriam sentimentos um pelo outro.

Com a casa vazia, Dom e eu nos jogamos no sofá. Minhas pernas caíam sobre seu colo. Ele contava sobre o dia anterior e eu admirava a forma com que seus lábios se moviam.

Sua pele bronzeada e cabelos fora de sentido davam-lhe um ar espojado sedutor, que chamava atenção de qualquer mulher que passasse por ele.

Sua voz acariciava meus ouvidos. Era como ouvir sua música favorita em um dia aconchegante. Você esquece o mundo lá fora quando tem alguém ganhando espaço dentro de quem você é. Nossa convivência ganhava histórias, carinhos e cumplicidade.

As massagens que fazia nos meus pés incluíam algumas cócegas. Eu não fazia ideia do quanto um sutil namoro no sofá poderia significar tanto. Nós contávamos as nossas histórias, dividíamos os nossos planos e pensávamos em um futuro que nos agradasse.

Dominic me fazia rir, gargalhar até a barriga doer. Às vezes me sentia aquela menina de dezessete anos novamente.

Quanto mais os dias passavam, mais os almoços de domingo se tornavam memoráveis.

Meu tio pareceu gostar do empurrãozinho e não parou de convidar Bárbara para cinemas, jantares e sorvetes. Eu estava feliz pelo fato de que ele também estava.

Acredito que ela era o porto seguro que faltava na vida dele e ele se tornou a âncora dela.

Nós podemos passar uma grande parte da vida navegando, mas chega uma hora em que a atracagem é necessária.

Tive a impressão de que a vida estivesse se ajeitando, de que finalmente as coisas ficariam no lugar. Sem tempestades e emoções fortes.

Às vezes tudo o que a gente quer é a garantia de calma e a certeza de que as tempestades já passaram.

— Que tal uma volta no parque? — Nick terminou de comer e subiu para trocar de roupa.

Desceu a escada pulando de dois em dois degraus. Na cabeça estava a bandana que havia sido de John. Era raro os dias em que ele a tirava. Era a sua preferida desde então.

Nem de longe Nick havia esquecido o amigo, sempre se lembrava de suas brincadeiras e falas. Em sua mesa de cabeceira, havia um retrato com a foto de quando raspou a cabeça. Ao seu lado estava seu melhor amigo com seu sorriso de orelha a orelha.

Meu irmão lembrava com carinho e amor. E algumas vezes, eu notava seus olhos marejados.

Talvez ele fosse muito melhor do que eu e soubesse lidar com ausências sem ferir as pessoas ao redor.

O parque estava repleto de crianças. Eu percebia os olhares dos pais presentes. Comentavam sobre a falta de pelo na sobrancelha do meu irmão e deduziam o uso da bandana. Nada que fosse de outro mundo. Mas a inconveniência dos adultos carimba crianças. É triste perceber quanta ingenuidade perdemos ao crescer.

Tentei não ligar para aquilo. Se meu irmão estava se divertindo com as outras crianças, então era o que importava.

Ao longe, Dom e eu nos sentamos nos bancos para observá-lo. Nada me deixava tão feliz quanto vê-lo viver como a criança que era.

— Ele está tão empolgado hoje. — Seus olhos observavam meu irmão.

— Sim, ele está. — Minha voz era baixa. Quase arrastada.

— Ele te contou sobre o sonho que teve essa noite? — Involuntariamente meus olhos se voltaram para ele.

— Sonho? — Assentiu. Respirou fundo e tornou a falar:

— Ele disse que estava na cama do hospital e com muito medo. E quanto mais tentava respirar, mais fraco ficava. — Ouvir aquilo me causou aflição. Sentia meu coração acelerar — E aí aparecia um homem de branco. Disse que o homem sentou na beirada da cama e lhe contou uma história. — Pausou, passando a língua pelos lábios. — A história era sobre um menino muito corajoso que passaria por momentos complicados. E que em breve os dias mais difíceis chegariam. Tudo ficaria complicado. Mas que depois tudo

passaria. — Eu poderia jurar que a história narrada era sobre a vida do meu irmão. Sim, eu poderia garantir, se acreditasse naquilo.

— Crianças tem a imaginação fértil — afirmei, sem querer acreditar no que ouvi.

— Acredita mesmo nisso? — Seu olhar incrédulo me indagava. — Que é tudo fruto da imaginação dele? — Seu maxilar trincado e olhos semicerrados comprovavam a sua certeza pela minha descrença. — Nem você acredita nas desculpas que dá a si mesma.

— Primeiro os sonhos do bilhete e agora isso?

— E não faz sentido?

— Não pra mim.

— O fato de não ter conseguido ver Deus no meio de toda a sua dor, não anula o fato dele sempre ter estado lá. — Foi firme em sua posição. — Deus não precisa de provas para contestar sua existência. E mesmo assim insiste em nos mostrar o quanto sempre esteve por perto.

— Acho que não partilho dos mesmos pensamentos. Tudo bem você acreditar, mas eu não consigo.

— Na verdade, você se recusa. Prefere fingir que tem razão ao invés de ser feliz.

— Então pra você eu sou apenas isso? Uma pessoa infeliz?

— Não importa o que eu acho. — Tornou a olhar ao longe. — O que importa é como se sente. Você criou armadilhas dentro de si e insiste em cair nelas, mesmo sabendo onde estão armadas. — Uni as sobrancelhas, tentando entender aonde ele queria chegar. — Quando você coloca a cabeça no travesseiro, o que sente? — Engoli a seco. — Se sente completa ou é como se um buraco nunca fosse preenchido? — Estava me descrevendo perfeitamente. — Não precisa me responder, mas você sabe a resposta.

Eu sabia perfeitamente que, por mais que eu tentasse me preencher, um vazio continuava lá. Mesmo depois de ter reencontrado Dom, o vazio persistia. Mas eu insistia em fingir não saber do que se tratava.

Dom tinha seu jeitinho de me dizer a verdade. Eu nunca conseguia ficar com raiva dele por isso. Pelo contrário, tudo o que ele insistia em falar martelava na minha cabeça por um bom tempo, até minha louca e equivocada razão resolver tomar as rédeas de tudo.



Vinte e Oito

Até depois da tempestade

Cinco meses após o fim das sessões de quimioterapia, Nick se sentia bem mais revigorado e todas as vezes que tocávamos nesse assunto, ele mencionava a palavra milagre. E tio Silas aplaudia, com o sorriso de orelha a orelha. Os dois vibravam com a ideia de que Deus estava curando meu irmão e Dom não ficava atrás. Ele praticamente amava fazer parte desses assuntos, mesmo tendo pés no chão, por ainda ter seu olhar clínico.

Ele era médico além de namorado e amigo. Não poderia simplesmente sair dizendo que pela fé Nick já estivesse curado. Mas ele fazia questão de dizer o quanto sempre acreditou que se Deus quisesse ele pode fazer bem mais do que cogitamos.

Eu tentava não me intrometer. Fazia questão de ficar isenta de assuntos como aquele e eles respeitavam o meu silêncio sobre tal coisa.

Os passeios se tornaram cada vez mais frequentes. Cinema, teatro, praia, parques. E em todos eles, Dom, Nick e eu tirávamos inúmeras fotos.

Tínhamos um álbum apenas para nossos passeios. E pretendíamos fazer muitos outros. Depois de termos passado dias tempestuosos, eu não deixava passar uma oportunidade de poder aproveitar a vida ao lado do meu irmão. Eu estava amando poder fazer isso.

Naquele dia, Dominic me fez um convite especial, disse que me levaria para um jantar de gala.

Nick e meu tio escolheram o vestido que eu deveria usar. Opinaram também na bolsa e sapatos.

Seus olhares peraltas me fizeram questionar se eles tinham algum envolvimento com aquele convite. Pareciam muito mais alegres do que em um dia comum. Jogavam piadinhas o tempo inteiro. E depois de pronta, meu tio fez questão de dizer três vezes a frase: Aproveite ao máximo essa noite.

Eu não fazia ideia do significado, mas sabia que não era apenas um simples jantar.

— Aonde vamos? — Pela janela, as paisagens corriam enquanto a brisa refrescava meu rosto.

— Já vai saber. — Sua mão esquerda se mantinha no volante e a direita acariciava a minha.

Seu traje me deixava curiosa. Tentando adivinhar seu objetivo com aquele jantar. Não que Dominic andasse mal vestido, mas era a primeira vez que o via de terno.

Ele estacionou próximo a uma marina. Havia muitos Iates lindos, mas um deles se destacava. Havia luzes por todo ele.

— Um iate? — Meu cérebro ainda tentava assimilar o que acabara de ver.

Ao abrir a porta para mim, segurei bem sua mão ao descer do carro.

— Há muito por vir — sussurrou em meu ouvido.

Com o braço entrelaçado ao seu, caminhamos pelo cais. Com sua ajuda, subi na enorme embarcação e pude constatar que por dentro era ainda mais linda. Caminhando maravilhada até a proa.

Havia pétalas vermelhas pelo chão. Havia flores, velas perfumadas e uma mesa composta por comida japonesa com todas as variedades possíveis. As almofadas vermelhas nos acomodariam.

— É lindo. — Sua mão segurou a minha e me conduziu até que me sentasse.

Ele deu a volta na mesa e acomodou-se bem à minha frente.

— Precisava de algo à sua altura. — A forma com que sorria era extremamente singular.

Podem me chamar de boba apaixonada o quanto quiserem, mas ninguém sorri daquela forma. Não como ele. A maneira com que seus olhos quase se fechavam e a forma com que suas bochechas coravam. As veias de seu pescoço se exibiam lindamente.

Incrível como algumas obras de artes imitam tão perfeitamente os melhores sorrisos. Ou talvez seja o contrário? Não faço ideia, mas o importante é que amá-lo parecia a coisa mais fácil do mundo.

Ele abriu a garrafa de vinho e nos serviu. Era o meu favorito. Dom nem de longe tinha o hábito de beber. Aquilo era tão raro que acontecia apenas em grandes eventos ou grandes datas comemorativas.

Eu ainda não sabia o porquê, mas ao observar aquele líquido rubro cair sobre a taça, eu sentia que coisas especiais estariam por vir naquela noite. Algo me dizia isso. O som ambiente deixava tudo mais aconchegante. Eu poderia supor que ele havia roubado minha *playlist*.

O iate flutuava sobre o mar tão calmamente, fazendo a corrente de ar acariciar minha pele.

— Quando vai deixar de me surpreender?

— Não tão breve — disse após dar uma golada no vinho.

— Precisaríamos de no mínimo cinquenta apetites vorazes para comer tudo isso — brinquei.

Com o *hashi* em mãos, ele pegou um sashimi, passou-o no molho e levou até minha boca.

Fechei os olhos por alguns míseros segundos, aproveitando o sabor singular daquilo.

— Então é bom estar com fome. — Sorriu.

Enquanto comíamos, seus olhos se mantinham vidrados em mim.

— Senti sua falta. — Coloquei a taça sobre a mesa. — Durante todos esses anos, eu pensava em como você poderia estar. — Eu nunca tinha dito aquilo a ele. — Tive medo de que nunca mais pudesse ver você.

— Eu estou aqui. — Seus olhos castanhos encaravam os meus tão profundamente. Poderia dizer que Dominic observava muito mais tudo aquilo que estava oculto em mim do que todas as coisas que se mantinham à mostra. — E voltaria quantas vezes fosse preciso. — No som, tocava uma das minhas músicas favoritas. Música essa que ouvíamos enquanto dançávamos no meio do jardim.

Dom colocou-se de pé e ao meu lado, estendeu-me a mão.

— Você é a razão. — Sua voz cintilante traduzia o título da música que nos descrevia tão perfeitamente.

Segurei-a e me levantei. Me conduziu para longe da mesa, onde poderíamos nos movimentar sem medo de derrubá-la.

Sua mão esquerda tocava minhas costas enquanto a direita tocava a minha mão.

De um lado para o outro, nos movíamos.

Nossos olhos diziam muito mais do que mil discursos elaborados. Eu sentia o quanto estávamos conectados um ao outro. Era muito mais do que tudo o que poderia explicar. Ao olhar para ele tão sereno e doce, percebi que o que sentíamos um pelo outro era tão singular a ponto de jamais ser vivido por outro alguém. Era amor muito antes de ser.

— Eu contava as horas para poder empilhar livros na biblioteca, só pra ver você. — Seu olhar prendia o meu. — No dia em que você ficou coberta por aquela tinta azul turquesa e eu limpei os seus olhos, tive que controlar as batidas aceleradas do meu coração. Eu podia jurar que você as ouviria. — Deixei escapar um sorriso. — Talvez você não saiba, mas eu passei a amar muito mais meu skate depois dele ter me apresentado você. — Umedeceu os lábios. Ainda nos movíamos conforme a música tocava. — Quando você caiu da escada, direto nos meus braços, eu estava a um passe de te beijar. Não porque seus lábios são irresistíveis, mas porque os seus olhos despertavam em mim coisas que jamais havia sentido por outro alguém.

Eu não sabia aonde ele queria chegar. Mas seja lá o que fosse, estava desencadeando tantas lembranças boas que sequer ousei interrompê-lo.

— Aquele dia no acampamento, eu me juntei a você naquela grama fria. E enquanto você observava as estrelas, eu admirava você. Porque, para mim, você sempre foi e sempre será mais bela do que qualquer constelação. — Sua voz doce hipnotizava meus sentidos. — Quando fui embora, me senti tão perdido que não sabia o caminho de volta para mim mesmo, eu só tentava imaginar como seríamos juntos. — Seu polegar acariciava meus lábios. Seu toque suave causava-me arrepios na alma, muito mais do que na pele. — Minha mãe certa vez me disse que deveríamos orar pelo que mais amávamos. E eu fiz isso. Quando estava no meu estagio mais elevado de culpa por ter perdido meu filho, eu só pensava em como poderia fazer as

coisas certas. — Nosso movimento se tornou um pouco mais lento. — Lembro de me ajoelhar todos os dias e conversar com Deus sobre você.

Sua revelação deixou-me boquiaberta. Eu sabia o quanto Dom mantinha toda a sua fé, mas não fazia ideia de que também a usava em prol do amor que sentia por mim.

— Eu pedia, por favor, para que me deixasse entrar na sua vida novamente e enquanto não acontecesse, que ele te protegesse e que tivesse sempre com você, mesmo que você se recusasse a vê-lo. Foi tanto tempo pedindo a mesma coisa e a cada dia eu tinha mais certeza de que nossas vidas se cruzariam novamente. Mas eu era um pouco exigente. — Deixou escapar um sorriso, fazendo-me sorrir também. — Eu queria menina de sempre — admitiu. — A Anne que carregava inúmeros sonhos no peito. — Engoli a seco. Senti uma gotícula correr pelas minhas bochechas e preferi fingir que não notei sua existência. — A Anne altruísta. A que tinha os dedos sujos de tintas. Eu queria a Anne que eu havia amado, desde o começo, antes de saber o que o amor realmente significava.

— Dom... — Calou-me com o indicador e em seguida percorreu o dedo pela minha pele gélida.

— Eu não sei todos os porquês de Deus, mas sei que no meio disso tudo, ele tirou um tempo para nos trazer aqui. — Respirou fundo. — Sim, eu acredito em sua existência, acredito em milagre e em todos os planos que ele traça para as nossas vidas. Eu sei que você pode se sentir no olho do furacão e que as circunstâncias nem sempre são favoráveis, mas escolho enfrentá-las com você. — Colou a testa na minha. — Eu escolho segurar a sua mão, seja lá qual for a tempestade. Porque eu amo você.

Senti meu rosto arder, como se uma chama fosse acesa bem ao meu lado. Era como se eu tivesse mais uma vez tomando aquele último sorvete com o meu pai que, sem saber, estava me preparando para esse grande dia. O amor realmente vai segurar na sua mão e te mostrar que as tempestades são apenas garoas. Era isso que Dom fazia.

Afastou-se minimamente e ajoelhou-se à minha frente. Minha mente dava voltas para fora daquele iate e voltava em fração de segundos. Ele tirou do bolso uma caixinha tão pequena e aveludada e todas as minhas vozes interiores gritavam ao mesmo tempo. Sem tirar os olhos dos meus, abriu a caixa vermelha.

— Quando a chuva estiar aí dentro, casa comigo? — Eu estava imóvel. Por mais que ele estivesse ali à minha frente, eu ainda não

conseguia acreditar no que via.

— Ainda vai me amar quando essa tempestade passar?

— Ainda mais.

Sua voz branda me trazia tanta tranquilidade. Era como abrir aquelas caixinhas musicais que guardávamos nossas joias. Ele era essa caixinha e guardava com ele a joia mais valiosa que eu poderia oferecer-lhe. O meu coração.

— Eu te amo, Anne. De todas as formas que se pode amar alguém. — Eu o puxei pela mão, levantando-o. E assim que seu corpo estava próximo o suficiente, beijei-lhe. Deixei que meus lábios respondessem por mim. E quando notei que já havia tido muito daquela resposta, levei minha boca ao seu ouvido.

— Sim — sussurrei.

Alguns amores merecem todos os sins que somos capazes de dar.

Ao se afastar vi o quanto seus olhos brilhavam, pareciam querer saltar de sua face. Dava para ver o quão lacrimejando estavam.

Estendi a ele minha mão e com delicadeza colocou o anel em meu dedo e guardou a caixinha novamente no bolso. Me pegou no colo e enquanto rodava-me no ar, enchia-me de beijos dos quais jamais esqueceria, mesmo que passassem mil anos, eu sempre me lembraria daquele dia. — Mas a pergunta que não quer calar é — me afastei minimamente para olhá-lo nos olhos — quando foi que pedidos de casamento em iates, comida japonesa e dançar debaixo das estrelas deixou de ser algo que homens jamais fariam? — Coçou a cabeça

— Quando eu percebi que a única coisa que importava era estar com você.

— Ainda devo processar as autoras? — Abriu um sorriso largo, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Ligeiramente pulei em seu pescoço. Apertei-lhe tanto em meus braços que quase ficou sem ar.

— Noivos? — perguntou antes de me beijar. Com as mãos enterradas em seu cabelo, senti-me a pessoa mais amada que poderia haver em todos os planetas possíveis. Ao afastar meus lábios dos dele, ofereci-lhe meu melhor sorriso.

— Noivos! — disse por fim. Acomodei minha cabeça em seu peito.

Acredite ou não, mas as batidas do seu coração tornaram-se a minha música favorita desde então.



No dia seguinte, meu irmão e meu tio me fizeram contar exatamente como aquele anel havia parado no meu dedo. Eu não cortei parte alguma e a cada cena narrada, ouvia suspiros da parte de Nick. Meu tio tentava conter o quanto estava emocionado.

Os sorrisos estampados naqueles rostos eram a minha grande recompensa. Os dois assumiram o fato de já saberem e por isso pediram tanto para escolher minha roupa. Eu não fazia ideia, mas Dominic já tinha tido uma conversa franca com meu tio que, na verdade, estava em posição de pai.

Eu estava tão feliz que mal conseguia me conter. Dispensei Bárbara mais cedo, pois aquela seria a noite dos irmãos. Dominic ficaria de plantão e meu tio, não preciso dizer, não é? Sem perder a oportunidade, ele convidou Bárbara para um jantar.

— Pães de mel e sanduíches. — Empurrei a porta, fechando-a com o pé.

— Preparada para a noite dos irmãos? — Nick pulou cama afóra com tamanha empolgação.

— Já tenho tudo que precisamos. — Me ajeitei na cama com a bandeja no colo e ele pegou o controle remoto.

Enquanto o filme rolava, comíamos e tricotávamos entre uma cena e outra.

Meu irmão, com toda sua imaginação fértil, já havia exigido o traje que usaria em meu casamento. Era confortante ver o quanto ele estava feliz. Finalmente seu sonho de me ver com alguém estava se realizando.

Se você pudesse, só por um segundo, ver a forma com que olhava para mim. Sem dúvida a melhor herança que meus pais poderiam ter deixado para mim estava bem ali à minha frente.

No final do segundo filme, percebi que Nick havia cochilado algumas vezes e não havia comido tanto. Tirei a bandeja da cama e o ajeitei melhor no cobertor. Podia ouvi-lo roncar. Eu nunca permitia que dormisse sem fazer a higienização dos dentes, mas não tive vontade alguma de acordá-lo.

Desliguei a TV, beijei sua testa, peguei a bandeja, apaguei as luzes e saí.

Pronta para dormir, troquei algumas mensagens com Dom antes de pegar no sono. E quando me dei conta, o celular vibrava em minha pele. Assustada, procurei o aparelho com o meu tato.

O despertador marcava dez da manhã.

Eufórica, pulei, tentando me equilibrar sobre os pés. Loucamente procurava por chaves e bolsa, até me dar conta de que era sábado. Levei a mão à testa e me joguei para trás, deixando que meu corpo caísse sobre a minha cama ainda quente.

Ao desbloquear meu celular, a mensagem estava aberta.

**"Acho que alguém pegou no sono
Bom dia!"**

Eu realmente havia apagado sem explicação.

"Bom dia, noivo!"

Era a primeira vez que o chamava assim. Suspirei ao lembrar da noite anterior.

Não importa a idade que tenhamos, quando se trata de paixão, seremos sempre adolescentes imaturos

Deixei o telefone de lado. Eu precisava de um banho para me libertar daquele sono em excesso e uma xícara de café.

— Bom dia, Lili. — Com um sorriso doce, indo de uma orelha a outra, me respondeu:

— Bom dia! Dormiu bem?

— Perfeitamente. — A mesa do café ainda estava posta. Meu tio com toda certeza já devia ter ido para os seus afazeres da igreja.

Bárbara estava de folga e havia prometido ajudá-lo com as arrumações para os projetos sociais que ocorriam aos sábados. Não precisava de muito para imaginar aonde essa aproximação daria. E eu estava ansiando extremamente por aquilo.

— Nick já acordou? — perguntou, colocando na mesa o bolo que acabava de tirar do forno.

— Fui até o quarto dele para dar um beijinho de bom dia, mas ainda estava dormindo. — Enchi a xícara com café e o beberiquei. — Vou deixá-lo descansar mais um pouco. Hoje à tarde pretendo levá-lo para dar uma volta. É bom que ele esteja descansado. — Tirei uma fatia do bolo ainda quente e coloquei no meu prato.

— E nada mudou, não é mesmo? — Levou a mão até a testa. — Continua amando bolo quente.

— Na verdade, Lili, muita coisa mudou — brinquei —, mas ainda sou apaixonada por bolo quente.

— Bom dia, flores do dia. — A voz grave do meu tio tomou o ambiente. Ao se aproximar, beijou minha testa

— Pensei que estivesse atarefado.

— E estou. Tão atarefado que esqueci minha carteira. Tive que voltar pra buscar. — Coçou a barba ainda por fazer. — Mas não vou negar, esse cheirinho me abala. — Rapidamente puxei a cadeira ao meu lado.

— Ah, tio. Por favor, toma café comigo — pedi. — Vem, Lili. Senta também.

— Bem, eu já tomei café. E agora vou cuidar das roupas. Tomo café com você outro dia. — Fiz um biquinho, mostrando minha decepção.

— Eu te acompanho no bolo — Abri um sorriso. —, mas é só um pedaço. Tenho que voltar. Bárbara ficou organizando tudo. — Lili sorriu para mim, constatando que já sabia o que havia passado pela minha cabeça

— Com licença, bom café pra vocês. — Lançou-me uma piscadela ao se retirar.

— Sem sorrisinhos maliciosos. — Com os olhos semicerrados, levou uma garfada do bolo à boca.

— Tudo bem. — Beberiquei meu café — Mas eu acho que...

— Que nada — interrompeu-me. — Eu gosto da companhia dela, ela gosta da minha

— E ambos solteiros. — Encarou-me novamente sobre os cílios.

— Anne, querida, eu tenho inúmeras responsabilidades. Tem a igreja, meu trabalho, vocês. Não posso me dar ao luxo de me portar feito um adolescente apaixonado. — Segurei sua mão que estava sobre a mesa.

— Você é um pastor incrível, um tio maravilhoso, mas ainda é um homem. Além do mais, eu já sou bem crescida.

— E por que será que isso não me conforta? — brincou.

— Magoou. — Soltei sua mão. Percebi certa mudança em seu olhar. Senti que pretendia me dizer algo. — Tudo bem. — Me ajeitei na cadeira. — Pode mandar.

— É sobre o seu irmão. Ele me contou sobre o sonho que teve há um tempo e ontem sonhou a mesma coisa.

— Outro sonho? — Me olhou com o cenho franzido

— Ele te contou?

— Não. — Devolvi a xícara ao pires. — Dom me contou. Parece que ele se sente muito mais confortável com vocês.

— Deve ser porque não questionamos cada palavra que sai da boca dele.

— Tio, eu...

— Não. Não me encha das mesmas desculpas que dá a ele. Eu não tenho dez anos.

— Não é justo.

— Muita coisa não é. E nem por isso deixamos de acreditar em tudo à nossa volta.

— Não tenho descrença em tudo. — Dei de ombros.

— Mas tem no principal. — Sua voz era firme, como em todas as vezes que repreendia minhas atitudes.

— Não quero alimentar esperanças.

— Tem certos momentos em nossas vidas que esperança é o que nos faz não querer desistir.

— Ele diz ser um milagre. — Procurei por seus olhos, tentando fazê-lo perceber o quão absurdo aquilo soava.

— E quem é você pra dizer que ele não é?

— Milagres não existem, tio.

— Será que não aprendeu nada até aqui? — Uma ruga de expressão formou-se em sua testa. — Eu tentei ser o mais compassivo possível com você. Mas seu discurso de autodepreciação já está indo muito longe. — Rolei os olhos.

— Está tentando fazer a sua fé descer minha goela abaixo. — Respirou fundo, fechando os olhos por míseros segundos e ao abri-los, fitou-me

— Eu nunca fiz isso. E você sabe muito bem o quão paciente eu sempre fui. Nunca te impus nada. Dizer isso é um tanto injusto.

— Me desculpa. — Abaixei o olhar, recolhendo os ombros. — Só não tenta me fazer acreditar em tudo isso, porque eu não consigo. — Um estrondo chamou nossa atenção.

— Veio de lá de cima. — Apontou para o teto.

Um outro barulho ecoou. Como se algo estivesse se quebrando.

— Nick! — Saltei da cadeira e como um foguete já estava subindo os degraus da escada. Meu tio corria logo atrás. De frente para a porta do quarto do meu irmão, virei a maçaneta e empurrei a porta. — Já estive aqui hoje. Não estava trancada antes. — Meu tio tomou a frente, tentando abri-la, mas também não teve sucesso algum

— Nick! — gritou. — Abre a porta. — Ele batia com a palma da mão na madeira como se fosse arrombá-la com os dedos.

— O que houve? — Lili parecia ofegante, como se também tivesse subido os degraus correndo. — Ouvi lá de baixo.

— A porta está trancada e ele não responde — falei

— Nick! — O silêncio nos assustava ainda mais. — Se afasta da porta que eu vou arrombar. — Meu tio fez sinal para que nos afastássemos, tomou uma pequena distância e a empurrou com o pé, a porta se abriu e sem pensar duas vezes corremos quarto adentro.

O abajur estava quebrado no chão ao lado da cama.

— Nick! — A cama estava vazia e a poltrona da mesa de estudos estava caída e mais à frente tinha um pequeno rastro de sangue apontando para o banheiro.

Meu coração tentava saltar do peito. Meu tio e eu corremos em direção ao banheiro.

— Meu Deus! — gritou meu tio ao chegar à minha frente.

— Nick? — Ainda é complicado narrar o que vi. E extremamente impossível não sentir o mesmo nó na garganta que senti naquele instante.

Meu irmão estava caído pelo chão com o rosto tomado por sangue. Eu não conseguia distinguir de onde saía. Nariz, boca ou qualquer outra parte do corpo. Seu pijama azul se tornou rubro.

Nem mesmo os meus fios de cabelo se mexiam. Nos primeiros segundos eu havia entrado em estado de choque. Minha cabeça dava mil voltas enquanto minhas pernas pareciam pisar em areia movediça.

Meu tio o tomava nos braços.

Seus olhos forçavam a estarem abertos. Puxava o ar com demora, eu poderia contar as vezes que seu peito subia, até que vi seus olhos fecharem por completo.



O bipe do monitor me trazia para a realidade de segundo a segundo. O Mielograma foi feito com urgência.

Ele estava bem e respondendo ao tratamento. Estava em remissão, como aquilo foi acontecer?

O fato de saber que o câncer estava regredindo ao invés de consumi-lo por completo foi o que me permitiu viver nos últimos dias com a esperança de que tudo poderia melhorar como em um passe de mágica.

Meus olhos percorriam seu corpo pequeno. Minha mão acariciava a sua com discrição. Eu não queria acordá-lo. Não depois de tudo o que teve que passar naquele dia. Um dia tenebroso por sinal.

Eu estava tão perdida em meus pensamentos que não percebi a porta se abrir.

— Com licença. — A voz do doutor Roberth me trouxe para a Terra novamente. Seus olhos atentos buscavam contato com os meus. Dom surgiu logo atrás dele. — Como está nosso paciente?

— Adoraria saber. — Não tive intenção alguma de parecer grosseira, mas sei que soou ríspido.

Roberth se aproximou.

— Pode acreditar, gostaria de estalar os dedos e ter todos os resultados em minhas mãos. Faria de tudo para que nenhuma dessas crianças presentes nesse hospital tivesse que sofrer com a espera. Mas, infelizmente, sabemos que é preciso esperar. — Assenti.

— Me desculpa, eu só estou aflita e nervosa.

— E eu entendo. — Seu tom de voz era gentil. — Eu lido com famílias desesperadas e aflitas durante uma boa parte da minha vida. — Parou por alguns segundos. — O olhar que vejo agora é o mesmo que vejo centenas de vezes ao dia. Daria tudo para vê-los de outra forma, com outras perspectivas. — Colocou a mão sobre meu ombro e o afagou. — Não podemos perder a esperança, certo?

— Certo.

— Contem comigo — disse ao tirar a mão de mim. — Afinal, seremos da mesma família. — Por incrível que pareça, eu havia esquecido por completo que o homem à minha frente era o meu sogro. — Outra hora eu os parabeno pelo noivado — disse, alternando entre mim e seu filho. — Com licença. — Assim que assentimos ele se retirou.

Dominic caminhou em minha direção e me abraçou.

— Com você até a tempestade passar.

— E se não passar?

— Sempre passa — sussurrou em meu ouvido.

Eu queria acreditar naquilo, tanto quanto acreditava em cálculos matemáticos.

Dom me garantiu que Nick dormiria pelas próximas horas, o que me fez sair do quarto e desejar um balde de café

Na lanchonete, avistei meu tio e Bárbara ao longe. Pela forma com que gesticulavam, dava a entender o quão aflitos estavam. Ao me verem, levantaram rapidamente das cadeiras.

— Como você está? Acabei de conversar com o doutor Roberth. Infelizmente teremos que esperar os resultados dos exames. — Puxei uma cadeira e sentei.

— Pois é. O tormento da espera.

— Só café? — perguntou Dom, que fez o pedido assim que assenti.

Estávamos apreensivos, agoniados e nervosos.

— Eu literalmente não sei o que é pior. — Encarei o teto. — Esperar ou receber uma má notícia. — Dominic coçou a cabeça, isentando-se de falar.

Impossível julgá-lo. Sua posição era extremamente difícil. Ele não era apenas o meu noivo querendo passar boas energias, ele era o médico e não podia sob hipótese alguma alimentar esperanças falsas.

Quando a garçonete nos trouxe o café, eu estava eufórica demais para bebê-lo por completo.

Bárbara precisava ir, ficaria no lugar do meu tio com as responsabilidades da igreja. Só havia passado no hospital para apoiá-lo e saber notícias. Atitude nobre da parte dela.

Ao se despedir, me abraçou apertado. Senti que queria me dizer algo, mas ficou apenas no abraço.

Dom precisava fazer a ronda e cuidar de outros pacientes, mas prometeu aparecer no quarto do Nick sempre que possível.

Meu tio insistiu para que eu fosse para casa. Disse que cuidaria bem do Nick, mas eu não arredaria o pé dali. E ele tinha ciência disso.

Eu disse que ficaria bem ali, mas ele é tão teimoso quanto eu e ficou também.

— Olhando assim, nem parece que corre inúmeros riscos. — Encolhia-me na poltrona ao lado do meu irmão enquanto meu tio nos observava do sofá encostado no canto da parede.

— Não podemos perder a esperança. — Meu tio se mostrava confiante

— Hoje de manhã ele estava coberto de sangue. Apareceram manchas pelo corpo que não estavam aí ontem à noite. Hematomas como se tivesse rolado uma escada abaixo. De repente. Da noite para o dia. Acha mesmo que não está acontecendo nada?

— Não é uma questão de achar. Trata-se de não querer aceitar. Os resultados ainda não saíram. Até lá, prefiro esperar pelo melhor.

— Ingenuidade da sua parte. — Meus olhos mantinham-se firmes no meu irmão.

Eu não preguei os olhos durante toda a noite. Nick acordou algumas vezes com náuseas e queixando-se de dores.

Meu tio e eu tentamos entretê-lo até que conseguisse cair em um sono profundo.

Era impossível contar quantos copos de café bebi. Meu tio e Dom insistiram para que eu tentasse comer, mas sempre que levava algo a boca, um simples pedaço se transformava em quilos ao descer por minha garganta.

No dia seguinte, eu precisei ir em casa, tomar um banho e trocar de roupa enquanto meu tio ficava com meu irmão.

Ao voltar para o hospital, minha cabeça latejava. Tentava curar enxaqueca com café e mais café e o resultado era exatamente o oposto do que eu precisava.

Bárbara se ofereceu para ficar no meu lugar, mas estávamos falando do meu irmão, sob hipótese alguma sairia do lado dele.

— Bom dia, Anne. — Doutor Roberth caminhou quarto adentro com um sorriso nos lábios.

— Bom dia — respondi.

— Como está esse garotão? — Aproximou-se do meu irmão.

— Cansado — raramente Nick respondia monossilabicamente. Quando isso acontecia era evidente que não se sentia nada bem.

— Com fome? — De um lado para o outro, Nick balançava a cabeça, negando a pergunta.

— Precisa se alimentar, rapazinho. Pra ficar forte logo.

— Eu tô enjoado.

— Vou pedir para te trazerem água de coco e suco. Está bem? — Ele assentiu.

O médico lançou-lhe uma piscadela e logo virou-se para mim.

— Amanhã estaremos com o resultado em mãos — garantiu. — Até lá, eu preciso que se cuidem. Você não dorme há mais de vinte e quatro horas e também não a vejo comer.

— Estou bem — afirmei. Ele não teve muito o que fazer, a não ser assentir e fingir acreditar no que eu havia dito.

— Bem, qualquer coisa, estarei no consultório.

— Obrigada. — Ele pediu licença e saiu.

Eu tornei a sentar na poltrona ao lado da cama. Eu podia mentir para todas as pessoas ao meu redor, mas não podia mentir a mim mesma. Eu tentava, claro. Mas não acreditava em nada.

Eu torcia para uma grande melhora ou para que pelo menos não houvesse agravamento daquela doença que desde que chegou tirou a minha paz. Paz a qual já não tinha em excesso.

Naquela noite, Nick colocou para fora o pouco que havia conseguido comer e sujou toda a roupa com isso. Por esses imprevistos e outros que eu não me sentia confortável em ir para casa e deixá-lo ali com qualquer pessoa que fosse.

Com a ajuda da enfermeira eu o limpei e garanti que estivesse cheiroso novamente, como ele amava ficar.

Com custo, conseguiu beber os sucos que levaram para ele.

A noite foi um tanto longa. Quando Nick finalmente adormeceu, meu corpo não conseguia parar de se mover.

Dom apareceu várias e várias vezes com café e algo para comer, mas só conseguia aceitar o café.

— Amanhã é minha folga. E o resultado do exame sai logo pela manhã. — Eu caminhava lentamente de um lado para o outro. — Vou te levar pra casa.

— Não vou sair daqui.

— Já se olhou no espelho?

— Minha aparência é o que menos importa no momento. — Parei de frente para ele.

— E a mim também — falávamos baixo para não acordar meu irmão. — É sua saúde que me preocupa. Não come nada desde ontem. Não dorme, não para.

— Não é fácil vê-lo assim. — Apontei para a cama.

— Ele precisa de você saudável. — Eu jamais tiraria sua razão, mas a teoria se tornava muito mais fácil.

— Amanhã falamos sobre isso. — Dom ficou ali comigo até perceber que eu havia parado de me balançar feito uma louca. Era quase impossível controlar meus movimentos quando estava angustiada ou nervosa.

Aquela noite se estendeu por muito mais tempo que o relógio conseguia marcar.

Pela manhã, meus olhos queimavam. Ao me olhar no espelho do banheiro, notei duas manchas rochas se formando abaixo dos meus olhos, o que ganhava muito mais destaque já que minha cor tinha decidido dar uma volta.

Os olhos vermelhos entregavam as horas que passei acordada. Mais de quarenta e oito, pelo que contei. O que para mim não fazia a menor diferença. Tudo o que eu conseguia pensar era no bendito resultado do exame.

Bárbara garantiu que faria meu irmão tomar o café enquanto meu tio e eu conversávamos com o médico.

Sentada novamente naquela cadeira, meus olhos vasculharam toda a sala sem absorver imagem alguma. Eu puxava o ar e o soltava logo em seguida. Repeti aquilo por alguns minutos, até que o doutor Robert entrou pela porta, acompanhado de seu filho. Em suas mãos estavam alguns papéis. Imaginei que fossem os exames.

Roberth nos cumprimentou e tomou seu lugar à nossa frente. Dom permaneceu de pé ao lado do pai.

Corri meus olhos sobre meu noivo, que tentava não fazer contato visual. Não foi fácil fazer uma leitura de suas feições.

Meu tio segurava minha mão, na esperança de me deixar menos tensa. Mas eu sabia que por dentro ele estava tão à flor da pele quanto eu.

— O resultado do exame saiu — anunciou Roberth, me fazendo engolir a seco. — Bem, ao contrário do último, que apresentou melhora, esse foi completamente oposto. — Fechei os olhos por curtos segundos, tentando preparar meu consciente. — A leucemia está no seu estágio mais elevado. — Aquela altura, eu tentava a todo custo controlar minha respiração. — As plaquetas estão muito baixas, o que eu já imaginava devido ao estado que ele chegou aqui. As hemorragias podem acabar sendo frequentes. — Dom se mantinha em silêncio. — Nicolas estava em remissão e estava bem. E eu poderia jurar que seria dali para melhor. — Ele parou a fala, umedeceu os lábios e nos encarou nos olhos. Por dentro eu já estava petrificada desde o início do discurso. — Mas ele sofreu o que chamamos de recidiva. O câncer está mais vivo e mais ligeiro do que nunca.

— Há chances do meu irmão não conseguir combater o câncer? — Vê-lo assentir girou a faca que já estava cravada em meu peito.

— Os tratamentos agora serão mais invasivos do que antes. — Sem perceber, apertava a mão do meu tio. — Nicolas precisaria de um transplante com urgência. E sendo sincero, achar um doador compatível é extremamente raro.

— O que faremos agora? — indagou meu tio.

— Retomaremos as sessões de quimio. Enquanto um doador compatível não aparece, nos resta quimioterapia. Mas dessa vez será ainda mais invasiva.

— Faremos mais exames. Ele vai precisar ficar em observação. — Dom resolveu falar. — Precisamos observar tudo.

— O que isso quer dizer? — Visto que eu tentava absorver cada palavra dita, tio Silas elaborava as perguntas.

— A leucemia em seu estágio mais avançado pode causar muitas coisas. Aumento no fígado, baço, problemas respiratórios e...

— Quer dizer que é o mesmo pesadelo só que dez vezes pior? — indaguei.

— São muitos desafios pela frente, não vou mentir. Mas não podemos entrar em pânico. — Roberth tentava me acalmar.

— Não entrar em pânico — disse já estando em pânico. — Quando começam as sessões?

— Hoje mesmo.

— Não é justo — pensei mais alto do que deveria. — Ele estava bem. Não tinha sintomas. Ele comia, corria, ganhou peso. E todos aqueles hematomas? — Levantei. — Os hematomas não estavam lá. — Havia uma interrogação bradando dentro de mim.

— A recidiva alerta de pouco a pouco. Com repetições de sintomas que foram apresentados da primeira vez.

— Não tinha, pai. — Dom coçou a cabeça. — Ela tem razão. Eles não alertaram, não avisaram. Foi sorrateiro — Robert encarava o filho, tentando formular uma explicação óbvia para o ocorrido —, silencioso. Em um estalar de dedos. Definitivamente da noite para o dia.

— Isso é incomum. — Roberth parecia surpreso. — Não deveria ser do dia para a noite.

— Então estamos lidando com o incomum — falei, sem conseguir encará-lo nos olhos.

Eu não sei o que seria de mim sem o meu tio. Ele estava tão perdido e destruído quanto eu, mas se manteve firme enquanto minha mente dava inúmeras voltas.

Pelos corredores do hospital, eu caminhava, obrigando-me a sentir um chão que aos meus olhos não existia.

A tarefa mais difícil era contar tudo ao meu irmão. Dom e Roberth explicaram da melhor forma possível. Vi um ar triste tomar conta dos seus olhos enquanto ouvia tudo. Ele sabia o que estaria por vir. Já havia experimentado o quão ruim o tratamento era e a partir daquele dia seria um pouco pior. Teria que ficar no hospital por um tempo. Tentar se alimentar o máximo que conseguisse, o que já estava sendo complicado.

Depois de explicar para ele tudo o que precisaria saber, Roberth nos deixou para que absorvêssemos tudo.

Me ajeitei ao seu lado da cama e o abracei.

— Você é forte. — Dom apertou levemente seu nariz. — Lembra do seu sonho? — Eu tinha esquecido por completo. — No final vai ficar tudo bem — garantiu. — Assim como você mesmo disse. — Um sorriso ingênuo tomou conta dos lábios do meu irmão.

Em minha mente passava a breve narração que Dominic fez sobre o sonho que meu irmão teve. Me fazendo lembrar que no mesmo dia que voltamos para o hospital, meu tio havia falado sobre outro sonho.

Eu temi tanto por ele. Temi que estivesse delirando e que já fosse um dos sintomas da recidiva. E todas as minhas razões se conformaram de que era exatamente aquilo.

Dominic e tio Silas insistiram em me levar pra casa. Eu sabia que estava andando feito um zumbi, mas não achava justo deixá-lo lá sem mim. Não me sentia bem com isso. Ainda mais depois do resultado do exame.

Meu tio dirigia calmamente pela rua. Dom e ele tentavam puxar assuntos que me fizessem esquecer um pouco de tudo o que ouvi no hospital. No banco de trás, eu olhava pela janela sem prestar muita atenção nas paisagens que corriam por ela. Meus olhos estavam abertos, mas os meus sentidos não.

Eu abri a porta da sala, joguei minha bolsa em cima do sofá e em seguida deixei meu corpo cair sobre ele também.

— Você precisa de um banho, comer um pouco e dormir — disse meu tio ao fechar a porta.

— Ela não dorme há muito tempo. Está mais virada que eu nos plantões.

— Só vou precisar de um banho e já, já volto pra lá.

— Não. Você não vai voltar. — Meu tio deu a volta no sofá, parando à minha frente. — Eu vou dormir no hospital hoje e você vai ficar aqui.

— Eu não vou deixar o meu irmão lá enquanto eu fico no conforto do meu quarto.

— E você pretende cuidar dele de que forma se ficar doente também? — Dominic cerrou os olhos e com as sobrancelhas unidas me indagava.

— Não sou eu que preciso de cuidados.

— Podemos, por favor, não agir como se já estivéssemos velando o Nick? Ele detestaria ver a irmã dele nesse estado deplorável.

— Por que vocês tendem a achar anormal o fato de eu ter ficado triste com essa notícia?

— Todos nós estamos assim. Só não precisamos escrever a palavra luto na testa. — Meu tio foi um pouco mais rígido em seu tom de voz.

— Dom... — Busquei em seus olhos algum sinal de que pudesse estar ao meu lado.

— Você não volta para aquele hospital hoje. — Dominic foi assertivo. — Já passa das quinze horas. Você não tomou banho, não comeu, não dormiu.

— Ok. Amanhã pela manhã estarei lá. — Respiraram aliviados.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer pra amenizar toda essa avalanche dentro de você? — Meu tio tentava a todo custo me ajudar com a minha explosão de sentimentos

— Pede pra ele — aponte para o teto —, já que são tão íntimos. Pede pra que pare de fazer piadas com a minha vida. — Respirou fundo. Contendo-se para não retribuir grosseiramente ou com palavras que o fariam se arrepender no dia seguinte.

Peguei minha bolsa e levantei sem dizer mais nada. Subi a escada correndo. No meu quarto, respirei fundo. Uma, duas, três vezes. Até escutar a porta se abrir e em seguida ser fechada.

— Seu tio não merecia o que ouviu.

— Falei sem pensar. — Me virei para ele.

Eles estavam tão convictos de que aconteceria um grande milagre, que eu quase acreditei. Mesmo sem perceber.

— Quando a coisa vai bem, está tudo certo. Agradece ao universo. Quando tudo vai mal, repudia Deus? — Escondeu as mãos no bolso da calça. — Eu até tento, mas não consigo resolver sua matemática. Ela não bate.

— Não acredito em Deus! — vociferei

— Está errada, sabia? — Com o cenho franzido, deu um passo à frente. — Acho que você acredita muito mais do que imagina.

— Meus pais acreditavam, olha o que receberam em troca. Meu irmão acreditava o suficiente. Olha onde ele foi parar. Nem vou mencionar a vida do meu tio. Não é justo, Dominic. Deus não é justo! — Abaixei o

olhar. Eu encarava o chão para evitar olhá-lo nos olhos. Seu olhar me condenaria facilmente.

— Você se escuta falando? — Umedeceu os lábios. — Você o culpa por tudo. Faz questão de dizer isso. — Deu mais um passo à frente. — Como consegue culpar alguém que não existe? — Ruborizei.

Senti minhas mãos escorregadias. Eu transpirava facilmente ao ficar nervosa.

— Você pensa assim, eu não. Não acha que deveria estar com alguém que partilhasse da mesma opinião? — Desviei o olhar.

— O quê? — Encarei-o novamente.

— A promessa era de que quando tudo ficasse bem, nós... — Toquei no anel que havia me dado e cogitei tirá-lo.

— Não! — Sua voz era firme. — É só isso que você sabe fazer? Se fechar? Atacar pra se defender? — Elevou ainda mais a voz.

— Eu só...

— Não termina. — Levantou o indicador. — Você está acostumada a ferir quando se sente ferida. A manipular as pessoas para que se afastem!

— Não é isso. — Eu nunca tinha o visto daquela forma.

— Você não vai fazer isso de novo. Não vai brincar com a minha vida como se ela fosse um videogame! Todos temos problemas, todos perdemos pessoas ao longo da vida, todos nós enfrentamos situações péssimas e nem por isso nos armamos dos pés à cabeça.

— Olha o quão embaraçosa está a situação.

— Se estiver esperando o momento perfeito para então começar a viver, vai morrer sem perceber. Os momentos ruins sempre irão chegar. A vida é isso! São esses altos e baixos que ocorrem enquanto respiramos. — Engoli a seco. — Eu não vou fingir que suas atitudes não machucam, porque sim, elas machucam!

— Eu só consigo pensar no Nick. Será que não vê?

— Você e suas desculpas. Você ataca pra se defender. — Abaixei a cabeça. — Todos nós temos dias ruins. O mundo não vai parar para esperar você consertar o seu coração. — Respirou fundo. — Eu vou fazer um favor pra nós dois. Eu vou descer, preparar alguma coisa pra você comer e fingir que não ouvi suas barbaridades. Enquanto isso, você toma um banho. Aproveita e vê se deixa as suas eloquências descerem pelo ralo junto com a água. — Antes que eu pudesse contestar, ele saiu batendo a porta.

Dominic tinha razão. Eu estava apavorada e talvez eu não soubesse lidar com o excesso de medo. Eu simplesmente preferia varrê-lo para debaixo do tapete.

Eu tinha pânico de perder pessoas. Só a hipótese de acontecer, mexia com todos os meus sentidos. Eu tentava me forçar a não agir daquela forma. Mas na teoria, eu gelava. Minhas pernas tremiam, meu coração errava as batidas. Eu dizia em silêncio que ficaria bem e segundos depois os pensamentos positivos me deixavam.

Era como dizer a um asmático que há ar suficiente para respirar e que a bombinha é dispensável.

Eu sabia que meu tio não merecia nenhuma das minhas palavras, sabia que Dom não merecia meu ataque e também sabia que eu não merecia ser tão destrutiva quanto era.

Não pense você que eu não tinha ciência de tudo. Eu tinha. E a maior parte da minha revolta era comigo mesma, por não conseguir fazer diferente.

Enquanto a água percorria meu corpo, eu arquitetava mil formas de como pensar diferente, agir diferente e principalmente sentir diferente.

Penteei meus cachos com os dedos, os sequei em seguida com o secador e vesti meu pior pijama.

Abri ainda mais as cortinas e me sentei na soleira da janela.

O jardim perfeito mostrava as flores que em sua maioria ainda nem haviam desabrochado.

Eu conseguia ver duas meninas correndo de um lado para o outro. Cami esfregando as mãos sujas de terra em sua jardineira surrada enquanto eu subia na amendoeira e sentava no primeiro galho com medo de subir ainda mais e me esborrachar no chão.

Perguntava-me como aquela menina poderia ser eu se parecia tão pouco comigo? Os olhos dela carregavam um brilho que os meus já haviam se esquecido. As gargalhadas liberadas ao vento me lembravam do quão livre havia sido um dia.

Eu as admirei tanto que era quase impossível notar que aquela imagem era um reflexo da minha vida. Eu não observava mais as flores, não gargalhava mais, não percebia o quão libertador era sentir o vento no rosto, pisar no chão e dividir a vida com quem valia a divisão.

Enquanto minha mente trazia à tona um passado que desaparecia entre os dedos, meu coração me mostrava o quão amarga havia me tornado.

O barulho da porta me trouxe de volta para o quarto, mesmo não tendo saído dele antes.

Dom segurava uma bandeja com um copo de suco que parecia ser de maracujá. Duas fatias de bolo e uma fatia de torta de frango. Havia mais coisas do que eu conseguiria comer.

Fechou a porta com o pé e colocou a bandeja na mesa de cabeceira.

Seu semblante mais sério que o normal me fazia sentir o quanto poderia estar decepcionado.

— Não vai comer?

— Já comi lá embaixo.

— Dom, sobre o que eu falei...

— Pensei ter dito que o assunto havia acabado. — Mordeu o lábio inferior. — Foi exatamente por isso que demorei tanto lá embaixo.

— Me desculpa. — Desci da janela. — Eu sei que ter medo de perder alguém é normal, afinal, nós somos humanos. Todos temem a morte de alguém. Mas eu... — hesitei. — Quando eu perdi os meus pais, eu pensei que em algum momento a minha vida voltaria para o lugar. — Ele me observava minuciosamente. — Mas os dias foram passando e eu simplesmente não conseguia seguir em frente. Eu me deitava com o pensamento de mudança e acordava disposta a me afogar no luto. Toda vez que uma gotícula de felicidade se aproximava, eu me encarregava de desfazê-la. Na minha cabeça eu estava sendo cruel.

— Cruel? — Franziu o cenho.

— É. — Me aproximei. — Eu pensava que viver e tocar a minha vida, significava esquecer os meus pais. Achava injusto ser feliz depois da morte deles. E então eu fui me despidendo aos poucos de tudo o que me fazia viva. — Respirei fundo. — Ajudar as pessoas. — Lembrei-me de José e de quanto eu ficava feliz em vê-lo. — Cami, você. — Engoli a seco. — Depois da notícia de hoje, eu entrei em pânico de novo. Me parecia injusto te amar, ser feliz, construir um futuro, sendo que havia inúmeras possibilidades do Nick não conseguir ter um. — Limpei a primeira lágrima, sem muito sucesso, porque em menos de cinco segundos todo o meu rosto estava tomado por elas. — Eu não sei o que fazer. — Minha voz embargada me mostrava a falta de domínio com meus próprios sentimentos. — Eu estou com medo, Dom. Estou apavorada — disse entre soluços. — Me perdoa, por favor — implori.

Com seus passos largos, se aproximou, alcançou meus ombros e me puxou em um abraço.

— Me perdoa.

— Shi... Está tudo bem. — Seus braços quentes e fortes apertavam meu corpo. Afundei meu rosto em seu peito. — Até a tempestade passar, lembra? — Assenti em prantos. Seus braços foram o meu alento por longos minutos.

Dom só me soltou quando percebeu que as lágrimas pararam de cair. Assim que consegui me recompor, comi a torta e uma fatia do bolo. Nada além disso.

Terminei de escovar os dentes e voltei para cama.

— Bem, tem um quarto de hóspedes me esperando. — Dom beijou a minha testa e ao se levantar, o puxei pela mão.

— Fica. — Mais do que querer sua companhia, eu precisava dele ali comigo.

Ele pensou por alguns segundos.

— Tem certeza?

— Não vou tentar contra seus princípios. Pode ter certeza. — Sorri sem mostrar os dentes. — Tenho uma escova reserva, caso queira.

— Tudo bem. — Curvou-se e beijou a minha testa. — Seu tio me emprestou um pijama.

— Vou pegar pra você. — Levantei. — Tem toalha na segunda gaveta. — Apontei para o guarda roupa. — Já volto. — Saí para pegar o que havia me pedido.

Peguei o primeiro pijama que encontrei na gaveta do meu tio e entreguei a ele.

Quando Dom saiu do banheiro, eu já estava deitada. A calça de flanela e a blusa do tio Silas lhe serviram perfeitamente.

Dom deitou ao meu lado e apagou o abajur.

— Até a tempestade passar — sussurrou.

Com a cabeça em seu peito e suas mãos acariciando meus cachos, não foi difícil pegar no sono. Eu adormeci nos braços dele. E naquele dia, eu encontrei o meu lugar favorito no mundo.



Vinte e Nove

Novamente alma gêmea

O sol invadia o quarto pela pequena fenda da cortina. Antes mesmo de abrir os olhos, tateei a cama e me surpreendi ao não encontrá-lo ali. Quando sentei, realmente constatei que estava sozinha.

— Bom dia. — Assim que a porta se abriu, Dom surgiu com uma bandeja de café da manhã contendo uma rosa.

— Bom dia — retribuí com um sorriso.

Ele colocou a bandeja sobre a cama e se sentou ao meu lado.

— Precisa se alimentar antes de ir para o hospital.

— Olha, que café da manhã lindo. — A salada de fruta estava com uma cara ótima e do pão de queijo saía fumaça.

— Bem, eu tive a ajuda da Lili. — Pegou um dos potes com as frutas e levou uma colherada à minha boca. — A senhorita está proibida de ficar

sem comer. — Levantei a mão na altura da cabeça

— Pode deixar. Acatarei suas ordens. — Deu um largo sorriso.

— Boa garota. — Beijou rapidamente meus lábios. — Já falei com seu tio. Está tudo bem por lá.

— Vou comer e partir.

— Eu levo você.

— Faz o seguinte, pode ir na frente. — Me olhou confuso. — Acabei de me lembrar que tenho que assinar umas coisas na empresa. Se me esperar, vai se atrasar.

— Tudo bem — concordou.

— Pode dizer ao meu tio que não pretendo demorar? — Assentiu.

Tomamos o café com calma. Nenhum de nós dois tocou no assunto desconfortável de ontem. Eu preferia assim e acredito que ele também.

Tomamos o nosso banho. Separadamente. Não fique aí pensando o que não deve. Dom estava convicto do que queria e então não tinha cabeça alguma para pensar diferente. E era bem melhor deixá-lo seguir seus princípios.

Ao terminar de se arrumar, despediu-se de mim e partiu para o hospital. Eu estaria lá algum tempo depois. Mas antes precisava fazer uma coisa não tão fácil.

Peguei o celular na bolsa, na lista de contatos, procurei por um específico. E antes de fazer a chamada, cogitei desistir. Minhas mãos suavam e meu peito palpitava. Tanto alarde, era só a minha ansiedade me mostrando que meu próximo passo era importante para mim.

Cliquei no verde e levei o aparelho no ouvido. A cada som da chamada me tornava ainda mais apreensiva. Uma parte de mim desejava não ser atendida e a outra parte ansiava por um ponto final em todo dramalhão que causei.

— Alô. — Estremeci.

— Oi. — Minha voz saiu trêmula. Do outro lado da linha houve um silêncio. Silêncio que não deve ter passado de três segundos, mas que para mim durou quase horas. Assim que ouvi um "oi" de volta, respirei aliviada.

— Eu preciso muito falar com você. Pode me encontrar naquele lugar em vinte minutos?

— Posso sim.

— Obrigada. Te vejo lá então.

— Ok. — Não prolonguei a conversa. Aquilo era tudo que precisava dizer e ouvir por hora.

Encerrei a chamada, peguei minha bolsa e parti.

Durante o trajeto, minha mente produzia inúmeros discursos, onde a maioria das palavras ensaiadas ficariam apenas na minha cabeça.

Ao chegar, percebi os olhares dos balconistas sobre mim. Era a primeira vez em muitos anos que pisava ali novamente. Por muito tempo, um dos meus lugares favoritos foi esquecido por mim.

Escolhi a última mesa, a mais escondida possível.

Quando a garçonete chegou, informei que estava esperando uma pessoa.

Eu batia as pontas dos dedos sobre a madeira da mesa, sacudia a perna sem parar e olhava pela janela de vidro, tentando me distrair.

— Oi. — Sua voz sorrateira chamou minha atenção.

— Que bom que veio. — Acomodou-se no banco acolchoado à minha frente.

— Não vou mentir, me surpreendi com sua ligação. — Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Como conseguiu o meu número?

— Bárbara deixou em um pedaço de papel na mesa de cabeceira do meu irmão. Acho que sabia que precisaria dele um dia.

— Olha, Anne...

— Não quero ser indelicada, mas... — Olhei-a nos olhos. — Eu preciso falar enquanto tenho coragem.

— Tudo bem. — Ela era tão linda. Sua pele alva fazia contraste com seu cabelo negro. Acredito que quanto mais o tempo passava, mais bela se tornava.

— Nick piorou.

— Minha tia me contou. Eu sinto muito. — Havia doçura nos seus olhos retintos. Eles transpareciam empatia. Apesar do que fiz, Cami conseguia se compadecer da situação.

— Mas não te chamei aqui pra isso. — Engoli a seco. — Com a doença do meu irmão, eu pude perceber o quanto fui mesquinha e egoísta todo esse tempo. — Cami parecia surpresa. — Eu pensava tanto em como não me machucar que acabei machucando pessoas que não mereciam.

— Seu irmão está no hospital, não sei se é o momento de remoer isso.

— Eu preciso.

— Tudo bem. — Ajeitou-se no banco.

— Eu vivi todos esses anos no modo automático. Afirmando pra mim mesma que não sentia falta de você, do Dom. Foi a maior mentira que já contei. Acredite, quando se passa tempo demais mentindo para si, você acaba deixando a mentira fazer parte de quem você é. É uma maneira de não admitir o quão errado está. — Seu olhar era minucioso. — No meu momento mais difícil, eu sabia que vocês não me deixariam, então eu precisava ferir vocês. Só assim virariam as costas pra mim. — Senti meu rosto arder. — Quando você saiu do meu quarto aquele dia, uma grande parte da Anne foi com você. — Senti uma lágrima escorrer em meu rosto. — Era a minha alma gêmea. Lembra? — Assentiu, secando uma lágrima com o indicador. — Na minha cabeça eu estava libertando vocês daquilo que eu estava me tornando. — Respirei fundo. — Não teve um só dia que eu não me torturasse pelo que fiz. Mas o meu ego não me permitia voltar atrás — assumi. — No meu primeiro dia de aula na faculdade, eu queria ligar pra você. Quando me envolvi intimamente com alguém pela primeira vez, eu peguei o telefone pra falar com você. — Senti outra lágrima escorrer. — O meu primeiro dia na empresa, eu desejei contar pra você como eu estava me sentindo. — Seus olhos fitavam os meus sem piscarem. — Até que eu encontrei você na farmácia e não sabia como agir. Eu queria tanto te abraçar. Você não imagina o quanto lutei contra o meu corpo que queria a todo custo abrir os braços pra você.

Vi suas lágrimas caírem quando abaixou o rosto, na esperança de escondê-las.

— Quando se é uma menina, nós achamos que a nossa metade da laranja é um príncipe. E quando amadurecemos, nos damos conta de que a outra parte de nós pode ser um velho amigo. — Eu tentava controlar a minha voz embargada e a minha falta de sucesso me deixava ainda mais nervosa. — Eu vou entender se nunca mais quiser olhar na minha cara. Se quiser se levantar e ir embora, eu vou entender você. Não estou pedindo pra esquecer tudo e continuarmos de onde paramos. Não é justo com você. Mas por favor, eu só preciso que me perdoe. Me perdoa, Cami — disse entre soluços.

Abaixei a cabeça envergonhada. Tentava esconder o quanto as lágrimas haviam me dominado. Quando senti sua mão na minha, levantei o olhar ainda temendo o que ouviria. Seus olhos vermelhos pregados aos meus transmitiam certa doçura, apesar de estarem tomados por lágrimas.

— Ninguém solta a corda, lembra? — Ela levantou e antes que eu pudesse me mexer, sentou ao meu lado.

Eu a abracei forte e enquanto nossos braços redescobriam a paz que era estar um no outro, os nossos olhos deixavam escapar todo o sentimento que guardamos por tanto tempo. Eu não merecia tanto carinho, mas recebi dela o afago mais sincero que alguém pode dar.

Cami só me soltou quando sentiu que podíamos nos olhar sem derramar mais lágrimas.

Ao longe, a balconista parecia inquieta e indecisa se nós atrapalharia ou não. Bastou sorrirmos para ela entender que estava tudo bem.

Cami me fez comer dois pães de mel enquanto devorava um pedaço de banoffe.

Em poucos minutos, um assunto brotava após o outro. Quem nos visse daquela forma, rindo e falando pelos cotovelos, não imaginaria que passamos anos sem nos olhar direito.

É, o amor é louco, não é mesmo? Ele insiste em nos amar, mesmo quando mais o machucamos. Isso te lembra alguma coisa? Para mim parece um pouco óbvio. Vou dar uma dica. Tem a ver com: Cruz, Calvário e Perdão.

A história da paixão pela humanidade é curiosa. Os mais sábios não seriam capazes de entender. E o mais lunático não conseguiria imaginar.



Abri a porta do quarto. Bárbara, Tio Silas e Dom conversavam com meu irmão descontraidamente.

— Desculpa a demora — disse, entrando.

— Eu já estava preocupado — falou Dom. — Te liguei várias vezes e... — Os olhos arregalados e a expressão de surpresa no rosto deles era de

fácil imaginação. Quando Cami surgiu bem atrás de mim, nenhum deles foi capaz de falar alguma coisa

— Eu precisava resolver uma coisinha.

— Está tudo bem? — Meu tio parecia preocupado.

— Agora sim — respondeu Cami. E quando eu assenti, senti-os aliviados.

Eu percorri meus olhos por todo o quarto, me senti abraçada mesmo sem ser tocada. Uma boa parte do que eu era, estava de volta.

Aquela era a minha família. E eu os amava sem medida.

Tanto Sara quanto Dom estavam cobertos de razão. É impossível ver um vestígio de felicidade na solidão. Mas quando olhamos em volta e avistamos o sorriso de quem tanto amamos, nos sentimos extasiados. Tudo pode estar péssimo, mas o fato de ter alguém segurando a nossa mão faz qualquer dia nublado parecer verão.

Meu irmão amou Camili. Pela idade que tinha, quando nossos pais morreram, ele já não se lembrava mais dela.

Ele gargalhava com as histórias que ela narrou sobre nós. E do quanto éramos espoletas.

As horas voavam e, sem perceber, Nick conseguiu comer algumas garfadas.

Camili e tio Silas fizeram questão de entretê-lo enquanto comia. O quarto mais parecia colônia de férias. As enfermeiras que entravam pela porta, poderiam jurar que tínhamos encontrado uma cura para aquele mal. Mas na verdade, só estávamos vivendo o momento presente da forma que deveria ser vivido.

Quando a noite caiu, eu insisti para que Bárbara e meu tio fossem descansar. Eu estava revigorada para ficar ali e fazer companhia ao meu irmão.

Contei-lhe histórias por longas horas e li seu livro favorito. Antes que pudesse chegar na metade, ouvi sua respiração pesada.

Aquela noite não foi uma das melhores da minha vida, mas estava sendo sem dúvida bem menos pior do que as anteriores. Dom levou algo pra eu comer e também um copo de suco. Me proibiu de ingerir mais cafeína. E estava coberto de razão. Eu estava ficando completamente elétrica e na maior parte do tempo não conseguia ficar parada.

Na tarde seguinte quando Bárbara apareceu para ficar com meu irmão, eu prometi não demorar. O que eu tinha para fazer seria jogo rápido.

Em casa, tomei um banho e me aprontei em minutos. Com a correria e a loucura que minha vida havia se tornado, eu só aparecia na empresa para assinar papéis. Mas naquele dia eu resolvi matar dois coelhos em uma só cajadada.

— Olha, se não é minha querida sócia. — O sorriso de orelha a orelha entregava a felicidade de Ian ao me ver. — Como está o meu amigo? — Me aproximei de sua mesa.

— Um pouco abatido, mas confiante.

— Esse é o meu garoto. — Eu amava ver o ar de carinho que pairava no rosto de Ian toda vez que falava do meu irmão.

— Mas eu vim falar de outra coisa.

— Que coisa? — Ajeitou-se na cadeira.

— Vim salvar sua pele. — Os olhos de Ian vasculhavam em meu rosto qualquer indício que pudesse revelar sobre o que se tratava.

— Do que está falando?

— Pelos meus cálculos, o seu prazo pra encontrar um advogado acabou há meses. — Levou a mão à testa.

— E estou fugindo da minha mãe como se ela fosse um personagem de filme de terror.

— Pois então já pode parar de fugir. — Sorri sem mostrar os dentes.

— Não vai me dizer que...

— Sim. — Caminhei até a porta e a abri para que entrasse a pessoa que ocuparia tal cargo. — Pois bem. Apresento-lhe sua nova advogada. — Apontei para Cami ao meu lado.

Ian a fitou de cima a baixo.

— Espera... — Colocou-se de pé, abotoando seu terno azul. — Eu conheço você? — Deu a volta na mesa e parou à nossa frente.

— Sim — respondi. — Há muito tempo, lá no jardim.

— A garota sem papas na língua? — Gargalhei internamente.

— Ora, ora. Se não é o garotinho que não sabia amar.

— Você só pode estar brincando. — Seus olhos me fuzilavam incredulamente. — Camila? — Sua repudia me causava cócegas na barriga.

— Mili — afirmou — É Camili

— Tanto faz! Eu não vou andar com você pendurada no meu sapato enquanto toco minha vida em Nova York — Apontou para Cami. — Olha pra ela, Anne. Vê se não tem cara de quem vai passar a maior parte do tempo me julgando?

— Não sou juíza. Sou advogada.

— Viu? Já começou.

— Bem, fico muito feliz em saber que já estejam simpatizando um com o outro — ironizei. — E que seja daí pra melhor. Agora preciso ir.

— Anne... — Virei as costas, ignorando-o.

— Boa sorte para ambos. Algo me diz que vão precisar.

— Anne! — Fechei a porta, ignorando por completo qualquer chilique que viesse após o meu nome.

Ian era osso duro de roer, mas Cami não ficava atrás. Dentro de mim eu sentia que foi a coisa mais certa que já fiz em anos. Eu não entendia o porquê, mas tinha essa convicção. E o que aconteceu com ambos após aquele dia é um bom assunto, mas para um momento futuro.

E é claro, faço questão que eles mesmos possam lhe contar isso. Você vai ficar tão boquiaberto quanto eu. Isso é uma certeza.



Trinta

O Quarto Bilhete

Na semana seguinte, notei uma pequena diferença nas feições do meu irmão. A pele mais pálida, o corpo mais magro e olhos mais fundos.

— Está tudo bem? — Inquieto, pressionava os olhos.

O problema da quimio não é o tempo que você precisa se dedicar a ela e sim o que ela faz de você.

— Anne... — saiu quase como um sussurro.

Quando toquei sua testa, senti o quão quente estava.

Ao abrir a porta, dei a sorte de encontrar Roberth, que passava por ali com uma prancheta nas mãos. A primeira barreira a ser enfrentada estava entre nós. Febres altas.

Ao longo do dia, Nick colocou para fora as poucas coisas que conseguiu ingerir.

Os novos hematomas na pele mostravam a velocidade com que o câncer dominava seu corpo.

Na procura incessante de um doador, nenhum de nós foi compatível. A frustração de não poder ajudar o meu irmão me consumia de

pouco a pouco. Cada dia que passava, eu saía menos do lado dele. Sua palidez chamava atenção. As febres se tornaram frequentes e as dores também. Durante a noite, via-o se contorcer de dor e as doses dos remédios aumentaram cada vez mais.

Seu abdômen inchado mostrava a próxima barreira que enfrentaríamos. Como previsto, o fígado estava afetado. Nick comia cada vez menos e emagrecia cada vez mais.

Não tinha tanta força pra ficar de pé ou andar. A cada novo dia vinham também novos desafios. Desafios nada fáceis.

O hospital havia virado nossa nova casa. E precisávamos passar por aquilo com toda a esperança que podíamos ter. Eu não queria e não podia aceitar que meu irmão poderia morrer ali.

A fase da recidiva é muito mais difícil. A esperança e a sensação de perda andam lado a lado. E a cada dia mais poderia ser um a menos.

Doutor Roberth explicava sobre as dores ósseas que se tornavam mais frequentes.

As noites ficavam maiores e Nick dormia cada vez menos.

Ao tentar caminhar pelo quarto, era notável o quanto perdia o equilíbrio e a força nas pernas. Quando o vi na cadeira de rodas pela primeira vez, me contorci por dentro. Eu dizia a mim mesma que não mostraria o quanto estava abalada e que ele ainda estava vivo. Mas até quando?

Aquela madrugada eu tive uma pré-visualização do quanto as coisas podiam ficar muito feias.

Da poltrona, eu o observava, parecia dormir bem, até começarem as tosses. Tosses incessantes.

— Anne! — Levantei em um pulo, seu olhar tão assustado me causou dor. — Eu... — tentava falar, mas as tosses o impediam. Vi-o puxar o ar e tive a sensação de que mal podia respirar. Corri corredor afora atrás de ajuda. Os enfermeiros que passavam pelo corredor se apressaram com tamanho desespero que eu demonstrava, sem intenção alguma de tentar controlá-la.

— Ele não consegue respirar. — Minha voz saiu muito mais trêmula do que desejei.

— Anne... — Nick tentava dizer alguma coisa enquanto colocavam o cateter nasal.

A situação do meu irmão se agravava a cada dia. Nunca senti tanto medo. Foi tão desesperador vê-lo daquela forma, lutando para permanecer vivo. Pensei que fosse perdê-lo naquele momento, naquele instante enquanto o via tentar puxar o ar. Tive uma amostra grátis do que seria viver sem ter o Nicolas na minha vida. E acredite, foi o pior sentimento que já vi nascer abruptamente em mim.

Eu não preguei o olho naquela noite. Mantive os meus olhos vidrados no corpo magro, repousando à minha frente. Durante toda a noite, eu não me permiti fechar os olhos, com medo de não vê-lo com vida ao abrir. E eu sabia o quanto esse risco se fazia presente e que a partir dali aquele medo me assolaria cotidianamente, até que a ausência dele se fizesse trágica e cruelmente real.

No dia seguinte, quando meu tio e Bárbara chegaram para me render, eu contei minuciosamente o que havia acontecido. Meu tio tentava se manter forte, mas eu sabia que, por dentro, estava tão destroçado quanto eu. Ele só sabia esconder bem.

Dom me levou para casa e acariciou minha cabeça até que me sentisse segura o suficiente para me permitir dormir.

Aquela semana foi repleta de sustos e corações acelerados. Nick pesava cada vez menos, seus olhos fundos perdiam o brilho singular que carregou durante toda a vida, a cor pálida se estampava em sua pele, de forma súbita. Apesar de tantas características que no fundo nos assustavam na mesma proporção com que nos entristeciam. Nick tentava manter o seu espírito confiante. Um sorriso acanhado tentava nascer em seus lábios enquanto Ian contava-lhe anedotas as quais não faziam sentido algum. Nick prestava atenção em cada palavra cômica saída de sua boca.

— Gosto dos seus ternos azuis.

— Sabe o que eu acho? — indagou Ian.

— O que?

— Que terá gostos melhores que os meus para roupas — brincou.

— É, talvez. — Deu de ombros.

Eu os observava tricotarem como se tivessem exatamente a mesma idade. O que não era tão difícil, já que Ian parecia apenas uma criança, na maioria das vezes. Acho até que foi exatamente por esse motivo que meu irmão se encantou tanto por ele.

Ouvimos três leves batidas e em seguida a porta se abriu.

— Como está o meu pré-adolescente favorito? — Com um sorriso de orelha a orelha, Cami surgiu de trás da porta.

— Cami! — Eles praticamente estavam se conhecendo agora e mesmo assim, Nick fazia questão em vê-la. Ian rolou os olhos assim que ela se aproximou.

— Será que não consigo me livrar de você um só minuto? — Nick e eu prendemos o riso.

Cami, por sua vez, suspirou fundo e deu-lhe um sorriso sem que seus dentes ficassem à mostra.

— Oi, de novo. Caro chefe.

— Você não imagina o quanto me deixam felizes com tamanho apreço. — Nick olhava-me pelo canto dos olhos e levava a mão até a boca, tentando manter na encolha o quanto tamanho desentendimento poderia ser cômico. E eu concordava plenamente com ele.

— Que bom que veio me ver. — Ela se aproximou ainda mais, fazendo Ian se esquivar e quando tomou seu lugar, beijou meu irmão na testa.

— Então — comecei. — Sua mãe deve estar contente. Nada mais a impede de realizar seus planos. — Visto que Ian havia arrumado uma advogada, os negócios nos Estados Unidos aconteceriam em breve.

— Nas nuvens — disse entre os dentes. — Mas contente do que ela, só eu mesmo, não vê? — Apontou para si. — Minha cara de felicidade. — Forçou um sorriso fraco.

— Deveria me agradecer. — Cami cruzou os braços, convencida.

— Cami é uma ótima advogada. — Saí em sua defesa.

— Está mais para aquele burrinho do *Shrek*. Fica o tempo inteiro falando no meu ouvido. — Batia os dedos nos outros, como se a imitasse falar. — Você precisa assinar isso, você precisa assinar aquilo. Já organizou os documentos? — Nick e eu nos rendemos ao riso. — Aliás, eu não tenho que ficar perto de você no meu horário de almoço. — Franziu o cenho. — Cadê o meu amigo médico, hein?

— Quem? Dominic? — o encarei com os olhos semicerrados

— Isso! Esse mesmo.

— E desde quando são amigos?

— Pra você ver a que nível cheguei. Qualquer coisa é melhor do que ter de ouvi-la no meu intervalo. — Abriu a porta. — Já volto. — Assim que

saiu, Nick se permitiu gargalhar. Cami nos observava tentando entender tamanho descabimento.

— Como você aguenta ele?

— Ele é legal. — Alertou meu irmão. — Deveria dar uma chance. — Cami negou com a cabeça.

— Com o tempo você acostuma — falei. — Acredite em mim, ele vale a pena.

Ian era apenas uma pessoa com medo de se deixar cativar por alguém que pularia do barco na primeira onda forte. Então ele preferia começar mostrando o tamanho do tsunami que era. Assim, quem permanecesse mesmo depois disso, teria uma grande chance de ficar para sempre. Era o seu melhor método de se permitir criar vínculos. Cada um com seu jeito torto de tentar levar a vida.

Nick e Camili jogaram conversa fora por longos minutos. Ela dizia estar encantada por ele.

Quando Bárbara chegou, insistiu para que eu acompanhasse Cami em um café e Nick praticamente me expulsou do quarto, piscando para Bárbara com um sorriso nos lábios. Era quase um complô pra me fazer dar uma voltinha.

Quando a garçonete nos trouxe nossos cappuccinos, recordei-me das nossas idas ao *Café*.

Relembramos algumas boas histórias da adolescência.

— Olha, eu sei que ele parece a pior pessoa do mundo, mas com o tempo vai ver que não é. — Beberiquei minha bebida.

— Acho que o salário vale o martírio — brincou.

— Por muito tempo eu o vi como a pior companhia que alguém poderia ter. Até olhar em voltar e perceber que era tudo que havia restado.

— Ele é apaixonado por você.

— Também já cheguei a pensar. Até me dar conta que Ian sentia por mim exatamente o mesmo que sentia por ele. — Coloquei a xícara sobre a mesa. — Éramos a garantia de que não estávamos sozinhos. — Seus olhos escuros encaravam-me, tentando acompanhar a ternura que saía dos meus lábios ao falar de Ian. — O coração dele é maior do que ele mesmo consegue mensurar — garanti.

— Prometo me lembrar disso quando quiser matá-lo de novo. — Sorriu, me fazendo gargalhar. — Mas mudando da água para o vinho. — Sua

mão procurava pela minha em cima da mesa. E ao encontrá-la, acariciou. — Como você realmente está?

— Se eu disser que não sei definir, acreditaria? — Assentiu. — É um turbilhão de coisas ao mesmo tempo. Me pego agarrando a esperança pelo cabelo.— Esbocei um sorriso sem vida. — Quando fecho os olhos, idealizo um futuro diferente de tudo isso. Nick voltando pra escola, a casa repleta de gargalhadas, almoços de domingo com a mesa cheia, o cabelo dele crescendo novamente e os tapetes de *Twister* pela sala. — Me perdia em meus próprios pensamentos. Como se fossem um labirinto. — Mas quando os abro, acabo sendo golpeada com fatores reais. — Respirei fundo. — Nick ficando cada vez mais fraco, mais magro, na cadeira de rodas e com um cateter no nariz. Sentindo dores que mal o deixam dormir. São inúmeras situações ruins. Às vezes me sinto ingênua por pensar que isso vai passar.

— São esses pensamentos, por mais ingênuos que pareçam ser, que motivam a sair da cama. E são neles que deve pensar, mesmo que o medo insista em aparecer.

— É bem complicado.

— Eu sei. Mas se você se render ao óbvio, vai agir como se ele já não estivesse mais aqui. — Afastou sua mão da minha, me deu um sorriso acolhedor e tornou a falar: — Sei que pode não acreditar no que vou falar, mas milagres acontecem. E se não for o milagre da cura, vai ser o da força, da superação. Deus tem formas diferentes de se fazer real.

— Deus?

— Sim.

— Acho que ele não está se importando muito com o que está acontecendo. — Se ajeitou na cadeira.

— Eu te conheço muito bem, Anne. O suficiente pra saber que não acredita no que insiste em dizer.

— Por que acha isso?

— Sabe que não estou errada, não é? — Estreitou o olhar. — Deus não é o vilão aqui. — Cami tinha o seu jeito livre e singular de falar o que pensava. — Acredite ou não, o maior vilão da nossa história somos nós mesmos. Eu andei descalça sobre espinhos por tempo o suficiente para saber que eu mesma me desfiz dos sapatos.

— Vou tentar me lembrar disso na próxima e não andar descalça por aí.

— Entendeu bem o que eu quis dizer. — Encarei a xícara. — Eu preciso ir, mas, sabe que pode me ligar em qualquer momento, não sabe? — Assenti. — Eu te amo

— Também te amo. — Quando Cami partiu, optei por ficar mais alguns minutos na lanchonete.

Enquanto olhava a xícara vazia, lembrava-me de tudo o que já havia sido e da forma abrupta que optei a mudar.

As semanas se tornaram uma longa corrida contra o tempo. Sem doadores compatíveis, sem transplante. Eu sabia o que estaria por vir e apesar de não estar nem um pouco preparada, forçava-me a não pensar naquilo. Acho que entrei em estado de negação. Quanto mais percebia que a vida do meu irmão se esvaía, mais fingia que aquilo não aconteceria de forma alguma. Mais exames foram feitos e enquanto aguardava os resultados, tio Silas tentava distrair Nick, que optava por falar pouco.

As febres fizeram parte dele assim como as dores. Bastava minutos para que qualquer coisa que ingerisse, voltasse boca afora. Meus dias giravam em torno do meu irmão.

Quando Dom anunciou que o doutor Roberth precisava conversar conosco, Bárbara tentou entreter Nick ao máximo e ela conseguia fazer isso muito bem.

— Sua cara não está nada boa — falei a Roberth ao me sentar.

Dom optou por ficar de pé ao lado da cadeira do pai, como sempre fazia quando as notícias não eram nada boas.

Meu tio alternava o olhar entre mim e Roberth, tentando não transparecer medo.

— Porque as notícias não são boas. — Ajeitei-me na cadeira.

— Por favor, doutor, não enrole. — Pela primeira vez vi meu tio demonstrar pânico através das palavras.

— Eu vou ser muito sincero — começou. — Há dias venho observando o Nicolas. Está cada vez mais abatido. Febres altas, sangramento, hematomas cada vez maiores.

— Já sabemos disso — interrompi

— Não consegue mais se locomover por conta própria.

— Sim. — Saiu quase que involuntariamente.

— Os resultados só mostram o que eu já sabia. — Corri rapidamente os olhos pelo meu tio, por Dom, que só conseguia fitar o chão e sabendo que ele não me olharia em resposta, virei a atenção para o meu pai.

— E quais são? — perguntei

— Nick não responde mais aos tratamentos. As células leucêmicas são numerosas demais.

— E qual é o próximo passo? — ignorei por completo o que havia dito. — O que a gente faz agora? — Roberth respirou fundo

— Não há mais nada a fazer. — Meu peito descia e subia com agilidade.

— Como assim? — Uni as sobrancelhas. — É claro que tem algo a mais a fazer. — Alterava meu tom de voz sem perceber. — Tem que haver algo que funcione.

— Eu sinto muito, Anne.

— Não! — Levantei

— Querida...

— Não, tio! Eu não vou aceitar isso. Tem que haver outra coisa! — Virei para Dom. — Me diz que tem mais alguma coisa! — Com os olhos lacrimejantes, balançou a cabeça em negação

— Sinto muito. — Sua voz baixa entregava o quanto não queria ouvir a si mesmo.

— Não pode ser — falei muito mais para mim do que para eles

— A melhor coisa que tem a fazer pelo seu irmão é levá-lo pra casa e deixá-lo o mais confortável possível. — Paralisada, movi apenas os meus olhos em sua direção. — É a única coisa que pode fazer para o bem dele.

— Está me dizendo que eu devo levá-lo pra casa e esperá-lo morrer? — Bati com os punhos tão forte na mesa que as folhas sobre ela balançaram. Por trás de mim senti as mãos do meu tio tocando meu ombro.

— Querida. — Me virei.

Seus olhos verdes, tomados por uma vermelhidão sem fim, tentavam acolher o meu caos.

— Precisamos ser fortes

— Eu tô cansada, tio — assumi. — Eu tô cansada de ser forte. — Os arames farpados que desciam por minha garganta impediam a minha voz de sair limpa. — Não entendem? — bradei enquanto todos me encaravam com piedade. — Eu não posso perdê-lo também! — Dei dois passos para trás. Levava a mão à cabeça, como se pudesse arrancar todos os pensamentos de dentro dela. — Não dá — sussurrei enquanto continuava caminhando lentamente para trás. De repente eles eram apenas borrões à minha frente.

— Anne? — Não consigo te dizer ao certo quem chamava por mim. Ao alcançar a maçaneta da porta a abri.

— Eu só preciso ficar sozinha. — Tanto meu tio quanto Dominic avançaram um passo. — Não! — Levantei as mãos. — Eu disse sozinha. — Quando os vi recuando, saí.

Arrastava meus pés pelo corredor enquanto pensava um milhão de coisas ao mesmo tempo.

Peguei o elevador e desci até o primeiro andar. Todo mundo à minha volta parecia gritar ao mesmo tempo, mesmo tendo suas bocas fechadas.

Minha cabeça latejava.

Nick era tão pequeno. Tinha tanto a viver, coisas a conhecer. Eu ainda carregava a dor da perda dos meus pais. Não fazia ideia de como lidaria com mais uma falta. Não existe uma escola que nos ensine a como sobreviver à morte de alguém. Não há uma regra a seguir. Algumas pessoas juntam os cacos enquanto outras sapateiam descalças sobre eles.

Eu tinha tantos medos colecionados. Quando se é criança, você tem medo de filme de terror, de histórias cruéis e até mesmo do homem do saco. Quando você cresce, percebe que o pior deles é o que você cativa dentro de si. Eu cativava muitos a ponto de me sentir prisioneira de todos.

Enquanto caminhava pela rua e olhava as pessoas ao meu redor, me dava conta de que, ao contrário do meu irmão mais novo, eu teria uma vida pela frente. Uma vida sem ele.

Toda vez que lembrava que Nick não teria mais a chance de crescer, mais minha mente entrava em colapso. Ele não teria a próxima festa de aniversário, não se formaria, não entraria na faculdade e não conheceria uma garota incrível que fizesse seu coração bater descompassadamente a ponto de quase saltar peito afora.

Tinha tantas coisas que ele não teria o privilégio de ver ou conhecer que doía toda vez que as listava mentalmente.

Eu sabia que precisava voltar, só não poderia ser naquele estado. Meu irmão não merecia me ver perdida daquela forma.

Encostei em uma árvore no final da avenida. Cansada por tudo que já havia andado, sentei embaixo dela. Eu amava demais o meu irmão para aceitar ter que viver sem ele.

Quando olhava para minha família, sentia orgulho. Um pai tão presente e carinhoso que fazia questão de passar o tempo livre com os filhos, levava-os para tomar sorvetes e os fazia rir em todo almoço de

domingo. Estava sempre pronto para dar o bote com seus braços calorosos e nos abraçar até perdermos o ar. Minha mãe tinha os melhores conselhos. O sorriso dela parecia uma obra de arte. Picasso jamais entenderia um fenômeno como aquele. Cantarolava enquanto me penteava. Me olhava através do reflexo do espelho e me fazia sentir que nunca estaria sozinha.

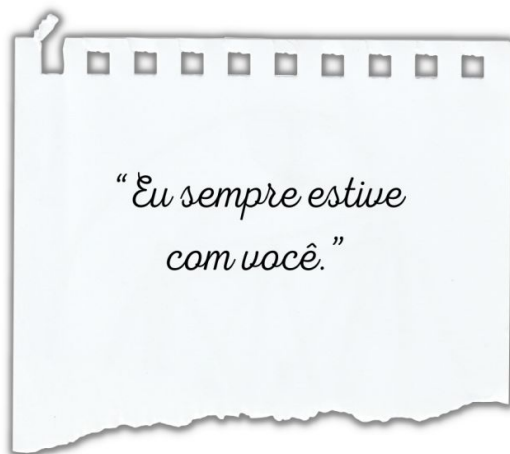
Quando Nick chegou, o amor transbordou. Aquela criança espoleta e risonha tinha as falas mais cômicas.

Quando chegava em casa e ele descia a escada correndo e eufórico se jogava no meu colo, eu podia sentir que tinha um mundo inteirinho nos meus braços. Nick era a maior parte da minha vida e responsável pelas melhores coisas que acontecia nela.

Eu não tinha tudo, mais devia ter percebido que tinha o suficiente. E a partir dali não teria mais nada.

Encostei a cabeça no tronco da árvore enquanto tentava controlar a respiração. Quando abri os olhos, tudo estava exatamente igual. Me sentia tão sozinha, tentando controlar aquela enxurrada de lágrimas, quando senti algo roçar minha perna. Ao olhar para baixo, vi um pequeno pedaço de papel caído na grama. Me dei conta de que ele não estava ali minutos antes, mas supus que tivesse sido levado pelo vento.

O papel parecia estar dobrado em duas partes. Curiosa, o peguei e assim que o desdobrei a segunda vez, as letras douradas alarmaram a minha mente para o que poderia vir.



Já sabia o que aquilo queria dizer e pelas contas do meu irmão, faltava apenas um.

— Não pode ser real — balbuciei, tentando ver lógica em tudo aquilo.

Indignada com tamanha loucura, rasguei o bilhete em pedaços pequenos. Rasguei enquanto chorava, entregue aos soluços, e o vento se encarregou de levá-los para longe dali.



Mentalmente, contei de um até três e abri a porta. Assim que meu tio empurrou a cadeira de rodas sala adentro, Nick correu os olhos por todo o ambiente com um sorriso nos lábios. Como se estivesse matando a saudade de tudo aquilo.

— Bem-vindo de volta à sua casa. — Tentei parecer o mais feliz possível, mas é óbvio que eu me imaginei dizendo aquilo em outros termos. Desejei que pudesse falar aquela frase para um Nick completamente curado e fora de risco.

— Estou com saudade da minha cama. — Sorriu. — E do videogame, é claro!

— Bem, então vamos matar essa saudade, garotão! — Dom parecia animado. Todos nós havíamos combinado de que manteríamos a vida o mais normal possível, tudo para que o meu irmão se sentisse bem.

Dominic pegou Nick em seus braços e o levou para o quarto enquanto meu tio subia a cadeira de rodas. Lili não pensou duas vezes e logo apareceu no quarto com uma fatia de bolo de chocolate. Não foi tão fácil fazê-lo comer, mas tio Silas e Dom conseguiram, entre uma partida e outra de videogame. O que não durou muito, porque meu irmão se mostrava exausto e logo pegou no sono.

Na mesa do jantar, todos conversavam como se fosse mais um dia normal enquanto eu brincava com a comida no prato. Pelo que contei, tudo o que consegui ingerir se resumiu a duas garfadas quase vazias.

— Podem me dar licença? Eu preciso subir, estou exausta.

— Tudo bem — falou meu tio enquanto Bárbara assentiu. Dom mantinha os olhos vidrados em mim.

— Eu tiro. — Dominic pegou meu prato e depois o dele.

— Obrigada. — Levantei. — Boa noite — disse a todos antes de me retirar.

De frente para a porta do quarto do meu irmão, dei duas leves batidas e a abri. Nick estava deitado e encarava o teto.

— Oi. — Virou a cabeça em minha direção.

— Oi. — Me aproximei e sentei ao seu lado. — Vim te dar um beijo de boa noite. — Sorriu, acanhado. — Como está se sentindo?

— Cansado. — Parecia ofegante. — Parece que corri o quintal inteiro. — Respirei fundo e por curtos segundos, encarei o chão. — Não precisa ficar sem jeito. Eu sei o que os médicos acham — falava devagar.

— Nick...

— E também sei o que você pensa. Mas vai ficar tudo bem. — Senti meu rosto umedecer. — Ele disse que vai ficar tudo bem. — Puxou o ar. — Não estou com medo. — Tentei secar a lágrima.

— Ele disse?

— Sim. E eu acredito. — Como dizer a ele que para mim nada daquilo fazia sentido? — Acredito em milagres. E sei que sou um deles. — Puxava o ar. — Eu o vejo na beirada da minha cama e sempre que estou com medo, ele vem pra me acalmar e me lembrar que vai ficar tudo bem, mesmo que não pareça. — Eu não podia tirar a única coisa que ele tinha naquele momento, então não questioneei a sua fé.

— Eu te amo.

— Eu também. — Beijeí sua testa da forma mais afetuosa que já havia feito e quando desgrudei meus lábios de sua pele, seus olhos estavam fechados. Toda vez que meu irmão dormia, eu conferia sua respiração, temendo não encontrá-la. Respirei aliviada em saber que apenas dormia.

No meu quarto, fechei a porta e sentei na beirada da cama. Cheguei a pensar que a vida estivesse pegando pesado comigo. Em questão de tempo, a casa ficaria ainda mais vazia. Eu deveria me preparar para o pior, mesmo sabendo que o pior acabaria comigo de tal forma, que teria que aprender a viver novamente. Naquele instante eu fechei os olhos e desejei por alguns segundos que Nick estivesse certo. E foi a primeira vez que eu torci para estar errada.

A batida na porta me fez abandonar meus pensamentos depreciativos.

— Pode entrar. — Respirei fundo, tentando me recompor.

— Vim saber como você está. — Dom caminhou quarto adentro e sentou ao meu lado na cama.

— Bem. — Sorri sem mostrar os dentes. — Eu acho.

— Não sei se bem é a palavra certa.

— Ele disse que é um milagre. E que vai ficar tudo bem.

— E você não acredita, não é mesmo?

— Na verdade, eu tenho medo de acreditar e me machucar ainda mais. Uma parte de mim deseja estar errada.

— Milagres são reais, mas não somos nós que decidimos quando eles devem acontecer.

— Acho que só estou com medo. — Estremeci. — Morrendo de medo. Droga, estou apavorada. — Me rendi ao desespero. Dominic me puxou para si.

— Tudo bem sentir medo. — Me abraçou forte enquanto me derramava em seus braços. Eu definitivamente não sabia como agir em

meio a tudo aquilo. Eu não fazia ideia de como evitar ser levada pelo furacão.

No dia seguinte, Nick não conseguiu tomar o café e o almoço ficou em seu estômago por apenas trinta minutos.

No final da tarde, ele pediu para que meu tio o levasse até o jardim. Falou que sentia falta daquele ar puro.

No sofá, eu batia as pernas, inquieta.

— Precisava ver o sorriso dele. — Bárbara se juntou a mim no sofá ao lado. — Anne?

— Sim. — Cocei os olhos. — Desculpa, eu só estava longe.

— Há quanto tempo não dorme?

— Três dias, eu acho.

— Olha, Anne, sabemos que o Nick é o assunto central, mas me preocupo com você. É visível o quanto não está bem.

— E como queria que eu estivesse? — Estreitei o olhar em sua direção. — Todo mundo fala o tempo todo o que não devo fazer e como não devo me sentir.

— Anne, eu só...

— Não. Não tente fazer com que eu me sinta péssima por estar triste. — Levantei — Meu irmão está morrendo. — Seus olhos fitavam-me com dor. — Como queria que me sentisse? — Nick está morrendo e acredita ser um milagre. O que vai acontecer quando a cura milagrosa não aparecer?

— Vai acontecer. — Sua voz mansa chamou minha atenção, fazendo-me virar.

Meu tio empurrava a cadeira de rodas sala adentro com um olhar reprovador.

— Nick... Querido, eu não sabia que estava aqui, me desculpa. Não foi isso que quis dizer, eu só...

— Eu ouvi. Sei o que você pensa, Anne. Sei o que o médico disse. Mas vai ficar tudo bem. — Senti meu corpo gelar. Eu não sabia o que dizer a ele.

— Sim, vai ficar tudo bem.

— Não diz isso se você não acredita — advertiu-me. — Você não acredita, não é? — Balancei a cabeça, negando. — Esse é o problema. Você não acredita.

— Sinto muito.

— Milagres são reais. E ele me falou que eu seria um.

— Ele quem?

— Deus! Ele me disse quando me mostrou os cinco bilhetes. — Tanto Bárbara quanto meu tio se mantiveram em silêncio. — Custa acreditar?

— Custa! E muito.

— Por que?

— Olha só pra você! — Apontei para a cadeira de rodas

— Anne, já chega — advertiu meu tio.

— Por que é tão vazia por dentro? — Sua fala me feriu. — Se recusa a acreditar porque tem medo de descobrir que estava errada esse tempo todo.

— Não é real, Nick. — Minha voz vacilava. — Você não é um milagre! E talvez devesse entender isso de uma vez por todas. — Meu tio entrou na minha frente.

— Não vai abrir a boca pra falar mais nada. Definitivamente chega! — Só assim me dei conta do meu total descontrole.

Me calei, ofegante. Era como se estivesse no automático. Como pude dizer tais coisas? Nick não merecia.

Assim que meu tio se afastou, vi os olhos decepcionados de meu irmão e o quanto as lágrimas se faziam presentes neles.

— Nick, me perdoa. Estou há muito tempo sem dormir, eu só...

— Não. Não quero mais ouvir você. — Engoli a seco.

Meu tio o pegou no colo e rapidamente Bárbara levantou do sofá, pegou a cadeira de rodas e subiram a escada sem olhar para trás. Não os julgo. Também evitaria meu reflexo no espelho por um bom tempo.

Peguei a chave do carro na mesinha lateral do sofá e saí sem ao menos levar o celular.

Enquanto dirigia, relembrava minhas palavras ásperas. Perguntava-me como fui capaz de falar tudo aquilo. Eu jamais desejei feri-lo daquela maneira. Ainda mais da forma em que se encontrava.

Assim que a porta se abriu, sequei uma lágrima insistente.

— Aconteceu alguma coisa? — Sem responder, me joguei em seus braços.

Enquanto Dominic me abraçava sem ter ideia do que tinha acontecido, eu soluçava sentindo raiva e repúdio de mim mesma. Envergonhada, contei tudo a ele.

— Eu o feri — admiti. — Mesmo sem ter tempo o suficiente pra alegrá-lo, eu o feri.

— Você está exausta. Não come e não dorme há dias, não deveria nem mesmo ter dirigido.

— Será que não entende? — Me desvencilhei dos seus braços. — Eu sou assim. Eu faço isso com as pessoas. Eu as machuco.

— Não, você não é assim. O que você faz no seu momento de desespero não define você.

— Para de ser gentil. Para de tentar ver justificativa no fato de eu ter machucado o meu irmão. — O choro tornou a surgir. — Eu sou autodestrutiva. Não percebeu ainda?

— Eu vou buscar um copo de água pra você, está bem? — Assenti.

Assim que Dom foi à cozinha, eu comecei a andar de um lado para o outro. Até perceber porta-retratos que não havia visto em outros momentos. Caminhei até a estante e olhei foto por foto. Admirei cada uma delas e o fato de como Dominic era belo em todas as fases da vida.

O último porta-retratos continha a foto do doutor Roberth. Aquilo chamou minha atenção, ao pegar o porta-retratos nas mãos, vi que Roberth abraçava descontraidamente um menino com a cabeça nua. — Sua água. — Dom encarava-me, apreensivo.

— Engraçado, não sabia que seu pai costumava tirar foto com pacientes de uma forma tão descontraída. Nunca o vi sem jaleco.

— E ele não tira. — Imóvel à minha frente, observava-me com os olhos semicerrados.

Encarei novamente a foto em minha mão. Minuciosamente, olhava cada traço daquela criança abatida. Aquele par de olhos eram muito mais familiares do que imaginava.

Incrédula, voltei a olhar para ele. Eu já tinha a resposta. — Eu sou um milagre, Anne. E por isso seria impossível não acreditar na existência de Deus. — Trêmula, devolvi o objeto à estante.

— Então quer dizer que... — Tentava encontrar a palavra certa.

— Eu tive câncer. — Arrastei os pés até o sofá e me permiti cair sobre eles. — Acho que vai precisar da água. — Estendeu-me o copo.

— Por que nunca me contou? — Peguei-o de sua mão.

— Na adolescência, não era algo que amava dizer e agora, eu não queria que sua fé se baseasse na vivência de uma outra pessoa.

— Não faz sentido.

— Faz. Você só não quer admitir isso. — Dei uma golada na água e coloquei o copo na mesa de centro.

— Preciso ir. — Levantei, atônita. — Preciso ficar com ele.

— Não sozinha. Eu levo você. — Assenti.

Aquilo era quase inacreditável. Jamais cogitei tal coisa.

Durante o trajeto, me mantive em silêncio, pensativa, enquanto Dom dirigia. Eu não sabia o que dizer. Tudo o que eu queria era abraçar o meu irmão, porque eu não fazia ideia de até quando teria a oportunidade de fazer isso.

— Já volto.

— Vou esperar aqui. — Dom sentou no sofá enquanto eu corria escada acima.

Não que a minha fé tivesse sido restaurada como em um passe de mágica, mas eu precisava fazer as pazes com meu irmão. Amava-o demais para deixá-lo dormir triste comigo.

Bati gentilmente na porta e a abri. Nick estava deitado de costas.

— Nick? — Vi-o se mexer, porém, não virou e nem mesmo me respondeu. — Eu sei que está magoado e não vim pra tirar sua razão. Eu sou uma idiota e você sabe disso. — Ele continuou em silêncio. — Mas eu te amo. Mais do que já fui capaz de amar qualquer outra pessoa e estou com medo. Na verdade, estou apavorada. E o medo ainda mexendo comigo. O suficiente pra me transformar em uma idiota. — Respirei fundo. — Tudo bem se não quiser falar comigo, mas deveria saber que tem razão. Tem todo o direito em acreditar no que quiser. E sim. Você é um milagre. Você é um grande milagre, porque foi todo o amor que me restou. — Dei dois passos. — Por favor, Nick, diz alguma coisa. Fala comigo. Nem que seja pra dizer que me odeia. — O silêncio foi a minha resposta. Me aproximei da cama e notei que não se mexia. — Nick? — Puxei-o, fazendo seu corpo virar. A princípio, pensei que estivesse dormindo, até senti-lo arder.

Sacudi-o ainda mais forte, mas não abria os olhos. Aproximei o rosto próximo ao dele e senti sua respiração fraca.

Corri desesperadamente até a escada e gritei por Dom, pedindo ajuda. O que o fez pular do sofá e subir a escada correndo. Tio Silas, Bárbara e Lili, que estavam na cozinha, surgiram desesperados.

— O que houve? — perguntou Dominic.

— Eu não sei. Ele não se mexe. Não quer acordar. — Dom sentiu sua pulsação.

— Vamos levá-lo agora para o hospital.

— Ele está vivo? — Minha voz saiu embargada.

— Sim, só não sei por quanto tempo. — Dominic o pegou nos braços. E em segundos estávamos no carro. Meu tio entrou no lado do carona e no banco de trás, eu tentava acordar meu irmão.

— Por favor, Nick. Não vai agora — sussurrava. — Por favor. — Eu chorava descabidamente. — Ainda preciso pedir desculpas. — O carro se movia ligeiramente pela rua. Cada segundo fazia diferença. Meu irmão não poderia morrer daquela forma.

Em frente ao hospital, Dominic parou sem estacionar direito e com o meu irmão nos braços, partiu hospital adentro. A maca logo chegou e às pressas o levaram.

— Precisa ficar aqui. — Ele me parou. — Por favor. — Apenas assenti.

Senti que estávamos em uma corrida contra o tempo e que a qualquer instante receberíamos a notícia que me despedaçaria ao ouvir.

Meu tio tremia e de olhos fechados, parecia suplicar por algo. Assim que abriu os olhos, encarou-me, apavorado. Em silêncio, caminhou em minha direção e me puxou para os seus braços.

— Estou com medo — assumi.

— Eu também. — Abracei-o apertado, despejando todo pânico sobre ele. Pânico do qual ele também partilhava.

Minutos depois, Dominic surgiu com os ombros caídos.

— Ainda está vivo? — perguntei.

— Ainda. — Foi bem preciso na resposta. — Precisam saber que não tem mais muito tempo. — Engoli o choro, assentindo. — Vou levar vocês pra ficar com ele. — Dominic estendeu-me a mão e afagou a minha, assim que entrelacei meus dedos aos dele.

Enquanto caminhava pelo corredor, sentia como se a minha própria vida estivesse se esvaindo.

Meu tio foi o primeiro a entrar no quarto enquanto eu respirava fundo, criando coragem para entrar também. Nick dormia com a quantidade de remédio para dor que injetaram nele. Quem o visse poderia jurar que estivesse sonhando.

Sentei na poltrona ao lado da cama enquanto meu tio se acomodou no sofá. Ficamos horas ali. Em silêncio, não conseguíamos dizer nada, apenas observar e tentar controlar os pensamentos cruéis.

A madrugada se estendia por horas.

— Por que não vai até a lanchonete? Precisa comer alguma coisa — sugeri a ele.

— Não quero sair de perto de vocês.

— Tudo bem, tio. Ele está dormindo. Será que pode trazer um café bem forte? — Sorriu gentilmente.

— Ok. — Levantou. — Mas volto logo. — Assenti.

Assim que saiu pela porta, recostei minha cabeça na poltrona. De olhos fechados, respirei fundo. Tive a impressão de ouvir alguém cochichar. Levei a mão aos olhos, forçando-os a abrirem e assim que consegui, vi um enfermeiro próximo à cama de Nick, ele o observava.

— Desculpa. Não vi você entrar, acho que cochilei por alguns minutos. — Sonolenta, obrigava-me a despertar.

— Tudo bem. — Sorriu gentilmente.

Seu rosto parecia familiar, mas minha mente estava tão embaraçada que não fiz questão de vasculhar minhas memórias.

— Ele está bem? — perguntei sem tirar os olhos do meu irmão.

— Na verdade, vim saber como você está. — Desgrudei os olhos de Nick e semicerrei os olhos na direção daquele homem. De repente, foi como ter um lapso de memória. Os olhos e cabelos retintos me levaram ao velório dos meus pais e em seguida à cafeteria. Eu o observava boquiaberta.

— O homem da cafeteria. — Tive a impressão de que minha voz não tivesse saído. Imóvel, eu o observava.

Conforme o sorriso se formava em seus lábios, o meu coração acelerava as batidas. Poderia jurar que ambos estavam sincronizados.

— Todos querem a coroa, mas poucos suportam o peso e o incômodo de tê-la em suas cabeças. — Foi como ser capturada pelo meu interior. Petrifiquei.

Só uma pessoa havia me alertado sobre aquilo. Só uma.

— José? — Minha voz trêmula o fez me olhar com doçura. — Como?

— Deveria se permitir viver o incrível. — Recuava devagar. E quanto mais caminhava para trás, mais eu tinha a impressão de que implodiria. Minha respiração pesava. Era José no velório dos meus pais, na praça meses atrás e depois na cafeteria. Como não havia percebido? Os trajés elegantes, barba e cabelos feitos haviam deixado-o irreconhecível.

Eu tinha muita coisa a falar, mas não conseguia sequer me mexer. Minha mente tentava encontrar uma lógica em tudo.

Vi-o abrir a porta e sair sem me dar uma explicação.

— Não pode ir assim — falei baixinho, movendo-me finalmente. Estava certa de que deveria ir atrás dele. Ao alcançar a porta, parei assim

que ouvi a voz frágil do meu irmão.

— Anne. — Procurava por mim.

— Estou aqui. — Me aproximei, abraçando-o com cuidado. — Tive tanto medo. Por favor, me perdoa?

— Tudo bem. Você fala besteira às vezes. — Deixei escapar um sorriso junto com as lágrimas.

— Eu te amo e te amo muito. Mais do que qualquer coisa.

— Eu também. — Tossiu quase sem forças.

Me acomodei na cama ao seu lado, ignorando por completo o que havia acontecido.

— É, eu falo muita besteira às vezes — admiti sem orgulho.

— Me promete uma coisa?

— O que quiser.

— Assim que acontecer, você vai correr até o primeiro andar e entrar na igreja.

— O quê? — Aquilo parecia confuso. — Como assim? Quando acontecer o que?

— Você sabe. — Senti-me desapontada ao perceber que se referia à sua morte.

— Mas, Nick...

— Por favor, precisa prometer.

— E o que eu devo fazer lá?

— Vai saber. — Passei o braço ao redor de seus ombros. Não queria que visse o quanto estava destruída com medo de perdê-lo.

Acaricieei sua cabeça como sempre fazia quando ele adormecia daquela forma. — Anne... — Quase tinha que fazer força para ouvi-lo.

— Sim, meu amor.

— Me conta uma história? — Nick amava histórias e sabendo que não lhe restava muito tempo, tratei de tirar rapidamente algo de trás das orelhas.

— Ok. Conhece a história do menino que conhecia o infinito?

— Nunca ouvi falar — disse baixinho. — É boa?

— Uma das melhores — sussurrei. — Mas para ficar perfeita, precisa imaginar cada parte dela. Combinado?

— Combinado. — Com a cabeça dele encostada em meu peito comecei:

— Em um lugar muito, muito distante, existia um menino.

— Não vai começar com Era uma vez?

— Ora, as melhores histórias dispensam normalidades. — Um sorriso acanhado nasceu em seus lábios, mas se findou rápido demais.

Eu beijei sua testa e então retomei a história:

— *Em um lugar muito distante, rodeado por várias montanhas verdejantes, morava um belo menino muito alegre. E por isso, todos os chamavam de Contente.*

Seus olhos eram como duas estrelas cadentes. Por onde contente passava, arrancava sorrisos de quem estivesse ao redor.

Muito amável e sonhador, Contente começou a ter curiosidades sobre como o infinito poderia ser. Certo dia, ele perguntou à sua mãe:

— *Mãe, como é o infinito?* — *Surpresa com a pergunta, a doce senhora o respondeu:*

— *É fácil saber.* — *Ele, curioso, coçou a cabeça tentando encontrar a resposta para a própria pergunta.*

— *Você conhece o infinito?*

— *Talvez* — *respondeu ela.*

Ainda curioso, indagou:

— *E como eu faço para saber também?* — *A mãe se abaixou até ficar da altura dele e disse:*

— *Eu vou te contar, mas antes precisa fazer uma coisa pra mim.* — *Empolgado, se colocou à disposição da mãe.* — *Quero que tire os sapatos e corra pelo jardim. Quando voltar eu te respondo.*

— *Está bem!* — *Na mesma hora livrou-se dos sapatos e correu para o quintal.*

Pela janela a mãe observava o menino correr de um lado para o outro. O viu saltitar e até mesmo o ouviu cantarolar.

Ao entrar em casa, empolgado, com o suor escorrendo pelo rosto, tratou logo de perguntar:

— *Como é o infinito?* — *A mãe o observou vagamente e disse:*

— *Antes de contar, preciso que faça outra coisa.*

— *O que?* — *Ele estava eufórico.*

— *Ao anoitecer, quero que abra a sua janela e observe bem as estrelas. Pode fazer isso?* — *Com um sorriso de orelha a orelha, assentiu.*

Quando o sol se escondeu e a noite surgiu, o menino tratou logo de abrir a janela do seu quarto. Ao se deparar com o amontoado de estrelas que abrilhantavam o céu, esqueceu o real motivo que o fez fazer aquilo.

Contente se sentou na janela e admirou cada estrela lá em cima. Encantado com a forma com que brilhavam naquela imensidão, se imaginou passeando e sobrevoando por elas. Eram tão belas que prometeu a si mesmo que jamais dormiria sem contemplar aquela obra de arte.

Na manhã seguinte quando acordou, disse:

— Eu admirei as estrelas. Já pode me contar sobre como é o infinito? — Com doçura, sua mãe falou:

— Bem, antes quero que faça outra coisa. Quando vir o seu melhor amigo, quero que o abraçe bem apertado. — Contente não se opôs nem um pouco.

Quando chegou na escola, percorreu os olhos pelo pátio e avistou seu melhor amigo ao longe, correu apressadamente e ao se aproximar, envolveu seus braços ao redor do amigo e o abraçou. Sem muito entender, o menino o retribuiu. E quando sentiu o calor dos braços que o apertavam com afeto, esqueceu o real motivo que o levou a fazer aquilo. Fechou os olhos e aproveitou todo o carinho que transbordava em seu coração.

Assim que Contente cruzou a porta da cozinha, a mãe o lembrou do favor que havia pedido.

— Então já posso saber sobre o infinito?

— Você pretende andar de bicicleta? — Sem muito entender sobre o que um assunto tinha a ver com o outro, assentiu. — Pois bem, quando começar a pedalar, quero que sinta o vento no rosto e observe todas as paisagens à sua volta. Quero que olhe bem as pessoas e que as veja com ternura. Cumprimente a que parecer mais tristonha e seja gentil. — Quando começou a pedalar rua afora, lembrou-se do que sua mãe havia pedido. Sentiu o vento acariciar sua pele. Observava cada pedacinho do que acontecia à sua volta. Viu como as nuvens pareciam perfeitas no céu, como as árvores dançavam com o vento e a forma com que os pássaros voavam em grupo. O perfume das flores entranhava em suas narinas.

Ao passar pela banca de jornal, viu um senhor cabisbaixo, perdido em seus pensamentos e disse:

— Que seu dia seja doce. — Largou sobre o balcão uma bala que havia comprado na primeira padaria que encontrou.

Ao ver o doce à sua frente, o jornalista, emocionado com um gesto tão nobre, o retribuiu com o sorriso que não havia dado durante toda a semana. Suas bochechas coradas entregavam tamanho agradecimento por tanto carinho de alguém com tão pouca idade.

Contente jamais esqueceria a imagem da gratidão estampada no rosto daquele senhor.

Ele deu uma bala e recebeu o melhor presente que uma pessoa poderia ganhar: O sorriso sincero de alguém.

Quando chegou em casa, Contente largou a bicicleta no chão e correu para contar à sua mãe sobre o sorriso que recebeu. A mãe que o ouvia tagarelar sobre a felicidade do jornaleiro, o observava com admiração e amor. Ele falava sem parar. Àquela altura o infinito passou a ser apenas um detalhe, que talvez não fizesse mais diferença.

Ela esperou que ele terminasse de contar sobre o passeio e das maravilhas que recebeu com ele. Quando percebeu que ele estava pronto para ouvir, o fez sentar na cadeira ao seu lado.

— Não quer mais saber sobre o infinito? — indagou.

Ele levou a mão à testa, percebendo seu tamanho esquecimento. Como poderia esquecer-se de algo tão importante assim?

— Como é o infinito? — perguntou.

— O que sentiu quando correu pelo jardim afora? — Uma pergunta um tanto fora da lógica, pensou ele. Mas respondeu de imediato:

— Liberdade

— Gostou de observar as estrelas?

— Elas parecem obra de arte! — Seus olhos expressavam ainda mais entusiasmo que sua voz. Era nítido toda a paixão que desenvolveu pelo céu. — As nuvens tão brancas parecem algodão doce. — Lembrou-se do que viu horas antes.

— Como foi receber o sorriso de alguém?

— Foi o melhor presente que poderia receber. Jamais vou me esquecer daquele sorriso! — A entoação de sua voz mostrava tamanha felicidade. A mãe, já com os olhos marejados por perceber o quanto aquela pequena criança havia aprendido sobre o sentido da vida, continuou a indagar:

— Como foi abraçar o seu melhor amigo? — Ele mirou seus olhos luzentes nos dela e disse:

— Eu sempre vou sentir aquele abraço em mim. E mesmo que eu não esteja ao lado dele, sei que ele estará comigo para sempre. — Respirou fundo. — Quando vou conhecer o infinito? — Sua mãe o puxou para si, o abraçou tão apertado que teve a impressão de ouvir seus ossos estalarem.

Ao se afastar, acariciou o rosto do filho.

— Ainda não percebeu? — perguntou. — Você já o conhece perfeitamente bem.

— Como assim? — Ele parecia um tanto confuso.

— O infinito nada mais é do que todos os momentos incríveis que você carrega aí dentro. — Tocou o indicador no peito do menino. — E todo o amor que você pode receber e oferecer a alguém. Esse é o verdadeiro infinito. E enquanto você existir, ele existirá em você e através de você também. — E o menino enfim entendeu que o infinito era tudo o que ele mais conhecia na vida.

Ao findar a história supus que meu irmão já estivesse dormido.

— Anne? — falou pela primeira vez desde que comecei a narração.

— Sim? — Abaixei a cabeça para ouvi-lo com mais facilidade.

— Eu conheço o infinito. — Com a garganta ardente, preendi o choro que tentava sair

— Eu sei, meu amor. — Acariciei seu rosto. — Eu sei. — Relutei com todas as lágrimas que insistiam em sair correndo rosto afora. E quando percebi que ele finalmente havia pegado no sono, me permiti chorar. Eu só queria que mesmo sabendo que não viveria muita coisa, tivesse ciência de que tudo o que havia vivido foi muito mais intenso do que a maioria das pessoas já se permitiu viver.



Trinta e Um

O Último Bilhete

— Ele acordou? — Quando meu tio voltou, eu ainda tentava entender as coisas loucas que aconteceram naquele quarto. José havia desaparecido da mesma forma com que surgiu. Estranha e misteriosamente.

— Sim. Me pediu para que contasse uma história. — Estendeu-me o copo de café. — Obrigada.

— Não consegui comer nada.

— Nem consigo pensar em comida. — Caminhava cautelosamente pelo quarto enquanto eu bebericava meu café. Com o semblante pesado, observava meu irmão dormir.

— O que é isso? — Voltei meus olhos para o meu tio e vi que apontava o indicador para a mesa de cabeceira do outro lado da cama. Ao olhar o que chamava sua atenção, vi um pedaço de papel dobrado sobre a mesa. — Não estava aqui antes. — Muda, sentia minha cabeça embaraçar com revelações que meu cérebro fazia jorrar.

— José — disse quase em um sussurro.

— O que? Quem é José? — Levantei, dei a volta na cama e observei o pequeno papel branco dobrado em duas partes. — Anne, está tudo bem?

— Nem um pouco. — Mantinha meus olhos vidrados no que supostamente seria um bilhete.

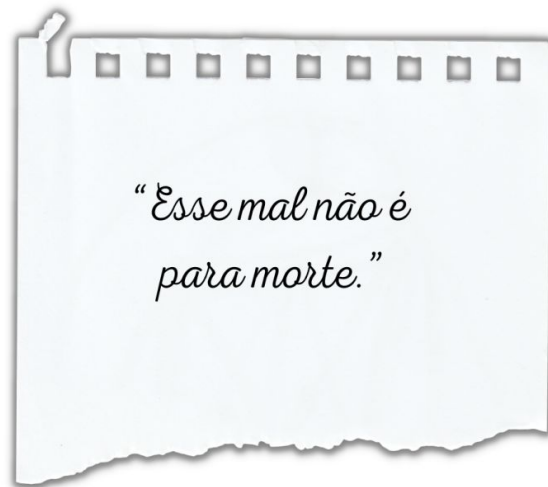
O celular do meu tio tocou em um momento bem oportuno. Não me senti à vontade em pegar aquele papel em sua presença.

— É a Lili. Vou atender lá fora para não acordá-lo. — Assenti sem olhá-lo.

Quando ouvi a porta se fechar, respirei fundo e peguei o papel.

Desdobrei a primeira vez, pressionei forte os olhos, respirei fundo, os abri e desdobrei a segunda vez.

Com o bilhete aberto sobre meus olhos, as palavras douradas saltitavam afoitas por minha atenção, então as li em voz baixa.



Era impossível acreditar naquilo. A mesma letra, a mesma cor inconfundível de caneta.

Seria aquele o último bilhete? Depois de tudo, Nick estaria realmente certo?

Assim que ouvi a porta se abrir, anunciando o retorno do meu tio, enfiei o pedaço de papel no bolso, sem que ele pudesse notar.

— Lili e Bárbara também não dormiram. Vão vir para cá assim que o dia amanhecer. — Tentei não esboçar nenhuma reação atípica. Foi quase impossível não transparecer o meu desespero.

— Tudo bem. — Virei para ele.

— O papel, o que era?

— Nada demais. Apenas um pedaço de folha — suspirei irregularmente e torci para que não notasse. Minha cabeça dava inúmeras voltas. Tudo aquilo parecia ser coisa demais. — Queria estar vivendo uma noite normal. — Nem acreditei que falei aquilo. Os olhos do meu tio que

pareciam tão pesados quanto os meus tentavam transparecer alguma espécie de conforto, que também faltava nele.

— Eu também.

— Não estou preparada pra ficar sem ele. Não sei como vai ser amanhã e... — Eu estava prestes a formular mais meia dúzia de palavras, quando o som do monitor multiparâmetro chamou nossa atenção de um jeito estrondoso, fazendo-me virar rapidamente. O bipe sonoro anunciava o que eu mais temi durante muitos meses. — Nick! — Apressadamente o alcancei, pegando sua mão pálida e gélida. — Nick, por favor. — As mãos do meu tio em meus ombros, faziam força, puxando-me para si enquanto os enfermeiros e médicos invadiam o quarto às pressas.

A cada barulho, sentia minha alma implodir. Os médicos ao redor da cama pediam espaço e Dom implorava para que meu tio me mantivesse afastada.

— Me solta! — Seus braços ao redor do meu corpo puxavam-me na esperança de me deter. — Não, não! — Não entendia de onde tirava tanta força, capaz de relutar contra os braços fortes do meu tio.

Meus olhos molhados quase impediam-me de ver com clareza. Dom usava o desfibrilador como se tivesse esperança de trazer meu irmão de vez. O corpo magro sobre a cama recebia aquele choque sem mudança alguma em seu estado. — Me solta!

— Por favor, Anne. — Meu tio implorava quase sem voz. O monitor indicava a ausência de qualquer sinal vital. Sem sucesso algum, a equipe médica parou. Com a mão na cintura e cabeça baixa, Dominic conseguiu dizer apenas:

— Sinto muito.

— Não! — Senti minha alma sair timbrada no eco ensurdecedor do meu grito. O choro preso na garganta do meu tio desabrochou.

— Horário do óbito. — A voz de Dom se arrastava enquanto observava o relógio em seu braço. — Seis e cinquenta e cinco.

— Não... — Os braços do meu irmão pendiam para fora da cama, como aquelas cenas de filmes que jamais desejamos ver na vida real. Os braços do meu tio me soltaram. Acredito que estavam tão fracos quanto minhas pernas. Eu recuava enquanto observava-o sem vida à minha frente. — Não.

— Meu amor nós precisamos ser fortes. — Quanto mais Dom tentava se aproximar, mais eu recuava.

— Eu não quero ouvir. — Tinha a impressão de que minha voz não tinha entonação o suficiente para que eles me ouvissem.

Aproveitei a porta aberta e sai corredor afora, tendo a impressão de que o próximo passo me faria desabar.

Com as mãos na cabeça, tentava encontrar um norte, mesmo sem bússola alguma nas mãos. Sentia tudo girar. As pessoas, as paredes. Tudo rodava. Pelo corredor, tentava firmar meus pés, embora tivesse a impressão de tamanha impossibilidade de tal coisa. Como pequenos filmes, relembrava a voz dele. O seu chorinho de bebê.

Revivi em minha mente seus primeiros passos e todos os abraços que jamais esqueceria.

— Por que você? — Meu coração gritava.

Era meu irmão e eu o amava. Talvez você não tenha ideia do que a dor fazia comigo. Minhas mãos tremiam sem trégua, assim como as rachaduras que se abriam no meu interior. Assim que as coloquei no bolso, senti o pequeno bilhete, que me fez desbloquear na memória embaraçada, o pedido que meu irmão me fez.

Sem ter uma porcentagem mínima de vontade, eu atenderia seu pedido. Devia isso a ele.

Corri alguns metros do corredor, esbarrando em pessoas que me olhavam sem entender tamanha pressa. Eu também não entendia, mas algo dentro de mim dizia que deveria fazer aquilo.

De frente para o elevador, apertei o botão. Balançava as pernas na espera agonizante, mas nenhuma daquelas portas se abriam. Não estava disposta a apreciar a demora. Corri para o corredor ao lado e descí a escada.

Eu descia os degraus quase infinitos como um foguete. Descia como se a vida de alguém pudesse ser salva através daquilo, mas não. O alguém já estava morto.

Foram seis lances de escada e assim que cheguei no primeiro andar, dei de cara com a enorme porta de madeira, fechada. Eu estava ali, de frente para o pedido inusitado que meu irmão fez antes de morrer e não fazia ideia do porquê.

Com toda força que imaginei não ter mais, empurrei a porta de madeira e passei por ela, deixando-a se fechar estrondosamente.

Corri os olhos pelo lugar vazio. Em passos arrastados, caminhei até a metade do carpete vermelho que se pendia até o púlpito.

Meu estômago revirava enquanto tentava manter o equilíbrio do meu corpo. Sem êxito, caí sobre os joelhos.

Quanto mais eu tentava respirar, mais tinha a impressão de que nem todo ar do mundo seria o suficiente. Meu peito subia e descia em uma velocidade desordenada jamais vista antes.

Submersa na dor, meus olhos se afogavam em todas as lágrimas que jorravam incessantemente. Havia um vazio infindável o qual precisava colocar para fora. Abri minha boca e o expulsei de mim. Gritei tão alto que senti todo o desespero reverberando no ambiente.

Talvez eu estivesse muito mais sem vida do que o cadáver do meu irmão. Acredito que meu interior exalava um odor peculiar. O meu espírito estava em decomposição, há muito mais tempo do que conseguia contar.

Mas a pergunta que não queria calar era: o que eu estava fazendo ali? O que Nick queria com aquilo?

— Posso ajudar? — Meus ouvidos foram amaciados com a suavidade daquela voz não tão desconhecida.

Mantive os olhos pregados no chão, sentia minha cabeça tão pesada, incapaz de ser erguida.

— Ninguém pode. — Soluçava sem trégua.

— Ora, não subestime a forma com que uma ferida pode ser cicatrizada. — Se deixasse minha dor um pouco de lado, conseguia perceber que aquele timbre de voz era muito mais familiar do que poderia imaginar.

O homem à minha frente parecia tão amável e disposto a me ouvir que deduzi que fosse o pastor que Sara havia mencionado. Eu estaria prestes a conhecer o tal senhor grisalho.

Minimamente, elevei a cabeça. Toda umidade do meu rosto impedia-me de ver com clareza, mas de fato, aquele não era o pastor que imaginei.

— O senhor é o pastor daqui? — Uma curiosidade singular desabrochou em meu consciente.

— Digamos que sou o pastor de muitas ovelhas. — Limpei os olhos.

Quando enfim controlei minha respiração, consegui discernir melhor o que aquele tom de voz significava. Com os olhos enxutos, deixei minha incredulidade transparecer.

O olhar e cabelos tão retintos me remetia a uma única pessoa. O homem que antes trajava um uniforme de enfermeiro, agora vestia calça e blusa social na cor preta.

Imóvel, minha mente dava voltas e voltas, tentando decifrar o que de fato estava acontecendo.

— Eu não entendo. — Minha voz soou vacilante. — José? — Franzia o cenho, confusa. — Mas como? Como pode estar em todos os lugares? E os bilhetes?

— Eu posso ser muitas coisas, mas procuro me fazer daquilo que as pessoas mais precisam. — Ele se abaixou, ficando da minha altura. — Você queria um amigo, Anne. Eu estava lá. Eu ouvia você falar com tanto entusiasmo. Em um mundo onde poucas pessoas decidem me notar, você fazia questão de estar comigo. — Boquiaberta, eu o ouvia. — Mas quando o pior momento chegou, você resolveu me esquecer. Quando só olhava para dor, você deixava de me enxergar. — Estremecia interiormente. Seria aquilo apenas um sonho? — O fato de não conseguir me ver não anula a minha presença. Eu estava lá. Quando as piores coisas aconteciam. Eu sempre estive lá. — Colocou-se de pé, estendendo-me a mão. Assim que a peguei, senti-me em um louco *déjà vu*.

— A cicatriz — balbuciei, lembrando-me do último sonho que tive com o meu pai enquanto adormecia na grama do quintal.

— Eu disse que sempre estive lá. — Levantei.

— Mas por que eu vi o meu pai?

— Porque era o que você queria ver. — Forçava minha cabeça a balançar rapidamente, negando a veracidade de tudo aquilo.

— Eu só posso estar sonhando.

— Sempre insistem em dizer que não sou real. — Com os olhos escancarados, tentava assimilar tudo. — Por que não se senta um pouco? — Sinalizou para as cadeiras de couro.

Sem tirar meus olhos dos dele, fiz o que me pediu e segundos depois ele virou a cadeira da frente e sentou-se de frente para mim.

— Seus pais me agradavam. Eles me amavam e tinham convicção de quem eu era. Nunca, nem por um segundo duvidaram. — Senti novamente meus olhos úmidos. — Eles deram o melhor de si para ensinar sobre o meu amor a você e ao seu irmão. Eles eram meus, Anne. E eu os amava, mais do que consegue imaginar. — As lágrimas vinham como uma enxurrada. — Eu amo todos vocês. Nem por um segundo eu deixei de ver você. Quando você cresceu e se tornou aquela garota incrível que amava ajudar as pessoas, eu via que o propósito que tinha para sua vida era perfeito. Você amava me ver e conversar comigo, me tinha como um amigo. — Seu semblante luzente

hipnotizava-me. Era como voltar para a época da escola e poder conversar com ele novamente. — Mas você não sabia lidar com momentos difíceis. Jurava me amar, Anne, e quando o momento ruim chegou, eu fui a primeira coisa de que se esqueceu. Você sempre teve tudo, nunca saberia como é não ter nada.

— E então decidiu tirar os meus pais de mim.

— Ao contrário do que pensa, não foi um ato de maldade ou uma moeda de troca. Foi uma fatalidade das aflições que ocorrem na humanidade. No mundo há inúmeras aflições. Pensei ter sido claro, quando disse isso. — Abaixei a cabeça. — Olha para mim, Anne. — Assim que elevei os olhos, mostrou-me as palmas de suas mãos. — O mundo não foi justo comigo. — As cicatrizes mostravam-me o seu sacrifício. — O lugar perfeito não é aqui. — Olhava-me com tamanha ternura. — As pessoas estão cada vez mais se esquecendo disso. Procuram uma perfeição inexistente em algo que é incapaz de ser perfeito. Eu nunca disse que vocês não sofreriam, mas fui claro quando falei que em mim conseguiriam suportar a dor. A perfeição é a promessa para o céu e não para a Terra. — Apontou o indicador para cima. — Lá não haverá mais dor, choro ou qualquer sofrimento. Mas enquanto estiverem aqui, terão que suportar algumas coisas. — Olhei-o minuciosamente.

— Não deveria estar aqui — suspirei. — Falei coisas que... — Não consegui terminar. Senti minha garganta queimar

— Me machucaram? — Assenti de cabeça baixa. — Você tinha inúmeros motivos para não acreditar. Eu Sou. Isso deveria bastar. — Ajeitou-se na cadeira. — Mas não foi o suficiente pra você, então resolvi lhe dar mais quatro razões para acreditar. Nada é capaz de separar qualquer pessoa do amor de Deus. Nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem demônios, nem o presente, nem o que há de vir, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de separar qualquer um do amor de Deus que está em Cristo Jesus — ele falava com clareza sobre a primeira razão pela qual eu nunca deveria ter duvidado. — Eu sou sobre todas as coisas e todas as coisas subsistem por mim. — Meu peito arfou com o tamanho impacto do que ouvia. — Eu morri por você e por toda a humanidade. — Lembrei-me do tamanho da cicatriz que vi e senti com a ponta dos meus dedos. — Eu sempre estive com você. — Engoli a seco enquanto lembrava-me dos bilhetes que recebi misteriosamente. Nick tinha a total razão.

Àquela altura eu não sabia definir meu estado emocional. Aconteceram tantas coisas surreais que se me contassem, eu jamais seria capaz de acreditar.

Aqueles olhos negros penetravam-me a alma, senti-me constrangida. Eu era apenas um nada, na presença de quem é absolutamente tudo. Meu corpo tomou-se por um grande arrepio. Lembrei-me de tantas amarguras e blasfêmias que proferi contra ele. Eu deveria ser a última pessoa no mundo a estar frente a ele.

As lágrimas tomaram meus olhos à força. A forma com que me derramava era incontrolável.

— A compostura é a última coisa que observo. — Foi o passe livre de que precisava. Sem muito pensar, lancei-me de joelhos sobre seus pés.

Tentei falar algumas palavras, mas as lágrimas impediram-me. Derramava-me ali, sobre seus pés, quando senti sua mão acariciar minha cabeça.

— Por favor, me perdoa — disse com muito custo. — Por favor — implorei.

Me pegou pelos ombros e me levantou.

— Eu perdoo você. — Lancei-me em seus braços e o abracei fortemente. A minha maior vontade era jamais soltá-lo. Me senti tão acolhida que desejei ficar ali para sempre. Eu literalmente encontrei um lugar seguro, nos braços de alguém que jamais me soltaria.

— Mas e Ele? — Cristo estava bem à minha frente, com suas cicatrizes de amor, mas ainda havia uma pequena incógnita nascendo em meu coração.

— Deus? — Ele podia ouvir meus pensamentos mais ocultos. Envergonhada, assenti de cabeça baixa.

— Onde Ele está? — Colocou as mãos em meu rosto e me fez olhar para ele.

— Quem vê a mim, vê o pai. — Poderia jurar que meu corpo passava por uma eletricidade estática da qual jamais experimentei.

— Eu não posso voltar atrás e mudar tudo — comecei a falar, mesmo sem força o suficiente para formular corretamente uma frase. — Mas não quero mais ser quem eu era. — Tentei olhá-lo nos olhos, mas falhei, assim que deixei as lágrimas saltarem. — Dentro de mim era vazio e frio. Tinha a impressão de que nada do que fazia podia me trazer felicidade. — Deixei que as lágrimas tomassem seu lugar em minha face. — Quando colocava a

cabeça no travesseiro e encarava o teto, tinha a impressão de que estava caindo em um buraco infundável. Eu vivia automaticamente uma farsa que me afastava cada vez mais do que já fui um dia. Eu nunca permitia que as pessoas vissem o que eu carregava por dentro, porque o que eu guardava no meu interior era tão aterrorizante e feio. — Soluçava entre uma palavra e outra.

— É isso que a minha ausência causa nas pessoas. — Ele era o próprio amor. — O vazio que vocês insistem em manter é um lugar que deveria ser ocupado por mim.

— Não quero mais viver com espaços vazios. — Seus olhos tentavam se comunicar mais do que sua voz. Eles brilhavam e confortavam-me com fervor. — Me deixa ficar. Eu não quero ir embora. Eu não quero mais sair daqui. Nunca mais.

— Minha menina, você precisa ir. — Balançava desesperadamente a cabeça de um lado para o outro.

— Me deixa ficar. Não tenho nada lá fora que importe mais do que o que tenho aqui dentro. — Pela primeira vez, eu o coloquei no lugar que deveria ter estado desde o princípio: Acima de todas as coisas.

Seus lábios curvaram-se em um sorriso doce. Minhas palavras não o convenceriam mais do que meu coração e ele podia ouvi-lo. A forma com que batia ansiava por estar ali.

— A minha presença deveria ser suficiente. — Assenti.

— E por isso não quero mais sair daqui. — Com as mãos, tocou meu rosto. Ele acariciava-me com tanto amor. Um amor que nunca tive antes. Eu poderia jurar que o que meus pais sentiam por mim bastava, até experimentar o amor que Cristo tinha para me oferecer.

— Enquanto eu for a sua prioridade, jamais se sentirá incompleta, seja lá fora ou aqui dentro. Não importa onde estiver eu estarei também. — Perplexa, sentei novamente na cadeira.

Com as mãos, enxuguei as infinitas lágrimas que caíam.

— Quem experimenta a minha real presença anseia nunca mais sair dela — eu suspirava, tentando aquietar todo aquele vendaval de sentimentos enquanto ele me observava. — Esqueceu da quinta e última razão? — Confusa, franzi o cenho.

— Como assim? — Mais uma vez, sorriu.

— Fiz questão de dizer todas elas a você, para que se lembrasse do que eu fiz. Mas não disse a última. — A frase do quinto bilhete saltitou em

minha mente e conforme eu relembrava as palavras que li, ele as dizia: — Esse mal não é para morte. — Eu tentava discernir, mas minha cabeça dava voltas incessantes. — O seu irmão ainda vive. — Escancarei tanto os olhos quanto a boca.

— Mas, Senhor, eu o vi morrer. O câncer o matou.

— Nada pode de fato morrer se eu decidir decretar vida. Nada vive ou morre sem a palavra do Pai.

— Vivo? — suspirei, trêmula. — O meu irmão está vivo? — Assentiu. — Fez tudo isso por mim?

— Por amor, eu fiz muito mais coisas.

— Não sei o que dizer. — Tornei a chorar

— Mas eu sei o que está sentindo e isso me agrada. — Tudo aquilo parecia um grande sonho. — Agora precisa ir e contar ao mundo o que viu e ouviu. — Eu sabia que precisava, mas o medo aterrorizante de não ter a sua presença gloriosa me fazia hesitar. — Não precisa ter medo. Não mais — suspirei tão profundamente que senti-me revigorar. Eu já sabia o que ele queria de mim.

— Preciso ir?

— Sim. — Ele se colocou de pé e assim que fiquei de pé também, abracei-o. Apertei fortemente meus braços ao redor dele, apreciando cada segundo daquele instante. Assim que me afastei, olhei precisamente nos seus olhos. — Nunca esqueça de que eu te amo.

— Não vou esquecer. Não mais. — Com as mãos, apontou para a porta e eu já havia entendido, mesmo querendo adiar a minha ida.

— Anne? — Virei para olhá-lo.

— Sim?

— Feliz segunda-feira. — Sorriu

— Feliz segunda-feira. — Deixei que a gratidão tomasse meus lábios e sorri de volta.

Ele assentiu e olhou para o meu coração. E foi ali que me dei conta de que eu nunca havia sido um vidro quebrado pronto a ser descartado. Eu era um barro e por mais feio que me encontrasse, ele tinha o poder de moldar novamente e reconstruir algo que o agradasse.

Enquanto caminhava de costas para a porta, eu sorri, como não fazia a muito tempo. Acho até que aquele foi o meu sorriso mais singular.

Ele sabia que eu só estava adiando a volta, então apontou para a porta. Eu assenti ainda com o sorriso nos lábios e finalmente me virei. Eu

abri a porta e saí. Recusei-me a virar, porque corria o risco de voltar e abraçá-lo mais uma vez.

Quando ouvi a porta se fechar, ainda mantinha um sorriso intacto. O que eu vivenciei foi incomparável a qualquer outra coisa que já vi na vida.

Assim que fiquei frente ao elevador, a porta se abriu. Enquanto selecionava o andar desejado, notava que minhas mãos ainda tremiam.

Enquanto caminhava pelo corredor, algumas pessoas me olhavam com pesar. Mas tudo bem, eu era a louca que minutos antes estava correndo por ali, esbarrando em todas elas.

Conforme movia os meus pés, relembrava momentos da minha vida. Cada felicidade, cada dor e dificuldade. Tudo o que vivi, nunca foi sobre mim e sim sobre Ele.

Perdida na quantidade de pensamentos, só voltei para a realidade quando senti tocarem o meu braço.

— Anne? — Dom parecia atônito. — Eu te procurei em todo lugar.

— Está tudo bem. — Franziu o cenho. — Vou ver o meu irmão.

— Seu tio ainda está lá. Não mexemos no corpo. Não antes de encontrar você.

— Não é um corpo, é o meu irmão.

— Sim, eu sei — suspirou, desapontado. — Desculpa, é força de expressão. — Me puxou em um abraço. Dom tentava me consolar. — Você sumiu por uma hora. — Me afastei, surpresa

— Uma hora? — Assentiu. Não parecia ter sido tanto tempo assim.

— Fiquei como um louco atrás de você. Estava preocupado.

— Estava na igreja. — Seu olhar incrédulo me indagava. — Meu irmão está vivo. — Tentava pronunciar alguma palavra, mas não conseguia. — Preciso vê-lo.

— Anne, eu sei o quanto é difícil, mas o Nick está morto. — Não o culpo por isso. Ele não ouviu tudo o que eu ouvi minutos atrás.

— Não, não está. — Comecei a andar em passos apressados. Queria vê-lo o mais rápido possível.

— Anne... — Enquanto eu caminhava apressadamente pelo corredor, Dom me seguia. — Anne, vamos conversar.

— Não tenho o que conversar, quero ver meu irmão. — Continuei o meu caminho.

Com a mão na maçaneta, abri a porta de uma só vez e entrei. De cabeça baixa, meu tio segurava a mão do meu irmão, mas assim que notou

minha presença, levantou.

— Onde se meteu? — Seus olhos estavam inchados, quase não dava para ver o quão esverdeados eram.

— Está tudo bem, tio. Ele não está morto. — Fechou os olhos, desapontado, e quando os abriu, deixou que transparecessem pena.

— Ela está falando isso desde que a encontrei no corredor. — Meu tio se aproximava em passos arrastados.

— Querida, eu sei que é difícil. Acredita em mim, eu sei bem como é isso.

— Meu irmão não está morto.

— Olha para ele. — Apontou para a cama. — Parece estar vivo? — De repente, um vento forte soprou sobre o quarto. Sua força era tão surreal que fez com que forçássemos nossos olhos a estarem abertos. E então vimos o lençol sobre o meu irmão se balançar. Mas não tinha motivo algum para aquilo. Não havia nenhuma corrente de ar.

Meu inconsciente dizia claramente o que era e antes que eu pudesse falar mais qualquer coisa, em um puxar estrondoso de fôlego, Nick se sentou.

A palidez tomou conta do rosto de Dom e tio Silas saltou para trás. Enquanto o sorriso estampava meus lábios, os dois pareciam não acreditar no que acontecia.

— Parece morto pra vocês? — Entre todos os olhos presentes, meu irmão escolheu olhar profundamente para os meus.

— Ele falou com você? — Nick parecia saber perfeitamente de tudo o que aconteceu.

Eu assenti, já sentindo as lágrimas rolarem de emoção e corri para abraçá-lo.

Eu o abracei tão forte que ninguém seria capaz de nos desvencilhar. Não nos próximos minutos.

Seus braços ao redor de mim pareciam muito mais fortes, como o Nick antes de qualquer doença.

Fechei os olhos com força e deixei que minha mente e meu coração agradecessem a Ele por algo que eu jamais mereci.



Trinta e dois

Deixe que Todos Saibam

— Como isso é possível? — Dom tocava o meu irmão, como se visse um fantasma. Seus olhos vidrados permaneciam sobre ele. — Eu declarei o óbito.

— Mas Ele não — disse meu tio, agarrando o meu irmão. Era um misto de gratidão e emoção que até hoje não consigo explicar exatamente tudo o que sentimos.

— Eu disse! — Havia vigor em sua voz. Aquela pele pálida e gélida se tornou corada — Falei que tudo ficaria bem! — Hoje eu entendo o que Jesus quis dizer ao falar que deveríamos ser como crianças. Um menino de dez anos teve mais fé do que todos nós.

Dez minutos depois, eu ainda não conseguia soltá-lo, não conseguia sair de perto dele.

— Foi uma grande jornada. — Minha mente ainda recapitulava tudo o que vivenciei nas últimas horas.

Todo milagre extraordinário precisa de uma situação improvável. Eu vivenciei um dos maiores milagres que alguém poderia vivenciar. Não foi apenas o meu irmão que ressuscitou. Eu também voltei à vida, depois de ter estado morta por muitos e muitos anos.

Quando a notícia correu o hospital, todos quiseram ver o menino que reviveu de forma inexplicável. Eu sabia o que as pessoas pensariam se eu contasse o que de fato aconteceu. Eu seria a louca que via coisas surreais, mas sobre hipótese alguma, eu anularia a grandeza de Deus sobre as nossas vidas. Eu nunca mais anularia a existência dEle ao nosso meio e sobretudo em nós.

Nick não foi o primeiro milagre de Deus e não será o último. Eu com certeza não me calaria diante de tudo. Eu devo isso a Ele. Na verdade, eu devo tudo a Ele.

Sei que em cada canto do mundo, pessoas se sentem desesperançadas por algum motivo. Eu só quero mostrar a elas que, enquanto tivermos fé, teremos tudo.

Nick não conseguiu se livrar de todos os exames que o hospital impôs e fiz questão que ele fizesse. Não que me restasse alguma dúvida quanto à sua saúde, mas para que todos tivessem certeza que milagres são reais. O resultado não seria para mim, mas sim para todos os que duvidariam do que Deus pode fazer.

Com o passar dos dias, uma grande multidão passou a nos rodear e com isso, dois grupos estavam formados. As pessoas que acreditavam no quanto Deus é real e as que defendiam a coincidência e o poder da medicina.

Eu não os julgo, também fui cega a ponto de me recusar a enxergar. A incredulidade sempre estará ao nosso redor, só não podemos permitir que se abrigue dentro de nós.

Quando os resultados dos exames ficaram prontos, não havia nenhum indício do câncer. Era como se ele simplesmente nunca tivesse estado lá. Tudo repercutiu tão rápido que o jornal local solicitou uma entrevista e tanto eu, Nick, tio Silas e Dominic não negamos. Nós falaríamos a verdade, mesmo que apenas nós acreditássemos nela.

Assim que entramos ao vivo, as perguntas jorravam de todas as cidades do Brasil. Meu irmão contou sobre os sonhos que teve com Deus e

sobre a sua trajetória com o câncer. Deixou claro que mesmo no leito de morte nunca parou de acreditar na promessa que havia recebido. Tio Silas contou um pouco dessa jornada e não negou que a sua fé o ajudou a enfrentar todos os desafios. Dom relatou sobre o quadro clínico e a gravidade da doença, contou sobre a morte e até mesmo sobre o horário em que Nick veio a óbito.

Quando chegou a minha vez de falar, precisei limpar bem a garganta. Àquela altura, eu já estava emocionada com as lembranças. Quando nos convidaram para a entrevista, prometi ser sincera quanto a tudo.

Comecei pela morte dos meus pais e toda a dor que o luto me causou, não escondi deles a pessoa que me tornei. Ao narrar a minha descrença, deixei claro que apenas um milagre poderia me trazer de volta. Conteí sobre a descoberta da leucemia e de toda a minha avalanche emocional. Falei sobre cada bilhete que recebi misteriosamente e percebi o espanto da entrevistadora. Tive a impressão de ter visto seus olhos marejados.

Todos estavam espantados o suficiente e eu sabia que ficariam muito mais quando falasse o que de fato deveria ser dito. Eu abri a boca e deixei que saíssem as frases mais estranhas que alguém poderia pronunciar. Estranhas, porém reais.

O meu encontro com a figura física de Jesus havia deixado uma enorme marca em mim, para que isso pudesse causar marcas em outras pessoas também.

Detalhes da minha conversa com Ele fez todos ao redor ficarem espantados. Eu mal conseguia decifrar o semblante das pessoas no estúdio. Eu sei que a maioria me julgou como louca, mas não me importo. Algumas loucuras são mais válidas do que a maioria da sensatez que predomina no mundo.

A forma com que Cristo me perdoou, a sensação de tê-lo abraçado e a forma com que isso modificou a minha vida, estava no ouvido de todos. Quando finalizei a entrevista, fiz questão de ressaltar um detalhe crucial nisso tudo. Não é que Deus seja cruel e decidiu fazer chantagem emocional comigo, usando a vida de quem eu tanto amava. Ele não queria me castigar cruelmente para que eu decidisse obedecê-lo de uma vez por todas. O plano era muito maior. Deus vê e planeja coisas grandiosas. Fazendo tudo isso, mais pessoas passariam a acreditar também. Ele não salvou apenas a mim e

o meu irmão, salvou todas as pessoas que se permitirem acreditar nessa história e decidir ter um encontro com ele também. Jesus não é o malvado que faz acordos para receber algo em troca. Ele é a pessoa que quando chega em nossas vidas, faz com que nada mais importe.



Trinta e três

Enfim um Propósito

No mês seguinte, a notícia não havia se espalhado apenas no Brasil, mas também em outros países. Pessoas chocadas e emocionadas entravam em contato através das redes sociais. O número de pessoas interessadas no assunto se tornou incontável. Eu me sentia grata. Mesmo nunca tendo sido merecedora de tais coisas, Deus me escolheu para testemunhar um grande milagre e eu nunca deixaria de passar isso adiante.

No jardim, fazíamos o nosso piquenique de sábado. Tio Silas ria enquanto abraçava carinhosamente Bárbara. Nossa nova tia era tão alegre quanto ele. Ele merecia tudo o que estava vivendo.

Meu tio passou por inúmeras coisas e nunca o vi questionar a vontade de Deus em nenhum momento. Sei que falta muito para que me torne como ele, mas minha grande missão é nunca parar de tentar.

Dom fazia cócegas em Nick e sua gargalhada poderia percorrer quilômetros de tão alta. Sentada sobre a manta que continha as melhores guloseimas, eu peguei a minha favorita e você já deve saber qual é. Não achou que eu comemoraria tudo aquilo sem pães de mel, não é mesmo? Eu não seria a Anne se não tivesse a boca cheia com o meu doce favorito.

Lili apreciava o Sol enquanto eu apreciava aquela oportunidade sem igual que estava tendo o presente de vivenciar.

— Sem dúvida, é um feliz sábado. — Falei bem baixinho. — Vou ao banheiro. — Levantei em um salto. — Querem alguma coisa lá de dentro?

— Água, por favor — pediu Nick.

— Ok. — Virei e caminhei descalça pela grama.

Assim que cheguei à cozinha, ouvi a campainha tocar e corri para atender. Ao abrir, me deparei com uma garota. Aparentava ter mais ou menos dezesseis anos. Suas roupas pretas não moldavam o corpo e a pele branca, trazia uma palidez sem igual. Seus olhos fundos me fizeram entender de imediato que algo não estava bem. Eu poderia jurar que a mesma não comia e dormia há bastante tempo.

— Posso ajudar?

— Você é a Anne, não é? — Assenti, mantendo o restante do corpo imóvel. Eu de fato nunca a tinha visto, mas ouvi uma voz soprar em meu ouvido me pedindo para deixá-la entrar. Não sabia dizer ao certo o que era aquilo, mas sabia que precisava obedecer, então abri ainda mais a porta.

— Entra. — Assustada, corria os olhos por todo o espaço enquanto caminhava sala adentro.

Algo nela me intrigava.

— Em que posso ajudar? — Se virou para mim. Seus olhos distantes encaravam-me.

— Eu sou Bela. — Sua voz pesava. — Há alguns anos meu pai decidiu nos deixar. A mim e a minha mãe.

— Eu sinto muito. — Algo me dizia que ela não estava na frente por obra do acaso.

— Ele foi embora com a secretária, deixando a gente sem nada. — Tinha a impressão de que pudesse sentir uma parte da sua dor. — Minha mãe começou a beber por desgosto e desde então passa dias fora de casa e quando volta é sempre com um homem diferente. — Engoli a seco. — Enquanto o meu pai posta nas redes sociais as fotos com a nova família e os presentes caros que dá à filha da mulher dele, eu tento ligar para ele e sou ignorada por completo. — Passou a mão por seus cabelos negros e longos, tentava encontrar forças para continuar.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Eu não sei se vou à escola, se como, se durmo ou se saio pelas ruas procurando pela minha mãe. E pra completar, flagrei meu namorado me traindo com a única amiga que tinha. — Sua voz vacilava. Atônita, abriu a bolsa, tirando dela quatro vidros de remédio.

— O que é isso? — Não consegui conter o espanto.

— Consegui com um cara. Eu queria acabar com a dor. — A voz embargada anunciava o quanto ela estava a ponto de desmoronar.

— Você ia...

— Me matar? Sim! — Respirou fundo, tentando conter as lágrimas. — Eu só queria acabar com a dor. Queria que ela fosse embora. — Meu rosto queimava. — Eu liguei a TV em algum canal aleatório no YouTube, deitei na cama com os remédios e uma garrafa de água. Eu comecei a tomar. Aí você apareceu. E começou a falar sobre o que aconteceu com você. Era um vídeo de um mês atrás, mas por alguma razão ele apareceu pra mim ontem

enquanto eu tentava me matar. Quando você disse sobre a sensação de tê-lo abraçado, eu comecei a pensar se, por alguma razão, eu poderia sentir aquilo também. Me sentir enfim amada e importante para alguém. — As lágrimas rolavam pelo meu rosto. — Eu queria saber se... — hesitou —, se Ele se importa comigo também.

Dei dois passos ligeiros e sem pedir licença, a abracei. Eu a abracei forte e nos meus braços ela se permitiu desmoronar. Seu choro doía o meu interior. Seus soluços causavam em mim uma tremenda dor. A dor daquela garota passou ser a minha e tudo o que eu queria era fazer com que cessasse cada milímetro de sofrimento. Eu queria que assim como eu, ela tivesse a certeza do quanto Deus é capaz de curar.

— Você não está sozinha. Não mais. — Sequei suas lágrimas, uma por uma.

— Me desculpa por bater aqui assim.

— Não precisa se desculpar. — Abracei-a ainda mais forte e quando a soltei, vi uma manchinha laranja em seu pescoço. — Você costuma pintar? — Seu olhar era um tanto curioso, as sobrancelhas arqueadas deixavam claro o seu espanto por minha descoberta.

— Como sabe?

— Todo artista tem uma marca e nós pintores geralmente saímos por aí sujos de tintas. — Apontei o indicador para o seu pescoço.

— Ah, claro. — Coçou a testa. — Hoje de manhã eu tentei me desfazer das tintas, mas desisti. Acabei me sujando, mas parece que, por mais que a gente tente limpar a bagunça, sempre fica alguma coisa pra trás. — Olhando nos olhos dela, fui capaz de enxergar e ouvir a minha mãe falar comigo ali mesmo naquela sala, quando eu tentava desesperadamente encontrar o meu propósito.

“Propósitos não são sobre nós e sim sobre o que pode ser feito através de nós.”

Minha mãe estava certa o tempo todo.

Não consegui disfarçar o sorriso insistente em meus lábios.

— O que foi? — Tentava me decifrar.

— Estou feliz por não ter jogado as tintas fora.

— De alguma forma, a pintura faz com que eu me sinta um pouco livre da dor.

— Você vai conhecer o que pode te tornar livre de verdade. — O olhar triste deu lugar a uma fenda de luz esperançosa.

Estendi a mão a ela, que não hesitou em segurá-la.

— Mas agora quero que conheça umas pessoas lá fora. — Aquele instante era o início do que eu sempre deveria ter feito. Mas o melhor de tudo é que Deus nos proporciona segundas chances e sei o que devo fazer com a minha.



Camili mandava mensagem todos os dias e a maior parte delas continham reclamações sobre o péssimo comportamento de Ian. Ela amava frisar o quão desagradável ele conseguia ser. Eu gargalhava internamente ao ouvir seu desespero, porque bem lá no fundo, eu sabia o que todo o desprezo que sentiam pelo outro significava. Eu torcia pela felicidade das pessoas mais teimosas da minha vida.

— Acho que essa é a última. — Meu tio colocou a enorme caixa no chão na sala.

— Se não for tão pesada, eu mesma consigo devolvê-la lá para cima. — deixou escapar um sorriso — Tem certeza disso? — Se acomodou ao meu lado no sofá.

— Eu me fiz essa pergunta no dia em que empacotei minhas coisas, fechei a minha casa e me mudei pra cá. — Passou o braço ao redor dos meus ombros. — Eu tinha perdido alguns filhos e confesso que estava morrendo de medo de criar uma adolescente e uma criança. Eu não seria apenas o tio louco que vivia aqui filando a boia aos domingos e colocava vocês nas costas e corria de um lado para o outro. Eu deveria ser como um... — Respirou fundo.

— Pai? — Assentiu. — Pode ter certeza que fez isso muito bem. Eu não sei o que teria sido de nós sem você.

— Não, querida, eu não sei o que teria sido de mim sem vocês. — Senti meu rosto arder, principalmente quando vi seus olhos marejados. —

Não precisa mais de mim, está fazendo um trabalho perfeito sozinha. É corajosa e destemida. Olha só pra você. — Apontou para a aliança em meu dedo. — Vai se casar com um homem incrível.

— Vou sentir a sua falta.

— Vou estar a algumas quadras. É só gritar e virei correndo. — O abracei. — Eu tenho orgulho de você e seus pais também teriam. — Seus braços ao meu redor apertavam-me com ternura. Meu tio foi incrível. Ele se doou por nós. E nos amou incondicionalmente. Eu sabia perfeitamente que ele não iria para muito longe, mas aquele era o fim de um ciclo. E fechar ciclos, por mais que necessários, podem ser doídos.

— Obrigada por não ter desistido de mim.

— É isso que famílias fazem, não desistimos um do outro. — Eu tentei soltá-lo, mas não consegui de imediato, então ficamos ali por alguns longos minutos. Precisávamos desse tempo para nós, para apreciar e entender o quanto as coisas estavam mudando e que mudariam ainda mais.

Nick colocava os porta-retratos nas estantes, Tio Silas e Dom penduravam os quadros na parede enquanto Bárbara e eu fazíamos o jantar.

Quando terminamos nossas funções, nos reunimos ao redor da mesa. As gargalhadas alegravam meus ouvidos.

No rosto de cada um, eu contemplava sorrisos. O tempo de chorar havia realmente se findado. A felicidade se instaurava novamente sobre a nossa família.

Ao chegar em casa, Nick subiu os degraus a todo vapor.

— Vou olhar dente por dente! — bradei

— Crianças. — Dom se jogou no sofá e antes de me juntar a ele, analisei tudo ao meu redor. — O que foi?

— A casa está um pouco vazia.

— Mas todos estão felizes.

— Só preciso me acostumar com o fato de que ele não vai estar para o café da manhã. — Deitei a cabeça em seu ombro e respirei fundo.

— A tempestade passou — sussurrou antes de beijar minha testa. — Acho que prometemos uma coisa um ao outro, quando o furacão chegasse ao fim. — Deixei escapar um sorriso.

— Que tal agora? Meu tio é pastor. — Gargalhou

— Isso tudo é pra ter em mãos o direito do meu humilde corpinho?

— Não. — Dei de ombros. — Agora sou eu que digo a você: Só terá direito a esse corpinho quando formos oficialmente casados. —

Boquiaberto, se afastou minimamente.

— Essa fala é minha, sabia?

— Mas agora o princípio também é meu. — Estiquei as pernas em cima da mesinha de centro. — Tem uma data em mente?

— Não, você tem? — Um sorriso peralta saltou de meus lábios.

— Sim, eu tenho sim. — Uma incógnita formou-se em seu cenho.

— E qual é?

— Não faz ideia mesmo? — Dom balançou a cabeça, negando como resposta. Dominic não fazia ideia de qual data passava por minha cabeça, mas e você? Por favor, não vai me dizer que também não imagina.



Trinta e Quatro

Dez de Setembro de 2023

Eu observava o meu reflexo, refletindo felicidade através do espelho. Respirava fundo, na tentativa de manter meus batimentos cardíacos em uma sintonia suave, o que era totalmente impossível.

Meu corpo se moldava por um longo e elegante vestido branco, cujo véu se estendia pelo chão, da maneira que sonhava desde pequena. Certamente minha mãe se emocionaria ao me vir assim. E o meu pai se orgulharia por me levar ao altar. Eu não os tenho comigo, mas os tenho em mim.

O ano anterior havia sido talvez o mais difícil de toda a minha vida. A descoberta da doença do Nick, a sua morte e também o seu retorno à vida. Deus se encarregou de absolutamente tudo, fazendo com que todo o choro virasse uma grande festa. Ele é mestre em nos surpreender.

Peguei o buquê sobre a mesa de vidro, o aroma das flores do campo exalava por todo o quarto. Fechei os olhos por alguns segundos, até ouvir o

bater suave na porta. Ao abri-los, vi Cami surgir com um sorriso que se estendia da ponta de uma orelha até a outra.

— Você está linda! — Seus olhos reluziam. — É o seu grande dia. — Parou à minha frente, observando cada parte de mim. Jurava que Cami olhava muito mais para o que havia dentro de mim do que para toda a beleza que via sobre a maquiagem, penteado e vestido.

— Você também está incrível. — Ela de fato estava. Parecia uma fada.

— Eu disse que se casaria em Setembro e que vermelho me favorecia. — Gargalhou.

Eu nunca pensei que uma frase dita debaixo de uma árvore no intervalo do colegial poderia se tornar uma verdade como essa.

— Um casamento em Setembro — suspirei

— Com o garoto do skate. — Camili se colocou ao meu lado e estendeu-me o braço. — Pronta para dizer sim? — Entrelacei meu braço ao dela ao assentir. — Ainda vai ser a minha alma gêmea?

— Sempre. — Desde aquele instante e para todo o resto de nossas vidas, soltar a corda deixou de ser uma opção. Eu tirei boas lições daquilo tudo e entendi que a amizade com a Cami não era a única corda que havia soltado. O meu relacionamento com Deus era como uma corda e cada dia eu a cortava um pouco mais até deixá-la apenas por um fio e quando ela estava prestes a se arrebentar de vez, ele fez uma corda nova e me fez ver que, enquanto ele estivesse segurando o outro lado, tudo ficaria bem.

Assim que o carro parou no local da cerimônia, eu implorei mentalmente para que o meu coração batesse um pouco mais devagar. Borboletas pareciam levantar voo em meu estômago.

A marcha nupcial anunciava a minha chegada. Pela janela do carro, podia ver o quanto aquele cenário estava encantador. Um casamento de conto de fadas.

Ian abriu a porta do carro e gentilmente, estendeu-me a mão.

— Você está incrível — sussurrou com um sorriso sutil.

— Obrigada. Você também está incrível. — De pé à sua frente, estendeu-me o braço. Seu olhar transparecia tanto sentimento, deixando-me ainda mais completa.

— Mas devo confessar, de todas as vezes que imaginei seu casamento, eu era o noivo. — Ele foi capaz de me fazer rir em um momento de nervosismo como aquele.

Ao pisarmos no tapete vermelho, segui os olhos à frente e lá estava ele, vestindo um terno marsala, impecavelmente esplêndido. Seus olhos já marejados mostravam tamanha felicidade.

— Eu te amo — balbuciou.

— Amo você. — Bati suavemente os lábios para que entendesse a forma com que me sentia.

Um pouco mais atrás de Dom, tio Silas secava discretamente as lágrimas. Ele estava singelamente belo, com os fios dourados alinhados para trás.

Talvez você deva se perguntar por qual razão ele não me levou até o altar, mas, na verdade, eu não poderia abrir mão de vê-lo ali, atrás do púlpito pronto para nos abençoar e falar sobre o que realmente importava. O amor e a fé que nos movia.

Ian e eu caminhávamos para o altar, mas tinha a impressão de que estivesse flutuando. A cada cem batidas do meu coração, avançávamos um passo.

Eu não sabia o que tornava tudo mais encantador. O gramado verde, as flores ao redor ou a felicidade que implodia dentro de nós.

As pessoas me olhavam admiradas e emocionadas. Andréia e todos do escritório estavam lá. Luísa me surpreendeu usando um enorme salto e Bela me fez sorrir ao ver o quanto ela parecia outra pessoa. Cami, Lili e Sara tentavam não chorar enquanto se mantinham elegantes em seus lugares de madrinhas.

Dominic caminhou alguns passos e estendeu a mão a Ian, que inusitadamente o abraçou e cochichou:

— É bom cuidar muito bem dela ou eu volto só para te enforcar com o estetoscópio. — Dominic tentou prender o riso, mas sem muito êxito, o liberou sutilmente.

Ian se afastou dele, abriu um largo sorriso, beijou minha testa e saiu. Minhas penas tremiam. Eu estava de frente para o meu futuro marido, o homem com que a partir daquele dia dividiria os meus dias, meus planos e o meu propósito.

Ele beijou sutilmente minha mão e juntos nos aproximamos do púlpito. Com a voz embargada, meu tio deu início à cerimônia. Um filme se passava em minha mente e agradei por anos antes ter sido atropelada por um skate. Era impossível aquele dia se tornar mais perfeito, eu tinha tudo o que precisava.

Quando Nick entrou com as alianças, Cami me lançou uma piscadela. Tudo saía como ela havia planejado, mesmo que por uma simples brincadeira.

Nos votos, eu repeti com amor tudo o que meu tio falava. De fato, aquilo era para a vida toda. Na alegria e nos piores momentos que surgissem, eu prometi estar ao lado dele. Porque o amor é feito de escolhas e eu escolhia amá-lo a cada amanhecer. Na tempestade e até depois dela. Na vez de Dom, meu tio entregou o microfone a ele, o que me deixou encucada e um pouco mais nervosa.

— Eu tenho inúmeras coisas a falar e confesso que seria impossível resumir tudo o que sinto em alguns minutos, mas prometo que vou tentar. — Respirou fundo. — Primeiramente, eu te amo. Mas isso você já sabe e provavelmente todos que estão aqui presentes saibam também. Mas o que as pessoas talvez não saibam é que eu nunca vou me desfazer daquele skate velho que acidentalmente atropelou você. — Todos riram. — Jamais pensei que um pequeno descuido pudesse me apresentar o amor da minha vida. Eu te amei, Anne, desde o primeiro dia e em todos os outros também. Eu amei aquela garota com brilho nos olhos e dedos sujos de tinta, que sonhava com um romance feito os dos livros. Me desculpa se equivocadamente eu disse que deveria processar as autoras por criar expectativas de uma história de amor que jamais acontecia na vida real. Eu estava completamente errado, porque a nossa história é digna de um *best-seller*. — Deixou escapar um sorriso quando me viu sorrir sutilmente. — Nós temos tudo o que um grande livro deve ter. Amor sincero, controvérsias, uma avalanche de problemas tentando dizer a nós que nunca daria certo e um reencontro inesperado. Mas a nossa história tem uma coisa que algumas não tem. — Apontou o indicador para cima. — Deus. — Ele sempre soube que esse dia aconteceria e me permitiu sonhar com ele. — Sequei uma lágrima trapaceira. — Como te disse uma vez e continuarei a dizer sempre: Eu te amo e vou estar ao seu lado até a tempestade passar. E depois dela, te amarei ainda mais. Lembra quando dançamos debaixo das estrelas? — Assenti, enxugando as lágrimas. — Eu posso repetir todos os dias: Eu escalaria todas as montanhas e nadaria todos os oceanos só para estar com você.

— Lá se vão minhas mãos tremendo e você é a razão — completei a música que até então havia se tornado a nossa canção.

— Até a tempestade passar?

— Até depois dela. — Todos contemplavam a nossa felicidade e aplaudiam a nossa união.

Meu tio nos abençoou e acima de tudo, Deus também concedeu a sua benção a nós. Enquanto saíamos por aquele tapete e passávamos por debaixo da chuva de arroz, sentíamos o carinho e afeto de todos que estavam ali.

Corri os olhos por toda a multidão e ao longe o vi. Trajava um terno tão elegantemente sem igual, mas seus cabelos e olhos retintos sobressaíam, fazendo meu coração queimar da mesma forma que queimou no dia que o abracei. Eu queria poder correr até ele, abraçá-lo e dizer que era meu convidado favorito. Eu teria mil palavras a lhe dizer, mas ele sabia o que eu estava sentindo. Ele sempre saberá. Brevemente fechei os olhos e em pensamento disse: *Obrigada por me amar. Eu também o amo.*

Assim que abri os olhos, vi-o assentir e sorrir.

Aquele havia sido de longe o melhor presente de casamento que alguém poderia receber. Nada mais faltaria desde que Ele estivesse por perto. E de fato, nunca faltou.

Ao longo da festa, dançamos ao lado das pessoas que amávamos e dos nossos amigos. Era uma noite de felicidade. Tudo estava como deveria estar, menos uma pessoa em si.

Me afastei da pista de dança, deixando Dominic na companhia de Cami.

— Posso me sentar ou está ocupado demais com a sua autodepreciação? — Sobre os cílios, Ian olhou-me e puxou a cadeira ao seu lado. — Deveria chamá-la para dançar. — Mirei o olhar em Camili, que se divertia levando todos à sua volta ao divertimento também.

— Só se for pra ela cravar os saltos nos meus olhos. — Com o maxilar trincado ele a observava.

— Quer falar sobre isso?

— Nada que você não saiba. Era uma vez... Um cara muito, muito babaca que sempre metia os pés pelas mãos e fim. — Ajeitou-se na cadeira. — Ah, um spoiler: O cara babaca sou eu.

— Sentir pena de si mesmo não vai ajudar em nada. O que aconteceu nos Estados Unidos realmente vale a pena?

— Sempre achei que não havia razões o suficiente para amar alguém. — Observava-o minuciosamente. — Até começar a amá-la. E quando estava tudo bem, eu fiz o que sei fazer de melhor. Eu joguei tudo fora, porque senti

medo. Eu tive medo de não saber lidar com o amor. Acho que a nossa história é um grande desencontro. — Levou o copo à boca, dando uma golada no refrigerante. — Voltaremos para Nova York daqui a dois dias e ainda não sei como agir ou consertar as coisas.

— Olha, Ian, eu sei o que pensa a respeito de si e sei também que está enganado. O Ian que eu conheço não desiste até fechar um contrato.

— Não é um contrato, Anne, é a minha vida.

— Exatamente. — Estreitou os olhos. — Então por que se dedica bem menos a fazer dar certo? — Umedeceu os lábios. — É a sua vida, não deveria desistir tão fácil. Reavalia o projeto, refaz se for preciso, mas não o jogue fora.

— Sugestão de por onde devo começar?

— Não seja o idiota que as pessoas esperam. — Sorriu com o canto dos lábios. — Já é um bom começo.

— Prometo tentar.

— E eu prometo cobrar. — Levantei e estendi a mão a ele. — Mas agora vem. Você ainda não dançou com a noiva. — Com um sorriso largo, deixou o copo sobre a mesa e segurou a minha mão.

Por longos minutos eu o fiz dançar e esquecer o fardo dos erros que cometeu.

Ian e Camili tem muito mais a contar do que você pode imaginar. Em outro momento, quando se sentirem realmente prontos, eles abrirão o jogo, sem deixar absolutamente nada de fora. E eu posso garantir: Você se apaixonará por tudo o que eles têm a dizer. Garanto que não irá se arrepender por emprestar os ouvidos. Ou melhor: Os olhos.

Mas enquanto esse dia não chega, você pode festejar comigo e com o Dom, por todas as coisas incríveis que nos aconteceram.



— Bem-vinda à nossa lua de mel. — Dom caminhava porta adentro enquanto segurava-me nos braços. — Um lugar incrível para uma esposa incrível. — Me colocou no chão.

Envolvi meus braços ao redor de seu pescoço e apoiei minha cabeça sobre seu peito. Fiquei ali por um tempo, apreciando o soar do seu coração.

— Acho que vou levar um bom tempo pra me acostumar.

— Com o que?

— Ser sua esposa. Tudo isso parece ser um sonho. — Com o indicador, acariciou o meu queixo e me fez olhar para ele.

— Nós somos um sonho real. — Beijou minha testa, meu nariz e cada pedacinho do meu rosto. — Bem, agora sim você liberou o acesso privado. Já tem o meu sobrenome. — Sorriu, deixando todos os dentes à mostra.

— Bem, e esse acesso privado me dá direito a que mesmo? — Arqueei a sobrancelha, encarando seu rosto sacana.

— Por que não descobre você? — Não havia nada mais convidativo do que aquela frase. Óbvio que eu não pensei duas vezes. Eu envolvi meus braços ao redor de seu pescoço, colando ainda mais os nossos corpos. Enquanto seus braços se entrelaçavam em minha cintura, sua boca tomava a minha.

Sua língua pedia passagem à minha e juntas se envolviam em uma dança singular.

Sua boca tocava a minha, mas tinha a certeza de que era o meu coração que estava sendo tateado.

— Eu te amo, Anne — falou ao meu ouvido.

— Eu amo você. — Me tomou em seus braços e enquanto caminhava comigo até a cama, eu fazia de tudo para que as borboletas dentro de mim se contivessem.

Me deitou sobre o colchão e ao olhar nos meus olhos, avistava também a minha alma que, a partir dali, seria a metade da dele.

Conforme seus lábios acariciavam minha pele, eu me dava conta de que aquilo era a coisa mais única e singular que viveria. Dominic não era a única pessoa a ter me visto nua, mas era a primeira e última que viria o meu coração tão despido daquela forma. E por isso valeu a pena esperar.

Quando terminamos o banho, decidimos admirar um pouco as estrelas.

Juntos, caminhamos até a janela e enquanto observávamos o céu, senti que precisava dizer algo que há um tempo aflorava dentro de mim. Eu precisava partilhar meus planos.

— Sabe — Rompi o silêncio. — Eu passei toda minha adolescência, tentando encontrar algo extraordinário que pudesse fazer para Deus. E me entristecia por não saber qual seria o meu propósito na vida. Cheguei a pensar que não tinha um. Minha mãe me disse uma vez que propósito é aquilo que pode ser feito através de nós, mas eu nunca enxerguei o que de fato poderia oferecer às pessoas. Não até o dia em que Bela apareceu na minha porta. Eu a ouvia falar tão aflita sobre a sua vida e tudo o que eu pensava era: Eu preciso fazer alguma coisa. Preciso ajudá-la. — Ele me observava minuciosamente. — E naquele dia eu entendi. Eu, de fato, entendi o meu verdadeiro propósito. Eu nasci para ajudar as pessoas. Nasci para amá-las. E embora isso pareça tão pequeno, é a coisa mais grandiosa que carrego comigo.

— O amor é a coisa mais preciosa que podemos dar às pessoas.

— E eu demorei pra entender.

— Mas entendeu. — Acariciou meu rosto — Agora só precisa saber como fazer isso. — Deixei escapar um sorriso.

— Na verdade, eu já sei como. — Tive a impressão de ter visto seus olhos brilharem.

— E como vai ser? — Parecia muito mais empolgado do que eu.

— Quero comprar um lugar. Um lugar bem grande. — Vi um ponto de interrogação formar-se em seu rosto. — Quero construir um instituto de artes para crianças, jovens e adolescentes. Quero que eles saibam que são importantes. Quero que encontrem um apoio na arte. — Me encarava boquiaberto. — Quero que passem o tempo se envolvendo com coisas que realmente importam ao invés de perderem seu tempo nas ruas ou com amizades erradas. Quero que estejam em um lugar onde as pessoas realmente se importam com eles. E que mesmo que seus pais insistam em não amá-los, quero que saibam que há alguém que sempre irá amá-los. A mesma pessoa que nunca me deixou estará ao lado deles também.

— Isso é... — Umedeceu os lábios e puxou-me para um abraço. — Incrível!

— Ao longo da semana terão profissionais qualificados no instituto. Ensinando dança, teatro, música, literatura. Tudo o que possa imaginar. E

aos finais de semana eu estarei lá para dar aula de pintura. Eu quero fazer a diferença na vida das pessoas.

— Não sabe como estou feliz. — Seus olhos estavam marejados

— E você? Está disposto a embarcar nessa comigo? — Dom me puxou e sem que eu pudesse hesitar, me beijou.

— Ainda tem dúvida? — perguntou com os lábios grudados nos meus.

Rapidamente, balancei a cabeça de um lado para o outro, respondendo à sua pergunta.

O meu coração estava repleto de inúmeras coisas, mas a dúvida não habitava mais nele.

Me puxou para um abraço ainda mais apertado e acolheu não só a mim, como também todos os meus sonhos.

Deus é mesmo extraordinário, nem nos meus melhores sonhos seria capaz de viver tudo aquilo.

Ao longo dessa jornada, eu me vi de diversas formas. Triste, perdida, sem rumo, em luto. Você mais do que ninguém vivenciou isso comigo. E o que eu tenho para dizer a você é: Bem, a vida pode ser uma loucura. Em um determinado momento, você está rodeado de tudo o que mais ama e no outro, sente como se o seu peito fosse explodir. Você tenta respirar uma, duas, três vezes e sente como se fosse esvair, até você se perguntar: por que comigo? Mas eu prometo, tudo se tornará mais esclarecedor, quando você entender que a vida não tem obrigação alguma de ser gentil com você. Ela vai ser dura, muito dura. Mas você suportará, porque você é forte. Você vai aguentar. Eu aguentei.

A vida vai te fazer acordar e lutar. E vai ser uma briga intensa, até que você crie músculos de dentro para fora. Até você entender que não é uma vítima do universo.

Por mais perdido que alguém pareça estar, sempre haverá uma sanidade esperando por ela. A minha sanidade está naquele que aceitou me amar quando eu era o ser menos amável.

Eu disse que essa história poderia ser uma montanha-russa de emoções e acredito que foi.

Eu chorei, gargalhei e me refiz enquanto vivia e também enquanto lhe contava.

Sem dúvida, esta não foi apenas uma história de amor comum. Foi a história em que o Amor se fez presente. E tenho a plena certeza de que, sem

Ele, nada teria sido possível.

**Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e
juntamente entendam que a mão do SENHOR fez
isso
— Isaías 41:2**



Agradecimentos:

Acredito que nada do que eu venha falar, seja o suficiente para agradecer tudo o que o Senhor tem feito por mim. Ele é o motivo desse livro se tornar real.

Foi uma experiência incrível ter permitido que Ele escrevesse essa história junto comigo.

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe, que com esforço, dedicação e amor, fez com que eu me tornasse a mulher que sou hoje.

Ao meu marido, que acreditou em mim, até mesmo nos momento em que eu desacreditava. Obrigada por ser meu parceiro durante toda a tempestade e até mesmo depois dela.

E eu não poderia deixar de agradecer à minha amiga Bia, que nunca mediu esforços para me ajudar nessa conquista.

Obrigada por sonharem esse sonho junto comigo.

Amo vocês.

Biografia



Me chamo Fernanda Azevedo, nasci em 1994 e passei a maior parte da minha vida em Paraty/RJ.

Atualmente moro em Nova Iguaçu/RJ com meu esposo.

Sou apaixonada por música, café, animais e livros.

Confesso que por muito tempo deixei o meu sonho de publicar um livro de lado. Por medo, talvez. Medo de falhar e até mesmo de não ter apoio. Mas o bom de amadurecer é perceber que seus sonhos só dependem de você.

Tudo dará certo, se você acreditar que é possível.

Eu acredito que duas coisas são indispensáveis para alcançar o que as pessoas julgam ser inalcançável: Fé e coragem. E eu desejo a você exatamente isso.

Siga-me nas redes sociais:

Instagram @autoraazevedo